

*Talvez não seja preciso ter um poder
para ser poderosa.*

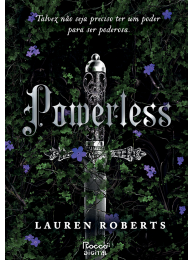
Powerless

LAUREN ROBERTS

Rocco:
DIGITAL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

LAUREN ROBERTS

Powerless

Tradução de Inês Cande

Poço das
Antas

Para todas as garotas que já se sentiram sem poder algum.





Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Epílogo

Agradecimientos

Créditos

A Autora

Índice



CAPÍTULO 1



Daedyn

Um líquido espesso e quente escorre pelo meu braço.

Sangue.

Engraçado, não lembro do guarda me cortando com a espada antes que o meu punho acertasse o rosto dele. Apesar de ser um Relâmpago, pelo jeito ele não conseguiu se mover mais depressa do que meu gancho de direita em seu maxilar.

O cheiro de fuligem incomoda meu nariz, me obrigando a tapá-lo com a mão suja para impedir um espirro.

Seria uma forma muito idiota de me flagrarem.

Quando tenho certeza de que meu nariz não vai alertar os Imperiais que espreitam logo abaixo, volto a encostar a mão na parede imunda em que minhas costas estão apoiadas, com os pés firmes do lado oposto. Depois de uma inspiração profunda que quase me faz engasgar com a fuligem, volto a subir lentamente. Minhas coxas ardem quase tanto quanto o nariz, mas me forço a continuar espremendo o corpo para cima, ainda me controlando para não espirrar.

Escalar uma chaminé por dentro não era exatamente o que eu tinha planejado fazer hoje à noite. O espaço apertado me faz suar, mas engulo o medo e subo até o topo, morrendo de vontade de trocar as paredes imundas por uma noite estrelada. Quando minha cabeça finalmente irrompe, engulo com avidez o ar espesso e dou um impulso para pular a borda da chaminé, sentindo o bombardeio imediato de uma nova mistura de cheiros muito mais desagradável do que o fedor de fuligem grudado no meu corpo, nas minhas roupas e no meu cabelo. Suor, peixe, temperos e provavelmente algum fluido corporal se misturam para criar o aroma que envolve a Alameda dos Larápios.

Me equilibrando no topo da chaminé, semicerro os olhos na escuridão do telhado para inspecionar meu braço pegajoso. Sem a dor penetrante que costuma acompanhar um corte de espada, eu quase tinha me esquecido de examiná-lo.

Rasgo um pedaço da camiseta suada grudada no corpo e uso o pano para limpar o corte.

Adena vai me matar por estragar a costura. De novo.

É uma surpresa quando não sinto a familiar pontada de dor ao esfregar o braço com o tecido áspero, limpando aquela coisa grudenta sem a menor paciência.

E é então que sinto o cheiro.

Mel.

O mel dos pães doces nos bolsos do meu colete esfarrapado, escorrendo e pingando — me fazendo achar que era sangue. Suspiro, revirando os olhos.

Mas é uma surpresa bem-vinda. Até mesmo ficar com a roupa encharcada de mel era melhor do que tentar limpar sangue.

Respiro fundo e olho por cima das construções se desfazendo em ruínas, envoltas nas sombras lançadas pelos postes de luz trêmula que salpicam as ruas. Não há muita eletricidade na favela, mas o rei nos cedeu generosamente alguns postes com lâmpadas. Graças aos Volts e aos Eruditos que usaram suas habilidades para criar uma rede elétrica sustentada, preciso de um esforço excepcional para permanecer nas sombras.

À medida que se avança para longe da favela, as lojas e casas vão ficando cada vez maiores e em melhores condições. Barracos se transformam em casas, casas em mansões, seguindo até a construção mais intimidante de todas. Forçando a vista na escuridão, mal consigo enxergar as torres enormes do castelo real e a cúpula da Arena Esférica ao lado.

Meus olhos se voltam para a rua que se desenha à minha frente e examino as construções precárias ao redor. A Alameda dos Laráprios é o próprio coração da favela, bombeando o crime e o tráfico por toda a cidade. Percorro com o olhar as dezenas de becos e vias que se ramificam, me perdendo no labirinto urbano antes de dirigir um suspiro e um pequeno sorriso à rua familiar abaixo de mim.

Meu lar. Mais ou menos. Tecnicamente, um lar implica um teto acima da cabeça.

Mas é muito mais divertido olhar para as estrelas do que para um teto.

Eu sei porque já tive um para analisar toda noite, quando não precisava da companhia das estrelas.

Meu olhar traiçoeiro varre a paisagem até a área onde fica minha antiga casa, espremida entre a Rua dos Mercadores e a Rua dos Olmos. Onde, provavelmente, uma pequena família feliz está sentada em volta da mesa de jantar, rindo e falando sobre o dia...

Ouço uma pancada, seguida por murmúrios que me arrancam dos pensamentos ressentidos. Fazendo força para ouvir, mal consigo identificar a voz abafada e profunda do guarda que dispensei gentilmente das obrigações há pouco tempo.

— ... veio por trás de mim, em silêncio, feito um camundongo, e então... então, quando percebi, levei um tapinha no ombro e um soco na cara.

Uma voz feminina muito irritada e aguda ecoa subindo pela chaminé.

— Você é um Relâmpago, pelo amor da Peste, não deveria ser rápido ou algo do tipo? — Ela suspira. — Você conseguiu dar uma olhada no rosto da pessoa antes de deixar que me roubasse? De novo?

— Só vi os olhos — murmura o guarda. — Azuis. Muito azuis.

A mulher bufa, irritada.

— Grande ajuda! Agora vou parar todo mundo na rua para ver se os olhos combinam com essa descrição detalhada: muito azuis.

Contenho um sorriso quando ouço um estalo na outra extremidade do cômodo, seguido por um coro de passos abafados. Pelo gemido da madeira apodrecida se movendo sob vários pares de botas, deduzo imediatamente que mais três guardas se juntaram à caçada.

E essa é a minha deixa.

Pulo da chaminé e seguro na beirada do telhado, balançando as pernas até me pendurar sobre a rua. Soltando todo o ar, abro as mãos e mordo a língua para não gritar quando a gravidade me puxa para o chão. Com uma pancada suave, caio sem elegância em uma carroça cheia de feno. A palha me espeta através da roupa como uma das almofadas de alfinetes de Adena, e uma nuvem de fuligem e feno sobe na brisa da noite quando salto para a rua.

Depois do tempo gasto arrancando palha do cabelo emaranhado, começo a jornada de volta ao Forte, serpenteando por entre as velhas carroças dos comerciantes deixadas na rua durante a noite, os pés dançando sobre o lixo e as bugigangas. Larápios encostados nas paredes dos becos ou enfiados entre as construções trocam sussurros quando eu passo.

Sinto o peso da adaga enfiada na bota e relaxo com o conforto do aço frio ao passar por grupos de outros sem-teto, amontoados na noite. Dá para ver o brilho fraco dos campos de força roxos que protegem alguns, mas outros não têm sequer uma habilidade que os permita dormir em paz, o que é exatamente o que os leva a chamarem a favela de lar.

Ando a passos rápidos e seguros enquanto meu olhar varre os becos, jamais baixando a guarda. Os pobres não discriminam. Um xelim é um xelim, e esses sujeitos não se importam de atacar alguém em piores

condições do que eles para ficar com a moeda.

Vários guardas cruzam meu caminho enquanto sigo em zigue-zague pelas ruas, me obrigando a desacelerar para me afastar deles. Cada loja, cada esquina e cada rua foi agraciada com a presença de policiais maliciosos com uniformes brancos. Esses Imperiais violentos foram postos ao longo de toda a Alameda dos Larápios, por decreto do rei, devido ao aumento na criminalidade.

O que certamente não tem nada a ver comigo.

Entro em um beco menor, aparentemente sem saída, e avanço até o final. Em um canto, vejo uma barricada feita de carroças quebradas, papelão, lençóis velhos e só a Peste sabe o que mais. Antes mesmo de chegar à pilha de lixo que chamamos de lar, um rosto meio escondido por cachos revoltos que descem até os ombros surge por cima do Forte.

— Conseguiu?!

Desdobrando as pernas compridas, ela se levanta sem esforço e atravessa a parede de um metro de altura da nossa barricada de lixo sem pensar duas vezes. Depois, vem correndo na minha direção com tanta esperança nos olhos que seria de imaginar que eu lhe ofereci um teto de verdade e uma refeição quente. Porém, ainda que eu não possa lhe dar isso, tenho uma coisa muito melhor, na opinião dela.

Solto um suspiro.

— Você me ofende duvidando de mim, Adena. Achei que você teria um pouco mais de fé nas minhas habilidades depois de todos esses anos.

Tiro a mochila das costas e pego a seda vermelha amarrotada. Não consigo conter um sorriso quando uma expressão de espanto surge no rosto de Adena.

Ela arranca a seda das minhas mãos, ávida, passando os dedos pelas dobras macias do tecido. Espiando entre os cachos que pendem diante dos olhos castanho-esverdeados, ela me encara como se eu tivesse erradicado a Peste com minhas próprias mãos e não apenas roubado um tecido de uma mulher que não vive lá muito melhor do que a gente.

Como se fosse um feito heroico, não vilanesco.

O sorriso de Adena é tão radiante que poderia competir com o sol sobre o Deserto Escaldante.

— Pae, você faz milagre com essas suas mãos leves, sabia?

Ela envolve meu pescoço, me esmagando em um abraço que faz mais mel escorrer pelo colete e se empoçar nos meus bolsos.

— Por falar em mão leve...

Consigo me soltar para enfiar as mãos nos bolsos. Pego seis pãezinhos doces pegajosos e amassados, só um pouquinho menos apetitosos agora que foram polvilhados com feno.

Adena arregala os olhos antes de pegar um pãozinho na minha mão com a mesma avidez com que segurou o tecido. Ela se vira no meio da mordida e vai até o nosso forte, resoluta, se jogando nos tapetes ásperos e descoloridos dentro da barricada. Em seguida, dá um tapinha no lugar ao seu lado, cheia de expectativa. Diferentemente dela, eu pulo sem qualquer elegância por cima da parede do forte antes de me sentar.

— Aposto que Maria não ficou muito feliz por ter sua loja assaltada. De novo. A coitada deveria mesmo melhorar a segurança.

Adena mastiga um pão doce com um sorriso torto se juntando às migalhas grudadas no rosto.

Apesar de eu ter roubado a mulher no mínimo uma vez por mês nos últimos anos, por enquanto ela só conseguiu concluir que sou um “ele”. Pelo menos, está tentando.

— Na verdade — digo, dando de ombros —, Maria conseguiu que mais dois Imperiais fossem postados perto da loja, além dos de sempre. Ela deve estar ficando cansada de todos os pãozinhos doces roubados, ano após ano.

Adena semicerra os olhos ao ver meu sorriso.

— Graças à Peste não te pegaram, Pae.

Assim que a frase ressoa pelos lábios dela, meu maxilar trinca instintivamente, enquanto o dela permanece aberto no meio de uma mordida. Adena se encolhe, franzindo a testa e pigarreando.

— Desculpe. É um mau hábito — diz.

Meus dedos vão até o anel grosso no meu polegar, girando-o distraidamente, e consigo esboçar um sorriso fraco. Esse é um assunto que geralmente tentamos evitar, mas é minha culpa que tenha se tornado constrangedor para começo de conversa.

Tudo por causa de um momento de fraqueza pelo qual eu gostaria de não sentir tanto alívio.

— Você sabe que não são as palavras que me incomodam, é...

— É o significado delas — interrompe Adena, com um sorriso e uma imitação assustadoramente precisa da minha voz.

Quase engasgo com minha risada e o pedaço de pão doce.

— Está me imitando, é?

Como resposta, ela dá uma mordida no pãozinho antes de completar, de boca cheia:

— E não é a Peste que deixa você enjoada, é o que veio depois.

Minha resposta é assentir devagar, traçando com os dedos, de maneira distraída, a estampa gasta do tapete, uma sensação familiar sob minha mão. A ideia de agradecer à Peste que matou milhares de ilyanos tira o meu apetite até mesmo pelos pães doces. De agradecer a algo que

provocou tanta dor, tanta morte e tanta segregação.

Mas tudo o que importa na sociedade agora é quem a Peste não matou. O reino ficou isolado durante anos para impedir que a doença se espalhasse pelas cidades ao redor, e somente os mais fortes em Ilya sobreviveram à enfermidade que alterou a genética dos seres humanos. Os rápidos ficaram extremamente velozes, os fortes ficaram imbatíveis e os que se esgueiravam nas sombras se tornaram as sombras. Inúmeras habilidades sobrenaturais agraciadas somente aos ilyanos, todas variando em força, propósito e poder.

Dons concedidos como recompensa pela sobrevivência.

Eles são os Notáveis. São extraordinários. São excepcionais.

— Só... — começa Adena, cutucando seu pão doce e, por incrível que pareça, tendo que se esforçar para formar uma frase. — Só tome cuidado, Pae. Se te pegarem e você não puder se livrar na lábia...

— Eu vou ficar bem — declaro em um tom meio casual demais, ignorando a preocupação que me invade. — É isso que eu faço, Adena. É isso que eu sempre fiz.

Ela suspira, sorrindo, e faz um gesto de desdém.

— Eu sei, eu sei. Você sabe se virar com os Notáveis.

Sinto de novo aquela onda de alívio, seguida por uma mistura de culpa e gratidão por ela me conhecer como ninguém. Porque nem todos os que sobreviveram à Peste tiveram a sorte de ganhar habilidades. Não, os Comuns eram apenas isso: comuns. E, nas décadas depois da Peste, os Comuns e os Notáveis viveram em paz.

Até que o rei Edric decretou que os Comuns não pertenciam mais ao seu reino.

Isso foi há mais de três décadas, quando uma doença se espalhou pela terra. Devido ao surto do que quase certamente era só uma enfermidade qualquer, os Curadores do rei aproveitaram para dizer que os Comuns estavam transmitindo uma doença indetectável, afirmando que era provavelmente por isso que não haviam desenvolvido habilidades extraordinárias. Que o contato prolongado com eles era prejudicial para os Notáveis e seus poderes. E que, com o tempo, os Comuns levariam ao fim das habilidades que os Notáveis tanto lutavam para proteger.

Luto contra a vontade de revirar os olhos ao pensar nisso.

Meu pai achava que era tudo conversa fiada, e eu não discordo. Mas, mesmo se eu tivesse alguma prova de que o rei estava mentindo descaradamente, não é como se fossem acreditar em uma garota da favela.

Mas o rei não poderia permitir que sua sociedade Notável fosse enfraquecida, ou coisa pior, por meros Comuns. Para os extraordinários,

a extinção não era uma possibilidade.

E assim teve início o Expurgo.

Mesmo agora, décadas mais tarde, as histórias dos corpos espalhados na areia sob o sol escaldante são contadas em tom casual em volta de fogueiras, contos de terror sussurrados entre as crianças.

A mão pegajosa de Adena se fecha sobre a minha, os dedos cobertos de mel, doces como o sorriso largo que ela dirige a mim. Meu segredo está guardado no brilho dos seus olhos, na lealdade estampada em sua expressão. Passei uma parte muito grande da minha vida conformada com o fato de que nunca viveria algo verdadeiro de novo. Que toda amizade seria falsa, que toda gentileza seria calculada.

Esconda seus sentimentos, esconda o medo. E, mais importante, esconda-se por trás da sua máscara. Ninguém pode saber, Paedyn. Não confie em ninguém, só nos seus instintos.

A voz suave do meu pai ecoa estranhamente ríspida na minha cabeça, lembrando-me de que cada parte da minha vida *deveria* ser uma mentira e que a garota sentada à minha frente *deveria* ser enganada, como o restante do reino.

O egoísmo só tomou conta da minha sanidade por uma única noite, mas foi o suficiente para colocar nós duas em perigo.

— Certo, chega de falar sobre a Peste — diz Adena, alegre, examinando o beco antes de acrescentar: — e sobre a sua... situação.

Não me dou ao trabalho de reprimir um suspiro de descontentamento.

— Parece que dois anos não foram tempo suficiente para você treinar sua sutileza, Adena.

Duvido que ela esteja sequer me escutando. Duvido que consiga se concentrar em qualquer coisa além do tecido que agora desliza entre seus dedos. Com os olhos castanho-esverdeados examinando o material de costura, Adena abandona o assunto anterior para falar sobre as peças que fará com a seda nova. Suas mãos marrons calorosas mergulham nos retalhos sob a luz tremeluzente do poste, dobrando beiradas, prendendo alfinetes nos cantos e furando os dedos, o que a faz xingar.

Entramos no tipo de conversa fácil que só acontece depois de vários anos sobrevivendo lado a lado nas ruas, o que facilita a interpretação das palavras emboladas que Adena solta enquanto segura os alfinetes entre os lábios. Deito-me, finalmente relaxando, enquanto observo seus dedos firmes e a testa franzida, Adena concentrada demais no trabalho para dormir.

Uma pontada de dor na cintura me faz abrir os olhos de repente, esquecendo o sono. Sentindo a pedra afiada que brota do piso do beco,

resmungo, grogue:

— Escuta o que estou dizendo: um dia desses vou roubar uma cama.

Adena revira os olhos, exatamente como em todas as noites em que faço a mesma promessa vazia.

— Só acredito vendo, Pae — responde, cantarolando.

Já me revirei de um lado para o outro mais ou menos umas vinte vezes quando um cobertor áspero e embolado me atinge na cabeça.

— Se você não parar de se mexer, juro que vou te costurar na porcaria do chão — diz Adena, com a doçura de um pãozinho coberto de mel.

— Só acredito vendo.



CAPÍTULO 2



Kai

Uma bola de fogo passa próxima ao meu rosto, quase queimando meu cabelo. Mal tenho tempo de me abaixar quando sinto uma segunda onda de calor vindo na minha direção.

Pela Peste, Kitt está com um humor maravilhoso hoje.

Virando-me na ponta dos pés, vejo outra esfera se aproximar enquanto a familiar sensação de adrenalina me invade. Lanço um escudo de água, ouvindo o fogo sibilar antes de se desfazer em uma mera nuvem densa de vapor. Kitt semicerra os olhos, tentando me encontrar em meio à fumaça, e os arregala quando trombo subitamente com ele. Nós caímos e eu o prendo no chão, levantando um punho flamejante mirando seu rosto.

— Vai se render?

Não consigo deixar de sorrir. Ele dá uma risada, o olhar saltando entre meu rosto e meu punho em chamas.

— Se eu disser que não, você vai realmente me dar um soco, irmãozinho? — pergunta ele.

Apesar do fogo queimando a centímetros de distância, os olhos verdes de Kitt brilham com diversão.

— Achei que, depois de tanto tempo, você já saberia a resposta.

Sorrio de leve enquanto recuo mais o punho, preparado para golpear.

— Está bem, está bem, eu desisto! — exclama Kitt rapidamente. — Mas só porque não quero que o coitado do Eli precise consertar outro nariz quebrado de um de nós.

Dou um sorriso sinistro, pensando na expressão do Curador do rei se a gente chegasse com mais um osso quebrado. Depois de ficar de pé, estendo uma das mãos para Kitt, ainda esparramado no chão.

O sorriso dele não é muito convincente quando diz:

— Pela Peste, Kai, você é melhor com meus poderes do que eu.

— E é por isso que *você* vai governar o país — digo simplesmente. — E eu vou travar as batalhas, distraindo o inimigo com a minha beleza

ofuscante.

— Está dizendo que eu não conseguiria distrair o inimigo com a *minha* beleza ofuscante? — Kitt dá uma gargalhada, fingindo estar ofendido.

— Estou dizendo que nós somos só meios-irmãos. Infelizmente isso significa que você só tem metade do meu charme.

Ele ri de novo.

— Segundo essa lógica, então acho que você só tem metade da minha inteligência.

— Graças à Peste.

As palavras mal saem da minha boca quando ele me empurra, rindo.

Seguimos pelo caminho desgastado entre os círculos de terra usados para os treinamentos no castelo. Imperiais e outros Notáveis de status mais elevado continuam treinando enquanto passamos, a maioria usando suas habilidades e poucos contando com armas.

Vejo cabeças se virando na nossa direção e olhares queimando minha pele, espelhando o sol que nos ilumina. Ignoro e inspiro o cheiro familiar do campo de treinamento — literalmente sangue, suor e lágrimas — antes de pegar uma espada em um suporte de armas e jogar outra para Kitt, cuja expressão só pode ser descrita como exasperada.

— Você sabe que eu sempre preferi lutar com armas do que com habilidades — digo em resposta ao olhar de repreensão dele, equilibrando a espada distraidamente.

Kitt avança para o centro do círculo enlameado, praticamente revirando os olhos.

— É, eu sei muito bem como você adora me bater com uma espada.

Giro o pulso, brandindo a lâmina enquanto começamos a circular um ao redor do outro.

— Por acaso esse é um dos meus passatempos preferidos, sim. — Avanço sem aviso, batendo minha espada na dele, de cima para baixo, provocando um choque que sobe pelo meu braço. — Está vendo? Não é divertido?

Kitt trinca os dentes diante do meu ataque.

— Fascinante.

Entro em um transe familiar, deixando os pés dançarem no ringue enquanto lutamos, o ritmo me absorvendo. Minha mente se esvazia. Meu corpo vibra com energia. Sempre me senti mais vivo ao lutar. Foi para isso que nasci, foi o que me manteve são durante os anos de treinamento e estudos.

Um rei ignorante é um rei morto.

As palavras do meu pai ressoam na minha mente, sermões que ouvi

depois de cada vez que reclamei das lições tediosas quando era pequeno. Mas não preciso me preocupar em ser um rei morto ou ignorante, já que não serei rei de qualquer forma. E, depois de argumentar exatamente isso com meu pai, ele teve a gentileza de criar um novo ditado para mim.

Um Executor ignorante é um império derrotado.

Encorajador.

Sinto uma pontada de dor aguda no meu antebraço, me arrancando subitamente das lembranças.

— É melhor se concentrar, Kai, ou eu posso mesmo derrotar você. — Kitt está com uma expressão de triunfo que eu pretendo acabar com ela. — Eu não gostaria de ver meu futuro Executor vacilando no traba...

Antes que Kitt possa terminar de falar, já estou empurrando a espada dele contra o chão, prendendo-a embaixo da minha e me posicionando atrás dele. Em um movimento rápido, dou um chute para cima, fazendo uma adaga deslizar da bota e encosto a ponta afiada nas costas dele.

— Desculpe, o que foi mesmo, Vossa Majestade?

Solto-o e ele se vira enquanto faço uma reverência, ao mesmo tempo que enfio a adaga de volta na bota. Isso rende um empurrão que quase me faz cambalear, e que eu devolvo na mesma intensidade quando Kitt dá um risinho.

Seu cabelo loiro sujo está muito mais sujo do que loiro no momento, com crostas de lama por ter rolado no chão do ringue. Nossas camisas foram abandonadas há muito tempo no calor do verão e, assim como eu, o peito bronzeado dele está todo suado.

É quase cômico o quão óbvio é que somos apenas meios-irmãos. Além das diferenças físicas, eu não tenho o jeito atencioso de Kitt e ele não tem minha impassibilidade. Ele é paciente, gentil e perfeito para o trono que o espera, assim como eu sou perfeito para o campo de batalha.

Ele é um rei, eu sou um assassino.

— Kai, você está me ouvindo? — Kitt parece ao mesmo tempo preocupado e entretido enquanto estala os dedos na frente do meu rosto. — Pela Peste, quanto sangue você perdeu?

Acompanho seu olhar e vejo filetes vermelhos escorrendo do ferimento no meu braço, serpenteando entre os nós dos dedos e pingando das pontas.

— Bom, parece que, graças a você, o Eli não vai ter o dia de folga, afinal.

Viro o rosto para Kitt, esperando alguma resposta engraçadinha, mas só encontro seus olhos fixos no campo de treinamento.

— Ora, veja só quem não está prestando atenção agora.

Meu olhar segue o dele até a figura que anda em nossa direção, com a

roupa de couro grudada em cada curva do corpo e o cabelo lilás balançando ao vento.

— Ah, olha só. A Blair Babaca — falo baixinho, antes que ela chegue, fazendo Kitt conter uma risada.

— Olá, garotos. — A voz dela é como gelo, fria e monótona. — Como está indo o treinamento? — Ela nos analisa da cabeça aos pés preguiçosamente antes de voltar a nos encarar com um sorriso torto surgindo nos lábios. — Está se preparando para as Provas, Kai?

— Não que eu precise me preparar.

Blair alarga o sorriso devagar.

— Imaginei que o futuro Executor fosse querer vencer para causar uma boa impressão ao reino.

Ela fica muito interessada nas próprias unhas de repente, fingindo indiferença.

Passo a mão pelo cabelo, soltando um suspiro entediado.

— E planejo fazer exatamente isso.

Ela oferece um sorriso que não é nem um pouco doce.

— Espero que sim, já que você é o melhor Notável em décadas. Ou pelo menos é o que dizem.

Pelo amor da Peste, lá vamos nós.

Kitt dá um passo à frente e põe a mão no peito, como se estivesse ferido.

— Nossa, Blair. Vou me lembrar desse comentário quando eu for rei.

— Ah, eu feri o seu orgulho, Kitt? — Ela faz beicinho para ele antes de voltar a atenção para mim. — Cá entre nós, acho que eu é que vou vencer as Provas.

Solto uma risada forçada antes de analisar seu corpo pequeno.

— E por que você tem tanta certeza de que sequer vai competir? — pergunto, sabendo muito bem que, de fato, ela irá.

Com um movimento rápido, Blair faz uma adaga voar do suporte de armas em resposta ao meu comentário. Antes que eu pisque, a arma está suspensa no vazio, encostada na minha jugular.

Ela avança na minha direção até restar apenas alguns centímetros entre nós e sussurra:

— Como filha do general, acho que tenho uma boa chance de participar das Provas. E você?

Blair solta uma risadinha e força a faca flutuante contra a minha garganta, enfatizando o argumento.

O zumbido de dezenas de poderes lateja no meu sangue, todos pertencentes àqueles que treinam no pátio. Forço-os a se aquietarem, me concentrando no poder de Blair e sentindo-o vibrar sob a minha pele, me

incitando a agarrá-lo. Blair é uma poderosa Tele, e seu espetáculo com a adaga é uma mera demonstração do que ela é capaz de fazer com a mente. Me atendo à sensação de formigamento que é sua habilidade e a deixo tomar conta de mim, arranhando a superfície.

E então eu me torno a habilidade.

Assim como fiz com o poder Dual de Kitt, de fogo e água. Assim como posso fazer com qualquer um ao meu redor.

Meu sorriso está frio quando giro a adaga no ar e a empurro contra o couro duro que protege o coração de Blair, usando apenas a minha mente.

— Bom, então é melhor você começar a treinar — digo, baixinho, antes de abrir mão da habilidade, deixando a adaga cair no chão com uma pancada surda.

Não me dou ao trabalho de dizer mais nada antes de me virar e seguir em direção ao castelo.

Kitt caminha em silêncio ao meu lado, aparentemente tão perdido em pensamentos quanto eu quando atravessamos o portão. Faltando apenas duas semanas para as Provas, parece que não posso mais ignorá-las e o meu papel nelas.

O cheiro de frango assando e batatas, vindo da cozinha, é o suficiente para roubar minha atenção. Olho para Kitt, que preserva um silêncio incomum, antes de me virar e passar pela porta da cozinha.

— Boa tarde, senhoras. — Dou um sorriso rápido para as cozinheiras e serviçais que preparam o jantar. — Sentiram minha falta? — cantarolo, pulando para me sentar em uma bancada e me apoiando nas palmas das mãos. Capto o olhar de algumas garotas serviçais antes de elas ficarem vermelhas e voltarem ao trabalho, trocando sussurros e risinhos.

O calor da cozinha me acerta como uma onda, envolvendo e cobrindo minha pele já molhada de suor...

Minha pele.

Passo a mão pelo cabelo antes de descê-la pelo rosto, sem me incomodar com a percepção de que estive andando por aí sem camisa depois de abandoná-la no centro de treinamento imundo — um hábito que nem mesmo meu pai conseguiu me fazer abandonar.

Kitt aparece por trás da quina da parede com um sorriso no rosto.

— Acho que senti o cheiro da minha comida preferida. Você é um amor, Gail.

Ele vai até a cozinheira mexendo em uma panela cheia de purê cremoso sobre o fogão quentíssimo, a pele escura brilhando de suor. A mulher não consegue evitar um sorriso ao ver a expressão que ilumina o rosto de Kitt.

— Ah, não pense que eu fiz isso para você, Kitty. Purê de batata é a minha comida preferida também.

Ela sorri, dando-lhe um tapinha na bochecha antes de se virar e continuar cozinhando. Seu olhar encontra o meu, então se fixa no meu braço e no ferimento que esqueci que ainda está sangrando. Balançando a cabeça, Gail diz, séria:

— Acho melhor você não sujar minha bancada de sangue, Kai.

Abro um sorriso.

— Não seria a primeira vez.

A cozinheira balança a cabeça, lutando para segurar um sorriso. Gail vem dando comida e petiscos extras a nós dois desde que éramos meninos correndo pelo castelo com apenas metade das roupas — coisa que obviamente ainda fazemos. Ela testemunhou muitas disputas pelo último pão doce com cobertura de mel, nesta mesma cozinha.

— Faz um tempo que vocês dois não me visitam. — Gail acrescenta tempero às batatas. — Enjoaram de mim, é?

— De você, sim. Mas nunca da sua comida.

As palavras mal saem da minha boca quando um bocado de batata voa na direção do meu rosto. Não tenho tempo nem energia para desviar antes que o purê se junte à lama e à terra.

— Com a gente nunca existe um momento chato, não é? — diz Kitt, encostado em uma bancada, me observando enquanto eu tento tirar o purê grudado no cabelo.

Pulo da bancada e vou até a cozinheira, dando-lhe um beijo no rosto.

— É sempre um prazer, Gail. — Estendo a mão por trás dela e pego uma maçã no cesto de frutas, dizendo: — Estou ansioso pela nossa próxima guerra de comida.

Depois de jogar uma maçã para Kitt, esfrego outra na calça antes de mordê-la.

— Príncipe Kai?

Fico tenso, suspiro e me viro para a voz atrás de mim. Um garoto me olha nervoso, com as mãos repuxando a bainha da camisa. Levanto as sobrancelhas com impaciência evidente.

— O rei solicita sua presença na sala do trono.



CAPÍTULO 3



Daedyn

A roda de uma carroça passa por cima dos meus dedos dos pés. Contenho um grito, mas não me incomodo em silenciar o palavrão direcionado ao comerciante distraído que está atropelando pessoas caminho afora.

É, o dia está começando muito bem.

Dormi mal essa noite, me revirando e me remexendo enquanto entrava e saía de pesadelos recorrentes. Imagens do meu pai morrendo enquanto a única coisa que eu podia fazer era segurar sua mão; eu, subindo por uma chaminé até descobrir que o topo está tampado com tábuas; Adena, a última pessoa que me resta no mundo, sendo arrastada para longe de mim, gritando.

Em algum momento entre os inúmeros pesadelos, Adena tentou sem sucesso me acordar, me sacudindo. Rolei para o lado com um gemido, tentando me agarrar ao pouquinho do sono abençoado que consegui roubar. Posso ser uma ladra, mas meu descanso é o que vive sendo roubado.

Persistente por natureza, Adena mudou de estratégia, decidindo me bater com pedaços de tecido áspero até eu finalmente me render.

O sol, preguiçoso como sempre, está se esforçando para espiar por cima das construções destruídas, envolvendo a Alameda dos Larápios em sombras matinais enquanto vou andando pelo calçamento de pedras irregulares. À medida que a rua vai despertando com a agitação e o barulho dos comerciantes pechinchando e dos mendigos implorando para qualquer um que olhe para eles, eu me misturo facilmente ao caos da favela.

Minhas mãos estão coçando para pegar alguma comida que acalme o ronco do meu estômago e que eu possa levar para Adena. Avalio a rua em busca da próxima vítima infeliz quando...

Tem alguma coisa errada.

Catorze. Há apenas catorze Imperiais na rua.

Mas deveria haver pelo menos dezesseis hoje.

Eu sei disso, já que memorizei os turnos de serviço.

Vejo Cabeça de Ovo e Nariz de Gancho nos lugares de sempre, do lado de fora da loja da Maria, além de vários outros Imperiais com nomes igualmente adequados. Com as máscaras de couro branco escondendo metade dos rostos, é meio difícil pensar em apelidos criativos para os babacas, por isso me orgulho dos poucos que inventei.

Normalmente, o fato de haver menos guardas seria um alívio, e talvez sejam minhas habilidades Psíquicas atuando, mas fico preocupada.

Meu estômago ronca raivoso, impaciente como sempre.

Primeiro comida, depois a sensação esquisita.

Ando facilmente em zigue-zague pela multidão, pegando maçãs da carroça que passou em cima do meu pé, uma vingança doce como a fruta crocante que mordo. Encostada na parede decadente de uma loja, vejo o que parece ser um aprendiz pechinchando com um comerciante. Observo enquanto ele encara o vendedor, irritado, antes de jogar várias moedas para ele e pegar um bocado de algo que só pode ser couro preto. Fixo o olhar nos xelins que rolam em cima da carroça, contando-os rapidamente até descobrir que são moedas demais para comprar apenas couro.

Ele está com pressa. Por isso se dispõe a pagar o dobro do que deveria em vez de perder tempo negociando. E tem dinheiro para gastar.

O alvo perfeito.

Vou para a rua, seguindo o rapaz que agora abre caminho rapidamente pela multidão, e puxo a tira de couro que prende meu cabelo, deixando-o cair pelas minhas costas em ondas prateadas embaraçadas. Eu xingo o calor sufocante que já fez meu pescoço ficar pegajoso de suor e deixo uma mecha de cabelo cair sobre os ombros e o rosto, me transformando na própria imagem da inocência.

Faça com que eles subestimem você. Faça com que não a percebam até que você queira ser vista.

Faz tanto tempo que não escuto a voz do meu pai que o som suave das palavras ameaça fugir da minha memória e morrer junto com ele.

Esse pensamento se dissipa quando eu e o rapaz que persigo trombamos um no outro.

Cambaleio, tentando segurar o aprendiz desavisado enquanto me deixo cair. Agarrando a camisa dele com uma das mãos, enfio a outra no bolso do colete, onde o vi pegar as moedas. Consigo sentir seis xelins e resisto à ânsia de roubar todos antes de pegar apenas três.

A ganância não é um impulso que pode ser domado com facilidade, mas me obriga a deixar as outras moedas, sabendo que ele

provavelmente é esperto o bastante para sentir a falta do peso no bolso se eu pegar todas. E não estou a fim de ser pega e acrescentar mais cicatrizes às minhas costas.

Porém, no instante em que vou tirar a mão e pedir desculpas por quase derrubar o rapaz, meus dedos ficam presos no forro do colete. Não, não é um forro — é um bolso secreto. Sinto um pedaço de pergaminho dobrado, e, em um ímpeto que não consigo explicar nem justificar, decido pegá-lo também. Em seguida, tiro a mão e olho timidamente para o rosto do aprendiz.

Os olhos castanhos dele estão arregalados enquanto eu o encaro através dos fios de cabelo caídos no meu rosto. Simulo uma expressão constrangida e rapidamente solto sua camisa.

Soprando uma mecha de cabelo da frente dos olhos, recuo um passo para colocar algum espaço entre nós.

— Sinto muito, senhor! — exclamo, me obrigando a parecer ofegante, sem graça, inofensiva. — Tenho quase certeza de que sou a única pessoa em toda Ilya que consegue tropeçar no ar!

Vamos lá. Me subestime. Me ignore.

Ele passa a mão pelo cabelo encaracolado e ri.

— Não se preocupe. Acho que você é muito talentosa, então.

O rapaz está sorrindo, mas seu olhar se demora um pouco demais para o meu gosto. Então, mostro um sorriso e inclino a cabeça antes de dar meia-volta e sumir na rua cheia de gente.

O cheiro açucarado de pão doce se espalha pela rua movimentada enquanto passo pela loja de Maria e entro em um dos muitos becos que se ramificam da Alameda dos Larápios. O bilhete roubado fica úmido de suor, apertado na palma da minha mão. O que será que está escrito nesse pedacinho de papel para que ele precise ficar tão bem escondido?

Vamos descobrir.

Me apoio na parede de tijolos sujos, desdobro o papel e revelo um bilhete rabiscado:

*A reunião começa à meia-noite e quinze.
Na casa branca entre a Rua dos Mercadores e a Rua dos Olmos.
Traga os suprimentos.*

Releio as palavras, confusa, enquanto meu coração acelera de ansiedade.

É a minha casa.

Bom, *era* a minha casa.

Pela inclinação das letras e pela tinta manchada, dá para ver que quem escreveu esse bilhete estava ansioso por escondê-lo de olhares curiosos.

Olhares curiosos como o meu.

Muitas perguntas invadem minha mente, uma mais confusa do que a outra. Por que, nesta terra abandonada pela Peste, reuniões estão sendo feitas na minha casa?

Ex-casa. Você foi embora, lembra?

E uma reunião lá no meio da noite, com suprimentos...?

O couro.

Tropeço no calçamento irregular, o que me faz voltar à realidade e perceber que estive andando esse tempo todo. Enfio o bilhete amarrotado de volta no colete com a mente ainda a mil e chego à rua agitada, agora banhada pelo sol. Balanço a cabeça tentando afastar os pensamentos enquanto abro caminho pela confusão de pessoas negociando, fofocando e xingando.

De novo perambulando no meio das carroças dos mercadores, entro no ritmo familiar que é minha ocupação honesta: o roubo. Minha mente vagueia enquanto opero, o que me permite pensar em Adena e me perguntar se ela está tendo alguma sorte vendendo suas roupas na outra ponta da rua.

Eu roubo, ela costura.

Essa tem sido a nossa vida nos últimos cinco anos. Eu mal tinha feito treze anos e estava sozinha no mundo quando eu e Adena literalmente nos esbarramos. Bom, ela passou direto por mim, na verdade. Jamais vou esquecer a expressão do Imperial correndo atrás dela, gritando alguma coisa sobre bolinhos roubados. E, sem pensar duas vezes, fui atrás. Assim que vi o guarda caindo de cara no chão, comecei a seguir a garota magricela de cabelos encaracolados que cruzou meu caminho.

Naquele dia nasceu uma aliança desconfortável, uma que deveria ter permanecido assim.

Estendo a mão para pegar uma toranja gorda, mas congelo quando ouço um grito arrepiante cortar o tumulto da Alameda. Olho em volta, me esquecendo da fruta e examinando a multidão para ver de onde veio o barulho. Meu olhar passa por muita gente antes de encontrar uma figura pequena, encolhida, apertada contra um poste de madeira manchado de vermelho no centro da rua. Um Imperial está parado com um chicote na mão junto do menino, encarando-o com uma satisfação repugnante estampada no rosto. Conheço muito bem essa expressão. Já fui a criança sangrando, muitíssimas vezes.

Ele foi pego.

Me pergunto o que deve ter roubado, o que poderia justificar o

espancamento. Uma fruta? Talvez alguns xelins de um comerciante? Eu me lembro da sensação de estar desamparada, meu corpo desabando sobre o poste, tremendo a cada estalo do chicote enquanto mordida a língua para não chorar. A dor passa, mas as cicatrizes permanecem como lembretes do que não fazer.

Os pequenos sempre são pegos. São necessitados demais. Ainda não aprenderam a controlar a cobiça nem a conviver com a fome, o que faz deles alvos fáceis para os Imperiais usarem como exemplo.

Não há nada que você possa fazer por ele.

Preciso repetir essas palavras mentalmente para garantir que meus pés não me levem até o garoto. Porque fiz isso uma vez. Tentei interferir e ajudar uma menininha que me lembrou de mim mesma: totalmente apavorada, mas, ao mesmo tempo, totalmente decidida a jamais demonstrar isso. Quando ela me encarou, o fogo em seu olhar refletia o meu. No fim das contas, minha tentativa de ajudar terminou com algumas chicotadas extras em nós duas.

Faço uma careta e dou as costas para a cena horripilante, mas acabo trombando com um uniforme formal amarrotado e ergo o olhar para o imbecil que o está vestindo.

O Imperial me olha de cima, com diversão brilhando nos olhos cercados pela máscara branca. Mesmo aparentando ter pelo menos dez anos a mais do que eu, com o cabelo loiro se espetando para todos os lados, ele se demora percorrendo preguiçosamente meu corpo com o olhar. Mordo a língua antes que possa dizer alguma coisa da qual ele provavelmente fará com que eu me arrependa.

Os Imperiais não são conhecidos por serem cavalheiros quando se trata de garotas — ou de qualquer pessoa, por sinal — e não pretendo descobrir se ele é uma exceção.

— Mil perdões, senhor. Acho que hoje estou mais estabanaada que o normal — digo, planejando minha escapada para o meio da multidão.

A mão úmida do Imperial envolve minha cintura e me faz girar de volta. Concentro cada molécula de força em ignorar o instinto de luta que implora para eu lhe dar uma joelhada na virilha e bater com a cabeça dele nas pedras do calçamento.

— Por que a pressa?

O sorriso cheio de dentes e os olhos pretos dele provocam um arrepio na minha espinha, e o fedor horrível de álcool no seu hálito só faz aumentar minha inquietação.

Sorrio e me obrigo a ser educada enquanto me solto.

— Estou tentando resolver umas coisas antes que a feira fique cheia demais, só isso.

— Hum — resmunga ele, e me espia com ceticismo. — Diga, qual é o seu poder, garota?

Luto contra a ânsia de tensionar meu corpo enquanto ele continua, rindo:

— Por decreto do rei, devo interrogar qualquer pessoa que eu sinta... que deve ser interrogada.

Ele adora estar no controle. Ter poder.

— Sou uma Trivial — digo, simplesmente, declarando minha posição na estratificação social dos Notáveis para provar que represento pouca ameaça e não sou uma fonte de preocupações para ele. — Psíquica. — Olho em seus olhos sombrios enquanto digo isso, desejando que seu coração sombrio acredite em mim.

— É mesmo? Eu nunca conheci uma Psíquica. — O Imperial dá um sorriso sinistro e um passo na minha direção, baixando a cabeça e soltando um bafo de álcool no meu rosto. — Prove, então.

Estou ficando bem cansada dessas exigências.

Encaro o Imperial, me recusando a lhe dar a satisfação de achar que estou preocupada, ainda que minha pulsação acelerada prove o contrário.

— Estou sentindo raiva e... arrependimento vindo de você. O senhor acabou de se separar da sua esposa. Bom, na verdade, ela o abandonou. — A expressão de choque no rosto dele provoca um pequeno sorriso nos meus lábios. — E se quiser que eu seja específica, já que, bom, pediu que eu *provasse*, ela o abandonou porque o senhor... — Paro no meio da frase, fechando os olhos com força e apertando os dedos nas têmporas, forjando uma apresentação convincente. — ... O senhor a traiu? Espere, estou captando outra coisa... — Dou uma espiada no rosto dele, agora vermelho de fúria, enquanto continuo esfregando as têmporas. — O senhor... o senhor quer que ela volte. Mas ela não quer...

Já estou preparada para o tapa antes de sentir a ardência no rosto.

O sangue voa da minha boca e eu mantenho a cabeça virada para longe enquanto ele rosna, o rosto próximo ao meu:

— Você é uma bruxa maldita, isso, sim. Saia da minha frente, Trivial.

Dou meia-volta e sorrio, com o sangue enchendo minha boca e pingando do queixo. Em seguida, me forço a cambalear de costas para esbarrar em uma carroça e pego um pedaço do tecido pendurado na borda. Viro-me rapidamente, apertando o pano contra o peito enquanto rasgo parte dele com os dentes para limpar o sangue da boca e do queixo. Vou usar parte do tecido como lenço e levar a sobra para Adena. Dois coelhos com uma cajadada só. Enfiando o restante do tecido dentro da mochila — agora cheia de comida, moedas e outras coisas roubadas

—, volto para o Forte, o tempo todo repassando mentalmente os últimos cinco minutos.

Não foi difícil decifrar o Imperial, e assim que o fiz, soube que ele me daria um tapa e me mandaria embora. Não foi a primeira vez que deixei isso acontecer. E provar minhas habilidades *Psíquicas* não foi nem um pouco difícil, considerando que as evidências estavam praticamente estampadas na testa do sujeito.

A fina linha bronzada no dedo anelar vazio foi minha primeira pista de que ele já fora casado. Em seguida, notei que ele tinha passado a aliança para a outra mão em vez de vendê-la, revelando que ele ainda gosta da ex-mulher e que, provavelmente, ainda sente a falta dela. O cabelo desgrenhado, o uniforme amarrotado e o hálito de uísque só enfatizaram que ele com certeza é um homem que mora sozinho, sem uma esposa que o deixe apresentável.

Os homens provavelmente seriam extintos sem as mulheres para cuidar deles.

Quanto à parte da traição, bom, foi mais um palpite baseado no modo como olhou para mim, além da reputação *espetacular* que os Imperiais criaram para si. Sem dúvida, minha suposição acertou o alvo, provocando o tapa.

O sol do meio-dia me golpeia enquanto volto ao Forte para almoçar com Adena, como sempre. Demoro um pouco perambulando pela Alameda, comendo uma maçã enquanto a fome corrói meu estômago.

O cheiro salgado de peixe secando ao sol acima das carroças dos comerciantes paira no ar. Crianças correm pela rua, rindo e perseguindo umas às outras. O som de vozes negociando e xingando é como música para os meus ouvidos, uma que conheço muito bem.

Uma faixa grande e colorida atrai meu olhar, começando a ser erguida sobre a rua lotada, pendurada entre duas lojas por um Lagartixa. O sujeito escala a parede como se tivesse cola nas mãos e nos pés, o que lhe permite subir facilmente pela fachada lisa. Enquanto ele amarra a corda que prende a faixa, volto a atenção para as palavras escritas no pano verde em letras grandes e pretas:

A sexta edição das Provas do Expurgo irá começar

Lembre-se do Expurgo. Agradeça à Peste.

Honra ao seu reino, à sua família e a ti mesmo.

Você pode ser o próximo Notável vitorioso.

Solto uma risada de escárnio, quase engasgando com o pedaço de maçã. Ainda que as Provas do Expurgo não sejam uma coisa da qual se

deva achar graça, não consigo deixar de julgar cômico que sejam consideradas uma *comemoração*. Em homenagem ao Grande Expurgo que aconteceu há mais de três décadas, as Provas foram criadas para demonstrar as habilidades sobrenaturais das pessoas e trazer *honra* ao único reino Notável.

Eu não diria que assassinar pessoas inocentes traz alguma honra para mim, para o meu reino ou para a minha família — não que me reste uma família para honrar. E, no entanto, a cada cinco anos, jovens Notáveis são escolhidos para competir, e o vencedor leva a glória e xelins suficientes para construir o próprio castelo aconchegante e superar os traumas provocados pelas Provas.

Mas a parte que me deixa tremendo de raiva e de tanto rir é que os Notáveis inferiores, com habilidades Defensivas e Triviais, são levados a acreditar que têm chance de ganhar essas Provas deturpadas. Fico subitamente entorpecida observando os rostos empolgados ao redor, todos se aglomerando embaixo da faixa, rindo e apontando.

Somos os primeiros a morrer.

Os Notáveis que competem não são *escolhidos*, eles nascem com esse destino. São sempre os de sangue real ou de status mais elevado na escala de poder. Examino a multidão, observando os rostos sorridentes de Triviais que serão atirados nas Provas apenas por entretenimento depois que o rei nos permitir escolher quem gostaríamos que nos *representasse*.

Ainda que o rei insista em dizer que o assassinato de Notáveis na Arena é *condenável*, não é segredo que a própria Morte é uma participante das Provas. Adolescentes morrendo parecem tornar as coisas excepcionalmente mais divertidas, e se os Notáveis não executarem a matança, o rei mexerá seus pauzinhos.

Abro caminho pela multidão, cada um falando mais alto que o outro sobre quem vai representar a Alameda dos Larápios e o que farão com o dinheiro do prêmio.

Em toda a minha vida, houve pouquíssimas vezes em que deixei de invejar os Notáveis. Mas, ao considerar a perspectiva de competir nas Provas do Expurgo, nunca me senti tão grata por ser uma ninguém e não ter qualquer importância.

Completamente Comum.



Daedyn

— Você— Você vai comer isso? — indaga Adena, olhando a metade de uma laranja no meu colo enquanto estou sentada com as costas na parede do beco atrás do Forte.

— Pode pegar.

Mal pronuncio as palavras e ela se inclina para pegar a fruta, com o cabelo encaracolado balançando à brisa fraca, e enfia um pedaço na boca.

O Imperial que me deu o impressionante tapa com as costas da mão me deixou um lindo presente: o lábio inferior partido, o que dificulta engolir qualquer coisa.

— Como foi seu dia? — pergunto, girando distraidamente o anel grosso prateado que uso no polegar.

O aço frio da aliança do meu pai aperta minha pele, me reconfortando como sempre. Acho que eu teria a da minha mãe também, se não tivesse sido enterrada com ela quando eu ainda era bebê. Ela morreu por doença, foi o que meu pai disse. Afinal de contas, ela era uma Comum, e aparentemente nós somos humanos mais fracos, mais vulneráveis.

Mesmo assim, ele se casou com ela. Amava-a, apesar disso. Protegia-a. Guardava o segredo dela, assim como fez com o meu.

Adena suspira e eu sou trazida de volta ao presente quando ela diz entre as mordidas na laranja:

— Não posso reclamar. Ah, eu vendi aquela blusa que demorei séculos para fazer! E por três xelins! Sabe, aquela verde com decote cavado e bainha recortada? — Miro-a com a mesma confusão de sempre, o que ocorre todas as vezes em que ela começa a falar em sua linguagem de costureira. — Ah, quando se trata de roupas você não leva o menor jeito, Pae.

Olho para minha camiseta maltrapilha por baixo do colete verde-oliva. Tudo mudou no dia em que Adena fez o colete cheio de bolsos,

sabendo que ele iria servir muito bem ao meu ofício. Foi o dia em que nossa aliança desconfortável começou a se transformar em uma amizade confortável.

Adena bate um dedo nos lábios, pensando em alguma coisa.

— Aposto que, se você tivesse a roupa certa, as pessoas ficariam ocupadas demais te olhando para perceber que estão sendo roubadas.

Eu bufo.

— Prefiro que não reparem em mim enquanto estou cometendo crimes. Parece meio contraproducente.

Pego minha adaga e a enfio na bota, roçando os dedos no cabo de prata cheio de arabescos. É a única coisa que ainda tenho do meu pai, além da aliança — e jamais saio sem as duas. Estou admirando os detalhes sofisticados pela centésima vez quando estremeço de repente ao me lembrar de algo.

— Tenha cuidado hoje, Adena. Por algum motivo, há menos guardas do que de costume, e eu não gosto disso. Só... — Luto para encontrar as palavras certas. — Só fique atenta para qualquer coisa fora do comum, está bem?

Adena parece ligeiramente incomodada com essa notícia, mas semicerra os olhos de um jeito divertido.

— É o seu feitiço Psíquico avisando de algum perigo potencial?

— É, a gente realmente precisa trabalhar na sua descrição.

Eu suspiro, balançando a cabeça, mas abro um sorriso.

Levanto para sair e solto um grunhido quando espreguiço o corpo dolorido. Adena pega suas roupas, todas variando em tamanho e cores, e dá um adeus relutante antes de voltar para ao trabalho com esperança de vender mais alguma coisa antes do pôr do sol.

Vou para a rua cheia de gente, agora iluminada pelo sol da tarde, e parto em direção ao tumulto da feira. Começo pelas coisas fáceis. Primeiro, pego algumas frutas e alguns tecidos, depois fico entediada e parto para itens maiores e melhores. Hoje, o que realmente me interessa é carteiras, relógios e xelins.

Espio um homem com cabelo azul-escuro que usa um relógio brilhante adornando o pulso grosso e então decido que ele será meu próximo alvo. Examinando a rua, vejo outros com cabelos de cores diferentes salpicando a multidão, prova de que uma Peste que altera os genes humanos pode trazer mais vantagens do que apenas habilidades sobrenaturais. Mas, apesar de ter cabelos prateados na cabeça, não tenho nenhum poder para acompanhá-los. Demoro demais para escapar do homem de cabelos azuis depois de roubar seu relógio. Não por ter sido pega, mas porque ele insistia em *falar* comigo. Depois que esbarrei nele

para arrancar disfarçadamente o acessório do seu pulso, percebi que o coitado estava louco para fofocar com qualquer pessoa disposta a sorrir e assentir.

Estou pronta para encerrar o expediente mais cedo e considerar a noite razoavelmente bem-sucedida quando uma figura masculina alta, totalmente vestida de preto, aparece na Alameda. Ele anda com um ar confiante, muito diferente da postura encolhida adotada pelos sem-teto na esperança de atrair o mínimo de atenção possível.

Mas esse homem... com esse homem, é difícil desviar os olhos.

Ele usa uma camisa preta enfiada em uma calça apertada da mesma cor, ajustada por um cinto simples. O colarinho está desabotoado até a metade, a brisa expondo parte do peito queimado pelo sol. De longe, não consigo discernir as feições, mas vejo o cabelo totalmente preto caindo da testa em ondas bagunçadas. Com a mão nos bolsos, ele caminha a passos largos mais para dentro da feira, parecendo tranquilo e seguro de si.

Ele não é daqui. Dá para ver pelo modo como olha em volta, parecendo absorver todos os detalhes. Provavelmente, é um Ofensivo, um Notável de status mais elevado ou sangue nobre que raramente põe os pés na favela. Pelo jeito de andar e pelo brilho dos sapatos, percebo que deve estar carregando mais do que uns míseros xelins. Semicerro os olhos, tentando adivinhar onde ele deve guardar o dinheiro.

Ali.

Balançando junto à perna, presa no cinto por uma tira, há uma bolsa do tipo que muitos ilyanos usam para carregar dinheiro trocado. Especificamente os mais confiantes, já que uma bolsa que não esteja escondida é presa fácil para um ladrão. Presa fácil para mim.

Meu último alvo azarado da noite.

É uma sorte que ele seja tão alto; caso contrário, eu o teria perdido na multidão. Vejo mulheres de todas as idades esticarem o pescoço para espiar, buscando uma visão melhor do estranho bonitão antes de ele se fundir à massa. Abro caminho e o sigo até que ele saia da via principal junto às carroças dos comerciantes e entre em uma rua menos movimentada. Solto o cabelo, deixando as ondas compridas caírem sobre os ombros enquanto entro em outra rua, me preparando para cruzar seu caminho. O beco pelo qual sigo em zigue-zague me leva ao mesmo local onde o estranho entrou, me permitindo seguir na direção dele.

Mantenho o olhar voltado para o chão quando nos esbarramos.

Seguindo minha rotina de sempre, me deixo cambaleiar para trás devido ao impacto, lutando contra os instintos que gritam para que eu fique firme. Braços fortes envolvem minha cintura para impedir que eu

caia, e a bolsa de dinheiro dele fica aberta e exposta para pessoas da ralé, como eu. Seguro sua camisa como se estivesse fazendo isso por puro reflexo, para manter o equilíbrio. Realmente, eu só precisava de um motivo para ter as mãos tão próximas do corpo dele sem levantar suspeitas.

Os esfomeados da Alameda não são assim.

O pensamento se dissolve quando levo a mão até a bolsa de dinheiro, deduzindo que há pelo menos vinte xelins pendurados casualmente no cinto do homem. Ele deve ter muita confiança nas próprias habilidades para andar pela Alameda dos Larápios com tantos... bom, tantos larápios por aí.

Fico tentada a furtar todo o dinheiro e sair correndo, sabendo muito bem que ele me pegaria em três passos largos. Mas, sem saber quando irei trombar de novo em uma oportunidade como essa (literalmente), me recuso a ir embora sem levar pelo menos metade do que há na bolsa.

Mas ele vai sentir a mudança no peso se eu levar metade.

Meus pensamentos não param.

Então, distraia-o.

Com toda a trama se desenrolando em questão de instantes, pego metade das moedas, rápida e silenciosa, e tiro a mão da bolsa com cuidado enquanto me reequilibro. Então afasto lentamente o olhar do peito dele, parcialmente exposto, onde um pedaço de uma tatuagem escura escapa por trás das dobras da camisa.

Meu olhar enfim encontra o dele.

É como olhar para uma tempestade.

Os olhos dele têm a cor das nuvens carregadas no céu de Ilya, da fumaça soprando das chaminés lá em cima, das moedas de prata roubadas na minha mão. E, com os cílios pretos e compridos contrastando, examinam meu rosto com uma intensidade cinza-ão. O choque faz com que ele arqueie as sobrancelhas escuras e contraia o maxilar marcado, enfatizando seus traços bem-definidos.

E ali ficamos, encarando um ao outro.

De repente, fico muito consciente de todos os lugares em que ele está me tocando. Seus braços fortes continuam envolvendo minha cintura e meio que me segurando de pé, e seu olhar parece uma carícia por si só. Pigarreio e afasto a mão do meu peito, sentindo o tecido fino amarrotado antes de dar um passo atrás para me soltar dele.

Os lábios dele se curvam, e vejo uma covinha na bochecha direita. Sem pressa, ele afasta os braços da minha cintura, me soltando enquanto segura a bainha áspera do meu colete.

Mãos calejadas. Ele é um lutador.

Não que eu precise ser Psíquica para deduzir isso; seu físico torna óbvio. Tendo em mente que ele é treinado e tem o dobro do meu tamanho, levo despreocupadamente as mãos às costas para esconder a prova do meu crime. As moedas deslizam silenciosas para o meu bolso de trás enquanto respiro fundo, tentando me controlar.

— Você sempre cai nos braços de estranhos bonitos ou isso é uma coisa nova para você?

A pergunta mostra de novo aquela covinha quando um sorriso se acomoda no rosto dele, revelando dentes brancos alinhados.

— Não, só dos estranhos convencidos — respondo.

Dou um sorriso frio enquanto ele me olha com um ar de diversão, como se eu fosse um quebra-cabeças a ser montado.

Distraia-o.

Ele ri e passa a mão pelo cabelo cor de ébano, desgrenhando as ondas ainda mais. Os olhos cinzentos examinam os meus quando diz:

— Bom, parece que eu causei uma tremenda primeira impressão, então.

— Pois é — digo, lentamente —, mas ainda não decidi se foi boa ou ruim.

Mantenha a mente dele longe do dinheiro e o foco em você.

Ele dá de ombros, enfiando as mãos nos bolsos — a imagem perfeita de uma indiferença descolada.

— Eu segurei você, não segurei?

Agora é a minha vez de rir. Ele inclina a cabeça ligeiramente para o lado, me olhando com um meio-sorriso. Chegando mais perto, acrescenta:

— Talvez você devesse considerar esse detalhe antes de decidir, meu bem.

Pelo amor de Peste. Um garoto bonito com palavras bonitas.

Perigoso.

Ele analisa meu rosto com seus olhos esfumaçados, me decifrando como se eu fosse um enigma. Me recuso a ficar ali, inquieta sob seu olhar, então recuo um passo em direção à rua.

— Vou considerar, *meu bem*. — Prolongo a última palavra, imitando-o com uma risada. O sorriso dele se alarga, mostrando covinhas nas duas bochechas, e me obrigo a ignorá-las quando acrescento: — E obrigada por me salvar de cair de cara no chão. Parece que sou amaldiçoada com meu jeito desastrado.

— Bom, seu jeito desastrado fez com que nos encontrássemos, então eu não chamaria de maldição — diz ele simplesmente, agora encostado na parede com as mãos nos bolsos.

Sorrio, mas não consigo me impedir de revirar os olhos ao mesmo tempo. Vejo o sorriso dele uma última vez antes de me virar e voltar para a Alameda dos Larápios, desaparecendo na multidão.

Minha cabeça está a mil, repassando as informações que consegui coletar sobre ele enquanto sigo pela rua. As cicatrizes nos braços e os machucados recentes no nó dos dedos foram os detalhes mais intrigantes para mim, e quase lamento não poder descobrir a história por trás deles; a ideia de um Notável Ofensivo ter marcas como essas traz um meio-sorriso aos meus lábios. Prova de fraqueza.

Pego as moedas no bolso de trás, deixando-as tilintar na palma da mão com um sorriso de triunfo.

Duvido que ele vá sentir falta.



CAPÍTULO 5



Kai

A camisa que visto é áspera e desconfortável, e de repente sinto saudade de quando eu era pequeno e era socialmente aceitável que eu andasse por aí seminu.

Apesar de a opinião da sociedade nunca ter me impedido de fazer o mesmo hoje em dia.

Depois de calçar um dos meus únicos pares de sapatos que não estão sujos de lama, vou até a porta. Passo pelas prateleiras desarrumadas que ameaçam desabar com o peso do excesso de livros, pela escrivaninha lotada de documentos que estou evitando e pela cama de dossel encostada na parede, motivo de várias topadas com o dedão e xingamentos incessantes. Suspirando, fecho a porta para me isolar no conforto do meu quarto, desejando desesperadamente poder mergulhar na cama e dormir até o amanhecer. Infelizmente, o dever me chama, e é melhor não deixá-lo esperando.

Enfio as mãos nos bolsos enquanto ando pelos corredores brancos que levam à sala do trono. O sol de fim de tarde ilumina as janelas, fazendo as pinturas ornamentadas nas paredes brilharem à luz dourada. Cedo demais para o meu gosto, viro no final de um corredor e chego assentindo para os guardas parados do lado de fora das pesadas portas duplas, que empurro.

— Ah, Kai. Já estava na hora.

A voz grave do meu pai ecoa na imensidão da sala do trono. As paredes são decoradas por janelas enormes com cortinas de seda verde-escura, a cor do reino de Ilya, acompanhadas dos relevos que se arrastam parede acima e chegam ao teto. No momento, há uma longa mesa de madeira no centro do piso de mármore polido, onde o rei ocupa o assento da cabeceira.

— Ainda bem que você vestiu uma camisa — diz ele, suspirando, mas vejo a sombra de um sorriso em seus olhos. — Pensei em dizer ao serviçal para acrescentar esse detalhe à mensagem que lhe entregou.

— Ah, não se preocupe, pai, não vou cometer o erro de aparecer na sala do trono sem camisa. De novo.

Memorizo a sugestão de outro sorriso no rosto dele, sem saber quando irei ver isso de novo. Quando será a próxima vez que eu o merecerei.

Ele é um homem brutal, um Robusto forte tanto física quanto mentalmente. É sério, teimoso e inflexível, de modo que vê-lo oferecer até mesmo um sorriso de soslaio me faz retribuir a gentileza involuntariamente. Nossa dinâmica sempre foi *difícil*, para dizer o mínimo, mas em momentos assim é mais fácil ignorar nosso passado desagradável.

Ele pigarreia, limpando a garganta e dispersando qualquer emoção aparente.

Ele aí está o pai com o qual estou acostumado.

— Tenho uma missão para você, como futuro Executor.

— Eu vivo para servir — respondo categoricamente.

Eu vivo para matar.

Minha vida significa o fim da vida de outra pessoa.

As *missões* que os Executores recebem não são nem um pouco heroicas. Já recebi várias no decorrer dos anos, todas como parte do meu treinamento para me tornar um carrasco, comandante de Exércitos e mão do rei. Tudo — desde estratégias de batalha e execuções até interrogatórios e torturas — está no escopo da minha futura ocupação.

São vislumbres do meu futuro brilhante.

— Meus informantes ficaram sabendo de uma família que abriga um Comum perto da Alameda dos Larápios — continua meu pai, parecendo ligeiramente entediado. — Preciso que você investigue e erradique o problema.

Erradicar significa executar.

Depois do Expurgo, quando os Comuns foram banidos para o Deserto Escaldante para proteger Ilya da doença deles, qualquer Comum encontrado no reino deve ser executado por decreto. Há três décadas, o rei ofereceu a eles a chance de sobreviver caso conseguissem atravessar o Deserto e chegar às cidades de Dor e Tando, do outro lado, onde não causariam mal algum. Mas a misericórdia do monarca durou apenas o dia do Expurgo, e agora eu distribuo a morte em seu nome.

— Claro — digo, passando a mão pelo cabelo e pelo maxilar trincado, ato que não passa despercebido.

— Kai. — Ele me olha, quase com *gentileza*. Não vejo essa expressão desde que eu era pequeno. E, mesmo naquela época, era uma raridade reservada para as poucas vezes em que eu o agradava durante os

treinamentos. — Ninguém inveja o trabalho do Executor. É brutal. É sangrento. Mas a Peste deu a você um dom raro. Sua habilidade como Portador é muito poderosa, e, um dia, seus serviços serão valorizados neste reino. — Ele faz uma pausa antes de acrescentar: — Eu me certifiquei disso.

Ele de fato se certificou.

Treinar tem sido tudo o que eu faço, todo o meu propósito. Em vez de ter uma única habilidade para manifestar e dominar, passei anos aprendendo a controlar diversas. Mas meu corpo se adaptou tanto quanto minhas habilidades, me transformando em uma arma. O modo de usar cada item disponível no meu arsenal para matar foi enraizado no meu cérebro, um reflexo que aprimorei.

Mas não posso levar todo o crédito. Não, foi o rei que fez de mim o que sou hoje. Foi o rei que assumiu a tarefa de ajudar no meu treinamento físico e mental. Depois de descobrir meus pontos fracos, garantiu que eles fossem erradicados. E, ainda que eu tenha aprendido a bloquear a maioria das lembranças do treinamento que suportei na infância, não tenho como ignorar a imagem do rosto frio do meu pai junto das mesmas palavras arrepiantes que escutei durante toda a minha vida.

Se você não puder suportar o sofrimento, não será capaz de administrá-lo.

Lutei em batalhas, conduzi interrogatórios e infligi torturas enquanto Kitt participava de incontáveis reuniões, elaborava tratados e passava os dias ao lado de um rei mais gentil do que esse à minha frente.

Os dias do meu meio-irmão foram preenchidos por educação, orientação e um tempo muito mais agradável passado com o pai que ele tanto ama. Por ser o herdeiro do trono, Kitt sempre foi cuidado e protegido, e até mesmo levá-lo para o pátio de treinamentos quando éramos pequenos causava alvoroço.

Quando volto meu olhar para o rei, seus olhos verdes já estão fixos na minha direção. Os olhos de Kitt. Quando a primeira esposa do meu pai morreu dando à luz o seu filho, ele se casou com a filha de um conselheiro de confiança. Não foi surpresa que ele logo tenha se apaixonado pelo jeito cuidadoso e gentil da minha mãe, por sua coragem e sua beleza. Eu me pareço com ela; tenho os mesmos cabelos escuros e olhos claros. Já Kitt se parece com meu pai, e ambos são loiros de olhos verdes.

Esvazio a mente, guardando as lembranças do passado até a próxima vez em que me permitirei alcançá-las de novo. Minha voz sai monótona quando finalmente pergunto:

— Quando devo ir?

Essas palavras despertam uma memória de quando eu as disse antes da minha primeira missão, e me lembro de como parti ingênuo. Sem saber que estava prestes a me tornar um assassino. Sem saber que veria um homem desabar no chão, em uma poça do próprio sangue.

— Ao amanhecer.



O amanhecer chega cedo demais; antes que eu me dê conta, já estou indo para o estábulo.

O celeiro grande e branco projeta uma sombra ainda maior ao sol da manhã. Cada parede tem uma fileira de baias onde os cavalos mordiscam o feno, me espiando com curiosidade.

Encaro os dois Imperiais parados à esquerda, acompanhados por três cavalos selados para a viagem. Trinco os dentes. O rei tirou dois guardas que estavam de serviço na Alameda dos Larápios como precaução, ainda que eu seja mais do que capaz de cuidar disso sozinho. Mas parece que, da noite para o dia, meu pai ficou subitamente preocupado com meu bem-estar. Levou apenas dezenove anos e o fato de que agora tenho algum valor para ele.

Balanço a cabeça e monto no cavalo mais próximo, engolindo o orgulho com uma admissão de que é sensato ter Imperiais comigo para o caso de um banimento.

A viagem até a Alameda é longa, e passamos todo o caminho em silêncio. As ruas vão, aos poucos, se transformando em barracos à medida que adentramos a cidade, e eu consigo sentir o cheiro da larga rua da feira antes de alcançá-la.

O odor familiar de peixe, fumaça e outros mistérios me dá as boas-vindas quando entramos na Alameda dos Larápios. O eco dos cascos dos cavalos batendo nas pedras irregulares do calçamento ricocheteia nas paredes das lojas decadentes que ladeiam a rua. Alguns madrugadores no nosso caminho saem correndo, abrindo espaço para passarmos enquanto apontam e sussurram.

Viramos à esquerda em uma rua menor e seguimos até um pequeno barraco de madeira. Salto do cavalo sem hesitar e ponho as rédeas na mão enluvada de um guarda, deixando que ele cuide do animal.

Se precisam estar aqui, que pelo menos sejam úteis para mim.

Vou até o barraco, tirando uma das mãos do bolso para bater à porta. Ouço uma pancada do lado de dentro, seguida pelo som de passos pesados e depois da porta se abrindo, rangendo nas dobradiças

enferrujadas.

Um homem enorme, corpulento, com barba grossa e cabelo ainda mais grosso, olha para a cena diante dele. Fico surpreso ao ver que ele consegue passar pelo portal. Ele arregala os olhos azuis sob as sobrancelhas fartas quando me vê com os dois Imperiais que agora assumem suas posições.

— Príncipe Kai...? — O sujeito parece atônito e afobado ao mesmo tempo. — Oi... é... que honra!

A voz cheia de animação falsa ressoa na rua, provavelmente acordando os vizinhos, enquanto o homem estende a mão em um cumprimento.

Seu aperto é firme e caloso, como o meu.

— Nathan, certo?

Quando ele confirma, eu continuo:

— Eu tenho algumas perguntas para fazer a você sobre um Comum encontrado aqui na Alameda. Tenho certeza de que isso não será um problema.

Observo-o, buscando alguma indicação de que ele sabe do que estou falando. Nada. Seu rosto permanece absolutamente inexpressivo.

— Posso entrar?

Não é uma pergunta, e ele sabe disso. Já estou com o pé na soleira antes que Nathan se afaste da porta.

A casa não é maior do que o meu quarto no palácio. Em um lado, vejo camas pequenas unidas em uma fileira torta, encostadas na parede. No outro, vejo a cozinha, equipada com uma pia velha, um balcão de madeira quebrado e uma mesa grande cercada por dois garotos de olhos arregalados e uma mulher. Um tapete grande e desbotado une os dois lados do ambiente, a única decoração e o único ponto de cor na casa.

Nathan pigarreia.

— Esta é minha esposa, Layla.

A mulher abre um sorriso caloroso, os dentes brancos contrastando com a pele escura, e espia os Imperiais inquietos atrás de mim.

— E estes são os nossos filhos, Marcus e Cal.

Nathan aponta para as duas crianças. Marcus fita a mesa fixamente, sem arriscar uma olhadela, enquanto o irmão mais novo, Cal, fica curioso demais para impedir que os olhos encontrem os meus.

Estendo o meu poder, me certificando de que nenhum deles é o Comum escondendo-se a plena vista. Minha habilidade de Portador é especialmente útil no papel de Executor, tornando o trabalho muito mais fácil e eficiente.

Nathan é um Robusto, o que não me surpreende nem um pouco, já

que ele é uma montanha em forma de homem. Consigo sentir o poder de Layla como Curadora borbulhando no sangue como champanhe, e Marcus e Cal possuem poderes Triviais: Marcus é um Detector, capaz de identificar mentiras e blefes, e Cal é um Intensificador, com os sentidos aguçados.

— Você sabe por que estou aqui — digo, com frieza. — Vocês viram ou ouviram alguma coisa sobre um Comum escondido na área?

— Não, senhor — responde Layla, com a voz suave, mas firme.

Meu olhar percorre a casa de novo, parando na pia. Tigelas ainda pegajosas com mingau estão empilhadas dentro dela.

Cinco.

Cinco tigelas quando só existem quatro bocas para alimentar.

Interessante.

— Bom, então vocês não se importam se eu der uma olhada por aí, certo?

De novo, não é uma pergunta. Ando casualmente pelo barraco, parando de vez em quando para examinar alguma coisa com mais atenção. Sinto os olhares dos Imperiais e da família queimando minhas costas enquanto me demoro dando uma olhada na casa com as mãos casualmente enfiadas nos bolsos.

Nada parece fora do normal.

Estou pronto para considerar que esse é um beco sem saída e um desperdício de tempo quando piso no meio do tapete estampado, desbotado por anos de pisadas. Um rangido soa sob meus sapatos. Paro e mudo o peso do corpo de um pé para o outro, prestando atenção ao som de novo. Sem dúvida, a madeira geme outra vez embaixo do tapete.

Interessante.

Ainda que o rosto de Nathan permaneça inexpressivo, o sangue parece ter sido drenado das suas bochechas, deixando-o com uma palidez fantasmagórica.

— Levantem o tapete — ordeno secamente aos guardas, sem afastar o olhar da família.

É então que identifico uma emoção com a qual estou familiarizado demais e que costuma acompanhar minha presença.

Medo.

Quando o tapete é enrolado, vejo a silhueta de um alçapão, fundindo-se de forma quase imperceptível com as outras tábuas sujas do piso.

A pancada. Foi isso que ouvi se fechando quando estava lá fora.

Um soluço escapa de Layla quando me ajoelho e abro a tampa, revelando um espaço apertado e escuro abaixo. Ali, espremida em um canto e abraçando os joelhos, há uma menininha sentada. Quando ela me

encara, o fogo em seus olhos combina com o ruivo intenso dos seus cabelos compridos.

Pela Peste, ela é tão pequena.

A menina deve ter no máximo oito anos, mas não resiste quando estendo a mão e a tiro da caixa úmida. Coloco-a no chão, de onde ela me encara com ar de desafio, sem qualquer traço de medo no rostinho sardento.

Tento sentir qualquer tipo de poder vindo dela, só para garantir. Nada. Não há nada de extraordinário nessa menina — porque *ela* é Comum.

Soluços de choro começam a preencher o cômodo.

— Não, não, não! — Os gritos trêmulos de Layla ecoam nas paredes. — O senhor não pode levá-la, não pode! Ela é minha filha! Por favor!

Os Imperiais ficam entre mim e a família inconformada, mas eu os empurro e passo por eles, irritado. Agora, os dois garotos estão em prantos, abraçando as pernas da mãe, e Nathan parece aturdido, com lágrimas silenciosas escorrendo pelas bochechas e pela barba embaraçada.

— Se acalmem e me digam de onde ela veio e há quanto tempo vocês a estão escondendo.

Minha voz sai grave e séria, atravessando o caos. A menina parada diante de mim não se parece nem um pouco com o resto da família, com suas sardas e cabelo cor de fogo. Para não mencionar que Nathan e Layla são Notáveis, o que significa que os dois jamais poderiam ter uma filha Comum.

— Ela... ela está aqui há três anos. — A voz de Layla falha, com soluços sacudindo seu corpo pequeno. — Nós... nós a achamos na rua, por isso ficamos com ela. A gente queria uma menina. Eu não podia mais ter filhos... — Ela deixa o resto da frase no ar, enxugando o rosto. — Sou uma das poucas Curadoras na favela, e ela parecia saudável, forte. Então, quando nós encontramos Abigail, nós... nós finalmente pudemos ter a nossa menininha.

Abigail.

Eu gostaria de não saber. Gostaria de não ter de acrescentar mais um nome à lista interminável de pessoas que tiveram a infelicidade de atravessar o meu caminho. Que tiveram a infelicidade de atravessar o caminho do rei.

Dou um suspiro.

Lá vamos nós.

— Vocês conhecem a lei. — Mais pranto preenche o cômodo, me obrigando a levantar a voz. — Por decreto do rei, todos os Comuns devem ser executados. E qualquer um que esteja abrigando Comuns deve

ser banido para o Deserto Escaldante...

Estou no meio do discurso que já proferi dezenas de vezes quando Nathan se joga contra mim. O olhar vazio de apenas alguns instantes atrás sumiu, substituído por um ódio que contorce seu rosto em fúria. Ele me ataca pelo tórax e me joga contra a parede, tirando o ar dos meus pulmões e batendo minha cabeça na madeira dura.

Amanhã isso vai doer feito a Peste.

Ouço um grito brotar da garganta de Layla, um som que parece distante, misturando-se aos passos pesados dos Imperiais que correm para intervir.

— Não! — grito, me esquivando de um soco direcionado ao meu nariz, e os guardas param, confusos. — Eu cuido dele.

Nathan dá outro soco, tentando quebrar meu maxilar. Desvio o rosto a tempo de ver seu punho acertar a parede de madeira onde minha cabeça estava, fazendo lascas voarem quando sua mão a atravessa.

Meus instintos de luta assumem o controle e nem me incomodo em canalizar o poder de Nathan. Com o punho dele ainda enterrado na parede, passo por baixo do braço estendido e puxo seu pulso, torcendo seu braço às costas e apertando-o embaixo da omoplata esquerda. Nathan solta um grunhido antes de dar um chute para trás, com força, atingindo meu joelho. A dor sobe pela minha perna enquanto ele gira, soltando-se, e levanta o punho com sua força sobrenatural.

Ignorando a dor, eu me abaixo e giro a perna em um círculo amplo, acertando os tornozelos de Nathan e fazendo-o cair esparramado de costas. Fico em cima dele, prendendo seus braços com os joelhos enquanto finalmente deixo sua força de Robusto abrir caminho até a superfície, sabendo que não conseguirei mantê-lo no chão sem usar o poder dele contra ele mesmo. Nathan tenta se soltar, mostrando os dentes.

— Cale a boca e me escute — digo, ofegando. — Nós podemos fazer isso do modo fácil ou do modo difícil. E, pessoalmente, eu prefiro o fácil.

Nathan berra, com uma expressão de angústia nos olhos, tentando me tirar de cima dele:

— Ela é minha filha!

— Bom, claramente você não tem consideração pelos meus sentimentos, porque está escolhendo o modo difícil. — Suspiro, recuo o punho e o acerto no queixo, empurrando sua cabeça para o lado e atordoando-o por tempo suficiente para ele deixar que eu fale. — Se você não cooperar, nem mesmo sua mulher vai ter habilidade para curar seu corpo quando eu terminar. Então, sugiro que me agradeça por não

matar você aqui, na frente da sua família, e que faça exatamente o que eu disser.

Nathan fica imóvel, com a vontade de lutar parecendo sumir dos olhos. Saio de cima dele e me agacho, olhando seu corpo derrotado.

— Agora, levante-se antes que eu mude de ideia — murmuro, me levantando. Quando ele não se mexe, acrescento: — A paciência é tão desconhecida para mim quanto a misericórdia, portanto, se eu fosse você, não testaria a sorte.

Diante disso, ele se levanta e vai para a frente da família amontoada, bloqueando a passagem. Como se os protegesse contra um monstro. Mantenho o olhar fixo neles, observando as lágrimas que escorrem pelos seus rostos e os soluços que passam pelos seus lábios enquanto rosno ordens para os Imperiais, que se apressam em obedecer, amarrando os prisioneiros.

— Fiquem nas ruas secundárias. Sem dúvida estou de bom humor hoje. Estou me sentindo misericordioso, por assim dizer — acrescento casualmente, as palavras saindo carrancudas. — De modo que eu preferiria não ter plateia.

Os Imperiais resmungam, concordando, e sorriem ligeiramente com a minha ideia de *misericórdia*. Em minutos, Nathan, Layla e os dois meninos estão amarrados, arrastando os pés atrás dos cavalos. Eles viram as cabeças, com o ódio ardendo nos olhares, enquanto veem Abigail ser segura e firmemente amarrada por mim.

Eles sabem o que acontece agora. Minha reputação é conhecida; histórias do monstro assassino são sussurradas pelas ruas.

Essa é a parte em que eu mato a Comum enquanto os Imperiais escoltam os criminosos até o Deserto Escaldante, onde eles provavelmente irão acompanhá-la para a morte. Com o calor insuportável durante o dia e as temperaturas congelantes à noite, não é fácil chegar ao outro lado, onde ficam as cidades de Dor e Tando. Isso sem contar que acabei de condenar essa família a tentar fazer essa travessia sem suprimentos, sem comida, sem água e sem esperança.

É uma morte muito mais dolorosa do que a que sua filha Comum irá sofrer.

— Por favor! Eu imploro, por favor, poupe a menina! — Layla está gritando para mim entre os soluços enquanto arrasta os pés nas pedras do calçamento atrás dos cavalos. — Ela é só uma criança...

Um Imperial se vira para trás na sela e lhe dá um tapa no rosto, interrompendo o pedido.

— Cala a boca, *favelada*.

Afasto o olhar da cena, puxando a garota para longe. Suas vãs

tentativas de se soltar seriam cômicas se não fosse pela situação crítica em que estamos.

A Comum está estranhamente quieta para uma criança sendo arrastada para a própria morte. A esta altura, a maioria estaria gritando, implorando e barganhando pela vida. Mas a luta da menina é silenciosa, e seu olhar é profundo. Mantenho os olhos atentos aos becos vazios por onde passamos, me perguntando até que ponto uma pessoa precisa estar familiarizada com a necessidade de esconder tudo que é para chegar a esse ponto, ocultando as emoções até mesmo diante da morte.

Sigo por um beco escuro, ainda intocado pela luz fraca do sol que começa a pintar o reino de dourado. A Comum — *Abigail* — se retorce, tentando se soltar pela décima vez. Olho para ela e digo, com uma diversão na voz:

— Você é uma coisinha persistente, não é?

Ela bufa, o que faz seu cabelo de fogo se agitar em volta do rosto, e dá um chute no meu tornozelo. Eu ficaria impressionado com sua forma física se não fosse pela frustração crescente. Então, me abaixo na frente dela de modo a encarar seus olhos verdes. Só quando ela levanta a perna para me chutar mais uma vez é que digo, baixinho:

— Eu não faria isso, se fosse você.

A menina pisca, e justo quando acho que aceitou meu aviso, ela pisa no meu pé e tenta em vão soltar o braço. Então, começa a gritar, sacudindo-se em uma tentativa de se livrar.

— Certo, bom, não podemos permitir isso. — Tiro uma faca da bota enquanto murmuro: — Você não vai facilitar as coisas para mim.

Ao ver a adaga, a garota engole em seco, subitamente imóvel, e diz bruscamente:

— Enfia logo no meu coração. — Seu olhar está fixo na faca, a voz delicada como só a de uma criança pode ser. — Ouvi minha mãe dizer que assim é mais rápido.

— É mesmo, é? — pergunto baixinho. — Existem outros modos rápidos, sabia?

E eu conheço absolutamente todos.

Vejo-a se encolher enquanto aproximo a lâmina, os olhos se arregalando. Ela parece estar finalmente se permitindo sentir o terror que tentava desesperadamente esconder; então, respira fundo, um som parecido com aceitação, antes de fechar os olhos com força para não ver o rosto do monstro à sua frente.

A adaga desliza, cortando com facilidade. A menina...

Abigail.

... inspira com força.

Depois de um longo momento, um olho verde lacrimoso se abre. Abigail pisca enquanto a corda escorrega dos seus pulsos ralados e cai aos seus pés. O olhar dela vai do seu coração incólume até o meu rosto antes de pousar na adaga que estou segurando.

— O senhor não vai enfiar isso no meu coração?

Meus lábios se contraem.

— Ouça com atenção, Abigail. Eu cortei sua corda, então agora você precisa me fazer um favor em troca. Preciso que você fique quieta e pare de lutar. — Examino o rosto dela antes de perguntar: — Entendeu?

Não espero resposta e volto a puxá-la pelas ruelas e becos. Ela deve ter entendido bem, porque passa a andar apenas séria, em silêncio, sem qualquer menção de se soltar.

Quando avisto o Deserto Escaldante, consigo ver também os dois Imperiais parados na borda. Eles não prestam atenção alguma à família que adentra o deserto e que deveriam estar vigiando, agora apenas figuras turvas, salpicadas na areia. Espio por trás de uma parede do beco, escutando a conversa dos Imperiais. Em pouco tempo, eles dão de ombros e voltam os olhares na direção da rua.

Típico.

Eu estava contando com a preguiça previsível dos guardas e sua incapacidade de terminar as tarefas. E não queria que os banidos fossem obrigados a desfilar pelas ruas como geralmente acontece, porque nesse caso teria uma multidão testemunhando minha traição.

Depois que eles passam por nós, seguimos na direção da areia. A família está muito à frente, e, como também estou me sentindo meio preguiçoso, me estico e agarro a habilidade de Relâmpago de um dos Imperiais. Logo ele estará fora do meu alcance, por isso me apresso pegando a menina e correndo para o deserto.

Conseguimos chegar praticamente na mesma hora em que a habilidade de Relâmpago me abandona. Nathan leva um susto ao nos ouvir atrás dele e se vira, com os olhos arregalados ao ver Abigail no meu colo.

Layla corre na nossa direção e em instantes abraça a menina, com a família inteira cercando as duas. Eles soluçam, em prantos, e eu fico de lado, remexendo os pés na areia abrasadora que começou a escorrer para dentro dos meus sapatos.

E então eles se viram para mim, os olhos ardendo mais do que o sol sobre nossas cabeças. Nathan só diz duas palavras, com a voz grave e cheia de ódio.

— Por quê?

Pego minha adaga e corto a corda que prende os pulsos dele em um

movimento rápido, encarando-o enquanto digo:

— Eu não mato crianças.

Hipócrita.

Como se não fosse exatamente isso que estou fazendo. Na verdade, só estou prolongando o inevitável. Mas pelo menos todos estarão juntos no final: uma falsa misericórdia que só concedo às crianças.

Ando pela fileira de prisioneiros atônitos, soltando as mãos de todos. Olho nos olhos de cada um, a maioria ainda brilhando com lágrimas, antes de me virar para a menininha. A Comum.

Abigail.

Me aproximo lentamente dela e me abaixo sobre um dos joelhos, afundando na areia quente para ficarmos da mesma altura. Mesmo em silêncio, seus olhos dizem mais do que o suficiente. Ela é apenas uma criança e, no entanto, vejo uma determinação devastadora por trás de seu olhar.

Talvez não seja preciso ter um poder para ser poderosa.

Enfio a mão no bolso, pegando um pequeno canivete. O cabo branco está gravado com arabescos dourados, mas a pequena lâmina é afiada. Entrego-o a ela.

— Toda garota merece ter alguma coisa tão bonita e fatal quanto ela mesma — digo, instigando-a a segurar o canivete. Ela me espia com cautela antes de estender a mão e pegá-lo. — Use com sabedoria.

Aliso meus cabelos enquanto me levanto com um suspiro.

— De acordo com as nossas leis e por decreto do rei Edric, estou banindo-os do reino de Ilya por seus atos de traição.

Com isso, vejo Nathan passar o braço em volta da esposa, que por sua vez estende um braço para juntar os filhos.

Eles se viram como se fossem um só.

E eu assisto enquanto caminham em direção à sua ruína.



CAPÍTULO 6



Kai

Apesar do joelho inchado gritando em protesto, me obrigo a andar normalmente. Quando volto à Alameda dos Larápios, o fim de tarde envolveu a rua em uma luz calorosa. Sempre gostei daqui. Não há nada de grandioso nas favelas de Ilya, mas é um lugar revigorante como o palácio abafado jamais poderia ser.

Olho por todos os lados enquanto vou andando pela multidão de pessoas vendendo, xingando e comprando. Paro por um momento para absorver as imagens e os cheiros — e nenhum deles é muito agradável. Tudo aqui é opaco, sem cor. Os estandartes, a comida, as pessoas. Ao meio-dia, a rua sempre cheira a corpos suados e comida questionável.

Mas, apesar de tudo isso, a Alameda dos Larápios está cheia de *vida*.

Os vários passantes me empurram e me puxam em diferentes direções como uma correnteza humana, e luto para escapar da onda de gente. Por fim, me livro e entro em uma ruela menor e menos movimentada onde pessoas sem-teto se agacham junto às paredes, algumas pedindo dinheiro enquanto outras usam seus poderes para se entreter. Ainda que a maior parte da favela seja composta por Triviais, vejo entre eles um ou outro Notável Defensivo. O brilho roxo dos campos de força que envolve alguns deles atrai meu olhar, assim como um Lanterna manipulando a luz em volta do corpo e formando um fecho intenso, entretendo a si e a um gato vadio.

Continuo andando e olhando em volta, sem prestar atenção ao caminho.

E, pelo jeito, a pessoa que esbarra em mim com um resmungo estava fazendo o mesmo.

Instintivamente, estendo a mão à frente para aliviar o impacto, envolvendo a cintura para impedir a queda. A cintura *dela*. Sem dúvida o corpo que estou segurando pertence a alguém do sexo feminino, mas a cascata de cabelos compridos e prateados roçando meus braços já seria prova suficiente.

Ela é pequena, porém forte, mais esguia do que a maioria das garotas magricelas da favela. Sinto isso na curva da cintura, onde minha mão se encaixa perfeitamente, mas está claro que a desnutrição fez com que perdesse a maioria dos músculos que ela evidentemente já teve.

A palma da mão dela está apertada contra o meu peito, e vejo uma aliança grossa no polegar. Depois de alguns segundos em que a examino enquanto ela tenta se firmar, a garota solta a respiração, trêmula, e me olha nos olhos.

É como me afogar no oceano.

Seus olhos têm a cor do canto mais profundo do Mar dos Baixios, de um céu límpido ao cair da noite, das pétalas de um miosótis. E, como a chama mais quente, ardem em um fogo azul. As maçãs do rosto salientes traçam o caminho até as sobrelanceiras escuras igualmente fortes, erguidas de leve enquanto ela me examina.

Seus olhos de oceano se arregalam e vejo um leve rubor surgir nas bochechas quando ela percebe que ainda a estou segurando tão perto do meu corpo. Ela abaixa a mão que estava no meu peito e, como o cavalheiro que sou, solto sua cintura com um sorriso surgindo nos lábios.

— Você sempre cai nos braços de estranhos bonitos ou isso é uma coisa nova para você? — pergunto, observando um sorriso que poderia rivalizar com o meu curvando seus lábios, ainda que o inferior esteja cortado.

Interessante.

— Não — responde, com o sarcasmo pingando de cada palavra. — Só dos estranhos convencidos. — Ela se porta com uma confiança que indica que houve um tempo em que não era assim. E, do nada, me vejo irritantemente intrigado.

Ela claramente não tem ideia de quem eu sou. Perfeito.

Solto uma risada e passo a mão nos cabelos, sem me esforçar para domá-los. Ela me olha com atenção, intensamente, parecendo tão interessada em mim quanto estou nela.

Eu me afogo naqueles olhos azuis. Sempre que nossos olhares se cruzam, é como gelo encontrando o fogo mais quente, é como névoa subindo das profundezas do oceano. Desvio os olhos brevemente antes de dizer:

— Bom, parece que eu causei uma tremenda primeira impressão, então.

— Pois é, mas ainda não decidi se foi boa ou ruim.

Os lábios dela formam um leve sorriso, do tipo que faz um homem virar a cabeça só para ter outro vislumbre, na esperança de que seja direcionado a ele. E esse pequeno gesto, tão preciso, me diz que não sou

o primeiro com quem ela o praticou.

Levo as mãos para dentro dos bolsos e dou de ombros, fingindo indiferença, enquanto me encosto na parede suja do beco.

— Eu segurei você, não segurei?

Ela ri — um som caloroso, mas afiado. Brincalhão, mas dolorido, como se a felicidade não fosse algo habitual. Ela inclina a cabeça ligeiramente para trás, as ondas prateadas do cabelo caindo quase até a cintura enquanto ela me encara, e ruguinhas aparecem em volta de seus olhos quando ela ri.

Eu me inclino de leve, ousando diminuir um pouco da distância entre nós.

— Talvez você devesse considerar esse detalhe antes de decidir, meu bem.

E com isso fico logo curioso, imaginando que poder ela possui. Então, estendo minha habilidade para captar a dela.

Nada. Não sinto nada.

Examino o rosto dela enquanto tento de novo e de novo sentir seu poder. Normalmente, essa seria a parte em que eu jogaria a garota por cima do ombro e a carregaria até as masmorras para ser melhor examinada. Ou simplesmente a mataria ali mesmo, por mera suspeita de ela ser uma Comum.

No entanto, não me movo.

Você está cansado. Ferido. Pode ser um engano.

Antes que eu tenha tempo de decidir seu destino, ela recua um passo na direção da Alameda movimentada.

— Vou considerar, *meu bem*. — Ela me lança um pequeno sorriso, sustentando meu olhar enquanto continua indo para trás. — E obrigada por me salvar de cair de cara no chão. Parece que sou amaldiçoada com meu jeito desastrado.

— Bom, seu jeito desastrado fez com que nos encontrássemos, então eu não chamaria de maldição.

Meu sorriso só cresce quando ela revira os olhos antes de se virar e seguir para a Alameda. Finalmente me permito olhá-la de verdade, examinando a calça preta e justa e o colete verde-oliva coberto pelo cabelo prateado. Nada no seu andar me dá a impressão de que ela dorme na rua, mas as roupas maltrapilhas e o lábio partido indicam o contrário.

Passo a mão pelo rosto, percebendo que estive olhando por tempo demais. Então, dou meia-volta e começo a andar por outro beco, agora silencioso ao pôr do sol, a mente ocupada pelo pensamento de que acabei de deixar mais uma Comum sair impune.

Mas não estou distraído a ponto de não notar as quatro enormes

sombras na ruela que surgem atrás de mim.

— Escuta — diz a voz grave de um dos homens às minhas costas. — A gente só quer essa bolsinha bonita, cheia de moedas, pendurada no seu cinto. Entregue isso, e ninguém precisa se machucar.

Solto um suspiro, apertando os olhos.

Este dia só está ficando cada vez melhor.

E é então que eu sinto.

Finalmente voltando a atenção para a bolsa de moedas ao lado do corpo, de repente percebo como ela está mais leve do que antes...

Antes dela.

Será que aquela...

Uma sombra se mexe na parede, saltando na minha direção. Eu me viro, me esquivando do soco antes de dar outro na barriga do homem. Com um grito, o sujeito se dobra, tossindo, enquanto eu examino os outros.

Dois Robustos, um Labareda e um Lagartixa.

Só os Notáveis Defensivos e Ofensivos mais desesperados vão à favela para espancar mendigos e pegar as poucas moedas que eles têm. Sabendo disso, deixo o poder do Labareda me envolver e as chamas saírem dos punhos.

Outro Robusto parte na minha direção com um sorriso.

Eles são sempre tão convencidos. E olha que quem está dizendo isso sou eu.

Agacho-me logo antes de ele colidir comigo, e sua constante de movimento o faz rolar por cima das minhas costas e bater com força nas pedras do calçamento. Meu punho flamejante acerta seu queixo e o fedor enjoativo de carne queimada arde no meu nariz.

Olho para cima e vejo o Lagartixa escalando a parede, planejando pular em cima de mim e me prender no chão. Quando ele se solta dos tijolos e pula, abandono o poder do Labareda e pego o do Robusto. Meu punho, agora com uma força sobrenatural, acerta a barriga do Lagartixa no ar, e ele é jogado contra a parede antes de cair no chão com uma pancada surda.

O Labareda vem na minha direção, a boca retorcida em um rosnado.

Ele atira uma bola de fogo na minha direção e eu desvio para evitá-la — mas não a tempo. Solto um palavrão enquanto o fogo chamusca meu bíceps, queimando a carne e diminuindo minha velocidade devido à dor.

Minha mente está quase tão acelerada quanto meu coração. Não posso chegar perto quando ele está me obrigando a me defender e desviar do fogo, mas sei que, se eu começar a revidar com a mesma habilidade, sem dúvida vamos incendiar uma rua inteira.

Não estou no clima para isso.

Deixo o poder do Lagartixa rastejar — literalmente — até a superfície antes de pegá-lo. Enquanto desvio das bolas de fogo, subo pela parede do beco e rastejo ao longo do prédio até estar paralelo ao sujeito. Em um movimento rápido, salto da parede, derrubando-o no chão antes de trocar rapidamente de poderes e acertá-lo no rosto com um punho em chamas.

— O senhor é... é o príncipe Kai — gagueja. — O... o futuro Executor.

Tão de perto, o sujeito finalmente reconhece a mim e à minha habilidade, agora lamentando a decisão de atacar o príncipe.

— Infelizmente para você, sim, sou eu.

Recuo o punho flamejante e... uma dor insuportável atravessa meu crânio como uma faca cega.

O poder do Labareda vai embora e não posso fazer nada, apenas segurar a cabeça que lateja, ofegando de dor. Eu me familiarizei muito com a tortura no decorrer dos anos, mas essa sensação não se parece com nada que já suportei.

Através da névoa de agonia que nubla minha visão, vejo uma figura alta entrar no beco. Sua mão está levantada na minha direção, o rosto sério, os lábios finos demonstrando puro desprezo.

Um Silenciador.

Impossível.

Meus pensamentos se dispersam, e só me resta a dor.

O Silenciador sufoca meu poder. Sufoca a mim. Eles podem fazer mais do que apenas extirpar um poder, transformando um Notável em um mero Comum. Eles podem incapacitar. A mente, a habilidade, o corpo.

Minha visão fica turva, e vejo manchas atravessando meus olhos.

Lute.

Não consigo. Vou desmaiar. Morrer. As duas coisas. E não posso fazer nada para impedir.

Lute. Já.

Caio no chão, a cabeça batendo nas pedras.

Se meu pai pudesse me ver agora...

Estou desmaiando rapidamente. Mesmo com todo o treinamento, nunca me senti tão sem força, sem poder, sem controle. Olho uma última vez para o homem que esgota minhas forças. Não tinha percebido que havíamos atraído uma pequena multidão, até que vejo rostos flutuando na minha vista.

Eles não fazem ideia de quem eu sou.

Uma plateia ignorante me vendo afundar na escuridão.

Ou pior: talvez eles saibam. Talvez estejam até comemorando a visão do monstro finalmente sendo derrotado, arrancado do sofrimento.

E então algo atrai o meu olhar.

Pisco, tentando focar por tempo suficiente para ver algo que brilha na luz atrás do Silenciador: o sol refletindo nos cabelos prateados.



CAPÍTULO 7



Daedyn

Adena vai desmaiar com o choque. Depois vai gritar e eu vou cobrir as orelhas. Nunca roubei tantas moedas de uma única pessoa. Não que tenha tido oportunidade, já que a maioria de nós, na Alameda dos Larápios, não tem mais do que uma dúzia de moedas de prata, e muito menos sai andando por aí com elas.

Minha mente está um turbilhão enquanto volto a passos curtos para a rua, agora envolta em sombras enquanto o sol se põe atrás das ruínas das construções.

Balanço a cabeça, atônita, e demoro um tempo andando pela feira, me permitindo admirar meu feito. Vários comerciantes já estão desmontando as barracas, encerrando o trabalho do dia. Crianças correm, perseguindo umas às outras, ganhando olhares raivosos e gritos dos fregueses restantes.

Atravesso um beco perto daquele onde roubei o rapaz desavisado e começo a voltar para o Forte.

Mal posso esperar para ver a cara da Ade...

Paro de repente, vendo uma pequena multidão mais adiante na rua.

Deve ser um Véu.

Não é surpresa que o poder de invisibilidade possa ajudar alguém em um truque de ilusionismo, já que é possível usá-lo para fazer cartas desaparecerem ao simplesmente segurá-las. Admiro os showzinhos enganosos que os Véus fazem para ganhar alguns xelins.

Estou quase indo na direção contrária quando ouço arquejos vindo da multidão, ecoando nas construções meio desmoronadas. Não são as típicas exclamações provocadas pelos truques de magia, mas sons assombrados de choque e surpresa. Quando a curiosidade me domina, acabo atrás do emaranhado de pessoas, abrindo caminho entre corpos suados e indo até a frente da multidão. Quando levanto os olhos para a cena diante de mim, levo a mão à boca, ofegante.

É ele.

Eu o vi há menos de dez minutos, mas agora sua camisa está grudada no corpo suado enquanto ele se prepara para acertar o homem caído com um punho flamejante. Outros três corpos estão dispostos nas pedras do calçamento atrás dele, levantando-se devagar antes de se afastarem cambaleando.

Está claro o que aconteceu: esses homens tiveram a mesma ideia que eu depois de verem a bolsa de dinheiro. Mas escolheram um modo muito mais violento de conseguir as moedas — bom, o que restava delas.

Vejo o estranho dizer algo ao homem antes de levantar o punho em chamas, pronto para golpear.

E então, de repente, alguma coisa dá terrivelmente errado.

Ele está segurando a cabeça, e eu vejo sua expressão presunçosa se transformar em pura agonia quando uma figura sai das sombras. Só consigo ver as costas do sujeito, mas é alto e esguio, levantando a mão magra para o estranho que ofega de dor no chão do beco.

Impossível.

A multidão ao redor parece tão confusa e espantada como eu. Com as mãos ainda estendidas, o Silenciador dá passos curtos na direção da figura de cabelos pretos, agora caída no chão.

Está mutilando o poder dele. Está mutilando *ele*.

Vejo que o rapaz ainda está tentando lutar, se agarrar à consciência. De repente, a visão é tão espantosamente familiar, tão nauseante, que quase tropeço no homem ao meu lado.

Esse estranho e o homem que me criou não se parecem nem um pouco, e, no entanto, a imagem de um parece se fundir com a do outro. De repente, me sinto como aquela menininha de novo, de pé, sem fazer nada, enquanto meu pai morria diante de mim.

Olho em volta para a multidão boquiaberta. Ninguém se mexe. Mesmo com seus poderes chiques, todos sentem medo demais ou são insensíveis demais para ajudar.

Sei como isso vai acabar. Já vivi isso.

Quando olho de volta para o estranho, é meu pai que vejo. Respirando fundo, dou um passo à frente.

Não vou ficar parada de novo. Eu não pude salvar meu pai, mas vou honrá-lo salvando alguém do mesmo sofrimento pelo qual ele passou.

Provavelmente vou me arrepender disso.

Chego à frente da multidão e começo a me esgueirar atrás do Silenciador. Quase consigo sentir a atenção dos observadores se voltar para mim, me olhando em silêncio. Agachada no encalço do homem, vejo uma pedra grande e solta no chão e a pego.

É agora ou nunca.

Fico de pé e levanto a pedra em silêncio, pretendendo acertá-la bem no crânio do Silenciador.

Não tenho essa sorte.

Ele se vira, os olhos pretos vidrados nos meus. Com a atenção voltada para mim, seu domínio sobre o estranho se interrompe e eu o escuto ofegando no chão, tentando respirar.

O Silenciador vira a mão esguia para mim, com o cabelo na altura dos ombros balançando na brisa. Está tentando me Silenciar.

Quase sorrio. Ele não terá essa sorte.

Nada acontece, claro, já que não tenho um poder para ser sufocado. Ele olha para a própria mão, depois para mim, confuso. A visão é quase cômica, e aquele segundo de hesitação é tudo de que eu preciso.

Agarro o pulso dele e torço seu braço em um ângulo desconfortável antes de dar uma joelhada na sua barriga. Ouço o ar sair com força dos seus pulmões enquanto ele aperta o braço junto ao corpo. Com isso, sinto uma descarga de adrenalina e fico pronta para lutar.

Isso me lembra de todas as noites e madrugadas com meu pai. Horas de treinamento no ringue de terra improvisado atrás da nossa casa.

Tanto sua mente quanto seu corpo precisam ser treinados. Condicionados, dizia ele enquanto eu me esquivava dos seus socos, o tempo todo respondendo às dezenas de perguntas feitas para testar minha atenção. Eu usava qualquer arma em que pudesse pôr as mãos enquanto meu pai treinava cada parte do meu ser: minha mente, meu corpo, minha habilidade *Psíquica*.

Até que, um dia, ele não estava mais lá para me treinar. Não estava mais lá para me proteger. Não estava mais lá para me ensinar como me proteger.

O Silenciador se recupera rapidamente e me dá um soco com o braço bom, me arrancando dos meus pensamentos. Eu me esquivo e acerto um gancho de direita no queixo dele. Ele levanta o antebraço para bloquear meu soco, forçando meu braço para baixo antes de agarrá-lo e me girar, de modo que minhas costas ficam comprimidas contra seu peito. E então seu outro braço está me prendendo em um mata-leão.

Fico ofegante, tentando permanecer calma. Luto contra a vontade de agarrar inutilmente o braço que esmaga minha traqueia e, em vez disso, dou uma cabeçada para trás, acertando o crânio no nariz dele e ouvindo um estalo repugnante seguido pelo som de sangue gorgolejando.

Sangue.

Havia sangue demais no chão da nossa casinha entre a Rua dos Mercadores e a Rua dos Olmos. Sangue em mim, sangue em meu pai. Nunca mais voltei lá, desde a noite em que fugi. Desde a noite em que o

rei enfiou uma espada no peito do meu pai.

O aperto do Silenciador no meu pescoço se afrouxa enquanto ele cambaleia para trás, segurando o nariz. Mas ainda não terminei. Nem de longe.

Tiro a aliança do polegar e a enfio no dedo médio antes de acertar o punho em sua bochecha, ignorando a ardência na mão. Baixando as mãos do nariz que esguicha sangue, ele tenta me acertar de novo, mas eu já estou preparada.

Ele sempre dá um passo com o pé esquerdo antes de golpear.

Bloqueio o soco, agarro seus ombros e dou outra joelhada no seu estômago. Antes mesmo que ele recupere o fôlego, estou segurando sua cabeça, puxando o nariz já quebrado contra o meu joelho.

Canalizo toda a minha fúria em cada golpe.

A fúria contra o rei que entrou no gabinete do meu pai, onde estava sentado em sua poltrona acolchoada, lendo até tarde da noite.

Um gancho de direita no queixo do Silenciador.

A fúria de lembrar do grito do meu pai quando a espada atravessou seu peito, me arrancando do sono.

Um chute na virilha do Silenciador.

A fúria de ter visto meu pai deslizando da sua amada poltrona e caindo no chão, escorregando no próprio sangue.

Um golpe com a perna em um arco amplo para derrubar o Silenciador no chão.

A fúria de ter segurado a mão do meu pai, gritando e implorando que ele acordasse, e de ter ficado sentada ali a noite toda, as calças encharcadas de sangue, tentando entender o que poderia justificar sua morte — mas o rei não precisa de um motivo para matar, só precisa de um motivo para deixar as pessoas *viverem*.

Espanco o Silenciador, praticamente sem perceber o que estou fazendo, enquanto minha mente dá voltas.

Naquele dia, eu estava entorpecida. Apertava a mão fria do meu pai, segurando-a enquanto me balançava para a frente e para trás, com soluços sacudindo o meu corpo. Afastei seus cabelos castanhos de cima dos olhos, ajeitei suas roupas ensanguentadas e sussurrei todas as lembranças que compartilhamos, implorando que ele voltasse para mim para podermos criar outras.

Eu estava completamente e absolutamente sozinha no mundo.

E então, quando a luz do sol atravessou as janelas, iluminando o horror daquela cena, não suportei mais estar na minha própria casa — não que eu pudesse me dar ao luxo de mantê-la com apenas treze anos.

Tentei enterrá-lo. Esforcei-me para arrastá-lo para fora e lhe dar uma

despedida adequada, com a honra que ele merecia. Mas eu era pequena demais e ele era grande demais, pesado demais, *morto* demais. Escorreguei e deslizei na poça de sangue do meu pai, incapaz de mover seu corpo. Então, tirei a aliança de casamento do seu dedo, enfiei no meu polegar e saí correndo.

A mesma aliança que uso agora para acertar o rosto do Silenciador.

Se meu pai pudesse me ver agora...

Paro acima dele, a fúria finalmente começando a se dissipar enquanto seus olhos pretos se arregalam. O sangue escorre pelo seu rosto, jorrando da boca, do nariz e dos outros cortes espalhados que provoquei. Tiro a adaga da bota e vejo alguma coisa brilhar nos olhos dele.

Medo.

Ele teme o que não pode controlar.

E, neste momento, a coisa que ele não pode controlar sou *eu*.

Acerto o punho da adaga com força na têmpora dele, fazendo-o apagar. Ainda agachada, viro o rosto e meu olhar encontra os olhos cinzas fixados em mim. Emoções lampejam no rosto do estranho enquanto ele me encara, observando o que eu fiz. Desvio os olhos, guardando a faca na bota, e ouço os murmúrios atônitos que brotam da multidão. É então que me dou conta de que comerciantes, mulheres e crianças observam a cena, apontando e sussurrando. De repente, três Imperiais atravessam o mar de gente, abrindo caminho aos empurrões.

Fico rígida, preparada para algum tipo de castigo. Talvez mais algumas chicotadas para enfeitar minhas costas.

Mas eles passam direto por mim, depois pelo Silenciador inconsciente, e se ajoelham ao lado do estranho.

Bom, isso é... interessante.

E, pelo jeito, não sou a única a achar isso. O zumbido dos sussurros na multidão fica mais alto, permitindo que eu capte pedaços das conversas em voz baixa.

— ... Silenciador aqui em Ilya...

— ... é o príncipe Kai, que lutou com quatro homens...

— ... lutou contra o Silenciador sem usar nenhum poder!

Congelo, com o coração martelando, mal conseguindo respirar.

Príncipe Kai.

Eu nunca tinha visto o sujeito. Nunca achei que veria.

Nunca achei que o roubaria.

Mas já ouvi o suficiente sobre sua reputação. Sobre como ele é supostamente o Notável mais forte em décadas, o futuro Executor, treinado e calculista, mas ao mesmo tempo carismático e charmoso quando quer — quando opta por representar esse papel.

Ouvi dizer que é um Portador raro e poderoso, capaz de sentir o poder dos outros e usá-lo, desde que a pessoa esteja suficientemente perto.

O Disseminador da Morte, é como o chamam.

Em geral, o príncipe permanece no conforto do seu palácio aconchegante, por isso é provável que ninguém tenha reconhecido que o estranho era alguém importante. E, quando ele sai do castelo, bom, as pessoas que ele visita não costumam sobreviver para contar a história.

Viro lentamente na direção dos Imperiais amontoados em volta do príncipe e o vejo passar por eles, irritado com a atitude sufocante dos guardas. Ele rosna uma ordem, dizendo para levarem o Silenciador até as masmorras e tirarem a multidão da rua. O príncipe exala autoridade e poder a cada passo, a cada palavra. Os Imperiais se apressam em obedecer e guiam o amontoado de pessoas, empurrando todo mundo de volta para a Alameda dos Larápios.

O olhar dele encontra o meu.

Mesmo com os diversos ferimentos, ele anda com o passo firme na minha direção, obrigando-se a não mancar. Um predador avançando sobre a presa.

E essa é a minha deixa.

Tento me enfiar na multidão sem ser vista, esperando ser levada pela correnteza de corpos. Esperando que ele esqueça que eu o salvei e me deixe ir embora discretamente.

Não tenho essa sorte.

Uma mão calejada segura meu braço antes de me girar e me prender contra a parede do beco. Ele aperta meus dois pulsos contra os tijolos com força e se inclina para mim.

Tento me soltar, mas ele não cede. Não sei bem o que eu esperava que ele fizesse, mas certamente não era isso. Talvez um agradecimento educado em vez de um interrogatório contra uma parede suja.

Eu jamais o teria salvado se soubesse quem ele era. O que ele é. O que ele faz. Bufo, irritada, soprando o cabelo prateado nos meus olhos para me esconder de seu olhar intenso.

— É assim que você trata todas as pessoas que salvam sua vida ou isso é uma coisa nova para você? — Pronuncio as palavras com os dentes trincados, imitando as que ele me disse.

— Não sei, já que ninguém nunca me salvou antes.

Vejo a sombra de um sorriso no rosto dele, o que destaca aquela covinha irritante.

— Bom, me deixe educar você, então. Quando alguém salva sua vida, basta um agradecimento gentil.

— Talvez — sussurra ele, e se inclina para mais perto —, mas não para alguém que me rouba.

Acho que meu coração para de bater.

O príncipe sabe que eu o roubei. O príncipe. O futuro Executor. O Disseminador da Morte.

Pela Peste, estou morta.

Mas meu medo é substituído rapidamente por uma emoção muito mais bem-vinda: raiva. Raiva de mim mesma por ter socorrido o príncipe que mata como se fosse só mais uma coisa em sua lista de tarefas diárias e concede os desejos do pai como se ele fosse a única pessoa que importa. Raiva por *não* achá-lo repulsivo, já que o próprio reino ao qual ele é tão leal me deixa nauseada com seus valores e crenças deturpados. Ele é o futuro Executor, o carrasco de inocentes, de Comuns, de *pessoas como eu*.

Sentindo-me imprudente e até mesmo incentivada por ter a morte a apenas um suspiro de distância, digo:

— Então ele é bonito *e* tem um cérebro. As mulheres devem adorar. — O sorriso que abro não é nem um pouco doce. — Sabe, você daria um bom ladrão, se não fosse o fato de ter sido tão facilmente enganado por uma ladra.

Ele está sorrindo. Achando divertido. Arrogante, como sempre.

— Você sabe com quem está falando, não sabe?

— Com um babaca metido a besta? — pergunto inocentemente, mas me arrependo logo em seguida.

Realmente estou pedindo para morrer.

Para minha surpresa, ele inclina a cabeça para trás e solta uma gargalhada autêntica, um som intenso como o chocolate que às vezes eu roubo e profundo como o Mar dos Baixios.

— Já fui chamado de coisa pior — murmura, depois de se recompor, as mãos ainda prendendo meus pulsos. Depois a diversão desaparece dos seus olhos, substituída rapidamente por uma frieza analítica. — Apesar de você ter me roubado, acho que devo agradecer por sua ajuda.

Quase rio disso. Pelo jeito, salvar a vida dele é comparável a simplesmente *ajudar*.

— Mas estou curioso para saber por que o Silenciador não conseguiu sufocar o seu poder — continua ele. — E também por que não sinto nenhum vindo de você.

O príncipe está me encarando como fez no beco, quando roubei seu dinheiro. Como se eu fosse um quebra-cabeça.

Pisco quando a percepção me acerta com uma pancada violenta.

O príncipe tem a capacidade rara de sentir o poder de outra pessoa e

usá-lo...

Ele tentou sentir meu poder no beco. E descobriu que não havia nenhum.

Pela Peste, estou morta.

Olho para ele, tentando esconder meu medo apesar dos pensamentos frenéticos. Dou de ombros, tensa, esperando que o ato pareça muito mais casual do que parece.

— Sou uma Trivial. Uma Psíquica.

— Uma Psíquica — repete ele, com a incredulidade pingando de cada palavra. — Diga-me, o que você consegue fazer? — Ele faz uma pausa. Dá de ombros. — Eu nunca tinha conhecido uma Psíquica. Digamos que estou curioso.

Engulo o impulso de soltar um riso histérico. O futuro Executor não está curioso; ele está calculando. Mas deve estar se divertindo muito comigo, caso contrário eu já estaria morta.

— Meu poder é uma espécie de... *sentido* — digo com facilidade, recitando a fala ensaiada. — Só consigo sentir emoções fortes vindas dos outros, e por causa disso acabo captando lampejos de informação.

Olho nos olhos dele, desejando que acredite. Esperando que aceite a resposta e siga com sua vida. Esperando que *me* deixe seguir com minha vida.

Ele parece estar lutando contra um sorriso.

— É mesmo?

— É, é mesmo — devolvo. — Por que não seria?

Seus olhos me percorrem de um lado para o outro, me examinando por um longo momento.

— Então por que não consigo sentir nem usar o seu poder?

Engulo em seco, tentando disfarçar minha luta para inventar uma mentira plausível.

— Minha habilidade é imprevisível. Nem eu mesma consigo controlar o que vejo ou quando vejo. Deve ser por isso que você e o Silenciador não conseguem captar meu poder, além do fato de que ele é pequeno. É uma habilidade mental. — Dou de ombros. — Talvez eu seja capaz de proteger minha cabeça contra as pessoas que tentam adentrá-la.

Prendo o fôlego, esperando pela resposta.

Mas não recebo resposta alguma. Ele simplesmente fica parado, me encarando. Irritada, digo bruscamente:

— Vai. Pode perguntar a qualquer um na favela sobre mim e meu poder. — Inclino-me ligeiramente na direção dele. — Melhor ainda, pode perguntar aos seus Imperiais. Eu tive uma conversa maravilhosa com um deles hoje de manhã.

Os olhos do príncipe se estreitam um pouquinho antes de ele soltar lentamente meus pulsos e dar um passo para trás.

— Talvez eu faça isso. — E então o babaca sorri. — Mas, mesmo assim, gostaria de ver pessoalmente essa sua habilidade Psíquica. Prove.

Se eu ganhasse um xelim para cada vez que alguém me dissesse essas palavras, eu nem precisaria mais me dar ao trabalho de roubar. Ele cruza os braços diante do peito largo, com as sobrelanceias erguidas em expectativa.

— Pode me ler. Ou seja lá o que você diz que faz. — Ele se inclina para mais perto, os olhos brilhando com diversão. — Surpreenda-me, meu bem.

— Meu poder não é um truque de festa para te divertir, mas vou entrar no jogo, *príncipe*. — Abro um sorriso sarcástico e deixo meu olhar percorrer seu corpo. — Nem sei se vou conseguir captar alguma coisa, minha habilidade é imprevisível demais.

— É mesmo?

Ignoro o tom de deboche na pergunta que ele insiste em repetir e penso nos calos nas palmas das mãos e nas dezenas de cicatrizes que marcam os braços do príncipe.

Bom, obviamente ele é um lutador. Não é necessário ser Psíquica para deduzir isso.

Sei que preciso lhe dizer alguma coisa que valha a pena, algo em que ele possa acreditar. Algo que me dê esperança de sobreviver a essa conversa. Senão, ele vai me matar sem pensar duas vezes, simplesmente pela suspeita de eu ser uma Comum.

— Posso ver sua mão?

As palavras são uma exigência disfarçada de pergunta. Estendo a minha, hesitante, o olhar indo do rosto dele à mão que está ao lado do corpo. Para o príncipe, só servirá a melhor atuação.

A expressão dele está irritantemente neutra, jamais afastando os olhos dos meus enquanto coloca a mão sobre a minha.

— Sabe, eu nunca conheci um ladrão com bons modos. E aparentemente você não é exceção.

Bufo ao ouvir isso e abaixo a cabeça, direcionando a atenção para a mão grande e calejada na minha.

— Há algum motivo para você insistir em segurar minha mão? — questiona ele.

Decido encarar seus olhos frios.

— Não se preocupe, vou tentar resistir à vontade de beijá-la, príncipe.

Meu olhar examina os nós dos dedos dele enquanto seu riso me envolve. Estão vermelhos e em carne viva, não somente por causa desta

luta, mas também da anterior. O sangue escorre das feridas reabertas, ainda que ele nem pareça se incomodar.

— Você esteve em uma luta — começo. — E...

A risada dele me interrompe.

— Eu disse para você me impressionar, não declarar o óbvio.

— Não estou falando *desta* luta, de agora — digo com um suspiro, largando a mão dele para fazer um gesto indicando o local onde estamos enquanto controlo o impulso de lhe dar um soco para arrancar aquele sorriso idiota da sua cara. — Estou falando da luta *antes* desta.

Observo-o atentamente, percebendo que nada na sua expressão indica se estou certa ou errada.

Pela Peste, ele não vai facilitar isso para mim.

Meu olhar baixa rapidamente para os seus sapatos. Assim, de perto, não parecem tão brilhantes como eu tinha pensado ao vê-lo andando na Alameda. Na verdade, não parecem nem um pouco brilhantes.

Areia.

Seus sapatos pretos, que já haviam sido engraxados, estão com uma fina camada de areia, praticamente invisível. Como se ele tivesse andado pelo...

Deserto Escaldante.

E só há um motivo para um príncipe, especialmente o futuro Executor, pôr os pés no Deserto Escaldante.

Ele baniu alguém. E esse mesmo alguém resistiu.

Isso me lembra dos dois Imperiais que não estavam no turno de serviço hoje, e tudo começa a se encaixar.

O príncipe precisa de guardas para levar prisioneiros até o Deserto Escaldante. Uma sensação de triunfo começa a brotar no meu peito, mas eu a esmago. Algo não está certo.

Normalmente, a cidade ficaria fofocando por dias sobre quem foi banido e por quê. Os *criminosos* seriam obrigados a desfilar pela Alameda, arrastando uma multidão para vê-los caminhar em direção à morte. Mas não ouvi nem uma palavra sobre isso. Estranho, considerando que geralmente há um alarde sobre os banimentos, usados como exemplos para alertar a todos sobre o que acontece quando alguém desrespeita as ordens do rei.

Ele não queria que soubessem.

Em questão de segundos, tenho toda a informação de que preciso.

— Você esteve em algum lugar... quente. Com areia. — Fecho os olhos com força antes de acrescentar. — No Deserto Escaldante. — Olho-o e descubro seu olhar examinando meu rosto. — Você baniu alguém. Ou... um grupo de pessoas. — Diante disso, ele enrijece

ligeiramente. Vejo uma rachadura em sua fachada tranquila. E, somente com essa pequena reação, ele confirmou que estou certa.

E que eu não deveria saber disso.

— Mas... — Faço uma pausa. — Você não quer que ninguém saiba, não é?

Não consigo esconder um sorrisinho enquanto ele me espia, parecendo ao mesmo tempo impressionado e confuso. Ele pergunta em voz baixa:

— E a partir de qual emoção você está sentindo tudo isso?

Solto a respiração antes de tentar adivinhar o que o futuro Executor pode estar sentindo, se é que o sujeito tem alguma emoção.

— Seria... culpa? Preocupação? — Diante disso, ele parece paralisar, me dando uma confirmação silenciosa de que devo estar certa pelo menos em parte. — Isso é *prova* suficiente para o senhor?

Tenho plena consciência do jogo perigoso que estou conduzindo. E, no entanto, parece que não consigo afastar os sentimentos de ódio por ele e por tudo o que representa.

Mas o risinho que levanta os cantos dos lábios do príncipe me diz que ele também está gostando do jogo.

— O suficiente. — Ele suspira, enfiando as mãos nos bolsos. — Bom, como você teve a gentileza de observar antes, eu deveria lhe agradecer mais uma vez por me ajudar, meu bem.

— Paedyn. — Ele me olha com aqueles olhos escuros, interrogativo. — Meu nome é Paedyn, e não *meu bem*.

— Paedyn — repete ele, com um pequeno sorriso, testando a palavra. Sua voz grave faz meu nome parecer intenso, majestoso, como se eu é que tivesse sangue real bombeando nas veias.

Ficamos nos encarando por um momento, seus olhos de gelo examinando meu rosto ruborizado sem ajudar a esfriá-lo.

— Sabe, eu posso te dar outra ideia sobre como agradecer a alguém por salvar sua vida. — Faço uma pausa, suprimindo um sorriso. — Pagando sua dívida.

Ele inclina a cabeça para trás e dá um sorriso sombrio.

— Você não pegou moedas suficientes quando me roubou na primeira vez? — Dou de ombros enquanto ele continua, frio: — Preciso lembrar que você disse que bastaria um simples agradecimento?

— É, *bastaria*. Mas não seria satisfatório. E, bom, isso também foi antes de eu saber quem você era.

Ele começa a recuar ao mesmo tempo em que enfia a mão na bolsa para pegar uma moeda. Com um movimento rápido, ele a atira na minha direção. Mal tenho tempo de estender a mão e pegá-la enquanto ele diz:

— É para você se lembrar de mim.

Ele já está a vários passos de distância, mas seus olhos continuam fixos na minha direção.

— Ah, e, meu bem...

— *Paedyn*.

— Você estava certa.

Ele dá mais um passo para trás.

Solto um suspiro.

— Não sei nem se eu deveria escutar o que você tem a dizer, já que nem usa o meu nome, que é...

— *Paedyn*. — O som saindo dos lábios dele me interrompe. — As mulheres realmente me amam.

E, com uma piscadela, ele se vira e sai do beco.



CAPÍTULO 8



Daedyn

—  Que. Pela. Peste. Aconteceu?!

Adena me sacode vigorosamente pelos ombros, fazendo meus dentes baterem. Assim que voltei ao Forte, confusa com os acontecimentos do dia e muito contente em poder ir dormir direto, Adena pulou em cima de mim exigindo saber cada detalhe.

— O quê? Como foi que você...?

Estou me enrolando com as palavras, sem saber como Adena descobriu que o dia de hoje foi diferente dos cem anteriores. Ela me interrompe, os olhos arregalados de empolgação e perguntas não respondidas.

— Só se fala nisso! Está o maior burburinho na feira sobre a garota de cabelos prateados que lutou contra um *Silenciador*!

Encaro-a, atônita. Ela continua, as palavras rápidas e ofegantes:

— E o *príncipe*? — Adena praticamente berra. — Você salvou o *príncipe*?

— Bom, parece que ele não quer admitir, mas, sim, eu salvei a pele do príncipe. — Dessa vez, ela grita de verdade, e acrescento: — Mas só depois de roubar o dinheiro dele.

A boca de Adena se escancara. É um gesto tão dramático que não consigo evitar uma gargalhada.

— Você fez o *quê*?

— Em minha defesa — digo, com as mãos levantadas em inocência —, eu não sabia que era ele.

— Pae, o príncipe... — A preocupação preenche o olhar de Adena e ela pisca mais ou menos uma dúzia de vezes antes de dizer: — Ele é um Portador. Ele conseguiu... conseguiu sentir que você não tinha um poder?

Interrompo antes que ela possa ficar ainda mais pálida, explicando rapidamente os acontecimentos da última hora. Os olhos de Adena estão

arregalados, os cachos dos cabelos grudando nos cílios enquanto a coloco a par de tudo, desde o roubo do príncipe até a luta contra o Silenciador, chegando até a mentira que inventei para o futuro Executor. Conversamos em voz baixa até que as sombras do beco ficam cobertas pela escuridão da noite.

— Tudo bem, mas ele é mesmo bonito como todo mundo diz?

Reajo com um olhar desinteressado que duvido que ela possa ver, mas sei que pode sentir.

— *Essa é a pergunta que você está doida para fazer depois de tudo o que eu te contei?*

— Isso não é uma resposta — responde, cantarolando.

Em seguida, me deito nos tapetes ásperos, sufocando o gemido com um cobertor que arranha a pele. Minha opção de permanecer em silêncio diz tudo o que ela quer saber.

Ela solta um gritinho, e dessa vez sou eu que a sufoco com um cobertor.



O alvorecer se esgueira sobre os telhados e eu faço o mesmo logo abaixo, andando silenciosamente pelas ruas.

Absorvida pelo caos absoluto que toma as manhãs na Alameda dos Larápios, não costumo achar difícil andar despercebida enquanto tiro relógios dos pulsos dos compradores ou moedas de bolsos não vigiados.

Mas não hoje.

Hoje não estou invisível. O pior pesadelo de um ladrão.

Olhares. Dezenas de olhares, todos mirando em mim enquanto passo. Ouço as pessoas sussurrando umas com as outras, apontando boquiabertas.

Algumas, pasmas, batem palmas enquanto ando pelo corredor formado pelas carroças dos comerciantes. Há vários rostos familiares na multidão, já que cresci cercada por essas mesmas pessoas e sobrevivi junto delas. *Amigo* é uma palavra forte demais para qualquer um que não seja Adena, mas venho construindo há anos minha reputação de Psíquica, conquistando respeito e testemunhas das minhas habilidades.

O caminho parece se abrir para mim, deixando filas de observadores de cada lado.

— A Paladina Prateada — ouço um homem sussurrar, antes que outras pessoas ecoem suas palavras.

Paro, quase tropeçando quando meus pés parecem congelar no lugar. Ali, antes escondido da minha visão pelas ruínas das construções, há

outro estandarte, agora totalmente à vista.

**O povo de Ilya escolheu
Estes são seus competidores para a sexta edição
das Provas do Expurgo:
Kai Azer
Andrea Vos
Jax Shields
Blair Archer
Ace Elway
Braxton Hale
Hera Colt
Sadie Knox**

Meu olhar percorre rapidamente a lista de nomes. E então meu coração parece parar de bater por um segundo. Talvez vários.

Porque o último nome, escrito em letras grandes para todos verem, é familiar demais.

Paedyn Gray



CAPÍTULO 9



Kai

O sangue escorre da minha camisa. Parte dele é meu, mas a maior parte é do Silenciador — como ainda preciso chamá-lo, já que o desgraçado se recusa até mesmo a revelar algo insignificante como seu nome. Independentemente do quão *persuasivos* meus meios possam ser.

Resumindo: estou torturando o sujeito há horas. Não saímos da estaca zero e minha pequena reserva de paciência já não existe mais. Estou irritantemente surpreso com a quantidade de tortura que esse sujeito consegue tolerar, mas acho que a dor se torna uma coisa familiar quando a infligimos continuamente aos outros. Você se torna indiferente a ela.

O Silenciador e eu estamos cada vez mais parecidos.

As masmorras embaixo do castelo são escuras, sujas e assoladas pela morte — muito diferentes do castelo luminoso e exuberante lá em cima. As celas se enfileiram junto às paredes, algumas com prisioneiros, algumas com os restos mortais dos prisioneiros anteriores.

Os Abafadores que foram cada uma dessas celas são o único motivo para eu ainda estar diante do prisioneiro, infligindo meu próprio tipo de dor inimaginável. Como esse material foi criado com a ajuda de Silenciadores antes do Expurgo, ele se tornou extremamente raro, obrigando o rei a acumulá-lo. Os Eruditos usaram Transmissores, com sua habilidade de adicionar poder aos objetos, para injetar a força esmagadora dos Silenciadores em materiais, criando Abafadores. No correr das décadas, esse suprimento limitado foi usado para fazer celas, algemas e escudos em volta das arquibancadas da Arena Esférica.

Além da cela forrada de Abafadores, também estou acompanhado pelo leal Silenciador do meu pai. Porque, por mais irônico que seja, Silenciadores podem silenciar uns aos outros, presumindo que um deles seja mais forte. Assim, eu trabalho enquanto um solene Silenciador observa e outro grita aos meus pés.

Sem a proteção oferecida pelo Abafador e pelo Silenciador, eu provavelmente estaria rolando no chão, em agonia. De novo. Não

consigo parar de reviver a cena mentalmente, me lembrando da dor que parecia partir meu crânio. Da impotência absoluta que senti quando estava no chão, completamente à mercê de um simples homem.

Mas então ela apareceu.

Paedyn.

Uma Trivial. Uma Psíquica, uma lutadora, uma ladra. E, no entanto, a única pessoa disposta a me ajudar, por algum motivo. A única pessoa *capaz* de me ajudar.

Ou, pelo menos, é o que ela diz.

Embora eu esteja cético, a demonstração dela foi impressionante. Ela não deveria saber sobre o Deserto Escaldante, o banimento, a luta — nada disso. E, como não sei absolutamente nada sobre os Psíquicos e nunca nem encontrei um, não posso exatamente provar que ela estava mentindo. Existem diversos poderes que ainda não testemunhei, considerando que meu treinamento consistiu principalmente de habilidades Ofensivas. Meu pai se certificou de que eu jamais desperdiçasse meu tempo me rebaixando a ponto de aprender os poderes dos Notáveis inferiores.

Mas, mesmo envolto na minha névoa de dor, os vislumbres que tive da luta dela foram cativantes. *Ela* foi cativante. Sim, ela era habilidosa, mas o que mais me intrigou foi a emoção transmitida em cada golpe, o ardor acumulado em cada soco, a fúria que ela exalava.

Olho uma última vez para o homem ensanguentado caído no canto da cela antes de me virar para o Silenciador do meu pai.

— Terminei aqui, Damion. Pode ir.

Enxugando o sangue das mãos na minha camisa já sangrenta, saio da cela e, sob os olhares dos prisioneiros, sigo pelo longo corredor que leva à saída da masmorra. Subo a escada de pedra até o andar principal do palácio e cumprimento com a cabeça os Imperiais postados junto à pesada porta de metal, no topo.

O rei estará esperando uma atualização sobre o que consegui descobrir no interrogatório, o que, por acaso, é absolutamente nada. Tento me preparar para a conversa desagradável que me aguarda.

Cedo demais, meus pés encontram o tapete gasto que cobre o chão do seu gabinete, vítima de muitos anos de pisadas. Meu olhar percorre a grande mesa e as cadeiras acolchoadas antes de pousar nas duas figuras sentadas perto da lareira de pedra.

O alívio me invade ao ver meu irmão. Seu cabelo loiro está revoltado, como se tivesse bagunçado as mechas durante horas, refletindo a aparência caótica do meu pai.

— Bom, alguém esteve... brincando com o prisioneiro por bastante

tempo.

O tom de Kitt é sombrio, mas seus olhos se iluminam ao me ver.

Suspiro antes de me acomodar no meu assento almofadado de sempre, ao lado do meu pai. Colocando um tornozelo sobre o joelho, confesso, em tom casual:

— E, depois de todo esse tempo, seria de esperar que eu tivesse descoberto alguma coisa útil.

O som da pilha de papéis do meu pai batendo na mesa é um som que passei a associar com a decepção.

— Qual é o problema?

— Ele está sendo... — Faço uma pausa, procurando a palavra certa.

— Difícil.

É a melhor justificativa em que consigo pensar, o que provoca um ruído de escárnio de Kitt.

Meu pai parece achar menos divertido. Na verdade, não parece achar nem um pouco engraçado. Ele nunca acha, quando se trata de mim.

— Então torne-o *menos* difícil, Kai. — Ele aperta o topo do nariz com a ponta dos dedos e fecha os olhos. O gesto o faz parecer mais velho, mais cansado. — Faça com que ele fale ou mate-o. Não tenho intenção de manter o Silenciador vivo se ele não tiver algo a nos oferecer.

Olho para Kitt, para seu rosto sério, desprovido da expressão divertida de sempre, enquanto ele observa meu pai. Quando o rei está aflito, Kitt está desolado.

— É a porcaria da Resistência — resmunga meu pai, com a mão baixando do rosto e revelando uma careta.

— O senhor acredita mesmo que esse Silenciador faz parte da Resistência? — pergunta Kitt, com a preocupação estampada no franzir do cenho.

— Por que outro motivo ele tentaria atacar um príncipe? Um filho meu? — O rei balança a cabeça, olhando inexpressivo para as chamas na lareira. — Estão tentando me atacar de todas as formas que puderem. Eu achava que tinha cuidado deles. Expurgado os Fatais, de modo que não pudessem nos prejudicar, nos dominar. — Ele respira fundo antes de continuar: — Pelo jeito, eu estava errado. Restam alguns, que se juntaram a *eles*. Precisamos pôr um fim nessa pequena *Resistência*.

Meu pai faz uma pausa para engolir o resto do álcool em seu copo.

— Eles podem querer que os Comuns vivam. Mas, ao fazer isso, a raça e o poder dos Notáveis acabarão *morrendo*. Livrar meu reino dos Comuns é um sacrifício que deve ser feito pelo bem do povo. Mas eles são *egoístas* demais para enxergar isso. — Seu olhar se intensifica quando se volta para mim. — Kai, faça com que esse Silenciador deseje estar

morto antes de conceder a ele essa misericórdia.

— Ah, eu já estava planejando isso, pai.



Estou encharcado de suor.

O que não é incomum quando treino.

Tirei a camisa ensanguentada há muito tempo e o sol bate nas minhas costas enquanto Kitt e eu giramos um ao redor do outro em um dos círculos de treinamento aterrado. Passamos pela rotina normal, avaliando um ao outro e falando bobagens antes de finalmente fazer algum movimento de luta. A familiaridade me acalma, alivia minha mente inquieta, pelo menos por enquanto.

Dançamos no círculo, as espadas brilhando, e rimos quando lhe faço um corte pequeno na bochecha com a ponta afiada da minha lâmina, um ato que ele devolve com a mesma habilidade. Logo as espadas são descartadas, substituídas pelos nossos poderes. Kitt acerta facilmente os alvos com bolas de fogo antes de jogar água na madeira queimando. Eu, por outro lado, percebo que estou indeciso e agitado: uma combinação terrível. Analiso as habilidades das pessoas ao redor, tentando escolher uma. Os círculos estão cheios de Notáveis, todos imundos e cansados das lutas. Salto do poder de um Relâmpago para o de um Véu, então mudo para um Concha, apesar de nunca ter gostado muito da sensação da pele virando pedra.

Parece que não consigo me concentrar, e isso só me deixa mais frustrado.

Ouço um *umuf* vindo de trás antes de sentir a onda familiar de calor que irradia pelas minhas costas. Então me jogo no chão, evitando por pouco um raio de fogo que teria queimado meus cabelos.

— Por que você está tão distraído? — pergunta Kitt, dando um sorriso torto, e me viro para ele. — Quase peguei você. Aposto que, com essa cabeleira queimada, você não ficaria tão bonito, não é?

Não consigo decidir se quero rir com ele ou torcer seu pescoço, um dilema comum para mim.

— Acho que foi fácil demais vencer você hoje no ringue — respondo. — Agora estou entediado.

Dou de ombros e pego algumas facas de arremesso em um suporte de armas para atirá-las em uma árvore a alguns metros de distância.

— Hum — murmura Kitt, e mesmo de costas sei que ele está sorrindo quando diz: — Não consegue parar de pensar na garota que salvou sua vida, não é?

Como uma resposta educada, giro e jogo uma faca na direção de meu irmão. Ela passa raspando a lateral da sua cabeça, cravando-se em um alvo bem atrás dele com uma pancada surda. Kitt pisca para mim, incrédulo.

— É um assunto delicado, é?

Passo por ele e arranco a faca da madeira.

— E por que você teve essa impressão? — Dou de ombros, de forma casual. — Obviamente, ela não quer nada comigo.

Eu gosto de um desafio.

— E, além disso — acrescento, tentando arrancar o pensamento da cabeça —, não é como se fôssemos nos encontrar de novo.

A resposta de Kitt é rapidamente abafada pelo som dos nossos nomes sendo gritados do outro lado do pátio. Nos viramos ao mesmo tempo, vendo um garoto magricela correr até nós. Vejo o clarão de um sorriso branco contra a pele escura antes de o menino desaparecer, simplesmente sumindo da existência. Antes mesmo que eu tenha tempo de piscar, ele está parado à nossa frente com um sorriso pateta estampado no rosto.

Xingo baixinho.

— Se você aparecer assim de novo, vou cumprir aquela ameaça de prender você no chão com uma estaca.

— O que nosso irmão *quer dizer* — interrompe Kitt, com uma expressão divertida — é: “Oi, Jax, como você está?”

O garoto à minha frente tem apenas quinze anos, mas está crescendo como a Peste. É desengonçado, obviamente ainda aprendendo como usar os membros compridos. Não sei quando ele começou a crescer tanto e do nada. E, francamente, não gosto disso. O menininho que perdeu os pais em um naufrágio agora é o rapaz alto que adotamos como o irmão mais novo que nunca pedimos. Mas, depois de todos esses anos, Jax não cresceu apenas em tamanho, mas também em afeição para nós.

— Estou bem, Kitt. É muita gentileza sua perguntar!

O sorriso zombeteiro só cresce quando Jax me encara, os olhos castanhos piscando com inocência. Passo um braço pelo pescoço dele e o puxo de encontro ao peito para esfregar o punho fechado em seu cabelo curto. Ele resmunga, tentando se soltar, enquanto eu pergunto:

— Não vai perguntar como eu estou, Jax?

Quando finalmente o solto, ele se vira para mim, esfregando a cabeça com um riso.

— Foi mal. Como você está, Kai?

Jax diz isso com falsa sinceridade, e não consigo conter um sorriso.

Kitt interrompe antes que eu possa provocá-lo mais:

— Ele está de mau humor, Jax. — E suspira, antes de baixar a voz até

um murmúrio: — Cuidado, ele andou brincando com as facas de novo.

Passo por eles para pegar as tais facas de arremesso, precisando ocupar minhas mãos com algo.

— Não estou — digo, virando e arremessando uma faca em um alvo — de mau humor.

Jax se inclina para o ombro de Kitt, sussurrando:

— É o que ele *sempre* diz quando está de mau humor.

— Excelente argumento, Jax.

— Pela Peste — murmuro —, vocês dois juntos são insuportáveis.

Eles continuam conversando enquanto eu continuo a cravar facas no alvo. É melhor do que cravá-las em uma pessoa, de modo que sem dúvida não estou de *péssimo* humor. Estou a ponto de arremessar outra faca quando um lampejo de cor atrai meu olhar.

Eu nem tinha notado Blair treinando na outra extremidade do pátio, mas ali está ela, o cabelo lilás balançando ao vento enquanto luta com Sadie. Bom, uma dúzia de Sadies, já que ela é uma Clonadora.

As duas circulam ao redor uma da outra antes de Blair ser subitamente cercada por uma emboscada de corpos, todos altos e com cabelos castanhos. Um caos. Ela joga uma cópia de Sadie pelo ar, tentando derrubá-la. Seria cômico se eu não soubesse em primeira mão como os poderes delas podem ser mortais; sei como é possuí-los.

Olho para Jax e Kitt, envolvidos na luta, e vou para o lado deles. Em pouco tempo, Blair está saltando entre os ringues de treinamento, com Sadie logo atrás. A pele clara de Blair contrasta completamente com a de Sadie. As duas são opostas em todos os sentidos.

Apesar de terem crescido juntas, não poderiam ser mais diferentes. Como o pai de Sadie é conselheiro do rei, sua família mora com os outros nobres considerados suficientemente importantes para residir naquela ala específica do castelo.

Elas param à nossa frente. Blair inclina a cabeça, cumprimentando:

— Rapazes.

Kitt passa um braço em volta dos ombros de Jax antes de inclinar a cabeça para cada uma das garotas.

— Blair. Sadie.

Sadie nos oferece um pequeno sorriso, genuíno, mas reservado, como ela sempre foi.

— Queria parabenizar vocês dois por terem sido escolhidos para as Provas — diz ela.

Ah, é. Eles anunciaram hoje os competidores.

Não é surpresa que eu esteja nas Provas. Eu e todo o reino sabemos do meu destino desde que eu era pequeno. O futuro Executor precisa

demonstrar sua capacidade, e as Provas me obrigam a fazer exatamente isso. Minha próxima missão é vencer, e caso isso não aconteça...

Paraliso quando finalmente registro o que Sadie acabou de dizer.

Queria parabenizar vocês dois...

Lanço um olhar confuso para Kitt, certo de que deve ter ocorrido algum engano. As Provas sempre foram o meu destino, não o dele. O futuro rei raramente põe os pés fora das paredes do castelo, quanto mais em uma arena sangrenta com a morte à espreita. Meu pai jamais arriscaria a vida do seu herdeiro assim, mas certamente não tem problema em arriscar a mim e à minha reputação.

— É, pelo menos dois irmãos vão conseguir ficar juntos — diz Blair, com um risinho, seu olhar indo de mim para... Não. Não ele.

— O... o quê?

Sua voz está cheia de espanto, os olhos castanhos arregalados de entusiasmo.

Jax.

Jax olha para Kitt e para mim, com um sorriso se formando no rosto.

— Consegui! Vou participar das Provas!

Ele está praticamente pulando de empolgação, resistindo ao impulso de usar a habilidade de Pisca entre os círculos, de tão animado. Encaro Kitt. Sua testa franzida está igual à minha.

Isso vai tornar as Provas muito mais difíceis. Agora, não estarei somente me protegendo; também vou ter que proteger um irmão mais novo que quase desmaia ao ver sangue.

Mas não dizemos nada que possa desencorajar Jax, abrindo sorrisos para disfarçar as caretas. Competir nas Provas é uma grande honra, concedida apenas a poucos, e Jax merece comemorar, apesar da nossa tensão súbita com a situação.

— Bom, parece que agora somos todos rivais — diz Blair, com mais um sorrisinho, deixando as palavras se acomodarem.

Não é um modo muito discreto de informar que ela e Sadie também vão competir.

Todos nos encaramos, Sadie em silêncio e Blair rindo. Kitt pigarreia, entrando na conversa.

— Vocês sabem quem mais vai competir?

Sadie assente, tirando do bolso um folheto amassado. Kitt examina rapidamente os nomes e solta um suspiro.

— É. Só há três nomes que eu não reconheço. Devem ser Defensivos ou Triviais da cidade.

Ele me entrega o folheto e eu examino rapidamente a lista.

Meu olhar se fixa em um arranjo específico de letras que faz com que

minha respiração fique presa na garganta.

Ali, no final da lista, está um nome em que pensei muito mais do que gostaria de admitir.

É *ela*.



CAPÍTULO 10



Paedyn

Eu poderia ter ficado ali por horas, boquiaberta diante do estandarte que mostra meu nome em letras gigantescas, se não fosse pela massa de pessoas me olhando, também boquiabertas.

Eles me escolheram.

Ou, em outras palavras, eles me escolheram para morrer.

E tudo porque eu salvei aquele príncipe idiota.

Um tapinha no ombro me arranca do estupor.

Enrijeço diante do cheiro de goma de passar roupa antes de me virar lentamente e encarar o Imperial. Ele é jovem. Examino os cabelos ruivos revoltos e os olhos castanhos fixos nos meus, completamente inabalados pelo meu óbvio desdém. Ele me oferece um sorriso tímido.

Perturbador.

Em todos esses anos, jamais conheci um Imperial gentil, e duvido que esse seja a exceção.

— Você é Paedyn Gray, correto?

Ele indica o estandarte acima de nós.

— Quem quer saber? — pergunto bruscamente.

— É... — O guarda esfrega a nuca. — O rei? Estou aqui para escoltá-la até o palácio, onde você vai ficar até o final das Provas.

As palavras não ditas pairam no ar entre nós: *Ou até você morrer.*

— Agora? Neste momento? — Odeio como minha voz sai aguda e desesperada, mas não consigo impedir que o pânico me invada. — Mas as Provas só começam daqui a duas semanas.

Ele quase parece estar se desculpando, e eu odeio isso.

— Os competidores sempre vão para o palácio duas semanas antes para treinamentos, entrevistas e, claro, o primeiro baile.

Como eu poderia esquecer que as Provas são um espetáculo?

Ele olha em volta, o cabelo ruivo ondulado como chamas enquanto checa para ver se alguém está observando. Em seguida, se inclina ligeiramente e suas próximas palavras são um murmúrio:

— Só posso lhe dar uns... ah, cinco minutos, mais ou menos, antes de irmos.

Não hesito e saio correndo pela rua o mais rápido possível.

Adena.

Paro derrapando na frente do nosso cantinho no beco e engulo o nó na garganta ao vê-la enfiada atrás do Forte, cantarolando enquanto costura. Absorvo tudo que vejo enquanto vou até ela. Cada pedaço de lixo que juntamos para nos manter quentes à noite. Cada retalho de roupa em uma pilha ao seu lado enquanto ela trabalha. Cada cacho de cabelo escapando do coque desarrumado na nuca. Suas sobrançelas escuras franzidas sobre os olhos castanho-esverdeados, totalmente concentrados.

Será que vou vê-la de novo?

Tento afastar o pensamento enquanto me abaixo e a puxo em um abraço esmagador. Ela solta um arquejo, surpresa, antes de largar rapidamente o serviço e me apertar com força.

— Estou feliz em ver você também... — Ela ri no meu cabelo e se afasta, preocupada com minha súbita demonstração de afeto. — Você está... bem?

Encaro seus olhos, memorizando as pintas de ouro salpicadas neles.

— Estou indo embora, Adena.

— O... o quê?

A expressão de Adena é ao mesmo tempo cética e apavorada.

— Eles vão me mandar para as Provas. Parece que as pessoas me querem lá. — Não consigo falar de forma clara. — Para se divertirem, claro. — Abro um sorriso débil, mas nada pode impedir que o horror se espalhe no rosto dela.

Adena leva a mão macia e marrom à boca, ofegando.

— Ah, Pae... — E deixa o resto no ar, sem saber o que dizer, o que fazer. — Mas você... Você não tem nenhuma habilidade...

— Vai ficar tudo bem — digo, tentando convencê-la e me convencer também. — Vou ficar...

— Nem ouse dizer que você vai ficar *bem*. — Ela bufa quando a raiva engole temporariamente seu medo. — Pae, as Provas já são bastante mortais, mas se descobrirem o que você *não é*, eles vão...

— Me matar — concluo por ela. — Eu sei.

O medo inunda outra vez os olhos de Adena, golpeando-a com tanta força que eu me preocupo com a possibilidade de ela desmoronar. Um sorrisinho triste aparece em meus lábios enquanto eu a encaro. Estou deixando para trás a única pessoa que me conhece, a única pessoa em quem posso realmente confiar. Ela tem sido uma constante na minha

vida, uma âncora, sem a qual vou ficar à deriva.

Mas é melhor assim. Aqui é mais seguro para ela sem minha presença.

— Eu vou conseguir — digo, baixinho. — Eu fui *feita* para isso.

Adena assente, entorpecida, já sabendo disso. Sabendo como meu pai me treinou quando ficou aparente que sua menininha era uma Comum, condenada à morte.

Ela sabe como, aos cinco anos, minha vida mudou antes mesmo de começar. Meu pai me sentou em seu colo e sussurrou que eu era diferente, que eu precisava fingir ser uma coisa que não era se quisesse crescer tendo-o ao meu lado. Disse que aquele era o nosso jogo. Um jogo de faz de conta. Um jogo em que ele já havia escolhido o papel perfeito para eu representar pelo resto da vida.

— O que é uma Pisciquica, papai?

A pergunta continua nítida demais na minha mente, apesar de ter sido feita há mais de treze anos.

Meu pai apenas riu baixinho, um som aparentemente simples que eu gostaria de ter memorizado.

— *Psíquica*, Paedy, é uma palavra chique para designar uma pessoa observadora. É um poder que pode ser fingido com anos de treino. É um dom que você não precisa ter recebido, é uma habilidade que você pode aprender. — Com isso, ele bateu com o dedo na ponta do meu nariz. — E eu vou ensinar a você. Desse jeito nós podemos ficar sempre juntos.

Se ao menos a morte tivesse alguma consideração pelas promessas.

De repente, sou puxada para outro abraço sufocante.

— Volta para casa, para mim, Pae. Por favor? — A voz de Adena está abafada contra o meu cabelo. — Você é a única coisa que eu tenho, você sabe disso.

Eu gostaria mais do que qualquer coisa que essas palavras não fossem tão terrivelmente verdadeiras.

Quando a mãe de Adena adoeceu, provavelmente foi meu pai quem tentou cuidar dela. Curadores são raros na favela, e as pessoas precisavam dele tanto quanto o amavam. Mas até mesmo os Notáveis têm limitações, ao passo que a morte parece não conhecer limite algum. E, como Adena não conheceu o próprio pai, pelo que sabemos ele poderia até mesmo ser o comerciante de olhos castanho-esverdeados que eu roubei hoje de manhã.

Um sorriso dolorido passa pelos meus lábios.

— E você é a única coisa que *eu* tenho, Adena.

— Que bom. — Ela funga e recua para me olhar. — Então é melhor arranjar um jeito de voltar para mim. Se alguém daqui é capaz de sair dessas Provas malditas, é você. — Ela me encara de forma desafiadora.

— Na pior das hipóteses, você perde e vem para casa. Na melhor, você vence essa porcaria.

Solto uma risada diante dessa ideia absurda.

— Vou dar o máximo de mim por você. — Depois de engolir o nó na garganta, acrescento: — E vou visitar. Prometo. Vou dar um jeito. Venho andando, se for preciso.

Adena sorri, me dá um último abraço e acena enquanto me afasto. De pé atrás do Forte, ela grita:

— Isso não é um adeus, é só um jeito legal de dar tchau até eu ver você de novo!

É a mesma frase piegas que ela diz há anos. E, no entanto, esta é a primeira vez em que pareceu realmente um adeus.

— Você é a minha favorita, Adena! — grito de volta, a voz embargando sem minha permissão.

— E você é a minha, Pae!

Sorrindo, finalmente afasto meu olhar dela e começo a andar rapidamente pela Alameda, pensando em fugir do Imperial, das Provas, de *tudo*. Mas a ideia imprudente some tão depressa quanto as batidas dos meus pés nas pedras do calçamento. Se fugir, serei caçada e morta. Pelo menos, participando das Provas, tenho uma chance de sobreviver lutando. Mais ou menos.

Ofegante, chego ao Imperial. Ao lado dele, há uma garota me avaliando timidamente.

— Prontas?

Ele olha para nós duas. Minha resposta é assentir, apesar de não ter escolha.

Seguimos pela Alameda em silêncio, passando pela multidão que aplaude e grita, nos parabenizando. Quando chegamos ao fim da rua, vejo uma carruagem escura esperando. Um Imperial está sentado no banco do cocheiro, com o uniforme branco quase ofuscante ao sol.

Nosso Imperial ruivo abre a porta antes de se juntar ao guarda na boleia. A garota entra e eu a acompanho, pondo a cabeça para fora, querendo espiar uma última vez a Alameda dos Larápios antes que o cocheiro me tranque ali, fora da minha vida anterior.

Assentos pretos acolchoados nos esperam, e estou quase ocupada demais admirando a coisa mais chique que já vi na vida para notar o rapaz sentado à nossa frente. Seu cabelo castanho está muito bem penteado logo acima dos olhos verde-escuros fixos na minha direção. Pela condição das suas roupas, dá para ver que ele vem de uma área melhor na favela e provavelmente faz parte da ala Defensiva dos Notáveis.

A carruagem dá um solavanco para a frente e eu me grudo à parede. Já não gosto de espaços pequenos, quanto mais de espaços pequenos que se *movem*. Controlo a respiração, me obrigando a me acalmar antes de olhar de novo para o garoto entediado.

— Oi — cumprimento, tentando aliviar a tensão. — Eu sou Pae...

— Sei quem você é — interrompe ele, decidindo imediatamente que olhar pela janela é muito mais interessante do que a nossa conversa. — Você é a garota que *salvou* o príncipe Kai. — Seu tom de voz cético sugere que não foi exatamente isso que aconteceu. Como se dezenas de pessoas não tivessem *visto* o que aconteceu.

Abro a boca, deixando as palavras escaparem antes de pensar melhor nelas:

— Exato. E você claramente não tem reputação alguma, caso contrário eu já teria ouvido falar de você.

Ele vira os olhos rapidamente na minha direção, com as narinas inflando.

— Sou o Ace. Ace Elway. — Ele diz isso com orgulho, ajeitando o colarinho da camisa, e continua: — Sou Ilusionista. Um poder raro. Por isso estou aqui. — Seu sorriso é tão frio quanto seus olhos. — E vou precisar daqueles vinte mil xelins para finalmente sair dessa *favela*, então acho que logo, logo, você vai ouvir falar bastante de mim.

Nunca conheci um Ilusionista, mas ouvi o suficiente sobre eles para saber que são perigosos, até mesmo como Defensivos.

— E quem é você? — pergunta ele à garota ao meu lado. — O que você consegue fazer?

Ela olha para nós dois, parecendo querer desaparecer. E eu quase rio quando ela faz exatamente isso.

Em um segundo, ela está ali, e, no outro, não está mais. Olho o assento vazio ao meu lado antes de seu corpo reaparecer, se materializando em questão de instantes.

Véu.

— Sou a Hera — responde ela com timidez.

Os olhos profundos e castanhos de Hera encontram os meus antes de ela prender uma mecha do cabelo preto e sedoso atrás da orelha. Alguma coisa no gesto parece vagamente familiar, e me pergunto se ela não é um dos Véus populares que fazem magia de rua.

— Sou a Paedyn — digo acima da barulheira da carruagem passando sobre as pedras irregulares do calçamento.

— Qual é o seu poder? — pergunta Hera, curiosa.

— Sou Psíquica. — Dou de ombros, casualmente. — Na maioria das vezes, sinto emoções fortes que me dão lampejos de informações. Não é

muita coisa, mas é tudo que eu tenho.

Mentirosa. Você não tem nada.

— Sêrio?

Os olhos dela se arregalam, provavelmente chocada por alguém com uma habilidade tão Trivial entrar para as Provas, quanto mais derrotar um Silenciador.

— É uma habilidade mental incontrollável, e foi o único motivo pelo qual o Silenciador não conseguiu entrar na minha cabeça quando eu *salvei* o príncipe Kai. — Lanço um olhar penetrante para Ace. — Acho que é por isso que as pessoas querem que eu participe das Provas.

Ace, o Acéfalo, faz um ruído de escárnio.

— Eles só querem você nas Provas para ver você morrer, Trivial.

Encaro-o e, depois de um longo momento, um sorrisinho aparece nos meus lábios.

— Ah, sem dúvida. Mas, pelo menos, para mim eles vão olhar.



CAPÍTULO 11



Daedyn

O silêncio é o único som pelo resto da viagem, fazendo com que a janela ao meu lado seja minha única fonte de entretenimento.

Passamos por dezenas de ruas lotadas de estranhos sorridentes, todos acenando boquiabertos. Alguns aplaudem e correm perto de nós enquanto passamos, tentando nos ver antes de continuarmos em direção à nossa ruína.

À medida que chegamos mais perto do palácio, as casas ficam maiores, melhores, e as ruas não estão mais cheias de sem-teto se arrastando de um lado para o outro. Vejo os topos impressionantes das torres antes que todo o palácio impressionante surja abaixo delas. É gigantesco. Mesmo com as pedras cinzentas e o exterior frio, é de tirar o fôlego. Colinas gramadas e jardins vibrantes cheios de flores coloridas que eu nem sabia que existiam cercam as muralhas, suavizando a estrutura intimidante.

Ouço o som de cascos batendo em pedras lisas quando entramos em um pátio, passando por uma grande fonte no centro, com estátuas brancas espalhadas ao redor. Quando a carruagem finalmente para, espio pela janela e vejo uma grande escadaria de pedra levando ao palácio, cercada por canteiros de flores.

Os Imperiais saltam da boleia acolchoada e abrem as portas da carruagem, permitindo que a luz quente do sol se derrame em nosso pequeno compartimento. Eu quase despenco, apressada para escapar do compartimento apertado e da companhia. Assim que meus pés tocam de novo o chão sólido e sou engolida pelo ar livre, respiro fundo, inalando o perfume doce das flores e da luz do sol.

Os outros dois descem e ficam ao meu lado, ambos com os olhos arregalados, espiando tudo. Uma voz nos arranca da admiração boquiaberta quando o Imperial ruivo pigarreia e diz:

— Venham comigo.

Subimos pelos degraus de pedra, atrás dele, passando por vários outros guardas dos dois lados da escadaria. Quando chegamos ao topo,

mais dois Imperiais dão um passo à frente e se juntam ao que nos guia, passando pelas portas gigantescas.

Eu achei o lado de fora lindo, mas ele até perde a graça em comparação a *isso*. Cada parede é decorada com pinturas lustrosas elaboradas e relevos intrincados que sobem pelas paredes e se juntam ao teto. Tudo é de um branco deslumbrante com toques ocasionais de esmeralda que pontilham os corredores por onde andamos, destacando a cor do reino de Ilya.

Estou hipnotizada demais pelo tamanho e pela beleza do lugar para perceber que o Imperial está falando conosco:

— ... quartos ficam nesta direção, na ala leste do palácio.

O guarda indica os muitos corredores que, suponho, são preenchidos por cômodos igualmente ornamentados. De repente, ele se vira e nos encara, me obrigando a parar derrapando antes de quase trombar no seu peito.

— As próximas duas semanas vão consistir em treinos, encontros com os outros competidores, entrevistas e o primeiro baile. Todas as semanas entre as Provas seguirão a mesma rotina. Um Imperial será designado para cada um de vocês até o fim de suas estadias, e vocês serão escoltados na ida e na volta de cada lugar onde precisarem estar até se familiarizarem com o castelo.

Um dos Imperiais atrás de nós se posta ao lado de Hera e o outro assume posição perto de Ace.

— Bom — diz o jovem Imperial, batendo palma uma vez com um suspiro. — Vamos mostrar seus quartos e apresentar o castelo a vocês.

Quando Hera e Ace dobram a esquina no final do corredor, eu me viro para o meu Imperial particular.

— Então você vai ficar de olho em mim?

— Sorte minha. — Ele solta um risinho e dá meia-volta, sinalizando para que eu o acompanhe. — Sou o Lenny, por sinal.

— Nunca pensei que eu diria isso a um Imperial, mas é um prazer conhecer você, Lenny.

Fecho a boca antes que saia mais alguma coisa que eu não deveria dizer e ando mais rápido, tentando acompanhar os passos compridos de Lenny.

— É, bom, não culpo você. A maioria dos Imperiais pode ser...

Ele coça a nuca, procurando a palavra certa.

— Uns porcos? — murmuro, antes de conseguir pensar melhor.

Ele corta a própria risada rapidamente com um pigarro.

— É, eles geralmente me atribuem as tarefas que envolvem falar. Acho que não sou muito intimidador.

Rapidamente olho-o de cima a baixo, e tenho que concordar. Seu cabelo ruivo e revoltado, combinado com a explosão de sardas se espalhando por baixo da máscara, acaba com qualquer esperança que ele possa ter de parecer ameaçador. Ele para à frente de uma porta no final de um longo corredor antes de abri-la e sinalizar para que eu entre.

Mordo a língua para não ficar embaçada diante do quarto mais lindo que já vi, cheio de estantes, uma penteadeira graciosa, uma escrivaninha e...

Uma *cama*.

Uma cama *enorme*. Depois de dormir sobre pedras pontudas durante cinco anos, a ideia de dormir *ali* é avassaladora. Pisco os olhos, maravilhada, e finalmente dou um passo para dentro do quarto. O tapete parece pelúcia sob meus pés, e eu me viro e vejo um banheiro me espiando atrás de uma porta à esquerda. Vou na direção dele, lutando contra um sorriso quando vejo uma imaculada banheira de porcelana com pés dourados.

Água corrente. E quente.

Um vaso e uma pia tão brilhantes quanto se acomodam no piso de mármore branco, completando o cenário. Com o canto do olho, vejo Lenny me observando, achando o meu espanto divertido.

— Espero que você considere o seu quarto... satisfatório.

— Ah, vai servir, acho.

Me jogo na cama enquanto digo isso, com o sarcasmo pingando das palavras.

— Bom, vou deixar você ficar confortável, já que vai passar um bocado de tempo aqui — diz ele, se virando para sair.

— O que você quer dizer com isso?

Ele coça a nuca com um suspiro.

— Você logo vai descobrir.



Lenny estava certo ao me dizer para ficar confortável. Estou presa neste quarto há dois dias.

Esse lugar se tornou minha gaiola dourada particular, minha cela luxuosa. Os guardas do lado de fora da porta não me consideram suficientemente importante para resmungarem mais do que umas poucas palavras sobre como as ordens são que me mantenham confinada ao quarto. Assim, revirei cada centímetro do aposento, me ocupando em folhear livros, tomar banhos quentes, devorar refeições deliciosas.

E, no entanto, nunca senti tanta ansiedade.

A parte interna da minha bochecha está machucada, resultado de mordidas incessantes na tentativa de acalmar os nervos. E, apesar de dormir em uma cama macia pela primeira vez em anos, estou inquieta. Estou sem contato com o mundo exterior desde o meu primeiro dia aqui e ninguém me diz o que, pelo amor da Peste, está acontecendo. Fui largada para ficar andando pelo chão acarpetado, ansiosa para saber quem são meus oponentes e o que eles podem fazer.

Jogos mentais, é disso que se trata.

O rei provavelmente acha cômico. Adora a ideia de estarmos ansiosos, inquietos e presos nos quartos até que ele dê outra ordem. O objetivo é nos deixar nervosos, impacientes.

Uma batida na porta interrompe meus pensamentos.

A cabeça de Lenny aparece na abertura da porta, com um sorriso sem graça.

— Então... como você está, Paedyn?

Pisco para ele, incrédula com a pergunta.

— Como eu estou? *Como eu estou?*

Lenny entra no quarto e suas próximas palavras saem lentas:

— Certo, bom, tenho a sensação de que você não está... ótima.

Minha risada é amarga.

— Pode-se dizer que sim. *Faz dois dias.* Pela Peste, onde você esteve?

— O rei gosta de manter os competidores completamente isolados nos dois primeiros dias — responde ele, rígido. — Mas a boa notícia é que hoje à noite você vai jantar com os outros competidores e com o rei e a rainha.

Engulo em seco. Depois de quarenta e oito horas inquietas, de repente vou conhecer os competidores que assombraram meus pensamentos e o rei que assombrou meus pesadelos.

— Volto daqui a pouco para acompanhar você para o jantar — conclui Lenny, virando-se para a porta. — Se precisar de alguma coisa, basta gritar. Não estarei longe. Ah — ele me olha por cima do ombro —, e talvez seja bom você trocar de roupa antes.

Quando ele sai, entro no banheiro e mexo nas várias torneiras até que a água quente, fumegante, começa a sair. Em minutos estou nua e afundada na água espumante graças à quantidade desnecessária de sabão e saís que joguei. Esfrego vigorosamente os cabelos e o corpo, deixando a pele vermelha e revigorada.

Não me sentia tão limpa há anos.

Minha mente perambula até minhas muitas preocupações, e a água não ajuda muito a me acalmar. As Provas consomem meus pensamentos, me lembrando do poder que não tenho e da pouca proteção que me

cerca. Para não dizer que, se as Provas não me matarem, ser descoberta como uma Comum terá o mesmo resultado, sem dúvida.

Permaneço na água borbulhante até ela ficar tão fria quanto os banhos com os quais estou acostumada. Quando finalmente reúno forças para me obrigar a sair da banheira, estou tremendo enquanto visto um roupão de seda.

Volto para o quarto, abro as portas brancas do armário gigante diante da cama e olho as diferentes cores e estampas penduradas em um suporte: roupas para todas as ocasiões, casualmente disponíveis, à minha disposição.

Adena morreria se visse isso.

Olho inexpressiva para a coleção no armário, depois para as minhas roupas velhas, largadas no chão. Não faço ideia do que é adequado para o jantar, e preferiria não bancar a idiota antes mesmo do início das Provas.

Lembrando que Lenny disse para eu *gritar* se precisasse de alguma coisa, é exatamente o que pretendo fazer. Tenho certeza de que o Imperial já testemunhou várias dessas refeições e tem alguma ideia de qual é o traje esperado.

Vou até a porta e a abro, olhando para baixo enquanto aperto a faixa do roupão, e de fato grito:

— Lenny, que raios eu devo vestir...

E então levanto a cabeça.

Meus olhos encontram outros, arregalados, verdes. Nunca tinha visto o homem que está diante de mim; eu me lembraria. Seu cabelo desgrenhado, de um loiro sujo, parece um pouco úmido, como se também tivesse acabado de sair do banho. Ele tem feições ao mesmo tempo fortes e delicadas, nariz reto e lábios macios. Sua mão está erguida, pronta para bater à minha porta.

Ele se recupera do susto antes de mim.

— Problemas com o guarda-roupa? — Ele dá um sorriso brincalhão.

Algo nele parece muito familiar e, ao mesmo tempo, não tanto.

— Claramente — respondo, com um sorrisinho.

Seu olhar me examina rapidamente, e só então me lembro de que estou vestida com um roupão. Aperto-o com mais força em volta do corpo, lutando contra o rubor.

Ele pigarreia.

— Bom, não precisa se preocupar. Sua criada, Ellie, logo virá ajudá-la a se vestir e a se preparar para o jantar.

O homem fala com autoridade, como se estivesse acostumado a dar ordens. Apesar das roupas simples — calça preta justa e uma camisa

verde, ainda mais apertada, que revela seu corpo esguio —, percebo imediatamente que ele não é um serviçal.

Um competidor?

Diante da ideia de ter uma criada me atendendo, digo rapidamente:

— Não será necessário. Posso cuidar de mim mesma, obrigada.

Ele me analisa, considerando o cabelo embolado pingando e o roupão de seda que eu aperto com força.

— Claramente — diz ele, imitando a resposta que dei há apenas alguns instantes, com o sorriso estranhamente familiar no rosto.

Olho para mim mesma e quase rio.

— Tudo bem, talvez eu precise de uma criada, no fim das contas.

Ele ri baixinho antes de indicar o quarto atrás de mim.

— Só passei para ver se está tudo adequado.

Eu me pego quase gargalhando de novo.

— Se *isso* é adequado, nem consigo imaginar o que consideram requintado por aqui.

Seus olhos examinam os meus.

— Então me lembre de lhe mostrar os jardins uma hora dessas. — Ele assente. — Estou ansioso para ver você no jantar, Paedyn.

Pisco para ele, confusa.

— Estranho — digo, devagar. — Não me lembro de ter dito meu nome.

— Ah, você não precisou. — Aquele sorriso torto de novo. — Eu faço questão de conhecer todas as garotas bonitas que salvam meu irmão mais novo.

Pela Peste, ele é...

— Sou o Kitt, por sinal.

Ele me oferece outro sorriso antes de se virar e seguir pelo corredor, me deixando ali chocada.

Príncipe Kitt. Kitt, o futuro rei de Ilya.

Que negócio é esse de eu ficar trombando com pessoas da família real?

Eu nunca tinha visto o futuro rei e definitivamente nunca pensei que iria conhecê-lo vestida com um roupão. Ele é o herdeiro do trono, o próximo governante, pronto para seguir os passos do seu pai maligno. Entre ele e o irmão...

O irmão.

Por isso o sorriso dele parecia tão familiar.

Era uma variação de um sorriso que eu já conheço, mas o de Kitt era luminoso e jovial, enquanto o de Kai era mais presunçoso, mais frio.

Uma garota pequena de cabelos escuros entra timidamente no quarto, com um sorriso acanhado.

— Boa tarde, senhorita. Serei sua criada enquanto estiver no palácio e vou ajudá-la com qualquer coisa que precisar.

A voz dela é suave e delicada, mas as palavras ensaiadas são firmes.

— Por favor, me chame de Paedyn. — Ela me olha com cautela, mas continuo: — Pela Peste, há dois dias eu estava dormindo em cima de um monte de lixo, então acredite quando digo que você não deveria me chamar de *senhorita*.

Ela luta contra um sorriso, assentindo devagar.

— Ótimo. — Suspiro. — Agora que isso está resolvido, pode me ajudar a descobrir o que eu devo usar esta noite?

Ela volta a sorrir timidamente, parecendo aliviada.

— Acho que posso ajudar com isso.

Passamos a meia hora seguinte separando roupas até escolhermos algo relativamente simples para os padrões do palácio, mas que ainda assim é a melhor coisa que já vesti na vida.

Com metade do guarda-roupa espalhado no chão, nós nos decidimos por uma calça leggings preta brilhante e uma blusa de seda verde-escura. Ela tem um decote relativamente cavado e mangas amplas e caídas, que já sei que vou mergulhar acidentalmente na comida. Enfio uma pequena adaga no cós da calça, às costas, e sentir a lâmina lisa e fria encostada na pele é reconfortante.

Depois de amarrar as botas de cano alto, Ellie me leva até a penteadeira, onde começa a mexer no meu cabelo em uma tentativa de fazer aquele esfregão úmido parecer apresentável.

— Bom, senho... — Ela pigarreia e tenta de novo. — Bom, *Paedyn* — corrige-se ela, enfatizando meu nome com um pequeno sorriso —, você tem alguma ideia de como vão ser as Provas?

— Nenhuma. — Olho para ela com um sorriso suplicante pelo espelho. — Mas eu esperava que você soubesse, já que com certeza você escuta muita coisa neste palácio, não é?

Suas palavras seguintes são pouco mais do que um murmúrio:

— Só sei que esse ano deve ser... diferente.

— Diferente? Como assim?

Ela dá de ombros, com meu cabelo dividido nas mãos.

— Não sei. Só diferente.

Me esforço para imaginar como uma edição das Provas do Expurgo poderia ser *diferente*, já que todas são tão sangrentas e brutais quanto as anteriores. Mas o pouco de informação faz com que eu me sinta ainda mais despreparada, e tento não pensar na inquietação que sinto nas minhas entranhas.

Ellie logo desiste do meu cabelo, bufando, e decide deixá-lo cair solto

às minhas costas. Em seguida, aplica pó no meu rosto antes de passar um pouquinho de preto nos cílios.

— Pronto — diz, me examinando. — Não parece mais que você dormiu em cima do lixo.

Eu bufo.

— Pela Peste, você está realmente saindo da concha.

Ela fica vermelha, mas uma batida à porta a faz ir correndo atender. Lenny olha para ela e sorri, o que só aprofunda seu rubor. Ele afasta os olhos de Ellie e se vira para mim.

— Pronta para ir, Paedyn?

Quando o encontro do lado de fora, começamos a andar pelos corredores decorados com enfeites intrincados. À medida que seguimos em zigue-zague pelo labirinto que é o castelo, me esforço para traçar um mapa mental do lugar.

Um à esquerda, dois à direita, outro à esquerda...

Logo estamos de volta ao grande corredor da entrada que se estende até as portas ainda maiores pelas quais entramos dois dias antes. Lenny me leva até outra porta dupla que vai do teto ao chão, um pouco mais adiante na ampla galeria, e murmura:

— A sala do trono. É aí que você vai fazer as refeições com os outros competidores.

Antes que eu tenha chance de perguntar qualquer coisa, ele assente para os guardas, ordenando silenciosamente que eles abram as portas.

E, a princípio, ninguém parece me notar.

Todos estão sentados em volta de uma grande mesa de madeira no centro do piso de mármore, um móvel que destoa totalmente da beleza delicada da sala do trono. Os Notáveis conversam confortavelmente uns com os outros, já que muitos provavelmente cresceram juntos.

Respiro fundo e começo a ir devagar para a mesa. Oito pares de olhos se viram na minha direção, me examinando de cima a baixo enquanto me aproximo.

Claro que sou a última a chegar.

Puxo uma cadeira na extremidade da mesa, ao lado de Ace, relutante em ficar ao lado dele, mas aliviada por me sentar para que todos possam parar de me encarar.

Só que ninguém para.

Continuo sentindo seus olhares e levanto a cabeça, incapaz de impedir que as palavras escapem da minha boca.

— E aí, o que é que tem para jantar?

Dou um suspiro de alívio quando a garota sentada à frente de Ace solta um ruído bem-humorado e se inclina por cima da mesa para me

olhar. Seu cabelo cor de vinho brilha à luz do sol do fim da tarde, competindo com a argola prateada no seu nariz.

— Eu vivo fazendo a mesma pergunta! — Seus olhos cor de mel brilham, maliciosos. — Sou a Andy.

— Paedyn — digo, dando-lhe um pequeno sorriso.

— Bom, já que estamos fazendo as apresentações — diz uma voz grave na outra ponta da mesa —, eu sou o Braxton.

Levanto o olhar e vejo um rapaz enorme, de pele escura, inclinando a cabeça para mim.

Robusto.

Cumprimento-o com a cabeça enquanto uma voz masculina, mais aguda, exclama:

— Eu sou o Jax!

Olho para ele por cima da mesa, vendo seu sorriso tímido. Agora, os nomes estão sendo gritados por cima da mesa. Além de Hera e Ace, que vieram da área da favela, é óbvio que todos os outros se conhecem bem.

— Sou a Sadie.

Viro na direção da voz e vejo uma garota de pele cálida me examinando. Seu olhar é avaliador, curioso. A garota ao lado dela levanta o queixo e pigarreia, atraindo minha atenção.

— Blair. É um prazer conhecer você, Paedyn.

Ela cospe as palavras como se deixassem um gosto ruim na boca, me olhando como se eu fosse algo pegajoso na sola da sua bota. Tenho a impressão imediata de que essa garota não quer ter nada a ver com os Triviais, quanto mais com alguém que chama a favela de lar. Seu cabelo lilás se derrama sobre os ombros, contrastando com os olhos castanhos que me olham com raiva. Ela é linda, mas espantosamente fria.

— O prazer é todo meu, Blair — respondo, insípida.

A expressão faminta dos olhos dela me faz sentir como se *eu* fosse sua próxima refeição.

E então uma voz profunda e irritantemente bem-humorada vem da extremidade da mesa, diretamente à minha frente.

— E eu sou o Kai. Mas disso você já sabia.



CAPÍTULO 12



Kai

Ela está aqui.

Kitt uivou de tanto gargalhar quando descobriu exatamente quem era Paedyn Gray, mas o movimento rápido de uma das minhas facas o calou imediatamente. Mas, ao mesmo tempo que levantava as mãos, se rendendo, ele não conseguia parar de dizer como a situação era engraçada.

E ele está certo. *É de fato* uma situação risível. A garota Psíquica que, sem querer, salvou um príncipe de quem obviamente não gosta nem um pouco, é recompensada com a obrigação de participar das Provas, que podem matá-la.

E agora ela está sentada bem à minha frente.

Depois de lavar o corpo para tirar o suor e o sangue de um longo dia de treinamento e torturas, fui para a sala do trono. Braxton entrou em seguida, arrastando os pés, seguido por Jax, que ainda estava pulando de tanta empolgação.

O resto dos conhecidos chegou pouco depois, junto com um rapaz e uma garota que não reconheci — os da favela. Os lugares em volta da mesa foram ocupados, restando os das cabeceiras para o rei e a rainha e o do meu lado para Kitt.

Mas justo quando todos ficamos confortáveis e começamos as conversas ociosas sobre os mesmos assuntos sobre os quais falamos há anos, algo acontece.

Ela acontece. Ela entra.

Ocupando a cadeira à minha frente, sem ao menos olhar na minha direção, ela diz:

— E aí, o que é que tem para jantar?

Ela fala cheia de confiança ao mesmo tempo que seus dedos ficam se mexendo, girando a aliança no polegar.

Interessante.

Rapidamente são trocadas apresentações entre Andy, Braxton, Jax,

Sadie, Blair e os recém-chegados Ace e Hera. No entanto, ela ainda nem se incomodou em olhar para mim.

E desse jeito não vai dar.

— E eu sou o Kai. Mas disso você já sabia.

Isso finalmente atrai sua atenção. Meu rosto é assombrado pelo fantasma de um sorriso quando seu olhar se fixa no meu. Seus cílios estão escurecidos com maquiagem, contrastando com o azul vibrante dos olhos. Ondas macias e prateadas caem sobre os ombros e o rosto, e sinto um impulso súbito e irritante de afastar as mechas dos olhos dela, nem que seja só para enxergá-los melhor.

— É, infelizmente, eu já sabia — diz ela, com um sorriso suave que contrasta com o olhar afiado.

Nossos olhares se viram rapidamente para as portas quando elas se abrem com um rangido, e minha atenção se volta para meu pai e minha mãe. Não, para o *rei* e a *rainha*, com a aparência exata dos papéis que representam. Eles brilham ao sol que se derrama pelas janelas enormes ao redor da sala do trono, a luz se refletindo nas coroas e nas joias enquanto os dois se aproximam da mesa. Estou acostumado com essa formalidade: o rei em um belo terno, a rainha reluzindo em um vestido elegante. Meu pai parecendo sério e severo, minha mãe serena com seu sorriso luminoso.

Kitt vem atrás deles, com vestimentas casuais e, ao mesmo tempo, parecendo um futuro rei. Ele olha para mim primeiro, depois rapidamente para Paedyn, com um sorriso sagaz. Então, ocupa o lugar ao meu lado enquanto o rei puxa uma das pesadas cadeiras de madeira para a sua rainha.

— Bem-vindos à sexta edição das Provas do Expurgo — troveja ele por cima da mesa.

Minha mãe afasta uma mecha de cabelos pretos dos olhos e acrescenta:

— E parabéns a todos vocês por chegarem até aqui.

— É uma honra serem escolhidos — continua meu pai. — Uma honra ao seu reino, à sua família e a ti mesmos. — Ele repete as palavras que foram marteladas na minha cabeça desde antes que eu pudesse entendê-las. — Sugiro que gastem seu tempo com sabedoria, preparando-se para as Provas. Nunca se sabe o que pode ser usado contra vocês. — Seu olhar pousa em mim, me lembrando silenciosamente, e pouco sutilmente, da minha missão de vencer. — É crucial que usem o tempo que resta antes da primeira Prova, bem como todas as semanas entre as próximas, para treinar.

E observar seus oponentes treinando.

Quase vejo as palavras não ditas em seus olhos. Saber como os competidores lutam e aprender a ler os movimentos e manobras deles pode ser a diferença entre a vida e a morte.

— E também para treinar seus passos de dança! — exclama minha mãe, em um tom caloroso, já que sempre gostou muito mais dos bailes do que do derramamento de sangue das Provas do Expurgo.

Meu pai sorri para a esposa. É um gesto genuíno, do tipo que ele só dedica a ela.

— Chega de falar nas Provas. Vamos comer.

E com isso tem início a procissão de serviçais, todos carregando bandejas fumegantes para a mesa. Dezenas de pratos cheios de comida são postos diante de nós. Peru temperado e montes de feijão são servidos. A própria Gail traz uma bandeja de pãezinhos doces pegajosos, colocando-a na frente de Kitt e de mim para nos provocar. Eu lhe dou uma piscadela e ela se afasta revirando os olhos antes de sair da sala.

Kitt e eu conversamos sobre amenidades enquanto passamos bandejas de comida, dispensando os serviçais quando eles se oferecem para nos servir. Estou empilhando peru no meu prato quando meus olhos percebem Paedyn, sentada rígida à minha frente. Seu maxilar está trincado, como se ela fizesse um esforço tremendo para não deixá-lo cair. Curioso, olho para Hera, que está com uma expressão de espanto semelhante. Até mesmo Ace, que parecia ser o mais próspero dos três, não consegue deixar de fitar em silêncio a quantidade de comida diante de nós. Meu olhar se volta para Paedyn, ocupada demais com sua incredulidade para se incomodar em comer. Só posso imaginar o que se passa na sua cabeça. Provavelmente algum pensamento relacionado à repulsa que sente diante da quantidade de comida que desperdiçamos enquanto ela mal tinha o suficiente para sobreviver. Enquanto vejo a raiva mascarada assumir sua expressão, algo me diz que ela preferiria ficar com fome esta noite.

E desse jeito não vai dar.

Só porque vamos competir uns contra os outros não significa que eu queira derrotá-la porque ela morreu de fome. Assim, cravo meu garfo em um pedaço de peru, estendo a mão por cima da mesa e o coloco no prato dela.

Seus olhos se viram rapidamente para os meus, com uma expressão que é uma mistura de irritação e choque.

— Você gosta de feijão? — pergunto em um tom casual. Como ela não responde, ponho um bocado no seu prato, de qualquer modo. — Bom, acho que vou descobrir.

Em seguida, me inclino sobre a mesa, acrescentando batatas à pilha

crescente de comida no prato dela enquanto murmuro:

— Vai querer que eu lhe dê a comida na boca também ou você consegue se virar sozinha? — E sorrio de um modo que, sem dúvida, vai lhe dar vontade de jogar os feijões na minha cara ao mesmo tempo que me soca.

Seus olhos queimam como chamas azuis, praticamente me fuzilando. Mas, como suspeitei que faria, ela pega o garfo com relutância e leva um pouco de feijão à boca com o olhar fixo em mim. Eu me recosto na cadeira, rindo. Paedyn pode ver que, de fato, eu lhe daria a comida na boca se não começasse a comer, e ela jamais deixaria isso acontecer.

Os próximos minutos são preenchidos pelos sons dos talheres tilintando e das conversas esparsas. Blair se vira para Kitt e para mim, falando sabe-se lá o que. Em geral, Kitt é um homem muito melhor do que eu, especialmente com relação a ela, conversando em um tom casual enquanto eu dedico minha atenção à comida.

De repente, a voz do meu pai atravessa o barulho da conversa.

— Então — levanto os olhos e vejo que ele está espiando Paedyn, intrigado —, *esta* é a garota que salvou sua vida no beco?

Só depois de me roubar.

Sinto os olhares de todos se virando para nós, atentos. Paedyn baixa gentilmente o garfo e encara o rei com tanta intensidade que chega a me lembrar de Blair. Há uma certa emoção nublando seus olhos enquanto o encara, uma que está tentando esconder. Não tenho tempo para tentar decifrar o que é antes que ela imponha uma neutralidade às próprias feições em um piscar de olhos.

— É, eu salvei a vida dele. Não é, Vossa Alteza? — Ela volta a atenção para mim, seu sorriso transformado em um desafio.

— Então você sabe qual é o meu título, afinal de contas. — O sarcasmo cobre minhas palavras enquanto um sorriso aparece no canto dos meus lábios. — Sabe, eu não tinha certeza. Porque lá no beco você me chamou de uma coisa muito, muito diferente.

Ela sorri apenas com os dentes.

— Tenho certeza de que qualquer coisa da qual eu o tenha chamado era justificada. — Ela faz uma pausa. — E correta. — Mais um sorriso. — E merecida.

Babaca metido a besta.

Seus olhos, seu sorriso, seu tom de voz: tudo nela grita essas palavras.

Grita o título que ela me deu.

— E qual era o seu título, mesmo? Paladina Prateada? — Solto uma risada baixa. — Adequado. Sei como você gosta de *prata*.

O sorriso frio de Paedyn hesita diante do significado por trás das

minhas palavras. Ela está irritada. Eu estou me divertindo.

Os sentimentos da minha mãe nitidamente espelham os de Paedyn, porque ela me lança um olhar intenso antes de dizer:

— Obrigada, Paedyn, por socorrer o Kai. Isso não passou despercebido para nós, nem para o povo, vendo que eles quiseram você nas Provas.

Paedyn baixa a cabeça e abre um sorriso suave para ela, ainda que não chegue totalmente aos seus olhos.

Ao som da voz do meu pai, a expressão dela vacila.

— Devo dizer que jamais conheci uma Psíquica. — Ele a encara, curioso. — Seus poderes são... intrigantes.

Paedyn relaxa e ri ligeiramente.

— É, bom, meu pai dizia que era um dom raro, ainda que pequeno, que poucos Triviais possuem. Acho que a parte mais útil da minha habilidade é que não sou afetada pelos Silenciadores, nem por seu filho, ao que parece.

Uma mecha de cabelos prateados cai nos olhos de Paedyn e ela a prende atrás da orelha distraidamente enquanto o resto da mesa retorna às conversas anteriores, aparentemente entediados por esta.

— Ah, sim, o seu pai. Adam Gray era um excelente Curador. Um homem muito educado — diz meu pai, pensativo.

Paedyn fica rígida na cadeira.

— O senhor... — Ela pigarreia. — ... o senhor conheceu meu pai?

— Sim, conheci. Na temporada da febre, ele vinha ao palácio ajudar os Curadores da corte quando havia um número grande demais de pacientes.

Paedyn confirma.

— É, eu me lembro que ele fazia isso em todos os invernos.

A conversa dos dois é interrompida quando os serviçais voltam à sala para tirar os pratos. Eles serpenteiam ao redor da mesa, pegando a louça antes de desaparecerem de novo no corredor, deixando uma mesa imaculada.

Meus pais se levantam ao mesmo tempo.

— Descansem um pouco, Notáveis. O treinamento começa amanhã.

Com as últimas palavras do rei, os dois se viram e saem pela grandiosa porta dupla.

Um instante de silêncio se passa antes que as cadeiras sejam arrastadas no chão de mármore e todos se coloquem de pé. Três Imperiais estão indo na direção dos novos Notáveis, prontos para acompanhá-los aos quartos.

Fico olhando quando um guarda jovem e ruivo se aproxima de

Paedyn com um sorriso. E, de repente, antes que possa me contar, estou entre os dois.

— Eu assumo daqui.

Ele me olha, confuso.

— Senhor, eu devo escoltar...

— Sei disso. E sou perfeitamente capaz de garantir que ela chegue ao quarto, não concorda?

— Sim, Vossa Alteza.

E, com isso, ele inclina a cabeça na direção de Paedyn antes de sair da sala.

Olho para ela, e o ar de confusão no seu rosto espelha o do Imperial. Em seguida, me viro e saio pela porta, sem esperar que ela me acompanhe. Paedyn bufa antes que o som de suas botas comece a ecoar atrás de mim.

— Por que essa ânsia súbita de ser um cavalheiro? — Sua voz surge, alta e seca atrás de mim. Paro e me viro, observando enquanto ela anda na minha direção, examinando-a rapidamente de cima a baixo.

— Não se acostume — digo, com um riso rápido. — Por acaso meu quarto fica de frente para o seu, de modo que posso muito bem ser um cavalheiro, só desta vez.

Enfio as mãos nos bolsos enquanto começamos a andar de novo, agora com ela ao meu lado.

— E por que um príncipe estaria na ala dos competidores?

— Bom, caso você não tenha notado, eu também vou competir nas Provas.

Paedyn solta um riso sem humor.

— É, por acaso, notei. Mas achei que o príncipe teria algum quarto luxuoso, atulhado de serviçais o paparicando. — Sua fala é acusadora, palavras gentis temperadas com veneno.

— Ah, não se preocupe, eu tenho um assim, também — respondo friamente, ouvindo seu tom de zombaria ao meu lado. Ela só está certa em parte. Eu realmente tenho um quarto luxuoso, mas me recuso a deixar os serviçais cuidarem de mim. — Todos os competidores precisam ter as mesmas condições antes e durante as Provas. Assim, nenhum pode acusar outro de ser favorecido ou de ter alguma vantagem.

Paramos do lado de fora do quarto de Paedyn, onde ela se vira para me olhar de frente. Parece que vai rir de novo, mas, quando fala, suas palavras saem amargas.

— Só porque estamos em quartos parecidos não significa que ninguém tenha privilégios.

Fico em silêncio, avaliando-a por um momento. Se eu fosse um Trivial

participando das Provas, precisando lutar contra algumas das habilidades mais fortes que os Notáveis podem ter, duvido que sentiria algo diferente. O poder de Paedyn não é algo que ela possa usar como arma, como o restante de nós. Ela vai ser obrigada a contar apenas com a própria força, e não com a força de uma habilidade.

De repente, penso em como ela lutou com o Silenciador, tão hábil e segura de si. Talvez tenha uma chance melhor de sobreviver às Provas do Expurgo do que ela própria imagina.

Vejo seu olhar passar por cima do meu ombro, indo até a porta que estou bloqueando neste momento. Ela abre a boca para dizer alguma coisa, atraindo minha atenção para o corte se curando em seu lábio inferior.

Em um impulso que aparentemente não consigo ignorar, seguro o queixo dela e levanto seu rosto na direção do meu. Ela fica surpresa demais para se mexer, e eu aproveito isso.

— Eu achei que você seria capaz de evitar um soco direto. Vai ver você não é uma lutadora tão hábil quanto pensei.

Dou de ombros e inclino sua cabeça para a luz, examinando casualmente o corte feio no lábio.

Ah, mas ela não está mais surpresa, imóvel e quieta.

Em um movimento rápido, Paedyn segura meu pulso e o torce para fora bruscamente, fazendo uma dor forte subir pelo meu braço. De repente, está segurando minha camisa e me empurrando contra a parede. Sua mão livre encontra a adaga presa à minha cintura e a puxa, e em seguida encosta a lâmina afiada contra a minha garganta.

— Quer descobrir até que ponto eu sou uma lutadora hábil?

Ela me olha friamente, com uma diversão dançando nos olhos diante da situação em que estou. Paedyn adora a visão do príncipe preso contra uma parede. E não é um príncipe qualquer: é o futuro Executor.

Apoio o corpo na pedra fria, soltando um riso sombrio enquanto enfio as mãos casualmente nos bolsos. Isso só faz com que ela aperte a lâmina com mais força contra a minha garganta, ameaçando me cortar.

Essa aqui é uma coisinha maligna, não é?

— Cuidado, Vossa Alteza. Eu não gostaria de derramar sangue real. — Ela está zombando de mim; é uma tentativa adorável.

Inclino meu corpo contra o dela, deixando o aço afiado da minha própria adaga cortar minha garganta, tirando um fio fino de sangue quente.

— Cuidado, meu bem. Você se esquece que derramar sangue é o que eu faço de melhor.

Ficamos nos encarando.

Paedyn está me olhando com uma expressão que não consigo decifrar, mas se recupera rapidamente, desviando a conversa com facilidade.

— Um dos seus Imperiais fez isso comigo. — Ela solta minha camisa e indica o lábio. — Por falar nisso, você chegou a perguntar sobre mim? Tenho certeza de que ele tinha muita coisa a dizer.

Eu perguntei, e ele disse. Depois de falar com cada Imperial designado para o turno da manhã, um deles mencionou um encontro recente com a Psíquica. O desdém do sujeito por Paedyn ficou mais do que óbvio quando ele contou o que ela havia sentido nele.

E, no entanto, ele não disse que a havia agredido.

Talvez eu o livre de uma das mãos para que nunca mais tenha a oportunidade de usá-la contra uma mulher.

— Eu falei com ele, sim — digo, baixinho. — Mas acho que vamos ter outra conversa em um futuro próximo.

O olhar de Paedyn percorre rapidamente o meu rosto, me fazendo sentir uma ansiedade anormal e irritante. Pigarreio e olho a faca que ela ainda segura com firmeza contra o meu pescoço.

— Achei que tínhamos estabelecido que você *sabe* quem eu sou, não?

O canto dos meus lábios se curva em um sorriso quando digo isso, me lembrando nosso encontro no beco. Quando *eu* a prendi contra uma parede.

— Sei — responde ela, agora tão perto de mim que posso examinar todos os diferentes tons de azul nos seus olhos. — Já falei antes e vou falar de novo. Um babaca metido a besta?

Solto uma risada, o que só faz a adaga afundar mais na minha carne.

— Além disso, não importa quem você é. — O olhar de Paedyn baixa para o chão por um instante, antes de se fixar de novo em mim. — Agora estamos competindo um contra o outro. Sem *favoritismo*, lembra? Você mesmo disse.

Ótimo. Vou entrar no jogo.

Tiro a mão do bolso e a levo às costas dela, devagar, sustentando seu olhar o tempo todo. Ela me encara, com uma confusão nítida em todo o rosto, mas continua segurando a faca com firmeza. Paedyn e eu sabemos que ela não vai cortar minha garganta, por isso não estou nem um pouco preocupado enquanto continuo a passar o braço em volta dela até meus dedos roçarem no cabo frio de uma adaga enfiada no cós da sua calça.

Eu sabia que a arma estava ali. Vi o sol brilhando no cabo de prata quando ela se levantou da mesa, virando as costas para mim.

Sorrindo, puxo a adaga devagar, os dedos roçando brevemente na cintura. Acho que ouço um som ofegante, levíssimo, passar pelos seus lábios quando encosto sua própria faca contra sua garganta,

reproduzindo o que ela está fazendo comigo.

— Você está certa. Agora estamos competindo um contra o outro — digo, rindo com serenidade. — Acho melhor eu começar a me esforçar, então.

Ficamos nos observando por um longo momento. Seu olhar não se abala, me lembrando de um oceano imóvel, da calmaria antes de uma tempestade.

— Pode escrever o que eu digo, príncipe: eu serei o seu fim.

Inclino o corpo para a frente, ignorando a faca encostada no pescoço enquanto murmuro:

— Ah, meu bem, estou ansioso por isso.

Um tempo longo demais passa. E então...

Devagar, surpreendentemente, Paedyn afasta a faca da minha garganta.

Eu também abaixo a minha — a dela — e a devolvo. Ela faz menção de se afastar, de me deixar e abandonar a conversa, mas eu seguro seu pulso. Paedyn fica imóvel com o meu toque, e meu olhar se trava no dela enquanto guio sua mão, com a faca, até o meu peito. A lâmina, suja do meu sangue, encosta no tecido da minha camisa e os nós dos dedos dela roçam meu peito enquanto eu limpo sua adaga.

— Isso é que é não derramar sangue real — digo, com um suspiro.

Ela solta o ar lentamente.

— Cedo ou tarde isso iria acontecer.

— Então devo me acostumar?

— Você deveria esperar por isso.

Abro um sorriso.

— Então estou ansioso pelo nosso próximo encontro.

Dou uma piscadela e Paedyn revira os olhos antes de enfiar minha adaga de volta na bainha e recolocar a sua no cós da calça. Ela passa junto do meu braço e vai para a sua porta.

— É sempre um prazer — digo, e entro no meu quarto do outro lado do corredor.

— Infelizmente, não posso dizer o mesmo. — Vejo o brilho de um sorriso antes de ela entrar no quarto, fechando a porta.

Assim que estou do outro lado da minha porta, começo a andar pelo quarto que, por acaso, fica exatamente diante do dela. Meus dedos vão até o pescoço, sentindo o calor pegajoso do sangue.

Essa garota pode ser o meu fim. Literalmente.



CAPÍTULO 13



Daedyn

O suor escorre pela minha testa e gruda nos meus cílios.

Estou muito fora de forma.

Depois de três longos dias de treinamento, meu corpo está dolorido e gritando para eu parar. Os anos vivendo nas ruas tiveram um preço, me deixando mais fraca do que eu tinha percebido, apesar de eu estar sempre correndo dos Imperiais e escalando chaminés.

Abaixo a cabeça e, bufando, enxugo as gotas de suor do rosto na bainha da camiseta suja de terra. Estou imunda. E, infelizmente, esse é o mais próximo da normalidade que me sinto desde que cheguei ao palácio.

Uma árvore alta e acolchoada está à minha frente, com as marcas dos meus punhos ainda visíveis nas almofadas ásperas que envolvem o tronco. Estou há horas no campo de treinamento junto com os demais competidores, todos praticando vários exercícios ou lutando uns contra os outros.

O pátio não se parece nem um pouco com o ringue rústico e lamacento em que cresci treinando. Viro as costas e me apoio na árvore acolchoada, olhando os vários terrenos circulares espalhados pelo gramado, onde a maioria dos meus adversários se encontra neste momento.

Grandes suportes de madeira cheios de armas e escudos, todos novos e esperando para serem usados, ficam ao lado de cada círculo. Nunca vi algo assim. Tantas armas à minha disposição. Tantas armas desperdiçadas.

Examinando o centro de treinamento. Para onde quer que eu olhe, estão todos se exercitando, se alongando e lutando, sujos e encharcados de suor como eu. Por enquanto, todos parecem evitar treinos usando as habilidades, provavelmente esperando para revelar seus poderes nas entrevistas.

Basta esse pensamento para que eu comece a girar a aliança no

polegar, ansiosa. Amanhã, a essa hora, seremos apresentados ao reino de Ilya, tentando cair nas graças do povo. Pelo pouco que descobri com Ellie, é a partir das entrevistas que as pessoas escolhem para quem vão torcer nas Provas. É uma ocasião para demonstrar a própria força, fazer propaganda e tentar conquistar os votos do público.

E é exatamente isso que eu preciso fazer: ganhar as pessoas. Elas desempenham um papel vital nessas Provas deturpadas, e quanto mais votos um competidor ganhar, maior a sua pontuação.

Suspiro e respiro o ar úmido que cheira a grama fresca, terra e bem mais do que um pouco de suor. Fico aliviada por estar treinando, fazendo alguma coisa com as mãos para impedir a mente de divagar em pensamentos perigosamente prejudiciais, como as Provas do Expurgo e a possibilidade — a *probabilidade* — da minha morte iminente.

Sou arrancada dos devaneios quando meu olhar pousa em uma pele queimada pelo sol. Com o sol da tarde nos golpeando, os rapazes abandonaram suas camisas suadas há muito tempo. E, irritantemente, isso... me distrai, para dizer o mínimo.

Kitt e Kai giram um ao redor do outro em um círculo, sorrindo enquanto trocam palavras, parecendo lutar verbal antes de fisicamente. Os irmãos parecem confortáveis, felizes por passar esse tempo juntos.

Ainda que o futuro rei não vá competir nas Provas, isso não parece impedi-lo de treinar e comer conosco como se fosse. Mantive distância dos dois e dos outros competidores, mas a tensão entre todos nós só cresce a cada dia.

Meu olhar se volta para os dois, observando as tatuagens escuras e idênticas formando um redemoinho logo acima do coração. Mesmo a essa distância dá para ver o símbolo da força de Ilya gravado na pele deles.

O brasão em si é simples: espirais grossas conectadas em um losango virado de lado. Supostamente representa os diferentes poderes e como todos funcionam juntos, ao mesmo tempo representando os quatro locais que cercam Ilya. Há o Monte Escarpado ao norte, o Mar dos Baixios a oeste, o Deserto Escaldante ao leste e a Floresta dos Sussurros ao sul — todos se juntando para formar um losango ao redor da cidade.

Pisco e afasto o olhar de Kitt e Kai antes de me virar de volta para a árvore, sentindo uma ânsia súbita de agredir alguma coisa de novo. Giro e dou um chute forte nas almofadas grossas, ressoando com um *tunc* satisfatório. O suor escorre pelo meu corpo, mesmo depois de eu despir as camadas de roupa até ficar apenas com a camiseta fina, agora úmida e grudando desconfortavelmente na pele. Minha calça preta e justa está fervendo sob o sol escaldante, e eu a enrolo até quase os joelhos, com

vontade de tirá-la totalmente.

Dou socos na árvore acolchoada até ficar com os nós dos dedos vermelhos e ralados e encosto a testa suada na almofada, ofegando ligeiramente. O tecido abafa meu gemido antes de eu me obrigar a ir até o suporte de armas mais próximo.

Meus dedos dançam, percorrendo as lindas facas de arremesso postas inocentemente no suporte. A suavidade e a nitidez aguda do fio das armas me deixa louca para arremessá-las. Volto a atenção para o alvo dez metros à minha frente e começo a cravar várias facas na madeira áspera. Encontro um ritmo, deixando meu corpo relaxar a cada faca que atiro. Estou focada. Atordoada.

Eu senti falta disso.

Deixo a mente vagar, olhando os alvos que acerto. De repente, estou no meu quintal dos fundos de novo, atirando facas pequenas, malfeitas, contra a casca áspera de uma árvore. Meu pai anda atrás de mim, fazendo uma pergunta atrás da outra a respeito do ambiente ao redor, me questionando sobre detalhes que eu devia observar em segundos ao mesmo tempo que minha mente se concentra nas facas se cravando no alvo.

Quase consigo ouvir os passos do meu pai no chão de terra atrás de mim.

O chiado familiar de uma faca atravessando o ar faz com que eu me abaixe instintivamente, sentindo o sussurro de uma lâmina acima da minha cabeça antes de levantar o olhar bem a tempo de vê-la se cravar no alvo.

Um belo arremesso.

Mas estou com raiva demais para admirá-lo. Levanto e dou meia-volta, encarando o olhar cinzento a alguns metros de distância.

Ele é a própria imagem da inocência: as mãos já nos bolsos, o cabelo se agitando na brisa e um sorriso preguiçoso.

— Bons reflexos, Gray.

Esse babaca filho da...

— Mas que *merda*, qual é o seu problema? — Ando pisando firme na direção de Kai, diminuindo a distância entre nós em uma questão de segundos. — E se eu não me abaixasse, hein?

Ele dá de ombros. *Dá de ombros.*

— Eu teria uma competidora a menos com quem me preocupar.

— Então você admite que eu sou uma ameaça?

— Nunca falei isso.

— Mas deu a entender.

— Não se iluda.

Meu peito arfa enquanto sustento o olhar dele. Uma covinha única surge quando Kai me olha, o canto da boca inclinado em um sorriso entretido, o que só aumenta minha vontade de bater nele.

— Eu sabia que você iria se abaixar, Gray — murmura, os lábios se contraindo ao dizer meu sobrenome.

Um arrepio desce pela minha coluna apesar do sol que bate nas minhas costas quando ele chega ainda mais perto para sussurrar alguma coisa no meu ouvido.

Mas não chego a descobrir o que ele iria dizer.

Uma pontada de dor acerta minha orelha e eu estremeço com o choque. Ouço o barulho de uma faca acertando o alvo atrás de nós, olho por cima do ombro de Kai e vejo Blair com a mão estendida. Um riso retorce seus lábios vermelhos, mas seus olhos escuros se movem rapidamente entre os de Kai e os meus.

Levo uma das mãos à orelha e meus dedos são rapidamente manchados de sangue pegajoso. Ela mandou a faca voando para o alvo, mas não antes de deixar sua marca em mim.

Ela me cortou. De propósito.

Um músculo estremece no maxilar de Kai, o único sinal da sua irritação. Ele permanece perto de mim, recusando-se a se virar para Blair, ao mesmo tempo que me separa dela com o corpo.

— Marcando o território, Blair? — pergunto, olhando do príncipe para os olhos flamejantes da garota.

Ela obviamente não gostou de vê-lo dando atenção a outra pessoa, ainda que a atenção fosse jogar uma faca contra a minha cabeça. Talvez ela curta esse tipo de coisa.

Blair ignora minha pergunta, com a voz afetada.

— Só pensei em marcar meu alvo antes do começo das Provas.

E então ela se vira e se afasta, e eu fico olhando. Engulo em seco, me sentindo menor e mais fraca do que nunca. A demonstração de Blair foi um lembrete de como seria fácil qualquer um daqueles Notáveis acabar com minha vida de Comum.

Ela me marcou.

— Você está com sangue no cabelo, meu bem.

Meu olhar se volta para Kai, ainda parado junto de mim, agora avaliando minha orelha ferida. Levanto a mão com a intenção de prender o cabelo atrás da orelha sangrenta quando ele segura meu pulso.

— Não — sussurra, os calos roçando na minha pele enquanto segura minha mão diante do meu rosto e indica os dedos ensanguentados. — A não ser que você queira sujar ainda mais os cabelos de sangue.

Tento não encará-lo boquiaberta, e isso só faz seu sorriso se alargar.

— Por que você está...?

— Sendo um cavaleiro? — completa Kai por mim, suspirando como se não soubesse a resposta. — Digamos apenas que, por acaso, eu sei como é difícil tirar sangue do cabelo, então não invejo sua situação atual.

Ele examina meu ferimento, que arde e pinga sangue. Então, abaixa minha mão e coloca meu cabelo atrás da orelha cuidadosamente, murmurando:

— Você está fazendo uma tremenda sujeira, Gray.

Fico encarando-o, imaginando vagamente se um ferimento tão raso me fez perder sangue suficiente a ponto de alucinar. Algo deve estar tremendamente errado, porque o futuro Executor acabou de pôr meu cabelo atrás da orelha *com delicadeza* para que ele não fique mais ensanguentado do que já está.

— Vire-se.

A ordem me traz de volta à realidade.

Aí está o adorável futuro Executor.

Ele ergue as sobrancelhas, cheio de expectativa, esperando que eu o obedeça. Em vez disso, as palavras que saem da minha boca são:

— E por que eu faria isso?

Sua voz sai ríspida:

— Porque eu mandei.

— E isso deveria significar alguma coisa para mim?

Este é um jogo muito, muito perigoso.

Kai abre um sorriso.

— Tudo bem. — Então ele dá a volta e segue para trás de mim, murmurando: — Coisinha teimosa.

Dedos ásperos roçam minha nuca.

Minha respiração fica presa na garganta quando ele puxa meu cabelo casualmente, afastando as mechas do meu rosto e da orelha ensanguentada.

— O que você está...? — Paro bruscamente, sentindo o padrão que ele tece com gentileza. — Você está... *trançando* meu cabelo?

— Por que você parece tão surpresa? — pergunta, como se fosse nada, sem perceber que minha boca está aberta, em choque. Sua voz soa desafiadora e presunçosa quando diz: — O quê? Você precisa que eu ensine como se faz?

— Não, não preciso que você ensine... — Paro, respirando fundo. — Como é que você sequer sabe fazer uma trança?

Ele solta uma risada que arrepiia os pelos da minha nuca.

— Você fala como se fosse difícil.

Ficamos em silêncio por um momento, e o roçar dos seus dedos

descendo pelas minhas costas me deixa imóvel. Pigarreio.

— Achei que você tinha me dito para eu não me acostumar com você sendo um cavalheiro.

Quase consigo ouvir o sorriso na sua voz quando ele diz:

— E reafirmo.

— Então por que está fazendo isso?

Kai suspira, pousando os dedos no meu braço, e eu quase me sobressalto com o toque dos seus calos. Ele para na tira enrolada no meu pulso e a solta para prender meu cabelo.

— Pronto — diz, dando a volta para ficar à minha frente enquanto joga a trança comprida por cima do meu ombro e dá uma leve puxada nela, admirando o próprio trabalho e abrindo um sorriso que denuncia suas covinhas.

Olho a trança e contendo um ruído de escárnio ao ver várias mechas espetadas para fora.

— Eu achei que você tinha dito que isso *não* era difícil — digo, rindo.

— Você sabe que o cabelo *todo* deveria ficar preso na trança, não sabe?

— Que modo estranho de agradecer! Mas acho que é o máximo que vou receber de você. — Ele se inclina mais para perto com um sorriso zombeteiro. — Já que você não vai deixar que eu lhe ensine a fazer uma trança, talvez considere deixar que eu lhe ensine bons modos.

Quase engasgo com uma risada, pensando no futuro Executor me ensinando *bons modos*. Kai examina minha orelha antes de dar um passo atrás, enfiando as mãos nos bolsos.

— Você deveria cuidar disso antes da entrevista de amanhã — diz ele casualmente, indicando o ferimento. — Não queremos que a marca da Blair vire uma cicatriz.

A irritação súbita nas palavras dele me deixa perplexa por um momento, e o observo no silêncio crescente.

— É — respondo, enfim. — Não queremos isso.

Ele me examina de novo e dá meia-volta, mostrando um sorriso por cima dos ombros.

— Boa sorte amanhã, Gray.

Não me incomodo em lutar contra um sorriso.

— Se eu tivesse bons modos, desejaria sorte para você também, príncipe. Mas você já me informou que eu não tenho.

Kai dá uma risada, e o som gera um arrepio na minha espinha enquanto ele continua se afastando. Sem o príncipe para me distrair, sinto minha orelha arder furiosamente enquanto volto para o castelo, ocupada apenas por um pensamento.

Ele não respondeu à minha pergunta.



Daedyn

O aço frio da aliança do meu pai pouco me conforta enquanto eu a giro no polegar.

Dedos deslizam suavemente pelo meu cabelo, prendendo e puxando as mechas revoltas. Com os toques tranquilizadores de Ellie e a maciez da banqueta da penteadeira em que estou sentada, sinto minhas pálpebras ameaçando me puxar de volta para o sono inquieto, apesar de minha mente não parar quieta. Ellie deve estar vendo a preocupação e o cansaço no meu rosto, porque me oferece um sorriso de simpatia pelo espelho.

— Como você está se sentindo? Você sabe, com relação à entrevista.

Não desacelero o giro constante da minha aliança, ainda que não faça qualquer diferença.

— Bom, não faço ideia do que devo esperar. E se a coisa correr mal...

— Deixo as palavras pairando no ar enquanto Ellie assente para mim no espelho, sem precisar que eu termine o pensamento.

— Não fique pensando demais. Você vai se sair bem — afirma ela, e continua a prender meu cabelo. — Além disso, as pessoas não param de falar na *Paladina Prateada*.

Paladina Prateada.

Quase rio do apelido que me deram. Se realmente soubessem por que eu consegui impedir o Silenciador, não me chamariam mais de paladina. Na verdade, não me chamariam de nada, porque eu simplesmente seria mais uma Comum morta que não merece nome, nem título, nem lembrança.

Quando Ellie termina, há um coque elegante na minha nuca, preso com grampos brilhantes, e alguns cachos prateados emoldurando meu rosto maquiado com cílios escuros.

Depois de muito debater, escolhemos um vestido azul-claro sem mangas. Elegante, mas não muito chamativo.

— Você vai querer causar uma boa impressão, e acho que este vai

ajudar. — Ellie sorri.

Assim que termino de vesti-lo, sou arrastada até o espelho para que ela possa admirar o próprio trabalho. Com o cabelo, a maquiagem e o vestido azul envolvendo meu corpo, quase pareço *pertencer* a este lugar. Como se não tivesse dormido na rua nos últimos cinco anos da minha vida.

Uma batida à porta me assusta a ponto de me fazer parar de encarar meu reflexo.

— Está pronta?

Lenny está esperando do lado de fora quando Ellie me empurra para o corredor, lançando um olhar tímido na direção dele antes de voltar para o quarto. Ele me dá um sorriso fácil antes de me levar pela enorme porta principal do castelo, saindo para o pátio banhado de sol.

Não estamos sozinhos. A maioria dos outros competidores está esperando, tensa, enquanto o resto sai lentamente do castelo. Logo há Imperiais passando, juntando-se ao nosso grupo.

— O que está acontecendo? — sussurro para Lenny, ainda parado junto de mim.

Ele indica os outros Imperiais.

— Nós vamos escoltar vocês até a Arena.

Meus olhos se viram para a enorme estrutura não muito longe da nossa vista. Nunca assisti às entrevistas dos competidores, por isso nunca tive o prazer de estar nas arquibancadas da Arena junto de milhares de outros ilyanos. O lugar recebeu esse nome nada original, Arena Esférica, devido à forma circular da grande construção onde nunca pensei que poria os pés. O grupo segue em um ritmo tranquilo em direção à Arena, com Imperiais nos escoltando de ambos os lados. Ela fica a menos de um quilômetro e meio do palácio, e eu me sinto satisfeita em examinar o ambiente ao redor enquanto andamos pelo caminho de cascalho. Árvores com galhos tortos se erguem acima de nós, estranhamente encantadoras com a forma como o sol passa entre as folhas, salpicando o chão embaixo delas de luz. Flores de tons branco e rosa-claro vibrante pontilham os galhos, e várias delas caem lentamente, espalhando pétalas no chão.

Fico no final do grupo, observando meus competidores à frente. Todos os rapazes usam alguma variação de calças justas e camisas de botão coloridas, e as garotas usam vestidos elegantes, mas simples.

Braxton e Sadie conversam em voz baixa com sorrisos hesitantes, e Andy fica o tempo todo estendendo o pé para acertar o tornozelo de Jax, fazendo-o tropeçar enquanto ela ri. Meus olhos se viram para Hera, quieta e olhando espantada ao redor, observando o túnel de árvores que

decora o caminho. Ace, por outro lado, está com o nariz tão empinado que duvido que sequer consiga ver o que tem à sua frente.

Por fim, meu olhar vai até as duas figuras altas que andam na frente do grupo. Kitt e Kai riem baixinho, algo aparentemente comum quando estão juntos. De novo, o futuro rei se mistura com os competidores, me fazendo pensar brevemente se ele *deseja* fazer parte dessas Provas insanas.

Blair se enfia entre os dois irmãos, rindo de algo que um deles disse. Tanto seu cabelo lilás quanto o vestido azul-marinho brilhante reluzem ao sol, criando a ilusão de que há um refletor acompanhando-a o tempo todo. Ela usa qualquer desculpa para tocar nos rapazes, nada sutil. Sabe o que quer, e está claro que é um deles. Quase admiro sua resiliência.

Ando em silêncio olhando as pétalas cor-de-rosa que caem das árvores, pairando até o chão em uma brisa suave...

— Vejo que você encontrou algo para vestir.

A voz grave me faz dar um pulo e xingo baixinho ao ver o futuro rei ao meu lado de repente. Ele está rindo da minha expressão surpresa, e luto contra a ânsia de empurrá-lo por ter me assustado. Respiro fundo antes de encarar seus olhos verdes, cuja cor se parece com as folhas acima de nós — se parece com a cor dos olhos do seu pai.

Os olhos do rei.

A percepção repentina me faz hesitar. Faço um esforço para engolir o nojo que sinto dele e do reino corrupto que ele vai governar à maneira do pai. Respirando fundo, me lembrando também que devo ser civilizada, educada.

Entre no personagem.

— É, mas não posso ficar com todo o crédito. — Olho meu vestido azul-claro balançando na brisa suave. — Preciso agradecer à Ellie por isso.

— Ah, sim. — A risada do futuro rei é provocadora, me assustando. — Ellie, a criada que você insistiu que não precisava?

— A própria — respondo secamente. — Sabe, acho que ela gostou de mim, mas parece que quer me torturar com esses sapatos.

Já consigo sentir os pés começando a criar bolhas nas sandálias de tiras apertadas demais que Ellie insistiu que eu usasse.

Kitt ri de novo, um som vívido e contagiante que consegue me deixar inquieta.

— Não invejo você nem as bolhas que provavelmente vai acabar tendo. — Um pequeno sorriso curva seus lábios enquanto ele faz um gesto na minha direção. — Mas eles ficam bem em você.

— Obrigada... — As palavras saem mais parecidas com uma pergunta

do que eu pretendia.

Sempre presumi que o futuro rei seria frio, calculista — mais parecido com o irmão, no mínimo. Mas Kitt parece ser o oposto, o que me confunde, considerando quem é o seu pai e o seu futuro.

Perdida nos meus pensamentos, levanto o olhar e vejo a construção gigantesca da Arena se aproximando, nos esperando no final do túnel de árvores. É enorme. Fora o castelo, nunca vi uma estrutura tão grande.

Quase dou um pulo quando sinto alguma coisa pousar no topo da minha cabeça. Kitt estende a mão para tirá-la, rindo, o que me faz encolher. Minha reação não passa despercebida, e as sobrancelhas dele se franzem com preocupação.

Não estou atuando muito bem.

Escondendo a ansiedade que tenho certeza de que está nítida em todo o meu rosto, tento dar um sorriso débil ao ver a flor cor-de-rosa que ele está girando entre os dedos. Levanto o olhar e vejo várias pétalas grudadas no cabelo revoltado de Kitt.

— Sabe — diz ele, baixinho, colocando a flor de volta na minha cabeça —, isso também fica bem em você.

Respiro fundo e forço um sorriso mais intenso.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você — digo, apontando para seu cabelo loiro cheio de pétalas.

Ele ri de volta, passando a mão pelos cabelos, fazendo pouco para livrá-los das flores que formam uma coroa na sua cabeça.

— Bom, agora estamos combinando — responde simplesmente, com os olhos atentos.

Desvio o olhar, ainda sentindo-o examinar meu rosto enquanto me esforço ao máximo para permanecer calma, controlada.

— Você parece... — Ele faz uma pausa, tentando encontrar a palavra certa. — Ansiosa.

Isso é que é permanecer calma e controlada.

Dou-lhe um sorriso rápido que não chega aos meus olhos.

— Bom, vamos esperar que a ansiedade também fique bem em mim.

— Está nervosa por causa da entrevista? Ou é alguma outra coisa?

As palavras dele são suaves, curiosas.

Preocupadas.

Dou uma olhada rápida para Kitt, mas desvio os olhos quando encontro os dele.

— Só a entrevista. E a possibilidade de fazer papel de idiota.

— Você vai se sair bem. Especialmente depois do... *incidente* com o meu irmão na Alameda. — Ele abre aquele sorriso charmoso. — As pessoas ainda estão falando sobre você.

Estou prestes a responder quando meu rosto é invadido pelo brilho do sol. Não tinha percebido que o túnel de árvores havia terminado, o que me faz piscar rapidamente à luz ofuscante.

Mas o sol desaparece tão rapidamente como surgiu. Ficamos em silêncio quando a sombra da Arena nos envolve. Então, entramos em um dos muitos túneis enormes de cimento que levam para dentro da construção, os passos ecoando em paredes de pedra fria até sairmos no nível mais baixo.

Viro-me de um lado para o outro, os olhos arregalados absorvendo tudo. Ao redor de toda a Arena Esférica ficam dezenas de fileiras amplas cobertas de bancos de concreto que sobem pela lateral. Meu olhar percorre o vidro grosso que envolve cada seção das arquibancadas.

Não, não é vidro.

É um Abafador.

Sei muito pouco sobre o material raro inventado pelos Eruditos, e o vi ainda menos. Por meios complicados demais para eu entender, essa coisa parecida com vidro impede que os Notáveis nas arquibancadas usem seus poderes para interferir nas Provas.

Afasto o olhar desse estranho fenômeno e continuo a observar a Arena com os olhos arregalados. Apesar de estarmos no nível do solo, perto da fileira inferior de bancos, o piso de areia fica abaixo de nós. Vou até o grosso parapeito de metal na borda da passagem e olho para baixo. É uma queda de uns quatro metros e meio até a areia.

O Fosso.

É ali que acontecerão as Provas do Expurgo, enquanto centenas de ilyanos assistem nas arquibancadas ao redor.

Os Imperiais começam a nos juntar até pararmos próximos de uma sala grande que se abre para a passagem, cercada por vidro grosso. Olho para dentro e vejo três poltronas grandes e luxuosas em um piso de madeira encerada, gerando um enorme contraste com o concreto frio que cobre o resto da Arena.

O camarote do rei.

Então é aí que ele fica sentado, confortavelmente, vendo a gente morrer.

Para a minha surpresa, os Imperiais começam a nos empurrar para a sala de vidro, um por um. Todos fazemos fila e olhamos enquanto Kai vai até o canto oposto. Estico o pescoço e o vejo levantar a tampa de um alçapão oculto no piso antes de pular para dentro com facilidade.

Uma mão no meu ombro me instiga a avançar.

Aonde a gente vai?

Atravesso a sala abafada até o buraco que me espera no chão. O

espaço abaixo está escuro, tornando impossível ver a distância do piso.

Suspiro antes de saltar da borda para o desconhecido.

Meus pés batem no chão com uma pancada fraca. Depois de avaliar que a queda foi de cerca de dois metros, agradeço por a superfície embaixo das minhas sandálias ser macia. Mas com o movimento embaixo de mim e os joelhos dobrados para aliviar o impacto da queda, não consigo deixar de tropeçar e bater em uma coisa sólida.

Não. Não é uma coisa. *É alguém.*

Braços fortes me envolvem antes de eu sentir o estremecer de uma gargalhada profunda vinda do peito largo no qual bati. Mãos grandes seguram com firmeza o meu quadril e, à medida que meus olhos se acostumam com a escuridão, consigo ver um sorriso familiar nos lábios de Kai.

— Péssima habilidade com os pés, Gray. Eu odiaria ser seu par na pista de dança.

Empurro seu peito e ele me solta com relutância, com uma risada sombria.

— Bom, então o sentimento é mútuo. — Estou nervosa e odeio isso. — E tenho excelente habilidade com os pés, muito obrigada... — pigarreio, desviando o olhar antes de acrescentar em voz baixa: — ... quando estou lutando.

Ele está certo, mais uma vez. E, de novo, odeio isso. Sou *mesmo* uma dançarina terrível. Talvez eu seja capaz de dançar em uma briga, mas essa habilidade não se estende ao salão de baile.

Kai ri outra vez, mas antes que tenha chance de fazer algum comentário malicioso do qual, com certeza, eu o faria se arrepender, Kitt aterrissa ao meu lado.

— Brincando com a concorrência, irmão?

Dá para ouvir o tom de diversão na voz de Kitt enquanto ele vai até uma grande alavanca na parede e a puxa para cima. As luzes no teto piscam e se acendem com um zumbido, me lembrando dolorosamente de casa e das poucas lâmpadas que zumbem na Alameda dos Larápios.

— Não consigo evitar quando a concorrência é tão divertida — responde Kai, dando de ombros.

Estou prestes a dizer alguma coisa que provavelmente não deveria quando nossa conversa é interrompida pelo resto dos Notáveis literalmente caindo na sala. Olhando em volta, vejo que o lugar está cheio de poltronas e sofás macios, além de uma variedade de petiscos servidos em uma mesa comprida, deixando claro que é onde vamos ficar até o começo das entrevistas.

Todo mundo se espalha, acomodando-se nas poltronas e pegando

comida. Sinto uma mão encostar no meu ombro e levo um susto, virando-me para descobrir um par de olhos cor de mel, com ar divertido, escondidos atrás de mechas de cabelo cor de vinho.

— Nervosa, é? — Andy levanta uma sobrancelha.

— É, bom, pensei que você era o Kai e estava me preparando para quebrar o seu nariz.

Ela solta um ruído de escárnio.

— É compreensível. Meu primo é um panaca. Mais ou menos. — Ela vira a cabeça na direção de Kai, mas o sorriso não some do rosto.

— Seu... — Eu pisco, confusa. — ... primo?

— É. Ele tem sorte de ser meu parente. — Ela dá uma risadinha, a argola no nariz brilhando à luz fraca. — Os dois são.

— Então você também cresceu no palácio? Com eles? — Indico com a cabeça os rapazes que parecem estar provocando Jax impiedosamente.

— É, infelizmente. — Andy assente e dá uma risada. — A quantidade de brigas que aqueles dois aprontaram por causa de comida... — Ela deixa o resto no ar, sorrindo consigo mesma. — Bom, eu sou o que eles chamam de *faz-tudo* no palácio. Meu pai e eu consertamos qualquer coisa que precise ser consertada. E, acredite, aqueles dois quebraram várias no decorrer dos anos.

Depois de um tempo, vamos até um dos sofás e nos sentamos, conversando com hesitação. Somos educadas uma com a outra, contentes em ter uma conversa civilizada mesmo enquanto permanecemos muito conscientes de que somos competidoras.

O som trovejante de centenas de pés silencia todos nós. O ribombo preenche a Arena lá em cima, fazendo meu estômago se revirar. Eles chegaram. Centenas de *ilyanos* — milhares. Todos prontos para assistir às entrevistas, ao show. Vieram escolher para quem desejam torcer, quem eles querem que sobreviva.

Não sei quanto tempo demora até que o desfile de passos subindo pelas fileiras de assentos silencie. Mas as vozes não param. Elas cantam e gritam, esperando que os competidores apareçam. Os Imperiais nos chamam de volta para o alçapão e de repente me vejo em outra fila, esperando a minha vez de ser puxada de volta à caixa de vidro.

Em nem tinha notado o futuro rei ao meu lado até que ele estende a mão para tirar algo do meu cabelo. Nem tenho tempo de me encolher antes que ele esteja segurando uma flor diante de mim — a que eu tinha esquecido que estava presa nas mechas prateadas.

— Mesmo achando que fica bem em você, talvez você não devesse fazer a entrevista com isso na cabeça. — Ele indica a flor com um sorriso. — Você pode atrair muita atenção. Especialmente das abelhas.

Entre no personagem.

É isso que eu preciso ficar dizendo a mim mesma. Porque, sempre que olho para ele, só consigo ver o seu pai e um homem que um dia irá governar um reino corrupto. Apesar da minha aversão, forço um sorriso.

— Obrigada. Por me salvar de passar vergonha e das abelhas.

Braxton chega embaixo da saída e eu agradeço a desculpa que me permite desviar o olhar do futuro rei. O Robusto nem precisa pular para segurar a borda antes de se puxar com facilidade e passar pela abertura do alçapão. Um a um, os rapazes vão para a sala acima até que só restam os dois príncipes.

Eles ajudam as garotas a subir, com facilidade, praticamente jogando Hera pela abertura. Blair aproveita a situação, usando-a como desculpa para ter as mãos dos rapazes em todo o seu corpo. Depois de Sadie educadamente pedir ajuda, fico sozinha com os irmãos.

Olho pelo alçapão, avaliando o salto, quando Kai chega atrás de mim, abaixando a cabeça até seu queixo praticamente pousar no meu ombro.

— Teimosa demais para pedir ajuda, Gray?

— Não — respondo, fria. — Forte demais para precisar.

Suas palavras seguintes são murmuradas perto do meu ouvido.

— É isso que eu gosto de ouvir.

Seu calor desaparece quando ele fica de lado, indicando o alçapão com um sorriso aparecendo nos lábios.

Eu salto, os dedos se agarrando na borda da abertura enquanto fico pendurada no ar por um momento. Nunca me senti mais grata pelos muitos anos que tive de treino escalando prédios. Faço força para cima, pronta para passar as pernas...

— Essa porcaria de vestido — resmungo, bufando.

Está esticado, o tecido apertando meu quadril e tornando impossível me mover com liberdade.

— Vamos — diz a voz provocadora de Kai, abaixo de mim. — Peça minha ajuda, Gray.

Reviro os olhos para a parede à minha frente.

— Sou teimosa, lembra?

Ouçõ Kitt dar um risinho antes de sentir mãos roçando nas minhas pernas. Levo um susto e olho para baixo, vendo uma cabeça inclinada, coberta por cachos pretos e revoltos. Kai está segurando a bainha do meu vestido, os olhos se virando para os meus.

— Posso? — Sua voz está suave, o tom cheio de diversão.

Engulo em seco, reviro os olhos de novo e concordo, mesmo à contragosto.

E então ele está rasgando o meu vestido.

Kai rasga o pano com facilidade, criando uma fenda na lateral da coxa, me libertando da restrição do tecido. Seus dedos ásperos roçam brevemente a minha pele enquanto ele diz:

— Estou à disposição para rasgar seus vestidos, Gray. Para ajudar, claro. — Kitt bufa enquanto Kai ri. — É só pedir.

— Por que pedir quando você está tão ansioso para se oferecer?

O riso de Kai me segue enquanto eu finalmente termino de subir, os braços ardendo devido ao esforço. Quando fico de pé dentro da caixa de vidro, sinto alívio ao notar que as poltronas continuam vazias. A ideia de ver o rei depois do modo irreverente como ele falou do meu pai, como se não o tivesse assassinado, faz meu sangue ferver. Antes daquele jantar, eu nunca tinha precisado lutar contra a vontade de cravar um garfo na jugular de alguém.

Respiro fundo antes de sair para a passagem. A multidão ruge.

Vamos lá.

Os Imperiais nos levam até uma pequena abertura no parapeito diante do camarote, onde foram postos degraus para descermos ao Fosso. Meus pés batem na areia dura enquanto a multidão aplaude, fazendo parecer que as Provas já começaram.

Andamos pelo Fosso e paramos no meio, onde um palco improvisado se ergue a cerca de um metro do chão. Há dez poltronas enfileiradas na parte de trás e outras duas centralizadas na frente. Os Imperiais nos levam ao palco, onde nos sentamos. Meu olhar encontra o de Lenny e ele assente para me tranquilizar antes de entrar em fila com os demais.

— Bem-vindos, amigos ilyanos, à sexta edição das Provas do Expurgo!

A multidão ruge e eu viro a cabeça na direção da voz feminina e aguda. Ela se vira para nos encarar, os olhos castanhos brilhando de empolgação e os lábios grossos, vermelhos, curvados em um sorriso.

Tealah.

É irônico que seu cabelo brilhante verde-azulado, em um tom também chamado de *teal*, combine com seu nome. Eu nunca tinha visto a mulher que realizou as entrevistas das edições anteriores, mas ouvi o suficiente sobre sua aparência única para identificá-la.

— Ah, mas estas não são Provas comuns! — Ela sorri para a multidão, mostrando os dentes brancos. — Pela primeira vez na história das Provas do Expurgo, o futuro Executor vai competir.

Quase consigo sentir os milhares de olhos se virando na direção de Kai. Ele está claramente acostumado com a atenção, parecendo totalmente relaxado enquanto se reclina na poltrona.

— E, por causa disso, este ano as Provas serão um pouco... diferentes — continua Tealah.

A plateia enlouquece.

As palavras de Ellie ecoam na minha cabeça, iguais às que acabo de ouvir.

Diferentes.

Tudo porque há alguém de sangue real competindo? Tudo para tornar as coisas mais difíceis para o futuro Executor?

Não tenho tempo de pensar mais a respeito antes de a mulher dizer:

— Estão prontos para conhecer seus Notáveis? — Ela põe a mão no peito enquanto fala, fazendo as palavras se espalharem pela Arena. Sua habilidade como Amplificadora lhe permite projetar a própria voz, bem como a de outras pessoas, desde que esteja fazendo contato físico com elas. É um poder Trivial, mas útil nesse tipo de trabalho.

A multidão grita e bate os pés, imitando o som de trovão.

— Vamos conhecer Jax primeiro. Jax, querido, você poderia se sentar aqui, comigo?

Jax se senta na poltrona virada para Tealah, na frente do palco, com um sorriso tímido no rosto. Ele se remexe, inquieto, uma das pernas compridas quicando no chão enquanto a entrevistadora faz perguntas casuais sobre sua vida e sobre as Provas.

— É... eu gosto de treinar luta com o Kitt. Principalmente porque às vezes ele me deixa vencer. Com o Kai... nem tanto.

A multidão gargalha com a resposta de Jax sobre o que mais gosta nos treinos para as Provas. Ele abre um sorriso sem graça, que se alarga quando se remexe na poltrona e vê Kai dando de ombros rapidamente.

— Ele não é simplesmente adorável? — Tealah sorri para a multidão antes de perguntar: — Diga, Jax, quantos anos você tem, mesmo?

A mão de Tealah está pousada no ombro dele, amplificando sua resposta.

— Quinze.

Pela Peste, ele é novo demais.

— Quinze anos e já conquistando a honra de competir nas Provas! — exclama Tealah, olhando para a plateia em busca da aprovação, que eventualmente recebe na forma de batidas dos pés e gritos. — E qual é mesmo o seu poder?

Jax pigarreia.

— Sou um Pisca.

— Que fascinante! Conte mais, para as pessoas que nunca testemunharam essa habilidade.

Ele se ajeita na poltrona.

— Bom, eu posso me teletransportar para qualquer local que eu possa ver em um... bom, em um piscar de olhos. — Ele sorri e a plateia

gargalha.

— Certo, Jax, mais uma pergunta antes de você nos mostrar o que é capaz de fazer. — Tealah de repente parece séria ao dizer: — O que você espera das Provas do Expurgo?

Jax inclina a cabeça, pensativo.

— Bom, não sei como serão as Provas, mas, de qualquer modo, espero honrar a meu reino, à minha família... — ela faz uma pausa e lança um olhar para Kai — ... e a mim mesmo.

A Arena explode em aplausos ao ouvir o lema do reino de Ilya. Tealah se levanta e guia Jax para descer os degraus do palco até a areia compacta do Fosso à nossa frente.

— A Arena é toda sua, Jax!

Em um segundo, Jax está rindo para a plateia, e no outro, sumiu. Giro na poltrona, querendo ver para onde ele foi, e o encontro parado logo atrás de Kai, com um sorriso malicioso no rosto. Ele desgrenha os cabelos do príncipe antes de desaparecer, deixando-o falando sozinho, irritado.

Jax continua seu pequeno show, Piscando de um lugar para o outro, deixando a multidão boquiaberta com cada lugar em que aparece. Depois de alguns minutos, ele Pisca de volta à sua poltrona, entre Kai e Braxton. O príncipe não hesita, prendendo-o em um mata-leão e desgrenhando seu cabelo.

Tealah continua interrogando os competidores antes de deixá-los demonstrar suas habilidades, seguindo o mesmo padrão.

Não passa de um show de talentos. Uma demonstração de quem é o mais forte.

Braxton esmaga estátuas de pedra propositalmente espalhadas na Arena para ele. Ace, depois de dar a entrevista falando como se já tivesse vencido as Provas, desce ao Fosso, convencido como sempre. As ilusões que provoca parecem verdadeiras demais, fáceis demais de confundir com a realidade. Ele cria um fogo que arde numa trilha de chamas, provocando até mesmo cheiro de fumaça, e então o incêndio desaparece tão rapidamente como apareceu, sem deixar vestígios. Sadie, a Clonadora, demonstra seu poder criando dez cópias de si mesma e fazendo-as andar pelas arquibancadas. Cada réplica dá um breve aceno para a multidão antes de voltar à poltrona.

A entrevista de Blair vem em seguida. A garota se mostra irritantemente doce com Tealah e com a plateia, mas não deixa de perceber o tom afiado voltar à sua voz quando fala sobre vencer as Provas. Ela desce para a areia compactada e gentilmente levanta Tealah do chão usando seu poder de Tele, mostrando que sua força é mais

mental do que física. A lâmina que cortou minha orelha no dia anterior deve ter sido arremessada por meio do seu poder, e não com a mão.

Hera se apresenta tímida, se remexendo na poltrona e só falando quando necessário. Praticamente consigo vê-la suspirar de alívio quando finalmente fica livre para mostrar sua habilidade sem ter de falar com a plateia. Ela desaparece e, depois de um momento, Tealah também. A multidão aplaude, olhando para o espaço vazio onde as duas estavam.

Andy é, de longe, a mais divertida, contando histórias sobre sua infância com Kitt e Kai sem a menor vergonha. A multidão a adora, ri de cada palavra. Mas quando ela desce ao piso do Fosso para demonstrar seu poder, minha perplexidade é engolida pela da plateia. Diante dos meus próprios olhos, ela se transforma em um tigre. Depois em um falcão. Em um lobo. Todos com a mesma cor de vinho do seu cabelo. E então, depois de passar casualmente por vários animais, ela reassume a forma humana, com o vestido lilás ainda perfeitamente intacto, não sei como.

Em seguida, Tealah escolhe Kai, me deixando para o final.

Ótimo.

Com Kai sorrindo para ela, a apresentadora parece corada e agitada. Está claro que ele colocou sua máscara de charme enquanto brinca e interage com a plateia. Quando Tealah lhe pergunta o que espera das Provas do Expurgo, sua resposta é a mesma de todos os competidores: “Honra ao meu reino, à minha família e a mim mesmo.”

Quando finalmente termina, o príncipe abre um sorriso para uma Tealah ruborizada antes de descer do palco para mostrar seu poder. Bom, o poder de todos os outros. Ele segue direto pela fileira de competidores, usando as habilidades de cada um e fascinando a plateia com elas. Os poderes dos outros parecem fáceis para ele, familiares, resultado de muitos anos de treino.

Quando ele chega ao final da fila, seu olhar encontra o meu. Ele inclina a cabeça de lado ligeiramente enquanto me observa, os olhos cinzentos examinando meu rosto. Não consigo imaginar o quanto deve incomodá-lo o fato de não poder usar minha *habilidade*, e esse pensamento traz um pequeno sorriso aos meus lábios enquanto o encaro.

Então Kai volta à sua poltrona e eu sigo rumo à minha ruína.

— E, finalmente, temos Paedyn Gray! — A voz de Tealah ecoa na Arena enquanto ela dá um tapinha na poltrona ao lado da sua, cheia de expectativa.

Entre no personagem.



Paedyn

As palmas das minhas mãos estão escorregadias de suor. Eu me sento na poltrona ao lado de Tealah e ajesto a saia do vestido, nem que seja apenas como uma desculpa para enxugar as mãos na seda lisa. Encaro a plateia e minha respiração fica presa. Estou sem graça por não ter observado antes aqueles três, mas agora não consigo afastar os olhos.

O rei, a rainha e...

Kitt.

Eles me olham de sua caixa de vidro confortável. O rei e seu herdeiro estão perto um do outro, e as semelhanças me acertam como um soco no peito. O cabelo cor de areia e os olhos cor de esmeralda são como um espelho, tão parecidos que meu ódio por um começa a entornar no outro.

— Então, Paedyn, conte sobre o seu incidente com o príncipe Kai!

Meus olhos se voltam na direção dos de Tealah, e o branco de seus dentes e o brilho de seu cabelo são quase ofuscantes. Ela se inclina e pousa a mão macia no meu ombro, projetando minha voz para todos ouvirem.

— Bom, segundo o príncipe Kai, não há muito que contar. Mas, se me perguntarem, acho que ele está meio sem graça porque uma garota da favela precisou salvá-lo.

As palavras saem antes que eu possa impedir.

Pela Peste, preciso que as pessoas gostem de mim, e zombar do príncipe delas provavelmente não é a melhor maneira de...

Gargalhadas.

Para minha surpresa, e minha salvação, a plateia me acha divertida. Espio por cima do ombro e vejo o fantasma de um sorriso enfeitar o rosto de Kai.

Bom, talvez eu possa zoar com a cara do príncipe, afinal. Posso trabalhar com isso.

— Ela não tem medo de dizer as coisas como elas são! — Tealah solta

uma risada leve antes de passar para a próxima pergunta, a que tenho certeza de que muita gente gostaria de fazer. — Bom, conte como você conseguiu lutar contra o Silenciador. Quero dizer, está claro que você consegue se sustentar em uma luta física, mas por que o Silenciador não afetou você?

Respiro fundo, sabendo como é importante que todo mundo entenda esta parte, que todo mundo *acredite*.

— Bom, Tealah, eu sou uma Psíquica. É uma habilidade mental que me permite sentir as emoções mais intensas dos outros e captar lampejos de informação. E, por causa disso, tenho o poder de me proteger, de me manter segura contra pessoas como os Silenciadores. — Sorrio ligeiramente antes de acrescentar: — E, pelo jeito, posso fazer o mesmo com pessoas como o príncipe Kai, já que ele não consegue usar nem sentir minha pequena habilidade.

— Que fascinante! Devo dizer que eu nunca tinha conhecido uma pessoa com poder Psíquico!

Tealah está com os olhos arregalados, parecendo muito intrigada comigo, como tenho certeza de que acontece com o resto da plateia.

— É, bom, apesar de ser uma habilidade Trivial, ela parece ser bastante rara. — Abro um sorriso luminoso, como se não estivesse mentindo descaradamente.

— Certo, Paedyn, fale sobre sua vida na... — gagueja ela, quase dizendo *favela*, antes de optar por dizer: — ... em Ilya?

Penso em mentir mais um pouco, dizendo que não era tão ruim, que era fácil viver na Alameda dos Larápios. Mas, de repente, sinto uma ânsia de ser sincera.

— Quer dizer, a vida na *favela*? — Ela pisca para mim, surpresa com minha correção brusca. — Não há muito o que dizer. A vida nas ruas não é exatamente uma vida. — Olho-a bem nos olhos antes de me virar para a multidão silenciosa. — Nos últimos anos, a fome e o frio foram as únicas constantes na minha vida. Mas não sou a única. Existem milhares de pessoas que dormem no mesmo calçamento rígido que eu. Milhares de pessoas dispostas a fazer qualquer coisa por um único xelim. — Faço uma pausa e respiro fundo. — A vida na favela é a sobrevivência do mais apto. Assim, de certo modo, estou mais preparada para essas Provas do que qualquer um.

Tealah me encara, chocada. Obviamente, não esperava essa resposta. E então uma espécie de compaixão brilha em seus olhos castanhos. Odeio isso. Não quero a compaixão da plateia. Quero *mudança*.

Ela passa rapidamente para perguntas mais leves sobre os treinos e meus colegas competidores.

— Quem você acha que vai ser seu maior rival?

— Hum.

Prendo uma mecha de cabelo atrás da orelha, pensando na resposta.

— Seria o príncipe Kai? Já que ele tem a habilidade de usar qualquer poder? — sugere Tealah.

— Não o meu, lembra? — respondo, rindo com leveza, e ela ri também. — Ele não será um problema. Na verdade, vamos ver até onde ele chega nessas Provas sem que eu esteja lá para salvá-lo.

Dou um sorriso doce enquanto a multidão explode em uma gargalhada. Consigo praticamente sentir os olhos de Kai abrindo um buraco na minha nuca.

— Certo, Paedyn, uma última pergunta. O que você espera das Provas do Expurgo?

Abro a boca com a intenção de repetir o bordão do reino de Ilya, como todo mundo. Como eu *deveria* fazer. Mas, quando meus olhos se viram para a caixa de vidro acima de mim, para os olhos do rei e de seu sucessor, as palavras saem da minha boca antes que eu possa impedi-las.

As palavras *erradas*.

— Sobrevivência. Espero sobreviver a isso.

Sinto milhares de olhos fixados em mim.

Tealah pisca lentamente enquanto fiapos de cabelo verde-azulado voam em seu rosto, agitados pela brisa suave. Por fim, ela pigarreia, se levanta rígida e me guia para baixo do palco.

— Certo, então. — Ela tenta agir de modo natural quando diz: — Mostre o que você pode fazer!

Agora eu a estou encarando, confusa.

E agora, como eu devo fazer isso?

— Hum... — Olho a Arena em volta e digo: — Por que você não escolhe uma pessoa ao acaso na multidão e eu... eu a leio?

Pela Peste, o que estou falando?

Tealah sorri e concorda, obviamente feliz em sair para fazer alguma coisa. Olho-a subindo os degraus para fora do Fosso e começando a andar pelas fileiras de pessoas, sorrindo e acenando. Depois de alguns minutos pensando, ela finalmente aponta para uma garota sentada algumas fileiras acima. A coitada parece confusa e preocupada, mas se levanta cautelosamente antes de descer ao Fosso, guiada por Tealah.

Quando a garota se aproxima de mim receosa, percebo que não pode ser muito mais velha do que eu. O cabelo castanho e curto e as sardas salpicadas no rosto lhe dão um ar de inocência. Sorrio e estendo as mãos para pegar as dela, querendo transformar isso em um show.

— Não se preocupe. Não vou morder — digo baixinho quando ela dá

um pequeno passo para trás.

Ofereço o que espero que seja um sorriso caloroso, e com isso ela estende as mãos cálidas para mim. Seguro-as com gentileza e a observo rapidamente antes de fechar os olhos com força.

Tenho tudo de que preciso.

Penso no cordão em seu pescoço, combinando com a aliança grande e descolorida pendurada nele, quase invisível atrás das dobras da blusa. Eu também guardei a aliança do meu pai quando ele morreu, só que uso a minha no polegar.

— Estou sentindo... luto. Você... — Aperto as mãos dela com força, respirando fundo. — Você perdeu um homem que era muito próximo. Há algum tempo. O seu pai?

Abro os olhos e vejo que ela está boquiaberta.

— Sim — diz ela, baixinho, mesmo com a mão de Tealah em seu ombro para amplificar sua voz. — É, ele morreu há quatro anos.

— Lamento sua perda. Entendo a dor de perder um pai. — Mantenho os olhos fixos nos dela, mesmo querendo desesperadamente olhar com raiva para o rei em sua caixa lustrosa.

Um som ofegante ecoa na multidão, que está pasma por eu conhecer um detalhe tão pessoal.

E eles querem mais.

Tealah escolhe uma pessoa depois da outra para descer ao Fosso, cada uma mais empolgada que a outra para ser *lida*. Falo coisas aleatórias e pessoais para elas, coisas que uma pessoa desconhecida não deveria saber.

— Você acabou de descobrir que está grávida.

— O seu pai é ferreiro...

— Você roubou os sapatos que está usando...

A cada vez, tanto a pessoa que eu leio quanto a multidão acima de nós se espanta mais e mais.

Ficam boquiabertos, aplaudem e gritam: uma plateia totalmente cativada.

Pela Peste, se eu soubesse que as pessoas gostavam tanto disso, teria cobrado para fazer leituras na rua.

Agora um rapaz jovem e magricela está à minha frente, com um sorriso iluminando seu rosto enquanto me olha, cheio de expectativa. Fechando os olhos, me lembro da terra grudada em sua calça, na altura do joelho direito, enquanto ele vinha na minha direção. A marca, combinada à silhueta sutil de uma caixinha no bolso do casaco e ao brilho de felicidade no rosto dele, faz com que eu chegue à conclusão em segundos.

— Estou sentindo alegria. Porque... — Solto uma das mãos dele e aperto os dedos nas têmporas. — Você acabou de ficar noivo. Hoje. — Abro os olhos bem a tempo de ver sua boca se abrindo.

— Sim! Ela está certa! Acabei de pedir minha namorada em casamento, há menos de duas horas! — Ele se vira para encarar a multidão, com um sorriso largo no rosto, e a plateia enlouquece.

— Parabéns! — Meu grito é engolido pelos aplausos enquanto ele praticamente corre escada acima para voltar ao seu lugar. Com isso eu me viro e retorno à minha poltrona, sem esperar que outra pessoa desça para ser lida.

— Aqui estão — Tealah estende o braço na nossa direção. — Estes são os nossos competidores para a sexta edição das Provas do Expurgo!

A voz dela ecoa na Arena e é rapidamente abafada pela plateia. Os competidores em volta de mim se levantam e eu faço o mesmo. Nós acenamos e sorrimos para o público, vendo-os cantar, bater os pés e sacudir os punhos no ar.

Sinto nojo. Me sinto usada.

Para eles, isto é um jogo.

Mas, se quero permanecer viva, preciso interpretar meu papel. Preciso *manipulá-los*. Ser um peão no jogo deles é o preço que tenho de pagar para sobreviver. Preciso fazê-los acreditar que eu gosto disso, e, em troca, eles gostarão de mim.

Então ajesto minha postura, erguendo a cabeça um pouco mais alto e dando um sorriso um pouco mais luminoso.

Não sou peão de ninguém.



CAPÍTULO 16



Kai

O sangue se gruda às minhas mãos, às minhas roupas, manchando tudo de um vermelho nauseante. A tortura é um trabalho sujo que, apesar dos muitos anos de treino, parece nunca ficar mais fácil. Nem mais limpo.

Diferentemente de Kitt, que desde a infância foi treinado para ser equilibrado, justo e nobre, treinei mais o trabalho *prático*. Estratégias de batalha, assassinatos e a arte da tortura compuseram a maior parte da minha formação. E, por causa desse treinamento especial e extenso que recebi, sou muito bom no que faço.

A não ser, ao que parece, quando se trata do Silenciador encolhido no chão da masmorra à minha frente. Já se passaram dias. Espanquei esse homem até ele virar um farrapo sangrento, e o que consegui?

Nada.

Dizer que estou irritado seria um eufemismo. A única palavra útil que consegui que saísse de sua boca, além dos gritos e apelos, é o que presumo que seja o seu nome.

Micah.

Suspiro, agachado junto ao seu corpo mutilado e sangrento. O cabelo comprido, sujo de sangue, cai sobre os profundos olhos castanhos que se arregalam ao encontrar os meus, o que o faz parecer jovem demais. Ele deve ter poucos anos a mais do que eu.

— Bom, me corrija se eu estiver errado — digo, com a voz enganosamente suave —, mas não acredito que você seja mudo. — Seguro seu maxilar e o abro à força, revelando o sangue empoçado na boca, na língua, manchando os dentes de escarlate. — Mas eu poderia facilmente fazer isso acontecer. Eu poderia arrancar sua língua.

Largo a cabeça dele no chão de pedra e fico de pé, sabendo que já estou atrasado para o jantar. Bato a porta da cela ao sair, assentindo rapidamente para Damion. Ele faz uma pequena reverência com a cabeça antes de me acompanhar pelo comprido corredor.

Nossos passos ecoam nas paredes de pedra enquanto subimos a escada

até chegar ao corredor iluminado pelo sol, acima das masmorras. Sigo automaticamente para a sala do trono enquanto minha mente vagueia.

As Provas estão se aproximando rapidamente, com apenas quatro dias nos separando do primeiro desafio mortal. Os últimos dias seguiram a mesma rotina de treinar, comer, falar e torturar. E, bom, implicar com Paedyn. Ultimamente ela tem sido minha principal fonte de diversão. *Ela* é divertida. Com sua inteligência, teimosia e a irritação óbvia com relação a mim...

Pare.

Afasto os pensamentos sobre Paedyn enquanto passo pela grande porta dupla da sala do trono. Minhas mãos acham o caminho dos bolsos, um gesto casual apesar da consciência de que minha camisa azul-marinho suja de sangue não está exatamente dentro dos padrões de vestimenta para o jantar.

Os serviçais já trouxeram a comida, que todos sentados à mesa aproveitam com voracidade. Eles se viram quando ouvem meus sapatos no chão lustroso e examinam meu rosto e o sangue nas roupas. Ignoro os olhares, já que estava cansado demais para me trocar e faminto demais para me importar.

— Ah, Kai, que bom que você conseguiu vir.

Meu pai parece irritado, como sempre, enquanto ocupo meu lugar.

— Querido — diz minha mãe em um tom de voz baixo, inclinando-se para mim: —, você está meio... bom, ensanguentado. — Ela se encolhe enquanto seu olhar percorre o meu corpo.

— Ossos do ofício, mãe. — Dou-lhe um sorrisinho, um sorriso doce que reservo somente para ela, que assente, hesitante, antes de tentar relaxar de novo na cadeira.

Praticamente não ouço a conversa ao redor. Estou terminando de comer o feijão quando um som incessante de batidas me faz levantar os olhos.

Alguns cachos do cabelo prateado de Paedyn caem em volta do rosto dela e o resto está preso em um coque malfeito junto à nuca. Seus olhos estão voltados fixamente para o prato, o polegar e a aliança de prata batendo em um ritmo constante na mesa de madeira.

E então aqueles olhos de oceano sobem até encontrar os meus.

Inclino a cabeça na direção do seu polegar batucando.

— Está com alguma coisa na cabeça, Gray?

Ela me olha como se notasse minha presença pela primeira vez.

— Está com alguma coisa na camisa, Azer? — Seus olhos examinam minha roupa antes de se arregalarem. — Isto é... sangue?

Tenho certeza de que o lampejo de preocupação que vejo no rosto

dela, a inquietude quando ela acha que o sangue pode ser meu, é só minha imaginação.

— Cuidado, meu bem. Quase pareceu que você se importa.

Abro um sorriso preguiçoso e ela revira os olhos de um jeito igualmente preguiçoso na minha direção.

Meu olhar se volta para minha mãe quando sua voz gentil interrompe meus pensamentos.

— Espero que vocês tenham começado a formar pares para o primeiro baile!

Olho a mesa ao redor. Apenas os três que não moravam anteriormente no palácio parecem ligeiramente confusos. Hera, Ace e Paedyn não cresceram assistindo a esses bailes, nunca *estiveram* em um baile. Eu os invejo.

— Como manda a tradição — continua minha mãe —, os competidores vão formar pares para o baile que acontece antes de cada Prova. E como vocês estão em número ímpar, quem não tiver um par será juntado com alguém, não se preocupem. — Seu sorriso parece crescer quando ela diz: — Então escolham sua companhia e comecem a treinar os passos de dança.

Kitt se remexe ao meu lado e eu o vejo olhar rapidamente na direção de Paedyn. Passo a mão pelos cabelos antes de voltar a atenção para a comida, precisando me concentrar em alguma coisa.

Como as garotas estão em maior número do que os garotos, Kitt provavelmente ficará com quem não tiver par. Mas isso não vai impedi-lo de convidar uma delas, se quiser.

Está claro que Paedyn o intriga. Mas, mesmo se Kitt não pedir que Paedyn o acompanhe no baile, coisa que não duvido que ele fará, ela não quer ir comigo.

Gosto de um desafio.

Mas ela deixou muitíssimo claro o que deseja que nós sejamos: rivais. Inimigos.

E, mais importante: por que não é isso que eu quero também?



Na manhã seguinte, acordo encharcado de suor.

Isso não é incomum, com os pesadelos que costumam assombrar meu sono. Mas hoje é diferente. Faz um calor mortal lá fora. Está apenas amanhecendo e meu quarto já está pegajoso por causa da umidade.

Saio da cama e vou até o banheiro, onde jogo água fria no rosto já molhado. Não demoro muito a me aprontar, vestindo relutante uma

camisa de algodão branco antes de sair pela porta e...

E lá está ela.

Paedyn sai do quarto de cabeça baixa, fechando a porta em silêncio antes de erguer o olhar e quase dar um pulo ao me ver.

— Pela Peste, Kai, pare de me assustar desse jeito!

Eu pisco.

É a primeira vez que ela me chama pelo nome, e então percebo que eu poderia me acostumar com esse som saindo de sua boca. Ela parece perceber o que disse e pigarreja antes de começar a andar pelo corredor.

— Não está cedo demais para um príncipe se levantar? — pergunta, por cima do ombro. — O quê, não tomou café na cama?

Alcanço-a com facilidade, bastando uns três passos até estar ao seu lado.

— Se você não tem café na cama, eu também não tenho. Sou só um competidor, lembra? Por enquanto não sou mais um príncipe encantado.

— Nunca foi, para começo de conversa.

Rio enquanto viramos o corredor, vendo a cozinha logo adiante. O cheiro de biscoitos e ovos saindo lá de dentro basta para me convencer a mudar o percurso.

— E então... — começa Paedyn, provavelmente o início de algum comentário sarcástico que jamais terei o prazer de ouvir, porque pego seu pulso e a puxo na direção da cozinha. Tenho certeza de que ela está tão faminta quanto eu, e o café da manhã só vai ser servido daqui a uma hora.

Estou fazendo um favor a nós dois.

Pelo jeito, Paedyn não sente o mesmo que eu. Seus pés param na soleira da porta, os olhos voltados para os meus.

— O que você está...? — começa a dizer, me lançando aquele olhar assassino com o qual já estou tão familiarizado.

— *Shh*. — Encosto o dedo nos lábios dela e as palavras morrem na sua garganta. — Acho que agora meu trabalho vai ser alimentar você para sempre, hein, Gray?

A expressão atônita dela me faz soltar uma risada baixa, e então ouço o som arrastado de sapatos e desvio relutantemente dos seus olhos em pânico. Nós atraímos uma tremenda plateia. Vários serviçais estão nos espiando, observando a cena. Mas eles se afastam rapidamente, rindo baixo enquanto tentam parecer ocupados.

— Olá, senhoras — grito, olhando as serviçais ruborizadas ao redor. — Hoje eu trouxe uma visita muito mais interessante do que o Kitt.

Ponho a mão gentilmente nas costas de Paedyn, instigando-a a seguir em frente.

O gesto é uma pergunta, um teste hesitante, uma indagação inocente.
Tudo bem por você?

Me pergunto por um momento se ela está pensando em quebrar o meu pulso. Talvez esteja avaliando a possibilidade de encostar uma adaga na minha garganta...

E então ela relaxa, seguindo o meu toque.

Uma resposta para a minha pergunta sem dizer nenhuma palavra.

Sim.

Guio-a para o centro da cozinha, onde vi Gail curvada sobre o fogão.

— Bom dia, Gail — cumprimento, e a cozinheira se vira, o rosto se iluminando ao me ver. — Você está linda como sempre. — Esboço um sorriso quando pulo na bancada, me sentando ao lado de onde ela está virando pedaços crocantes de bacon no fogão.

— Você é um tremendo puxa-saco, Kai — provoca Gail, batendo de leve com uma toalha na minha direção. Seu olhar pousa em Paedyn e ela ajeita a postura, assentindo rapidamente. — Ah, srta. Paedyn. É um prazer.

— Por favor — diz Paedyn, suspirando e abrindo um pequeno sorriso. — Nada de *senhorita*. Só Paedyn.

Praticamente consigo ver Gail relaxar, provavelmente agradecendo à Peste por não precisar de formalidades.

— Bom, o que uma garota adorável como você está fazendo com um canalha como ele? — Gail aponta um polegar na minha direção enquanto eu pego uma fatia de bacon na panela pelas suas costas.

Solto uma risada alta.

— Ah, *adorável* não é a palavra que eu usaria para descrevê-la, Gail. Ela encostou uma faca na minha garganta há poucos dias.

— Ele mereceu — diz Paedyn, de forma casual, dando de ombros.

— Ah, com certeza — responde Gail, rindo para ela. — Eu provavelmente teria feito o mesmo. — Ela me olha, assentindo na direção de Paedyn. — Gosto dessa aí.

Paedyn inclina a cabeça para trás e solta uma risada. Meu corpo fica imóvel quando ouço o som preenchendo a cozinha. Tão caloroso, tão luminoso. Então, rápido demais, ela se contém, pigarreja e se vira para mim.

— Então, você e Kitt são próximos da Gail?

Inclino a cabeça enquanto a espio, os olhos jamais se desviando dos seus enquanto respondo:

— Somos inseparáveis, não é, Gail?

A cozinheira bufa alto.

— Inseparáveis. Os príncipes não me deixam em paz. — Seus olhos

brilham de orgulho ao encontrarem os meus. — Sou o único motivo para eles não estarem magros feito gravetos.

— Ah, é. — Suspiro. — Precisamos agradecer aos pães doces de Gail por engordar a gente.

Depois de Gail contar alegremente a Paedyn algumas histórias bastante vergonhosas da minha infância, conversamos em um tom casual, o que é uma rotina regular para nós. Pergunto sobre seu filho, que atua como guarda perto do Deserto Escaldante, e fico o tempo todo roubando comida enquanto ela bate na minha mão. Meu olhar vai até Paedyn, que me observa com curiosidade, como se tentasse me decifrar.

Engraçado, normalmente sou eu que fico olhando para ela desse jeito.

Pulo do balcão e dou um beijinho no rosto de Gail.

— Não sinta muito a minha falta.

Então me viro para Paedyn, que está encostada tranquilamente no balcão, com um pequeno sorriso. Dou um passo lento na direção dela. Sua cabeça se inclina para me olhar nos olhos enquanto chego mais perto, tão perto que consigo sentir o cheiro de lavanda na pele dela. Levo a mão às suas costas, os dedos roçando na camiseta.

A respiração dela fica trêmula e eu sinto meus lábios se curvando para cima. Quando ela abre a boca para mandar eu me afastar, puxo minha mão devagar, segurando uma maçã diante do seu rosto.

— Estou sempre alimentando você, lembra?

Paedyn olha para a fruta antes de pegá-la, bufando com irritação. Em seguida, abre um sorriso que ilumina seu rosto enquanto ela esfrega a maçã na minha camisa, logo acima do coração.

Ela dá uma mordida, os olhos fixos nos meus.

— E você disse que não era um cavaleiro.



Quando chegamos ao campo de treinamento, estou de novo molhado de suor.

Quase ao mesmo tempo, vários de nós tiramos as camisas, incapazes de aguentar o calor. Kitt e eu começamos a correr em volta do campo em um ritmo fácil. Observo os competidores formando pares para lutar ou indo treinar sozinhos. No momento, Andy está na forma de um leopardo vermelho, rodeando várias Sadies em um dos círculos de terra. Previsivelmente, Braxton está no chão fazendo flexões enquanto Jax se ocupa jogando pedras o mais longe que consegue e se teletransportando para pegá-las antes que caiam no chão.

Por fim, meus olhos traiçoeiros deslizam na direção de um lampejo de

cabelos prateados. Paedyn está espancando uma árvore acolchoada, como tem o hábito de fazer. Sempre faz isso. Seus movimentos, além de rápidos e controlados, canalizam uma emoção que não consigo decifrar. De repente, ela gira, o braço levantado antes de eu ver seu pulso se mover rapidamente. Pisco os olhos e uma faca se crava profundamente em uma árvore a dez metros dali.

Treinada. Intencional. Exata.

Mas não sou o único olhando. Kitt também a observa, quase com curiosidade. Pigarreio e acelero nosso passo.

— E aí, como está se sentindo?

Kitt se vira para mim.

— Agora? Cansado.

Rio disso, dando-lhe um soco de leve na barriga.

— É, você está ficando fora de forma, Kitty.

Ele me empurra ao ouvir seu apelido de infância.

— Bom, eu não tenho exatamente um motivo para estar em forma, não é?

Apesar de ele dizer isso em um tom brincalhão, não deixo de perceber o tom amargo na voz.

Suspiro, já sabendo do que se trata.

— Você sabe por que não pode.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Claro que faz — murmuro. — Kitt, você é o próximo rei de Ilya. Precisamos de você vivo. As Provas do Expurgo não são lugar para você.

Merda.

Assim que as palavras saem da minha boca, sei que o acertaram como um soco.

— Meu próprio reino também não é lugar para mim? — Sua risada não contém qualquer traço de humor. — Peste, será que nenhum lugar fora do castelo é suficientemente seguro para o herdeiro?

— Kitt...

Ele me interrompe, respirando fundo:

— Eu sei. Sei que nossos deveres são diferentes. Sempre serão. Só queria que os meus não fossem tão chatos.

Com isso, ele abre um sorriso fraco, tentando aliviar o clima.

Observo-o, esperando para ver se dirá o que nós dois sabemos que deseja dizer. Para ver se dirá que se sente preso, que sente que está constantemente tentando provar seu valor, que gostaria de participar das Provas para conseguir fazer exatamente isso.

Mas ele não diz nada do tipo. Seu sorriso é um pedido silencioso para voltarmos a ser apenas irmãos, e não o futuro rei e seu Executor.

Então, por ele, forço um sorriso.

— Bom, pelo menos posso contar com seu voto nas Provas.

A tensão parece se dissolver do corpo de Kitt, e o sorriso agora revela as suas emoções, como sempre. Ele suspira aliviado com a mudança de assunto antes de dizer:

— Ah, não sei se você pode contar com o meu voto depois de me chamar de “fora de forma” há poucos minutos, *Kai Pie*.

Odeio esse apelido, e o idiota sabe disso. Por isso, estendo o pé para fazer o próximo rei de Ilya se esparramar no chão, antes de ele me arrastar junto.

Terminamos a corrida, pingando de suor enquanto o sol golpeia nossas costas. Faço um rápido alongamento antes de ir para o ringue com Kitt. Dançamos em volta um do outro, usando nossos poderes e nossos corpos na luta. Entrando em um ritmo automático, fico repassando o que Kitt disse, me perdendo nos pensamentos.

O mundo dá uma cambalhota. Não. Eu dou uma cambalhota.

E então estou esparramado de costas, tentando puxar o ar para os pulmões que gritam.

Merda. Perdi o foco.

— Botei você no chão, Kai. — Kitt sorri para mim. — Faz uns anos que isso não acontece, hein?

Dá para ver que ele vai continuar contando vantagem, por isso não lhe dou a chance. Com um movimento de pernas, acerto seus tornozelos e faço com que ele caia no chão ao meu lado.

— Não se acostume — digo, pousando a cabeça no chão e sorrindo para o céu.

Assim que recupera o fôlego, Kitt solta uma gargalhada.

— Eu deveria ter imaginado... — diz, deixando o resto no ar enquanto eu me levanto relutante, espano preguiçosamente a terra das roupas e estendo a mão para ele.

Vamos cada um para um lado; Kitt vai lutar com Blair, que não para de insistir por sua presença, e eu vou até os alvos. Pego as facas finas no suporte ao lado e giro uma na mão antes de arremessá-la.

Armas. Luta. Morte.

Fui criado para isso. É por essa razão que serei o Executor e lutarei nas Provas, e não Kitt.

Ouçó o som de punhos batendo e alguém ofegando baixo, poucos metros à minha esquerda, onde as árvores acolchoadas se alinham na borda do campo de treino.

Lá vai ela de novo.

Mais uma vez, Paedyn está dando socos na árvore. Ou talvez

simplesmente não tenha parado. Parece frustrada, com raiva — desleixada. Os socos estão mais fracos, o corpo muito menos controlado. Está cansada e sua postura se prejudica por causa disso.

Jogo uma faca para cima distraidamente e a pego de volta. Então, assentindo para o céu, decido o que vou fazer. Arremesso a lâmina no alvo antes de ir até ela, chegando por trás enquanto Paedyn continua golpeando as almofadas. Agora estou às suas costas e...

Paedyn se vira para mim em um movimento rápido, direcionando o cotovelo na direção do meu rosto. Mal tenho tempo de desviar antes de segurar seu braço, imobilizando-o. Sua cabeça gira, com fios de cabelo prateado grudados no rosto agora escorregadio de suor.

— Você deveria continuar treinando antes de tentar me acertar.

Abro um sorriso, e ela bufa.

— Para o caso de você ter se esquecido de como eu *salvei* você, eu sei lutar. Não preciso *tentar* acertar você, príncipe. — Ela solta o braço e se vira de novo para a árvore, me ignorando.

Bom, desse jeito não vai dar.

— Com esse condicionamento, você *vai* precisar tentar, Gray.

— Ah, é mesmo?

Não sei se ela está achando divertido ou pensando em tentar me acertar neste momento. Talvez as duas coisas.

— Sim, é mesmo. Você está sendo desleixada, o que não faz o seu tipo — digo, fazendo-a agir de forma debochada.

Mais uma vez, ela se volta para a árvore e começa a socá-la de novo, encerrando nossa conversa. Os nós dos seus dedos estão vermelhos, a ponto de sangrar.

Por que ela faz isso consigo mesma?

Balanço a cabeça, já sabendo a resposta. Porque eu já fiz isso. Já dei socos em almofadas, paredes, *qualquer coisa*, até o sangue pingar dos meus punhos. Só para conseguir um alívio da raiva, da frustração aprisionada dentro de mim.

É exatamente isso que Paedyn está fazendo.

Ainda está usando demais os braços, em vez de impulsionar todo o corpo. Ela costuma ser muito técnica ao lutar; isso, agora, não é muito do seu feitio. Mas ela está cansada e frustrada.

E, mesmo sabendo de tudo isso, não consigo resistir à vontade de implicar com ela. Aproximo-me e ponho as mãos no seu quadril, guiando seu corpo enquanto ela dá outro soco. Ela se assusta e seu corpo colide com o meu, a cabeça se inclinando para trás de encontro ao meu peito nu.

— Pare de golpear com os braços e use o corpo inteiro — digo, me

aproximando do ouvido dela.

Paedyn ofega quando passo a mão em seu abdômen, e consigo ouvir o som baixinho do atrito dos meus dedos dançando em sua camiseta fina.

— Use o centro do seu corpo, Gray.

Sinto o peito dela arfando. Então, ela dá um passo à frente, o calor do seu corpo abandonando o meu. Minhas mãos ainda estão fixas no seu quadril quando ela se vira para mim e me olha irritada.

Ela sabe que estou certo. E odeia isso.

Paedyn ficou lenta e só percebeu agora; estava concentrada e frustrada demais para notar. Esse pensamento me faz sorrir enquanto ela bufa, soprando uma mecha de cabelo de cima dos olhos antes de se voltar para a árvore.

— Agora dê um soco — murmuro, me inclinando para acrescentar: — *Do jeito certo.*

Surpreendentemente, ela não discute, provavelmente percebendo que não vai adiantar. Ajeita os ombros e balança o corpo sobre os calcanhares. Em seguida, dá um soco, o punho voando para a almofada enquanto eu giro seu quadril no ritmo do golpe. Há um ímpeto muito maior por trás dele, e consigo ver como ela ficou mais forte no curto tempo passado aqui, com refeições e treinos consistentes. Quando os nós dos seus dedos afundam na almofada, os músculos esguios das suas costas e braços ficam evidentes.

— Muito melhor — digo, em um tom inexpressivo, apesar de estar impressionado. Depois de um momento sem dúvidas longo demais, finalmente afasto as mãos do seu quadril. — Agora faça sozinha. Só para garantir que estava prestando atenção.

Paedyn fica imóvel, virada para a árvore.

E então vejo um lampejo de cabelos prateados quando ela gira, dando um belo soco na minha cara.



Kai

Quase não desvio a tempo. Apenas os anos de treino permitem que meus reflexos sejam tão rápidos.

— O que achou desse? — pergunta ela, com uma voz dócil, dando aquele sorriso assustador.

Arquejo com uma risada.

— E se eu não me abaixasse, Gray?

— Eu sabia que você iria se abaixar, Azer.

Agora ela está perto do meu rosto, um sorriso perverso aparecendo em seus lábios enquanto repete a frase que eu lhe disse depois de arremessar uma faca na sua direção.

— Parece que alguém está louca por uma luta — digo. Meu olhar sobe pelo seu corpo, devagar. Captando sua postura equilibrada nos calcanhares, as mãos ligeiramente levantadas e cada costura da roupa grudada no corpo.

— Eu só estava esperando uma desculpa para arrancar esse seu sorrisinho com um soco.

Ela golpeia de novo, sabendo que vou me esquivar. Está brincando *comigo*.

— Não é a primeira vez que ouço isso — respondo, enquanto circulamos um ao outro. Recuamos até um pequeno espaço aberto entre os alvos e o suporte de armas diante deles. Mostro as palmas das mãos, me rendendo antes mesmo que a luta comece. — Você não quer fazer isso de verdade, nem eu. Até porque eu não ia querer estragar esse seu rosto bonito, meu bem.

Paedyn praticamente revira os olhos na minha direção.

— Engraçado, porque eu não hesitaria em estragar o *seu* rosto bonito.

Dou um sorriso pretensioso.

— Sabia que você me achava bonito.

Com a resposta, ela tenta dar outro soco no meu rosto e eu me esquivo sem grandes dificuldades. Continuamos a nos rodear,

lentamente. Meu cabelo molhado gruda na testa e eu passo os dedos por ele, afastando-o da pele pegajosa.

— Você sabe que eu tenho oito poderes à disposição nesse momento e que qualquer um deles poderia derrubar você. — Dou uma risada ao dizer isso, observando seus olhos se estreitarem.

— Não quero lutar contra o seu poder, quero lutar contra *você*. Só você.

Seu olhar profundo não se afasta do meu enquanto ela diz isso, ao mesmo tempo que os outros Notáveis voltam a atenção para nós, achando essa luta muito mais interessante do que o próprio treino.

— Então você quer só a mim? Sem poderes?

— É. Eu quero só você — diz ela, respirando fundo, irritada.

Minha boca se curva quando sorrio de lado.

— Eu sabia que você me queria, Gray.

E, com esse pequeno comentário, um chute alto voa na direção do meu rosto.

Bloqueio-o com as mãos e empurro a perna de Paedyn para baixo, de novo surpreso com sua força. Antes que eu possa respirar de novo, um lindo golpe vem em direção ao meu rosto, pronto para me acertar com força.

Eu me abaixo, esquivando do golpe antes de segurar seu pulso estendido e puxá-la contra meu peito, torcendo seu braço por baixo da escápula.

— Você vai ter de fazer melhor do que isso, Gray — sussurro no ouvido dela, sorrindo.

Paedyn solta um grunhido e acerta o cotovelo do braço livre no meu estômago. O ar escapa dos meus pulmões e ela se aproveita disso. Girando, manda o cotovelo direto contra o meu rosto, jogando minha cabeça para o lado quando acerta meu maxilar. Solto seu braço e ela gira para longe antes de dar um cruzado de direita exatamente no mesmo ponto do meu queixo.

Uau.

Mantenho a cabeça virada para o lado, a língua percorrendo o interior da bochecha enquanto minha boca começa a se encher de sangue. E então meu olhar desliza lentamente para ela. Paedyn está plantada nos calcanhares, as mãos ainda em uma postura de luta enquanto me encara. E então ela sorri, me distraindo por um instante.

Eu solto uma risada profunda e silenciosa antes de cuspir sangue no chão.

— Muito melhor, Gray. — Sorrio circulando ao redor dela, os punhos levantados instintivamente. — Talvez eu até precise lutar também.

O sorriso de Paedyn desaparece e, de repente, ela se joga no chão, girando a perna em um arco amplo e tentando me derrubar. Pulo rapidamente, mas ela levanta outra vez em uma fração de segundo, acertando-me com uma série de uppercuts, jabs e ganchos; permaneço na defesa, bloqueando seus punhos. Com os movimentos rápidos, ela finalmente acerta um golpe forte no meu estômago, tirando o meu fôlego.

Tudo bem. Se ela quer que eu lute, vou lutar.

Não vou machucá-la. Não muito. Na verdade, Paedyn é bem hábil e, apesar do meu deboche, é uma ótima lutadora. Mas, com o queixo e o estômago machucados, estou farto de brincar.

Ela se esquiva antes que meu punho acerte o ar onde sua cabeça estava. Em seguida, dá um chute na direção das minhas costelas. Seguro seu tornozelo logo antes de ele acertar a lateral do meu tronco e a puxo para a frente. Ela cambaleia na minha direção e eu seguro sua coxa contra a lateral do corpo com uma das mãos enquanto a outra acerta um soco no seu rosto. É um golpe fraco, mas com força suficiente para fazer sua cabeça se virar bruscamente de lado.

Solto a perna dela ao mesmo tempo que passo o pé por trás do seu tornozelo ainda plantado no chão, dando uma boa puxada. Ela cai com força. Tosses violentas sacodem seu corpo assim que suas costas batem na terra e ela tenta puxar o ar de volta para os pulmões.

Paro junto dela com um sorriso, presumindo que a luta terminou. Errado.

Paedyn me chuta na virilha. Com força.

Dobro o corpo ao meio, bufando com uma risada repleta de dor.

— Golpe baixo, meu bem.

— É, mas eficaz.

Ela salta de pé, ofegando com um sorriso malicioso. Suas mãos estão levantadas, cobrindo o rosto, o resto do corpo coberto de terra. E então estamos trocando socos e bloqueios, provocando um ao outro. É como uma dança, e Paedyn é uma parceira feroz.

Mas, por algum motivo, me recuso a pôr toda a minha força nos golpes. Me contenho. Não o suficiente para me impedir de revidar, mas o bastante para mantê-la *razoavelmente* intocada. Apesar de ela nitidamente não estar fazendo o mesmo. Está batendo com força, golpeando de forma implacável, *querendo* me machucar.

Em um minuto estamos flertando e no outro estamos lutando — talvez as duas coisas ao mesmo tempo. Parece que não consigo decifrar essa garota maligna.

Depois de algum tempo bloqueando e acertando socos, estamos

ambos ofegando no calor insuportável. O suor escorre pela minha testa e arde nos olhos enquanto o grupo ao redor aplaude e reage cada vez que um de nós é golpeado. Eu a acerto com uma combinação de socos, um gancho mirando embaixo do queixo dela e fazendo sua cabeça se erguer. Acompanho-o com um golpe preguiçoso do qual Paedyn se esquivava, agarrando meu braço estendido com uma das mãos e o ombro oposto com a outra. Em seguida, se aproxima de mim, dando uma joelhada no meu estômago.

Mas o braço que está segurando meu ombro fica livre, e eu aproveito isso. Uso as mãos para segurar o antebraço e o pulso dela antes de girar, de modo a ficar com as costas grudadas no seu peito. Então uso o impulso para levantá-la, com um golpe por cima do meu ombro, jogando-a na terra com uma pancada surda.

Paedyn fica caída de costas, chiando devido ao impacto contra o chão duro, e eu a encaro, esperando que finalmente tenha desistido. Errado de novo. Com uma velocidade surpreendente, ela segura a parte de trás dos meus tornozelos com as mãos e puxa com força. Me pegando desprevenido, Paedyn consegue me desequilibrar e me fazer cair de costas no chão.

Em um segundo, ela já está em cima de mim, praticamente pulando no meu peito, apoiando um joelho de cada lado. E então recua um punho sangrento com sorriso triunfante.

Registro a imagem dela ali, sangrando, montada em cima de mim.

— Se não fosse minha situação atual — digo baixinho, olhando para o seu punho pronto para me golpear —, isso poderia ser muito mais divertido.

Eu a examino dos pés à cabeça, chegando aos olhos azuis, arregalados pelo que acabei de dizer.

O foco dela vacila por um momento.

Perfeito.

Agarro sua cintura e nos viro, invertendo as posições. Agora estou em cima dela, prendendo seus punhos dos dois lados da cabeça. Ela ofega embaixo de mim, com um olhar fulminante. Está coberta de terra e tenho certeza de que eu não estou diferente. Um hematoma escuro já começa a florescer acima das maçãs do seu rosto e sangue escorre do nariz e da boca.

— Muito bom, Gray — digo, perto do seu rosto. Paedyn se remexe, mas isso não afrouxa meu aperto. — Tenho algumas críticas.

Ela fica imóvel e vejo um lento sorriso tomar seus lábios.

— Como você é o futuro Executor, eu não sabia se você era capaz de demonstrar misericórdia. Sem dúvida, você é.

Encaro-a, sentindo meu rosto se transformar na máscara fria de sempre ao ouvir essas palavras. Então ela levanta a cabeça do chão, de modo que apenas alguns centímetros nos separam, enquanto ofega:

— Sei que você pegou leve comigo.

Foi tão óbvio assim ou as habilidades Psíquicas dela revelaram isso?

Meu olhar percorre o rosto dela, parando na terra e no sangue grudados na pele, escondendo as sardas leves que eu sei que cobrem seu nariz.

— E o que faz você pensar isso?

Paedyn se aproxima de tal forma que é impossível que fiquemos mais próximos sem nos tocarmos, os cílios estremecendo e os lábios esboçando um sorriso, perigosamente perto dos meus. Sua voz sai ofegante, quase inaudível:

— Se você não estivesse pegando leve, eu não poderia fazer isso.

Mal tenho tempo de ficar confuso quando ela me dá uma cabeçada.

Vejo estrelas quando a cabeça dela acerta meu nariz. Ela solta os punhos e usa as duas pernas para me empurrar de cima dela. Uma nuvem de poeira me cerca quando caio deitado na terra, piscando com a dor latejante. O golpe foi forte, mas não o suficiente para me impedir de ficar de pé, cambaleando, e encará-la com sangue escorrendo do nariz quebrado.

Ela não perde um segundo.

Seus braços estão em volta do meu pescoço enquanto ela dá joelhadas incessantes no meu estômago. Antes que eu tenha tempo de reagir, Paedyn usa minha perna dobrada como degrau, jogando as próprias pernas por cima dos meus ombros em um movimento rápido. Com um impulso e os membros enrolados em mim, ela nos joga no chão. Caio esparramado na terra enquanto ela rola, sem desperdiçar tempo, e pula em cima de mim. E, de repente, meus braços estão presos de novo sob seus joelhos.

— Como estava o meu condicionamento físico, príncipe? — pergunta ela, ofegante, com os lábios sangrando. — Alguma crítica, agora?

O peso de Paedyn me comprime e eu solto uma risada, arquejando.

— Tenho algumas observações.

— Eu também. — A mão dela vai até a bota, tirando uma adaga fina do couro gasto. — Para começo de conversa, não gosto quando meus oponentes pegam leve comigo. — Ela arrasta gentilmente a ponta da faca no meu rosto, fazendo cócegas na pele.

Dou um sorriso presunçoso apesar da lâmina que me ameaça, com o olhar vidrado no dela. Então vejo o sangue escorrendo pelo rosto dela, brotando dos vários cortes e golpes que lhe dei.

— Parece que, afinal de contas, apesar do meu esforço, eu estraguei seu rosto bonito.

— Ah, isso não é nada. — Ela ri, ofegando. — Você deveria ver o estrago que eu causei no *seu* rosto bonito.

Meus lábios se retorcem em um sorriso enquanto levanto a cabeça para ela.

— Ah, meu bem, desde que você ainda me ache bonito, não dou a mínima para a minha aparência.

Aqueles olhos azuis piscam, surpresos, antes de se revirarem, contrariados. Paedyn suspira, sai de cima de mim e fica de pé. Eu a acompanho, limpando a terra do corpo enquanto ela faz o mesmo.

Antes que se vire e vá embora, digo:

— É muito mais divertido lutar com você do que com o Kitt. A gente deveria fazer isso de novo uma hora dessas.

Ela inclina ligeiramente a cabeça, com um sorriso malicioso.

— Nunca vou deixar escapar uma chance de te meter a porrada, príncipe.

Com isso, ela sai andando, e eu fico olhando-a se afastar.

— Ah, Kai? — chama ela, com um tom casual.

E então estou me esquivando.

Ela se virou, arremessando a faca tão de repente que mal tive tempo de me abaixar antes que a lâmina atingisse o alvo de madeira atrás de mim.

— Não quero sua misericórdia. Na próxima vez, vamos lutar de verdade. — Posso ver seus olhos azuis soltando fogo. — *Me impressione.*

Um assobio baixo soa dos espectadores. É Kitt, claro. Ignorando-o, balanço a cabeça enquanto Paedyn se afasta.

É mesmo uma coisinha maligna.



Daedyn

Tenho quase certeza de que não sou uma Comum. Talvez meu poder seja a capacidade de mentir descaradamente. Mentir sobre quem sou, em quem confio e como estou feliz por estar aqui.

É verdade, as Provas do Expurgo são uma série de embates físicos, mas os mentais são igualmente mortais. Preciso ganhar as pessoas, convencê-las de que amo essa competição tanto quanto elas. Quero o voto delas para permanecer viva, mas *preciso* delas se quiser vencer essa porcaria. Olho ao redor da mesa de jantar, vendo os ombros rígidos e as conversas entrecortadas. A tensão na sala é quase sufocante, prendendo todos nós em um silêncio incômodo interrompido apenas pela mastigação.

Pode-se dizer que, ultimamente, estamos inquietos. Tão inquietos que aconteceu uma briga entre Ace e Braxton no centro de treinamento. Foi provocada por Ace, o que não me surpreendeu nem um pouco. Não consigo imaginar o que ele pode ter feito para abalar a postura paciente de Braxton, mas foram necessários quatro Imperiais para apartá-los, que precisaram praticamente se jogar em cima dos dois competidores.

Meu olhar passa devagar pelos meus oponentes, parando nos olhos verdes que já estão me encarando. Respiro fundo, me preparando para a onda de fúria que sinto sempre que vejo o rei...

Não é o rei.

Kitt me fita com olhos tão parecidos com os do pai que preciso piscar para afastar a imagem, me obrigando a enxergar o rapaz à minha frente. Seu sorriso é caloroso, seu olhar percorre meu rosto. Devolvo o gesto antes de virar a cabeça rapidamente, desesperada para evitá-lo, quando dou de cara com uma visão familiar.

De repente, sou engolida na tempestade de olhos cinza-ão emoldurados por cílios escuros. Kai inclina a cabeça ligeiramente, sorrindo para mim de um modo que me faz girar a aliança no polegar, nervosa.

Espero que ele esteja enlouquecendo tentando me decifrar tanto quanto eu estou enlouquecendo tentando decifrá-lo. Ele observa meu dedo e o anel que estou girando.

Há um brilho nos seus olhos quando ele se inclina sobre a mesa, na minha direção.

— Nervosa com alguma coisa, Gray?

Pela Peste, como uma pessoa pode ser ao mesmo tempo tão irritante e tão apaixonante?

— O que te dá essa impressão?

— Hum. — Ele passa a mão no queixo tensionado. — Será que devo começar pelo fato de que você está girando essa aliança? Ou com o mais óbvio, de que você está segurando uma faca?

Pisco para ele, confusa, antes de abaixar os olhos. Realmente estou segurando com força uma faca de carne, mas não sei bem desde quando. Solto uma risada antes de abrir os dedos e soltar o cabo. Quando nossos olhares se encontram de novo, a impressão que ele passa é de curiosidade, mais suave do que antes.

E o que mais me irrita é que estou retribuindo essa curiosidade, apesar de estarmos vendo coisas muito diferentes.

Vejo um rapaz confuso e cativante, presunçoso e calculista. Mas, a cada novo detalhe que descubro sobre ele, menos acho que sei. Kai tem um ponto fraco apenas pelas pessoas que ama, isso está claro. Mas construiu muralhas, se resguardou, colocou máscaras, o que o torna irritantemente difícil de decifrar.

Minha mente vaga até nossa luta, a sensação das suas mãos nas minhas, firmes e fortes. Vê-lo lutar é como observar um dançarino que sente a música na alma e nos próprios ossos. Ele nasceu para a batalha. Foi criado para matar.

E preciso me lembrar disso.

Sou arrancada do devaneio quando um serviçal estende a mão para pegar meu prato. Por puro instinto, meus dedos coçam de vontade de pegar um ou dois bolinhos antes que sejam levados embora. Ainda não me acostumei a ter refeições regulares, quanto mais nutritivas, e me pego lutando constantemente contra os instintos de ladra que gritam para eu agarrar qualquer comida em que possa pôr as mãos.

Cadeiras são arrastadas no chão de mármore enquanto as pessoas se levantam para sair. Uma voz etérea, delicada, soa acima da agitação e todos nos viramos na sua direção. A rainha está com as mãos cruzadas na frente do corpo, sobre o impecável vestido azul-marinho que brilha à luz do sol poente.

Ela sorri para nós e o brilho nos seus olhos me lembra vagamente de

Kai.

— Só faltam alguns dias para o primeiro baile! Moças, imagino que todas já tenham escolhido um vestido, ou então falado com suas criadas para que um seja preparado.

Óbvio que não fiz nenhuma das duas coisas.

— Ah, e não se esqueçam de treinar as danças — acrescenta a rainha, com um sorriso. — Sei que todos vão querer causar uma boa impressão ao povo.

Ah, sem dúvida vou causar uma tremenda impressão.

Ela nos dispensa, assentindo, e eu sigo apressada para a porta com a intenção de voltar ao quarto e pedir conselhos a Ellie sobre o meu vestido.

— Paedyn.

Meus pés hesitam, me fazendo parar. O calor naquela voz e o uso do meu nome indicam que quem está atrás de mim não é Kai.

Não. É o irmão dele.

Viro-me e vejo Kitt vindo na minha direção, com o cabelo loiro desgrenhado e o sorriso charmoso. Engulo em seco quando ele chega perto, me espiando com aqueles olhos cor de esmeralda que compartilha com um assassino.

— Oi — cumprimenta, caloroso. — Você se incomoda se eu a acompanhar até o seu quarto?

Sim.

— Não, imagina. — Ouço-me dizer entredentes.

Começamos a andar pelo corredor, indo para a ala dos competidores.

— Ainda não dei os parabéns pela sua entrevista — diz Kitt, com uma pontada de orgulho. — Eu não disse que você ia se sair bem?

Penso na entrevista, quando consegui estragar a única coisa que esperavam que eu dissesse.

Sobrevivência. Espero sobreviver a isso.

Quase rio ao lembrar.

— É bom saber que o futuro rei não vai me decapitar por ter estragado o lema de Ilya — respondo impulsivamente.

Mordo a língua, apesar de ser tarde demais.

Mas ele ri.

O som é intenso, me inundando de alívio. Kitt coça a nuca, ainda rindo, e diz:

— Na verdade, essa foi a minha parte preferida.

Olho para ele, perplexa.

— Jura?

— É. — A risada some da sua voz quando ele para e me olha, fazendo

com que eu também pare no meio do corredor. — Foi a coisa mais verdadeira que alguém já disse nessas entrevistas.

Examino seu rosto, tentando ignorar a imagem súbita, refletida, do seu pai.

— Você quer dizer que foi a coisa mais idiota que alguém já disse nessas entrevistas.

De novo, ouço a risada calorosa dele ecoando nas paredes.

— Talvez. — Ele faz uma pausa, me espiando. — Mas, se isso faz você se sentir melhor, não acho que você estava errada quando disse que esperava sobreviver a isso, e a admiro por verbalizar seu verdadeiro sentimento.

Sinto um choque tão grande com a sinceridade dessas palavras que solto uma risada.

— Então você deve me admirar com frequência, porque costumo falar o que penso muito mais do que deveria.

Eu admiro você com frequência.

Os olhos de Kitt parecem transmitir essas cinco palavras enquanto examinam os meus, expressando algo que ele jamais pretendia dizer. E é a primeira vez que o observo e não vejo o rei me encarando de volta.

Pigarreando, dou meia-volta e continuo andando pelo corredor. Kitt está ao meu lado quando paramos diante do meu quarto, e já estou empurrando a porta quando digo:

— Obrigada pela companhia. — Faço uma pausa e lhe dou um pequeno sorriso por cima do ombro. — Agora posso dizer que já fui escoltada pelo futuro rei.

Estou passando pela porta quando, de repente, ele diz:

— Sim, e se você permitir, farei isso mais vezes.

Viro-me para ele e o encontro bem atrás de mim.

— O quê?

Seu rosto se abre em um sorriso que parece quase tímido demais para pertencer a alguém da família real.

— Srta. Gray, quer ser meu par nos bailes?

Quase engasgo com a próxima respiração. E, no entanto, em vez de responder à pergunta, outra, sem sentido, sai da minha boca acompanhada por uma risada ofegante:

— Desde quando passei a ser a srta. Gray?

A astúcia substitui a timidez no sorriso dele, que me lembrou brevemente o do irmão.

— Desde quando você passou a se referir a mim como “o futuro rei”?

— E você não gosta? Quero dizer, que eu te chame de futuro rei?

Quando me dou conta, minha curiosidade já assumiu o controle e a

pergunta foi feita. Eu presumia que ele fosse bastante ligado ao título e ao poder que o acompanha.

— Prefiro não ser chamado por um título que ainda não conquistei nem mereci — diz ele, de maneira casual.

— Foi por isso que chamei você de *futuro* rei.

Ele sorri, contente em deixar o silêncio se esticar entre nós, antes de dizer, finalmente:

— Você não respondeu à minha pergunta, srta. Gray.

Ouçõ a oferta na sua voz e vejo a pergunta silenciosa refletida nos olhos que fico evitando. Se eu concordar em ser seu par, seremos simplesmente Kitt e Paedyn. Se eu disser não, o título permanece.

Se disser sim, entrarei no personagem.

Se disser não, deixarei passar uma oportunidade de agradecer às pessoas.

A ideia de estar de braço dado com o futuro rei e olhar tão de perto aquele rosto semelhante ao do assassino do meu pai não seria agradável para mim, mas seria para o povo de Ilya. É inegável que eu teria a atenção das pessoas — um pensamento terrível, mas tentador.

Um sorriso surge em meus lábios ao pensar na imagem de uma ex-favelada e um futuro governante de mãos dadas, a visão perfeita de completos opostos.

O homem mais poderoso ao lado da mulher menos poderosa.

— Seria uma hora ser seu par, Kitt — digo baixinho, sorrindo ligeiramente.

Entre no personagem.

Kitt ri, parecendo aliviado.

— Eu esperava que você dissesse isso, Paedyn.



— Ellie. Socorro. Por favor.

Estou olhando para o meu armário, ficando louca só de ver todas as cores e estilos dos vestidos pendurados.

— Qual eu devo usar no baile? Preciso causar uma boa impressão...

Ellie me interrompe, rindo baixinho:

— Precisa, sim, e não vai conseguir isso com nenhum desses vestidos.

Inclino a cabeça para trás e solto um gemido.

— O que tem de errado com eles? — pergunto, indicando os vestidos maravilhosos à minha disposição.

— Esses não são vestidos de baile — Ela aponta para o armário. — Sem dúvida você causaria uma impressão usando um deles. Só não seria

uma impressão boa.

— E agora, então?

Não consigo evitar que a irritação venha à tona.

Ellie com certeza percebe, porque diz com suavidade:

— Vamos ter que mandar fazer um vestido para você. Imediatamente. Conheço várias costureiras excelentes que poderiam fazer um vestido lindo em pouquíssimo tempo, você só precisa escolher o estilo e o tom de verde.

Pelo jeito, é de conhecimento geral que as mulheres costumam usar vestidos verdes nesses bailes, já que a cor do reino de Ilya é o verde-esmeralda. Não é uma regra rígida, apenas uma coisa que todo mundo simplesmente *faz*. Típica. Tradicional.

Cansativa.

Ellie começa a falar sobre as costureiras que ela conhece e sobre como o trabalho delas é maravilhoso.

E então me lembro de repente. Eu conheço uma costureira; eu *morava* com uma.

De repente, sou esmagada pelo peso do que fiz. Não, do que *não* fiz.

Adena.

A promessa que fiz ressoa na minha cabeça, um lembrete de que eu tinha me *esquecido* dela. Prometi visitá-la, mas só me lembro disso quando é conveniente para mim.

Sinto a culpa me dominar, quase sufocando com o aperto súbito na garganta. Engulo em seco, me xingando em silêncio por ser tão egoísta.

Mas não é a primeira vez que fui egoísta com Adena.

Me lembro da noite em que ela me encontrou no telhado de uma loja há dois anos, machucada, histérica e esperando que alguém simplesmente me *entendesse*. Eu olhava as estrelas enquanto a chuva escorria pelo meu rosto, misturando-se com as lágrimas e fazendo com que os cortes recentes que eu recebera de um Imperial naquela manhã ardessem. Adena subiu pela borda do telhado antes de me dizer, ofegante, que tinha certeza de que me encontraria ali, assim como estava certa de que nunca mais escalaria as paredes de uma loja.

Mas seu sorriso desapareceu ao me ver tremendo na chuva forte, abraçando os joelhos. Eu estava cansada. Cansada de ser uma coisa que eu não era, ao mesmo tempo que ninguém sabia o que eu era.

Então eu havia decidido observar o céu naquela noite, encontrando semelhanças entre nós. Estava solitária de um modo que imagino que as estrelas se sintam, à vista de todos e, ao mesmo tempo, distantes demais para serem *vistas*.

Pela primeira vez, quis que alguém me visse.

Lembro também de contar a Adena sobre a minha infância, meu presente e tudo entre uma coisa e a outra; isso também foi egoísmo. Simplesmente saber o que eu sou a coloca em perigo, apesar de nos aproximar.

Ela acreditou. Escutou a verdade que jorrava de mim em meio aos soluços, e ficou comigo, mesmo depois de saber o que eu sou.

E nunca me senti tão aliviada em um momento de tamanha fraqueza.

— Ellie — digo devagar, deliberadamente. — E se eu conhecer uma costureira?

Ela pensa por um momento antes de responder dando de ombros.

— Seria ótimo. Você conheceu alguém aqui? No palácio?

— Não, ela é da Alameda. — Ellie me encara, cética, mas eu vou em frente: — Ela é incrível. Posso garantir que ela vai fazer o melhor vestido que Ilya já viu.

— Bom, acho que eu poderia pedir para o Lenny escoltar você até lá para trazê-la. — Ellie acrescenta rapidamente: — Desde que ele consiga permissão.

Minhas sobrancelhas se arqueiam.

— Trazê-la?

— Ah, sim. Se você conseguir autorização, ela poderá voltar para o palácio com você e será contratada aqui como sua costureira pessoal até o fim das Provas. Ou até...

O restante das suas palavras é abafado pelo sangue latejando nos meus ouvidos e pelo meu coração disparando tão rápido que sinto que estou no meio de uma luta.

Adena vai morar aqui. Comigo.

Ela vai ser alimentada e *paga*. Vou poder vê-la. Vou poder garantir que ela esteja em segurança. O alívio toma conta de mim, tentando debilmente substituir a culpa que ainda sinto.

Ellie promete pedir que Lenny me leve à Alameda. Em seguida, me deseja uma boa noite e sai pela porta.

Jogo-me na cama, olhando os relevos intrincados do teto. Não sei quanto tempo fico deitada, deixando a esperança e a felicidade me dominarem enquanto penso em ver Adena em segurança.

Então uma batida leve à porta dispersa meus pensamentos.



Daedyn

Pela Peste, deve ser quase meia-noite — quem é?

Seguro o cabo da minha adaga e a tiro de baixo do travesseiro, segurando-a ao lado do corpo enquanto atravesso o quarto. Quando abro a porta, encontro aqueles olhos cinzentos do outro lado.

Kai observa a adaga na minha mão antes de voltar a encarar o meu rosto, se demorando na bochecha machucada e no lábio partido que ele me concedeu com tanta generosidade na luta hoje cedo. Meu orgulho não me permitiu deixar que os Curadores cuidassem dos ferimentos. E não fico surpresa em ver que o príncipe pareceu ter o mesmo problema. Hematomas fracos brotaram no seu queixo, lembretes de cada soco que acertei.

— Você planeja encostar isso na minha garganta de novo? — pergunta ele, com os lábios se curvando para cima, indicando a adaga com a cabeça.

— Não me provoque — respondo, passando os dedos pela ponta afiada da adaga. — Veio para uma revanche?

Ele enfia as mãos nos bolsos da calça justa e escura, então cruza os tornozelos e se encosta no portal.

— Não me provoque.

O cabelo cor de ébano cai na testa dele, fazendo seus olhos se destacarem contra as mechas pretas. Está claro que ele não fez a barba, e há uma sombra de pelos cobrindo a mandíbula forte, levemente enfatizada pelos hematomas que deixei ali.

— O que você quer, Azer?

— Também senti sua falta, Gray — diz Kai, tirando casualmente algum pelinho da camisa perturbadoramente fina. Então seus olhos se viram na direção dos meus, os cílios compridos fazendo um contraste completo com os olhos claros. — Estou aqui para a sua aula.

Faço um ruído de deboche.

— Desculpe, minha *o quê?*

— Sua aula. — Ele inclina a cabeça, intrigado de um jeito divertido.
— Você é Psíquica. Não sentiu que isso ia acontecer?

— Não é assim que a coisa funciona, e você sabe. — Meu tom de voz é uma mistura de irritação e confusão. — O que você está dizendo...

— Bom, então você pretendia simplesmente pisar nos pés do meu irmão no baile? — Kai solta uma risada. — Você é realmente cheia de surpresas, não é?

— Não, eu não ia pisar nos pés dele. Talvez pudesse tropeçar nos meus, mas... — Deixo o resto no ar, vendo o sorriso dele se alargar, a covinha zombando de mim e me desafiando a usar a adaga que aguarda com paciência na minha mão.

E então suas palavras finalmente entram na minha mente.

— Aula de *dança*? É por isso que você está aqui? — Solto uma risada ofegante, achando que ele deve estar brincando.

— Demorou, mas entendeu. — Ele se afasta do portal, se aproximando. — Vamos, não temos a noite toda. — Em seguida, dá uma risada. — A não ser que você queira que dure a noite toda.

Não me abalo.

— Não. De jeito nenhum. Não quero a sua ajuda nem preciso dela. — Dou um sorriso debochado. — Mas é bom saber que você está sempre ansioso para oferecer.

Começo a fechar a porta quando ele coloca um pé com um sapato lustroso dentro do meu quarto e a abre com facilidade, os braços fortes empurrando-a apesar do meu esforço. Com a mão ainda apertando a madeira, Kai chega suficientemente perto para murmurar:

— Como sempre, você é teimosa demais para admitir que precisa da minha ajuda.

— O que eu *preciso* é que você saia do meu quarto.

Estou sorrindo para ele, mas, na verdade, estou apenas com os dentes trincados.

Ainda assim, mesmo que eu diga o contrário, sei que Kai está certo. Sei que eu deveria aceitar a oferta e treinar para não bancar a idiota ao lado do futuro rei. Mas não gosto que ele fique me lembrando disso, não gosto que esteja me ajudando. De novo.

— O que você precisa e o que você quer são coisas diferentes. — O cheiro de pinho me envolve quando ele se aproxima, me obrigando a encará-lo. — Qual é, Gray, você é mais inteligente do que isso. Sabe que precisa causar uma boa impressão nesse baile. E, ao lado do meu irmão, terá mais olhos voltados para você do que o normal.

É como se ele lesse meus pensamentos, resumindo-os e cuspidos-os de volta para mim. Encaro-o irritada. Sei que ele está certo, e ele também.

Kai deve estar percebendo que minha vontade de lutar se dissipou, porque um sorriso aparece em seus lábios.

— É bom ver que você recuperou o juízo. Vamos, então.

Passo por ele com a cabeça erguida. *Eu* escolhi fazer isso, não Kai, e ele precisa se lembrar disso.

— Aonde a gente vai? — pergunto enquanto o sigo pelo corredor.

No final, subimos uma grande escada em espiral forrada com tapete verde-esmeralda.

A sombra de um sorriso se acomoda no rosto de Kai.

— A algum lugar com espaço suficiente para você cair por todos os cantos.

Quando chegamos ao topo da escada, sou guiada por um corredor largo, repleto de pinturas e relevos perolados nas paredes e no teto. Percebo uma fina camada de poeira cobrindo as molduras que cobrem a parede.

Faz tempo que ninguém vem aqui em cima.

Este andar parece ser um dos poucos que ainda não explorei, já que me esgueirei para fora do quarto um monte de vezes no meio da noite para aprender a planta do castelo e suas possíveis saídas. Talvez seja parte da minha personalidade, ou talvez seja paranoia, mas não conhecer o lugar onde estou me provoca tanto medo quanto as Provas do Expurgo.

Como Lenny não vigia minha porta, não resisto ao impulso de xeretar. Na verdade, não vejo muito o meu Imperial. E, surpreendentemente, esse pensamento me provoca uma tristeza súbita. Fico chocada com o quanto genuinamente gosto da companhia dele, e me sinto ainda mais estarecida por pensar esse tipo de coisa sobre um *Imperial*.

Um tapete solto prende o meu pé, me fazendo tropeçar, e estou quase caindo de cara no tapete com estampa em espiral quando um braço desliza pela minha cintura, firme e irritantemente familiar.

— Estes são os pés desajeitados que vamos consertar — diz Kai, com um sorrisinho no rosto.

Ele me coloca de pé, me firmando com a mão que eu empurro, irritada e sentindo necessidade de colocar algum espaço entre nós.

Kai levanta as mãos demonstrando inocência e dá um passo atrás, debochado, antes de se virar e continuar andando pelo corredor. Enquanto andamos, a pergunta que eu vinha querendo fazer finalmente passa pelos meus lábios.

— Por que você está fazendo isso?

Kai para à minha frente. Vira-se devagar, parecendo quase se divertir

com a pergunta.

— É bem simples, na verdade. Você vai a esse baile com o meu irmão, e ele precisa passar a melhor impressão possível.

Examino seu rosto, encarando-o enquanto um pedacinho da sua máscara se racha, mostrando todo o seu amor e sua dedicação ao irmão, tudo o que está disposto a fazer por ele. É como se tivesse um dever a cumprir, como se já fosse o Executor e isso fosse muito maior do que simplesmente me impedir de pisar nos pés de Kitt.

A máscara logo se recompõe e, de repente, estou olhando de novo para aquele rosto frio de sempre. Quando não consigo pensar em algo para dizer, começo a andar. Viramos à direita em um corredor menor e vamos até a última porta à esquerda. Kai segura a maçaneta e a abre, revelando um quarto iluminado apenas pelo luar que atravessa a janela.

Se eu achava o meu quarto magnífico, ele perde toda a graça em comparação a *este*. Tem facilmente o dobro do tamanho, parecendo mais uma casa do que apenas um cômodo. Apesar de ter móveis que o meu também tem — uma cama de dossel, uma penteadeira, uma escrivaninha —, este parece de fato ocupado por alguém, cheio de vida. A estante está transbordando, livros empilhados em ângulos estranhos para se encaixarem no espaço disponível. Várias capas gastas me dizem que consistem em estratégia, combate e... *poesia*.

Interessante.

Tudo neste quarto é melhor do que o meu, mesmo as coisas usadas e gastas.

Este é o quarto dele — o verdadeiro quarto dele.

A escrivaninha está coberta de manchas de tinta escura e há armaduras empilhadas no canto. Examino os grandes talhos nas colunas do dossel, onde faltam pedaços de madeira.

Cortes de espada.

Ele usou uma espada cega contra as colunas da cama. Várias vezes.

Acho que é melhor do que usar uma espada contra um ser humano, mas tenho certeza de que ele faz isso também. Meus olhos finalmente se voltam na direção de Kai. Ele está encostado no portal, me observando, curioso, enquanto eu fico parada no meio do quarto, apesar de não me lembrar de ter adentrado tanto nele.

Aponto com a cabeça na direção das colunas de madeira lascada na cama, sem saber o que dizer sob seu olhar.

— Modo interessante de aliviar a tensão.

— Socar uma almofada em uma árvore até os punhos sangrarem também é.

Ele me lança um sorriso discreto enquanto vai até a escrivaninha, com

as mãos nos bolsos, e começa a mexer no aparelho que está em cima — e que eu reconheço.

Meu pai tinha um toca-discos com uma corneta grande e dourada em que eu costumava enfiar a cabeça quando era pequena. Ele ganhava um dinheiro decente como o respeitado Curador da favela, mas o toca-discos ainda era a coisa mais legal que nós tínhamos. Ele me fazia subir nos pés dele e nós dançávamos pela cozinha. Bom, *ele* dançava. Eu só ia de carona. Mas nunca tive a chance de realmente aprender a dançar sem literalmente pisar nos pés de alguém.

Os estalos da agulha tocando em um disco são familiares, mas o som da valsa suave que vem em seguida não. Kai se vira, desabotoando casualmente metade da camisa e me obrigando a procurar qualquer outra coisa para olhar em vez de seu peito bronzeado com a tatuagem em redemoinho.

E então ele está diante de mim, me examinando da cabeça aos pés com um sorriso singelo que mostra a covinha mais funda na sua bochecha direita. Seu olhar é como uma carícia, e Kai se demora. Eu me recuso a ficar constrangida sob aqueles olhos profundos, sabendo que ele adora me ver inquieta.

Então, sem querer ficar para trás, arrasto o olhar por suas feições fortes e pelo corpo ainda mais forte. Tudo nele é mortal. O sorriso. Os olhos. A mente astuta.

— Tem certeza de que vai conseguir se concentrar na dança, ou será que eu vou ser uma distração grande demais, meu bem?

Suas palavras me alarmam e volto a encará-lo, bufando.

— Acho que consigo, obrigada.

Kai me olha em dúvida.

— Acho que vamos descobrir, não é?

Estou esperando que ele estenda a mão e me puxe para dançar, e essa ideia faz meu coração bater com força, me preparando para ter suas mãos tocando meu corpo.

Mas nada acontece, e a distância entre nós não diminui.

Ótimo.

— Por enquanto, você vai começar aprendendo os passos da valsa comum — diz ele. — Mais porque não quero você pisando nos meus pés.

Com as mãos ainda nos bolsos, Kai dá os passos para a frente e para trás, para um lado e para o outro, mostrando o básico. É tão gracioso, tão elegante, tão *natural*.

Lutar. Lutar também é uma dança para ele.

Estou me sentindo rígida e, de repente, insegura demais. Mesmo com as mãos nos bolsos, Kai dá os passos com facilidade, no mesmo ritmo

que eu, mas não ousa chegar perto a ponto de ser pisoteado por meus pés desajeitados.

Suspiro, irritada comigo mesma e com o príncipe que ri, zombando, à minha frente.

— Relaxe — murmura ele, com mais do que uma leve sugestão de humor na voz. — Você está pensando demais. Não precisa calcular, basta se mexer junto com a música. — Levanto o olhar e o vejo me encarando e sorrindo. — Além do mais, você sabe que isso é uma dança, né? Não é necessária uma postura de luta.

Só então percebo como meu corpo está tenso e travado, as mãos ligeiramente erguidas, como se preparadas para golpear. Ajeito a postura e passo a mão pelos fios de cabelo que se soltam da trança frouxa. Estou estranhamente... *nervosa*, o que me deixa muito irritada.

Seria muito mais fácil se ele não estivesse me olhando.

Outra valsa termina, sendo substituída por uma canção lenta, suave. Estou de cabeça baixa, com mechas de cabelo caindo no rosto enquanto olho meus pés acompanhando o ritmo da música.

Uma pressão na minha cintura me faz saltar.

Como em um reflexo, me movo rapidamente na direção da faca embainhada sob as dobras do vestido, mas uma mão calejada segura meu pulso.

— Facas também não são necessárias em uma dança — diz Kai, rindo baixo.

Sustentando meu olhar, seus dedos ásperos deslizam lentamente do meu pulso para a minha mão antes de envolvê-la com a sua, levantando-a.

Mas é sua outra mão que atrai minha atenção, a que se acomodou confortavelmente na minha cintura. A que está colando meu corpo no dele. Através do tecido fino do vestido que coloquei para o jantar, sinto o calor da sua palma descendo por minhas costas.

Encaro-o enquanto sou puxada mais para perto. Não que eu não soubesse que isso iria acontecer, só não esperava que fosse tão de repente. Kai me olha com expectativa antes de rir suavemente e afastar a mão das minhas costas, fazendo com que eu sinta um frio súbito na ausência dela. Então, segura minha outra mão e a leva ao seu ombro, pousando-a em cima da camisa fina. Sinto cada músculo se mexer embaixo dela quando ele toca minhas costas de novo, apertando com firmeza contra o vestido.

— Vejamos o que você aprendeu — diz ele, baixinho, enquanto seus pés começam a se mover no ritmo da música. Tento acompanhá-lo, desajeitada, conseguindo espelhar seus passos. Ele me conduz com

facilidade, me guiando pela dança, confiante.

Meu olhar percorre o quarto e desce até meus pés, contando cada passo. Sinto a pressão nas costas desaparecer subitamente quando os dedos dele seguram meu queixo, inclinando minha cabeça para cima.

— Você nunca vai aprender se ficar olhando para os pés, Gray. Olhe para mim. — Ele sorri, levando a mão de volta às minhas costas. — Não deve ser muito difícil.

Reviro os olhos, abrindo a boca para dar alguma resposta atravessada, mas, em vez disso, pergunto:

— Como você sabia que o Kitt tinha me convidado para o baile?

A risada de Kai é vazia; não contém qualquer humor.

— Não sou Psíquico, mas não foi difícil ligar os pontos. — Quando apenas o encaro, ele suspira e continua: — Eu conheço o meu irmão, e por causa disso sabia que ele iria convidar você.

— Essa foi uma péssima resposta.

— E você ainda é uma péssima dançarina, de modo que meu trabalho está longe de terminar.

Solto o ar, irritada.

— Ah — acrescenta Kai, casualmente —, além disso, ele pode ter mencionado que convidou você.

Outra risada escapa antes que eu possa impedi-la, e comprimo os lábios para cortar o som. Meus olhos descem na direção do seu peito, que está perto demais, me lembrando que *nós* estamos perto demais um do outro para sermos competidores e inimigos nessas Provas.

Ainda assim, aqui estou, dançando com ele, no quarto dele. Sozinha. No escuro.

Se é que é ao menos possível, de repente estou mais tensa do que antes.

Kai me sente enrijecer e se aproxima ainda mais.

— Você está dura feito uma tábua, Gray. Relaxe.

Isso não está ajudando.

Tento e não consigo me derreter no seu abraço como uma parceira de dança deveria fazer. Não levo jeito. Sou inútil.

Mas o príncipe não desiste com tanta facilidade. Não. Ele envolve minha cintura totalmente com o braço e me puxa para perto. Arrasto os pés, não querendo diminuir a pequena distância que resta entre nós.

Uma covinha enlouquecedora me espia, quase invisível à luz fraca.

— Então, o que nós aprendemos hoje? — pergunta, como sempre, parecendo achar isso divertido, daquele jeito irritante. — Um, que as adagas não são necessárias para dançar. E dois, que você precisa estar perto do parceiro durante a dança. E, surpreendentemente, você parece

ter mais dificuldade com o segundo quesito.

— Você preferiria que eu tivesse dificuldade com o primeiro e encostasse uma adaga na sua garganta? — Faço uma pausa. — De novo?

— Que pessoa previsível! — Kai dá um risinho e o som me envolve antes de ele murmurar: — Sempre maligna e ansiosa para me dar uma facada.

Ele está muito perto de mim. Perto demais.

E é porque fico tão distraída por esse fato que meu pé pousa em cima do dele e eu cambaleio para a frente, colidindo com seu corpo sólido. Suas mãos envolvem minha cintura, me firmando antes que eu recupere os sentidos e me afaste. Uma risada intensa troveja no peito dele, acompanhado por um sorriso genuíno, um que eu só o vi usar quando está perto do irmão.

Mortal.

— Como é que uma lutadora pode ter tão pouca habilidade com os pés? — Seus olhos vão de um lado e para o outro, encarando os meus. — Você é cheia de surpresas.

— Bom, *surpresa*: para mim, chega de aula — digo categoricamente, me soltando.

Já dei as costas quando Kai segura meu pulso e me gira, me puxando de volta.

— Mas você ainda me deve uma dança. — Seu cabelo ondulado cai sobre a sobrançelha, com a expressão dos olhos praticamente implorando que eu entre no jogo dele.

— Ótimo. Uma dança em troca da resposta para uma pergunta.

Ele arqueia as sobrançelhas.

— Isso é um suborno, Gray?

— Esses são os meus termos. É pegar ou largar, príncipe.

A única reação é um riso baixo. Kai se afasta um pouco de mim, pensando, antes de me encarar de volta.

Devagar, ele levanta minha mão de novo e pousa sua outra confortavelmente na minha cintura.

— Trato feito.

Outra valsa lenta começa e eu me ocupo com a música e os passos, mergulhando na dança. Quando parece impossível ignorar a sensação dos seus olhos me observando atentamente, finalmente o encaro.

— Certo, o que você está louca para saber? — pergunta, me guiando na dança.

Não faço ideia.

Kai olha para mim, através de mim, esperando uma resposta. Seus olhos cinzentos são como lascas de gelo, cacos de vidro. Como essas duas

coisas, seu olhar é profundo, mas cortante. Frio, mas cativante. Lindo como só as coisas mortais podem ser.

E, de repente, não consigo pensar em nada que queira lhe perguntar. Reviro minha mente atrás de uma pergunta e acabo dizendo a primeira coisa que me vem à mente.

— Você gostaria que fosse você? — Ele pisca, os cílios escuros tremulando. — Você gostaria que fosse você o futuro rei de Ilya? O herdeiro?

Não é nem de longe a pergunta que eu achei que faria, mas aqui estamos.

— Não — responde ele, calmo, sustentando o meu olhar.

Levanto as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. Quando ele não continua, digo:

— Só isso? Não?

— Você recebeu sua resposta e eu recebi minha dança. Esse era o trato, meu bem.



Mal consigo respirar.

Os braços finos de Adena estão enrolados com tanta força no meu pescoço que minha visão começa a ficar turva. Ela gritou e fez um estardalhaço quando me viu esperando perto do Forte.

Minha melhor amiga. Literalmente minha parceira no crime. Em segurança. Linda e animada como sempre.

Lenny chegou ao meu quarto de manhã cedo, pronto para me levar à Alameda e buscar minha nova costureira. Pelo jeito, ele conseguiu a aprovação para isso, mas eu estava empolgada demais para pedir detalhes. Talvez eu mesma tenha feito um estardalhaço.

— Vou ser sua *o quê*? — berra Adena.

Suspiro, mas o som sai mais parecido com uma risada.

— Minha costureira pessoal. — A essa altura eu já lhe contei os detalhes umas três vezes. — Quer dizer, a não ser que você não queira o trabalho...

— Está maluca?! Claro que eu quero o trabalho, Pae! — Ela está praticamente saltitando enquanto vamos até a carruagem que espera na extremidade da Alameda.

Olho a feira e a rua à minha frente. Deixo o som dos palavrões e das pessoas barganhando, o cheiro de peixe e temperos me envolverem. Tudo familiar. Tudo igual.

Lenny abre a porta da carruagem e Adena e eu nos acomodamos antes

de partirmos ruidosamente pela rua de pedras irregulares, em direção ao palácio.

— Não acredito que isso está acontecendo — diz Adena, pasma, olhando pela pequena janela. Ela se vira para mim de novo, examinando com os olhos arregalados o vestido casual que Ellie me obrigou a usar. — Não acredito *nisto*. — Ela olha do meu rosto para o vestido antes de pegar a bainha da saia e inspecionar.

— Não se acostume com... *isto*. — Indico o vestido. — Normalmente, uso calça durante o dia, mas Ellie insistiu que eu usasse um vestido para passar uma boa impressão às pessoas que me vissem na Alameda.

E, sem dúvida, havia muita gente. Apesar de ser cedo, a feira estava cheia de homens, mulheres e crianças, todos me olhando boquiabertos enquanto eu passava.

Não sei que impressão causei neles, mas certamente causei alguma.

O sorriso de Adena se ilumina quando ela diz:

— Parece que Ellie e eu vamos nos dar muito bem.

— Ah, tenho certeza de que vão. — Dou uma risada. — E você vai ser paga, alimentada e terá uma cama de verdade para dormir à noite. Fiquei sabendo que existe uma sala de costura, onde você vai passar a maior parte do tempo, com todo o tipo de tecido com o qual você poderia sonhar.

Os olhos de Adena brilham, pensando nas palavras que acabou de ouvir.

— É o céu. Vou estar no céu.

Coloco-a a par de tudo: dos treinamentos, das entrevistas, dos competidores. Ela faz o mesmo, falando do tempo que passou na Alameda enquanto estive longe.

— Eu estava começando a achar que você tinha se esquecido de mim! — Adena solta uma risada, descartando a ideia. — E agora você está aqui, me levando com você!

Uma onda de culpa me golpeia, ameaçando me afogar.

Engulo em seco antes de abrir a boca para pedir perdão, para dizer que sinto muito, para...

— Eu nunca me esqueceria de você, Adena.

Nunca mais.

Ela sorri de orelha a orelha enquanto meu coração bate loucamente no peito. Adena é uma pessoa muito boa e eu me sinto muito culpada. Sou fraca por ter escondido a verdade dela, mas, a cada batida do coração, juro que nunca mais farei isso.

— Ah, espera! Com quem você vai ao baile?

A pergunta em um tom agudo atravessa meus pensamentos confusos.

Claro que Adena saberia desse detalhe sobre as Provas do Expurgo: que todos precisamos formar pares para os bailes. Ela adora esse tipo de coisa. Passo a mão pelo cabelo, afastando-o do rosto.

— Bom... eu vou com o Kitt.

Adena pisca, atônita. E então solta um berro esganiçado.

— Kitt? Quer dizer, o *herdeiro*? — Ela está praticamente passando mal, abanando-se com as mãos.

— Não é grande coisa. Só que eu preciso estar bonita — digo, tentando acalmá-la.

— Bom, então você procurou a pessoa certa — diz ela, confiante. — Uau, certo, então você precisa estar *muito* bem-vestida. — Ela empurra os cachos que caem sobre os olhos. — Bom, existem vários tons lindos de verde que a gente pode escolher. Podemos vestir você com verde-esmeralda, ou verde-sálvia...

Levanto uma das mãos, com um sorriso se formando no meu rosto.

— Na verdade, estou pensando em uma cor diferente.



CAPÍTULO 20



Kai

Estou de pé, cercado pela cor preta. Paletós pretos, gravatas pretas, sapatos pretos. Os homens que enchem o salão de baile giram no piso de mármore branco parecendo palavras rabiscadas em tinta preta em um pedaço de pergaminho lustroso.

Serviçais dançam pelo salão, apesar de não haver música para acompanhá-los enquanto serpenteiam entre as pessoas. Eles giram trazendo vinho, champanhe e canapés extravagantes em bandejas ainda mais extravagantes.

Como as Provas são *diferentes* este ano — graças a mim e ao teste para se tornar o futuro Executor — não é surpresa que os eventos refinados também o sejam. Geralmente, os bailes são exatamente isso: bailes. Consistem em um número grande demais de horas dançando e conversas tediosas, duas coisas que exigem quantidades excessivas de álcool para suportar.

Mas o primeiro baile da sexta edição das Provas começa com um banquete.

Indivíduos vestidos de preto ornaram o salão, homens de todas as idades. Isto é, homens de todas as idades que sejam da nobreza ou de sangue real, ou que, de algum modo, conseguiram ganhar um convite para o primeiro baile das Provas do Expurgo.

Depois de uma hora circulando entre os grupos, jogando conversa fora com jovens e velhos, amigos e inimigos, estou, na melhor das hipóteses, inquieto e entediado. Kitt e eu vamos até uma das muitas belas mesas dispostas no perímetro do salão, cheias de bebidas.

Passei o tempo admirando meu salão preferido do castelo, absorvendo tudo pela centésima vez. Colunas de mármore e grandes janelas do chão ao teto se enfileiram, dando ao salão uma aparência etérea. Lustres pendem do teto, pingando diamantes e elegância. Duas escadarias atapetadas de verde-esmeralda se espelham mutuamente, descendo da galeria superior até o piso térreo de mármore. Uma porta dupla dourada

se abre na plataforma semicircular acima do piso do salão, tão brilhante que consigo ver meu reflexo entediado nela.

Tomo uma segunda taça de vinho, desejando ter pegado algo mais forte.

Será a qualquer momento.

A pequena orquestra acomodada no canto mais distante do elegante salão começa a tocar no exato instante em que a porta reluzente no topo da galeria se abre. Uma mulher linda vestida de seda verde-esmeralda chega ao parapeito e olha para o salão embaixo.

Minha mãe.

Ela sorri, praticamente reluzindo. Então, começa a descer graciosamente a escadaria da direita com passos comedidos, leves. Às vezes, esqueço que ela é uma lutadora com habilidade de Volt, capaz de manipular eletricidade a ponto de usá-la de maneiras mortais, se assim quiser.

Os estalos dos sapatos de salto alto da minha mãe ressoam no piso de mármore enquanto ela atravessa o salão de baile. Os homens abrem caminho para ela, que vai até o meu pai, sentado na outra extremidade.

Ele sorri para ela — sorri *de verdade*. É uma expressão rara, que ele só parece exibir quando minha mãe está por perto. Ele fica de pé para recebê-la no meio do salão e segurar seu braço.

O rei olha ao redor, observando os homens que, por sua vez, o observam.

— Que comece o primeiro baile das Provas do Expurgo!

Os homens comemoram enquanto o rei e a rainha andam juntos, conversando e dando boas-vindas às pessoas pelas quais vão passando.

E então começa.

Mulheres de idades variadas passam pelas portas douradas, uma de cada vez. Como é tradição, os homens sempre entram antes no salão e esperam a chegada das mulheres, em homenagem à rainha, que chegou elegantemente atrasada ao baile em que conheceu meu pai, com todos os olhares voltados para ela ao fazer sua entrada. Desde então, todas as mulheres têm a oportunidade de fazer uma entrada especial para serem observadas e prestigiadas.

Elas descem os degraus, vestindo variados tons de verde. Assim que chegam ao térreo, seus pares as buscam e as levam para uma das muitas mesas que ocupam o outro lado do salão.

Kitt e eu ficamos olhando o desfile de mulheres enquanto bebericamos vinho, admirando-as de longe. Elas vêm sem qualquer ordem específica, sem que haja classe ou status ditando o desfile. Observo quando minha prima entra, usando um vestido verde-hortelã que contrasta com seu

cabelo cor de vinho. Andy sorri para Jax, que a espera na base da escada com um sorriso pateta no rosto. Ela o puxa para a grande mesa destinada aos competidores, posta no centro das outras para permitir que os convidados tenham uma visão perfeita de nós. É um jantar e um espetáculo.

Observo-os antes de voltar minha atenção para a galeria, vendo que o fluxo de mulheres começa a se reduzir. Vejo Hera e Ace atravessando a multidão, nenhum dos dois parecendo particularmente feliz por terem sido postos juntos. Volto-me na direção da porta quando Sadie entra, sua pele marrom brilhando contra o vestido verde enquanto desce a escada até Braxton, que a espera. Um tom de lilás atrai meu olhar, revelando Blair no topo da escada, espiando junto ao corrimão. Um tecido verde-floresta abraça sua cintura e todo o seu corpo antes de se abrir aos seus pés. O cabelo está preso e torcido para longe do rosto e um sorriso malicioso já se forma no rosto dela quando me vê.

— Boa sorte, irmão — murmura Kitt, e não posso deixar de notar a diversão na sua voz.

Depois de me encurralar antes do jantar há algumas noites, Blair insistiu para irmos juntos aos bailes. E, percebendo que eu não tinha muito como escolher, um “sim” relutante foi a única resposta que pude dar.

Empurro minha taça de vinho para Kitt com um suspiro aborrecido.

— Cuide disso para mim. — E indico com a cabeça a taça que ele está segurando. — Com certeza vou precisar.

A gargalhada de Kitt me acompanha enquanto vou até a base da escada, encontrando meu par bem a tempo. Estendo o braço, que ela agarra ambiciosamente.

— Você está maravilhosa, Blair — digo com a voz suave, porque ela está mesmo, de um jeito frio e ameaçador.

— Ah, obrigada, Kai. — Os cílios escuros dela se abaixam enquanto ela analisa minha vestimenta, meu cabelo, meu rosto. — Você também.

Vamos até a mesa, agora quase totalmente ocupada pelos competidores tensos sentados ao redor dela. Quando ocupo o lugar ao lado de Jax, ele me lança aquele sorriso luminoso que sempre me faz sorrir de volta.

— Olha só para você, Jax. Conseguiu se arrumar direitinho — digo, examinando seu terno elegante e a calça que, desta vez, tem tamanho suficiente para cobrir os tornozelos. — Nem dá para ver que eu quebrei a sua cara no ringue hoje de manhã.

Ouçó Andy soltar uma risada do outro lado de Jax antes de se inclinar e dizer:

— Você não foi o único.

Jax revira os olhos diante da nossa provocação, mas o sorriso nunca deixa o seu rosto.

— Cadê o Kitt? Ele é o único que é legal comigo.

Andy leva a mão ao peito, fingindo se ofender, mas eu nem me incomodo em negar; ele está certo.

— É verdade, mas você sabe que eu sou muito mais divertido — digo simplesmente.

Jax abre a boca para responder, mas em vez disso é uma voz feminina, fria, que escuto.

— É mesmo? Porque eu estou totalmente entediada.

Viro-me devagar e encaro Blair, percebendo que esqueci que ela estava ali. Sou um péssimo par, mas acho que ela já sabia disso quando me convidou, de modo que não desperdiço meu tempo me sentindo mal.

— Desculpe não estar divertindo você, Blair — digo. Ouço Andy bufar e acrescento: — Como você está?

Ela sorri, aparentemente feliz por eu estar lhe dando toda a minha atenção. E essa é toda a abertura de que Blair precisa para começar a reclamar dos grampos desconfortáveis no cabelo e comentar sobre o material do vestido, insistindo que eu deveria sentir como ele é macio.

Jax ri o tempo todo ao meu lado, incapaz de se conter a cada vez que murmuro em concordância ou fico assentindo para palavras que não ouço completamente. Mas sou arrancado do tédio quando uma taça é posta na minha frente.

— Achei que você iria querer isso de volta, irmão.

Viro a cabeça e vejo Kitt parado junto à minha cadeira, antes de meus olhos deslizarem na direção *dela*, reluzente ao seu lado.

É a própria Paladina Prateada.

Um tecido brilhante e prateado abraça o corpo dela. Alças finas passam sobre os ombros e levam a um decote cavado que revela a pele bronzeada e as clavículas afiadas. O vestido se funde à cintura e ao quadril como moedas derretidas, me lembrando das que ela roubou quando nos conhecemos.

Os cílios de Paedyn, delineados a carvão, passam por mim enquanto eu a observo. O cabelo é como uma cortina cobrindo o vestido, e é difícil dizer onde terminam os fios prateados e onde começa o vestido brilhante. O tecido se abre em volta dos tornozelos, originando uma grande fenda que sobe pela perna, como a que eu rasguei em seu vestido naquele dia das entrevistas. E ali, presa à coxa, há uma adaga prateada para todos verem. Luto contra um sorriso ao ver a arma combinando com a vestimenta ofuscante: tão bela e, ainda assim, tão letal.

Cada pedacinho de Paedyn está envolto em prata. Não em verde. Não no que era esperado.

Linda, ousada e única.

Uma declaração. Um lembrete de quem ela é e do que fez.

As mulheres não são oficialmente obrigadas a usar verde nestes bailes, e parece que Paedyn se aproveitou desse pequeno detalhe.

Nossos olhares se cruzam rapidamente antes de Kitt levá-la para o outro lado da mesa. É o suficiente para que eu acabe com a minha bebida e deseje desesperadamente que a noite termine. Ergo o olhar rapidamente, encontrando o de Paedyn do outro lado da mesa, onde ela então está sentada. Paedyn sustenta o contato visual, rompendo-o apenas quando Kitt diz algo em seu ouvido, tirando sua atenção de mim e pegando aqueles olhos de oceano para si.

Fico olhando-os interagir, descaradamente, sem me importar em ser pego espiando. Paedyn parece tensa enquanto os dois conversam em um tom baixo, desviando os olhos continuamente para o colarinho da camisa dele em vez de encará-lo. Observo enquanto ela gira lentamente a aliança no polegar, quase sorrindo ao ver o anel sendo usado junto com o vestido. Mas ela assente quando Kitt faz o mesmo, sem dúvida muito consciente da quantidade de olhos que os observam nas mesas ao redor.

Serviçais começam a se espalhar pelo salão, carregando bandejas lotadas de pratos de comida. Não demora muito até estarmos comendo salmão temperado e aspargos na manteiga em silêncio, ouvindo apenas o som dos talheres e as conversas dos convidados ao redor.

E eu adoraria que tudo permanecesse assim; talvez até gostasse de um baile, pela primeira vez na vida, se pudéssemos ficar sentados ali deixando o silêncio nos engolir. Mas, em vez disso, meu *par* decide abrir a boca.

— Que belo vestido, Paedyn. — O tom de Blair é de deboche, a boca se curvando em um sorriso presunçoso.

Eu suspiro, tirando os olhos do prato e vendo Paedyn sorrir ligeiramente.

— Ah, obrigada — responde ela, observando Blair e seu traje verde. — E o seu vestido é tão... *único* — acrescenta, com um olhar aguçado para o resto do salão e para as mulheres usando cores semelhantes.

Os olhos de Blair se estreitam.

— Não sei se lhe ensinaram isso na *favela*, então me deixe esclarecer: a cor do reino de Ilya é verde. E não prata.

Fico rígido ao ouvir como ela cuspiu a palavra *favela*, fazendo até mesmo Sadie e Braxton, que conversam em voz baixa, lançarem olhares cautelosos ao redor. Parece que estamos todos segurando o fôlego,

esperando a resposta de Paedyn.

E ela nunca decepçiona.

Depois de tomar um gole, vagarosamente, Paedyn encara os olhos flamejantes de Blair.

— Hum. E morar no *palácio* ensinou você a ser uma babaca?

Blair reage.

Antes que eu possa piscar, a faca que estava ao lado do prato de Paedyn está suspensa no ar na frente do seu peito, a ponta virada para o seu coração.

A visão me provoca um lampejo de raiva, mas minha voz sai muito mais fria do que minha fúria súbita quando digo:

— Acalmem-se, senhoritas. — Pegando emprestada a habilidade de Tele, empurro a faca de volta para a mesa com um som alto, ignorando o olhar raivoso de Blair. — Não costumo ser a pessoa que aparta brigas, mas vamos tentar não matar uns aos outros antes mesmo do começo das Provas.

Convidados murmuram ao redor, observando os competidores com expressões ansiosas. Nem posso começar a imaginar como os entretém observar nossas débeis tentativas de sermos educados uns com os outros, sendo que amanhã não chegaremos nem perto disso.

Ace gargalha, um som arrogante e sem humor.

— É isso que você pretende fazer, Kai? Matar todos nós?

Quando finalmente me permito me voltar para ele, não deixo de notar o brilho nos olhos que acompanha o desafio na sua voz. Eu o encaro.

— Eu pretendo vencer.

— Assim como todos nós — responde Ace, antes de passar a mão pelo cabelo oleoso, rindo. — Bom, a não ser Paedyn, que simplesmente pretende *sobreviver*.

Ele está zombando da resposta dela na entrevista.

Hera se remexe na cadeira ao lado de Ace, nitidamente tão desconfortável quanto o resto das pessoas à mesa. E o que estou prestes a dizer vai piorar as coisas.

— Chega.

A voz de Kitt atravessa a tensão, fazendo todos os olhares se voltarem para ele. Mas meu irmão só tem olhos para uma pessoa, a garota usando o vestido brilhante ao seu lado, quando diz:

— Dance comigo? Por favor?

Paedyn hesita apenas um momento antes de assentir. E então vejo os dois indo até a pista de dança, onde vários outros casais começaram a girar ao ritmo da música.

E então Blair está me dizendo alguma coisa, me puxando de pé antes

de me arrastar para a pista. Não me lembro de quando começamos a dançar. De repente, ela está nos meus braços e estamos girando pelo piso de mármore. A sensação de tocá-la é estranha depois das noites que passei com Paedyn nos meus braços. Noites sobre as quais ainda não contei a Kitt.

Eu estava fazendo um favor a ele.

Na pista de dança, encontro os dois. Não estou usando verde, mas me sinto verde. A inveja crava as garras em mim enquanto os vejo dançar a mesma valsa na qual guiei Paedyn na noite anterior. Ela está elegante, sedutora, fascinante.

O que, pela Peste, tem de errado comigo?

Dou as costas a eles e me viro para longe de seus corpos girando, ressentido comigo mesmo por me sentir assim. Ciumento e possessivo com relação à única garota que deixou claro que eu não deveria fazê-lo.

Então, tento me distrair. Danço com Blair e outras mulheres lindas que me levam para a pista. Fico flertando e implicando com elas, me concentrando nas garotas à minha frente e não na que está dançando com meu irmão.

Flagro Paedyn me observando e nossos olhares se cruzam, faíscas dançando entre nós.

Ela é a encarnação de uma escolha ruim. A união do perigo e do desejo. O limite tênue entre o letal e o divino.

E sinto que estou me afogando.



Daedyn

O mundo dá voltas ao redor de mim, com verde e preto se misturando em um borrão. Fico ofegante, pega desprevenida pelo giro, antes de ser puxada subitamente de volta para os braços fortes com um leve cheiro de especiarias que me envolvem, ouvindo o som de uma gargalhada.

— Desculpe, achei que você estava preparada. — Kitt dá um sorrisinho, os olhos verdes me desafiando a encará-los.

— Uma dançarina melhor estaria — respondo, sorrindo, fitando os arredores em vez de encontrar o olhar dele. O salão de baile não se parece com qualquer coisa que eu já tenha visto, com suas janelas, colunas e relevos lindíssimos. Estou impressionada com o tamanho e a elegância do lugar.

As pessoas que ocupam o espaço combinam perfeitamente com o ambiente, todas bem-arrumadas e graciosas. Os homens de preto e as mulheres de diversos tons de verde.

Bom, todas menos eu.

Pela primeira vez, Adena ficou imersa em um silêncio pasmo quando eu lhe disse que queria um vestido prateado. Eu precisava me destacar. Precisava lembrar às pessoas da *Paladina Prateada* delas. E como não existe nenhuma regra oficial declarando que as mulheres *precisam* usar verde, o único risco de aparecer vestindo prata era atrair mais atenção caso eu saísse tropeçando pela pista de dança.

Foram tantos olhos, tantas pessoas me observando enquanto eu descia a escada. Tantos olhares varrendo meu corpo, mirando o vestido, a fenda e a adaga por baixo. Mesmo agora, ainda estou sendo observada. Todos me olham com vários níveis de perplexidade, alguns com curiosidade e outras fazendo um exame minucioso. Não sei bem se ganharei os votos delas esta noite, mas certamente estou me tornando difícil de ser esquecida.

Olho para Kitt, seu cabelo loiro parecendo ainda mais claro em contraste com o terno escuro, justo no corpo. Ele parece... bonito.

Charmoso.

Como o pai. Ele se parece com o pai.

— Está pronta para amanhã? — pergunta ele baixinho, ainda me girando lentamente.

Meus olhos se voltam para os dele, por vontade própria.

— Deveria estar?

Ele quase ri, mas em vez disso diz:

— Não. Não deveria.

— E isso parece justo para você? — digo, antes que possa me conter.

— Essas Provas?

A música termina, e a nossa dança também. Sinto-o analisar meu rosto mesmo depois de eu virá-lo para outro lado, como se estivesse procurando a resposta ali. Então, Kitt suspira.

— Que tal se eu pegar algo para bebermos?

Eu pisco, atônita. Apesar de Kitt ter fugido da minha pergunta, respondendo a ele, assentindo. O futuro rei olha em volta para os homens que enchem a pista de dança, vários nos observando subitamente.

— E parece que vou compartilhar você com todo mundo, mesmo que apenas por algumas músicas.

Ele sorri antes de fazer uma pequena reverência e se afastar.

Assim que Kitt vira as costas, um rapaz alto me encontra na pista de dança e faz uma reverência. Aceito educadamente sua oferta para dançar e nem tenho tempo de ficar nervosa antes que seus braços me envolvam. Não consigo evitar uma pontada de orgulho pelo modo como acompanho seus passos largos, e conversamos distraidamente girando pelo salão.

Quando outra valsa começa, um novo parceiro assume a direção. E, de repente, estou nos braços de um rapaz que parece ter a minha idade, com cabelo azul-claro meticulosamente arrumado no topo da cabeça.

— Pela sua aparência, eu jamais adivinharia que você é uma Trivial da favela — diz ele, o olhar cobiçoso percorrendo meu corpo de cima a baixo. Eu me remexo, desconfortável com seu braço apertando minha cintura com força, sentindo o peso tranquilizante da adaga presa à coxa. Se eu não estivesse tentando cair nas graças das pessoas, esse pequeno comentário lhe garantiria um soco na cara. Sua voz sai mais baixa do que antes quando ele diz:

— Você é um delírio.

— Ela é, não é mesmo?

Meu coração quase para. A voz que chega por cima do meu ombro é tão fria que quase estremeço. Kai encosta no meu braço, passando-o em volta de mim e encarando o rapaz confuso que continua me agarrando.

— Agora, eu vou roubá-la — diz, de maneira casual, totalmente consciente de como é inadequado se intrometer no meio de uma dança. Mas, afinal de contas, ele é o príncipe, o próximo Executor, *um babaca metido a besta*.

A mão do homem se afasta lentamente da minha cintura, seus olhos me examinando uma última vez antes de fazer uma rápida reverência para Kai e se afastar. O príncipe não perde um segundo. Estou em seus braços antes que os músicos terminem de tocar a nota.

Ele parece familiar demais.

Nós combinamos perfeitamente, peças de um quebra-cabeça se encaixando. Eu não deveria me permitir relaxar ao seu toque. Não deveria deixar a tensão abandonar meu corpo quando ele me segura. Mas não consigo evitar. Me sinto absolutamente sem poderes.

A palma da sua mão está encostada, firme, nas minhas costas expostas, os calos roçando a pele ruborizada.

— Parecia que você precisava ser salva — diz Kai, e capto um vislumbre do seu sorriso antes de ele me girar.

— Pela primeira vez — respondo, suspirando —, preciso concordar com você.

— Tenho certeza de que você poderia pensar em outras coisas sobre as quais concordamos.

— Ah, é mesmo? Que coisas?

— Que ele estava certo — diz Kai baixinho. — Você é um delírio. Tenho certeza de que nós dois podemos concordar com isso.

Engulo em seco, o coração martelando, o que opto por ignorar. Sem saber o que dizer, pergunto:

— E sobre que outras coisas nós concordamos?

— Hum — murmura ele, distraidamente, com o olhar percorrendo meu rosto. — Você está se divertindo esta noite?

Pisco para ele, surpresa com a pergunta.

— Bom...

— Desembuche, Gray.

— Certo — respondo, bufando. — Não muito.

Ele esboça um sorriso.

— Então nós dois concordamos que esses bailes são incrivelmente chatos.

Não consigo deixar de rir.

— E se *você* for o motivo para eu não estar me divertindo?

— Se fosse o caso — diz ele, rindo —, você provavelmente já teria pisado nos meus pés ou encostado uma adaga em mim para eu me afastar.

— Não me dê ideias, príncipe.

Kai solta uma risada baixa.

— Você está certa. Eu odiaria sujar meu terno de sangue.

Continuamos girando pela pista de dança enquanto eu ignoro como seu corpo está perto do meu e observo o salão lotado, repleto de conversas, risos e música. Vejo Andy rindo com Jax enquanto os dois tropeçam pela pista de dança, e não demoro muito para encontrar os outros competidores na multidão.

Quando meu olhar encontra o de Kitt, fico surpresa ao vê-lo já me observando. Ele está cercado por um grupo de garotas dando em cima dele, mas seus olhos permanecem voltados para Kai e eu enquanto dançamos, apesar de ele não interromper o irmão e roubar de volta seu par. Nas suas mãos, estão as duas taças de bebida, uma cheia e a outra quase vazia.

Estou prestes a me virar para o meu parceiro quando meu olhar é atraído por um serviçal. Os cabelos escuros e encaracolados do jovem balançam a cada passo que dá enquanto carrega uma bandeja com bebidas borbulhantes, atravessando a multidão. Seus olhos castanhos examinam o salão como se procurassem alguém ou alguma coisa.

O garoto da Alameda. O garoto que estava com o pedaço de couro. O garoto que eu roubei. O garoto que estava com o bilhete endereçado à minha casa.

Uma enxurrada de perguntas inunda minha mente. Por que ele está aqui? Achei que aquele fosse um aprendiz, e não um serviçal. Será que está me procurando, em busca do papel que eu roubei?

Sou arrancada dos pensamentos quando Kai me gira e meu olhar encontra o dele, sem a minha permissão.

Um erro.

Seu cabelo da cor da meia-noite cai sobre a testa em ondas revoltas, sedosas. Os olhos de um cinza esfumado encontram os meus, cativantes, arrepiantes. Seu maxilar travado se afrouxa, puxando os lábios em um sorriso petulante enquanto ele nota que o observo.

Covinhas. As duas zombando de mim.

— Gostou do que viu, Gray? — cantarola ele, sabendo que vai me irritar. Solto o ar com força, desviando os olhos para lutar contra o rubor que abre caminho até minhas bochechas. Dedos ásperos deslizam das minhas costas e seguram meu queixo, guiando gentilmente meu rosto de volta para o dele, e ele murmura: — Tudo bem, pode continuar. Nunca vou negar a mim mesmo a chance de ver você me olhando.

— E por quê? — pergunto, com um desinteresse que não sinto.

Seu sorriso é malicioso.

— Porque é muito mais divertido admirar você quando é mútuo.

Quase engasgo com minha risada.

— Não se iluda, príncipe. Não estou admirando você nem suas covinhas idiotas — digo rapidamente, tentando fazer parecer que, na verdade, não estava fazendo exatamente isso.

O sorriso de Kai apenas se alarga, fazendo as covinhas nas bochechas ficarem mais fundas, me distraindo.

— *Mentirosa.*

Um som frustrado me escapa enquanto o encaro com raiva, me recusando a lhe dar a satisfação de evitá-lo. Continuamos dançando a música lenta, nossos movimentos também desacelerando quando Kai pergunta:

— E então, qual é a pontuação agora?

— O quê? — Minhas sobrancelhas se franzem, interrogativas, com a súbita mudança de assunto, mas mesmo assim fico aliviada.

— Eu ajudei você, o quê? Três vezes? Talvez quatro, agora? — Seus olhos estudam meu rosto com atenção. — De modo que a pontuação é de quatro a um.

Solto uma risada.

— Em primeiro lugar, eu não *ajudei* você. Eu *salvei* você, lembra? — Arqueio as sobrancelhas para ele. — Sem dúvida isso deve valer mais do que um mísero ponto. Além disso, eu não tinha percebido que a gente estava contando.

— Justo. — Ele dá de ombros ligeiramente. — Que tal dizermos que a pontuação é de quatro a dois, então? Isso é generoso.

Meus olhos se iluminam.

— Olha só! O príncipe finalmente admitiu que eu o salvei.

Kai ri e o som ribomba no seu peito, franzindo os cantos dos olhos dele.

— Eu nunca disse...

Gritos violentos abafam suas palavras.

Por um momento, fico confusa e só saio do choque quando a dor rasga meu antebraço esquerdo, me fazendo olhar para a carne cortada, sangrando.

Faca de arremesso.

De repente, estou sendo lançada ao chão com um corpo pesado caindo em cima de mim. Não, um corpo pesado, forte, me *protegendo*. Explosões ressoam no salão e meus ouvidos zumbem com o impacto. Sinto uma onda de calor acompanhada por fumaça e pedaços de pedra voando na nossa direção.

Kai continua em cima de mim, a mão segurando minha nuca para que

minha cabeça não bata no mármore. Ele está protegendo meu corpo do entulho e das facas que voam pelo salão de baile. Recupero a audição lentamente, cada grito se amplificando enquanto meus ouvidos estalam e voltam a funcionar. Ouço terror e sons de pés ao redor, homens e mulheres correndo para as saídas, tentando escapar da loucura.

Kai me puxa de pé, abaixando-se enquanto me arrasta na direção da parede, tentando me levar para fora.

— O que está acontecendo?! — pergunto acima do som das explosões e dos ecos de gritos. Mas Kai está ocupado dando ordens para os guardas e para as pessoas ao redor, dizendo o que fazer e como fazer. O próprio futuro Executor.

O salão de baile está um caos absoluto. Entulhos das explosões cobrem o piso que antes estava imaculado. Facas brilham voando pelo ar, atiradas pelas poucas figuras em fuga que usam faixas de couro preto cobrindo apenas a metade superior da cabeça.

Imitando as máscaras dos Imperiais.

Quem são essas pessoas?

Há corpos espalhados no chão, alguns encharcados de sangue, outros esmagados sob grandes pedaços de pedra lançados pelas explosões e lutando para se soltar. Mas o elemento de surpresa passou, e os Notáveis que estavam dançando animados há apenas alguns minutos lutam contra as figuras mascaradas. Guardas entram no salão; alguns são Relâmpagos, outros são Labaredas ou Robustos.

Alguns Escudos espalham campos de força roxos pelo salão, protegendo as pessoas contra o ataque, enquanto armas ricocheteiam inofensivas nas cúpulas reluzentes. Sem pensar duas vezes, Kai adapta a habilidade dos Escudos e lança o próprio campo de força ao nosso redor.

— Não há tempo para explicar. — Seus olhos estão arregalados, o único sinal da sua preocupação. — Você está muito machucada? — Ele estende a mão para mim, mas eu me afasto, as costas colidindo na parede dura. A dor sobe pelo meu braço, mas trinco os dentes e a ignoro.

— Estou bem, mas o que está...

— Preciso que você vá para uma das salas seguras. Os guardas vão levar você...

— Kai, eu não vou embora.

Ele me encosta totalmente na parede, com os braços me envolvendo. Seus olhos estão enlouquecidos, como fumaça brotando de um incêndio.

— Não pense que eu não sou capaz de jogar você em cima da porcaria do ombro e carregá-la para fora daqui. É isso o que você quer?

Sei que ele seria capaz. Kai não é de fazer promessas vazias. Olho por cima do seu ombro, para as poucas figuras mascaradas que tentam fugir

lutando. Elas parecem despreparadas, usando armas e não poderes, causando poucos danos contra as habilidades empregadas contra elas.

Vejo o caos continuar, a confusão nublando os pensamentos. Onde estão os Incendiários que provocaram as explosões? Meus olhos examinam o salão, parando ao ver um objeto redondo, de vidro, cheio de um líquido escuro, na mão de uma figura mascarada.

Uma bomba caseira.

De repente, eu compreendo.

Eles não estão usando poderes porque não têm poder algum.

Porque são Comuns.

— Me deixe ajudar — ofego, implorando.

Preciso chegar mais perto. Preciso ver quem são essas pessoas e de onde elas vieram.

— Não.

— Eu posso me cuidar.

Sua risada é seca.

— Então prove. Vá em silêncio até a sala segura. Agora.

— Me obrigue. — Praticamente rosno as palavras na cara dele, com os dentes trincados.

Não deveria ter dito isso.

Ele olha para longe e bufa, balançando a cabeça.

— Você é teimosa demais, Gray.

E então o mundo vira de cabeça para baixo.

Sua mão está segurando a parte de trás dos meus joelhos e a parte de cima do meu corpo está dobrada em cima do seu ombro, pendurada às costas. Eu tento me soltar, mas ele segura com firmeza. Estou me sentindo uma criança pequena tendo um chique, e não me importo nem um pouco.

— Me. *Larga.*

Meu tom de voz promete uma morte lenta e dolorosa, mas ele me ignora.

— Se você soubesse obedecer ordens, eu não precisaria te carregar feito uma boneca de trapos — diz Kai, com frieza.

Tento pegar minha adaga, perigosamente furiosa.

— Kai, eu vou *literalmente* dar uma facada nas suas costas se você não...

— Se você acha que uma facada me faria parar, está subestimando minhas habilidades, meu bem.

Através da cortina prateada de cabelos que caem soltos, paro de lutar por tempo suficiente para olhar as pessoas mascaradas restantes que passam como um borrão por nós, do lado de fora da bolha do campo de

força. E então meu olhar se prende a um deles, com cachos revoltos e escuros.

Ele.

A máscara dele está grudada no rosto como uma segunda pele, e quando seu olhar encontra o meu, inspiro o ar lentamente. Ele para, me observando enquanto eu o encaro.

Ele é um deles. E me reconhece.

O bilhete. O ponto de encontro.

O couro.

De fato, todos estão usando coletes e máscaras de couro.

Armaduras. Ele estava fazendo armaduras para o grupo.

Quando me dou conta, estamos perto de um círculo de Imperiais que cercam alguma coisa, tentando contê-la. Kai abre caminho pelo grupo e eu vejo Kitt com o canto do olho, lutando na tentativa de se livrar dos guardas que o seguram.

— Acho que eu disse para vocês tirarem ele daqui. — A voz de Kai é profunda, mortal.

— Senhor, ele não quis... — responde um dos Imperiais, mas é interrompido por Kitt, agressivo como eu nunca o vi.

— Não vou me esconder disso, Kai. Este é o meu reino também. — Sua voz está séria, a ponto de gritar na cara do irmão.

Kai reage em um tom frio:

— Bom, não haverá um reino para governar se você *morrer*, Kitt. Você precisa ficar afastado enquanto limpamos a bagunça. Isto pode ser um atentado contra a sua vida.

— Não vou deixar de lutar! — ruge Kitt.

— Então, está arriscando a condenar todos nós! — A fachada fria de Kai finalmente se racha, lançando raios de raiva incandescente pelo ar. Ele suspira e controla a respiração. — Precisamos de você vivo, Kitt. *Eu* preciso de você vivo. Só... — Ele para, contendo-se enquanto volta ao personagem. — Fique de fora dessa. Pelo reino. Por mim.

Os dois se entreolham, comunicando-se em silêncio de um modo que somente irmãos tão próximos como eles conseguem. Tenho a sensação súbita de que essa é uma briga frequente entre os dois, um conflito de interesses constante.

Vejo o rosto de Kitt desmoronar, seus muros desabarem. Vejo-o ceder.

— Certo. Parece que meu destino é sempre ficar fora da luta, não?

Kai não responde. Em vez disso, me coloca gentilmente no chão. E, sem dirigir um único olhar a mim, diz:

— Levem os dois a uma sala segura, junto com os outros.

E então ele está correndo de volta para onde a ação está acontecendo, com dezenas de poderes saltando sobre a pele antes de se decidir por um. Fogo.



CAPÍTULO 22



Daedyn

Kitt não parou de andar de um lado para o outro desde o momento em que fomos empurrados para dentro dessa abafada sala segura. Luto contra a ânsia de jogá-lo no chão e fazer com que explique o que está acontecendo. Em vez disso, fiquei olhando-o murmurar e andar pela sala durante a última meia hora. Vi seus dedos se acendendo como velas quando sua fúria ardente extravasou, mostrando sua habilidade Dual.

Uma fina camada de suor cobriu meu corpo, provavelmente me dando a aparência de um pão doce pegajoso. Estou sentada no chão da sala segura, e a parede de pedra fria na qual encosto minhas costas nuas é o único alívio do calor provocado pelas dezenas de corpos apinhados, todos usando vestidos pesados e ternos engomados.

A sala segura é isolada por uma grossa porta de metal, vigiada dos dois lados e prendendo a umidade sufocante aqui dentro, conosco. Kitt e eu fomos postos na mesma sala que o rei e a rainha ocupam, além da maioria dos outros competidores e dos convidados que conseguiram chegar. É razoavelmente grande, simples, e está cheia de gente.

Só existem dois Curadores aqui. Eles se movimentam de um lado para o outro, cuidando dos feridos depois de garantir que o rei, a rainha e Kitt foram atendidos. Depois de um tempo, uma mulher corpulenta usando um vestido verde-escuro finalmente vem serpenteando até mim, sem dizer nada, para cuidar do ferimento no meu braço. Suas sobrelhas se unem em concentração. Sinto uma onda de calor penetrando no corte e, quando olho para baixo, vejo que ele praticamente desapareceu, deixando apenas uma fina cicatriz cor-de-rosa.

Mas meu coração dói mais do que a ferida, parecendo mais partido e dilacerado do que meu corpo jamais esteve. Vi meu pai fazer exatamente a mesma coisa com muitas pessoas. Observei enquanto ele salvava vidas. Curava ferimentos. Curava os *meus* ferimentos. Eu gostaria que ele estivesse aqui para curar o objeto quebrado, mutilado, que é o meu

coração. O coração que se partiu quando ele me deixou.

Quando ele foi assassinado pelo homem que está sentado nesta sala.

Meus olhos dispararam na direção do rei e da rainha, que conversam entre si em um tom baixo e urgente e com os poucos conselheiros de confiança ao redor. Sem dúvida discutindo o que, pela Peste, acabou de acontecer lá fora e o que fazer a respeito. Kitt foi chamado várias vezes para perto do pai, para conversar com os conselheiros, mas ele sempre volta a ficar andando pelo salão depois.

Saio do meio de Jax e Andy, também pegajosos de suor dos meus dois lados, e vou atrás de Kitt.

— Oi — digo estupidamente, incapaz de pensar em algo melhor para dizer.

Ele quase sorri antes de suspirar.

— Oi.

Se quero que ele fale comigo, preciso entrar no personagem.

Respiro fundo antes de pôr a mão no seu braço exposto, já que o paletó do terno foi largado muito antes e as mangas brancas da camisa estão enroladas até os cotovelos. Sua pele está escaldante e eu retraio a mão com um pequeno chiado enquanto meu olhar desce para as chamas fracas que lambem os dedos dele.

Pisco os olhos e o fogo já sumiu, deixando apenas a pele áspera.

— Queimei você? — pergunta Kitt, bruscamente, parecendo alarmado. Em seguida faz menção de me segurar, mas pensa melhor, passando as mãos nos cabelos revoltos, e murmura, me dando as costas: — Nem consigo manter a porcaria do meu poder sob controle.

— Não... não, estou bem.

Ele não quer me encarar. Suas mãos passam pelo cabelo, pelo rosto.

— Ei — digo, mas não sou ouvida. Ele está prestes a começar a andar pela sala de novo.

Preciso que ele se concentre.

Em um impulso, seguro o rosto de Kitt com as duas mãos, sentindo apenas seu calor natural. Preparo-me para fitar aqueles olhos, sabendo que preciso fazer isso em troca de uma resposta. Eles se viram na minha direção rapidamente, verdes e nítidos como orvalho grudado na grama recém-cortada. Como um trevo de quatro folhas, como uma esmeralda brilhando ao sol.

Como os olhos de um assassino. Os olhos do rei.

— Fale comigo. — As palavras pulam da minha boca, parecendo mais uma ordem do que eu pretendia. Quando percebo isso, logo acrescento: — Por favor.

Kitt suspira e abaixa a cabeça antes de segurar gentilmente meus

pulsos e tirar minhas mãos do seu rosto. Então, ele me leva até um canto mais vazio da sala, as mãos quentes me puxando para sentar no chão ao seu lado, e descansa os braços nos joelhos dobrados.

— Desculpe se estou tão... agitado — diz, finalmente. Nunca o vi tão sério, tão austero, tão *régio*. — Não gosto de ver outras pessoas lutando as minhas batalhas. — Ele cospe as palavras como se odiasse o gosto delas na boca.

— Acho que você vai ter de se acostumar com isso quando for rei — digo, baixinho.

— Quer dizer, vou ter de me acostumar a ver meu irmão arriscando constantemente a vida enquanto eu fico sentado olhando? — ironiza ele. O calor parece brotar de seu corpo em ondas, e, de repente, me pergunto se Kitt tem parte da culpa pela temperatura dessa sala sufocante.

Então eu o vejo, o verde dos seus olhos que combina com o ciúme, a inveja. Dá para ver a parte dele que deseja correr para a batalha e salvar o dia, como o irmão. Que deseja ganhar o pai usando a força, e não o cérebro. Que deseja ser o herói, e não aquele que é protegido pelo herói.

No entanto, não sinto pena do rapaz à minha frente. Invejar Kai é invejar um assassino.

Entre no personagem. Manipule-o.

— O que eu quero dizer — explico, lentamente — é que você tem seus deveres e o Kai tem os dele. Vocês dois estão lutando pelo reino, só que de maneiras diferentes.

Dá para ver que ele não está convencido, mas mesmo assim sorri, um sorriso que quase chega aos olhos.

— Você seria uma tremenda conselheira, sabia?

— Bom, se eu sobreviver a essas Provas, talvez você possa me contratar. — Diante disso, ele solta uma risadinha baixa e eu lhe ofereço um pequeno sorriso em troca. — Se bem — continuo com um suspiro — que os conselheiros deveriam saber o que está acontecendo. Com certeza eu não sei.

Vamos. Conte. Confie em mim.

Kitt suspira.

— Está bem, você merece saber o que está acontecendo, já que um deles quase decepou o seu braço.

Ele passa um polegar sobre a fina cicatriz no meu braço exposto e acompanha o gesto com os olhos. Eu me encolho ao toque e minha reação não passa despercebida.

Kitt pigarreia e se afasta.

— Eles se chamam de Resistência. — Sua voz sai grave e firme, destinada apenas aos meus ouvidos. — É um grupo de Comuns que vem

se formando há anos. Lutando contra o rei e o reino por causa do que foi feito com a espécie deles.

A espécie deles. A minha espécie.

Obrigo-me a engolir o nojo e ouço enquanto ele continua:

— A princípio, eles não representavam ameaça. Como revolucionários, eram uma piada. Nós mantivemos esse pequeno grupo em segredo, escondido das pessoas há algum tempo. Até recentemente, isso não era difícil. Mas, obviamente, eles cresceram e estão mais fortes do que antes.

Acho que parei de respirar. Só consigo ouvir o sangue latejando nos ouvidos enquanto absorvo o peso dessas palavras.

Um grupo de Comuns lutando contra o rei e o reino.

— Como? — A palavra sai áspera, quase abafada sob as conversas na sala. — Como pode existir um grupo tão grande de Comuns? Como eles podem representar uma ameaça tão grande?

— Parece que havia muito mais Comuns escondidos em Ilya do que nós suspeitávamos depois de eles serem banidos, e à medida que se reproduzem aqui no reino, o número continua a crescer. — Kitt solta um suspiro pesado. — Mas a Resistência parece ser mais uma causa do que um grupo. Estão espalhados por toda a cidade, escondidos em plena vista. O que torna as coisas muito mais difíceis, já que não ficam todos reunidos em um único lugar. E, pior, achamos que eles não estão trabalhando sozinhos.

Arqueio as sobancelhas, indagando, e ele continua:

— Existem Notáveis trabalhando com eles. Notáveis poderosos. E que também estão putos com o meu pai, com o reino.

Minha testa se franze, demonstrando a confusão. E compreendo um instante antes de Kitt verbalizar o que acabei de deduzir.

— Os Fatais. Os Silenciadores, os Leitores de Mentes e os Controladores. Durante o Expurgo, meu pai baniu todos eles junto com os Comuns, porque eram perigosos até mesmo para outros Notáveis, e ele só mantém um de cada tipo na corte, todos leais. Mas ainda existem outros por aí, e, no momento, estamos com um nas masmorras, lá embaixo. — Ele balança a cabeça com um pequeno sorriso. — E precisamos agradecer a você por isso.

O Silenciador.

— Espera — digo devagar, tentando decifrar tudo. — Se os Fatais estão mesmo trabalhando com a Resistência, por que não lutaram nesse ataque? Eles teriam causado muito mais danos.

Kitt passa a mão pelos cabelos.

— Não sabemos. Talvez eles não tivessem pretendido atacar. Eles

estavam despreparados, em número muito menor, então me pergunto por que vieram, para começo de conversa.

As palavras escapam da minha boca e não consigo fazer nada para impedir:

— E o que você acha dessa Resistência?

— O que eu penso desses criminosos? — Kitt suspira, balançando a cabeça. — Eu... eu entendo. Acho errado, mas entendo por que estão fazendo isso. — Ele me olha direto nos olhos. — Mas, se tiverem permissão de viver, a raça Notável vai morrer lentamente. Quem sabe quantos Notáveis já não foram infectados pelos Comuns que se escondem no meio deles? Tenho certeza de que as pessoas já começaram a sentir os efeitos, o enfraquecimento do poder que possuem. — Ele faz uma pausa, suspirando. — O sacrifício dos Comuns é necessário para o bem geral do reino.

Certo. Esqueci que sou doente.

Examino-o, observando as feições fortes no rosto agora marcado pela tensão e pelo estresse.

— E é nisso que você acredita?

Sei que eu deveria calar a boca, que deveria concordar em vez de me arriscar a cometer traição. Mas alguma coisa nesse garoto faz com que eu seja imprudente, com que eu tenha uma necessidade de mostrar como ele está errado, como seu reino é deturpado.

— É isso que eu sei — diz ele, baixinho, me encarando até que eu afasto meus olhos, incapaz de deixar de ver nos dele o assassino do meu pai.

— Mas você pode saber de alguma coisa e não acreditar nela. — Minha voz sai trêmula, e espero que ele acredite que é por medo, e não raiva. — Você tem escolha, Kitt. Você sempre tem escolha.

Ele ri, mas sem humor.

— Se eu sempre tivesse escolha, não estaria nesta sala segura. Estaria lá fora, lutando ao lado do meu irmão.

Meus olhos baixam até as chamas que saltitam sobre seus dedos, revelando sua frustração. Levanto a cabeça e respiro fundo antes de encará-lo.

— Você não quer ser rei?

Kitt não hesita.

— Não quero ser um covarde. — Eu me obrigo a sustentar seu olhar, vendo toda a confusão e a importância refletidas nele. — Ninguém jamais me perguntou isso antes.

— É, bom, você vai descobrir que eu costumo fazer perguntas que não deveria — digo, desviando o olhar.

— Não pare — pede ele, rapidamente, em voz baixa. Meus olhos repousam no botão de cima da sua camisa. — Suas perguntas, seus pensamentos, suas contradições... quero ouvir tudo.

Abro a boca para responder quando sinto um sopro de ar frio bater no meu rosto e ouço a grossa porta de metal se abrir com um estrondo. Viro a cabeça para ver os Imperiais que entram na sala, indo na direção do rei e da rainha.

— O salão de baile está seguro, Vossa Majestade. — A voz do guarda é séria, e sua cabeça está abaixada na direção do rei, que assente rapidamente.

Se eu quisesse fitar os olhos do rei, tenho certeza de que veria todas as perguntas que eles carregam. Quantos mortos? Quantos Comuns capturados? Quanto dano? Mas ele não ousa verbalizar os pensamentos, não na frente de uma plateia e especialmente não quando ainda está tentando esconder o que aconteceu de fato.

O rei se levanta de sua grande cadeira e pigarreia, silenciando a sala ainda mais.

— O que aconteceu hoje foi uma infelicidade, e garanto a vocês que isso não acontecerá de novo. — Quase debocho ao ouvir a promessa vazia. — Mas não vamos permitir que esse incidente nos assuste, nos paralise, nos controle. Por esse motivo as Provas continuarão como foram programadas.

Diante disso, um murmúrio chocado percorre a multidão, mas não posso dizer que estou surpresa. Ele precisa manter a fachada, não demonstrar medo.

— Nós somos Notáveis. Somos o poder. — O rei faz uma pausa, examinando a sala lotada com aqueles olhos verdes que eu evito. — Honra ao seu reino, à sua família e a ti mesmo.

O amontoado de pessoas em volta de mim ecoa suas palavras, recitando o lema de Ilya. Meus lábios se movem junto com elas, representando o papel de competidora, de alguém que se sente honrada por estar aqui. De alguém que é Notável como elas.

Os guardas começam a levar os convidados e os nobres para fora da sala pegajosa antes que eu consiga me levantar do chão, e quase sou pisoteada por saltos pontudos e sapatos engraxados.

— Eu gostaria de levá-la ao seu quarto, mas infelizmente vou trocar essa sala abafada por outra. Provavelmente, meu pai vai querer a minha participação e a de Kai em reuniões até o começo da primeira Prova, discutindo os *acontecimentos* desta noite. — A voz de Kitt está tensa, cansada. — Mas os guardas vão garantir que você chegue à sua acomodação em segurança, não que ainda exista alguma ameaça

verdadeira. — Seus olhos descem em direção à adaga presa à minha coxa, à mostra para todos verem. — E se houvesse uma ameaça, tenho certeza de que você conseguiria lidar com ela muito bem. — Ele me oferece um sorriso que eu mal consigo devolver.

Seu olhar se afasta de mim e pousa em outra coisa perto do fundo da sala. Acompanho-o e descubro que o rei e a rainha estão me encarando. O rei me observa com os olhos semicerrados e eu preciso de toda a minha força e do meu treinamento para não lançar o mesmo olhar na direção dele.

— Verei você depois da primeira Prova. — A voz de Kitt atravessa meus pensamentos. — Verei você depois da primeira Prova. Você espera sobreviver a isso, lembra?

Abaixo a cabeça e sorrio, mesmo contra a minha vontade.

Se eu sair viva da primeira Prova, sei exatamente o que vou fazer.

Encontrar a Resistência.

E, graças ao garoto de cabelos encaracolados e do bilhete que roubei, sei exatamente onde ela estará.

— Até lá, então — digo para o botão de cima da camisa de Kitt antes de encará-lo brevemente. Seus olhos guardam um certo calor e uma preocupação, parecendo menos com os do pai a cada vez que ele pisca.

Sou empurrada na direção da porta por uma correnteza de pessoas e saio para o corredor. O castelo está cheio de guardas e convidados, todos andando apressados de um lugar para outro, e sou engolida pela multidão. Passamos pelas portas rachadas do salão de baile, e através delas posso ver o entulho e o vermelho manchando o piso.

Minha curiosidade se recusa a me libertar das suas garras.

Não é difícil escapar dos Imperiais, do grupo. Eu domino a arte de passar despercebida e ser ignorada. Logo estou empurrando a porta do salão de baile. Os guardas estão completamente desatentos na confusão.

Sou recebida pela carnificina. Bom, pelos restos dela. Ainda há sangue escuro manchando alguns pontos do piso, em sua maior parte já lavado com jatos d'água dos Hidros que estão por ali, deixando para trás apenas a pedra perolada.

Os Teles estão tirando os pesados pedaços de entulho e os Tufões usam o ar ao redor para soprar todos os detritos e a poeira do chão. Em pouco tempo, o salão estará consertado, restaurado à condição imaculada. Como se nada tivesse acontecido.

Estou prestes a voltar pela porta quando um lampejo de cabelos pretos e revoltos atrai meu olhar. Ele está sentado — não, está *largado* com o corpo frouxo em uma grande laje de pedra perto da outra extremidade do salão, sujo e encharcado de sangue.

Meu coração martela contra as costelas.

Ele está ferido. E, mais importante, por que eu me importo?

Desço os degraus de dois em dois, meio tropeçando. Quase torço o tornozelo nos instrumentos mortais que são os meus sapatos de salto alto antes de chutá-los longe de modo deselegante, deixando-os cair pela escada antes de eu quase fazer a mesma coisa.

E então estou na frente dele, depois de atravessar o salão em segundos. Fico de joelhos, olhando seu rosto coberto de sangue e sujeira. Os olhos cinzentos só parecem espantados por um instante antes de começarem a me examinar, procurando ferimentos, enquanto eu faço o mesmo com ele. Palavras jorram da minha boca.

— O que aconteceu? Onde você foi ferido? — Olho em volta, examinando o salão. — E onde estão as porcarias dos Curadores?

— Ah, Gray. Exatamente a pessoa que eu queria ver. — Ele empurra as palavras entre os dentes trincados, como se ainda estivesse atuando como seu personagem frio, controlado.

— O que houve? — pergunto, olhando suas roupas rasgadas e o peito exposto, agora coberto de talhos. Suas mãos e a maior parte do corpo estão sujos de sangue, mas tenho certeza de que a maioria nem é dele.

— Antes de entrarmos nesse assunto — diz ele, lutando para impedir uma careta —, me diga, um Curador cuidou de você?

Kai fica sério, parecendo ter esquecido a dor enquanto seus olhos me analisam mais uma vez. Estou ao mesmo tempo confusa e irritada com ele, o que é comum, pelo jeito.

— O quê? Sim. Eu estou bem. — Descarto sua pergunta e chego mais perto, as mãos ligeiramente estendidas. — Mas você obviamente não está.

— E eu que estava pensando que você me odiava e odiava minhas covinhas idiotas. Fico emocionado por você se importar tanto com o meu bem-estar, Gray. — Mesmo sentindo dor, ele ainda encontra um modo de dar uma curta risada. Ao mesmo tempo em que age como um completo imbecil.

— Ah, não se engane com as minhas motivações, príncipe. Só quero manter você vivo para poder arrancar esse sorrisinho da sua cara com um soco. De novo.

Há pouca intensidade nas palavras, e Kai ri enquanto se remexe na pedra, expondo uma parte maior das costas.

Fico ofegante.

— *Pela Peste*, qual é o seu problema?

— Meu bem, essa é uma pergunta com muitas respostas possíveis.

Ignoro o comentário, incapaz de afastar os olhos da faca de arremesso

cravada na carne da sua escápula direita.

— Você estava com uma faca nas costas esse tempo todo e simplesmente me deixou ficar falando? — pergunto, ríspida.

Uma covinha acompanha seu sorriso torto.

— Ah, mas o som da sua voz era uma distração muito bem-vinda da dor.

De novo, eu o ignoro e levanto para inspecionar a faca.

— É — murmuro, com um suspiro. — Bom, agora você precisa me ouvir dizendo que você é um completo idiota.

— Essa ainda é uma das coisas mais gentis que você já me disse, por isso vou aceitar — diz ele, com a voz tranquila, parecendo não se perturbar com o pedaço de metal cravado no corpo.

Nem consigo imaginar a dor que ele está sentindo para fazer esse ferimento parecer tão suportável.

— Certo — começo, devagar —, me diga o que devo fazer.

Sua risada é tensa.

— Você fala isso como se estivesse me escutando de verdade pela primeira vez na vida.

— Kai, eu vou cravar mais uma faca nas suas costas se você não...

— Só preciso que você a arranque.

Eu pisco, processando o pedido. Kai diz isso de modo tão casual que quase acho que ele está brincando.

— Então precisamos ter um Curador aqui, pronto para curar a ferida assim que a faca for retirada.

Ele solta uma risada ainda tensa, os músculos embaixo da camisa rasgada se mexem.

— Fico ofendido vendo você duvidar tanto das minhas habilidades. Há um Curador não muito longe. Estou sentindo o poder dele. Eu mesmo me curo.

— Certo. Tudo bem. — Respiro fundo e seguro o cabo da faca. — Isso vai doer.

— Sabe, é uma pena a gente não ter terminado a dança — diz ele. — Foi a primeira vez que eu pude me concentrar em você, em vez de ficar desviando dos seus pés...

Puxo a faca em um movimento fluido. Ele solta um gemido e se dobra ao meio sobre a pedra. Dou um leve sorriso, tendo me vingado pelo que ele disse sobre minhas habilidades de dança, mesmo que seja verdade.

Dou a volta no entulho e me agacho na frente dele, com o rosto perto do seu enquanto vejo a cor se acumular nas suas belas feições. Giro a faca na mão, ainda pegajosa de sangue.

— Isso doeu tanto quanto meus pés pisando nos seus?

A risada de Kai é áspera, carregada de dor. Fico de pé, olhando, enquanto ele passa uma das mãos em volta do ombro e aperta o ferimento de onde o sangue jorra. Olho a pele rasgada se emendar de novo. Fico espiando enquanto carne e músculo se refazem diante dos meus olhos, deixando apenas uma cicatriz se juntando às outras que ele tem nas costas.

A tensão se esvai dos ombros enrijecidos de Kai e ele suspira com alívio.

— Bem melhor, obrigado. — Estou me perguntando com que frequência essa última palavra sai da boca dele quando o canto dela se curva e ele se levanta lentamente. — Quem imaginaria que seria você a arrancar uma faca das minhas costas, e não a cravar uma.

— Ainda há bastante tempo para isso, não se preocupe.

Kai ri, os dentes brancos brilhando contra as feições imundas. Em seguida, gira o pescoço e se alonga, parecendo que não estava ferido apenas alguns instantes atrás.

Então ele estende a mão para mim com expectativa e fico olhando os calos, sem entender. Quando não me movo, ele a abaixa lentamente para tocar a minha, pendente ao lado do meu corpo, os dedos ásperos se fechando em volta do meu pulso.

Meu coração acelera e eu xingo esse órgão imbecil. Kai puxa meu braço, minha mão — a mão que ainda segura a faca de arremesso. Então sua outra mão roça na palma da minha, gentilmente tirando o cabo da arma dos meus dedos.

— Você já tem um número suficiente dessas coisas para cravar nas minhas costas, não acha? — diz ele, baixinho, a mão ainda envolvendo meu pulso, onde provavelmente consegue sentir minha pulsação idiota acelerada embaixo dos seus dedos. — Então acho que vou ficar com essa.

Eu me solto, precisando colocar algum espaço entre nós.

— Você não tem uma reunião importante, agora? — pergunto, porque não consigo pensar em mais nada para dizer.

— Provavelmente. — Ele suspira, passando a mão pelos cabelos. — Presumo que Kitt tenha posto você a par. — Confirmo com a cabeça, antes que ele diga: — Meu pai vai prosseguir com as Provas. É um gesto de poder, claro. E vai ter de informar ao povo o que está acontecendo. Depois dessa noite, ele não pode esconder o que é a Resistência e quem faz parte dela.

— O que aconteceu? — Fico subitamente irritada com ele, me lembrando do que ele fez. — Digo, o que aconteceu depois de você ter me removido dessa sala feito um idiota, ainda que eu pudesse ter ajudado?

Agora ele está rindo.

— Parece que você vive esquecendo quem eu sou, Gray.

— Desculpe, Vossa Alteza. O que aconteceu depois que você me tirou dessa sala como um idiota *real*?

— Bom, isso é um progresso, acho. — Ele sorri, me encarando de novo com aqueles olhos profundos. — E, respondendo à sua pergunta, essa luta não era sua. Para não dizer que eu não poderia correr o risco de deixar uma competidora morrer antes mesmo do início da primeira Prova.

Minha risada é amarga.

— Você sabe muito bem que eu posso cuidar de mim...

— E você sabe muito bem que eu poderia cuidar *disso*.

— Você foi esfaqueado, lembra?

— Ossos do ofício.

Ficamos nos encarando, os rostos próximos um do outro. Sinto o cheiro de suor, sangue e sujeira, além do leve perfume de pinho que permanece na sua pele. Estou respirando pesadamente e, depois de um momento longo demais, finalmente dou um passo para longe.

— Quantas baixas? — pergunto, com calma.

Kai olha para longe, respirando fundo antes de dizer:

— Somente dois Notáveis mortos, vários feridos. Quatro Comuns mortos e só dois prisioneiros. — Seus olhos voltam na direção dos meus enquanto diz: — Havia menos de uma dúzia de Comuns, para começo de conversa, o que me faz imaginar a verdadeira missão deles, já que não acredito que era atacar um salão de baile cheio de Notáveis.

Eu tento absorver a informação, assentindo distraidamente.

— Então alguns escaparam?

Um músculo estremece no maxilar dele.

— Infelizmente. — Com isso, ele começa a se afastar de mim, sem desviar os olhos dos meus. — Vejo você amanhã, Gray.

— Vejo você amanhã, Azer.

Kai me dá as costas, atravessando o salão enquanto o vejo se afastar. Então, grita por cima do ombro:

— Me faz um favor, meu bem?

— O quê?

— Prometa que vai ficar viva por tempo suficiente para me dar uma facada nas costas?

Rio alto.

— Esse tem sido o meu objetivo o tempo todo, príncipe.



CAPÍTULO 23



Kai

Quase engulo um punhado de terra molhada. Meus olhos se abrem com um tremor e começo a tossir contra o solo molhado, encharcando as roupas e fazendo-as grudar desconfortavelmente no meu corpo. Rolo de costas, esmagando musgo, gravetos e pedras enquanto pisco contra a luz do sol que atravessa as árvores altas.

Pela Peste, onde estou?

A melodia de pássaros cantando me acordou do sono pesado, profundo.

Sono drogado.

A flora se aglomera diante do céu de um azul vibrante, composta em sua maioria por pinheiros altos, agourentos, que estendem dedos de folhagens para o alto, até as nuvens — e eu seria capaz de reconhecê-los em qualquer lugar. A gente se familiariza com as árvores quando precisa escalá-las inúmeras vezes para superar o medo de altura.

A Floresta dos Sussurros.

Estou na maldita floresta.

Fico de pé, tonto, exaurido, ainda sob o efeito da droga. Uma pressão estranha no meu braço direito me faz olhar para baixo e vejo uma fina tira de couro amarrada nele. Cortaria completamente a circulação se estivesse um pouquinho mais apertada, tornando meu braço absolutamente inútil.

Sinto o calor do sol na minha pele enquanto me viro devagar, examinando o ambiente ao redor. Não há nada nem ninguém, a não ser árvores, pedras e o terreno irregular da floresta, me isolando na mata.

Por que estou na Floresta dos Sussurros?

É claro que eu sabia que as Provas do Expurgo ainda iriam acontecer. Ontem à noite só falamos disso e da Resistência durante horas. Passei boa parte da noite e da madrugada na sala do trono, junto com Kitt, o rei e seus conselheiros.

Minha garganta está arranhada graças às longas horas discutindo

estratégias de contra-ataque à ameaça da Resistência. E agora, mais do que nunca, meus homens e eu temos a tarefa de encontrá-los e pôr um fim neles.

Tento limpar a terra grudada nas roupas enquanto observo o local familiar, mas amedrontador. A Floresta dos Sussurros não é apenas uma mata extravagante. Feras mortais espreitam seu terreno gigantesco e plantas ainda mais mortíferas brotam nela. Eu sei disso pois passei muitas noites treinando aqui, com meu pai gritando ordens como se eu fosse um soldado, e não seu filho.

Mas por que estou aqui agora?

Eu esperava ao menos poder acordar na minha própria cama, talvez *interrogar* alguns prisioneiros antes de ir até a Arena para a primeira Prova. Mas com certeza não esperava ser drogado e arrastado para a floresta.

Diferente.

Foi o que Tealah disse. As Provas jamais aconteceram fora da Arena, em um lugar onde uma plateia não pudesse estar presente para nos vaiar e aplaudir.

Um galho estala e eu giro, me abaixando em uma posição de luta. Vejo o homem magro a alguns metros de distância, vestido com roupas brancas e simples que contrastam com sua pele escura. Ele me espia de volta, os olhos vítreos e imóveis.

Um Visor.

Então eu o sinto. O formigar do seu poder embaixo da minha pele. Eu estava ocupado demais com meus pensamentos para sentir sua habilidade, que o permite registrar e projetar o que vê sem usar nada além dos próprios olhos. É exatamente o que ele está fazendo agora.

Sempre achei os Visores inquietantes por causa do modo como eles encaram, sem piscar, registrando o que estão vendo. Mas me acostumei, já que dezenas deles estão sempre presentes nas Provas. Eles correm ao redor da Arena, documentando os acontecimentos e os competidores ao mesmo tempo em que usam suas habilidades para projetar o que estão vendo em telas grandes, muito acima do piso do Fosso.

Parece que estão fazendo a mesma coisa nesta versão das Provas. Só que o Visor não está projetando o que vê, mas armazenando as imagens para mais tarde. Deve haver dezenas deles correndo pela floresta, seguindo os competidores e documentando a primeira Prova para transmitir ao público quanto tudo isso terminar.

Não dou nem um passo na direção do homem. É proibido interagir com eles e tocá-los de qualquer forma durante as Provas. São apenas os olhos e os ouvidos da audiência que não pode estar aqui para

testemunhar em primeira mão.

Enfim o sujeito pisca, seus olhos ficando ligeiramente mais límpidos depois de, pelo jeito, ter obtido todas as imagens que desejava. Ele começa a se afastar, sem dúvida para coletar outras imagens ou acompanhar outros competidores. Mas ele para e bate lentamente os dedos compridos e escuros no bolso da calça, sustentando meu olhar antes de voltar apressado para o meio da floresta.

Fico olhando para o lugar onde ele estava antes de desviar o olhar e revirar meu próprio bolso. Vim parar aqui apenas com as coisas que estavam comigo na hora em que cambaleei para a cama, com exceção dos sapatos que generosamente calçaram nos meus pés. Fora isso, apenas mais uma coisa me foi concedida: a estranha tira de couro em volta do braço. Agradeço à Peste, em silêncio, por ter dormido com a camisa fina que estava vestindo ontem à noite, exausto demais para tirá-la.

Coloco a mão no bolso da calça de tecido leve, Tateando, e meus dedos encontram um pedaço de papel. Desdobro-o com cuidado, revelando uma caligrafia precisa e cheia de arabescos.

*Bem-vindos à primeira Prova,
Nos Sussurros ela acontece.
Esperamos que você permaneça
Com a honra e a dignidade que merece.*

*O objetivo desta prova é claro,
E o vencedor aplaudiremos contentes.
Seja vitorioso coletando as tiras de couro
Que estão nos braços dos oponentes.*

*Colete-as de todos que as receberam,
De mãos vazias não queira voltar:
Precisa conseguir o maior número,
E sua glória você poderá anunciar:*

*Mas o fim está chegando,
Você tem apenas seis luas para vencer.
Bem-vindo ao sexto ano das Provas,
E reze à Peste para permanecer.*

A tarefa de roubar o maior número de tiras de couro possível parece bastante simples; isto é, se você conseguir sobreviver à floresta durante uma semana. Mas leio nas entrelinhas do poema.

Estão nos forçando a lutar uns contra os outros.

Ninguém vai entregar facilmente sua tira de couro. Nas Provas, já houve sangue derramado por coisa muito menor do que uma tira de couro. Amasso o papel e o enfio no fundo do bolso antes de olhar para a tira de couro em meu bíceps. Apertada. Tão apertada que o único modo de pegar essas coisas malditas é cortando-as da pele, o que inevitavelmente tirará sangue, mesmo se feito com delicadeza.

É intencional, inteligente.

Meu pai se superou este ano.

O suor escorre pela minha testa, fazendo meus olhos arderem. O calor é comparável ao do Deserto Escaldante, e eu tiro a camisa para enxugar o rosto pegajoso. Depois de ter ficado assando no sol da manhã, já sinto a garganta seca.

Primeiro, achar água. Depois, os oponentes.

Paro com os pés esmagando a vegetação e o terreno selvagem. Suspirando, olho para um dos pinheiros ameaçadores que estão no meu caminho. Balanço a cabeça e os ombros, tentando acalmar os nervos. Depois seguro o galho mais baixo e me balanço, levantando as pernas.

É, já escalei essas árvores um monte de vezes, e sim, dominei o medo de altura. Mas só porque um medo foi dominado não significa que é agradável confrontá-lo de novo e de novo. Apesar disso, aqui estou eu, subindo a árvore, um galho de cada vez.

O vento sopra e o sol é ofuscado enquanto continuo escalando o pinheiro, em busca de água. Minutos, talvez horas depois, com os membros doendo e o coração acelerado, finalmente chego ao topo. Bom, ao último galho que aguenta meu peso. Estou a uns sessenta metros de altura, sustentado apenas por um graveto grande embaixo dos pés. Olho para baixo só por um instante e me arrependo.

Relaxa, Kai.

Despencar para a morte durante uma Prova seria um modo patético de morrer e arruinaria completamente minha reputação, mesmo morto. Ciente disso, seguro o tronco, agora fino, enquanto olho por entre as folhas e por cima da copa das árvores.

Sinto como se estivesse de volta ao salão de baile, olhando um mar em vários tons de verde. Os galhos cheios de folhas balançando ao vento são como as mulheres bem-vestidas se movimentando na pista de dança, ontem mesmo.

Ali.

Enxergo uma interrupção na linha de árvores, uma pausa na dança das folhas. A visão de um rio, um córrego, uma fonte de água. No momento, não me importo se for a porcaria de uma poça.

Desço com dificuldade, a respiração ofegante. Quando meus pés tocam o chão, o sol percorreu seu caminho no céu, me informando que já é o fim da tarde.

Então sigo na direção da água, certamente ansiada por todos os competidores depois de serem drogados e obrigados a andar pela floresta durante horas. Meu pai preparou uma armadilha para nós, uma em que todos escolhemos cair.

Horas. Minha vida se transformou em horas longas e cansativas caminhando pela vegetação. Encontrei várias cobras e plantas venenosas, me desafiando a me aproximar.

Estou morrendo de tédio.

Meus olhos e meu corpo estão alertas enquanto continuo a andar, mas minha mente vagueia tanto quanto eu. Penso nas Provas, nos competidores...

E então meus pensamentos se fixam *nela*.

Pare.

Se Paedyn está tão decidida a me odiar, eu poderia tornar isso extremamente fácil para ela. Não precisaria de muito. Mas sou egoísta, fraco e não estou disposto a facilitar seu afastamento.

Paedyn é tão desconcertante como sedutora. Aquela linda boca diz uma coisa, mas os olhos de oceano frequentemente dizem outra. Ela arranca uma faca das minhas costas e diz que vai cravar outra. É confusa, cativante, e somos completamente errados um para o outro, de todas as maneiras certas. Ela é uma chama e eu vou me queimar. É um oceano e eu vou me afogar.

Passo a mão pelo rosto, querendo culpar a desidratação pelo que quer que haja de errado comigo.

Nunca fiquei tão afetado por uma mulher, e isso é absurdo, muito irritante. Mas então rio, me lembrando do seu coração batendo forte embaixo dos meus dedos, da sua respiração ofegando sempre que a toco, os olhos se regozijando com cada sorriso e cada covinha que ela supostamente odeia.

A irritação por ser tão afetado por outra pessoa é claramente mútua, mas tenho certeza de que ela negaria isso com uma adaga encostada na minha garganta.

Tão maligna.

Alguma coisa reflete à luz do sol poente, atraindo meu olhar.

Pendurada em um galho à minha direita, há uma espada embainhada, o cabo de prata cintilando à luz enquanto me aproximo. Rapidamente subo e desamarro o cinto do galho antes de saltar da árvore.

Devem existir mais armas e outros itens escondidos por toda a

Floresta dos Sussurros para nós usarmos.

Assim é mais fácil derramar sangue. É mais fácil tornar as coisas interessantes.

Afivelo o cinto e a bainha antes de empunhar a espada para cortar a folhagem densa.

Estou perto.

O chão está coberto de sombras e agora tenho um coelho que precisa ser cozinhado e um estômago a ser alimentado. Encontrei uma estrela de arremesso cravada na casca de uma árvore e a usei contra o coelho desavisado que agora está amarrado ao meu cinto.

Paro, ouvindo antes de ver.

Água corrente. Gloriosa. Logo em frente, um córrego raso emerge das árvores, com a água descendo sobre as pedras. Hesito, examinando o lugar aparentemente pacífico.

A barra está limpa — por enquanto.

Vou com cuidado até a beira do riacho e me ajoelho, olhando por cima do ombro em intervalos de segundos, evitando ficar exposto. Jogo a água fria no rosto, deixando-a pingar na pele e no peito nu.

O córrego flui de um pequeno poço a pouco mais de dez metros. A água é limpa, transparente e fria.

Artificial.

E fresca. Obra de Hidros, sem dúvida, nos permitindo esse pequeno fresco. Agradeço à Peste pela água ser tão limpa, tão pura, me poupando o trabalho de fervê-la de algum modo.

Saio à procura de gravetos e lenha para uma fogueira quando quase bato com a cabeça em uma coisa pendurada na árvore acima, escondida nas sombras. Cantis. São dois, balançando à brisa do fim de tarde.

E me pego agradecendo à Peste outra vez.

Esfregar dois gravetos é quase tão divertido quanto parece, mas, com anos de prática e paciência, logo tenho uma fogueira crepitando. Ainda que esfolar um coelho com uma espada longa seja tão difícil quanto irritante, logo o animal está assando sobre as chamas.

E então...

Sinto um poder vibrar no meu corpo, incendiando meus nervos e provocando um arrepio que desce pela coluna. Os pelos da minha nuca ficam todos arrepiados, sentindo a habilidade, a força, inundar meu corpo.

Alguém está chegando. E eu sei quem é.

Um graveto estala à minha esquerda. Depois outro.

Não me lembro de me levantar, mas agora não paro quieto, incapaz de conter a vontade de lutar, ansioso pela dança de domínio e

destruição. Lutar é minha valsa preferida, e eu sei os passos de cor.

Braxton rompe a linha das árvores, os olhos se agitando quando encontram os meus. Ele viu a fumaça da fogueira e pensou em emboscar quem a tivesse acendido. Mas, para sua infelicidade, eu o senti chegando antes mesmo de ouvi-lo correndo pela floresta.

Ele hesita, como se estivesse considerando a possibilidade de dar meia-volta em vez de se arriscar a entrar em uma luta comigo. Mas a incerteza deixa seu rosto e ele começa a se aproximar lentamente. Entra no círculo de luz da fogueira, sua silhueta grande e pesada.

— Olá, Brax. Que bom que você veio.

Ele acena a cabeça, como sempre faz.

— Boa noite, Kai.

O Robusto nunca foi muito de conversar. Em vez disso, Braxton prefere observar com paciência antes de falar, o que o torna estranhamente parecido com Sadie. Começamos a rodear um ao outro em silêncio, tranquilos, analisando.

— Bom, suponho que você está aqui por causa da minha tira de couro, e não para bater um papo amistoso — suspiro, dando um passo na direção dele.

— Você supõe corretamente. — Ele olha rapidamente meu coelho assando. — Se você me oferecer a tira, eu vou embora e deixo você voltar para a sua refeição. Não há necessidade de fazer uma confusão.

Braxton não está com arma alguma, então me contenho e não pego a minha. Nós nos conhecemos desde que éramos pequenos e eu gostaria de continuar conhecendo-o, se puder.

— Nós dois sabemos que não posso deixar você pegar minha tira, Brax.

Porque a missão de vencer essas Provas é minha.

Acho que o vejo assentir na escuridão crescente, antes que, de súbito, ele me ataque. Eu me agacho e uso seu impulso para jogá-lo por cima do ombro, ouvindo-o bater no chão com uma pancada forte.

Treinei com Braxton durante anos. Ele é previsível, mas isso não o torna menos poderoso. Em um instante, está de pé outra vez, de punhos levantados e pronto para arrancar meus dentes.

E então tem início o caos calculado.

Punhos levantados, cabeças se movendo, pés se cruzando. Uma dança. Uma dança brutal, sangrenta, linda. Neste momento, estamos iguais em habilidade, uma vez que deixei o poder de Braxton adentrar minhas veias e inundar meu corpo até a superfície. Meus socos são brutais e rápidos à luz tremeluzente da fogueira.

Ele acerta meu maxilar, quase quebrando-o, fazendo o sangue quente

empoeçar na minha boca. Cambaleio, recuando, enquanto ele vem por trás de mim e envolve meu pescoço com seus braços enormes, em um mata-leão. Sinto-o hesitar antes de eu golpear minha cabeça rapidamente para trás, acertando seu nariz com um estalo nervoso. Agora Braxton está cambaleando, com sangue escorrendo do nariz para dentro da boca.

Uso essa fração de segundo para acertá-lo com socos rápidos que ele mal consegue bloquear, mas, recuperando-se rapidamente, Braxton dá com o punho forte nas minhas costelas. Consigo me esquivar do golpe seguinte e acerto um soco no seu queixo.

É um círculo vicioso. Eu o acerto. Ele me acerta de volta. Para crédito dele, estou impressionado. Nunca o vi tão concentrado, tão decidido. É a melhor luta que tivemos até hoje. É uma pena ter de encerrá-la.

Uma mão escura vai de encontro ao meu rosto. Recuo com facilidade, os calcanhares batendo em alguma coisa quando o calor esquentava tudo, da parte de trás das minhas pernas até a nuca.

A fogueira.

Braxton me encurralou contra a fogueira.

Esperto.

Abaixo a cabeça, escapando de um soco destinado ao meu nariz e enterro o meu na barriga dele. Ele grunhe, se dobrando ao meio, mas me segura em um movimento rápido. Em seguida, gira, puxando meu braço para as minhas costas e forçando meu peito na direção das chamas. A dor sobe pelo meu ombro enquanto as chamas reluzem à minha frente.

Talvez eu devesse ter me esforçado mais.

Braxton chuta a parte de trás dos meus joelhos com força, mas a dor não se compara com a que sinto quando eles atingem o chão. Agora as chamas estão perto, quase lambendo meu peito nu.

— Só me deixe cortar a tira de couro, Kai — diz Braxton acima de mim, parecendo fazer um pedido. É bom saber que ele não gosta tanto da ideia de me queimar vivo. — Isso pode acabar logo. — Sua voz é grave, mas eu capto um ligeiro tremor nas palavras. Foi pego desprevenido, parece em choque por estar me segurando acima das chamas como o coelho, agora queimado, junto de mim.

Fui descuidado por estar exausto e o subestimei, como um idiota, mas agora Braxton tem o futuro Executor à sua mercê.

— Essa é a melhor luta que nós já tivemos, Brax. Estou impressionado, de verdade — digo, ofegante, com o calor do fogo fazendo gotas de suor escorrerem pelo meu rosto. — Mas você vai ter que me queimar antes que eu o deixe pegar minha tira de couro.

Carne encontra fogo.

Pele encontra a chama alta, abrasadora.

Espero que um grito brote da minha garganta, mas apenas um gemido estrangulado passa pelos meus lábios. Braxton pressiona minhas costas com o joelho, inclinando meu corpo e forçando o lado esquerdo do meu peito contra as chamas.

Estou queimando, fervendo, criando bolhas enquanto ele me segura, antes de finalmente me puxar de volta, permitindo que o ar frio me envolva. Estou ofegando quando Braxton estende a outra mão para a espada à minha cintura, pronto para puxá-la da bainha e cortar a tira do meu braço agora que estou atordoado pela dor.

Mas eu já senti dor muito pior.

Seu braço se estende ao meu lado e eu o agarro, ficando de pé no mesmo movimento, com a adrenalina abafando a dor da carne queimada. Puxo-o por cima do ombro e inclino meu corpo para a frente, usando o impulso e a habilidade de Robusto para levantá-lo do chão e fazê-lo voar por cima das minhas costas, direto nas chamas.

Braxton solta um grito, mas não demora muito para rolar para longe da fogueira, gritando enquanto se retorce no chão para apagar o fogo que consome suas roupas, sua pele. A fumaça sai em redemoinhos da vestimenta incendiada quando me agacho junto dele.

— Eu também gostaria que não precisasse ser desse jeito — digo, em um tom ameno, enquanto ele ofega embaixo de mim. — Mas você tem uma coisa de que eu preciso.

Corto a tira de couro do seu antebraço, incapaz de não furar sua pele e machucá-lo ainda mais. Braxton respira ofegante enquanto revisto seus bolsos em busca de qualquer outra tira que possa ter roubado no caminho, mas não encontro nada. Fico de pé, olhando-o, e digo uma única palavra:

— Vá.

Ele me encara por um momento antes de gemer de dor enquanto se levanta. Depois segue mancando pela floresta, o mais rápido que seu corpo queimado permite. Observo-o se afastar, ouvindo sua dificuldade para se orientar na floresta escura, sabendo que ele não ousará voltar. Depois me viro, olhando direto para a Visor que eu sabia que estava documentando toda a luta.

— Espero que tenha gostado do show — digo, fazendo uma reverência debochada.

Assim que as palavras saem da minha boca, a mulher de branco pisca e some na floresta.

Enfio a tira de couro de Braxton no bolso enquanto a dor atravessa meu corpo. Ofuscante, feroz. Encaro o pedaço de pele vermelha e inflamado logo acima da tatuagem.

A adrenalina se foi, e sinto apenas a dor. Vou cambaleando até meus cantis, tiro a tampa de um e derramo o conteúdo frio na queimadura. Sibilo entre os dentes quando a água encontra a carne queimada, mas é um alívio, por menor que seja.

Pego no bolso a camisa amarrotada e rasgo uma grande tira de pano com os dentes, antes de começar, com cuidado, a enrolar o tecido por baixo do braço e sobre a queimadura. O resultado é um curativo improvisado para diminuir a chance de infecção. Mas não vai funcionar por muito tempo. Preciso encontrar algumas ervas, alguma coisa, *qualquer coisa* para limpar o ferimento.

Porque morrer não é uma opção.

E fracassar nas Provas do Expurgo também não é.



Daedyn

— Vou— Vou torcer seu pescoço se você não calar a boca.

O pássaro ignora completamente a ameaça de morte muito real e continua a tagarelar no galho acima da minha cabeça. Ele está grasnando há quase meia hora, o que me fez jogar pelo menos uma dúzia de pedras na sua direção.

Estou chateada, furiosa, ansiosa e, acima de tudo, absolutamente faminta. Claro, todas essas coisas são efeitos colaterais de ter acordado no meio do nada, só com as roupas com as quais dormi. Olho as calças apertadas e a regata ainda mais reveladora. É uma peça fina, de seda, que lamento ter vestido, considerando que vai ser minha única blusa durante a próxima semana.

Uma semana.

É o tempo que preciso sobreviver aqui. Na Floresta dos Sussurros. Neste lugar cheio de inimigos de todos os tamanhos e formas. Se bem que já é meio-dia e o único oponente que encontrei até agora foi a cobra que quase decepou meu pé com uma mordida. Estou andando pela mata densa desde o instante em que acordei com a cara afundada na terra e vi uma mulher vestida de um branco ofuscante.

Uma Visor. Está aqui para nos espionar. Gravar essa Prova maldita. Documentar o que a plateia não tem como testemunhar pessoalmente.

Tenho certeza de que o resto de Ilya está tão confuso quanto eu com relação às Provas do Expurgo deste ano. Mas não posso dizer que não fomos avisados.

Diferentes. Foi só esse o aviso que tivemos.

Só que *diferente* é pouco para descrever a mudança drástica dessas Provas. Nas últimas três décadas, nunca houve uma Prova fora das paredes da Arena, longe dos olhares curiosos da plateia. Suponho que apenas as melhores Provas, as mais brutais e sangrentas, servem para testar o futuro Executor. Eu só gostaria de não fazer parte de uma delas.

Todos fomos jogados involuntariamente na floresta maldita, deixados para morrer na natureza ou pelas mãos dos inimigos. É brilhante. Diabólico. E não sei se devo aplaudir ou chorar.

Eu não deveria esperar nada menos do que isso, vindo do rei.

Olho para meu antebraço direito, onde a tira de couro está amarrada com força.

Colete-as de todos que as receberam, de mãos vazias não queira voltar.

Dou uma risada amargurada para o vazio ao redor. Eles querem que a gente lute, lute de verdade uns contra os outros para pegar essas tiras de couro. Assim, me esforçando para permanecer viva a tempo de encontrar outro oponente, parto em busca de água. As árvores daqui são enormes e aterrorizantes, erguendo-se altíssimas e arranhando as nuvens baixas. Demorei séculos para escalar uma e procurar a fonte de água mais próxima, e as últimas horas terrivelmente tediosas consistiram em andar na direção do que espero que seja um riacho.

Só que agora estou sentada embaixo de uma árvore discutindo com um pássaro. Jogo outra pedra na direção dele, só para garantir, antes de voltar a atenção para as varas ao meu lado. Pego outra ponta de flecha que coletei por aí, um dos presentes generosos enviados para nos ajudar, e a prendo em uma vara. Estou fazendo flechas há tempo para acompanharem o arco e a aljava que encontrei convenientemente encostados em um tronco de árvore.

Como se os Notáveis precisassem de armas.

As penas fornecidas pelo pássaro irritante, mas útil, completam a flecha. Olho meu trabalho com um pequeno sorriso, examinando as sete flechas bambas que estão na aljava. Graças ao meu pai, esta não foi a primeira vez em que precisei fazer uma flecha do zero, e meu sorriso cresce com a lembrança distante.

Penduro a aljava no ombro e atravesso o arco no peito, me despedindo do pássaro ainda empoleirado na árvore. Suspiro e sigo meu caminho na direção da água da qual preciso tão desesperadamente. Meus pés são leves e silenciosos enquanto percorro o terreno, os olhos atentos a qualquer animal que eu possa devorar.

Ali.

Um coelho gordo salta dos arbustos a uns dez metros de distância, completamente alheio às minhas intenções. Puxo o arco por cima da cabeça e tiro uma flecha da aljava. Ajusto-a, miro e respiro fundo, como meu pai ensinou. E então solto-a voando para o alvo.

Direto no olho do coelho.

Ele está morto antes mesmo de cair no chão. Pego o animal, limpo a ponta da flecha em uma planta que espero que não seja venenosa e

devolvo a arma à aljava.

Encontrar água. Acender uma fogueira. Comer.

Então volto a andar, tropeçando nas raízes das árvores e cambaleando nas pedras.

Fascinante.

Deixo os pensamentos voarem enquanto mantenho um ritmo constante pela mata, pensando nos meus oponentes, no baile, em mãos calejadas nas minhas costas e em olhos cinzentos examinando meu rosto.

Bufo, irritada, e chuto uma pedra com mais força do que deveria. Uma longa lista de palavrões se derrama da minha boca — contra a pedra, contra mim mesma e contra o babaca metido a besta que odeio por não odiar completamente.

O sol está se pondo enquanto eu continuo a tropeçar pelo mato, xingando as várias teias de aranha que atravesso e as aranhas gigantes que as acompanham.

Um Visor me segue, e eu me esforço ao máximo para ignorar sua presença. Assim que se dá por satisfeito com as imagens que captou — eu pisando forte e bufando pela floresta —, ele se vira e desaparece.

A luz quente do sol do fim de tarde passa entre as árvores, envolvendo a floresta em sombras douradas. Por um momento me permito absorver a beleza agourenta desse lugar fantasmagórico.

E então alguma coisa me acerta no rosto.

Bom, eu acerto alguma coisa. Quase tropeço para trás, cusbindo, e descubro que dei de cara em uma grande camisa de algodão pendurada em um galho baixo. Pegu-a, resmungando que não preciso das *gentilezas* do rei ao mesmo tempo em que visto a peça de roupa.

Ando, ando e ando.

Estou entediada. Estou entediada durante uma porcaria de uma *Prova*.

E então algo capta a luz, brilhando no canto do meu olho. Viro-me na direção do reflexo cintilante, esmagando as folhas sob os meus pés. Meu queixo quase cai ao ver o que está a no máximo trinta metros de mim.

Um poço fundo, de águas cristalinas, refletindo o sol, ondulando ligeiramente à brisa quente. Receptivo e maravilhoso. Pisco, incrédula. Não vi esse poço quando estava no topo da árvore, procurando. Mas, afinal de contas, a água tremeluzente está cercada por árvores, quase engolida pela folhagem ao redor.

Praticamente tropeço nos meus próprios pés na pressa de alcançá-lo.

Água. Água. Água.

Estou com muita sede, ávida para beber o máximo que puder. Depois fazer uma fogueira, cozinhar meu coelho e...

Há alguma coisa *na* água, boiando.

Agora que estou muito mais perto, o sol não é tão ofuscante brilhando na superfície límpida, e consigo identificar uma silhueta boiando. Uma silhueta *humana*. Vou me esgueirando, puxando o arco atravessado no peito, segurando-o com força.

A figura não está se mexendo.

A figura com o cabelo de um loiro sujo grudado na testa bronzeada.

A figura com os mesmos olhos verdes do rei, vidrados, encarando o céu azul sem enxergar.

Um grito estrangulado brota da minha garganta, fazendo pássaros se espalharem pelas árvores ao redor.

Kitt.

Ele está *morto*.

Estou ofegando, cambaleando até a beira do poço. Posso odiar o pai dele e o reino que um dia ele governará, mas isso não significa que deseje sua morte. O pensamento me espanta, considerando como anseio por esse destino para o rei que se parece tanto com ele. Mas e se as semelhanças dos dois terminarem nas feições familiares? E se houver esperança para o príncipe sair da sombra do pai, dos passos dele, e trazer mudanças para o seu reino?

Obrigo-me a encarar os olhos brilhantes onde agora só vejo o potencial do príncipe, e não a presença do pai. Aqueles olhos verdes que já pareceram divertidos jamais irão se franzir com um riso outra vez. Em vez disso, encaram o nada, arregalados, opacos e sem vida. Aquele sorriso torto nunca mais enfeitará seus lábios. Em vez disso, a boca está comprimida em uma linha fina — azul, beijada pelo frio da morte.

Pulo no poço, querendo afastá-lo da própria morte. Mas meus pés são recebidos pelo chão sólido.

Meus ossos ardem com o impacto, parecendo prestes a se rachar com a força.

Fecho os olhos para afastar a dor, mas isso não alivia minha confusão. De repente, não existe poço algum embaixo dos meus pés, nem Kitt algum flutuando morto na superfície. Olho a terra embaixo de mim, tentando decifrar o que está acontecendo.

— Me ajuda.

Ajusto uma flecha e reteso o arco antes mesmo de me virar para a dona daquela voz infantil e abalada.

Me engasgo, ofegante.

Sou eu.

Olhos azuis se cravam nos meus: olhos tristes, esfomeados. O cabelo prateado e comprido, embolado, pende da cabeça da menina. Ela é — eu sou — pequena, pequena demais. Fraca, cansada, olhos arregalados me

encarando.

Um dedo ossudo se estende para mim.

— Por favor — sussurra, em um gemido. Cambaleio para trás ao ouvir aquela voz, a *minha* voz, tão sofrida, e quase perco o equilíbrio quando ela dá um passo trêmulo mais para perto.

Isso não é real.

Dou as costas para ela, pronta para fugir desse pesadelo, mas quase trombo em outra pequena Paedyn, com as bochechas fundas e os olhos vazios.

Estou delirando. Desidratada.

Mordo a língua para não gritar enquanto viro para a direita, encontrando outra versão faminta de mim mesma me encarando.

Estou cercada. Completamente cercada por Paedyns implorando. Elas avançam, pedindo que eu as ajude, estendendo a mão para me segurar.

Desta vez não me incomodo em conter o grito.

Elas estão perto, me sufocando. Estou gritando, confusa e...

Não, não estou delirando.

Elas cambaleiam na minha direção, pedindo uma ajuda que não posso dar.

É o Ace.

Mesmo sabendo, ainda não suporto olhá-las, olhar para mim mesma. Não suporto ouvi-las implorando por ajuda enquanto fico inerte. Eu fui assim. Eu já fui assim, uma menina faminta e triste. Porque quando meu pai morreu, um pedaço de mim também morreu.

Isso não é real. Isso não é real. Isso não é real.

Mas as súplicas cessam e as Paedyns desaparecem, deixando apenas Ace parado à minha frente. Ele olha para a flecha apontada para o seu peito antes de voltar a me encarar, com a audácia de abrir um sorriso pretensioso.

— Olá, Paedyn. — Sua voz soa presunçosa enquanto ele ergue uma sobrancelha. — Gostou de se encontrar com seu eu mais novo?

— Você é doente — cuspo, esticando a corda do arco.

Ele suspira, já entediado com a conversa. Empinando o nariz, diz:

— Só me deixe pegar sua tira de couro e eu vou embora. — Ace faz uma pausa. — Na verdade, até deixo você mesma tirar, assim não preciso cortar a sua pele.

— Que generoso! — Estou praticamente rosnando. — Mas vou recusar a oferta. — Meus dentes estão à mostra e eu estou a milímetros de mandar uma flecha contra seu coração perverso.

Ele pisca para mim, afastando o cabelo castanho da testa com um sopro irritado.

— Ótimo. — Seus olhos ficam sombrios. — Como quiser. Não me importo em sujar as mãos.

Ace vem na minha direção, estendendo a mão para o meu braço. Não hesito antes de disparar a flecha contra sua coxa, com a intenção de machucar, não matar. Me recuso a dar ao rei e ao povo o que eles querem: morte.

Só que a flecha não encontra pele, não se crava na carne. Voa direto através dele. A ilusão se esvai como fumaça ao vento, e eu quase grito, frustrada.

Outro Ace sai de trás de uma árvore próxima, as folhas fazendo barulho sob seus pés enquanto ele bate palmas lentamente.

— Uau. Boa tentativa. — Ele segura uma lança afiada, sorrindo feito um gato.

— Pare de se esconder atrás das suas ilusões, seu covarde! — Estou fumegando, a adrenalina bombeando nas veias.

Este é o Ace de verdade, tenho certeza. As folhas o revelaram, fazendo barulho ao serem pisadas, diferentemente da primeira vez em que veio até mim. Ele parece sentir que deduzi isso. E, justo quando vou enterrar uma flecha em seu corpo, Ace se cerca de uma dúzia de cópias, escondendo-se entre elas.

Todos falam em uníssono, me cercando, mascarando o som de qualquer folha sendo pisada.

— Se me der a tira de couro agora, eu não machuco você. Não muito.

Eles riem, e é um som nauseante que parece ricochetear no meu crânio.

Giro em um círculo, sem saber em quem mirar. Agora só tenho seis flechas e não posso me dar ao luxo de perder mais uma. Eles estão se aproximando, se preparando para a matança.

Encontre o Ace de verdade.

É mais fácil falar do que fazer. Todos têm a mesma aparência e se movem do mesmo modo, segurando lanças, prontos para cravá-las em mim, ainda que somente o verdadeiro possa causar algum dano.

— Eu vou gostar disso, Paedyn — dizem, sorrindo.

Meus olhos examinam cada corpo. Capto as posturas idênticas, as expressões faciais idênticas, *tudo* idêntico.

Não vou morrer. Não vou morrer. Não vou morrer.

E então meus olhos se fixam em um Ace específico, idêntico aos outros.

Achei você.

Basta a minúscula gota de suor escorrendo pela lateral da têmpora para revelá-lo, o único sinal do esforço para criar as ilusões.

Levanto o arco na direção dele no momento exato em que ele vem na minha direção. Pulo de lado, mas não antes que a dor irrompa da minha barriga. Uma dor lancinante, ardente, que eu ignoro enquanto disparo a flecha, deixando-a voar direto para a carne da sua perna.

Ele grita e cai de joelhos no chão, as mãos tremendo enquanto envolvem a flecha que se projeta da coxa. Mas não olho para ele duas vezes antes de me virar e correr.

Não sei até onde consigo ir. Não sei quanta distância coloco entre nós dois antes que a adrenalina se esvaia do meu corpo, me lembrando que *eu* estou sangrando. A dor excruciante volta, me golpeando na barriga com tanta força que me faz ofegar.

Levanto a camisa larga, revelando a regata de seda embaixo, agora se encharcando de sangue. Respiro fundo e puxo a camada de tecido que me separa do ferimento, estremecendo ao vê-lo. Um talho comprido e sangrento abre a pele embaixo das costelas.

Um ferimento de lança.

Minha respiração sai entrecortada e trêmula.

Pelo menos estou viva.

Mas com certeza não me *sinto* viva. É insuportável. A dor morde e queima, incendiando meus nervos. Tiro com cuidado a camisa de fora, me encolhendo e contendo gritos de dor cada vez que levanto o braço direito. O movimento puxa a pele, o talho, fazendo jorrar ainda mais sangue.

Rasgo a bainha da camisa, criando uma tira larga de tecido branco. Trabalho o mais depressa que o ferimento permite, enrolando com cuidado o pano em volta da cintura e em cima do ferimento. Ofego com a dor latejante que isso provoca, piscando para afastar as lágrimas enquanto visto o que resta da camisa, tão grande que ainda cobre minha barriga.

Preciso encontrar água.

Dou um suspiro trêmulo, e esse simples ato provoca uma dor aguda enquanto enfrento a floresta e começo a andar.

Não, a palavra certa é *tropeçar*.



Daedyn

Fique acordada. Fique acordada. Fique acordada. Minhas pálpebras traçoeiras parecem feitas de chumbo. Cada vez que as fecho, sinto medo de não se abrirem de novo. Estive cambaleando lentamente pela floresta escura durante o que pareceram horas, esperando em vão ainda estar seguindo na direção do riacho.

Estou cansada. Cansada demais. Só quero me encostar em uma árvore e fechar os olhos por um minuto. Apenas um abençoado momento de paz...

Não.

Belisco o braço com força, fazendo as pálpebras fechadas se abrirem.

Se eu cair no sono, provavelmente não vou acordar de novo.

Estou péssima, e não preciso ser filha de um Curador para saber disso. Perdi sangue demais, o que faz minha cabeça girar enquanto tento manter o equilíbrio. Balanço a cabeça, tentando ignorar a pele febril e o corpo trêmulo. Assim como ignoro o fato de o pedaço de pano que usei como curativo já estar encharcado de sangue, o algodão manchado de vermelho.

Preciso limpar o ferimento, e logo. Se não fizer isso, vou morrer.

O que eu preciso é de água.

Cada parte de mim arde. Queima de dor, sede e fome. Se eu conseguisse um pouco de água, poderia ao menos lavar o ferimento, curar a desidratação e recuperar os sentidos por tempo suficiente para fazer uma mistura de ervas que acalmasse o machucado.

Pelo menos é o que eu espero.

Depois eu me preocuparia em comer, já que mal consigo puxar a corda do arco e o coelho que cacei foi esquecido muito tempo atrás, onde Ace me emboscou.

Fazendo com que eu ficasse indefesa e faminta.

Chegue ao riacho. Chegue ao riacho. Chegue ao riacho.

Um fraco brilho laranja espia por entre as árvores à frente, turvo

devido aos meus olhos semicerrados. Tento enxergar direito, sem saber se estou alucinando ou não. Aperto o arco com a mão suada, já com uma flecha na corda, mas é um gesto praticamente inútil se eu não conseguir puxar a porcaria da corda para dispará-lo. Continuo a me esgueirar mais para perto do fogo que tremula a pouco mais de dez metros, sem ninguém por perto.

A luz provoca reflexos em algo ao lado.

O riacho.

Uma risada aliviada, rouca, escapa de mim enquanto continuo a andar com cautela. Estou sendo cuidadosa, claro, mas na condição atual já não me importo tanto. Alguém acendeu essa fogueira e eu posso estar caindo direto na emboscada. Mas vou morrer se não chegar à água. E posso ser morta se chegar.

É provável que as duas opções me levem à morte iminente. Fantástico.

Agora estou a poucos metros da fogueira, os olhos examinando as sombras em busca de algum sinal do humano que a acendeu.

Chegue à água. Chegue à...

— Parece que você não consegue mesmo ficar longe de mim, não é, Gray?

Paro, com o coração martelando no peito.

Posso ouvir o tom de diversão na voz dele, posso praticamente visualizar as covinhas em suas bochechas. Respiro fundo, me preparando mentalmente para a dor insuportável que vou sentir.

Girando, levanto o arco e reteso a corda. Engulo o grito de dor quando sinto o corte se abrir, esticando-se com o movimento.

Não deixe que ele veja que está ferida. Finja. Chegue à água.

A ponta da minha flecha está apontada para o coração de Kai, e mal posso vislumbrar seu peito exposto à luz da fogueira. Parece que não sou a primeira pessoa com quem ele encontrou, nem a primeira a apontar alguma coisa para o seu coração. Uma faixa de pano está enrolada embaixo do braço dele e em volta de um ferimento, logo acima da tatuagem de redemoinho.

Volto o olhar para ele, tentando afastar a agonia do meu rosto. Querendo que ele me veja como uma ameaça. Seu olhar me examina com uma expressão indecifrável, mas não estou no clima nem tenho cabeça para fazê-lo.

— Saia ou eu disparo. — Meu braço está começando a tremer com o esforço e a dor de manter o arco apontado para ele.

Kai apenas ri e dá um passo na minha direção.

— É um prazer ver você também, Gray.

— Você acha que estou brincando. Que bonitinho. — Cuspo as

palavras com o peito arfando.

— O quê? É isso? Você vai simplesmente atirar em mim? — Seus lábios se torcem. — Onde está a diversão?

— Ah, para mim vai ser divertido, garanto. — Minha voz sai trêmula. Eu estou trêmula.

Kai dá mais um passo na minha direção, inclinando a cabeça e pondo as mãos casualmente nos bolsos.

— Estou confuso. Você sabe que o objetivo dessa Prova é pegar a minha tira de couro, não sabe? — Seu sorriso presunçoso aumenta. — Ou pelo menos *tentar*.

— Bom, estou deixando você se livrar facilmente, permitindo que você *vá embora*. — As palavras não soam nem um pouco ameaçadoras. Estou tonta, a cabeça girando.

Não posso fazer isso por muito mais tempo.

Sinto o sangue escorrer pela barriga, saindo do ferimento aberto, e pontos pretos piscam na frente dos meus olhos, ameaçando me engolir inteira.

Vou desmaiar. E se eu não acordar de novo? E se eu morrer porque não fui forte o suficiente? Porque sou uma Comum fraca...

— Gray...?

Por entre as pálpebras semiabertas, vejo Kai dar um passo hesitante na minha direção, com toda a diversão apagada do rosto. E devo estar mesmo alucinando, porque acho que vejo um lampejo de preocupação atravessar o seu olhar.

— Gray, o que aconteceu?

Ele está andando lentamente na minha direção, mas não consigo mais segurar o arco. Por algum motivo que não consigo explicar, aponto para o chão, e não para ele, largando a corda e deixando a flecha voar para a terra junto aos pés de Kai, antes que a arma escorregue da minha mão suada.

Mal consigo ouvir o grito de Kai através do zumbido nos ouvidos.

— Gray!

Não me lembro de cair no chão.

Meu rosto está encostado na terra, mas eu mal sinto. Todo o meu corpo está pegando fogo, e praticamente não consigo respirar enquanto queimo de dentro para fora.

— Paedyn! Ei, Pae, olhe para mim.

Mãos ásperas estão segurando os dois lados do meu rosto, forçando meus olhos a se abrirem trêmulos. Elas estão frias contra minha pele febril, agora escorregadia de suor, e há uma preocupação naquele lindo rosto que paira acima de mim. Nunca o vi tão preocupado, tão cheio de

emoção. Sua máscara de frieza está estilhaçada, despedaçada, partida em um milhão de cacos quando ele levanta minha cabeça do chão, me puxando para examinar meu rosto com seus grandes olhos cinzentos.

Então Kai some. Ecuridão.

— Ei, ei, ei. — Mãos calosas estão afastando o cabelo úmido da minha testa enquanto palavras são murmuradas perto do meu rosto. — Pae, fica comigo. — Sua voz está séria, apesar do pânico que envolve cada palavra.

Forço meus olhos a se abrirem lentamente enquanto grasno palavras em voz baixa entre os dos lábios rachados. Palavras que, de repente, parecem importantes demais.

— Você nunca me chamou assim antes.

Só o ouvi dizer meu nome verdadeiro uma vez, quando me prendeu contra a parede de um beco, testando a palavra pela primeira vez. Mas desde então eu não tinha ouvido meu nome sair de seus lábios. Não tinha ouvido o modo como as duas sílabas soam em sua língua.

E com certeza nunca o ouvi me chamar de *Pae*.

Agora estou sorrindo para ele, feito uma idiota. Não consigo parar.

Delirando. Em um estado de choque profundo, sem dúvida.

Mas, neste momento, não quero morrer — nem que seja só para ouvir Kai dizer meu nome mais uma vez.

Delirando. Estou delirando demais.

Então, ele fica imóvel. Seus olhos examinam meu rosto, os lábios ligeiramente abertos enquanto me avalia. Depois ele pisca. Uma vez. Duas. Seus cílios escuros estremecem, o olhar se movimenta entre os meus olhos, e ele diz:

— Me lembre de fazer você sorrir assim outra vez, quando não estiver morrendo, e quando eu tiver todo o tempo do mundo para memorizar o momento.

Agora é a minha vez de piscar para ele. Uma vez. Duas.

O comentário foi o suficiente para me acordar, porque agora parece que meus olhos não querem se afastar dos dele. Devo ter ouvido mal. Estou tão distante da realidade que minha mente está pregando peças em mim, brincando com minhas emoções, com meus sentimentos.

Mas com certeza *não* estou imaginando as mãos que sobem pelo meu corpo. Quase engasgo com a respiração entrecortada quando seus dedos roçam nos meus tornozelos, subindo lentamente pelo meu corpo.

Ele está tentando achar o ferimento. Abro a boca para lhe dizer onde é, mas minha cabeça gira e estou à beira de desmaiar de dor. Arquejo, tentando acalmar a cabeça e o coração.

Os dedos dele passam por cima das minhas pernas, cutucando e

sondando gentilmente enquanto ele procura o ferimento. Quando percebe que minhas pernas estão funcionando bem, ele leva as mãos ao meu quadril, me levantando ligeiramente do chão para tocar a base das minhas costas. As sobrançelas estão franzidas de concentração enquanto ele tateia a parte de baixo da minha barriga com movimentos rápidos, firmes, seguros. Essa não é a primeira vez que faz isso.

Kai continua seu caminho pelo meu abdômen, em volta da cintura...

Uma dor como jamais senti antes brota do ferimento quando seus dedos dançam sobre ele, seguida por um soluço estrangulado que rasga minha garganta. A dor é tão ofuscante que acho que vou apagar, algo pelo qual me pego ansiando, nem que seja para não sentir mais isso.

Com a visão turva, observo enquanto Kai levanta a bainha da camisa rasgada, revelando a regata de seda por baixo, encharcada de sangue. Ele respira fundo antes de levantá-la, expondo a pele febril ao ar frio da noite. Vislumbro rapidamente uma coisa pequena e afiada nas suas mãos enquanto ele começa a cortar cuidadosamente o tecido ensanguentado em volta do meu tronco.

Ele contrai o maxilar ao ver o ferimento serrilhado que se estende abaixo das minhas costelas, e um músculo lateja em sua bochecha. Seus olhos, cheios de um sentimento que, vindo dele, é inédito para mim, examinam o estrago sangrento na minha barriga.

E então meus olhos se fecham de vez, abandonando a visão dele.

Deixando-o no mundo que está começando a sumir.

— Paedyn. — A voz de Kai está muito, muito distante de onde eu escorrego para o esquecimento. — Paedyn, abra os olhos. — É uma ordem, forte e séria. E eu a ignoro. Isso é a minha cara. Mesmo na morte, meu corpo se recusa a ouvir as ordens do futuro Executor. — Abra os olhos, droga!

Cansada. Estou cansada demais.

Longe, muito longe, ouço uma voz masculina murmurando palavras desesperadas.

— Se você morrer, eu te mato.



Kai

Ela é teimosa demais para morrer. E eu sou teimoso demais para deixar que ela morra. Passo a mão na testa dela e sinto a pele febril, quente ao toque. A respiração sai ofegante, curta. Ela está desidratada, delirando, morrendo de fome...

Simplesmente morrendo.

Observo o talho sangrento embaixo das costelas dela, inflamado e sem dúvida infeccionado. Tiro os restos da minha camisa amarrotada e começo a passá-la no ferimento, tentando limpar um pouco do sangue para ver exatamente com o que estou lidando. A pele está rasgada, serrilhada, e provavelmente tem a aparência muito pior quando não está escondida nas sombras.

Ainda mais preocupante é o fato de que não tenho ideia de como ajudá-la. Não tenho suprimentos nem habilidade de cura por perto que possa usar, o que faz de mim um completo inútil.

Estou com a vida dela em minhas inúteis e vazias mãos.

Fico de pé, procurando meus cantis à luz fraca. Paedyn precisa de água.

Foi por isso que veio aqui, afinal de contas. Foi por isso que se arriscou a andar direto para o acampamento de alguém. Precisava se hidratar, para lavar a ferida. Mas isso não vai salvá-la.

Eu não posso salvá-la.

Solto um suspiro frustrado, sentindo o controle me escapar enquanto passo as mãos por meus cabelos, ainda procurando as porcarias dos cantis. Mas minha mente não para de repassar a cena, não para de repassar o que acabou de acontecer.

Eu sabia que havia alguma coisa errada quando vi seu braço tremendo. Quando o vi estremecer com o esforço para manter o arco apontado para mim, pronto para cumprir com a ameaça de disparar. Depois vi os joelhos dela tremerem, vi o fogo se apagar nos olhos azuis ardentes. Mas, acima de tudo, ela não estava brincando comigo, não estava me

provocando nem esboçando o sorriso malicioso que tanto me agrada. E foi isso o que mais me preocupou.

Agora, estou subitamente furioso com ela.

Paedyn queria que eu fosse embora. Tentaria lidar com isso sozinha. Teria morrido sozinha. É tão teimosa que escolheria lutar comigo até desmoronar em vez de me deixar ver que estava ferida. A imagem dela caindo no chão me provoca um arrepio, congelando minha raiva ardente. Seria de pensar que eu já seria indiferente à dor a esta altura, vendo a morte reivindicar mais uma vítima. Mas, quando Paedyn caiu, algo se partiu dentro de mim. Vê-la tão fraca, tão vulnerável, tão diferente de si mesma, foi o suficiente para estilhaçar um pedaço da alma que eu tinha esquecido que tinha.

Meus pés tropeçam em alguma coisa na escuridão. Finalmente.

Me abaixo para pegar o cantil, mas meus dedos se dobram em torno de uma lata pequena. Chego mais perto da luz da fogueira, olhando por cima do ombro para Paedyn, que geme baixinho.

Não tenho tempo para isso.

Estou prestes a jogar a lata o mais longe possível, furioso e frustrado, quando o símbolo pintado na tampa capta a luz e a minha atenção. É um losango verde e desbotado, e não hesito em abrir a tampa para revelar um pequeno frasco de líquido escuro.

Olho para o objeto. Um milagre na forma de um unguento salvador feito pelos próprios Curadores, forte o bastante para curar até mesmo as feridas mais ameaçadoras.

E, de repente, estou dando uma risada seca, incapaz de parar. O absurdo, a pura impossibilidade disso tudo me deixa histérico. Braxton deve ter pegado o unguento em algum lugar na floresta e o largado durante a nossa luta. A salvação de Paedyn estava escondida nas sombras esse tempo todo.

— Graças à Peste — murmuro, balançando a cabeça, incrédulo, enquanto meu pé finalmente encontra um dos cantis no chão.

Em instantes estou de joelhos ao lado de Paedyn, cujo peito mal se movimenta com a respiração fraca. Tiro o unguento da lata, revelando uma agulha e um fio grosso para costurar ferimentos embaixo dele. Solto outra risada.

Inacreditável. Absurdo.

Derramo com cuidado um pouco do líquido escuro em um canto limpo do que resta da minha camisa. Isso vai arder, portanto será oportuno que ela esteja inconsciente quando eu apertar o pano contra a ferida, deixando o unguento penetrar no talho. Trabalho ao longo do corte devagar, vendo o fluxo de sangue começando a diminuir. Aperto

de novo o pano contra uma parte particularmente funda e os olhos dela se abrem antes que sua mão voe no meu rosto.

Droga.

Seu tapa chega com uma força chocante para alguém tão perigosamente perto da morte. Minha cabeça ainda está virada para o lado, pelo choque e pelo impacto, mas um sorriso lentamente aparece em meus lábios.

— Ai. — Finalmente olho para Paedyn, encontrando os olhos azuis agitados me encarando. Ela está ofegando, nitidamente confusa. — É assim que você me agradece por salvar sua vida?

Examino o rosto dela e fico aliviado por já ver um pouco de cor surgindo nas suas bochechas, os olhos reluzindo de novo com aquele ardor familiar.

— Sou eu quem deveria estar dizendo “ai”. Que porcaria é essa? Está ardendo.

Ela está ofegando e tremendo inteira. Seu olhar vai do ferimento limpo até o unguento ainda na minha mão. Ela tenta se sentar. É um bom esforço, apesar de provocar gemidos de dor.

— Calma, meu bem. — Levo minha mão ao lado do tronco dela que não está ferido, segurando sua cintura enquanto a empurro lentamente de volta para o chão da floresta. — Pode me bater o quanto quiser depois que estiver boa, mas, até lá, tente ficar com as mãos paradas.

— Como é que estou viva?

Sua voz sai tão baixa que a pergunta é quase abafada pelo som dos grilos ao nosso redor, e ela mantém os olhos voltados para o céu, sem coragem de me encarar.

— Precisamos agradecer ao Braxton por isso. — Pego o cantil e o encosto nos lábios dela. — Beba. Você está desidratada. Se bem que você é bem divertida quando está delirando.

Paedyn me olha irritada enquanto eu inclino o cantil para trás, deixando-a engolir a água com avidez. Em seguida, ela me encara com expectativa e eu suspiro, esclarecendo:

— Encontrei esse unguento caído nas sombras, e como Braxton me fez uma visitinha mais cedo, imagino que ele o tenha deixado cair durante nossa luta. — Dou um suspiro. — Duvido que ele esteja muito feliz com isso, já que poderia ter se beneficiado do remédio.

Ela afasta minha mão, se recusando a beber mais até obter algumas respostas.

Coisinha teimosa.

— Então você não... — Seu olhar vai do meu ferimento coberto pela bandagem até meu rosto, tentando me decifrar.

— Não, não matei o Braxton — digo, em um tom monótono, respondendo à pergunta que está nos seus olhos. Ela me encara de um jeito estranho, que vi poucas vezes antes. Pigarreio e desvio o olhar, me inclinando para trás e me apoiando nas palmas das mãos enquanto Paedyn continua me analisando. — É bom que você saiba que matar não é um passatempo meu.

Senti que eu precisava dizer isso, que tinha que admitir isso para ela, para mim mesmo. O que eu faço — o que eu fiz — tem um propósito, um motivo. Ainda sou um monstro, só não um do tipo que adora as coisas odiosas que faz.

Ali está aquela expressão, de novo. É como se ela estivesse enxergando através das minhas muitas máscaras, derrubando minhas defesas, me despindo apenas com o olhar. Odeio isso — amo isso. Faz com que eu me sinta livre — faz com que eu me sinta encurralado. A ideia de que algo simples como os seus olhos possa me deixar tão vulnerável, tão exposto, é alarmante.

Então, faço o que sei fazer melhor: me afasto.

Pigarreio antes de me inclinar e pegar minha camisa rasgada. Depois de derramar o resto do unguento no tecido, aperto-o gentilmente na ferida. Ela sibila e seus olhos voam na direção dos meus, cheios daquela fúria que me faz dar uma risadinha.

— Ah, essa nem é a pior parte, meu bem. Ainda preciso costurar você.

Ela acalma a respiração ofegante, com os cílios compridos se fechando enquanto pergunta:

— Por que você está fazendo isso?

É uma pergunta válida, mas não pretendo respondê-la até obter algumas informações. Pego a agulha brutalmente rombuda e começo o processo meticuloso de passar o grosso fio médico pelo buraco.

— Acho que eu é que vou fazer as perguntas.

Encaro-a, inflexível e insensível. Mas é simplesmente outra máscara, já que no momento estou fervendo de raiva.

— Qual deles fez isso com você?

Paedyn abre os olhos rapidamente, parecendo mais confusa e insegura do que nunca. Mas se recupera logo, soltando uma risada trêmula. Ela vira a cabeça de lado para me ter em seu campo de visão, deitada em uma cama de musgo, terra e folhas.

— Não importa.

E essa é a única resposta que ela se dispõe a me dar antes de se voltar para o céu estrelado, me evitando.

Levo a mão ao meu queixo e viro sua cabeça de volta para mim.

— Vou perguntar de novo. Quem fez isso com você?

Ainda a estou tocando quando Paedyn, sustentando a troca de olhares, pergunta:

— Por que você se importa?

E solta uma risada amarga; o som vibra sob meus dedos.

— Porque não tolero que brinquem com meus brinquedos.

Ela vai odiar essa resposta.

— Seus...? — Ela para, fumegando, a raiva subindo. — É isso que você acha que eu sou? Um brinquedo?

— Sim. E, obviamente, um bem frágil.

Pela Peste, se eu já não ia para o inferno, agora vou com certeza.

Ela gagueja. Gagueja de verdade. Nunca vi Paedyn tão chocada, e devo dizer que é bem divertido.

— Qual é o seu problema? Ah, você me acha frágil? Vou mostrar como sou frágil...

— Calma — digo, num tom tranquilo, interrompendo-a no meio da ameaça. — O primeiro ponto é sempre o pior, ainda mais com uma agulha rombuda como essa.

Ela pisca, fechando a boca com força quando olha para baixo e vê a agulha que atravessei no talho sem que ela ao menos percebesse, com raiva demais para sentir a dor. Exatamente como eu planejei.

— Você... você é...

Paedyn está tropeçando nas palavras de novo, por isso termino para ela, com gentileza:

— Inteligente? Irresistível?

— Calculista, metido a besta e um babaca arrogante completo.

Esboço um sorriso.

— É bom saber que você está se sentindo bem a ponto de me insultar.

Seguro a agulha de novo e fecho mais a pele em volta do ferimento, me preparando para dar outro ponto à luz da fogueira.

— Você me distraiu — murmura, como se ainda estivesse captando a informação. Depois solta uma risada, bufando, e acrescenta: — Você me distraiu sendo um idiota, mas deu certo.

Olho-a brevemente antes de dizer:

— É, eu fui um idiota. E preciso que você saiba que não falei a sério.

— Enfio a agulha na pele enquanto digo isso, usando as palavras como outra distração, mas Paedyn ainda solta um pequeno chiado de dor. — Você não é um brinquedo, muito menos um brinquedo frágil.

Ela me observa suturar e eu me obrigo a não me derreter sob seu olhar ardente.

— Me conte sobre o seu lar. Sobre a Alameda dos Larápios — digo, tentando distrai-la de novo.

— A Alameda não era bem um lar para mim — responde, baixinho, mordendo o interior da bochecha. — Eu já tive um lar. Éramos só eu e meu pai, mas... mas nós éramos felizes.

Ela se encolhe quando dou outro ponto, mas suas palavras seguintes saem tão duras quanto a agulha.

— Até que ele morreu, e minha família se tornou apenas Adena. Conseguimos nos virar juntas na Alameda. Ela fez com que valesse a pena viver lá.

— Por quanto tempo você morou na rua?

— Cinco anos. Eu tinha treze anos quando meu pai morreu, e desde então moro em uma pilha de lixo que Adena chama, generosamente, de Forte. — Paedyn dá um sorriso amargo. — Dos treze aos quinze anos, nós mal conseguíamos sobreviver. Mas então crescemos. Aprendemos coisas e criamos uma rotina que nos manteve alimentadas e vestidas. Cada uma com algo próprio que nos ajudava a nos manter vivas.

Me deixo absorver suas palavras, sua história. Imagino em silêncio o que terá acontecido com o pai dela, ou com a mãe, por sinal.

— Então o seu pai ensinou você a lutar? — pergunto, curioso.

— Desde que eu era pequena. Ele sabia que minha habilidade não poderia me ajudar fisicamente, por isso garantiu que eu nunca ficasse realmente indefesa.

Sua voz está trêmula enquanto eu enfio a agulha através da parte mais funda do ferimento. Sua mão sobe rapidamente e agarra meu antebraço, cravando as unhas na minha pele enquanto morde a língua para não gritar de dor.

— E a adaga que você gosta de usar na coxa — pigarreio — era do seu pai?

— É... era. — A risada dela é forçada. — Acho que você precisa agradecer a ele pelas minhas tendências violentas.

Levanto os olhos e dou uma risada antes de dizer, cauteloso:

— E sua mãe...? Preciso agradecer a ela por alguma das suas qualidades maravilhosas?

— Morreu. — Seu tom de voz é indiferente. — Morreu de doença pouco depois de eu nascer. Não cheguei a conhecê-la.

Penso em Kitt e na mãe dele, que morreu de modo semelhante. Uma tragédia que os dois compartilham.

O aperto dela no meu braço fica mais forte enquanto eu continuo empurrando a agulha através da pele, indo devagar até o final do talho. Paedyn fecha os olhos de novo por causa da dor, recusando-se a chorar ou mesmo gritar.

Tão teimosa. Tão forte.

— Só um pouquinho mais, Pae — digo, ofegante.

Ela estremece, e não deixo de perceber o movimento. Se é por causa da dor ou porque eu finalmente disse seu nome, não tenho certeza. Fico me lembrando de quando ela caiu no chão. Eu estava ferino, frenético, e, de repente, percebi que não tinha falado o seu nome desde que nos conhecemos.

Naquele momento, percebi que queria dizê-lo — queria que ela o ouvisse saindo dos meus lábios. Percebi que, se Paedyn morresse, eu jamais teria de novo a visão daqueles olhos azuis e nunca poderia dizer aquelas duas sílabas que têm sido uma constante na minha mente.

Por isso falei seu nome, de novo e de novo. Finalmente me permiti fazer isso. Deixei que essa última peça de conexão com ela se encaixasse. Simplesmente dizer seu nome pareceu uma coisa íntima, pessoal, de algum modo.

E agora quero seu nome para sempre nos meus lábios e se desenrolando da minha língua até ficar embriagado com o gosto e o som.

O que há de errado comigo?

Nossos olhares se encontram, brilhando como um rio à luz da fogueira.

— Por que você está fazendo isso?

Percebo que, dessa vez, não tenho como escapar da pergunta, ainda que eu nem tenha certeza se tenho uma resposta. Só sei que sinto uma ânsia de protegê-la, estar com ela, provocá-la, tocá-la.

É aterrorizante.

— Qual a graça de ganhar porque o oponente abandonou a luta? — pergunto, em vez de respondê-la. — Que tipo de cavalheiro eu seria se pegasse sua tira de couro e abandonasse você para morrer?

Paedyn levanta a cabeça do chão, os olhos procurando os meus enquanto zomba:

— Então você está dizendo que fez isso porque é um gesto *cavalheiresco*?

— Por que isso é uma surpresa tão grande para você?

— Porque para fazer um gesto cavalheiresco é preciso ser cavalheiro.

— E quem disse que eu não sou?

— Eu gostaria de encontrar alguém que diga que você é.

Sorrio para ela, captando cada detalhe do seu rosto abaixo do meu. Abro a boca para dizer alguma coisa espirituosa e loucamente inadequada quando um graveto estala à minha esquerda. E fico sem graça não porque fiquei distraído com a garota à minha frente, mas porque não faço ideia de há quanto tempo ele está ali parado.

Só posso imaginar o que meu pai vai achar disso — de nós. De eu

estar ajudando, salvando, gostando de estar com a garota da favela.

Não é a primeira vez em que eu o decepcionei, e certamente não será a última.

O Visor pisca, limpando os olhos turvos antes de desaparecer na noite. Viro as costas para Paedyn, cuja atenção continua voltada para o lugar onde o homem estava. Então analiso sua barriga exposta e o ferimento agora completamente suturado.

Começo a enrolar os restos da sua camisa grande por cima do ferimento e em volta da cintura. Paedyn observa meus movimentos, seguindo minhas mãos e mirando meu rosto.

— Você não respondeu à minha pergunta — digo, em um tom casual, que não reflete nem um pouco como me sinto.

— Você vai ter de ser mais específico, Azer.

— Eu perguntei quem, pela Peste, fez isso com você.

Ela ri sem dar importância, virando a cabeça para longe.

— Ah, essa pergunta. Não importa.

— Se não importa, então diga.

Paedyn me lança um olhar irritado antes de suspirar, cedendo.

— Foi o Ace. Está feliz agora? Ele usou as ilusões para me atrair. — De repente, ela fica pálida de novo. — Ele me fez ver... coisas.

Nunca a vi tão assombrada, e fico em choque ao perceber como odeio isso.

— Você o matou?

— Não — responde, baixinho. — Não, não o matei.

Ficamos em silêncio e eu passo a mão sobre o curativo precário, me certificando de que está firme, enquanto sou observado. Entrego-lhe o cantil antes de obrigá-la a comer um pouco de coelho assado.

Ocupo-me no pequeno acampamento, e quando checo Paedyn de novo, enquanto atijo as chamas da fogueira agonizante, suas pálpebras estão baixando, os cílios estremeando com a promessa de sono. Ela estremece ligeiramente à brisa fresca da noite.

Bom, desse jeito não vai dar.

Fico de joelhos ao lado dela, acomodando-a nos braços antes de tirá-la do chão e levá-la mais para perto da fogueira. Ela resmunga, grogue, contra o meu peito, antes de eu colocá-la de volta no chão, vendo seu peito subir e descer com a respiração estável, tão diferente da entrecortada, curta, que antes a fazia engasgar.

Então, fico sentado ali. Parece que não consigo deixar de observar enquanto Paedyn vai caindo no sono ao lado da fogueira, viva e respirando fundo. Ela estremece de novo, o que faz com que eu deseje ter um cobertor, alguma coisa para oferecer. A verdade desse

pensamento me acerta como um soco na barriga.

Não tenho nada para lhe oferecer.

Eu sou errado, sou errado demais para ela. Paedyn é corajosa demais, ousada demais, boa demais para mim. Talvez eu pudesse ser um homem melhor, talvez pudesse ser mais como Kitt, com seu coração à mostra e felicidade à vista de todos. Talvez o futuro Executor pudesse derrubar alguns muros, tornar-se um homem que fosse mais do que as máscaras que usa quando está perto do seu povo.

No entanto, desde que Paedyn descobriu que eu era o príncipe e nos declarou inimigos, eu entrei no jogo, sem querer ser deixado para trás. E é divertido. É uma distração para nós dois, isso de brincarmos e provocarmos um ao outro.

Mas agora?

Se vou ser inimigo de Paedyn, quero que seja porque ela se detesta por me querer tanto.



Daedyn

Acordo com o som infelizmente familiar de pássaros grasnando acima de mim.

Eu acordei.

Com os olhos semicerrados frente ao sol ofuscante, passo as mãos de leve sobre o lugar onde meu ferimento vai se curando, oculto sob as dobras de pano rasgado.

Estou viva. Estou respirando. Estou me curando.

Então meus dedos vão até a tira de couro apertada em volta do meu braço. Sinto um choque ao descobrir que ainda está ali. Porque Kai não a cortou do meu corpo agonizante antes de fazer qualquer coisa. Porque ele salvou minha vida, cuidou de mim e deixou que eu ficasse com minha tira de couro idiota.

Aparentemente teve todo esse trabalho só para ser um bom competidor, um *cavalheiro*.

Cavalheiro é o caramba.

— Bom dia. Bom, na verdade é quase de tarde.

Minha cabeça gira rapidamente em direção à voz grave que vem de trás de mim. E ali está ele, as mãos nos bolsos, os tornozelos cruzados, encostado em um galho baixo. Agora que não estou tão próxima da morte, sua aparência e o fato de estar sem camisa são uma tremenda distração. Desvio o olhar rapidamente, mas não deixo de perceber a risadinha que ele dá ao me pegar espiando.

Idiota irritante, arrogante.

— Estou surpresa de ver que você ainda está aqui. E minha tira de couro também — digo, limpando casualmente a terra grudada na roupa.

Kai ri baixo às minhas costas.

— Ansiosa para se livrar de mim, meu bem?

Eu pigarreio e me viro para ele, me apoiando nas palmas das mãos, com curiosidade. Seu cabelo está desgrenhado, com fios grudados à testa com o suor, logo acima de onde os olhos brilham como pedaços de

prata. Há uma sombra de barba crescendo no maxilar bem-definido. E dá para ver a covinha direita, ao mesmo tempo perturbadora e devastadora.

Não aguento isso.

— E então, qual é o plano? — pergunto, indicando nós dois.

— O plano para...? — Ele inclina a cabeça ligeiramente de lado, me olhando, implicando comigo. Sabe exatamente o que eu quero dizer.

— Para nós.

— Nós. Gosto dessa ideia, você não?

Reviro os olhos, ignorando-o.

— O que vamos fazer agora?

— Essa é uma pergunta muito difícil, Gray.

Pisco, surpresa. Kai não disse o meu primeiro nome. E, por algum motivo enlouquecedor, eu gostaria que ele tivesse dito.

Fico chateada comigo e com ele. Por isso, naturalmente, parto para o ataque.

— Por que você não pegou minha tira? E por que não tenta pegar agora que estou curada?

Ele assume um ar de diversão ao se desencostar do galho e vem na minha direção.

— Essa é outra pergunta difícil. — A covinha da direita fica mais funda. — Em primeiro lugar, você não está completamente curada. Em segundo, por que eu deixaria escapar a oportunidade de trabalharmos juntos? Você sabe que a gente forma uma excelente equipe. E, em terceiro — Kai se agacha à minha frente de modo a ficarmos cara a cara enquanto continua: —, foi bonitinho o modo como você disse que eu poderia *tentar* pegar sua tira.

Agora as duas covinhas me provocam.

— Bom, se você se sente tão confiante, pode *tentar*. — Meu rosto está perto do dele, a voz cheia de desafio. — Tenho certeza de que você se lembra de como nossa última luta terminou.

— Você ainda está ferida, lembra?

— E você não parece muito melhor — digo, franzindo a testa para seu ombro enfaixado, ainda que não haja sangue manchando o tecido branco.

— Está preocupada com seu novo parceiro? — Um sorriso malicioso se espalha no rosto de Kai enquanto seu olhar salta entre os meus olhos. Ele está perto. Perto demais. Cheirando a pinho, chuva, suor e... pela Peste, preciso me distrair.

Afasto os olhos e pego o arco e a aljava enquanto fico de pé. Me *esforço* para ficar de pé. Kai se levanta junto comigo, firmando uma das

mãos no meu ombro e a outra no lado do tronco que não está ferido. Faço menção de dar um passo para longe, chateada por ele achar que preciso da sua ajuda. Mas minhas pernas parecem feitas de geleia, de pedra, tudo ao mesmo tempo, provando que preciso mesmo dele quando nos trombamos. Seu peito se sacode com uma risada áspera que só me irrita ainda mais.

— É, acho que eu não teria muita dificuldade para *tentar* arrancar essa tira de couro do seu braço. — Ele passa um dedo sobre a tira, roçando na minha pele.

Seguro seu pulso e o encaro.

— Bom, se vamos ser parceiros, você não vai precisar se machucar *tentando* arrancar minha tira.

Kai me olha de cima a baixo, as sobrancelhas ligeiramente erguidas.

— Então você concorda? Parceiros?

Avalio a situação, pensando que prefiro lutar ao lado do futuro Executor do que contra ele.

Estreito meus olhos.

— Como vou saber se posso confiar em você?

— Salvar sua vida não significa nada? — ironiza ele.

— Eu salvei a sua, e isso não significa que você confia em mim.

— Como você sabe que não confio?

Ficamos nos encarando.

Pela Peste, no que estou me metendo?

Talvez seja por estar fraca demais para lutar, ou pior, talvez seja porque parte de mim deseja que Kai fique, mas acabo dizendo:

— Tudo bem. Parceiros.

Olho para seu ombro ferido e em seguida para o toco alto que está atrás dele antes de colocar as mãos em seu peito, sentindo a pele quente embaixo da minha. Empurro-o para trás, até que ele colide com o toco, e aperto seus ombros para baixo até Kai estar sentado à minha frente.

Um ar travesso dança naqueles olhos esfumados enquanto ele me observa.

— O que você está fazendo, Gray?

— Ajudando o meu parceiro — digo casualmente, e começo a desenrolar o curativo improvisado. Sorrio antes de acrescentar: — Você não vai me servir de nada se estiver ferido.

— Sua preocupação com o meu bem-estar aquece de verdade o meu coração — diz ele, ríspido.

Eu o ignoro e puxo o pano teimoso que está grudado na pele embaixo. Xingo baixinho quando finalmente vejo o pedaço de pele queimada, com bolhas, embaixo da clavícula dele. Está inflamada e

pegajosa, e não preciso olhar seu queixo trincado para saber que isso é tremendamente doloroso.

Encaro-o, descobrindo seus olhos já fixos em mim com tanta intensidade que engulo em seco antes de perguntar:

— Cadê o unguento?

Sua expressão está vazia.

— Acabou.

Tento espantar minha confusão, mas não consigo.

— Você usou tudo comigo?

— Sem hesitar.

Frio, calmo, controlado. Esse é o Kai que eu conheço.

— Bom, isso foi... — gaguejo, tentando encontrar a palavra certa.

— Altruísta?

— Uma burrice.

Solto um suspiro antes de murmurar:

— Você vive dificultando as coisas para mim, não é?

Viro-me e vou até a beira do riacho. Posso sentir o olhar de Kai enquanto me ajoelho, procurando as plantas certas para fazer meu próprio unguento improvisado. Não vai ser o suficiente para tratar seu ferimento milagrosamente, como o do Curador, mas vai ajudar a diminuir a dor e a inflamação de forma significativa.

Felizmente, a maioria das plantas de que preciso costumam crescer perto da água, então consigo achá-las com facilidade. Pego mais um pouco de coelho assado para morder enquanto procuro os ingredientes. Depois de um bom tempo andando de um lado para o outro junto ao riacho, enquanto os mosquitos se fartam com meu sangue, esmago com uma pedra as folhas e os talos que encontrei. Depois de acrescentar água, tenho uma pasta verde e espessa.

Encontro Kai ainda me olhando quando retorno, quase meia hora depois. Paro perto dele, ignorando a sensação de estar sendo observada enquanto seguro a pedra com o unguento e olho de novo para o ferimento.

— Você é cheia de surpresas. — Ele assente para a gosma verde que agora está nos meus dedos. — É uma coisinha talentosa, não é?

Aplico o unguento na ferida e ele solta um chiado quando a pasta arde.

— Sou filha de um Curador, lembra?

— Está ficando difícil me manter a par de todas as suas habilidades. — Ele solta outro grunhido de dor antes de acrescentar, chateado: — Pela Peste, Paedyn, que porcaria é essa?

Deixo escapar um ruído de escárnio.

— Quem diria que o futuro Executor seria um bebezão tão grande?

Ponho mais unguento e ele trinca os dentes.

— E quem diria que a garota da favela seria capaz de *tortura*?

— Ah, por favor. Não seja tão dramático.

— Sabe, não estou totalmente convencido de que você não está tentando me matar.

Levanto uma sobrancelha.

— Então, afinal de contas, você não confia em mim?

— Não confio *nisso* — diz ele, lançando um olhar cético para a pasta verde que estou esfregando no ferimento.

Solto uma risada alta, balançando a cabeça.

Kai fica parado ao meu toque, seus olhos orbitando sobre mim, com um pequeno sorriso.

Pigarreio.

— Bom. — Estou procurando alguma coisa para dizer antes de finalmente decidir deixá-lo falar. — Você já ouviu falar sobre onde eu moro. Então me conte sobre onde você mora. Como foi crescer no palácio?

Ele me olha com a expressão vazia.

— Morar em um castelo não é tão atraente quanto pode parecer. O lugar pode ser frio, sufocante. E somos vigiados constantemente por olhares indiscretos. — Kai esboça um sorriso. — Mas Kitt e eu transformamos o palácio em um lar. Pela Peste, nós mandamos no lugar. Nós fizemos... — Ele sibila entre os dentes, interrompendo as palavras. — *Merda*, Paedyn, agora estou realmente convencido de que você está tentando me matar.

— Ah, qual é — digo, rindo, pondo mais unguento na ferida. — Isso só arde.

Ele me cutuca na barriga, evitando o talho com cuidado.

— Você me deu um tapa quando seu ferimento ardeu, por isso acho que tenho o direito de reclamar um pouquinho.

Encaro-o.

— Isso é reclamar um *pouquinho*? — Ele estreita os olhos, mas dá para ver a diversão que há neles. — Desculpa — suspiro. — Pode continuar com sua história e seu *pouquinho* de reclamação.

— Como eu estava dizendo — continua, expirando com intensidade —, Kitt e eu transformamos o palácio em um lar. Fazíamos amizade com os serviçais, corríamos feito loucos pelos corredores, escapávamos dos bailes para ir à adega encher a cara e esquecer de tudo e ficávamos rindo até o sol nascer. Provavelmente nós lutamos em todos os cômodos do palácio. Duas vezes.

Kai trinca os dentes quando continuo a mexer na ferida e me olha, irritado, antes de continuar:

— Mas a gente precisava disso. Das lutas constantes e das pegadinhas idiotas com a coitada da Gail e o resto dos serviçais desavisados. Porque quando a gente não estava rindo ou se distraíndo, estava treinando e estudando. Se bem que isso era bastante diferente para cada um de nós.

Ele olha para além de mim, para o céu azul pintado acima, os olhos cinzentos examinando as nuvens enquanto diz categoricamente:

— Não me lembro da minha vida antes de me tornar o futuro Executor. Não me lembro do dia em que começaram todos os testes, as provas e os treinos. Parece que sempre foi assim. — Ele solta uma risada sem graça, suspirando. — O destino é uma coisa engraçada, volúvel, e não oferece uma escolha com relação a como a gente vive.

Parei de passar o unguento e estou encarando-o com atenção.

— E o seu treinamento? Como era?

Kai dá um suspiro pesado, que me faz imaginar exatamente o que suportou na sua curta vida.

— Minha criação foi muito diferente da do Kitt. Enquanto o treinamento do futuro rei consistia em aulas e educação sobre como comandar o reino um dia, o meu era mais... prático. Como futuro Executor, eu não apenas criava estratégias de batalhas, eu lutava nelas. Não aprendia simplesmente a arte da tortura, eu aprendia a aguentá-la.

Minhas mãos pairam acima do peito dele.

— Você... aguentava?

Kai me examina por um momento, parecendo decidir o que quer dizer, antes de optar por um simples:

— É. Com frequência.

— Quem... — Engulo em seco. — Quem fazia isso com você?

— Não importa.

Ele dá um ligeiro sorriso, cuspidando de volta minhas próprias palavras de ontem à noite. Por isso, repito sua reação.

— Se não importa, então diga.

Seu sorriso se alarga.

— Que bom saber que você escuta quando eu falo, Gray.

— Isso não foi uma resposta — digo, baixinho.

Kai suspira, o sorriso desaparecendo.

— Meu p... o rei assumiu a tarefa de me treinar regularmente. Tive outros instrutores e generais, claro, mas quando eu não estava com eles, estava com meu pai. Podemos dizer que os métodos dele eram... severos.

Eu não queria saber. Não queria saber o que o rei fazia com o filho, que horrores o fazia passar. Isso me deixa enjoada. E, no entanto, eu não

deveria me surpreender. Afinal de contas, ele matou meu pai, e é meu ódio pelo rei que me faz precisar saber que outros crimes abomináveis ele cometeu. Por isso pergunto devagar:

— O que ele fez?

Kai fica quieto por um longo momento.

— Gray, não acho...

— Por favor — interrompo, em voz baixa. — Não precisa contar se não quiser, mas estou pedindo que você conte, se estiver disposto.

Há algo no silêncio da floresta, na cobertura das árvores, que faz as pessoas se sentirem seguras para revelar segredos. Algo sobre a percepção de que talvez não vejamos o amanhã nos leva a fazer coisas das quais só iremos nos arrepender se sobrevivermos. As Provas não têm por objetivo construir confiança entre os competidores. Apesar disso, aqui estamos, revelando as partes mais profundas de nós mesmos um para o outro. Oferecendo aos nossos oponentes maneiras de nos cortar mais fundo do que qualquer arma jamais poderia.

Por isso, Kai me encara, sustentando meu olhar, e diz:

— Vou poupar você dos detalhes, mas ele me mostrou o que era torturar. O que era *ser* torturado. Ele me ensinou tudo que eu sei. Me treinou mental e fisicamente até ficar satisfeito com o que criou. — Ele respira fundo. — O relacionamento de Kitt com nosso pai é muito diferente do meu. Os dois passam o tempo juntos examinando papéis e se solidarizando com suas posições enquanto meu pai instrui meu irmão sobre como seguir seus passos. E Kitt fará exatamente isso. Fará qualquer coisa que deixe o rei orgulhoso, e sempre fez. Eu, por outro lado... — Ele ri, mas a risada não carrega qualquer humor. — Não sou o herdeiro. Sou o filho descartável. O futuro Executor que meu pai moldou e enviou em missões durante anos.

Ele suspira, quase sorrindo.

— Meu irmão e eu temos papéis muito diferentes, relacionamentos muito diferentes com nosso pai. Mas por causa disso Kitt será um grande rei. E eu serei o assassino a serviço dele.

Faço uma pausa, observando-o com atenção enquanto ele diz essas últimas palavras.

E eu serei o assassino a serviço dele.

Nada. Nenhuma emoção, nenhuma expressão atravessa seu rosto. Olho para ele por um momento, imaginando se o personagem que ele criou para si mesmo é resultado de ter de esconder suas emoções do próprio pai. E talvez fosse exatamente isso que o rei desejava: que seu futuro Executor parecesse não ter sentimentos.

— Uma vez você me perguntou se eu queria ser o futuro rei —

continua Kai. — E eu confirmo o que disse. Não quero o papel de Kitt na vida, porque me recuso a dar o meu a ele. Meu irmão não é um assassino, e prefiro que seja eu a ele.

Me permito absorver suas palavras antes de pigarrear e perguntar:

— E essas Provas que são diferentes este ano? Isso tudo é apenas mais uma missão para você realizar?

— Não só realizar. Vencer — diz ele, casualmente. — As Provas do Expurgo são apenas outro modo de eu me provar para as pessoas, de provar que eu sou valioso para o rei.

Fico observando-o, querendo saber o que ele pensa. Kai nunca havia me contado tanta coisa sobre sua vida, sobre o que passou na infância — sobre o que passa ainda hoje. Ele é o motivo para as Provas do Expurgo deste ano serem tão diferentes, e o resto de nós não passa de peões em um jogo que nem ao menos é destinado a nós.

Passo mais um pouco de unguento e espero até ele terminar de murmurar que tem certeza de que estou tramando matá-lo antes de fazer a pergunta que vem me intrigando.

— Seu papel na vida como futuro Executor. O que você acha dele?

— Acho que é o meu dever.

Franzo a testa.

— E eu acho que você tem mais ideias sobre a própria vida do que essa. Estou perguntando a *você*, Kai. E não ao príncipe nem ao futuro Executor. Só a você. — Faço uma pausa e ele me examina enquanto eu repito: — O que *você* acha disso? Do seu papel? Da sua vida?

Por um momento, ele fica em silêncio. Até que o lampejo de um sorriso cruza o seu rosto.

— Se eu responder como Kai, você para de passar essa gosma?

Ele lança um olhar aguçado para a pasta na minha mão. Abro um sorriso.

— Sim, eu paro com a gosma.

Seu leve sorriso desaparece, deixando no lugar o maxilar rígido.

— A verdade, então?

— Sempre a verdade. — Respiro fundo.

Quando ele finalmente responde, seu tom é seco.

— Eu nunca desejei isso. Nunca desejei ser o que sou hoje. Mas os monstros são feitos, não nascem prontos. E eu não tive escolha. Eu *não tenho* escolha. Mas não vou negar o que eu sou e farei o que for preciso pelo meu reino. Pelo meu rei.

As palavras me acertam com força, e o significado delas me acerta com mais força ainda. Kai sabe exatamente o que é, o que faz. É um peão a ser manipulado em um jogo em que está preso para sempre, e cada ato

horrível que comete é em nome do dever, em nome de Ilya.

Mas o rapaz à minha frente me olhou nos olhos e admitiu que é um monstro, reconheceu a coisa para a qual foi criado sem nenhuma sugestão de horror. Em vez disso, a aceitação está escrita nas suas feições, reconhecendo o que é e sempre será.

Distraída pelos pensamentos, estendo a mão para continuar a cuidar da ferida, mas Kai segura meu pulso.

— Nós fizemos um trato, Gray. Posso estar acostumado com a tortura, mas esse seu unguento é insuportável.

Ele me dá um sorrisinho, claramente querendo aliviar o clima. Querendo o que fazemos melhor: jogar um com o outro. Faço exatamente isso.

— Está certo. Trato é trato. — Limpo rapidamente as mãos no capim antes de acrescentar: — Obrigada por ter me falado sobre... você. — Ele solta uma risada em resposta, que eu corto rapidamente. — E me lembre de fazer como você e escapar do próximo baile para ir encher a cara com o Kitt.

Eu poderia jurar que ele enrijece ligeiramente ao ouvir minhas palavras.

— E por que você faria isso quando eu sou tão mais divertido?

— Quando diz *divertido*, você quer dizer conquistador? Porque, com certeza, isso você é.

Sorrio, e Kai reage com uma grande risada maliciosa, fazendo meu coração dar um salto idiota.

— Parece que não consigo evitar, quando estou com certas companhias.

Solto um ruído de escárnio.

— É, se *certas companhias* se refere ao reino inteiro, porque parece que você flerta com todas as mulheres de Ilya. — Penso nas muitas mulheres com quem ele dançou no baile, o modo como eu o vi exibir aquele seu sorriso charmoso.

Seus olhos examinam os meus.

— O quê, está me querendo inteiro para você...

A palma da minha mão acerta seu rosto, deixando-o em um silêncio atônito. Kai pisca. Uma expressão confusa e um minúsculo traço de diversão surgem rapidamente no rosto em que acabei de dar um tapa. Quando ele finalmente vira a cabeça de volta para mim, levanto a mão à sua frente para revelar o inseto esmagado.

Dou-lhe um sorriso inocente.

— Mosquito. De nada.

— Que gentileza a sua — diz ele, secamente.

Meu rosto estampa uma doçura falsa enquanto enrolo o pano de novo em volta do ferimento e do ombro, cobrindo o unguento com o curativo precário. — Só estou cuidando do meu novo parceiro.

— É mesmo?

— Uhum — murmuro distraidamente, mordendo o interior da bochecha enquanto examino meu trabalho.

— Bom, nesse caso... — Kai se levanta, chega mais perto e me dá um tapinha leve no rosto.

Solto uma risada sem humor, tocando a bochecha com os dedos. Depois meu olhar se cruza com o dele, que parece divertido. Ele dá de ombros em um gesto casual.

— Mosquito.

— Prove — desafio.

Kai sorri de lado enquanto levanta a mão para segurar meu rosto.

— Por acaso minha prova está esmagada na sua bochecha — diz.

Prendo o fôlego enquanto ele passa o polegar suavemente na minha pele antes de estendê-lo para mostrar o inseto esmagado.

— Só estou cuidando da minha parceira.

Seu tom é de deboche, e, no entanto, o riso começa a escapar de mim, borbulhando.

Parece que não consigo parar, não consigo controlar a risada. A ideia de nós dois trocando tapas como crianças no meio de uma Prova mortal é extremamente cômica. E, pela primeira vez, espero que haja um Visor olhando isso.

O vislumbre de confusão e preocupação no rosto de Kai só me faz rir mais, e eu aperto meu ferimento, agora latejante, enquanto me dobro de tanto gargalhar.

Talvez eu ainda esteja delirando, afinal de contas.

Dou uma fungada alta, e basta isso para Kai começar a rir comigo — bom, rir de mim. O som é intenso e profundo. E, de modo irritante, me pego ficando quieta para ouvir melhor. E então, depressa demais, o som para.

Estamos nos encarando. Não sei o que dizer nem o que pensar enquanto o olhar dele percorre meu rosto, absorvendo minha aparência suja e desganhada.

Ele, por outro lado, está irritantemente bonito como sempre.

Afasto o pensamento, passando a mão pelo cabelo emaranhado enquanto me esforço para formar palavras. Kai, contudo, está contente em ver meu esforço para romper o silêncio pesado que baixou entre nós.

Meu olhar desce para o seu ferimento coberto pelo curativo e palavras escapam da minha boca.

— Bom, suponho que o Braxton fez isso com você, não foi?

Ele ri, passando a mão pelo cabelo, só conseguindo fazer as ondas revoltas e pretas caírem sobre a testa de novo.

— Você deveria ver o que eu fiz com ele.

As palavras foram ditas de um modo tão casual que eu imaginaria que estava brincando, se não soubesse do que ele é capaz.

— É, bom.

Desvio o olhar, prestes a dizer alguma coisa que provavelmente irritaria o príncipe, quando ele levanta uma das mãos, me silenciando.

— Não. Se. Mexa.

— O quê? — pergunto, sarcástica. — Outro mosquito na minha...

Sua mão cobre minha boca antes de ele me girar pela cintura, me prendendo contra seu corpo. Fico confusa por um momento antes de pensar em morder os dedos que cobrem meus lábios. Mas alguma coisa no modo como sua respiração acelera me faz abortar o plano. E com seu peito apertando minhas costas, sinto seu coração martelando rápido. Depressa demais.

Percebo um movimento na visão periférica, o olhar indo rapidamente para a forma grande, enorme, que vem na nossa direção através da parede de árvores. Uma pelagem prateada reluz ao sol, ondulando a cada movimento do corpo poderoso por baixo. Olhos amarelos reluzentes se fixam na direção dos meus enquanto o animal para, nos examinando de longe.

Lobo.

Não. Lobos.

Examino as árvores, encontrando mais quatro figuras peludas enormes, todas variando em cor. Os cinco nos observam, meio encobertos pelos pinheiros em volta, avaliando com olhos famintos sua próxima refeição. Meu coração bate forte contra as costelas, a respiração curta e rápida. É bom que a mão de Kai ainda esteja cobrindo minha boca, porque quase grito com a sensação súbita dos seus lábios roçando minha orelha.

— Parece que você nunca ouve, não é?

Levanto a mão lentamente, mantendo o olhar fixo nos lobos enquanto seguro o pulso dele e tiro sua mão de cima da minha boca.

— Tecnicamente, eu ouvi. Eu falei, não me mexi — sussurro de volta, com a voz afiada.

Sinto seu sorriso junto à minha orelha.

— Espertinha.

— E aí, qual é o plano? O que vamos fazer? — Minha voz sai ansiosa enquanto observo os lobos.

— Não existe isso de *nós* — murmura ele, me soltando e dando a volta devagar até ficar à minha frente. — Você ainda está ferida e não vou arriscar que você abra os pontos que eu dei.

De jeito nenhum.

Vou para o lado dele, irritada.

— O que aconteceu com o negócio de sermos *parceiros*?

— Bom, não vamos ser parceiros por muito tempo se você insistir em ser morta — murmura ele, tirando silenciosamente a espada da bainha à cintura.

— E você vai atacar cinco lobos sozinho? Acho que não — sussurro, com a voz áspera.

De jeito nenhum vou deixar que ele lute sozinho. Meu orgulho e minha paranoia não vão permitir.

— Então você claramente me subestima, Gray.

Devagar, muitíssimo devagar, puxo meu arco das costas, olhando para os lobos. Eles não se mexeram, mas estão mais abaixados, prontos para saltar e correr na nossa direção.

Ponho uma flecha na corda. Kai sibila, com a voz urgente e ansiosa:

— Seu ferimento vai se abrir de novo e todo o meu esforço em salvar sua vida terá sido em vão.

Puxo a corda do arco, retesando-a até os pontos do meu ferimento fazerem o mesmo, ameaçando se rasgar. A dor atravessa meu abdômen e as costelas, mas eu mordo a língua, ignorando-a.

Dou um leve sorriso, dizendo:

— Desculpe arruinar seu trabalho, *parceiro*.

— Pae, não ouse...

Eu disparo.

A flecha acerta o peito do lobo mais próximo, cravando-se fundo nos pelos brilhantes e prateados. Os outros lobos começam a correr em nossa direção antes mesmo que o primeiro caia no chão. Já estou com outra flecha pronta, apontada para um borão marrom que vem chegando mais perto. Uma dor lancinante percorre meu abdômen quando disparo a flecha, acertando o lobo na pata traseira.

Dois animais se separaram dos outros para nos rodearem, e sinto as costas de Kai contra as minhas quando ele se vira para os bichos. Ignoro o lobo que eu acertei e está mancando e volto o olhar para o que corre na minha direção. Tento acalmar a respiração em pânico antes de disparar uma flecha contra a criatura. Xingo quando erro o alvo, a flecha passando junto da orelha da fera e se cravando no chão atrás.

As costas de Kai não estão mais comprimidas contra as minhas, me deixando sem a mínima ideia do que acontece atrás de mim. Só ouço os

rosnados e os golpes de uma espada contra pele e osso. Mas não tenho tempo de me virar porque tenho uma fera rosnando diante de mim. Seu pelo avermelhado brilha quase tanto quanto os dentes brancos à mostra. O lobo para a menos de dois metros de distância e se agacha, esgueirando-se mais para perto. É enorme e ameaçador, e me olha como se eu fosse sua próxima refeição.

Sinto meu ferimento sangrando e a dor é brutal. Se eu puxar a corda do arco mais uma vez, provavelmente vou rasgar os pontos, se é que já não fiz isso. Mas não tenho outra arma, não tenho um poder, não tenho forças para lutar.

O lobo avança lentamente, rosnando, brincando com a comida.

O que eu faço? O que eu faço? O que eu faço?

Puxo a corda do arco. O lobo salta.

É um salto grande, forte, que o faz voar na minha direção com a mandíbula aberta e os dentes afiados como navalhas à mostra, pronto para me esfaquear.

Impulsivamente, instintivamente, tiro a flecha do arco, seguro a haste e levanto a ponta de metal ao encontro do lobo que está no ar. A flecha penetra fundo no coração dele, espirrando sangue quente em mim antes de ele cair no chão com uma pancada surda.

Estou ofegando, ainda tentando processar o que aconteceu, quando ouço um grunhido atrás de mim. Giro a tempo de ver Kai descer a lâmina da espada contra a lateral de um lobo, abrindo-o com um movimento fácil. Ele se vira rapidamente para a outra fera que se arrasta na sua direção, já sofrendo de um ferimento brutal, mas ela continua a avançar, rosnando. Quando o lobo se lança contra ele em uma última tentativa de cravar os dentes na sua carne, Kai gira a espada para cima em um arco amplo, cortando facilmente o peito da criatura, e quando ela cai no chão, ele segura o punho da arma com as duas mãos e crava a ponta da lâmina no tronco do lobo.

Então, fica parado por um momento, parecendo o assassino que foi criado para ser. Depois arranca a espada, limpando a lâmina sangrenta no pelo do animal morto. Começa a dar meia-volta e pergunta:

— Ainda está viva aí atrás?

Inspiro o ar com força quando ele se vira, mostrando a mordida funda no ombro. A partir da marca de dentes serrilhados, escorre sangue por todo o meu braço, pingando sobre os dedos. Seus olhos encontram os meus e se arregalam ao descobrir alguma coisa acima do meu ombro.

— Abaixar-se — ordena, e não hesito antes de me agachar.

Em um instante, Kai tira do bolso uma estrela de arremesso e a faz voar pelo espaço onde minha cabeça estava apenas um instante atrás.

Ouço alguma coisa pesada batendo no chão com uma pancada forte e me viro, vendo o lobo que eu tinha acertado na pata a pouco mais de um metro de mim enquanto se esgueirava para a matança. Só que agora ele está morto no chão com uma estrela de arremesso se projetando do olho.

Me levanto lentamente, respirando fundo.

— Você está certo. Nós formamos uma ótima equipe.

Ele olha para longe, balançando a cabeça e rindo.

— É, a não ser pelo fato de que você não escuta as ordens.

— Ordens? — ironizo. — Não sou um dos seus soldados, Kai.

— Certo, não é. — Ele se aproxima de mim, e vê-lo tão ensanguentado é subitamente intimidante. Mas me obrigo a permanecer firme quando ele para à minha frente. Está perto o bastante para eu ver seus olhos esfumaçados se transformarem em gelo. — Meus soldados não significam nada para mim. São descartáveis e fáceis de substituir. — Seu peito arfa, os olhos fixos nos meus. — De modo que sim, Gray. Você *não é* um dos meus soldados.

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai. Kai fecha os olhos, solta um suspiro fundo e só os abre de novo quando volta ao seu eu frio e controlado. Todos os traços do homem frenético e irritado desapareceram. Posso senti-lo recuperando o jeito presunçoso e casual enquanto tenta aliviar o clima.

Girando lentamente, ele observa a carnificina ao redor e diz apenas:

— Bom, parece que não vamos passar fome hoje à noite.

Entro no jogo, mas minha voz está fraca.

— É bom saber que não sobrevivemos a um ataque de lobos só para morrer de fome.

Os olhos dele ficam sombrios ao se virarem na direção do meu ferimento que sangra por baixo da roupa.

— Seus pontos. Será que eles...

Levanto a camiseta e espio por baixo do curativo ensanguentado. O alívio me inunda quando vejo o fio ainda se prendendo à pele. O esforço da luta só esticou os pontos, fazendo o ferimento sangrar, mas felizmente eles não se romperam. Acho que eu estaria muito pior se isso tivesse acontecido.

— Não. — Respiro fundo. — Não se romperam.

Kai passa a mão pelos cabelos antes de embainhar a espada, mas não deixo de perceber a ligeira careta que esse ato provoca, devido ao ombro rasgado. Aponto para o toco atrás dele e digo:

— Sente-se.

Agora sou eu que estou dando ordens.

Kai faz a minha vontade, sorrindo enquanto se senta, e eu me

aproximo.

— Você está toda ensanguentada — diz ele, em um tom de voz casual demais.

— E você está pingando sangue. Mas, para a sua sorte — dou um sorriso doce —, posso fazer o unguento certo para isso.

Ele solta o ar com força, balançando a cabeça para o céu.

— Claro que pode. Você e seus *ungentos* vão acabar comigo.

— Sabe — murmuro, examinando a mordida com atenção —, estou começando a achar que você gosta de se machucar, nem que seja só para ter minhas mãos no seu corpo.

Kai solta uma risada grave. Praticamente posso sentir seu olhar deslizando sobre mim quando ele diz:

— Ah, não estou obrigando você a fazer nada, meu bem. Pode me deixar sangrando, se precisar. Porque eu só quero suas mãos no meu corpo se você *quiser*.

Meus olhos vão rapidamente na direção dos dele, que já me encaram fixamente. Estou travando um jogo muito perigoso.

Manejando uma lâmina afiada e esperando não me cortar. Brincando com fogo e esperando não me queimar. Nadando em uma correnteza perigosa e esperando não me afogar.

Ele é perigoso.

E, mesmo com esse pensamento ecoando na mente, sustento seu olhar e ponho as mãos no seu corpo.



CAPÍTULO 28



Kai

Faz três dias que um lobo me mordeu. Três dias desde que Paedyn pôs as mãos em mim depois que eu lhe disse para só fazer isso se ela *quisesse*. E acho que desde então não consegui recuperar o fôlego. Sempre que ela me olha, sinto que estou com dificuldade para respirar. Odeio isso.

Mentiroso.

Foram três dias longos e monótonos. A coisa mais lucrativa que conseguimos foi encontrar uma camisa para mim — outro presente deixado para os competidores. O riacho e a pequena clareira ao redor se tornaram nossa base, mas não passamos muito tempo ali durante o dia. Nossa rotina fantástica consiste em nos separar adentrando na floresta para procurar qualquer outro oponente. Porém, o esforço para coletar mais tiras de couro tem sido não somente inútil, como também insuportavelmente tedioso. Eu preferiria que não nos separássemos, simplesmente porque me entretenho muito mais quando Paedyn está comigo, mas ela insistiu que cobriríamos mais território isoladamente.

Até agora isso ajudou muito.

O sol está baixando depressa e estrelas decoram o céu que começa a desaparecer na noite. Volto ao acampamento e desonto a frustração nas plantas pelo caminho, cortando-as com a espada.

Nada. Por enquanto, nenhum de nós encontrou outro oponente. Apenas cobras, muitas cobras. Além dos coiotes, as cobras têm sido as únicas visitas com as quais tivemos de lutar ultimamente.

Ouçó o riacho borbulhando antes mesmo de vê-lo. A pequena clareira surge, e Paedyn também. Está sentada em um toco, girando a aliança de prata no polegar, olhando o fogo com a expressão vazia e o cabelo soprando à brisa suave.

Pego alguns gravetos e vou até lá, jogando-os nas chamas antes de me sentar em um toco diante dela.

— Bom, não estou vendo nenhum ferimento novo, então não teve sorte, não é?

— Você me ofende achando que eu não sairia de uma luta ilesa. — Depois de ver meu olhar cético, ela finalmente resmunga: — Não, não tive sorte.

Olho-a com atenção, avaliando o modo como ela morde o interior da bochecha, gira a aliança no polegar, balança a perna.

Ela é um turbilhão de energia contida, devorada pela ansiedade. Mas eu a deixo pensar, dou-lhe tempo antes de tentar obter repostas sobre o que a deixa tão tensa. Acabamos sentados em silêncio, eu mastigando uma carne de coelho dura enquanto Paedyn mastiga o interior da sua bochecha.

O sol já baixou no horizonte, pintando o céu com tons suaves de laranja e rosa, quando finalmente rompo o silêncio com um suspiro.

— Certo, o que há de errado? Pode desembuchar.

— Hein? — Ela afasta o olhar da fogueira, me encarando antes de decidir que as chamadas são mais interessantes. — Nada. Estou bem.

Quase rio. Aprendi do modo mais difícil que essas são palavras que nunca é bom ouvir uma mulher dizendo, e é óbvio que ela não está nem um pouco bem. Atijo o fogo e suspiro.

— Você mente muito mal, Gray.

Finalmente, Paedyn me encara e, do nada, começa a gargalhar. Prendo o fôlego, vendo como sua cabeça se inclina para o céu, o cabelo prateado cascadeia pelas costas, os olhos se franzem, divertidos. Ela olha para mim, depressa demais, e eu espero ter disfarçado a expressão de desejo suficientemente rápido.

Ela é tão linda e, ao mesmo tempo, tão teimosamente alheia ao modo como o pôr do sol fica desbotado comparado à vibração que *é ela*.

O que há de errado comigo?

— Vou fazer você ver que eu sou *ótima* em mentir. — Ela mal consegue dizer as palavras sem fungar, como se tivesse contado uma piada e eu não tivesse entendido o desfecho.

— Hum. — Ponho um pedaço de carne na boca. — Vou ter que discordar.

— Ah, é mesmo?

— É.

Ela se inclina para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos.

— Esclareça, príncipe.

Bom. Deixe-me distrair você.

Meus lábios formam um sorriso.

— Sem querer, você acaba revelando que está mentindo, meu bem.

— Não revelo, não.

Paedyn não está mais rindo, e eu quase me arrependo de ter dito

alguma coisa.

— Quando mente, você bate com o pé esquerdo muito de leve. — Ela fica boquiaberta e eu rio. — Comecei a notar isso quando você disse que odiava minhas covinhas. E obviamente nós dois sabemos que isso é mentira.

Consigo me abaixar antes que a pedra que ela joga acerte meu crânio. Agora, sou eu que estou rindo. Ela volta a atenção para a fogueira, lutando contra um sorriso.

— Não tinha percebido que você me observava com tanta atenção.

— *Observava?* Meu bem, eu nunca parei.

Ela me encara, e vejo uma emoção que não consigo identificar ondulando naqueles olhos de oceano.

E lá está ela de novo, girando a aliança de prata no polegar.

Interessante.

— Por que você está fazendo isso? Sério. — Suas palavras atravessam meus pensamentos e a encaro, mas agora seu olhar está fixo nas chamas. — Por que você simplesmente não pegou minha tira de couro e me deixou?

Ouçõ as palavras não ditas ecoando na minha cabeça.

Me deixou para morrer.

Então ela me encara com os olhos inundados de emoção. Quer uma resposta, *precisa* saber o motivo de eu não ter agido como o monstro que fui moldado para ser.

Abro a boca, esperando que uma boa resposta saia. Excesso de otimismo, acho, porque suspiro e acabo dizendo:

— Sabe, nós não chegamos a terminar nossa dança.

Ela pisca para mim, atônita.

— Isso não foi uma resposta.

— É porque nós ainda não dançamos. A essa altura, você já deveria saber como isso funciona, Gray. Nós dançamos e você ganha sua resposta. Ou não dançamos e... bom, você vai ficar revirando todas as suas perguntas a meu respeito.

Ela solta uma risada.

— Você está de brincadeira. Isso de novo, não.

— É, isso de novo. — Fico de pé e vou até onde ela está sentada em seu toco. — Bom — estendo a mão com uma reverência indolente —, vamos dançar ou não, Gray?

Paedyn revira os olhos, tentando reprimir o sorriso que aparece em seus lábios.

— Ótimo.

Ela coloca a palma da mão na minha e o mero contato faz minha

pulsação acelerar.

O que essa garota fez comigo?

Damos alguns passos para longe da fogueira, com o luar brilhando e as estrelas cintilando. Levo uma das mãos dela até meu ombro e seguro a outra, com cuidado para não forçar os pontos da ferida. Então, toco sua cintura, passando o braço pelas suas costas e a trago mais para perto. Ela provoca uma sensação familiar demais nos meus braços e eu absorvo cada detalhe, memorizo cada movimento.

Começamos seguindo o ritmo apenas dos nossos batimentos cardíacos e dos grilos cricrilando ao redor. Estamos engolidos pela escuridão, meras sombras à luz trêmula da fogueira.

— Não tem música — diz ela, a voz seca misturada com diversão.

— Bom, então acho que não vamos saber quando parar de dançar. Que pena.

Meu queixo roça o topo da cabeça dela antes de eu incliná-la para o chão, fazendo-a ofegar, surpresa.

— Não me provoque. Vou pisar nos seus pés — ameaça ela, ofegante.

Levanto-a de novo devagar, dizendo:

— Ah, não posso admitir isso. Ainda estou me recuperando da última vez em que dançamos.

Ficamos em silêncio por um momento, ouvindo os gravetos se partindo sob nossos pés e os estalos da fogueira. Através da camiseta fina e gasta, sinto o calor do corpo dela, a textura da pele sob a minha mão.

Isso está me distraindo.

A voz de Paedyn sai baixa quando ela rompe o silêncio, como se estivesse quase relutante em interromper o momento.

— Então, qual é a resposta à minha pergunta?

Certo. Isso.

— É realmente tão chocante eu não querer que você morra? — Inclino a cabeça um pouco para trás, para olhar seus olhos. — É tão chocante eu ajudar alguém?

Ela não hesita.

— É.

Quase rio.

— Não posso dizer que estou surpreso.

— É só que... — Paedyn faz uma pausa, o olhar saltando entre os meus olhos como se procurasse a resposta neles —, achei que você fosse mais parecido com seu pai.

As palavras dela me golpeiam com força. Meu pai é... bom, ele é um rei. É frio, rígido e raramente se impressiona, até mesmo com os filhos. Acho que, em certo sentido, me fez parecer com ele, me ensinou como

agir, o que sentir e, mais importante, o que não sentir. Graças a ele, eu criei um amontoado de máscaras diferentes que posso colocar ou tirar à vontade.

Sou uma confusão completa. Uma mescla de emoções abafadas e muros bem-construídos.

Mas como também não sei exatamente qual é a resposta à sua pergunta, faço outra:

— É por isso que você me odeia tanto? Porque achava que eu era como o meu pai, de quem você obviamente não gosta?

— Não odeio você — responde, depressa demais, parando para se perguntar se disse a coisa certa enquanto eu me pergunto por que ela não disse isso antes.

Meu sorriso sai torto.

— Ah, você não me odeia? Então, o que é isso? Cada ameaça contra a minha vida é uma declaração de amor?

— Eu disse que não *odeio* você, príncipe. Isso não significa que eu não o despreze.

Baixo a cabeça, meus olhos examinando os dela.

— Acho que você despreza o fato de *não* me desprezar.

Paedyn abre a boca, então a fecha com força e me encara com raiva. Parece que a deixei sem fala.

Bom, tudo tem uma primeira vez.

— Pode falar, Gray. — Eu sorrio, girando-a antes de puxá-la de volta. — Diga: estou errado?

— Acho que eu é quem estava fazendo perguntas a *você*, não é? — diz ela, me distraíndo e desviando minha atenção com seu sorriso destruidor e suas palavras deliberadas.

E ela acha que eu é que sou calculista.

Paedyn olha para longe de mim, mordendo o interior da bochecha antes de me encarar de novo.

— Você teria ajudado um dos outros? — Uma pausa. — Além de Jax e Andy?

Além das poucas pessoas de quem eu realmente gosto.

Um sorriso lento se espalha pelo meu rosto.

— Meu bem, duvido que a visão de alguém morrendo me afetaria tanto quanto você me afeta viva e saudável.

Ela engole em seco.

— Você é um conquistador descarado, Azer.

— Só com você.

— Hum. Agora parece que você também é um mentiroso descarado.

Abro um pequeno sorriso antes de dizer:

— É minha vez de fazer uma pergunta.

Ela abre a boca, provavelmente para me questionar, mas eu a interrompo:

— De todas as pessoas que estavam andando pela Alameda naquele dia, por que eu tive a sorte de ser roubado sem perceber?

A boca de Paedyn se fecha rapidamente antes de se abrir em um sorriso nem um pouco doce.

— Você se encaixava em um padrão.

— Um padrão?

— É. Você parecia metido a besta e atulhado de moedas. Esses são os meus alvos preferidos.

Chego mais perto dela.

— Bom, *este* alvo descobriu que foi roubado.

— Você descobriu *tarde demais*.

— Engraçado, na minha cabeça, lembro que peguei você pouco depois.

O sorriso dela é presunçoso.

— Só porque eu voltei e *salvei* você antes. — Ela ri. — O quê? Não acha que eu poderia roubá-lo de novo sem que você percebesse?

— Acho que eu percebo tudo que você faz. Então, não.

Ela faz uma pausa com o rosto perto do meu, momentaneamente atônita com minhas palavras. Eu sorrio, adorando vê-la confusa. Suas palavras seguintes saem baixas, lentas:

— Isso é um desafio, Azer?

— É um fato, Gray.

— É mesmo? — Paedyn balança alguma coisa entre nossos rostos. — Curioso, porque eu tirei isso de você quase imediatamente depois de começarmos a dançar.

Semicerro os olhos à luz fraca, xingando baixinho ao perceber o que é. A tira de couro de Braxton, que antes estava em segurança no meu bolso, agora está presa nos dedos dela, balançando diante do meu rosto.

— Estou impressionado, Gray. — Dou de ombros casualmente antes de acrescentar: — Estou quase em choque porque não notei, mesmo com toda a minha atenção voltada para você.

Ela revira os olhos.

— Distração.

Meu olhar percorre sua figura rapidamente antes de voltar àquele sorriso.

— Você é muito boa nisso, não é?

Ela está em silêncio, me observando com atenção antes de olhar para longe. Também desvio os olhos, me preparando para outra das suas

perguntas curiosas.

— Qual é a sua cor preferida?

Volto-me rapidamente para ela.

— O quê?

Quase engasgo de tanto rir.

— Sua cor preferida. Qual é?

Pela primeira vez, *eu* quase piso no seu pé, de puro choque e espanto.

— De todas as coisas que poderia me perguntar, você quer saber logo da minha cor preferida? — Não consigo evitar que o sorriso se espalhe pelo meu rosto.

Ela sopra uma mecha de cabelos de cima dos olhos, irritada.

— Eu sinto que não sei muitas *coisas* sobre você, por isso pensei em começar pelo básico. — Um suspiro divertido. — Estou pegando leve com uma pergunta fácil, portanto não me decepcione. Qual é a sua cor preferida?

Giro-a, nem que seja para me dar algum tempo para pensar. Eu nunca havia pensado em qual seria a minha cor preferida. Nunca pareceu importante.

Até ver aqueles olhos azuis como o oceano e perceber que me afogar poderia ser lindo.

Até ver aqueles olhos azuis como uma chama e perceber que me queimar poderia ser indolor.

Até ver aqueles olhos azuis como o céu e perceber que cair poderia ser pacífico.

Eu nunca havia pensado em qual seria minha cor preferida porque não tinha visto nenhuma que merecesse o título. Até agora.

— Azul — digo, em voz baixa.

— Hum. — Ela está me olhando pensativa, me estudando com sinceridade. — Eu jamais teria adivinhado.

Nem eu.

— E a sua? — pergunto, olhando-a pensar.

Paedyn abre a boca e depois fecha, avaliando alguma coisa. Seu maxilar fica tenso.

— Não tenho nenhuma. — Dando de ombros ligeiramente, ela pergunta: — Comida ou sobremesa preferida?

— Estamos no meio de um desafio mortal e você me pergunta sobre minha comida favorita?

Sou ignorado.

— Bom, não é coelho. Vejo como sua boca se retorce quando você come...

— Eu não retorço... — Faço uma pausa, rindo. — Você andou

olhando minha boca, Gray?

Ela abre a dela para discutir, mas em vez disso bufa:

— Só responda à porcaria da pergunta, Azer.

Dou um risinho e a faço girar lentamente.

— Fácil. Torta de limão.

Ela arqueja.

— Está brincando. Torta de limão? Você é um príncipe rico que pode comer o que quiser e escolhe *torta de limão*?

— É, *torta de limão* — imito. — E vou fazer você comer uma comigo quando a gente finalmente sair daqui.

— Só por cima do meu cadáver.

Meu sorriso é maligno.

— Isso pode ser arranjado.

E lá vai ela, cumprindo com sua ameaça de pisar no meu pé, já que os dela são sua única arma no momento.

— Ops.

— Coisinha maligna — murmuro baixinho.

— Você não viu nem a metade, príncipe.

— Ah, mas espero ver um dia.

Ficamos em silêncio por um momento, examinando um ao outro antes de eu finalmente pedir:

— Então me diga qual é a sua comida favorita, já que você parece achar que ela é tão melhor do que torta de limão.

— Ah, acredite quando eu digo que é *muito* melhor do que torta de limão.

— Bom, não me deixe tentando adivinhar, Gray.

Ela inclina a cabeça na direção da minha enquanto diz, confiante:

— Caramelo.

— Caramelo — repito, memorizando a informação.

— É. — Ela sorri, mas percebo a tristeza no seu rosto. — Meu pai dava caramelo aos pacientes dele. E sempre que curava um ferimento meu, ou quando eu ajudava a curar o de alguém, a gente comia caramelo depois. Era uma espécie de recompensa.

Ficamos em silêncio um tempo.

— Vocês dois eram muito próximos.

— Éramos. Mas você e seu pai não são, certo? Principalmente depois do que ele fez você passar.

Me sinto grato por ela não demonstrar sentir pena de mim em seu tom de voz, ainda que sua aversão pelo rei seja clara. Uma risada baixa, amarga, me escapa.

— É. Eu sou mais soldado do que filho e ele é mais rei do que pai. É

difícil criar proximidade quando o único tempo que nós passávamos juntos era treinando, e eu não ficava exatamente ansioso por esses encontros.

— E sua mãe?

— Ela é tudo que eu poderia pedir — respondo, sincero. — Tudo de que eu precisava quando era pequeno. É uma das únicas constantes na minha vida, uma fonte de gentileza e carinho.

— E, ainda assim — hesita ela —, deixou seu pai fazer o que ele fez?

Faço uma pausa, falando ao mesmo tempo que lembro a mim mesmo.

— Ela não tinha exatamente uma escolha. E me tornar o futuro Executor é o meu dever, não importando os métodos para alcançar isso.

Paedyn me encara com aquela expressão que nunca consegui identificar exatamente. Seria espanto? Confusão? Em um momento, ela é um livro aberto. No outro, mal consigo olhar a lombada.

Ela continua me enchendo de perguntas. A maioria aleatória, mas todas igualmente importantes para ela. Conta histórias de quando era pequena e eu faço o mesmo, ouvindo-a rir das minhas idiotices e do Kitt.

— Bom, me conte sobre o seu lábio partido que vi quando nós nos conhecemos — peço, com as sobrancelhas erguidas.

Ela ri e o som serpenteia pela minha coluna.

— Eu não menti quando disse que foi presente de um dos seus Imperiais.

— Certo. Você me informou disso quando estava com sua adaga na minha garganta, não foi?

— Mais ou menos isso.

— Bom, ainda não sei dos detalhes sobre como você conseguiu aquilo.

— Meus olhos ficam sombrios com esse pensamento. — Não reajo bem quando fico sabendo que meus Imperiais batem em mulheres.

— Ah, é? Então provavelmente deveria saber que aquela não foi a primeira vez. — Suas palavras saem casuais, contundentes. — Para resumir uma longa história, ele não acreditou que eu era Psíquica, por isso eu provei. Ele não gostou muito do que eu tinha a dizer.

Encaro-a incrédulo.

— E o quê? Você simplesmente aguentou a pancada?

— Sim, mas não antes de tirar um pouco do orgulho dele.

— Por que não estou surpreso com isso?

Paedyn me dá um sorriso malicioso.

— Provavelmente porque você se acostumou demais a ser humilhado por mim, príncipe.

— É verdade. — Faço uma pausa, observando-a. — Você nunca deixa de me surpreender, Gray. — Dou um risinho enquanto solto sua mão

para dar um peteleco de leve no seu nariz.

Ela empurra meus dedos para longe, bufando.

— E você nunca deixa de me irritar.

Seguro sua mão outra vez e a guio pelo meu braço até que as duas palmas pousem nos meus ombros. Depois envolvo sua cintura, tendo cuidado com a parte ferida, e a puxo mais para perto.

Ficamos apenas girando.

Nada de passos elaborados, nenhuma valsa para acompanhar o ritmo. Somente nós dois, no meio da floresta, cercados por milhares de estrelas piscando. Seus cílios estremecem e então seus dedos se cruzam na minha nuca.

A tensão entre nós aumenta, como uma corda invisível nos conectando. Minha pulsação acelera, assim como a respiração dela, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Nunca deixo de irritar você, é? — Olho seu rosto enquanto a puxo impossivelmente para perto. — E agora? Isso é uma exceção?

Paedyn engole em seco e abaixa a cabeça, sem responder. Eu sorrio ligeiramente, tentando fazer com que ela fale, um problema que jamais tive de enfrentar antes.

— Pae?

Ela continua sem responder.

Seguro o queixo dela, guiando gentilmente seu olhar para o meu. Há uma confusão desenhada em todo o seu rosto quando ela solta um sorriso trêmulo.

— Estou irritada porque *não* estou achando isso irritante.

Minha mão aperta a cintura dela como se pudesse pegar fogo com a sensação. Estou perplexo percebendo como essa garota mexe comigo, com medo do quanto sou afetado. Isso me faz sentir ao mesmo tempo fraco e maravilhado. Assustado, mas *vivo*.

— Por que você não atirou em mim, Paedyn?

A pergunta escapa da minha boca, curiosa e em voz baixa. Ela inclina a cabeça, me examinando.

— Você vai ter de ser mais específico do que isso, Azer.

Ela está se esquivando.

Abro um sorriso, sabendo que ela sabe do que estou falando.

— Há alguns dias, você poderia ter atirado uma flecha em mim, mas disparou contra o chão. Quero saber por quê.

Ela faz uma pausa, pensando na resposta. Seus olhos se fixam nos meus.

— Só porque eu estava condenada à morte não significa que desejava condenar você também.

O olhar de Paedyn percorre meu rosto, e eu adoro a sensação.

Então, ela recua.

Suas mãos estão de volta nos meus ombros, rígidas e teimosamente imóveis. Seu rosto se volta para o céu, optando por olhar para as estrelas e não para mim. Ela suspira, controlando-se em silêncio.

Estou fazendo o mesmo, tentando me controlar depois que ela recuou.

Sim, somos oponentes. Sim, eu sou o futuro Executor. Sim, eu sou um assassino que não tem o direito de querer ficar com ela. Mas há algo a mais, algo que a fez se recusar a admitir essa conexão confusa que nós compartilhamos.

Pela Peste, estou irritado porque admiti isso para mim mesmo.

Minhas máscaras ainda estão à disposição, meus muros continuam no lugar, mas ela está destruindo lentamente minhas fachadas e minhas fortalezas. E, de repente, fico com raiva de mim mesmo por permitir isso. Por me permitir *gostar* dela. Por me permitir pensar nela de qualquer modo que não como minha competidora.

Porque Paedyn deixou claro que, para ela, eu sou apenas isso.

— Kai. — O som do meu nome saindo baixinho dos lábios dela me arranca dos pensamentos. — Eu...

Uma voz suave, feminina, interrompe as palavras dela.

— Desculpe interromper, mas vocês dois têm uma coisa da qual eu preciso.



CAPÍTULO 29



Daedyn

A voz ecoa, vindo de todos os lados. Kai e eu nos separamos em um pulo, girando instintivamente para ficarmos com as costas apoiadas um no outro. Forço a vista em direção à luz fraca onde silhuetas altas e escuras começam a tomar forma. Um suspiro relutante ressoa na escuridão, amplificado pelos vários corpos à nossa volta.

Estamos encurralados.

Todas dão um pequeno passo à frente, cercando-nos como uma corrente humana. Dezenas de olhos castanho-esverdeados brilham à luz da fogueira, com os cabelos escuros e a pele se iluminando no entorno.

Sadie.

— Só quero as tiras de couro de vocês, depois vou embora. — Ela quase sorri, olhando seus clones ao redor. — Bom, *nós* vamos embora.

Kai suspira, parecendo irritado.

— Você sabia que nós não iríamos entregar nossas tiras, e mesmo assim nos interrompeu.

— Tudo bem — diz Sadie, secamente. — Então me dê uma tira e ninguém precisa se machucar.

Vislumbro o arco que está a poucos metros — a poucos metros de mim e atrás da parede de Sadies. Não tenho uma arma para me defender e nunca me senti tão exposta. É como se tivéssemos sido despidos. Quase sinto o fantasma da adaga do meu pai junto à coxa, me fazendo desejar, mais do que tudo, que ela estivesse aqui comigo.

Os clones nos observam enquanto Kai e eu permanecemos em guarda, e então fixam os olhares em mim.

— Não quero machucar você, mas vou fazer isso, se precisar. — Sadie faz uma pausa e sua voz está calma, sem qualquer sentimento, quando diz: — Se for necessário para vencer, eu vou.

Estou prestes a respondê-la quando dedos calejados roçam os meus, segurando minha mão às costas. Levo um susto, mas Kai abre meu punho e me passa um objeto frio e denso, enrolando meus dedos em volta dele.

Então, com a mesma velocidade, se afasta.

A coisa pica minha pele, gumes pontudos quase me furando. Luto para não sorrir quando percebo o que ganhei.

Uma arma. Ele me deu uma chance de lutar.

É uma arma pequena, mas ainda é uma arma. Seguro a estrela de arremesso, não me importando com as perfurações na pele. O objeto minúsculo pode ser a diferença entre a vida e a morte.

A única arma de Kai é a espada presa à cintura, mas, na verdade, ele mesmo é uma arma. Fico chocada que ele não tenha sentido o poder de Sadie se aproximando, mas acho que não posso culpá-lo, considerando como *eu* estava distraída com as mãos dele em mim, com suas palavras cheias de significados ocultos, com as batidas do meu coração quando ele chega perto demais.

Respiro fundo.

Um problema de cada vez.

— Então acho que, se tem alguma esperança de pegar minha tira, você vai ter que me machucar — digo, respirando fundo, olhando as Sadies darem um passo lento adiante.

Ela balança a cabeça como se estivesse decepcionada com essa decisão.

— Ótimo. Mas não diga que não avisei.

Então, Sadie está à minha frente, segurando a ponta de uma adaga curta junto à minha garganta. Antes mesmo da próxima batida do meu coração, ela já puxou meu braço e me deixou de costas contra seu peito. A lâmina penetra mais fundo na minha pele a cada curta respiração.

— Vou pedir mais uma vez. — A voz de Sadie sai aguda, muito diferente do tom suave que estou acostumada a ouvir. — Me dá sua tira, Kai, ou eu corto a garganta dela.

O príncipe fica parado, olhando a cena, parecendo totalmente inabalado. Ele sabe que eu posso me virar sozinha. Apesar de eu me sentir lisonjeada por isso, no momento seria bom ter alguma ajuda. O sangue quente começa a escorrer pelo meu pescoço e eu me obrigo a permanecer calma.

Kai dá de ombros.

— Faça isso, então. — Ele assente para a lâmina apertada contra a minha garganta. — Veja se eu me importo. No final, somos só oponentes. Vai haver menos concorrência.

Quase consigo ouvir Sadie piscar, desacreditada, atrás de mim. Ela está nitidamente perplexa com a falta de preocupação dele, ainda mais depois de nos ver dançando juntos apenas alguns minutos atrás. Eu mesma ficaria, se não estivesse tão acostumada com as máscaras dele — se não reconhecesse a fachada fria que acabou de levantar.

Sinto-a tensionar.

— Eu pago para ver, Príncipe.

A mão dela faz um movimento, começando a cortar mais fundo a minha pele. Até que eu a golpeio.

Cravo a estrela de arremesso, afiada como uma navalha, na barriga de Sadie, apertando-a enquanto empurro sua mão que segura a faca para longe do meu pescoço. Ela grita e se sacode para longe, me jogando contra Kai. Bom, contra um deles. Agora existem várias formas musculosas, todas espelhando seus cachos pretos revoltos e olhos de tempestade. Ele absorveu a habilidade de Sadie.

Trombo no peito de Kai antes que suas mãos fortes segurem meus braços. Quando olho seu rosto, ele tem a coragem de dar uma *piscadela* antes de dizer:

— Bom trabalho, Gray. Sempre posso contar com você e com as suas tendências violentas.

Com isso, ele gira e crava a espada em uma cópia de Sadie.

Um bando de Sadies está cercando Kai e suas cópias, mantendo-o ocupado e incapaz de chegar à verdadeira Sadie e encerrar a luta rapidamente. Isso me lembra de um dia treinando no castelo, quando vi Sadie e Braxton lutarem e dançarem um em volta do outro, até que ele partiu para cima da figura original, finalmente derrubando-a e vencendo.

É exatamente o que vou fazer. Só que, diferentemente das ilusões de Ace, que eu já tive o prazer de enfrentar, as cópias de Sadie podem me tocar e me ferir. Com esse pensamento inquietante, me movo nos calcanhares, preparada para golpear. Dou as costas para as cópias em volta de Kai, sabendo que ele pode se virar sozinho e que confia que eu posso fazer o mesmo. Só restam três Sadies, duas das quais protegem a verdadeira, que no momento aperta o ferimento na barriga com a mão sangrenta. As três se viram rapidamente na minha direção e mal tenho tempo de assumir a postura de luta antes que uma delas me ataque.

Infelizmente para mim, Sadie sabe lutar. Como seu poder é o de duplicar o próprio corpo, é claro que sua força está nos números. Mas treinou para que suas cópias tenham ímpeto próprio.

Um gancho de direita voa para o meu rosto e eu me esquivo por baixo, dando um soco rápido na barriga da Sadie que me atacou; ela cambaleia para trás, grunhindo, e eu uso a oportunidade para dar um chute na lateral da sua cintura. Ela segura minha perna e a puxa — exatamente o que eu estava esperando. Agarro seus ombros e pulo, acertando o outro joelho na sua barriga. O clone larga minha perna com um grito de dor e eu enfio a aliança no dedo médio antes de dar um soco na sua têmpora. Murmuro um palavrão, sacudindo a mão que arde, mas

ela apagou antes mesmo de cair no chão.

Sinto a mão de Sadie puxar meu cabelo com força e minha cabeça se inclina bruscamente para trás. Fico ofegante, com a respiração estrangulada, quando o cotovelo dela envolve meu pescoço, esmagando a traqueia. Não consigo respirar, tonta de dor, e sinto a visão ficar turva. Mas piso no pé de Sadie antes de dar uma cotovelada com força no seu estômago. Ela afrouxa o aperto e eu giro, segurando sua nuca e acertando seu nariz com o joelho bruscamente. Sadie gagueja e estica o punho, conseguindo acertar meu queixo. Ignoro a dor excruciante e me abaixo, dando uma rasteira, antes de seus pés se afastarem. Ela bate no chão com uma pancada forte, mas já desviei a atenção para longe do seu corpo esparramado.

Meus olhos encontram os castanho-esverdeados flamejantes que pertencem à verdadeira Sadie. Ela dá um passo na minha direção, o sangue escorrendo entre os dedos que cobrem o ferimento.

— Só saiba que eu não quero fazer isso — diz, com a voz tensa —, mas preciso.

E então os punhos dela voam para mim em uma combinação de ganchos, jabs e uppercuts. Fico impressionada com a velocidade e a força que ela ainda possui depois de ser ferida e me obrigo a me defender. Eu me esquivo dos golpes até que consigo acertar um, direto no queixo dela.

Sadie geme de dor e manda um chute giratório contra a minha têmpora. Mal consigo bloqueá-lo. Seu calcanhar acerta de raspão a lateral da minha cabeça. Dançamos em volta uma da outra, em várias combinações de socos e chutes. Seu punho acerta meu lábio e vira minha cabeça bruscamente para o lado, me fazendo cuspir sangue. Dou um chute forte na sua cintura já ferida e ela grita de dor. Em seguida, acerto um soco embaixo do seu queixo, outro no ferimento e um chute na têmpora.

Ela grita, tentando me acertar com um soco vagaroso, mas eu seguro seu pulso com facilidade e torço-o em um ângulo violento antes de lhe dar uma joelhada na barriga. Seguro sua camisa com uma das mãos enquanto a outra está fechada, recuada e pronta para golpear. Mando-a na direção do seu rosto, pronta para encerrar essa luta com um soco final.

Só que meu punho não se move.

Mãos frias seguram meus dois pulsos, puxando meus braços com força e os apertando às minhas costas. Estou tão chocada, tão tensa e cansada que não consigo resistir, não posso fazer nada para soltar as mãos.

Minha cabeça gira e estou cara a cara com uma Sadie de nariz sangrando com quem lutei pouco antes.

— Olhe para mim, Paedyn.

Viro-me para a Sadie original, agora segurando uma faca nas mãos sangrentas. Dou um chute contra as pernas da que está atrás de mim, o que só faz com que ela chute a parte de trás dos meus joelhos, me fazendo cair no chão.

Sem amparo. Sem poder.

Sadie para diante de mim, parecendo pensar em alguma coisa enquanto permanece ajoelhada à sua frente.

— Você nunca vai parar de lutar comigo, não é?

Eu me sacudo em resposta, presa pelas mãos da outra Sadie, tentando desesperadamente me soltar. Ela balança a cabeça com uma expressão de remorso.

— Talvez Kai estivesse certo. Quanto menos concorrência, melhor.

Ela segura o cabo da adaga com as duas mãos, levantando-a acima da cabeça.

Então é assim que eu morro.

Sobrevivi a vida inteira como uma Comum, e é assim que a coisa termina.

Morta por uma mera adaga. Não sei se quero rir ou chorar.

Sadie segura a faca acima da cabeça, pronta para mergulhá-la no meu coração que bate rapidamente, enquanto sussurra:

— Eu disse que não queria fazer isso, mas preciso.

Kai vai ficar furioso. Salvou minha vida à toa.

— Sinto muito — murmura Sadie, apontando a lâmina rapidamente para o meu coração. E de repente, de um jeito impossível e inacreditável, me sinto preparada para isso.

Verei você logo, pai.

Nada.

A lâmina para a centímetros do meu coração.

Estou tremendo, os olhos indo da faca imobilizada para minha quase assassina. O sangue jorra da boca de Sadie, seguido por um gorgolejo ofegante que escorre entre os lábios. Ela abaixa a cabeça, em choque. Acompanho seu olhar até a espada que atravessa seu peito.

A adaga escapa dos seus dedos enquanto lágrimas escorrem por suas bochechas. A garota cambaleia para trás, ofegante, batendo contra um peito largo. Kai a envolve com os braços e gentilmente a guia até o chão enquanto um som gorgolejante e repulsivo sai dos lábios dela.

Subitamente, Sadie está em silêncio, os olhos castanho-esverdeados fixos no céu preto — arregalados, vidrados, sem enxergar.

As Sadies em volta de nós deixam de existir, liberando minhas mãos para cobrir a boca quando engasgo, ofegante. Estou tentando entender o

que acabou de acontecer, tentando respirar, chiando debilmente.

Kai se ajoelha ao meu lado, a testa franzida de preocupação.

— Você está ferida? — Ele me examina com o olhar e com o toque, percorrendo levemente o meu corpo, procurando ferimentos, como tinha feito algumas noites atrás. — Paedyn, olha para mim. — Suas mãos ásperas seguram meu rosto, me obrigando a fitá-lo. — Ela machucou você?

— Eu... eu estou bem.

Não estou bem.

Odeio essas Provas porque promovem assassinatos, e acabo de testemunhar um em primeira mão. Fiz parte disso. Não pedi que acontecesse, nunca quis a morte de ninguém. E agora outra vítima das Provas está caída imóvel, pertinho de mim.

Eu disse que não queria fazer isso. Mas preciso.

Sadie não queria me matar, mas quase desejo que tivesse conseguido. Quase desejo que eu tivesse um motivo para odiá-la, um motivo para lhe desejar esse destino. Mas foram essas Provas corruptas que forçaram sua mão trêmula a levantar a adaga acima da cabeça, que a forçaram a quase tirar uma vida.

Olho seu corpo sangrento, caído tão perto de mim. Uma imagem do meu pai salta diante dos meus olhos, substituindo a garota que tentou me matar pelo pai que teria matado por mim. Eu o vi morrer de modo semelhante e tento afastar a imagem, piscando os olhos. Mas seu corpo sangrento não desaparece...

— Ei, olha para mim, tudo bem? Não olha para ela, olha só para mim.

Kai continua segurando meu rosto delicadamente quando volto a encará-lo, tentando focar outra coisa que não a morte. Só que o próprio príncipe parece a morte encarnada, uma arma pronta para ser usada.

— Concentre-se nos meus olhos. Sei como você gosta de olhar para eles.

Os olhos cinzentos brilham, divertidos, e os cantos dos lábios se curvam para cima. Fico boquiaberta. Ele me conhece a ponto de saber que vou começar a criticá-lo por causa desse pequeno comentário, por isso coloca um dedo em meu lábio antes que eu tenha a chance de falar algo.

— Concentre-se nas covinhas que você tenta se convencer que odeia, mas que eu sei que roubam o seu olhar sempre que eu sorrio. — Seu sorriso se alarga e meus olhos traiçoeiros vão rapidamente na direção das covinhas que o emolduram.

O polegar passando no meu lábio inferior faz com que, com relutância, eu me volte para os seus olhos de novo.

— Concentre-se nos meus lábios. — Sua voz é um murmúrio, uma carícia, como os dedos que roçam no meu rosto e na minha boca. — Não seja tímida, sei que não seria a primeira vez.

Volto-me para os lábios dele, percorrendo a curva sinuosa. É fácil demais olhá-lo, admirá-lo. Tudo nele é irritantemente sedutor, distrai com facilidade demais...

Distrai.

Quando meus olhos se iluminam com a percepção do que ele está fazendo, seu sorriso esperto me diz que estou certa. Esse garoto calculista acabou de desviar minha atenção de um cadáver usando apenas a si mesmo como distração.

— Tem certeza de que isso era para me distrair e não para inflar o seu ego? — pergunto, com a voz enganosamente calma.

— Por que não podem ser as duas coisas?

— Imbecil — murmuro.

Kai não parou de sorrir para mim.

— Posso ser um imbecil, mas acabei de salvar sua pele. — E, sem aviso, o sorriso desaparece, substituído por um olhar analítico sério. — Como você está? Já se acalmou?

Respiro fundo e fecho os olhos por um momento. Uma imagem do corpo ensanguentado de Sadie lampeja na minha mente e se transforma na imagem do meu pai.

— Estou bem agora — minto, odiando como minha voz sai tensa.

Ele balança a cabeça, murmurando:

— Eu já disse. Você é uma péssima mentirosa, Gray.

Um riso trêmulo escapa da minha garganta. O som soa errado demais, tendo um corpo sem vida tão perto, mas parece que não consigo me controlar. Neste momento, minhas únicas opções são rir ou chorar, e eu me recuso a chorar.

Kai examina meu rosto, parecendo ver a batalha furiosa que se trava dentro da minha cabeça. Sem dizer uma palavra, passa um braço pela minha cintura e me ajuda a ficar de pé. Sei que eu deveria empurrá-lo, dizer que não preciso de ajuda. Mas estou fraca em muitos sentidos, e, neste momento, sua proximidade é meu único conforto.

Sou guiada até um toco de árvore, onde ele faz com que eu me sente, depois se agacha para me encarar de frente.

— Pae. — Ele diz a sílaba em uma voz suave demais. — Fique aqui e se acalme. É só respirar, está bem? Você ainda está em choque.

Concordo, entorpecida, enquanto Kai me avalia de novo. Seus olhos jamais se afastam dos meus enquanto ele levanta uma das mãos, devagar, e passa os dedos sobre os meus, como se procurasse alguma coisa. Eles

param no aço frio em volta do meu dedo antes de girarem a aliança preguiçosamente, espelhando um movimento com o qual estou familiarizada demais.

— Tente se distrair. Gire essa aliança como você sempre faz para se ocupar, para afastar os pensamentos.

Pisco, chocada por ele conhecer meus hábitos, por saber como me ajudar. Fico perplexa ao notar sua calma e seu controle depois de matar alguém, ainda que não devesse. Kai foi criado para isso, foi moldado até se tornar um assassino indiferente à morte que distribui. Contenho um tremor ao pensar nos horrores que esse garoto assombrado já cometeu. Os horrores que *suportou*. Ele se levanta.

— Vou... limpar isso. Já volto. — Kai suspira. — Pela primeira vez, ouça o que eu digo e fique parada.

Então, ele vai embora, e eu fico girando minha aliança, inquieta.



CAPÍTULO 30



Daedyn

Não obedeco, o que não é nenhuma surpresa. Assim que sinto a bunda dormente de tanto ficar sentada naquele toco ensanguentado, me levanto e começo a andar em círculos pelo acampamento, parando para jogar água do riacho no rosto e no corpo. Quando fico com frio, vou para perto da fogueira me deitar no chão duro com o qual estou tão familiarizada.

Me recuso a olhar enquanto Kai coloca o corpo de Sadie no ombro para tirá-lo dali. Não tenho ideia de onde ele a deixará. Percebi que também não quero saber. Deixo os pensamentos vagarem enquanto ele anda pela floresta com um cadáver pendurado no ombro.

Deitada de lado, olho a fogueira agonizante, com o braço embaixo da cabeça servindo como um travesseiro desconfortável. Agora minha respiração está controlada, sem os tremores da adrenalina e do choque. Posso estar deitada há horas, mas não me incomodo em tentar descobrir quantas.

De repente, vejo uma sombra passar e alguém se agachar atrás de mim.

Seguro o cabo da faca de Sadie e giro em um movimento rápido, levando a ponta da lâmina à garganta de quem decidiu que era uma boa ideia se aproximar. Dou de cara com olhos tempestuosos, parecendo mais divertidos do que assustados.

— Calma aí — murmura Kai, envolvendo meu pulso gentilmente com a mão áspera e afastando a adaga. — Sou só eu. — Ele esboça um sorriso e diz: — Se bem que duvido que isso impediria você de manter a lâmina na minha garganta.

Sorrio de leve ao pensar nisso, passando uma das mãos pelo meu cabelo emaranhado enquanto o encaro, agachado perto de mim.

— Como nós somos parceiros, não precisa se preocupar pensando que eu vou lhe dar uma facada — digo. — Por enquanto.

Ele solta uma risada e eu espero que a luz fraca esconda meu sorriso

ao ouvir o som.

— E quando não formos mais parceiros? Devo temer pela minha vida?

— Seria sensato, sim.

Mal o escuto murmurar:

— Coisinha maligna.

Ficamos em silêncio por um momento e meu sorriso começa a se esvaír aos poucos. Estou cansada e surpreendentemente confortável na terra compactada, por isso não me mexo ao perguntar:

— Você...

— Sim — interrompe ele, me poupando de falar sobre o corpo de Sadie.

Meu olhar vai até suas mãos e a fina camada de terra cobrindo-as. Há sujeira embaixo de suas unhas e em seus braços. Uma poeira amarela nas pontas dos dedos atrai meu olhar, um pó fino manchando a pele.

Terra. Pólen.

Minha voz é pouco mais do que um sussurro:

— Você enterrou ela.

Kai fica imóvel ao meu lado.

— E não só isso — continuo, encarando-o. — Você também colocou flores na sepultura.

O sorriso dele é quase triste, exausto.

— Nada escapa de você, Pequena Psíquica.

Kai estende a mão e dá um peteleco na ponta do meu nariz, como fez quando dançamos. De algum modo, esse gesto simples parece muito mais íntimo do que eu gostaria de admitir, como se tivéssemos compartilhado algo precioso, nos comunicando sem pronunciar uma única palavra.

Seguro sua mão antes que ele a afaste, tentando ignorar a sensação dos seus calos contra os meus.

— Obrigada, Kai. Foi bondade sua fazer isso por ela.

Os lábios dele estremecem e seus olhos baixam para nossas mãos antes de voltarem aos meus.

— Ah, eu não fiz isso por ela.

A intensidade do seu olhar me faz engolir em seco, mas não vacilo. Não *quero* me afastar. O príncipe passa o polegar sobre meus dedos, um movimento tão suave, tão gentil. Ele inclina a cabeça, me analisando.

— Como você está?

Abro a boca, mas Kai é mais rápido do que a minha resposta ensaiada.

— E não perca tempo dizendo que está bem, porque nós dois sabemos que é mentira.

Seu polegar acaricia meus dedos de novo.

— Eu... — Fecho os olhos e respiro fundo. — Estou me sentindo

como se quase tivesse morrido. Esgotada, perdida. Furiosa e frustrada por não saber *como* me sentir com relação a tudo isso. — Faço uma pausa enquanto ele espera, pacientemente, que eu continue. — E estou sentindo que devo agradecer a você. Eu teria morrido hoje, se não fosse por você.

Kai se aproxima, os olhos transbordando de emoções mal contidas.

— Eu vou salvar sua vida de novo e de novo, na esperança inútil de que você me permita permanecer nela.

Ficamos nos encarando.

As palavras bonitas fazem meu coração bater forte, o cérebro intrigado com possíveis significados. A tensão entre nós é tangível, tirando o meu fôlego enquanto ele me observa. Procuro alguma coisa para dizer, *qualquer coisa*, mas estou ocupada demais encarando-o para conseguir pensar direito.

Então, uma pergunta em voz baixa escapa pelos meus lábios, quebrando a tensão entre nós:

— Como você consegue ficar tão calmo depois de tudo isso?

Sei qual é a resposta, mas me pego querendo ouvi-la dos lábios dele.

— Eu nem sempre fui assim — responde, baixinho. — Mas a prática leva à perfeição, e eu tive muita prática.

Ficamos nos encarando em silêncio e, de novo, tenho dificuldade de encontrar algo para dizer. Então me lembro da tira de couro que roubei e a pego no bolso.

— Bom, acho que esse é o único modo que eu tenho de retribuir. Se bem que, na verdade, ela já era sua.

Kai dá de ombros, indiferente.

— Pode ficar.

A reação dele me faz bufar.

— Não quero a sua piedade.

— Não é piedade, Paedyn. — Ele suspira dizendo as palavras, o meu nome. — Além disso, agora eu tenho outra, e derrotar Sadie foi um esforço conjunto. — Encaro-o, preparada para discutir, já que nós dois sabemos que ele não *precisava* da minha ajuda. Kai não deixa de perceber o conflito em que estou. — Só fique com a porcaria da tira, Gray.

Se ele quer me oferecer a única coisa de que eu preciso para vencer essas Provas, tudo bem.

Vou ficar com a porcaria da tira de couro. Mas não antes de me divertir um pouco. Abro um sorriso.

— Diga “por favor”.

Ele afasta o olhar, balançando a cabeça para o céu estrelado.

— Você estava só esperando o momento certo para me fazer dizer isso, não é?

— Estava *ansiado* por esse momento, na verdade.

Kai se apoia nos joelhos dobrados enquanto se aproxima, o rosto pairando acima do meu. O sorriso que recebo como resposta é tão preguiçoso quanto o olhar que viaja pelo meu rosto.

— Por favor, Pae.

Um tremor desce pela minha coluna diante da carícia que é sua voz.

— Essas palavras parecem desconhecidas para você, príncipe.

— Graças a você, tenho a sensação de que vou me familiarizar muito com elas. Poucas pessoas têm o poder de me fazer implorar.

Engulo em seco, optando por ignorá-lo, e enfio a tira de couro no bolso. Viro o corpo para olhar o fogo de novo, subitamente com frio e contente em ficar quieta. A temperatura baixou muito e minha camiseta não consegue me esquentar.

— Mas tenho uma condição.

Reviro os olhos.

Claro que ele tem.

— E qual seria? — pergunto, com os dentes trincados, sem me virar para ele.

O braço dele envolve minha cintura, evitando com cuidado o ferimento ao mesmo tempo em que me puxa contra o peito. Levo um susto com o contato repentino, e uma risada suave ressoa na minha orelha.

— Preciso usar você para me manter aquecido.

Há certa hesitação na voz dele, o tipo de timidez que ele só me permite testemunhar em momentos como este. Kai me segura sem me apertar, delicadamente, como se qualquer sentimento frágil entre nós pudesse se despedaçar se não fosse tratado com cuidado.

Uma pergunta envolve cada toque persistente, cada olhar demorado demais, cada camada de nós mesmos que optamos por revelar um ao outro. O braço em volta de mim não é diferente, dizendo muito no toque hesitante, nos dedos pairando sobre mim.

Tudo bem?

Engulo a saliva. Minha garganta secou.

Minha resposta é de uma lentidão agonizante enquanto deslizo para mais perto dele.

Mais do que bem.

A ansiedade é uma emoção que sempre atribuí às circunstâncias, e quero desesperadamente que o que impulsiona minhas decisões não seja o desejo.

Ouço-o soltar o ar longamente, e só então percebo que ele estava prendendo a respiração.

E, então, qualquer traço de hesitação desaparece.

A mão dele se acomoda no lado oposto da minha cintura, onde a camiseta está começando lentamente a deslizar para cima. Ele não perdeu tempo me puxando contra seu corpo, me permitindo sentir seu peito subindo e descendo, as batidas firmes do coração nas minhas costas.

— Diga: *isso* incomoda você? — sussurra ele no meu ouvido.

Está jogando minhas palavras de volta para mim e quase posso senti-lo rindo. Ele *quer* que me incomode. Quer me irritar e me deixar nervosa com cada dedo que encosta no meu corpo.

Babaca.

Simplesmente não posso permitir. Assim, digo com uma confiança que não sinto nesse momento:

— De jeito nenhum. Não me incomodo, Azer.

— Que bom — diz ele, tranquilo. Depois apoia a cabeça no meu braço e no ombro, o cabelo macio, preto, fazendo cócegas na minha pele. — Quem precisa de travesseiro quando tenho você?

Bufo com o que espero que pareça irritação. Graças a ele, agora estou bem acordada e incapaz de me concentrar em qualquer coisa que não seja o calor do seu corpo encostado no meu. Finalmente, Kai afasta a cabeça do meu ombro e a deixa perto da minha nuca, quase enterrada no meu cabelo.

— Bons sonhos, Pae.

— Bons sonhos, Kai.

Sua mão aperta muito de leve minha cintura, em resposta ao som do seu nome saindo da minha boca. Seu polegar está me alisando devagar, com carícias preguiçosas no tecido da minha camiseta. Contenho um tremor, engulo em seco e fecho os olhos.

Durma.

É mais fácil falar do que fazer.

Estou concentrada demais na carícia, no braço que me envolve, na pressão do peito subindo e descendo nas minhas costas.

Odeio *não* odiar isso. E é então que percebo. *Distração.*

Ele está fazendo a mesma coisa de novo. Está afastando minha mente da morte que acabei de testemunhar, de tê-lo visto matar uma pessoa porque ela ia me matar. Kai é a única coisa que afasta meus pensamentos do cadáver de Sadie, a única coisa que vai espantar os pesadelos desta noite, porque estou ocupada demais pensando *nele*.

E essa é uma distração que beneficia nós dois.

Percebo que estou sorrindo quando penso no garoto calculista atrás de

mim.

O garoto calculista que, por algum motivo, *se importa*.



CAPÍTULO 31



Kai

Passamos o último dia na Floresta dos Sussurros tentando sair. Era o fim da tarde quando uma Visor interrompeu nossa refeição rotineira de coelho magro. A garota era jovem e tímida, e só conseguiu largar um pedaço de pergaminho dobrado em um toco de árvore próximo antes de sumir na floresta.

O bilhete, previsivelmente, era todo enigmático. Não oferecia detalhe algum, apenas informava que deveríamos nos reunir na fronteira da Floresta dos Sussurros ao nascer do sol.

Assim, depois de subir em outro pinheiro maldito para ver em que direção devíamos ir, partimos pela floresta. Após horas de caminhada, estamos inquietos, para dizer o mínimo.

Ouço Paedyn xingar, tropeçando atrás de mim.

— Essas cobras desgraçadas!

Viro a tempo de vê-la virar a adaga, segurando-a pela lâmina antes de acertá-la, sem esforço, na cabeça de uma cobra que desliza perto dos seus pés. O sibilo morre junto com o resto da criatura antes que ela arranque a lâmina do crânio do animal com habilidade.

Volto-me para o caminho na folhagem densa, com um sorriso nos lábios graças à garota atrás de mim. Então ouço uma frase em voz baixa, seguida por uma série de palavrões que só fazem meu sorriso crescer.

— Desculpe, o que foi, Gray? — pergunto, sem me virar para ela.

— Só estamos sendo forçados a ir até lá para um banho de sangue — diz ela, bufando, e passando por mim.

— Parece que é isso mesmo — digo, suspirando.

O céu acima de nós está escurecendo rapidamente, e sob as copas das árvores a luz é ainda mais fraca. Paedyn se vira e parece prestes a fazer o que aposto que deve ser um comentário engraçadinho, mas desiste quando o som de um graveto se partindo ecoa perto de nós.

Paramos, examinando as árvores e as plantas infinitas ao redor. O que quer que tenha sido, parecia pesado e parecia estar vindo na nossa

direção. Então, escuto uma voz abafada ficar mais alta à medida que o dono se aproxima.

— Fala sério, duvido que você conseguiria Piscar daqui até a fronteira da floresta.

— Claro que conseguiria. Só que agora está escuro. Ah, e tem árvores demais bloqueando minha visão. Mas, se não fosse isso, eu com certeza conseguiria.

— Sei. Pode usar isso como desculpa.

— Acho que você só está com ciúme.

— Continue se convencendo disso.

Ouçó o eco de risos e o som de pés se arrastando, sem dúvida resultado de empurrões provocadores. O poder dos dois oponentes próximos adentra os meus ossos, mas não preciso conhecer suas habilidades para saber quem são.

Paedyn me segue, hesitante, quando vou na direção deles. Passo entre árvores e arbustos, a pulsação acelerando em antecipação. Empurro um galho para o lado e vejo as duas figuras andando em nossa direção.

Andy estende o pé e prende o tornozelo de Jax, quase fazendo-o se esparramar no chão. A risada baixa dos dois é cortada abruptamente quando me veem e param.

— Bom, não fiquem felizes demais em me ver — digo, secamente, dando um passo na direção deles.

— Kai?

Jax está tentando enxergar na escuridão cada vez mais profunda, mas seus olhos se iluminam quando me reconhece. Ele não está muito longe e eu dou um mata-leão de brincadeira para bagunçar seu cabelo curto, apesar dos protestos.

Andy se aproxima com um sorriso.

— Que bom ver você vivo.

— É, é ótimo — concorda Jax, coçando a cabeça. — Mas eu preferiria não receber seu cumprimento de sempre.

— E aí, como foi a sua estadia na Floresta... — Andy para, os olhos desviando para trás de mim.

Paedyn para ao meu lado, abrindo um sorriso hesitante. Ela não confia neles, e não a culpo. Mas está claro que confia em mim, caso contrário teria corrido para longe em vez de me seguir. Contenho um sorriso ao pensar nisso, dizendo:

— Nós tivemos uma estadia bem movimentada na Floresta.

Andy oferece um sorriso a Paedyn e assente enquanto Jax ri, sem graça. Ergo o olhar até o céu, cada vez mais escuro, e suspiro.

— É melhor continuarmos andando se quisermos chegar à fronteira

antes do amanhecer.

Nós nos viramos e começamos a caminhar pela mata fechada, hesitando um pouco no escuro.

— E aí, o que aconteceu com vocês dois? — pergunto.

Andy dá um sorriso amargo.

— Seria melhor perguntar o que *não* aconteceu com a gente.

— A gente se encontrou no terceiro dia — interrompe Jax. — Mas antes disso eu estava bem escondido, já que minha habilidade não é tão boa em um terreno com tantos obstáculos. Vi Blair uma vez, mas Pisquei para o alto de uma árvore antes que ela me visse e arrancasse meu braço para pegar minha tira de couro.

— E a Peste sabe que ela faria isso mesmo — murmura Andy, e Paedyn concorda em voz baixa.

Dando de ombros, Jax continua:

— Mas, fora isso, não vi mais ninguém quando estava sozinho. Meu maior desafio foi simplesmente sobreviver na floresta.

— E você, Andy? — pergunta Paedyn, curiosa.

— Bom, diferente do Jax aqui, eu tive a sorte de encontrar dois oponentes quando estava sozinha. — Ela quase revira os olhos, irritada. — Encontrei Blair e a luta foi... intensa. Mas, infelizmente, aquela babaca pegou minha tira de couro. — Andy começa a alongar as palavras. — Então, um dia antes de encontrar o Jax, Hera me visitou. Acordei no meio da noite com uma faca invisível tentando cortar a tira de couro no meu braço. Acabei pegando a dela, mas não foi fácil, porque na metade do tempo não conseguia enxergar onde ela estava.

— Então, Andy me encontrou e desde então estamos juntos. — Ouço o riso fácil na voz de Jax. — Braxton nos achou, mas depois que a gente derrotou ele... Bom, na maior parte foi a Andy... A gente descobriu que ele não tinha uma tira de couro. — Os olhos de Jax se arregalam. — Ah, e ele estava coberto de queimaduras horríveis. Era nojento.

Pigarreio.

— É, graças a mim.

Andy ri.

— Isso não me surpreende nem um pouco.

— Ah! E a gente caiu em uma cova de serpentes — interrompe Jax, com um tremor. — Aquelas coisas eram piores do que a própria Prova.

Andy deixa escapar um ruído de escárnio.

— É, fiquei surpresa vendo que todos os competidores na floresta não escutaram o Jax berrando feito uma criança.

Jax simplesmente dá de ombros, não se incomodando em negar, e continua:

— Aí a gente encontrou o Ace. Como éramos dois, não foi difícil derrotá-lo e pegar a tira de couro. — Ele coça a cabeça, pensando em alguma coisa. — Especialmente porque ele estava mancando bastante.

Vejo o brilho do sorriso torto de Paedyn enquanto a escuridão começa a nos engolir.

— E isso foi graças a mim — diz ela.

Nós colocamos os dois rapidamente a par do que tivemos que suportar durante a semana, mas Paedyn evita com cuidado os detalhes mais íntimos do tempo que passamos juntos.

— Então Sadie está morta?

A pergunta de Andy mais parece uma afirmação.

— Sim — respondo, calmo. — Está.

Conversamos por um longo tempo enquanto seguimos para a fronteira da floresta. Até que, inevitavelmente, acabamos ficando em silêncio, os únicos sons vindo dos pássaros acima de nós e das folhas e galhos se partindo abaixo.

Vejo a abertura assim que o céu começa a clarear. A liberdade espera a centenas de metros de distância à medida que as árvores vão ficando mais finas e a fronteira da floresta se aproxima. Aceleramos o passo, loucos para nos livrarmos deste lugar, enquanto o sol aposta corrida conosco, seguindo para o horizonte enquanto seguimos para a liberdade.

Uma massa de corpos fica visível atrás das árvores. Menos de um quilômetro e meio depois da fronteira, centenas de pessoas estão reunidas ao redor de um campo, esperando com paciência para assistir ao show.

Uma plateia.

Ficamos todos em silêncio enquanto chegamos finalmente à fronteira da floresta. O sol desacelerou o ritmo, com preguiça demais para subir. Então a Prova ainda não terminou. Observo nossos admiradores, todos apontando na nossa direção. Ainda que seus poderes estejam fora do meu alcance, sinto o peso dos Visores à minha volta, preparando-se para documentar o final.

Há um movimento na minha visão periférica. Todos nos viramos em direção a ele. O arco de Paedyn já está mirando a figura que sai das árvores para o campo aberto do outro lado.

Fios emaranhados de cabelo lilás sopram no rosto de Blair, que abre um sorriso de desprezo quando nos vê. Seu olhar frio está fixo em Paedyn.

— Vocês não sabem que alianças acabam com toda a diversão?

Paedyn suspira e responde:

— Eu diria que estou feliz em ver que você ainda está viva, mas, pelo

jeito, sou péssima em mentir, então por que tentar?

Esboço um sorriso ao ouvir as palavras dela, e então Braxton sai das árvores, nos encarando fixamente. Ele parece decidido e desesperado para conseguir uma tira de couro antes do fim da Prova.

Então, sua solução é começar atacando Blair.

Afasto os olhos quando ouço um galho estalar atrás de nós. Viro-me e não vejo nada além do ar, até que Jax se dobra com o impacto de um soco inesperado e invisível.

— *Ai!* — Ele solta um chiado.

Hera chegou.

Andy se transforma em um lobo, farejando o ar para encontrar Hera, antes de partir em direção ao que deve ser a garota.

Olho em volta, procurando.

Resta apenas um Notável.

Então, eu o vejo. Mais longe de nós, parado de braços cruzados, observando o caos que se desdobra com um sorriso presunçoso. Os olhos de Ace se fixam nos meus. O sorriso dele se alarga.

Encontrei o meu alvo.

A cena ao meu redor é um borrão de sangue e corpos. Paedyn e Andy estão lutando contra Braxton e Blair enquanto Jax e Hera desaparecem e dançam ao redor um do outro, trocando socos fortes antes de sumir.

Isso deixa Ace só para mim.

Mal pisco diante da violência que me cerca enquanto absorvo o poder de Hera e desapareço no caos. Só abandono a habilidade de Vêu quando estou bem à frente de Ace, de modo que ele possa me ver quando dou um soco no seu nariz, provocando um estalo nauseante. Ele cambaleia para trás, segurando o osso quebrado e me encarando.

De repente, não consigo ver nada. Uma grossa muralha de pedras me envolve, e, ainda assim, algo perfura a lateral do meu tronco. A dor só aguça meus sentidos, me lembrando de que é apenas uma ilusão, ainda que esta parte específica não o seja. Atravesso a muralha que desaparece em um fiapo de fumaça, revelando Ace segurando uma lança na mão ensanguentada.

A mesma lança que quase matou Paedyn.

Eu Pisco atrás dele, depois de captar a habilidade de Jax, e dou uma joelhada nas suas costas. Em seguida, estou Piscando à sua volta, acertando-o com força e sem hesitar. Estou brincando com ele. Poderia acabar com essa luta rapidamente, mas não vou negar que sou um monstro que quer se divertir um pouco primeiro.

Depois que acerto um soco em seu queixo, ele se multiplica diante dos meus olhos. Dezenas de Aces me cercam, todos se movendo e se

misturando uns com os outros, me deixando sem saber para onde o verdadeiro fugiu.

Filtro os poderes à minha disposição, dançando sob a minha pele, vindos das pessoas ao redor. O poder de Tele de Blair brota nas minhas veias, implorando para ser usado.

Isso pode ser divertido.

Agora só preciso encontrar o verdadeiro...

A dor sobe pela minha perna quando a ponta da lança se crava nela. Trinco os dentes e me viro para Ace.

— Aí está você.

Com um sorriso, levanto-o do chão usando apenas a mente.

Ele ofega, engasgando quando esmago sua traqueia, com os pés balançando a uns dois metros do solo. Sua boca está se mexendo, fazendo sons estranhos enquanto Ace tenta levar o ar para os pulmões desesperados.

Ainda estou sorrindo.

— O que foi? Não consigo escutar.

Suas duplicatas desaparecem, virando fumaça ao meu lado, e os gritos das lutas ao nosso redor vão se calando enquanto me concentro em Ace. Na vida que seguro nas mãos, na minha mente.

Mas o grito de dor que ouço ao meu lado não pertence a ele.

Conheço essa voz. Ouvi esse som e tive esperança, em silêncio, de jamais ouvi-lo de novo. Minha cabeça se vira para o corpo caído tão perto de mim, o cabelo prateado colado no rosto febril e as lágrimas rolando pelas sardas. O sangue jorra de um corte abaixo das suas costelas e um soluço estrangulado escapa da boca.

— Kai... me ajuda. — O sussurro de Paedyn é baixo demais, a um suspiro de distância da morte. O sangue cobre suas mãos, o cabelo, o corpo, manchando-a de um vermelho revoltante. — Kai, está doendo! — grita ela, em agonia, o corpo se sacudindo com soluços e espasmos de dor.

Eu não percebi que tinha largado Ace, deixando-o cair no chão, até ele estar em cima de mim, arrancando o ar dos meus pulmões, com a ponta da lâmina na minha garganta e as pernas prendendo meus braços. Aquele sorriso presunçoso está de volta, como se apenas alguns instantes atrás ele não estivesse se esforçando para respirar.

— E cá estava eu, pensando que você que era o forte. O príncipe que não deixa as emoções interferirem. — Ace sorri enquanto a ponta da lança fura minha pele, tirando sangue. — Mas olha só para você. — Ele solta uma risada condescendente. — Gostar dela deixou você *fraco*.

Ele está prestes a cravar a lâmina na minha garganta.

— Kai!

A voz de Jax assusta nós dois e eu viro a cabeça para o lado bem a tempo de vê-lo jogar uma flecha para mim. É tudo de que eu preciso. Seguro a flecha pela haste e, em um movimento rápido, a mergulho no pedaço de carne à mostra mais próximo ao mesmo tempo em que empurro o cabo da lança para longe de mim.

Ace grita quando a flecha se crava na pele macia do seu ombro. Seu domínio sobre mim se afrouxa e eu o empurro antes de me levantar cambaleando, com sangue escorrendo do corte no pescoço. Giro e o encontro subitamente atrás de mim, à minha direita, à minha esquerda. Estou cercado de novo.

— Aqui — grita um dos Aces.

Eu me viro, pegando a estrela de arremesso que tinha esquecido que estava no bolso. As duplicatas estão desaparecendo e reaparecendo enquanto eu procuro a esmo pelo verdadeiro.

— Atrás de você — debocha um deles, e eu giro, irritado, meu sangue fervendo.

— Sabe o que vou fazer depois de matar você? — pergunta outro.

— Vou fazer o mesmo com a Paedyn — sussurra outro.

— Que pena. Vou sentir falta de olhar para ela — cantarola outro.

Vou matá-lo. Agora. Chega de jogar. Chega de brincar. Vou acabar com isso.

De repente, os múltiplos Aces desaparecem, deixando apenas um.

Não hesito antes de lançar minha estrela de arremesso pelo ar contra o seu coração.

Vejo os olhos dele se arregalarem quando a lâmina se crava no centro do seu peito, adentrando fundo na carne. Ace cambaleia para trás, ofegando ao olhar para o ferimento fatal. Um sorriso torto chega aos meus lábios.

Vou gostar de vê-lo morrer.

Aproximo-me com calma, vendo-o tombar de joelhos. Agora estou parado junto dele, vendo seus olhos brilharem com lágrimas.

Meu sorriso hesita.

Esses não são os olhos dele.

Não, os olhos que me encaram são calorosos e grandes, de um castanho profundo, como chocolate derretido. Doces, como o garoto ao qual eles pertencem.

Tombo de joelhos.

Pela primeira vez em anos, sinto um terror verdadeiro, horrível.

A ilusão se esvai na brisa suave, mandando fiapos de fumaça para o céu da manhã.

Deixando para trás um garoto ensanguentado. Meu irmão
ensanguentado.

Jax.



Kai

— Não!— Não!

O grito escapa da minha garganta ao mesmo tempo em que a incredulidade e o nojo cravam as garras em mim, ameaçando me despedaçar.

Jax não faz som algum, os olhos arregalados e presos aos meus. Lágrimas silenciosas escorrem pelas suas bochechas, grudando-se aos cílios grossos que cercam seus olhos grandes e castanhos. Ele olha para mim, horrorizado, e começa a tombar para trás, de joelhos, incapaz de se manter de pé em seus momentos finais.

Ele, não. Não deveria ser ele. Jamais deveria ser ele.

Seguro seu ombro e sua nuca, colocando-o com cuidado no chão mesmo com a minha visão turva. Enxugo os olhos, tentando me recompor, e inspeciono o ferimento. A estrela de arremesso está cravada fundo no peito dele, o sangue brotando em volta da ferida. Sangue escuro, denso, em um fluxo que não para, não diminui. O tipo de sangue que acompanha uma despedida.

Eu fiz isso com ele. Ele vai morrer por minha causa. Porque eu sou um monstro.

Balanço a cabeça, tentando afastar o pensamento horrendo, e em vez disso focalizo a cena horrenda diante de mim.

— Ei, olha para mim, Jax. — Minha voz está baixa, trêmula, mas seus olhos encontram os meus mesmo assim. Dá para ver sua vida se esvaindo pelo ferimento, os olhos desfocados, a respiração curta. — Você vai ficar bem.

Os olhos dele se fecham com um tremor e eu dou um tapinha no seu rosto, obrigando-o a me olhar, a continuar comigo.

— Ouviu? Você vai ficar bem.

As lágrimas embaçam minha visão, um sentimento estranho enquanto pisco furiosamente.

— Vou consertar isso.

Minha voz falha, e o resto de mim fará o mesmo em breve.

Meu irmãozinho.

O som dos Notáveis lutando em volta de nós entra subitamente em foco outra vez, e escuto o retinir das armas e os gritos de dor. Tudo volta em um turbilhão. Lembro-me de por que estou aqui, do que está acontecendo ao meu redor e de quem *realmente* fez isso com Jax.

Uma risada fria e arrepiante ecoa por perto. A risada *dele*. Olho em volta, procurando qualquer sinal do desgraçado que pretendo fazer sangrar até a morte pelo que fez. Mas ele não está por perto. Escuto sua risada de novo a apenas alguns passos de distância.

Nada. Ninguém. E então percebo.

Ele lançou uma ilusão sobre si mesmo.

O desgraçado se moldou ao ambiente, envolvendo o corpo em uma ilusão que fez com que eu não visse nada ao mesmo tempo em que deixava Jax cumprir seu papel. Se não fosse pelo meu irmão agonizante, eu reviraria cada centímetro deste campo até encontrá-lo. Então iria despedaçá-lo. Lentamente. Jax solta um grunhido baixo, os olhos se fechando. Olho o ferimento.

Se ele não chegar até um Curador, *vai* morrer. E a culpa vai ser minha. Meu coração martela no peito, e sinto minha cabeça girar. Não há um Curador por perto de quem eu possa pegar o poder.

A cabeça de Jax tomba de lado com um gemido suave.

Meu irmãozinho. Meu irmãozinho. Meu irmãozinho.

Olho para o céu e encontro o sol me espiando de volta. Está quase totalmente acima do horizonte, e quando isso acontecer estaremos livres desta Prova. Meu olhar pousa na multidão a menos de um quilômetro e meio do caos ao meu redor.

Deve haver um Curador ali em algum lugar.

Enxugo lágrimas que não me lembro de ter derramado e puxo Jax para meus braços. No instante seguinte, estou de pé, correndo para a multidão. Agora, meu irmão mal respira. Ele pode estar inconsciente, não tenho certeza, mas corro o mais depressa possível para salvá-lo.

Absorvo a habilidade de Braxton para meus músculos, a força tornando Jax bem mais leve, o que me permite correr mais rápido. Não preciso chegar até a multidão, apenas perto o bastante para captar o poder de um Curador e usá-lo para salvar Jax.

— Jax! — grito. Ele mal se mexe. — Jax, só um pouco mais! — Estou ofegando, horrorizado com a possibilidade de ser tarde demais. Mas a multidão está ficando mais próxima e consigo ver as pessoas apontando e gritando ao me verem correr na direção delas.

Então, começo a sentir. Uma coceira se espalhando pelo meu corpo, pelos meus ossos, pelas minhas veias. Um zumbido que vira um rugido e explode em uma torrente de poder. Existe um número grande demais de habilidades à minha disposição, oferecidas pela multidão que ainda está a dezenas de metros. Sinto-me esmagado enquanto procuro a habilidade de Curador na onda de poder que me sobrecarrega.

Achei.

Concentro-me nela, refinando-a para afastá-la de todas as outras habilidades que lutam para vir à superfície. Deito Jax no chão e me ajoelho ao lado. Ignoro o fato de que não estou vendo o movimento de sua respiração e seguro a parte da estrela de arremesso que ainda está fora do peito. Preciso arrancá-la para poder curá-lo.

— Se você conseguir me ouvir, Jax, isso vai doer feito a Peste. Desculpe.

Puxo a estrela, arrancando-a da pele com um som nauseante. Ele nem sequer se mexe.

Ignoro o pavor que consome minhas entranhas e toco o ferimento agora exposto e aberto. Deixo o poder de Curador penetrar no corpo dele, no talho, e começo a emendar e moldar a pele de volta. Lembro-me de ter aprendido a cuidar de cada ferimento que meu pai me infligia na infância e empurro esse poder para dentro do garoto embaixo de mim.

O sangue para de escorrer. A pele se une de novo. Até que só resta uma grande cicatriz cor-de-rosa decorando o centro do peito.

Mas ele não está se mexendo.

— Jax?

Dou um tapinha no seu rosto. Nada. Sacudo-o vigorosamente. Nada. Agora estou gritando, trêmulo.

— Jax! — Minha voz falha e meus dedos procuram freneticamente uma pulsação. — Não, não, não, não, não...

Meu irmãozinho. Meu irmãozinho. Meu irmão...

Os olhos de Jax se abrem e, em seguida, ele está sugando o ar.

Eu meio rio, meio soluço ao vê-lo piscar, a mão voando para sentir a pele lisa onde antes estava minha estrela de arremesso. O garoto espia em volta, os olhos castanhos apontados para mim. Seu sorriso é fraco, a voz rouca, mas cheia de humor.

— Vai tentar me matar de novo?

Solto um riso rouco e passo a mão no meu rosto, enxugando as lágrimas.

— Não está nos meus planos, amigo.

Puxo-o de encontro ao meu peito e o esmago em um abraço, a mão desganhando seu cabelo.

O som dos tambores dá um susto em nós dois, e nos viramos para a multidão não muito distante. Todos estão gritando, aplaudindo, batendo os pés em comemoração.

O sol subiu acima do horizonte. A primeira Prova terminou.



Daedyn

Milhares de olhos me prendem no assento desconfortável que fui obrigada a ocupar. A Arena está lotada de ilyanos agitados, todos empolgadíssimos. Os últimos espectadores chegaram aos seus lugares no alto da arquibancada e agora estão olhando para o Fosso, cheios de expectativa.

Passaram-se três dias.

Três dias desde a última luta na fronteira da Floresta dos Sussurros.

E só restam sete de nós.

Ouçõ o ruído de pés batendo, impacientes, vindo da multidão ao redor, e meu coração vacila com o som. De repente, estou de volta naquela clareira, o som de pés trovejantes se metamorfoseando nas batidas dos tambores, sinalizando o fim da Prova.

Mas ninguém parou.

Os tambores não significaram nada para nós. Ainda estávamos atacando uns aos outros. Se não fosse pela ajuda de Andy, Blair teria me esartejado e espalhado meus restos no campo para os pássaros. Mas só porque não me matou não significa que não deixou sua marca em mim. Na verdade, deixou várias. Marcas e mutilações que os Curadores levaram um tempo enorme para remendar.

Era como se nenhum de nós visse o sol nascendo ou ouvisse os tambores tocando. Éramos selvagens, nos recusando a simplesmente largar as armas e nos rendermos uns aos outros. Os Relâmpagos chegaram primeiro, serpenteando em volta e entre nós. Em seguida, vieram os Robustos, usando a força para nos afastar uns dos outros. Fui arrancada violentamente de perto de Blair, depois de finalmente conseguir prendê-la no chão, e fui jogada por cima do ombro de um homem corpulento e carregada pelo meio da multidão boquiaberta. Mas não fui a única. Todos os oponentes ao me redor estavam sendo levados para longe e enfiados em carruagens separadas para *esfriarem a cabeça*.

Não foi difícil deduzir por que o rei quis interromper a luta e nos

separar antes que pudéssemos causar mais danos. Como os competidores são proibidos de lutar uns contra os outros fora das Provas, conter nossa raiva só garante que as outras disputas sejam ainda mais interessantes. Mais sangrentas.

Volto à realidade, lembrando-me da cadeira dura em que estou sentada, do vestido rígido grudado no corpo e dos competidores igualmente rígidos ao lado. Remexo o corpo no assento, roçando no braço tenso do príncipe com quem não falo há dias.

Passo a mão embaixo da minha costela, onde quase consigo sentir a cicatriz serrilhada deixada pelo mesmo rapaz que quase causou a morte de Jax. Olho rapidamente para Kai ao meu lado, frio e contido como sempre, apesar do que aconteceu. Ou pelo menos é o que parece. Me tornei bastante boa em identificar as rachaduras na sua máscara.

Então, percebo que Tealah está falando com a multidão, sinalizando para nós com movimentos empolgados. Não me importo o suficiente para ouvir o que ela diz, mas a multidão está devorando as palavras. O público adora isso, essas Provas. Fico nauseada.

— ... e agora, o que vocês estavam esperando!

Finalmente, decido prestar atenção às palavras da apresentadora enquanto ela as amplifica pela Arena.

— Como todos sabem, este ano as Provas do Expurgo são... especiais. — Tealah faz um gesto na direção de Kai, claramente indicando que ele é o motivo para isso. Outro teste para o futuro Executor. Com um lampejo dos dentes brancos ofuscantes, ela continua: — Por causa disso, a primeira Prova aconteceu fora da Arena, sem público para testemunhar.

A multidão murmura, obviamente insatisfeita por não ter podido assistir à violência.

— Mas não se preocupem, cidadãos de Ilya! — exclama ela, entusiasmada. — Vocês poderão assistir aos melhores momentos, mas sem as partes tediosas.

Ela ri e a multidão a acompanha, ressoando na Arena.

— Então, eis a primeira Prova da sexta edição das Provas do Expurgo!

A plateia ruge, empolgada, e então mergulha em um silêncio enquanto todos nos viramos nos assentos para ver a enorme tela na extremidade oposta à Arena Esférica. As gravações surgem, imagens curtas de cada um de nós fornecidas pela fileira de Visores de pé abaixo da tela.

Vejo eu mesma e todos os outros oponentes acordando na floresta, a confusão e a preocupação evidentes nos nossos rostos diante do bilhete que nos foi deixado. Testemunho a luta de Blair com Andy antes que a cena corte para Hera afundando na areia movediça onde caiu, na floresta. Ela está gritando, os olhos implorando a nós... não, ao Visor

que está parado ali perto sem fazer nada.

Ela desaparece da tela, e então estou olhando para Kai. Mas ele não está sozinho. Está lutando com Braxton perto de uma fogueira, trocando socos à luz fraca antes de cada um queimar o outro nas chamas.

A multidão aplaude e silencia, bate palmas e os pés, assistindo à Prova como se estivesse lá. Estou em silêncio, imóvel, com as costas rígidas como meus oponentes ao lado. Estamos assistindo a nós mesmos lutando para sobreviver.

Meu rosto surge na tela. Estou assistindo aos horrores daquelas ilusões outra vez. O corpo morto de Kitt flutuando sem vida no lago. As menininhas esfomeadas implorando por ajuda — *eu* implorando por ajuda. Vejo o terror no meu rosto, me vejo desmoronar no chão.

O corpo sentado ao meu lado se remexe e me viro lentamente na direção dele. Meus olhos se chocam com os de Kai, e eu ignoro seu maxilar trincado e suas sobrelanceiras retesadas; é a sua frieza que prende minha atenção. Nunca vi um olhar tão gelado e ao mesmo tempo tão cheio de fogo. A expressão é arrepiante, e eu estremeço. Os olhos dele são como pingentes de gelo. Bonitos, porém afiados. Frios, porém mortais. Cativantes, porém cortantes.

Ele sustenta meu olhar e eu engulo em seco. Começa a dizer algo, mas sua boca não se abre. Viro para a tela e me vejo fazer força para sustentar o arco, lutando contra a dor do ferimento. Vejo Kai correr até mim quando desmorono no chão. Há algo parecido com *preocupação* cruzando seu rosto enquanto ele tenta me manter acordada. Enquanto tenta me manter *viva*.

Volto a encará-lo, mas Kai está absorto pelas imagens e não se dá ao trabalho de corresponder. Eu não sabia que ele era capaz de me olhar daquele jeito. Como se *importasse*. Isso me frustra e me perturba ao mesmo tempo, mas não consigo afastar os olhos da cena que acontece diante de mim, diante de toda a multidão.

Eu não tinha percebido com que frequência os Visores estavam nos observando, e meu rosto esquenta à medida que a maior parte da conversa com Kai enquanto ele me suturava é transmitida em alto volume para todos ouvirem. A multidão está adorando. Juro que ouço um suspiro coletivo cada vez que Kai me toca ou diz meu nome, acompanhado por murmúrios de ciúme pelo mesmo motivo.

A imagem corta para Jax Piscando de árvore em árvore, e então Andy e ele estão juntos, gritando, cercados por dezenas de cobras. Vejo Hera encontrar Blair e a luta desajeitada que se segue, em que Blair praticamente só grita de frustração porque não consegue ver a oponente invisível.

Kai e eu estamos de volta. Dessa vez, estou cuidando dos ferimentos dele. A multidão murmura, inclinando-se para ouvir nossas provocações. Mais uma vez, olho para ele e, de novo, ele não se vira para mim, mas sorri de lado, revelando que acha isso *divertido*.

Imagens de cada oponente a cada dia surgem na tela, lutando uns contra os outros ao mesmo tempo em que batalham contra os perigos da Floresta dos Sussurros. Kai e eu surgimos de novo cedo demais, e...

Ah, pela Peste, não.

Felizmente, o Visor só pegou o finalzinho da nossa dança antes que Sadie a interrompesse, mas basta isso para a plateia gritar entusiasmada. Não os culpo. Sangue demais pode acabar ficando chato, e esta é uma reviravolta inesperada. O futuro Executor está dando um tremendo show.

Kai, para minha irritação, está com um sorrisinho no rosto. Minha voz sai baixa e agitada quando pergunto:

— Por que você não me disse que havia Visores por perto?

Ele por fim me encara, fazendo meu coração martelar.

Órgão idiota.

Ele se inclina tão perto que seus lábios roçam minha orelha.

— Eu estava meio distraído.

Forço minha pulsação a desacelerar e obrigo meu olhar a se afastar dele, voltando a atenção para a tela, onde me vejo lutando contra Sadie.

Então a vejo morrer de novo.

Nenhum Visor gravou Kai enterrando-a, mas parte de mim se pergunta se isso foi intencional. O rei provavelmente considera que uma decência desse tipo é uma fraqueza, uma falha no seu Executor. Assim, o reino jamais verá aquele rastro de gentileza que Kai demonstrou. Parece que esse segredo pertence apenas a nós dois.

Um movimento percorre a multidão quando as pessoas ao nosso redor juntam os dedos indicadores e médios, formando um símbolo sobre o coração. Um losango. A imagem de força, poder e honra de Ilya.

Estão prestando respeitos à combatente caída.

Os competidores ao meu lado fazem o mesmo e a multidão fica em silêncio, absolutamente imóvel, até que a luta final na fronteira da floresta aparece no quadro.

Sangue. Sangue demais. É um caos absoluto, e não faço ideia de para onde olhar. O ângulo fica mudando entre os diferentes Visores que documentaram a luta, focando diferentes Notáveis. Vejo cada um de nós lutar, tentando arrancar sangue e tiras de couro.

Finalmente, consigo ver como Hera morreu.

Eu sabia que ela não tinha saído viva da Prova, só não sabia o que

tinha acontecido. O Visor foca Braxton, com sangue escorrendo de um ferimento à medida que uma faca invisível corta sua pele repetidamente enquanto ele grita de fúria e angústia.

Hera lhe dá uma facada na cintura e Braxton grita, estendendo a mão cegamente para pegar a faca invisível. Seus dedos envolvem o cabo e ele consegue tomar a arma, virando-a antes de golpear à frente, feito louco.

Ouçõ o som nauseante de aço se cravando em carne e osso e então Hera surge com a lâmina enterrada no peito. Ela fica parada, com lágrimas escorrendo pelo rosto, antes de se dobrar e cair no chão.

A multidão aperta losangos nos corações pela garota morta enquanto o resto da última luta passa na tela. Mal vejo Kai correr para a multidão com Jax morrendo em seus braços e a cena corta para uma última tomada dos Notáveis ensanguentados e sedentos de sangue. Então, a tela escurece. A plateia fica em silêncio apenas por um momento antes de irromper em aplausos.

Mal consigo escutar a voz de Tealah entre os aplausos, agradecendo a todos por se juntarem a nós e assistirem à primeira Prova.

— Ah, e não se esqueçam! — Ela praticamente grita. — O voto de vocês é mais importante do que vocês imaginam. Honra ao seu reino, à sua família e a ti mesmo.

A multidão recita o lema junto com ela, e então todos estão livres para ir embora. Vejo centenas de pessoas andando entre as fileiras de bancos e passando pelos túneis largos para sair da Arena. Elas jogam seus votos em enormes tigelas de vidro ao lado das saídas, sem perceber o poder que detêm com o nome que escrevem.

Odeio a falta de controle que tenho e o medo que me acompanha constantemente. Odeio me sentir tão sem poder. Tão Comum. Estou competindo em Provas que têm como objetivo alardear os poderes e a força dos Notáveis — os poderes que não possuo.

No entanto, aqui estou. Viva.

E pretendo continuar assim.



Alguém está me seguindo.

Ao voltar para o meu quarto depois do jantar, sinto uma presença atrás de mim. Viro-me, com a mão indo instintivamente para o punho da adaga. Encontro olhos verdes espantados, e então desvio o olhar rapidamente.

— Calma, Paedyn! — diz Kitt, rindo, levantando as mãos em rendição. — Você está nervosa hoje.

Viro-me de novo e continuo a andar pelo corredor.

— Bom, se você não vier de fininho atrás de mim, não precisa se preocupar em levar uma facada.

— Tenho a sensação de que você daria uma facada em alguém por muito menos do que isso.

Consigo ouvir a diversão em suas palavras.

Abaixo a cabeça para disfarçar o esboço de um sorriso, e ele aperta o passo até ficar ao meu lado. Estamos seguindo pelo corredor até o meu quarto quando sinto a mão firme dele segurar meu pulso, puxando-me para um dos muitos corredores que se ramificam à esquerda.

Abro a boca para questionar, mas mesmo virado de costas, Kitt se adianta.

— Não me dê uma facada por enquanto. Quero te mostrar uma coisa.

Ele ri por cima do ombro enquanto me guia pelo labirinto de corredores.

Finalmente aprendi a me orientar nos corredores principais, mas quando se trata das dezenas de outros, pequenos, espalhados pelo castelo, fico totalmente perdida. Kitt segue sem dificuldade por eles, entrando e saindo, passando por alas e quartos que eu jamais vi. Tenho certeza de que ele poderia achar o caminho com os olhos vendados, uma habilidade que só pode ter vindo do fato de ter crescido neste labirinto que ele chama de lar.

A luz dourada do sol esquenta meu rosto quando Kitt abre uma grande porta de madeira no final de um corredor, assentindo para os Imperiais que o vigiam antes de sairmos de encontro à tarde amena. Minha respiração falha. Estou cercada por cores, por *vida*. Há um largo caminho de pedras diante de nós e vários que se ramificam dele, todos com centenas de flores em volta.

O jardim.

É lindo, de tirar o fôlego. Vivendo na favela, cercada por becos horrorosos e cores opacas, eu tinha praticamente esquecido como o mundo pode ser belo. Cada lugar que as pedras do calçamento não estão tocando é cheio de flores e plantas de todos os tipos e cores. Fúcsia e azul-real se destacam no meio do amarelo-claro e lavanda. Vejo estátuas espalhadas, várias envoltas por trepadeiras escuras.

É o caos mais organizado que já vi, com fileiras de flores cruzando os caminhos, criando um corrimão de pétalas e folhagem. Cada um dos passeios de pedra forma um grande círculo, criando vários anéis em volta da enorme fonte no coração do jardim.

Eu nunca tinha visto algo tão luminoso, tão vibrante, e preciso piscar várias vezes para me acostumar com as cores que me bombardeiam.

Percebo Kitt me observando curioso, atento.

Ele pigarreia e dá um passo, me guiando.

— Eu prometi que ia lhe mostrar o jardim.

Meu olhar varre as flores enquanto andamos lentamente pelo caminho. Kitt fica feliz em preencher o silêncio contando sobre as suas aventuras com Kai neste mesmo lugar, apontando para as estátuas que eles derrubaram e para a fonte onde não conseguiam resistir a um mergulho. As histórias me fazem rir, mesmo que eu me esforce para não demonstrar, cobrindo a boca com uma das mãos para me conter.

Paro de repente, abandonando toda a cautela quando a curiosidade me domina.

— Por quê? Por que fazer isso?

— Por que fazer o quê, exatamente?

Ele está tentando não rir de mim enquanto eu tento não lhe dar um soco exatamente por esse motivo.

— Me trazer aqui. Contar histórias pessoais e...

Tropeço nas palavras, frustrada. Ouso encarar aqueles olhos verdes que combinam com a folhagem ao redor, e então Kitt responde devagar:

— Com o... *futuro* que eu tenho, é difícil conhecer pessoas. Conhecer *de verdade* as pessoas. Saber sobre elas. Quase todo mundo aqui — diz ele, apontando para a parede de pedra do castelo — quer alguma coisa. E diz qualquer coisa que acha que eu quero escutar para conseguir o que deseja. Mas você...

Meu riso seco o interrompe.

— Mas eu costumo dizer coisas que provavelmente não deveria.

— E eu costumo gostar de ouvir essas coisas — diz ele, baixinho.

Volto a observar as flores para não o encarar.

— Vou manter isso em mente da próxima vez em que quiser dar um esporro em você.

Mordo a língua assim que deixo as palavras saírem da minha boca. Para Kai, posso dizer o que quiser, mas este é o futuro rei. Se eu quiser manter a cabeça no lugar, precisarei aprender a me segurar.

Mas o rapaz ao meu lado apenas ri, parecendo menos régio a cada segundo.

— Que bom, porque eu quero perguntar uma coisa, e não espero nada menos do que uma sinceridade brutal vinda de você.

Engulo em seco.

Não há nada de sincero em mim.

— As Provas... — começa ele, devagar. — O que você acha delas?

Engasgo no riso. Com certeza essa não era a pergunta que eu esperava.

— O que eu acho? Quer dizer, além do óbvio?

Kitt para de andar e se aproxima de mim, diminuindo a pequena distância entre nós.

— E o que seria o óbvio?

Fixo minha atenção no botão de cima da sua camisa, para que eu não precise encarar os olhos do pai dele.

— Que essas Provas são um modo deturpado de comemorar uma tragédia.

Lá vou eu de novo, mordendo a língua tarde demais. Mas há algo no príncipe que me torna imprudente, que faz com que eu queira dizer exatamente o que há de errado com tudo em que ele acha que acredita.

— Tragédia — ecoa ele, com a voz calma. — Quer dizer, o Expurgo.

— É, o Expurgo. O banimento de milhares de pessoas e a matança contínua que veio em seguida. — Estou praticamente vomitando traição ao reino, mas agora que comecei parece que não consigo parar. — É o *seu* povo, Kitt. Pessoas inocentes que continuam sendo mortas até hoje por causa de uma coisa sobre a qual elas não têm controle.

Ele me encara enquanto continuo a evitar seus olhos.

— O Expurgo precisava ser feito, Paedyn. Você sabe.

Sua voz é gentil, mas a minha não é nem um pouco.

— Por quê? Porque os Comuns são *doentes*? Porque supostamente enfraquecem os poderes dos Notáveis? Mesmo tendo vivido ao lado deles durante décadas?

Ele pisca, atônito.

— Você acha que eles não são doentes?

Estou jogando um jogo muito perigoso.

Fecho a boca com força, sabendo que falei demais. Responder essa pergunta com sinceridade é um risco que nem mesmo eu estou disposta a correr, por isso respiro fundo antes de mudar de assunto rapidamente.

— Só acho que, como futuro rei, há muitas coisas em que você precisa pensar.

Posso sentir seu olhar em mim mesmo sem enfrentá-lo.

— E você vai me esclarecer essas coisas? Vai me esclarecer sobre meu próprio reino?

Entre no personagem. Entre no personagem. Entre...

Solto uma risada amarga.

— Não seja um babaca, e não finja que conhece o seu reino! Você já viu a favela? Viu a segregação, os cidadãos passando fome? *Seus* cidadãos passando fome?

Isso é que é entrar no personagem.

Levanto as mãos, balançando a cabeça para os canteiros de flores.

— Você ao menos ouviria se eu tentasse contar como é, se pedisse para você mudar as coisas? — Ele fica parado e em silêncio. Por isso pergunto de novo, com a voz ansiosa: — E então? Você me ouviria?

De repente, Kitt está segurando meu rosto, guiando-o para ele, enquanto luto contra a ânsia de me encolher.

— Se eu ouvir o que você diz, você vai *olhar* para mim?

Minha respiração fica presa na garganta.

— Olha para mim, Paedyn. Por favor.

É a suavidade, o pedido em sua voz, que me faz respirar fundo e fechar os olhos por um momento. Quando finalmente os abro de novo, vejo uma enorme compaixão e preocupação preenchendo seu olhar. E, pela primeira vez, me permito examiná-lo. Porque nunca se pareceu menos com o do rei. O calor que existe nele me envolve, me domina.

— Todo esse tempo — diz ele, baixinho — estive buscando um olhar que você não queria me dar, querendo que você me visse. — Kitt para e respira. — Por que você evita o meu olhar, por que *me* evita?

Então, claramente, eu fiz um trabalho terrível entrando no personagem.

— Você... — Engulo em seco. — Você me lembrava alguém do meu... passado. Mas quanto mais o conheço, mais diferentes vocês dois parecem.

Estudo-o por um momento, surpresa com minha sinceridade. O rei e seu herdeiro podem parecer semelhantes, mas, neste momento, jamais foram menos parecidos.

Ele sorri suavemente.

— Isso quer dizer que você vai começar a me olhar nos olhos?

— Só se você começar a me ouvir — respondo, com um pequeno sorriso.

— Trato feito — diz ele, casualmente, antes de começarmos a andar de novo pelo caminho. — Tenho mais uma pergunta para você.

Quase rio.

— E eu provavelmente tenho uma resposta para você.

Kitt sorri, e então fica subitamente sério, levando as mãos às costas enquanto andamos.

— Na Prova, o Ace fez você... me ver. E quando me viu morto, você pareceu...

Ele balança a cabeça, procurando a palavra certa. Eu me lembro da sua reação ao assistir àquela cena, como observou minha expressão ao vê-lo, como ouviu o grito que rasgou minha garganta.

— Chateada? — digo, debilmente. — Até mesmo aterrorizada? — Pela primeira vez, olho para ele até que o príncipe me encare. —

Quando vi você morto, acho que de repente vi todo o seu potencial morrer junto. A esperança de ter um rei melhor para Ilya, capaz de fazer mudanças, de governar como *deveria*, e não como *mandam*.

Finalmente, chegamos ao centro do jardim e paramos junto à fonte. Agora que estou disposta a olhar nos seus olhos, Kitt não parece querer se afastar dos meus.

— Obrigado — diz ele, com um sorriso. — Sei que sempre posso contar com a sua sinceridade brutal. Você é a primeira pessoa *verdadeira* que tive o prazer de conhecer há um bom tempo.

Quase rio disso.

Se ele soubesse! Sou uma mentirosa, enganadora, o usei para atrair a atenção das pessoas. Estou diante dele como uma Comum, uma Comum que ele mataria se soubesse da verdade, e eu morreria pela mão do seu futuro Executor, por quem sou teimosa demais para admitir que estou atraída. No fim das contas, não importaria o quanto ele me achasse *verdadeira*.

Mas mostro o que espero que seja um sorriso doce antes de me virar para a fonte linda, tão grande que agora entendo por que os príncipes não conseguiam resistir à vontade de mergulhar nela. Inclino o corpo por cima da borda, olhando a água cristalina que reflete meu rosto para mim.

Xelins.

Deve haver centenas de moedas largadas ao acaso no fundo da fonte. Lembro de como me senti na primeira noite aqui no castelo, depois de ver toda aquela comida desperdiçada. Dinheiro demais largado à toa. E para quê? Para que os ricos possam fazer seus pedidos mesquinhos?

Engulo o nojo.

Entre no personagem.

— Certo, o que foi? — pergunta Kitt, com mais do que uma pequena sugestão de humor.

— Hein? Nada. — Paro e olho para ele. — Como assim?

Ele solta uma risada verdadeira.

— Você está lutando contra a vontade de me dar um esporro, não é?

Pisco para ele antes de gaguejar:

— Como você...?

— Você faz um negócio, franze o nariz antes de começar a questionar. É uma dica e tanto.

Abro a boca e, pela primeira vez, nenhuma palavra parece disposta a sair. Ele sorri, me vendo lutar antes de eu finalmente pigarrear e dizer:

— Certo. O motivo para eu franzir o nariz — digo, lançando um olhar chateado que provavelmente não deveria — são todas essas moedas.

Quando não digo mais nada, Kitt instiga:

— Continue.

— Bom, um dinheiro assim poderia alimentar dezenas de ilyanos na favela durante semanas, até mesmo meses. Mas está aqui, desperdiçado pelos *desejos* das pessoas.

O olhar de Kitt vai rapidamente para a fonte e ele franze a testa.

— Você está certa. Vou mandar que o dinheiro seja retirado e distribuído.

Meu coração pula.

— Jura?

Sua testa franzida se transforma em um riso largo.

— Nós fizemos um trato, lembra? Você me olha nos olhos e eu ouço o que você diz.

Quase faço um ruído de escárnio antes de me virar de novo para a fonte. Tento lembrar que essa pequena vitória com as moedas pode não significar nada. Na verdade, a distribuição daquele dinheiro na favela talvez nunca aconteça de fato. Mas ele está escutando, e isso é um progresso. Tem potencial.

Aproximo o rosto da superfície, tentando enxergar as moedas embaixo das ondulações.

— Quanto dinheiro você acha que tem...

Minhas palavras são interrompidas pela água fria que sobe da fonte e respinga no meu rosto, me molhando um pouquinho. Fico de pé, me viro e encontro Kitt rindo, a mão levantada ao lado do corpo.

Essa maldita habilidade Dual que ele tem.

— Você estava certo — digo, com um sorriso falsamente doce. — Sou capaz de esfaquear alguém por muito menos do que andar de fininho atrás de mim. Talvez até mesmo por jogar água no meu rosto.

Kitt levanta as mãos com inocência e um sorriso ilumina seu rosto queimado pelo sol.

— Ei, foi você que me chamou de babaca mais cedo.

Meu queixo cai ao perceber que, de fato, eu disse exatamente isso para o futuro rei de Ilya. Minha expressão faz com que ele ria ainda mais, e nem penso antes de mergulhar a mão na água e jogar um bocado nele.

Foi um erro. Eu deveria saber que não é bom começar uma briga de água com um Dual capaz de me afogar. Depois de Kitt terminar de me molhar completamente, a água está pingando do meu cabelo e grudada nos cílios. Gargalho ao nos ver, encharcados no meio do jardim do castelo.

Ainda estou enxugando mechas de cabelo grudadas no rosto quando

digo:

— Essa luta não foi muito justa.



Daedyn

O fedor familiar da Alameda dos Larápios preenche minhas narinas e eu controlo a ânsia de vômito.

Lar, doce lar.

A rua comprida e larga está envolta em sombras, sem carroças de comerciantes e sem pedintes nesta noite. Passo por grupos de sem-teto amontoados nos becos que se projetam da Alameda, jogando ou usando seus poderes para se entreter.

Já é quase meia-noite e quinze e eu acelero o passo, bufando. Porque hoje à noite preciso estar em um lugar e tenho perguntas que precisam ser respondidas.

Esta noite vou encontrar a Resistência.

Não foi difícil sair do palácio, principalmente porque Lenny não vigia minha porta à noite. Os Imperiais que cercam o palácio também não foram um problema, já que estou acostumada a me esgueirar sem ser vista. Saí pelo jardim e segui a estrada que passa ao lado da Arena, voltando a pé à Alameda, já que não faço a mínima ideia de como cavalgar e achei que hoje não era o melhor dia para aprender.

Passo pelo beco onde conheci Kai e sorrio com a bela lembrança de tê-lo roubado.

Bons tempos.

Afasto os pensamentos que me levam a ele para não me permitir distrações e entro em uma rua familiar. Minha rua. A rua onde fica a casinha branca e precária. Engulo o nó na garganta ao vê-la. Não volto aqui desde que fugi, há cinco anos. Quando ela estava coberta com o sangue do meu pai e o sofrimento me esmagava.

Mas foi para cá que o bilhete do rapaz me trouxe, o rapaz que agora sei que faz parte da Resistência. Quando me dou conta, estou parada diante da porta, ofegando enquanto olho as rachaduras e as cavidades familiares na madeira.

É agora ou nunca.

Respiro fundo e empurro a porta. Trancada.

Mas portas trancadas são brincadeira de criança para uma ladra. Pego a adaga do meu pai e arrombo facilmente a fechadura, já que ele me ensinou essa habilidade exatamente nesta porta e com esta lâmina, há muitos anos.

A porta se abre, rangendo nas dobradiças enferrujadas enquanto eu a atravesso. Seguro a adaga com força e olho com cautela minha antiga casa. Parece comum, exatamente a mesma. A velha mobília continua nos mesmos lugares em que deixei, as rachaduras nas paredes ainda sobem até o teto. Teias de aranha se grudam em praticamente todas as superfícies, e parece que ninguém entra aqui há anos.

Talvez eu estivesse errada.

— Ora, ora, ora. Olha só quem a Peste me trouxe.

Estou com a faca levantada, apontada, pronta para arremessar contra a figura de pé nas sombras atrás de mim.

No escuro, vejo a silhueta sombreada de mãos erguidas em rendição. Meus olhos se acostumam com a luz fraca, vislumbrando cabelos ruivos e desgrehados caindo sobre uma testa sardenta.

— Lenny? — sussurro, abismada.

Ele dá um passo lento e seus olhos castanhos e seu riso familiar entram em foco.

— O próprio.

Sua voz parece leve e gentil como sempre. Mas isso não me faz largar a adaga que continua na mão erguida. Estou confusa, desorientada e precisando de respostas *imediatamente*.

— O que está acontecendo? — pergunto, olhando-o com suspeita. — Por que você está aqui?

Será que ele faz parte da Resistência? Deve fazer, mas...

— É — diz ele, coçando a nuca, sem graça. — Nós temos muita coisa para lhe dizer.

Pisco, atônita.

— Nós?

— É. — Ele aponta para as tábuas do piso que rangem embaixo dos nossos pés. — Nós.

Apenas encaro-o, esperando uma explicação sobre o que está acontecendo, por que Lenny está aqui e com quem ele está.

O olhar dele salta entre meu rosto e a faca, ainda pronta para voar até o seu coração.

— Assim que você baixar a faca, eu mostro. — diz, devagar, como se tentasse acalmar um animal enlouquecido, e tenho certeza de que estou parecendo exatamente isso.

Abaixo a faca lentamente, assentindo uma vez. Ele solta o ar com força, aliviado, os ombros soltando parte da tensão.

— Pela Peste, às vezes você é mesmo aterrorizante, sabia? Quero dizer, claro, eu é que sou o Imperial, mas, cara, provavelmente você poderia me arrebentar de porrada...

— Ah, e talvez eu faça isso, se você não contar o que está acontecendo — digo, com os dentes trincados.

— Tão exigente! — Lenny suspira, sinalizando para que eu o acompanhe. — Pensando bem, talvez você leve mais jeito para ser parte da família real do que uma Imperial, hein, princesa?

Ele joga um sorriso por cima do ombro enquanto se vira para o gabinete. O gabinete do meu pai. O lugar onde ele foi assassinado. Sinto como se meus pulmões estivessem sendo esmagados e meu coração estivesse sendo espremido quando entramos no cômodo.

Comum. Completamente comum, como eu. Não há sangue encharcando o chão nem a poltrona...

A poltrona em que ele foi assassinado.

Não está mais lá. Uma pontada de tristeza me acerta enquanto meu olhar varre a sala, tentando encontrar o lugar onde ele amava ler. Eu me sentava aos seus pés ou no seu colo enquanto meu pai contava histórias de mundos melhores, mundos com magia, heróis e meninas que não precisavam esconder quem realmente eram.

Lenny vai até a estante meio inclinada no canto da sala, cheia de livros cobertos de poeira e teias de aranha. Estou prestes a perguntar o que exatamente ele está fazendo quando o Imperial segura a beira da estante e puxa. Fico olhando, boquiaberta, a estante deslizar facilmente para a esquerda sobre algum tipo de trilho. Atrás, degraus de pedra levam a uma descida.

Nunca vi isso antes.

Lenny ri de novo para mim, sinalizando para a escuridão atrás da estante.

— Primeiro as damas.

Eu deveria rir na cara dele e fazê-lo descer primeiro, mas abandono toda a cautela e a substituo rapidamente pela curiosidade. O som dos meus passos na pedra ecoa enquanto firmo a mão na parede suja e continuo descendo para a escuridão. Quando estou de pé sobre a pedra lisa e sólida na base da escada, paro.

Lenny tromba direto em mim, quase me derrubando.

— Ai, *merda*... quer dizer, desculpe. Não vi você parar.

— É, bom, isso é porque não dá para enxergar *nada* — digo rispidamente, presumindo que estou olhando direto para ele, furiosa, na

escuridão.

— Bom, com isso eu posso ajudar.

Uma voz feminina me faz dar um pulo e eu trombo em Lenny de novo.

Ouçõ o estalo de um interruptor e o zumbido de luzes fracas se acendendo. Começo a piscar, tentando entender o que estou vendo.

Estou em uma sala grande e úmida, cheia de mesas atulhadas de gráficos, mapas e suprimentos. Há anotações e papéis grudados nas paredes, criando uma forração estranha. Do outro lado da sala há cadeiras de vários tipos espalhadas em um círculo, com papéis jogados em cima delas, e colchões desarrumados alinhados junto à parede mais distante.

E talvez o detalhe mais importante: há outras pessoas. Uma que eu reconheço imediatamente é o rapaz de quem roubei, o mesmo do baile. O homem à direita dele é mais velho, mais ou menos da idade que meu pai teria, com cabelo cor de palha e olhos azul-claros que me observam atentamente. A garota ao seu lado parece ter apenas alguns anos a mais do que eu, uma cópia idêntica do homem.

Filha dele.

Então meu olhar pousa na garota sorridente ao lado do interruptor de luz. Sua pele oliva parece brilhar contra o preto intenso do cabelo que desce até a cintura, e seus olhos de um castanho profundo me observam com curiosidade.

— Desculpe manter você no escuro, literalmente. — Ela suspira, cruzando os braços em cima da túnica laranja, me observando. — Os ouvidos de morcego do Lenny escutaram a porta se abrindo, por isso nós mergulhamos na escuridão, só para garantir.

Lenny lhe dá um riso sarcástico antes de responder casualmente à minha pergunta não verbalizada:

— Sou um Hiper. Tenho sentidos aguçados, e *certas pessoas* gostam de debochar disso. Apesar dessa habilidade ter salvado a vida delas algumas vezes.

Olho para ele, confusa.

— Você é um Trivial? Mas os Imperiais...

— Normalmente são Notáveis Ofensivos ou Defensivos — interrompe ele, com um suspiro. — Acredite, eu sei. Demorei uma eternidade para subir pela hierarquia até conseguir o posto que eu tenho.

Bom, isso esclarece apenas ligeiramente uma das dezenas de perguntas que giram no meu cérebro.

— Certo, será que alguém, por favor, pode me dizer o que, *pela Peste*, está acontecendo?

Lenny balança a cabeça ao meu lado, murmurando:

— Tão exigente...

— Eu fiquei imaginando quanto tempo você iria demorar para achar isso aqui. — É o rapaz do baile, que intervém antes que eu possa encher Lenny de porrada, como prometi. — Quer dizer, depois de você roubar metade das minhas moedas de prata e o bilhete no meu bolso. Achei que você iria acabar aparecendo. — Ele está achando isso divertido. — Demorou bastante.

Abro a boca, mas descubro que não tenho o que dizer.

Pela Peste, o que está acontecendo?

O homem loiro pigarreia antes de dizer:

— Finn, pode pegar uma cadeira para Paedyn, por favor? Temos muito o que contar a ela.

Finn assente e faz isso, colocando mais uma cadeira no círculo. Os quatro estranhos vão até elas e se sentam, em silêncio.

Em um momento há uma mão no meu ombro, e no outro eu a torci em um ângulo agudo, por puro instinto.

— *Que merda*, Paedyn! Pega leve! — exclama Lenny, ofegante.

Eu me dou conta do que fiz e o solto.

— Desculpe — murmuro. — Estou meio tensa.

Ele está esfregando o braço dolorido, me olhando com cautela.

— Bom, nota para mim mesmo: a princesa não gosta de ser tocada.

— Não me chame de princesa, Lenny.

— Certo, então. A princesa também não gosta de ser chamada de princesa. — Encaro-o irritada, mas Lenny continua rapidamente: — Certo, olha. Você vai ouvir um monte de coisa esta noite. Informações que irão chocar você. Então só... — Seus olhos procuram os meus. — Escute, certo?

— Claro. Sou uma ótima ouvinte.

Ele solta um ruído de escárnio.

— Veremos.

— Por que você está aqui? — pergunto, bruscamente, a voz mais calma do que me sinto no momento.

— Paciência, princesa. Você logo vai saber.

Com cuidado, ele toca meu ombro, me olhando para garantir que não vou quebrar seu pulso. Quando considera estar em segurança, Lenny me guia gentilmente até o círculo de cadeiras e se senta ao meu lado.

O homem loiro está sentado de frente para mim, suspirando enquanto me examina.

— Você deve ter puxado à sua mãe, porque não se parece muito com seu pai. — Meu coração para, os olhos expondo minha surpresa diante

dessas palavras. — Mas você tem o espírito dele, a força de vontade. Isso é evidente no modo como você apareceu aqui hoje.

Abro a boca para deixar as perguntas saírem, mas sou interrompida.

— E vejo que você ainda tem a adaga do seu pai. Ótimo — continua ele, assentindo para a faca ainda na minha mão, agora escorregadia de suor. — Minha cara, você tem... — Seu olhar se crava no meu com tanta intensidade que preciso lutar contra a ânsia de desviar. — Perguntas demais. Para começo de conversa, eu sou Calum. Bem-vinda à Resistência. Bom, a uma pequena parte dela. Nós estávamos aguardando com paciência a sua chegada.

— Vocês estavam esperando...? — começo.

— Boa ouvinte é o cacete — murmura Lenny, ao meu lado.

Respondo com um olhar que faz Calum rir e Lenny se remexer, olhando a adaga ainda na minha mão.

— Prometo que vou responder a todas as suas perguntas, Paedyn. Mas primeiro vamos fazer as apresentações. Esta é a minha filha, Mira — Ele indica a garota loira ao lado, que mal me oferece um sorriso. — Esta é Leena. — Ele assente para a garota de cabelos pretos caindo com elegância às costas.

— Você é menor do que eu imaginava — diz Leena com a cabeça inclinada para o lado. — Agora estou ainda mais impressionada por você ter sobrevivido à primeira Prova. — Seu tom não é irônico, mas curioso.

— Sou mais durona do que pareço, garanto. A arma mais forte de uma mulher é ser frequentemente subestimada — respondo, com um pequeno sorriso. — E eu usei essa arma o tempo todo.

O rosto de Leena se abre em um sorriso lindo que ilumina suas feições enquanto ela diz, para ninguém em particular:

— Gosto dela. A gente pode ficar com ela, não é?

— Ela não é um cachorro — murmura Mira, revirando os olhos.

— E você já conheceu o Finn — intervém Calum. Finn me dá uma piscadela rápida e eu quase rio. — Bom, eu tenho muita coisa para explicar e muito pouco tempo, por isso vou direto ao ponto. — Ele respira fundo. — Seu pai e eu éramos muito próximos.

Apesar disso, eu nunca tinha visto o sujeito.

— E sei que você não sabe quem eu sou. — Suas palavras cortam meus pensamentos. — E isso é porque seu pai fez da nossa amizade... bom, um segredo. Assim como ele manteve a Resistência em segredo para você.

Minha cabeça está girando e de repente fico grata por estar sentada.

— Mas seu pai não somente *sabia* sobre a resistência. Veja bem, a Resistência existe há quase uma década, e Adam foi um dos primeiros

líderes. Esse é o verdadeiro motivo para nós ainda estarmos nesta casa, usando-a como quartel-general, exatamente como fazíamos quando ele era vivo.

— Por que ele escondeu esse segredo de mim na época?

Ignoro o olhar que Lenny me lança quando interrompo.

Calum suspira.

— Não foi só de você que ele escondeu a Resistência. Naqueles primeiros anos, nós éramos discretos, espalhando em silêncio nossa causa para as pessoas em quem podíamos confiar. Para você, seria perigoso participar da Resistência, por isso ele quis esperar até que você fosse mais velha. — Ele faz uma pausa antes de acrescentar em voz baixa: — Mas seu pai não teve essa chance. Além disso, quando o encontramos... você tinha ido embora.

Consigo assentir ligeiramente, engolindo o nó na garganta antes de perguntar:

— Foi por isso que o rei o matou? Porque ficou sabendo do papel dele na Resistência?

Uma expressão confusa atravessa o rosto de Calum enquanto ele continua me olhando. A intensidade do olhar é quase inquietante, e então ele vira a cabeça e assente devagar.

— É o que eu presumo, sim.

Engulo em seco, esperando me sentir mais leve por finalmente descobrir o motivo da morte do meu pai depois de anos de culpa e tentativas de adivinhar. Mas não me sinto.

— Só agora você, e a maior parte de Ilya, estão começando a ouvir falar de nós, porque nós crescemos — continua Calum. — Crescemos em tamanho e força. Mantivemos a Resistência em segredo por muitos anos enquanto ganhávamos mais membros, encontrávamos mais Comuns. Mas agora o rei está tendo dificuldade em nos conter, em nos manter em segredo e sob controle.

— Então onde estão os outros? — Acrescento rapidamente: — *Quem* são os outros?

— Nós estamos *por toda parte* — responde Mira, mas seu olhar profundo diz muito. Está claro que ela não confia em mim a ponto de revelar mais.

Calum continua calmamente:

— Durante o Expurgo, há três décadas, restaram mais Comuns do que as pessoas achavam em Ilya depois do banimento. Eles se escondiam bem debaixo do nariz do rei. Existem membros da Resistência espalhados por todo o reino, já que obviamente não é seguro nem prático residirmos todos em um só espaço. Nem eu sei onde todos estão ou quem são.

Temos líderes para diferentes áreas do reino, o que nos permite espalhar informações para os membros com facilidade e sem levantar suspeitas. As notícias correm rápido quando os líderes conversam e passam informações para a sua seção.

— E é por isso que estamos reunidos aqui esta noite — completa Leena, animada. — Para discutir planos e depois informar às nossas seções sobre eles.

Fico encarando-os.

— Todos vocês são líderes? Quero dizer, vocês são tão... jovens.

— E bonitos — acrescenta Finn, suspirando. — Mas sim, somos alguns dos líderes, os que conseguiram se reunir hoje. Para ser sincero, somos apenas gloriosos pombos-correios que repassam informações para que a Resistência consiga permanecer unida mesmo que todos os membros não consigam se encontrar.

— Eu não sou um pombo-correio — responde Mira, bufando.

— Não sei por que estamos falando sobre *pássaros* — Lenny suspira —, mas, sim, eles supervisionam as informações para os membros da Resistência em determinadas áreas do reino, e essa não é uma tarefa simples. Os Comuns ainda são mortos constantemente, e se forem reveladas informações sobre quem faz parte da Resistência, teremos mais mortes ainda.

— Então... vocês são Comuns?

Finn ri.

— Eu sou, com certeza.

— Eu também — diz Leena, com orgulho.

Olho para os dois, pessoas como eu, Comuns.

Meus olhos se viram rapidamente para Mira, que diz:

— E eu sou uma Silenciadora.

Calum intervém antes que eu possa fazer mais alguma pergunta:

— Os Comuns em Ilya costumam adaptar a habilidade dos Hipers, já que é um poder bastante fácil de fingir. — Diante disso, Leena lança um olhar presunçoso para Lenny. — Quando os Comuns encontram a gente e entram para a Resistência, nós os ajudamos a desenvolver um modo de vida, a sobreviver. — Ela me oferece um sorriso triste. — Nem todo mundo tem um pai como o seu, que ensina os filhos a *se tornarem* poderosos. Sua habilidade Psíquica foi treinada desde que você era criança, e é o disfarce mais convincente que eu já vi.

O homem faz uma pausa momentânea, alinhando os pensamentos.

— Quanto a *quem* nós somos, bom, obviamente a maioria de nós é Comum. Mas também temos Notáveis do nosso lado.

— Os Fatais — digo, ofegante.

— É. — Ele parece se enrijecer ao ouvir a palavra. — E parece que você já encontrou um.

O Silenciador com quem lutei no beco me vem à mente enquanto digo devagar:

— Ele era...?

— Ele era membro da Resistência. — Calum levanta a mão, silenciando o pedido de desculpas que eu estava prestes a oferecer por ter derrotado um dos seus membros. — Não precisa se desculpar, Paedyn. Foi a idiotice de Micah que fez com que ele fosse pego.

— Ele sempre agiu de cabeça quente — murmura Lenny. — E sempre foi um idiota. Um idiota imprudente. Achar que poderia atacar o príncipe, o futuro *Executor*, sem consequências...

Meu olhar dança entre os cinco.

— Será que posso perguntar exatamente por que esse tal de Micah é um idiota imprudente?

— Porque ele viu o príncipe já enfraquecido e foi dominado pela raiva — diz Mira, com a expressão desprovida de simpatia. — Resumindo uma história longa, o príncipe Kai matou uma pessoa muito próxima de Micah, o que encheu o Silenciador de fúria e desejo de vingança. Quando ele viu o príncipe naquele beco, cansado e preocupado, aproveitou a oportunidade para dar cabo dele. — Ela me prende com um olhar. — Mas em vez disso você acabou com Micah.

— Na ocasião, nós não sabíamos quem você era — acrescenta Lenny. — Juntamos as peças quando vimos o seu nome no estandarte na Alameda e suas entrevistas.

— Achei que você tinha morrido, Paedyn — diz Calum, sério. — Até que você apareceu de repente nas Provas, e, então, tínhamos encontrado a filha do Adam. Bom, você nos encontrou.

— Quem imaginaria que a filha de Adam Gray, um líder da Resistência, iria me roubar e encontrar aquele bilhete? — Finn suspira. — O bilhete que trouxe você até nós, de volta à própria casa. — Ele olha para o teto e sorri. — Quando te vi no baile, quando vi que você me reconheceu, tive certeza de que não demoraria muito a nos encontrar.

Engulo em seco, incapaz de abandonar o assunto anterior.

— Sinto muito sobre o Silenciador... sobre Micah. — Não consigo evitar o sentimento de culpa, já que sou o motivo para ele ter sido pego. — Vocês sabem se ele ainda está vivo?

A expressão de Calum fica séria.

— Não temos certeza. Mas, se está, provavelmente não será por muito tempo. — Ele continua antes que eu tente pedir desculpas outra vez: — E não precisa se sentir culpada, Paedyn. Micah foi o responsável pelo

próprio destino.

Ele respira fundo, e então retoma a conversa em um tom casual.

— Bom, como eu estava dizendo, a Resistência é composta por Comuns e Notáveis, inclusive Silenciadores, Leitores de Mentes e Controladores. Como o rei também tentou matar os Fatais e continua a fazer isso, eles também querem justiça. Outros Notáveis se juntaram à causa por motivos pessoais. Qualquer um com o mínimo de bom senso não engole a ideia de que os Comuns foram banidos subitamente por causa de uma doença.

— Então os membros da Resistência não acreditam que os Comuns estão enfraquecendo os Notáveis, certo? — pergunto, e Calum assente. — Alguém tem alguma prova que possa ser usada contra o rei e os Curadores dele?

O olhar de Calum procura o meu, e então ele solta um suspiro.

— Não, não temos prova.

Lenny acrescenta:

— Nós somos apenas os ilyanos que se importam o suficiente para perceber que a coisa não faz sentido. Os Comuns viveram junto com os Notáveis por décadas antes do Expurgo, e, mesmo agora, eles se escondem debaixo do nariz do rei e vivem ao lado dos Notáveis sem que haja nenhuma reclamação de habilidades diminuindo. — Ele suspira. — Mas só porque o rei e seus Curadores disseram que os Comuns eram doentes, a maioria dos Notáveis não vai pensar duas vezes se isso significar que os poderes e a vida deles estão em risco.

Passo a assentir lentamente, sentindo meu cérebro ser inundado com perguntas de novo.

Qual é exatamente o objetivo da Resistência? E o que eu poderia oferecer a ela?

Abro a boca para perguntar isso, mas Calum é mais rápido.

— A Resistência está finalmente pronta para agir. Diferentemente do que o rei disse sobre nós, não somos radicais que matam por simples prazer. Queremos justiça. Queremos que a verdade seja dita. Queremos que os Comuns e os Fatais vivam de novo em paz com os Notáveis. Que não sejam caçados e mortos por algo que não podem controlar simplesmente porque o rei quer uma sociedade composta por Notáveis e está disposto a mentir sobre os Comuns para alcançar isso. Então, esse é o nosso objetivo. Essa é a nossa causa.

E é exatamente o que eu quero, exatamente pelo que esperei a minha vida toda.

Ser aceita e ser *livre*.

É então que percebo como quero fazer parte disso. Como quero

ajudar e fazer a diferença. Acho que, durante toda a minha vida, eu esperava encontrar um propósito assim.

— E o baile? — pergunto, bruscamente. — Por que atacaram o baile?

Lenny e Calum trocam um olhar. Calum suspira e diz:

— Nosso ataque foi uma surpresa tão grande para nós quanto para os convidados.

Eu me lembro de como os poucos membros da Resistência pareciam despreparados, como estavam tentando *fugir* do salão de baile.

— Aquilo não fazia parte do plano — explica Lenny, e eu levanto uma sobrancelha, pedindo-o que explique melhor. — Em resumo, o baile era a oportunidade perfeita para infiltrar um pequeno grupo que fizesse uma busca no castelo, usando a festa como distração. E, bom, digamos apenas que eles foram pegos.

Meu olhar vai até Finn.

— Você estava lá e escapou. O que aconteceu?

Finn pigarreia.

— Não vou entediar você com os detalhes, mas um guarda me encontrou em um corredor dos fundos durante a minha busca e achou muito suspeito um garçom estar tão longe da festa. Então, quando ele começou a fazer perguntas, naturalmente, eu menti. — Ele abaixa a cabeça, balançando-a e olhando para o chão. — Só depois de ele me arrastar para o salão de baile descobri que o sujeito era um Detector, que podia sentir cada uma das minhas mentiras.

— Mas Finn não foi o único a ser pego — intervém Mira, séria. — Por acaso, havia um número muito maior de Imperiais andando pelo castelo do que o previsto.

Finn solta um suspiro pesado.

— Estávamos todos equipados com bombas de baixo dano, facas e cápsulas de suicídio, mas não tínhamos planos de usá-las. Estávamos com as armaduras de couro e tínhamos as máscaras como precaução, para o caso de precisarmos fugir lutando. E foi exatamente o que aconteceu. Um Imperial foi o primeiro a explodir uma bomba, sem saber o que ela era, e foi então que o caos começou no salão. Nós tentamos escapar, mas os Notáveis começaram a nos impedir, e só podíamos fugir lutando. — Ele faz uma pausa, engolindo a tristeza. — No final, acabamos usando as bombas, e os que foram apanhados usaram as cápsulas de suicídio.

O rosto bonito de Leena está franzido com o sofrimento e suas palavras seguintes soam vazias:

— Nossos segredos são valiosos demais para serem descobertos, e eles eram leis demais para revelá-los. Sabiam que perderiam a vida de qualquer modo.

A sala fica em silêncio como se tirasse um momento para homenagear os companheiros perdidos.

— Nós não pretendíamos que o reino ficasse sabendo da Resistência naquela noite nem daquele jeito, mas parece que o destino tinha outras intenções — diz Calum baixinho. — Infelizmente, às vezes são necessários mártires para mostrar às pessoas que existe algo pelo qual vale a pena lutar.

Me permito absorver essa informação, sentada em silêncio, antes de verbalizar a pergunta que se esgueirou até o primeiro plano da minha mente.

— O que vocês estavam procurando?

É Lenny quem responde:

— Por causa das minhas funções como Imperial, fui informado de que a última Prova vai acontecer na Arena, e é lá que vamos nos mostrar a Ilya. Bom, o castelo tem um monte de passagens e túneis que se conectam a vários lugares. Precisamos descobrir qual passa diretamente embaixo do camarote na Arena. Prender o rei é a parte mais complicada do plano, por isso precisamos usar o elemento surpresa contra ele enquanto o resto da Resistência passa pelos muitos túneis que levam para dentro da Arena.

Minhas sobrancelhas se franzem em confusão.

— Como vocês sabem que existe um túnel que leva até a sala de espera embaixo do camarote?

Não me lembro de ter visto nenhuma porta lá embaixo antes das entrevistas. Se bem que, no fim, acho que eu estava bem distraída.

— Eu vi — responde Lenny simplesmente. Eu abro a boca, mas ele me interrompe. — E isso é ótimo, só que a porta do túnel só pode ser aberta por *dentro*, e eu não faço ideia de onde fica a outra extremidade do túnel.

— Ah — digo, baixinho.

A risada de Lenny é seca.

— É. *Ah*.

Olho para todos eles, cheia de expectativa.

— O quê? Vocês precisam de mim para encontrar o túnel que leva até lá?

A resposta deles chega praticamente em uníssono:

— Sim.

Contenho uma risada.

— Se o Lenny ainda não conseguiu descobrir, não sei se eu...

— É, bom, seria muitíssimo mais fácil se eu tivesse o futuro rei na palma da minha mão — murmura Lenny.

Olho para ele, séria, enquanto Calum diz lentamente:

— Seu relacionamento com os príncipes é... valioso. Especificamente sua *conexão* com o príncipe Kitt. — Ele se inclina para a frente, me instigando a entender. — Paedyn, acredito que você tem muito mais influência sobre aquele rapaz do que imagina.

Não sei se ele está certo, mas respondo assentindo devagar, absorvendo suas palavras.

— Você quer que eu use o Kitt para encontrar o túnel.

— Bingo — diz Finn.

— Ele já começou a confiar em você — insiste Calum. — Então use isso. O que foi mesmo que você disse antes? “A arma mais forte de uma mulher é ser frequentemente subestimada.” Então deixe que ele subestime você. Ele é um meio para alcançar um fim. Faça esse rapaz se curvar aos seus pés, se for preciso. — Seus olhos estão fixos nos meus. — Só coloque a gente dentro da Arena. Estamos planejando isso há muito tempo, e será a primeira vez que a maior parte da Resistência vai estar no mesmo lugar. Então, esse plano *precisa* dar certo.

— Posso fazer isso. *Vou* fazer isso — respondo, assentindo de novo.

Há um instante de silêncio antes que eu pergunte:

— Qual *é* exatamente o plano?

— Na verdade, é bem simples — diz Calum. — A maior parte de nós vai estar finalmente reunida e vamos mostrar ao povo de Ilya quem nós somos e o que temos a dizer. Vamos mostrar que não somos uma ameaça, e, ao mesmo tempo, vamos lembrá-los de quem eles vêm matando há décadas. O rei terá que admitir que mente sobre os Comuns ou simplesmente nos dar a liberdade. E você vai nos ajudar a conseguir isso.

— Precisamos que você encontre o túnel — insiste Lenny. — Eu vou estar lá para ajudar com qualquer coisa de que você precise, claro, e vamos manter contato com Calum.

Então Calum é o líder da Resistência?

— É, acho que você poderia me chamar assim, mas na verdade nenhum de nós tem títulos — diz Calum, friamente, passando a mão pelo cabelo castanho-claro.

Pela Peste. Ele é um...

— É, sou Leitor de Mentes, Paedyn.

Minha respiração acelera.

Ele está lendo meus pensamentos o tempo todo. Provavelmente está lendo agora mesmo...

— É, eu estive lendo os seus pensamentos o tempo todo, e sim, acabei de ler de novo.

Não tento esconder minha reação ultrajada, o que apenas suaviza a expressão dele.

— Desculpe invadir seus pensamentos, mas eu precisava garantir que você estava mesmo do nosso lado, que estava disposta a nos ajudar.

Dê. O. Fora. Da. Minha. Cabeça.

Ele quase sorri.

— Cabeça-dura, igualzinha ao pai. Mas agora que sei que você é digna de confiança, vou deixá-la em paz.

Lenny pigarreia e se levanta, estendendo a mão para mim.

— Precisamos ir. Temos muito trabalho a fazer. E você precisa passar o máximo de tempo possível com o futuro rei para descobrir a passagem.

— É, ainda preciso descobrir exatamente como vou arrancar essa informação dele — admito.

— Flertando — cantarola Finn, ao mesmo tempo em que Lenny diz:

— Tente dar piscadinhas ou algo assim.

Reajo bufando, e Lenny sinaliza para a escada.

— Vem. Você precisa voltar para o seu quarto.

Me despeço do pequeno grupo à minha frente, assentindo.

— Obrigada. Vocês me deram algo pelo que lutar.

E então sigo para a escada de pedra, atrás de Lenny.

— Paedyn?

Viro-me e encontro Calum me observando.

— Seu pai ficaria orgulhoso.



CAPÍTULO 35



Kai

Treinar e torturar me mantiveram são nos últimos dois dias, mas tenho plena consciência de que somente uma pessoa insana admitiria isso.

Faz quase uma semana desde o final da primeira Prova.

Quase uma semana desde que cravei uma estrela de arremesso no peito de Jax.

Quase uma semana me contendo para não fazer o mesmo com Ace.

Então, me mantenho ocupado, dando socos em almofadas para não acertar o rosto de alguém, já que não tenho mais o Silenciador para espancar.

É uma pena eu tê-lo matado.

Tenho certeza de que ele detinha informações, claro, mas não sou de fazer ameaças vazias. Prometi a Micah que iria matá-lo se ele não provasse que valia a pena salvar sua vida. Quando ele não me ofereceu as informações que eu desejava, cumpri minha promessa.

Micah era um risco, perigoso demais para ser mantido vivo como meu saco de pancadas humano. Eu sabia que ele não tinha intenção de me contar o que eu queria ouvir, e eu não tinha intenção de desperdiçar meu tempo.

Apesar de eu sentir falta de descontar minha raiva e frustração nele.

Além disso, ainda passo a maior parte dos dias com o Silenciador do meu pai. Sua capacidade é uma das poucas com as quais não treinei, jamais a havia sequer encontrado até um mês atrás. Por isso, treino durante horas com Damion, tentando entender esse novo poder e desenvolvê-lo da melhor forma possível. Nunca mais quero me sentir sem poder, como quando Micah me emboscou na Alameda. Não: eu *quero* o poder dele. Quero ser capaz de usá-lo e não ser atingido por ele, para jamais me sentir mutilado daquele jeito.

Falar é fácil, fazer é que é difícil.

O treinamento é tedioso e cansativo. Aprender a usar a habilidade de Silenciador é muito mais fácil do que me defender contra ela. Sou

esmagado diariamente pelo poder enquanto tento absorvê-lo, usá-lo contra ele. Sinto dificuldade, para dizer o mínimo, apesar de estar decidido. Odeio me sentir tão sem poder.

Mas estou inquieto. Fico ocupado o dia inteiro na esperança de que os pesadelos fiquem cansados demais para me perseguir durante a noite.

A lâmina da minha espada se crava fundo na madeira do boneco de treino que estou atacando.

Suspiro com irritação e seguro o cabo pesado com as duas mãos, arrancando o aço afiado da madeira lascada. Sem pensar, giro a arma ao lado do corpo antes de me lançar de novo no ataque, deixando a mente se concentrar na força e na precisão de cada golpe — na sensação de brandir a morte, segurá-la na palma da mão, dobrá-la à minha vontade.

No entanto, basta uma risada familiar para me tirar o foco.

Paedyn está encostada na árvore acolchoada que ela gosta tanto de espancar, com Kitt parado perto dela. Um sentimento começa a queimar dentro de mim, mas, ignoro, me recusando a admitir o ciúme que me pinta com a cor do reino de Ilya.

Meu olhar está grudado nos dois, que conversam tranquilos. Ultimamente, Paedyn parece muito mais confortável com Kitt, passando tempo com ele fora dos treinamentos e das refeições. Forço o ciúme a escorrer para fora dos ossos, simplesmente se evaporar, mas ele me corrói, se manifestando diante de qualquer pensamento sobre os dois juntos.

Paedyn assente para Kitt com um sorriso antes de ele se virar e voltar para o castelo, e eu me obrigo a me concentrar de novo no treino. Corto a madeira com a espada, aliviando a tensão nos ombros a cada golpe.

— Que tal uma revanche?

Acerto a madeira com força, cortando o peito do boneco. Paedyn espera com paciência enquanto eu me viro devagar, girando a espada em círculos vagarosos ao lado do corpo. Não sorrio ao responder casualmente:

— Alguém está com vontade de perder.

Um olhar severo passa pelo seu rosto enquanto ela cruza os braços.

— E alguém está simplesmente mal-humorado.

Dou uma risada sem humor.

— Meu bem, eu não estou mal-humorado. Se estivesse, haveria muito mais sangue.

Ela dá uma risadinha.

— Bom, não vou ter que aceitar a sua palavra, porque depois de derrotar você, tenho certeza de que vou testemunhar seu mau humor em primeira mão.

Suspiro, cedendo.

— Ótimo. Corpo a corpo de novo?

— Não — diz ela, devagar. — Eu estava pensando que a gente poderia fazer uma coisa diferente.

— Por quê? — Dou um passo mais para perto dela, me inclinando enquanto digo: — Corpo a corpo é uma distração muito grande? É difícil ficar tão perto de mim?

De algum modo, Paedyn consegue avançar mais um passo, chegando mais perto ainda.

— De jeito nenhum. Eu não me distraio, Azer.

— Isso parece um desafio.

— Só se você estiver no clima de perder.

Pela Peste, essa garota...

Ela sorri para mim.

— Que tal arco e flecha? A não ser, claro, que seu orgulho não suporte ser derrotado por mim. De novo.

— Ah, isso não vai ser um problema. Porque não vou perder.

Afasto meu rosto e esbarro de leve em seu ombro quando passo. Sei o que ela está fazendo e gosto da distração. Gosto que *ela* seja a distração. Pego um arco em um suporte de armas e jogo um punhado de flechas no chão entre nós. Paedyn já está com sua arma, virada para o alvo agora muito desgastado a mais de quinze metros de distância.

— Três rodadas. — Ela não afasta o olhar do alvo. — Cada um dispara três flechas por rodada. Quem marcar mais pontos vence.

— Justo.

Estendo a mão para apertar a dela, concordando com as regras, como é o costume. Paedyn segura minha mão lentamente, apertando-a com firmeza enquanto seus calos roçam nos meus. Então puxo-a contra o meu peito e sussurro em seu ouvido:

— Boa sorte, Gray.

Ela revira os olhos para mim, mas os meus estão fixos nela.

— Não preciso de sorte para competir com você — diz ela, friamente, com um sorriso presunçoso.

Não consigo conter uma risada. Depois de um momento longo demais, solto-a e ela se vira para o alvo com um sorriso. Quando não faço menção de pôr uma flecha na corda, recebo um olhar cheio de expectativa, mas eu reajo com um gesto na direção do alvo.

— Primeiro as damas.

— Ah, certo. Esqueci que você era um *cavalheiro* — diz ela, debochando, antes de pôr uma flecha na corda.

Inclino a cabeça, olhando-a segurar o arco como se fosse canhota,

apesar de saber que não é.

Interessante.

Pisco uma vez e de repente uma flecha está voando pelo ar, pousando muito perto do alvo. Paedyn coloca outra no arco e o estica, respirando fundo. Fecha os olhos por um momento e só dispara quando os abre de novo. Na mosca.

Observo-a repetir a mesma sequência de movimentos com a última flecha. Vejo seu braço flexionar quando puxa a corda. Seus olhos se fecham em busca de concentração. Ela respira fundo, e então crava outra flecha no alvo.

Maldição.

Arco e flecha nunca foram minhas armas preferidas e, sem dúvida, o mesmo não pode ser dito sobre Paedyn. Ela leva jeito. É muito confiante, muito controlada, como se o arco fosse uma extensão do seu braço. A flecha a obedece como se ela a forçasse com a mente a cair exatamente onde deseje.

Então, começo a achar que ela está certa. Talvez eu perca essa disputa.

— Agora é a sua vez. — Ela recua e fica ao meu lado. E diz com um suspiro falso: — Boa sorte, Azer.

A Peste sabe que vou precisar.

Avanço e ajusto uma flecha no arco. Sinto o olhar dela em mim, acompanhando cada movimento que faço, e isso é uma *distração* irritante. Puxo a corda, miro e disparo. Erro por pouco; solto um xingamento baixinho antes de colocar outra flecha na corda. A segunda segue o mesmo padrão, e agora estou frustrado e sentindo a necessidade avassaladora de dar um soco em alguma coisa. Disparo a última flecha, que finalmente para onde eu quero. Por pouco. A ponta prateada afunda na borda da mosca, guiada por pura sorte.

Paedyn não diz nada enquanto se adianta e dispara as três flechas seguintes. E, como antes, duas acertam o alvo e uma bem perto. É hipnotizante olhá-la, testemunhar sua habilidade com a arma.

Vou perder. E não gosto de perder.

Paedyn também sabe disso. Ela passa por mim, sorrindo como se já tivesse vencido. E provavelmente venceu. Demoro um tempo disparando minhas três flechas, tentando me concentrar e acalmar a respiração. Não adianta. Duas nos aros, uma na mosca. Olho irritado para o objeto enquanto Paedyn ri. Ela põe uma flecha na corda, dizendo:

— Agora vejo por que você queria a luta corpo a corpo. Sabia que tinha mais chance de ganhar assim.

Ela não está errada. Ainda sorri enquanto foca a atenção no alvo, acalmando a respiração antes de puxar a corda do arco.

Não tenho a menor chance de ganhar isso.

Luto contra um pequeno sorriso quando uma ideia surge na minha mente.

Se vou perder, pelo menos posso me divertir um pouco.

Dou um passo na direção de Paedyn. Depois, lentamente, fico atrás dela — bem perto. Meu peito encosta nas suas costas no instante em que deixo minha mão encontrar sua cintura, preguiçosamente. Paedyn se assusta com o contato súbito e eu dou uma risada suave, perto do seu ouvido.

— O que você está fazendo?

A pergunta sai ofegante, mas ela não se mexe, imobilizada contra o meu corpo. Meus lábios estão perto do ouvido dela quando murmuro:

— Distraindo você.

Ela solta uma risada forçada, fingindo confiança.

— Eu já disse... — As palavras dela falham quando minha mão começa a explorar mais sua cintura, seu abdômen, por cima da camiseta. Ela engole em seco. — Eu já disse que não me distraio.

Meus dedos começam a traçar círculos indolentes na lateral da sua cintura.

— É, e eu poderia jurar que você batucou com o pé direito quando disse isso. — Em seguida me inclino ainda mais para perto, sussurrando no ouvido dela: — E nós dois sabemos que isso significa que você está mentindo.

A verdade é que eu é que estou mentindo. O pé dela é a última coisa à qual estou prestando atenção. Mas ainda assim sei que ela está mentindo, e vou provar.

Paedyn pigarreia, tentando se concentrar em formar palavras, e não nos meus dedos.

— Bom, você está errado.

Com essa observação insegura, ela levanta o arco e puxa a corda.

Envolvo a cintura dela com um braço, lentamente, e deixo minha outra mão roçar em seu corpo ainda encostado no meu, desde os dedos curvados na corda do arco até o ombro tensionado. Sinto um tremor subir pela coluna dela enquanto meus dedos dançam lentamente para cima e para baixo do seu braço. Sorrio de encontro ao seu ouvido e sei que ela também sente isso, porque bufa, irritada.

Sinto-a respirar fundo, estremecendo, enquanto tenta se acalmar e se conter para disparar. Dou uma risada no seu ouvido quando a flecha atinge a maior distância do alvo até agora. Ela se vira de modo que nossos rostos ficam separados por apenas alguns centímetros e faz uma cara feia. Estou achando divertido, sorrindo enquanto deixo o olhar

percorrer seu rosto, captando cada sarda e cada cílio escuro emoldurando os olhos azuis.

Então aqueles olhos de oceano se afastam dos meus quando ela se vira de novo para o alvo, pegando outra flecha. Mas ela não tenta se soltar de mim. É teimosa demais. Caso se mova agora, sabe que isso só provará o quanto eu realmente a distraio.

Paedyn põe outra flecha na corda e respira fundo enquanto a brisa sopra uma mecha de cabelos prateados em seu rosto. Estendo a mão e gentilmente, lentamente, prendo a mecha atrás da sua orelha, sussurrando:

— Por que você está atirando com a mão esquerda?

É uma pergunta aleatória, usada tanto para distrair quanto para satisfazer minha curiosidade.

Ela respira fundo antes de responder:

— Você acreditaria se eu dissesse que é para pegar leve com você?

Rio, balançando a cabeça antes de pousar o queixo no ombro dela.

— Mentirosa. Você jamais pegaria leve comigo.

— Com relação a isso você está certo. — Ela solta um riso trêmulo. — Meu pai me ensinou a atirar com as duas mãos, e depois do ferimento na Prova achei que deveria treinar mais com a esquerda.

Sem hesitar, ela puxa a corda e dispara a flecha, acertando longe do alvo mais uma vez, com uma pancada fraca.

— Não. Diga. Uma. Palavra — diz ela sem me olhar, com os dentes trincados, e pega outra flecha.

— Eu não pretendia — digo, fingindo inocência.

— Mentiroso. Eu consigo praticamente *sentir* o seu sorriso.

Meus lábios estão encostados na orelha dela, e de fato estou sorrindo.

— Não consigo evitar quando estou certo.

Paedyn ainda está ajustando a flecha, com raiva, e a voz sai falsamente doce quando ela diz:

— Se você continuar assim, vou me virar e apontar essa flecha para o seu coração.

Sorrio ao ouvi-la, os dedos continuando a desenhar círculos na sua barriga. Ela respira de novo, a ponto de puxar a corda e disparar, quando murmuro:

— É, bom, pelo menos você vai conseguir acertar meu coração. Já o alvo...

Não fico surpreso quando sinto a pancada de um cotovelo na barriga. O ar escapa dos meus pulmões rapidamente, mas começo a rir assim que recupero o fôlego. Paedyn bufa e eu a puxo mais para perto, usando esse jogo como uma desculpa para segurá-la, tocar nela.

A cabeça dela repousa no meu peito enquanto ela examina o alvo, respirando fundo. Eu estou fazendo o mesmo. Arfo com a sensação do corpo dela no meu. Preciso me esforçar para respirar direito. Nós nos encaixamos de modo tão perfeito, tão *certo*! Mal consigo pensar, ou respirar, ou me mexer quando meus dedos deslizam pela sua pele, sua cintura, seu corpo.

Paedyn levanta a cabeça, levanta o arco e deixa a flecha voar. Na mosca. Mas por pouco. Eu me inclino e de novo apoio o queixo no seu ombro, admirando a flecha que finalmente chegou ao lugar certo.

— Finalmente, Gray.

— Vamos ver se você faz melhor — ironiza ela, afastando-se enquanto eu a solto com relutância.

Suspiro e pego uma flecha, ajustando-a no arco. Disparo rapidamente e acerto o círculo mais próximo da mosca, xingando baixinho. Então pego outra, decidido a fazê-la pousar onde quero.

Algo encosta no meu braço, um sussurro contra a minha pele.

Minha cabeça gira para o lado, os olhos se chocando contra outros, azuis. Ela me espia através dos cílios, os olhos queimando os meus, cheios de fogo. Sua mão paira logo acima da pele exposta do meu braço, provocando sem tocar.

— O que você está fazendo, Gray? — pergunto, voltando a atenção para o alvo.

— Distraindo você — diz ela, lentamente, estendendo as sílabas. Sua mão roça meu braço outra vez, de leve. Muito de leve.

Sorrio.

— Meu bem, você vai precisar fazer melhor do que isso.

— Não — diz ela, com frieza. — Acho que não.

As pontas dos dedos dela encontram minha pele. Ela os deixa correr pelo meu braço, parando junto ao pulso antes de voltar para cima, em uma lentidão dolorosa. Então, encontra o caminho por baixo da manga da minha camisa de algodão, subindo e...

Sumindo.

Seu toque desaparece, e me deixa ansiando que ela ponha as mãos em mim...

Então, eu percebo.

Ela está certa. Não precisa fazer mais do que isso para me distrair.

A mera ideia de Paedyn tão perto, me tocando, faz minha cabeça girar. Eu me derreto com a promessa que seus dedos fizeram, a promessa de algo mais, a promessa de *alguma coisa*. Nada. Ela não vai pôr as mãos em mim. Em vez disso, vai me enlouquecer, provocando com seu toque apenas para afastá-lo de novo, me deixando ali, querendo mais. Vai me

deixar com frio sem o fogo que seus dedos riscaram na minha pele.

Solto o ar, notando como minha respiração parece fraca, como meu corpo ficou trêmulo. Puxo a corda do arco quando outro dedo passa por baixo do meu antebraço, roçando a pele.

Minha flecha se crava a dois círculos de distância do centro, mas minha mente está em outro lugar, nos toques fantasmagóricos que sobem e descem pelo meu braço. Não me lembro de ter pegado outra flecha, mas ela está ajustada no arco quando olho para baixo.

Devagar, em uma lentidão maldita, ela deixa os dedos deslizarem por cima da minha pele, mais pesados do que antes. Um único toque jamais me deixou tão incendiado. Ela sabe *exatamente* o que está fazendo. Sabe que mal senti-la vai me deixar louco de um modo que não posso explicar, como nunca me senti antes.

— Você é uma coisinha cruel, sabia?

Minha voz sai profunda, desesperada.

— Mas praticamente nem encostei em você — diz ela, baixo, enfatizando as palavras com um único dedo subindo pelo meu antebraço.

— Exatamente.

Talvez, no fundo, eu tenha feito isso de propósito. Talvez tenha optado por *distraí-la* por saber que ela é teimosa demais para não fazer o mesmo comigo. Talvez eu tenha feito tudo isso porque queria as mãos dela em mim também. Porque era uma desculpa para segurá-la, para ela me segurar. E agora que ela não está fazendo isso, anseio por seu toque. Anseio por ela.

Disparo a flecha, sem me incomodar em ver onde ela se crava, antes de jogar o arco no chão, me virar e segurar os pulsos de Paedyn. Puxo-a, fitando aqueles olhos espantados. Vejo os lábios dela se entreabrirem e não sei bem se é de surpresa ou se ela está prestes a me dar um esporro.

— Não — interrompo-me, engolindo em seco e soltando o ar lentamente — brinque comigo assim.

Paedyn me encara, a boca se abrindo e fechando de novo, obviamente esperando que as palavras saiam. Sustento seu olhar enquanto guio uma de suas mãos para o meu braço, largando seu outro pulso para puxá-la mais para perto, pela cintura. A palma da sua mão encontra a minha pele e é quase como se eu lembrasse como é respirar de novo. Aperto minha mão em cima da dela, segurando sua pele com firmeza contra a minha. Sorrio agora que ela está me tocando, finalmente, por completo, em vez de me provocar com as pontas dos dedos.

Um único toque, ou a falta dele, basta para me enlouquecer.

O que ela fez comigo?

Afasto minha mão, os dedos descendo pelo seu braço antes de abaixá-

la ao lado do corpo. Mas Paedyn deixa a palma onde está. Olha para onde sua pele encontra a minha, e então seu olhar finalmente sobe até o meu rosto. Ela dá um sorrisinho, mas é um sorriso tão fraco quanto sua voz.

— Não sabia que um único toque podia afetar tanto você.

— Nem eu.

Ela desvia os olhos, que quase parecem tímidos quando ela deixa a mão descer pelo meu braço antes de abaixá-la por completo. Depois estica o pescoço, olhando em volta de mim, e então para o alvo, atrás.

E sorri para o que vê.

— Você perdeu, Azer.



Paedyn

— Foco,— Foco, Paedyn. Só se acalme e foque. Você consegue.

Concordo com a cabeça em resposta às palavras tranquilizadoras de Kitt, fechando os olhos antes de respirar fundo. Depois de um momento, o encaro, assentindo de novo.

— Certo, estou pronta.

O futuro rei solta um suspiro dramático, se divertindo, e conta devagar:

— Três...

Retribuo o sorriso que ele me dá.

— Dois...

Inclino a cabeça para cima.

— Um.

Então, ele joga alguma coisa para o alto. Fico de queixo caído, na expectativa, pronta para saborear a doçura do chocolate que pousa no meu nariz antes de quicar e cair no chão.

A risada de Kitt ecoa nas paredes da cozinha e eu vejo as serviçais sorrindo diante do som familiar. Ele estende a mão quando começo a falar, nitidamente precisando de um momento para se conter antes de olhar para mim. Mas quando enfim se recompõe e se volta para mim, está rindo de novo.

— Certo, então minha coordenação para pegar comida com a boca não é... fantástica — murmuro, incapaz de deixar o sorriso se espalhar pelo rosto.

— Não é *fantástica*? — Kitt passa a mão pelo cabelo revolto, ainda engasgando de tanto rir. — Diga à Gail que metade dos chocolates dela foi desperdiçada com você.

Cruzo os braços em desafio.

— Bom, você também não pegou todos os chocolates, *Vossa Majestade*.

Kitt se aproxima e sorri.

— Verdade. Mas pelo menos eu comi a prova do crime. Você, por outro lado... não.

Ele olha para o chão, agora cheio de doces.

Eu bufo, me abaixo e começo a pegar os chocolates minúsculos. Para minha surpresa, Kitt também se agacha, ajudando a colocá-los na minha mão em concha. Encaro-o por um momento, ainda perplexa com cada demonstração de gentileza ou cada sorriso compartilhado. Mas, com todo o tempo que temos passado juntos, as diferenças entre o rei e seu filho parecem me surpreender cada vez menos.

Uma relação que só comecei a sustentar com o objetivo de ser notada pelo povo cresceu até virar uma amizade improvável. Não é difícil ficar a maior parte dos dias conversando e passando tempo com o futuro rei para encontrar o túnel para a Resistência. Nada disso é difícil, mas lidar com a culpa que está me devorando é. Eu me pego, egoisticamente, desejando que Kitt fosse mais parecido com o pai, porque isso tornaria a traição muito mais suportável.

Uma serviçal pequena e bonita passa, ofegando ao nos ver.

— Eu sei, eu sei. — Kitt suspira. — Ela é péssima pegando as coisas com a boca.

— Não, não, Vossa Alteza! — A garota se aproxima com pressa com uma expressão alarmante. — Por favor, não se incomodem! Eu limpo rapidinho!

Antes que eu possa protestar, ela já se ajoelhou ao meu lado e começou a pegar os chocolates na palma da minha mão.

— Obrigado, Liza — diz Kitt, se levantando.

Ele estende as mãos para mim e eu as seguro, deixando que me ajude a ficar de pé.

Liza sorri para o seu príncipe.

— O prazer é meu, Vossa Alteza.

Claro que ele conhece as serviçais pelo nome.

Dezenas delas se movimentam ao redor, trombando umas nas outras na pressa de irem aonde precisam ir, enquanto uma voz trovejante grita para nós:

— Kitt, eu te amo, querido, mas acho que não cabe mais gente na minha cozinha!

Gail nos observa do outro lado da cozinha, sorrindo. A cozinheira gesticula com as mãos, nos mandando sair.

— Mas como estou expulsando vocês, vocês terão que me visitar de novo em breve — acrescenta ela.

Kitt ri e põe a mão nas minhas costas. Eu não me afasto. Ele me guia

para a porta enquanto grita:

— Ah, você não conseguiria me manter longe, Gail.

O corredor está repleto de serviçais, todos ocupados preparando o próximo baile para a noite seguinte — um lembrete do tempo cada vez menor que tenho para encontrar o túnel que leva ao camarote real.

Passei inúmeros dias com Kitt, ganhando sua confiança ao mesmo tempo que bolava um plano para obter a informação de que preciso.

Quase trombo em um serviçal, ou melhor, ele quase tromba em mim. O rapaz desengonçado grita um pedido de desculpas antes de seguir correndo para cumprir suas obrigações.

O momento perfeito. É agora ou nunca.

Viro o rosto para Kitt e forço uma risada.

— Você nunca precisa de uma folga do caos do castelo?

Ao mesmo tempo em que digo isso, já sei qual é a resposta. Quando estávamos apertados na sala segura, ele praticamente admitiu que se sente preso no palácio, na sua função. Apesar disso, aqui estou, usando contra ele essa informação que me foi dada em confiança.

Kitt me olha, parecendo examinar meus olhos com uma certa tristeza.

— Você não faz ideia.

Abro os braços, desesperada.

— Então por que não faz isso? Você poderia visitar a favela por um dia. Tudo bem, lá o caos é muito maior do que no castelo, mas... é um tipo diferente de caos. A gente se funde nele. Deixa o caos nos envolver até virar uma coisa familiar. Até fazer parte dele, ser engolida por ele.

Anda. Diz que sim.

Kitt está me olhando como se não acreditasse no que vê. Um sorriso lento se espalha pelos seus lábios, os olhos verdes varrendo meu rosto como se estivesse preocupado com a possibilidade de eu parar de respondê-lo de novo.

— O quê? — pergunto, ligeiramente preocupada.

Ele pisca e balança a cabeça ligeiramente, tentando afastar os pensamentos.

— Nada. É só... o modo como você fala sobre a favela.

Ele desvia os olhos, murmurando algo parecido com “Peste, simplesmente o modo como você fala”.

Não espero muito e pergunto lentamente:

— Então... isso é um sim?

O sorriso dele falha.

— Eu gostaria de poder ver a Alameda. De verdade. Não vou lá desde que eu era pequeno. Desde antes de eu ficar...

— Preso aqui? — sugiro, baixinho.

Eu não tinha percebido que tínhamos parado de andar, até que Kitt me puxa do meio do corredor, nos impedindo de ser pisoteados por serviçais.

— Exato — responde, com um sorriso sutil. — Você é uma das poucas pessoas que entende isso.

Concordo devagar, sorrindo ligeiramente.

— Kitt, você está prestes a levar um esporro, tudo bem?

Ele ri.

— Eu não esperaria nada menos de você. Vai em frente.

— Como futuro rei — digo, suspirando —, você deveria ver o seu povo. Ver como as pessoas vivem na favela. Ver como elas *sobrevivem*.

— Eu sei — retruca ele, em um tom indiferente.

— Então o que o impede?

Kitt solta uma risada sem humor, esfregando a nuca enquanto declara:

— O rei. Eu nunca saio do castelo, a não ser que seja absolutamente necessário. Além disso, segundo ele, ver meu povo não é uma prioridade. Sou o herdeiro do trono e ele não se arriscaria a me deixar sair do palácio, quanto mais a me deixar ajudar em alguma coisa, como tentei quando a Resistência atacou o baile.

Tento não me enrijecer diante da ignorância dele, da ideia de que a Resistência *atacou* o baile. Mas é melhor não contar ao príncipe coisas que eu não deveria saber.

— E você concorda com ele? — pergunto, com cuidado.

— Eu o entendo. E respeito...

— E nunca vai parar de tentar se provar, e por isso faz o que ele manda. Eu sei. — Há um tom amargo na minha voz, que tento esconder rapidamente. — Então só uma noite, Kitt. Vá ver o *seu* povo. Vá ver como era minha vida na favela. Não fique preso aqui.

Kitt encosta a nuca na parede e ri.

— Não posso exatamente sair, Paedyn. Há guardas em toda parte e eu não tenho autorização para simplesmente ir andando.

É exatamente o que eu esperava que ele dissesse.

Mesmo assim, encaro-o incrédula.

— Mas você é o príncipe.

— É, bom, às vezes eu sou um príncipe apenas no título, e não no privilégio. Não posso simplesmente sair pela porta da frente.

— Então saia por outra porta. — Aproximo-me dele, levantando as mãos e deixando que elas batam nas pernas, fingindo despreocupação. — Não vai dizer que não existe outro modo de sair daqui, um que ninguém conhece. Algum tipo de porta que não seja vigiada. — Minha voz sai totalmente casual, até mesmo curiosa.

Anda. Confie em mim. Diga.

Se eu conseguir que Kitt fale sobre os túneis, se conseguir que me leve por eles, há uma chance de ele me dizer o que preciso saber. Eu agiria como se estivesse curiosa, faria perguntas sobre os outros túneis para descobrir sobre um em específico. Não é o plano mais infalível que já bolei na vida, mas é um começo. Ele me olha de um modo que me lembra vagamente de Kai. Afasto os pensamentos sobre o outro irmão, optando por focar o que está à minha frente. Aquele com quem é fácil estar, com quem é fácil falar...

Que é fácil de enganar, trair, usar...

— Ah, sim. Tem um monte de maneiras de sair do castelo sem ser visto — diz Kitt, sorrindo e atravessando meus pensamentos gritantes.

Meu coração está batendo forte e minha voz sai baixa quando digo:

— Eu levo você. Uma noite. Você vai ver a Alameda e o seu povo. Vai ver como ele é, como é a vida dele...

Kitt me encara com tanta atenção que paro por um momento, engolida pelos olhos cor de esmeralda que eu não ousava enfrentar há alguns dias.

— Um rei que não conhece seu povo não pode ser rei *para* o seu povo — concluo.

Apesar da verdade nas minhas palavras, o gosto delas é amargo na minha boca por conta do motivo por trás do que digo.

Basta uma semente de dúvida, um grão de incerteza que possa infeccionar e crescer.

E eu acabei de plantá-la.

Dou-lhe um sorriso tranquilizador, como se não estivesse mentindo descaradamente.

Confie em mim.

— Talvez. — Ele fica me observando. Luto contra o impulso de tentar convencê-lo ainda mais, com cuidado para não parecer desesperada ou provocar suspeitas. — Vou pensar no seu caso.

— Kitt.

Os pelos da minha nuca se eriçam ao ouvir a voz. A voz fria, insensível. Viro-me lentamente e vejo o rei no fim do corredor, vindo na nossa direção. Faço uma reverência minúscula, mordendo a língua ao dar um pequeno sorriso.

— Kitt, preciso de você no gabinete para terminar nossa discussão com os conselheiros. — Seus olhos se voltam para mim, finalmente me considerando digna de ser notada. Eles têm o mesmo verde luminoso dos de Kitt e, no entanto, não poderiam ser mais diferentes, mais... frios. Quase estremeço, lembrando por que eu mal conseguia encarar o filho

dele. O olhar do rei volta para Kitt antes de ele dizer: — Agora.

Mesmo não parecendo muito empolgado, Kitt responde rapidamente:

— Claro, pai.

Em seguida, vai para o lado do rei, pronto para voltar com ele para o gabinete.

— Vá na frente, filho. Encontro você lá.

O tom de voz sério do rei não deixa espaço para questionamentos, e Kitt assente devagar antes de me lançar um pequeno sorriso e dar meia-volta.

É difícil, mas me forço a encarar o assassino do meu pai. O rei me olha como se eu fosse a sujeira que ele raspou das solas dos sapatos lustrosos. Não suporto isso, mas me obrigo a ficar imóvel em vez de me encolher sob seu exame. Então, ofereço um sorriso luminoso ao mesmo tempo que me pergunto se parece que estou mostrando os dentes.

— Vossa Majestade — digo, em despedida, antes de fazer menção de me afastar para escapar desse homem e dos meus pensamentos furiosos e vingativos.

Os sapatos do rei fazem barulho no piso de pedra quando ele fica à minha frente. Paro diante do homem corpulento. Ele está com ótima saúde para a idade, e é fácil ver de onde seus filhos herdaram o corpo forte e as feições bonitas. As semelhanças entre Kitt e o pai são espantosas, mas é na habilidade de Robusto do rei que estou focada, lembrando que ele poderia partir meu pescoço facilmente.

— Srta. Gray, que bom ver que você saiu da primeira Prova praticamente ilesa. — Ele não parece nem um pouco feliz com meu bem-estar. — Isto é, graças ao meu filho.

Só posso imaginar a reação do rei ao ver as imagens de Kai comigo na Prova. Sei que ele detestou. Odiou o fato de seu filho ter me ajudado, ter ajudado uma ninguém, uma Trivial, uma favelada.

Uma Comum.

— Sim, sou grata por ter tido Kai como parceiro — respondo, com frieza, sem saber para onde a conversa está indo.

— Hum.

O rei me espia, semicerrando os olhos. Antes que ele acrescente algo, digo:

— E estou ansiosa pela próxima Prova. E pelo que vem depois.

Mentira.

Eu só escolhi essas palavras porque queria ver a cara dele diante da minha confiança em sobreviver por tanto tempo. Acompanho a fala com um sorriso falso, pronta para deixá-lo para trás junto com esse papinho, quando ouço:

— Deixe-me ser franco, Paedyn. Você não vai vencer.

Fico imóvel.

— Como assim?

— Eu sei o que você quer. Vencer as Provas do Expurgo e conquistar uma vida melhor para você e sua amiga costureira. — Ele ri, um riso amargo e cortante. — Aliás, eu deveria lhe dar os parabéns pelo pequeno show que você fez com seu vestido no baile. Você com certeza conseguiu o que queria. Lembrar às pessoas sobre a *Paladina Prateada*.

Desvio o olhar, incapaz de sustentar a troca por mais tempo, enquanto o rei continua balançando a mão.

— Diga, você viu as pesquisas?

Eu vi. Um dia depois da transmissão da primeira Prova, combinaram e somaram a pontuação e os votos das pessoas. O ranking dos sete oponentes restantes foi exibido em toda a parte, em estandartes e panfletos distribuídos pela cidade. Kai estava no topo, seguido por Ace, com Andy logo atrás, em terceiro. Com isso restávamos Blair e eu empatadas em quarto e Braxton e Jax empatados em último.

Parece que o reino de Ilya não sabe bem o que fazer comigo. As pessoas da favela devem estar votando em sua *Paladina Prateada*, e as pessoas de fora provavelmente torcem contra mim, esperando me ver morrer depois de proporcionar um ótimo entretenimento. Se recebo algum voto de pessoas de fora, é, sem dúvida, porque me acham divertida.

— Sim, vi — digo, com os dentes trincados.

— Bom. Duvido que sua posição varie para cima, de modo que o que mais me preocupa é seu envolvimento com meus filhos. Eles não precisam de você puxando-os para baixo. Ou pior, *influenciando-os*. — Olho para o peito do rei, observando enquanto ele ajeita as lapelas. — Duvido que eu precise lembrá-la do seu lugar, portanto fique fora do caminho deles e não teremos um problema. Entendido?

A adaga na minha bota jamais me tentou tanto, me atormentando com a ideia de cravar a lâmina no peito do rei como ele fez com meu pai. Naquele dia, ele não matou apenas a única pessoa da minha família. Matou uma parte de mim.

E por causa disso nunca odiei alguém tão intensamente.

Meus punhos estão cerrados com força ao lado do corpo, as unhas cravadas nas palmas das mãos. Mas obrigo meu rosto a permanecer com uma expressão submissa e doce quando digo:

— Sim, Vossa Majestade.

Se antes eu não queria vencer, agora certamente quero.

— Ótimo — diz, secamente. — Então deveríamos agradecer à Peste

por você estar viva e bem de saúde, não é?

Há um certo desafio ressoando na sua voz, brilhando nos olhos. Eu devolvo seu sorriso ao mesmo tempo que engulo o orgulho.

Eu nunca disse a frase imunda, e jurei que jamais diria. Mas aqui estou, abrindo a boca para deixar as palavras saírem como se não fossem estranhas à minha língua. Como se não deixassem um gosto ruim na boca.

— Sim, graças à Peste.



— Se não ficar parada, vou furar o seu olho.

Resmungo, mas Ellie apenas ri. Ela ainda está passando uma hastezinha nos meus cílios apesar de ter chegado perto de me cegar em várias ocasiões. A garota gosta de culpar o fato de eu ficar me remexendo e eu gosto de culpar suas mãos sem firmeza.

— Certo, hora de encolher a barriga!

Adena está borbulhando de empolgação atrás de mim, as mãos segurando as duas pontas da fita do corpete. Ela me permite respirar uma última vez antes de puxá-los com força, expulsando o ar do meu corpo por meio das minhas costelas espremidas, e então aperta a fita para ajustar o vestido ao meu corpo.

Seguro a cadeira à minha frente, ofegante.

— Se você puxar mais um pouco, Adena, uma costela vai perfurar meu pulmão.

Duvido que Adena consiga sequer me escutar entre seus gritinhos entusiasmados.

— Pae, está perfeito! Sabe, eu fiquei meio preocupada com a bainha, mas olha só! A altura está correta e, ah, o corte é incrível... — Ela faz uma pausa, soltando um suspiro. — Ah, esquece. Olha só para você!

Ela segura meus braços e me gira na direção do espelho, com o rosto luminoso, espiando por cima do meu ombro. Pisco, incrédula, e a garota no espelho faz o mesmo.

O vestido prateado que eu usei no primeiro baile era estupendo, sedutor, enquanto esse é simplesmente lindo, de tirar o fôlego. Um tecido longo de um vermelho intenso envolve meu corpo. É cintilante e sem mangas, mas o corpete, em vez de arredondado no topo, tem extremidades que terminam em cortes elegantemente pontudos. É apertado, marcando a cintura com o auxílio da fita às costas, agora amarrada com um belo laço e expondo a minha pele entre as porções de tecido que sustentam o vestido. A saia é ampla, revelando uma fenda que

sobe pela perna direita, onde a adaga do meu pai está à mostra, para o espanto de todos.

— Adena, eu amei... — Deixo o resto no ar enquanto meus olhos examinam o tecido que me abraça. Então, meu olhar encontra os olhos castanho-esverdeados, cheios de empolgação, no espelho, e eu me viro para minha melhor amiga. — Eu te amo, Adena.

Ela reluz, sorrindo de orelha a orelha.

— E eu te amo, Pae. — O sorriso dela fica malicioso. — E *todo mundo* vai amar você nesse vestido. Especialmente certo príncipe...

Não é difícil perceber que Adena está falando de Kai. Olho para ela, evitando o assunto.

— Adena...

— O quê? — pergunta ela, inocentemente. — Para o caso de você ter esquecido, eu vi a transmissão das Provas. Vi o que aconteceu entre vocês dois. — Ela levanta uma sobrancelha. — E fiquei esperando você conversar comigo a respeito.

— Bom, não há o que dizer.

Adena me lança um olhar irritado, me obrigando a acrescentar:

— Certo, eu não *sei* o que dizer. Ele me confunde, me conquista, e eu estou fracassando miseravelmente na tentativa de manter distância.

— Certo — diz ela, baixinho. — Porque você é... você.

— E ele é... ele — concluo, com um suspiro.

Porque eu sou uma Comum e ele é o futuro Executor.

Adena bufa, dramática.

— Bom, não culpo você por não conseguir se afastar. Quer dizer, olha só o cara!

Reviro os olhos, rindo mesmo a contragosto. Na tentativa de evitar essa conversa, olho maravilhada para o espelho, para a criatura na qual as garotas me transformaram. Meu cabelo está preso em uma trança complicada que desce pelas costas, combinando com a maquiagem escura que emoldura meus olhos em sombras e meus lábios cobertos de brilho.

Anjos. É o que elas são.

Estamos conversando e rindo quando ouvimos uma batida forte à porta.

Lenny assobia quando me vê.

— Olha só. Você parece mesmo uma princesa, princesa.



Daedyn

— Se — Se eu for picado, vou culpar você — murmura Lenny. Ele me leva pelo jardim, passando por dezenas de convidados impressionados. — Seu vestido não atrai somente um bocado de atenção, também atrai um monte de abelhas.

Tento conter uma risadinha enquanto olho meu vestido, que combina com as rosas de um vermelho profundo ladeando o caminho de pedras por onde andamos. Convidados se espalham pelo jardim, indo para o amplo trecho de gramado depois da fonte na qual eu molhei o rosto do futuro rei deles apenas alguns dias antes.

Como as Provas não são a única coisa diferente este ano, o segundo baile vai acontecer no jardim, onde o sol poente brilha em taças de champanhe, iluminando o lugar em tons opacos de dourado. Saímos do caminho para o limite do gramado luxuriante, olhando as mesas com doces e as grandes guirlandas penduradas nas árvores ao redor. Os músicos estão embaixo de um salgueiro chorão, meio escondidos por trás da cortina de folhas oscilantes, tocando uma melodia animada. No centro do gramado, há uma sobreposição de tapetes de variados tamanhos e estilos formando uma pista de dança colorida, onde vários casais já estão dançando.

— Bom, infelizmente para você, não sou o seu par — diz Lenny com um suspiro dramático. — Então é aqui que devo me despedir.

Solto uma risada.

— Como é que vou chegar ao fim da noite sem você?

Ele faz uma reverência brincalhona.

— Eu sei. Seja corajosa, princesa. Agora, vá encontrar o seu príncipe.

Lenny se endireita, dá uma piscadela e sai andando pelo jardim.

Balanço a cabeça na direção dele, então respiro fundo e continuo seguindo para o salão de baile improvisado para a festa. Examino o redemoinho de corpos dançando, tentando encontrar Kitt.

— Que bom que você está usando esse vestido, caso contrário eu poderia não encontrá-la.

Levo um susto ao ouvir o som da voz de Kitt atrás de mim e o encaro, com a saia farfalhando. Ele sorri e balança a cabeça, me olhando de cima a baixo.

— Se bem que, mesmo se você estivesse usando verde, duvido que iria desaparecer — completa ele.

Engulo em seco, sem saber o que dizer, antes de me decidir por um discreto “obrigada”.

Ele estende a mão.

— Dança comigo?

Ponho a palma da mão na dele e concordo, me deixando ser levada para a pista. Sinto que estou dançando com um rapaz totalmente diferente daquele com quem estive no baile anterior. Se bem que a única coisa que mudou foi minha perspectiva com relação a ele. Conversamos em tom casual enquanto dançamos, e é um alívio poder olhar nos seus olhos, não me encolher para longe do seu toque.

— Meu pai disse alguma coisa a você ontem? Depois de eu sair? — pergunta Kitt, curioso, quando a música termina.

Abro a boca, pronta para mentir, quando uma voz fria me cala:

— Posso interromper?

Respiro fundo, irritada, e me viro para Blair, que está esperando por uma dança com meu par. Seu sorriso pretensioso combina com o vestido de um verde profundo com um complexo bordado de contas, grudado ao corpo.

A expressão de Kitt é cômica. Contenho uma gargalhada quando seu olhar se prende ao meu, implorando para não ser abandonado. Lanço-lhe um pequeno sorriso, esperando que ele veja o pedido de desculpas nos meus olhos quando digo:

— Claro. Ele é todo seu.

Kitt balança a cabeça para mim, sem deixar de fazer contato visual quando eu saio dos seus braços e sou rapidamente substituída por Blair.

— Divirtam-se — acrescento, incapaz de esconder o sorriso. Kitt me dirige um olhar que promete vingança e eu contenho uma gargalhada ao vê-lo. Giro, ainda sorrindo...

E esbarro em algo. Não, em *alguém*.

Algun líquido atinge meu rosto e eu recuo para longe do corpo contra o qual colidi de modo pouco gracioso. O cheiro de vinho misturado com o de pinheiro me acerta e eu engulo em seco, sabendo exatamente quem é antes mesmo de levantar o rosto para encontrar o dele.

Kai sorri, parecendo ao mesmo tempo áspero e bonito nos últimos raios do sol poente. Seu cabelo está mais revoltado do que o normal, com as ondas pretas agitadas caindo para todo lado. Os olhos são de um cinza brilhante, nublado, e estão iluminados pela diversão. O terno que ele usa e a camisa branca por baixo estão não apenas ligeiramente amarrotados, mas agora também um pouco manchados de um vermelho profundo.

O vinho tinto chacoalha na taça em sua mão. Bom, resta pouco, já que agora a maior parte está na sua roupa, graças a mim.

Então, Kai explode em uma gargalhada.

Vários convidados ao redor olham perplexos na nossa direção ao ouvirem sua reação incomum. E tenho quase certeza de que minha expressão espelha a deles. Os ombros dele estão se sacudindo de tanto rir e eu fico paralisada, prendendo o fôlego. Seu sorriso é largo, louco, estonteante, acompanhado por covinhas fundas.

De repente, estou preocupada.

O vinho está pingando das bordas do terno e ele parece não conseguir parar de rir por tempo suficiente para notar, ou mesmo se importar, que minha falta de jeito tenha arruinado sua roupa. Pigarreio, olhando os convidados que nos observam, e digo:

— Kai — digo, e ouço outra gargalhada profunda ressoando ao som do nome dele —, vamos limpar isso?

Seguro a mão dele antes que ele tenha chance de questionar ou rir mais e o levo até as árvores na beira do gramado, consciente de que cada movimento nosso está sendo acompanhado. Pego um lenço em uma mesa comprida antes de ir com ele para baixo dos galhos de um salgueiro chorão, protegendo-nos das fofocas dos convidados.

O príncipe se encosta no tronco, rindo maliciosamente para mim. Analiso-o rapidamente de cima a baixo, avaliando o dano que causei à sua roupa e o seu comportamento estranho. Ele se inclina para perto, perto demais, me examinando nos mínimos detalhes.

— Sabe — diz ele, ofegante, as palavras saindo em um tom que provoca arrepios na minha coluna —, você não precisa derramar minha bebida para conseguir ficar sozinha comigo. Basta me chamar para dançar.

Encontro o olhar dele, que começa a percorrer preguiçosamente o meu corpo. Prendo o fôlego, praticamente sentindo-o abrir o caminho com fogo. Depois, devagar — insuportável, sensual e escandalosamente devagar —, ele se volta para me encarar.

— Melhor ainda, com esse vestido você teria feito com que eu me aproximasse, cedo ou tarde.

Engulo em seco. Meus olhos o examinam, absorvendo a roupa

amarrotada, a gargalhada, o flerte atrapalhado — mas acho que nada disso é novidade.

— Você está bêbado — digo, com um suspiro, balançando a cabeça.

Kai está rindo de novo, mas é uma risada mais louca do que de costume.

— Talvez um pouquinho.

Reviro os olhos, embolando o pano que peguei e abrindo o botão do paletó dele para tentar enxugar a camisa.

— Está me despindo, Gray? — Seu rosto está perto do meu de novo, a respiração fazendo cócegas na minha bochecha. — Bom, não posso dizer que não pensei que esse dia iria chegar. — Ele acrescenta com um sussurro divertido: — Não conseguiu resistir, meu bem?

Então encaro-o, sorrindo com uma confiança que não sinto.

— Ah, por favor — digo, bufando —, a única coisa a que *resisto* quando estou perto de você é a vontade de enfiar uma adaga na sua garganta.

Seus olhos estão travados nos meus.

— Adoro quando você ameaça me matar, sabia?

— Ah, é? E por quê?

Kai sorri de lado.

— Porque sempre que você não cumpre com a ameaça, só prova que não quer.

Então, ele toca a ponta do meu nariz com o indicador e sorri satisfeito.

Dou um tapa em sua mão, bufando; estou confusa, frustrada e odiando que ele seja o motivo de todos esses sentimentos. Fixo a atenção na camisa manchada, grudada no corpo musculoso.

Pela Peste, bom, isso não está ajudando.

Começo a passar o pano na mancha vermelha, me obrigando a focar a tarefa e não o rapaz à frente. Tento me esquecer de que é ele que estou ajudando, mas ao mesmo tempo tento me lembrar de por que o estou ajudando, para começo de conversa.

Então, os dedos dele seguram meu queixo e eu perco o fôlego.

Kai levanta minha cabeça para me fazer encará-lo, os dedos dançando ao longo do meu maxilar. Ele está me olhando como alguém olharia uma pintura — bebendo cada detalhe, deliciando-se com a originalidade, considerando-me uma obra de arte.

Então, ele direciona minha cabeça para o lado, virando minha bochecha para a luz.

Eu deveria empurrá-lo.

Seu polegar acaricia meu maxilar.

Eu não quero empurrá-lo.

Kai ri, e é um som deliciosamente bêbado.

— Eu me esqueci de como você é talentosa. Conseguiu derramar minha bebida em nós dois. — Ele passa o polegar pela minha bochecha, limpando o vinho que eu tinha me esquecido que também me molhara.

— Bom, se você mantivesse os olhos na pista de dança e a boca longe do copo, talvez a gente não estivesse nessa situação — digo, friamente.

— Ah, meu bem, meus olhos *estavam* na pista de dança — responde, casualmente. — Estavam em você dançando com meu irmão. — Kai solta uma risada, esticando o pescoço para balançar a cabeça na direção da copa de folhas acima de nós. — Por que você acha que eu estava bebendo?

O coração bate forte em meu peito, contra a restrição do vestido, ameaçando explodir e rasgar a costura bem-acabada por Adena. Ele volta a me olhar, dando de ombros.

— Além do mais, *isso* — diz Kai, apontando para a camisa — foi definitivamente obra das suas péssimas habilidades com os pés.

Encaro-o irritada, me obrigando a não sorrir.

— Ah, é mesmo?

— *Shh*.

Os dedos de Kai se voltam para baixo do meu queixo, do meu maxilar, envolvendo meu rosto. Os olhos cinzentos descem na direção da minha boca, pesados. O polegar percorre meu lábio inferior.

Vinho.

Consigo sentir o gosto ainda cobrindo o polegar que ele passa na minha boca. Estou paralisada, totalmente imóvel enquanto seus olhos acompanham o movimento do dedo, muito devagar, para um lado e para o outro.

Eu deveria empurrá-lo para longe.

Mas não empurro.

Em vez disso, observo enquanto ele me analisa. Observo seu olhar percorrer meu rosto, seu peito arfar com a respiração entrecortada. Um músculo estremece no seu rosto e um sorriso aparece em seus lábios.

As palavras seguintes saem baixas, como se ele estivesse murmurando seus pensamentos mais íntimos, com o polegar ainda se movendo sobre meus lábios.

— Você vai ser sempre o prêmio que eu tento inutilmente ganhar?

Respiro fundo, encarando-o para responder com outra pergunta:

— É isso que eu sou para você? Um troféu?

Ele abre um pequeno sorriso e balança a cabeça.

— Ah, meu bem, um troféu sugere que eu o ganhei, mereci, *mereço*.

— Ele se inclina mais, com uma certa reverência se refletindo no olhar.
— Mas se eu tiver você, será porque você deixou.

Engulo em seco.

São apenas as divagações de um homem bêbado, só isso.

Me permito mais um instante para memorizar a sensação do polegar dele sobre minha boca.

Então, o empurro.

Forço algum espaço entre nós com uma das mãos, segurando o pulso dele com a outra. Afasto seus dedos da minha boca, com os lábios ainda pinicando devido à proximidade. Estou tonta, como se pudesse ficar embriagada apenas com seu toque.

Perigoso.

— Você não está sóbrio. — Inclino a cabeça e lhe dou um sorriso. — Então, não tem permissão para me tocar.

Ele me imita, inclinando a cabeça de lado enquanto olha para minha mão segurando seu pulso.

— Mas você está tocando em mim.

— É, bom, eu estou sóbria.

Kai sorri.

— Você está dizendo que eu terei permissão para tocar em você quando estiver sóbrio?

Seu tom parece mais um desafio do que uma pergunta.

Penso a respeito. Então, solto uma risada.

— Só digo que sim porque duvido que você vá se lembrar dessa conversa amanhã.

Kai alterna entre mirar minha boca e meus olhos, abrindo um sorriso bêbado.

— Ah, meu bem, duvido que eu me esqueça disso.

Balanço a cabeça, sem me incomodar em conter um sorriso, e lembro que ainda estou segurando o pulso dele. Baixo-o lentamente, deixando-o cair ao lado dele, e me distraio avaliando a mancha de novo.

Suspiro, exasperada.

— Obviamente essa mancha não vai sair assim. Você vai ter de tirar a camisa para lavar.

O riso dele é malicioso.

— Está tentando me despir? De novo?

Kai diz isso alto demais e tenho certeza de que muita gente escutou. Prendo-o contra a árvore, apertando a mão sobre sua boca de modo que não saia mais nem um absurdo.

Estou tentando não rir e fracassando miseravelmente. Cubro minha boca com a outra mão, me sacudindo com uma risada pouco silenciosa

diante da minha situação atual. Sinto-o sorrir e me afasto antes que eu possa mudar de ideia.

— Não pare — murmura ele.

Quase engasgo em meio à risada.

— Parar o quê?

— Não pare de rir.

Fico imóvel ao ouvir suas palavras, incapaz de não me silenciar.

Ele me olha franzindo a testa ligeiramente.

— Você nunca me ouve, não é?

Com isso, me vejo sendo puxada para a pista de dança atapetada.

— O que você...? — gaguejo, vendo Kai parar abruptamente ao redor da área onde os casais dançam.

Fico sem palavras quando ele leva minha mão à boca, beijando meus dedos. Depois encontra a palma e, próximos ao meu polegar, os lábios se comprimem ligeiramente antes de se afastarem tão depressa que fico me perguntando se imaginei isso.

Estou em um silêncio atordoado. Kai parece satisfeito.

Ainda segurando minha mão e com um sorriso largo, ele faz uma reverência surpreendentemente firme e pergunta:

— Pode me conceder esta dança?

Não tenho chance de responder e já estou sendo puxada pelo braço, colidindo contra o seu corpo em direção à pista de dança. Sou envolvida por ele, apertada contra ele. De repente, a boca de Kai está junto ao meu ouvido, murmurando:

— Na verdade, não foi um pedido.

Recuo para encará-lo, debochando:

— Achei que você tinha dito que era um cavalheiro.

— Só quando eu quero.

Olho para a mancha em sua roupa, visível para todo mundo ao redor.

— Kai, a sua camisa. Talvez você devesse trocar...

— Meu bem — interrompe ele, rindo bem-humorado —, estou acostumado a ficar coberto de líquidos vermelhos e pegajosos muito piores do que vinho.

Verdade.

Tento afastar os pensamentos sobre isso e deixo que Kai me guie sobre os tapetes. O sol se pôs, lançando os convidados em sombras e na luz tremeluzente das lâmpadas. É muito familiar — a sensação mútua, o movimento dos pés, o flerte. *Familiar*. Mas o que mais me espanta é como Kai está firme e seguro. Como consegue se manter articulado, mesmo embriagado. Acho que algumas máscaras jamais caem.

E finalmente acontece. Kai erra o passo, ainda que só por um instante.

Um leve tropeço.

— Quem é que tem péssimas habilidades com os pés, mesmo?

Solto uma risada, sem perceber como queria que ele tivesse dificuldade em dançar. Em fazer *qualquer coisa*.

Ele me olha indiferente.

— É, bom, às vezes acontece quando a gente está bêbado.

— Você disse que só estava *um pouquinho*, lembra?

— Ótimo. Então você pode pegar *um pouquinho* leve comigo. — Ele está me fitando de cima a baixo, balançando a cabeça diante do que vê.

— Além disso, seu vestido me distrai *muito*. Gosto dele.

— Essa é uma péssima desculpa — respondo, rindo.

— É porque era um elogio, não uma desculpa.

— Bom, então foi um péssimo elogio.

Vejo o desafio relampejar nos seus olhos antes de escutá-lo na voz.

— Então por que você não me dá um exemplo de um bom elogio, Gray?

Eu deveria ter previsto. Claro que ele ia usar isso como pretexto para finalmente ouvir algo lisonjeiro de mim — mas não vou dar essa satisfação a ele.

— Claro — digo secamente. — Seu cabelo parece bem... macio.

— Macio? — Kai repete a palavra com uma tosse que poderia ter sido um riso. — Ah, qual é, você consegue fazer melhor do que isso. — Ele se aproxima, a voz provocativa, e acrescenta: — Se quiser passar os dedos pelos meus cabelos, eu não me vou me opor...

— O seu sorriso — interrompo antes que a oferta possa me tentar. — Gosto quando você sorri de verdade. Quando não está usando a máscara do futuro Executor ou do príncipe e simplesmente permite que eu veja *você*. É um sorriso que eu gostaria que você compartilhasse comigo mais vezes.

Engulo em seco e fico em silêncio. Não era isso que eu pretendia dizer, de jeito nenhum, mas isso não torna minhas palavras menos verdadeiras. É fácil esquecer quem ele é, o que ele faz, quando o vejo sorrir. Porque enxergo um garoto, e não o peão mortal do rei. Alguém que é mais do que um amigo, e não alguém que me mataria se soubesse o que eu sou.

De repente, o sorriso dele começa a parecer muito perigoso.

— Mesmo com minhas covinhas idiotas, você ainda gosta do meu sorriso?

As palavras de Kai saem suaves, ligeiramente ofegantes, e minha resposta também.

— Mesmo com suas covinhas idiotas, Azer.

Ele oferece uma variação do sorriso que eu não deveria estar buscando, embora mais suave do que os que já vi antes. Ele abre a boca e...

— Malakai.

Nossos olhares se viram rapidamente para a rainha que está ali perto, sorrindo agradavelmente com belíssimas feições.

— Você vai compartilhá-la com os outros cavalheiros, não vai?

— Ela é minha esta noite, mãe. — Os olhos de Kai se voltam para mim. — É um preço pequeno a pagar por ter arruinado minha roupa.

Mas a rainha já se foi, levada por convidados conversando e figuras dançando, antes que as palavras sequer saiam da boca de Kai.

Pisco para ele, atônita, incapaz de manter a seriedade.

— Seu nome é *Malakai*?

— É, bom, também já fui chamado de diabolicamente lindo, devastadoramente poderoso e, mais recentemente, de babaca metido a besta.

— Quem chamou você assim deve conhecê-lo bastante bem.

— É, mais do que eu gostaria de admitir — diz Kai, baixinho.

O som dos violinos preenche o silêncio entre nós. Quando ele finalmente fala de novo, sua pergunta sai em voz baixa:

— Está preparada para amanhã?

Me lembro de Kitt fazendo a mesma pergunta no baile anterior.

— Você está?

Ele solta o ar lentamente.

— Preciso estar.

Há uma pausa longa. O sorriso que lhe dou é triste.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Espertinha — murmura, conseguindo realmente me fazer sorrir. — A verdade, então?

— Sempre a verdade.

— Então, não. Não estou preparado. — Ele suspira, abaixando a cabeça perto da minha. — Mas vamos ficar bem. Sempre ficamos.

Concordo, entorpecida, sem precisar de maiores explicações. Nossa vida tem sido uma série de provas às quais precisamos sobreviver. Só que agora vamos passar por uma juntos, e vamos lutar para sair dela como fizemos antes.

Como se para enfatizar suas palavras, Kai toca o meu nariz com o indicador, compartilhando aquele sorriso comigo. Em vez de empurrá-lo, como sei que deveria, me pego sorrindo de volta.

Mergulhamos em um silêncio confortável enquanto dançamos. Agora o jardim está banhado de luar e as lâmpadas tremeluzem quentes sobre

os rostos que giram ao nosso redor.

De repente, Kai me curva e deixa os dedos roçarem a pele nua deixada à mostra pela fenda do vestido. Então, os desliza preguiçosamente pela adaga fria pousada na minha pele quente. Engulo um arquejo de surpresa, e ele apenas ri.

— Eu não disse que as adagas não são necessárias para dançar?

Ele me coloca de pé outra vez enquanto respondo sem fôlego:

— Depende de quem é o seu par.

Odeio o fato de Kai me fazer sentir que estou sempre tentando recuperar o fôlego, e odeio ainda mais que ele saiba disso.

Odeio. Odeio. Odeio.

Martelo essas palavras na mente, forçando-as a atravessar minha cabeça dura.

Eu me recuso a me envolver com *ele*.

Ele deve estar vendo a batalha travada no meu cérebro, porque ri.

Covinhas.

Essas *malditas* covinhas.

Estou praticamente sem ar, tentando respirar, tentando ignorar o sujeito à minha frente. Tentando ignorar seus sorrisos ofuscantes e o passado difícil sobre o qual agora sei tanto. Seu lado carinhoso e charmoso, as pequenas coisas das quais ele é feito, *suas mãos no meu corpo...*

Odeio. Odeio. Odeio.

Olhos cinzentos espiam os meus, preocupados.

— Está tudo bem?

Eu não tinha notado a rapidez da minha respiração, a forma como estou tentando engolir o ar e fracassando miseravelmente. Então Kai parece sóbrio e sério, o que só posso presumir que significa que o pânico no meu rosto é visível. Seu braço me aperta um pouquinho mais, de um jeito protetor.

Odeio. Odeio. Odeio.

— Pae...

Ah, por que não consigo odiá-lo?

— O que houve?

A voz dele está séria, atravessando minha névoa de histeria.

Há corpos demais em volta de mim, perto demais, me enclausurando. O ar parece rarefeito demais, quente demais nos meus pulmões. Estou me sentindo confinada demais, presa demais. O corpo travando, o coração pulando, a mente rindo da minha fraqueza.

Minha cabeça está girando e nós também. Paro, cambaleando — meu par, meus pensamentos, minha respiração, param todos ao mesmo

tempo. Não consigo controlar o pânico, não consigo respirar, não consigo engolir meu orgulho e admitir a mim mesma que alguma coisa está *errada*.

Calma. Você está bem.

Então, sou aquela garotinha desamparada outra vez. A menininha com o pai morto e os sonhos assassinados. A que está sendo espancada junto a um mastro porque roubou para sobreviver, fugindo para se livrar de lembranças que a assombram. A que se esconde, se enrolando feito uma bola, mutilada pelo sofrimento e consumida pelo pânico. A que não pode ficar no meio de muita gente ou em espaços pequenos sem ter dificuldade para respirar ou tentar fugir. Sem força por causa das preocupações, sem poder por causa do pânico. Não: simplesmente *sem poderes*.

Calma. Você está...

Estou tendo um ataque de pânico.

Então o vestido parece justo demais, espremendo minhas costelas, forçando o ar para fora dos meus pulmões. A multidão ao redor parece estar fazendo o mesmo: me apertando, me sufocando, me comprimindo, alheia à forma como o jardim apinhado de pessoas me deixa subitamente petrificada.

— Eu... não consigo respirar.

Minhas palavras saem engasgadas, e estou envergonhada por ter que admitir a ele, a *mim mesma*, um medo que não me assombra há anos.

— Claustrofobia.

Consigo pôr a palavra para fora, mas Kai não espera que eu tente explicar e me abraça de lado, me levando em direção às árvores.

— Só mais um pouco. Aguenta firme — murmura, abrindo caminho pela multidão e voltando até o salgueiro escuro.

Sinto a casca áspera de um tronco às minhas costas e abro os olhos, sem perceber que os tinha fechado. Nas sombras, mal consigo ver Kai parado à minha frente, com a mesma expressão de quando eu estava sangrando no chão da floresta.

— Respira, Pae. Respira.

Ele também parece ter dificuldade para fazê-lo, e seus olhos examinam meu rosto enquanto os meus vão para um lado e para o outro, frenéticos.

— Ei, ei, ei. Olha para mim — sussurra ele, mais baixo do que jamais o ouvi falar.

Pela primeira vez, eu o escuto. Estou piscando rapidamente, examinando seu rosto sombreado na escuridão, tentando me acalmar. *Ele* me fez entrar em pânico. Ele me *faz* entrar em pânico. Deixo a mente

perder o controle e entrar em espiral, com o medo enraizado da claustrofobia se desenraizando apenas depois do pânico inicial provocado por *ele*.

Provocado por sentimentos frustrantes com relação a ele.

Ainda sinto dificuldade para respirar, lutando para levar ar suficiente aos pulmões. Kai manteve distância, me dando espaço. Mas agora está passando o braço pelas minhas costas, gentilmente, lentamente.

— O que você...? — pergunto.

E então o ar inunda meus pulmões como se eu tivesse ficado esse tempo todo embaixo d'água e tivesse acabado de voltar à superfície. Engulo-o, ávida, adorando a sensação de respirar plenamente outra vez. O pânico começa a se dissolver, a mente enfim se acomodando depois de girar até perder o controle.

— Assim está muito melhor, com certeza — diz Kai. Ele parece aliviado, mas um sorrisinho começa a aparecer em seus lábios.

E aí é que sinto. Meu vestido *deslizando*.

Olho para baixo e quase ofego ao ver o tecido solto, que antes estivera esticado sobre meu peito. A cintura está frouxa, não mais ajustada ao meu corpo.

O vestido inteiro está prestes a cair.

Seguro o corpete sem mangas e o puxo para cima, olhando para Kai, consternada.

— O que você estava *pensando*...

— Eu estava pensando — responde ele, enfiando as mãos nos bolsos, a própria imagem da despreocupação — que você não conseguia respirar. E, por mais que eu goste desse vestido, achei que você ficaria igualmente bem com o laço desfeito. — Ele baixa a cabeça e sorri, parecendo achar a situação engraçada. — Para que você pudesse respirar, claro.

Kai dá uma piscadela. Ele dá uma *piscadela*. Estou fumegando.

— Eu vou te...

— Agradecer? — interrompe, puxando as lapelas do paletó.

Meus olhos se ajustaram à luz fraca e não fico surpresa ao ver a diversão refletida nos dele quando me encaram. Não há qualquer traço do homem preocupado de alguns instantes atrás.

Estou com uma das mãos segurando a parte de cima do vestido e a outra agarrando os dois pedaços de tecido das costas, já que, graças a Kai, o laço não está mais cumprindo esse papel.

— Se eu tivesse uma das mãos livre agora — digo, com os dentes trincados —, enfiaria minha adaga em você.

— Fico feliz em ver que você está se sentindo bem a ponto de me

ameaçar de novo. — Ele inclina a cabeça, me avaliando com o olhar.

Kai está certo. Eu deveria agradecer. Não tinha percebido como o vestido estava apertado até que o pânico me fez perder o ar. Não tinha percebido que simplesmente respirar de novo esvaziaria minha mente mais do que eu jamais achei possível. Desamarrar o laço foi brilhante. Mas não me sinto disposta a dizer isso.

Distração.

A palavra ecoa na minha cabeça e começo a imaginar se é isso que Kai está fazendo. De novo. Usando a brincadeira como um disfarce. Afastando minha atenção do pânico e puxando-a para ele. Usando minha raiva e chateação para me distrair, mudar meu foco. Porém não é mais seu jeito calculista que me choca, é seu cuidado. É como ele entende exatamente do que eu preciso.

— Pae. — Agora ele está mais perto, e toda a diversão foi varrida do seu rosto. — Você está bem? De verdade?

— Estou. Obrigada.

Ele sorri.

— Não por me *despir* — acrescentando, bufando. — Mas por... me ajudar.

Kai dá de ombros.

— É a mesma coisa.

Reviro os olhos, remexendo os laços do vestido, mesmo sabendo que não conseguirei amarrá-los sozinha.

— Será que você pode... — Dou um suspiro, irritada por ter que pedir isso. — Pode dar um laço de novo para mim?

Ele me examina por um longo momento.

— Você deveria ir embora da festa mais cedo. Descansar um pouco.

— Bom, então preciso conseguir voltar ao meu quarto sem que esse vestido caia.

A boca de Kai estremece, e eu o conheço o bastante para saber que ele está se contendo para não dizer alguma coisa loucamente inadequada. Mas, quando dá um passo na minha direção, ele diz apenas:

— Justo.

— Não precisa ser muito apertado — peço, me virando lentamente para a árvore. — Mas preciso que o vestido fique no lugar.

Mal ouço seus passos atrás de mim antes de sentir seus dedos roçando minhas costas nuas, pegando as duas pontas do laço. Kai puxa com suavidade, como se estivesse levemente inseguro. Eu quase rio. O gesto parece tímido demais para pertencer ao príncipe que conheço.

— Devo admitir que sou muito melhor em soltar laços do que em amarrar — diz, distraidamente.

— Claro que é — respondo, bufando outra vez.

A risadinha de Kai agita meu cabelo e eu fico imóvel. Ele puxa os laços uma última vez antes de amarrá-los rapidamente, com os calos roçando na minha pele.

Suprimo um tremor e me viro para ele, ajeitando a saia do vestido. Aquele olhar cinzento desliza subindo pelo meu corpo e encontra meus olhos. A voz dele sai rouca:

— Não está sufocando você?

— Não — respondo, rindo. — Estou respirando muito bem. Obrigada.

Faço menção de sair da cobertura dos galhos do salgueiro quando Kai se posta ao meu lado.

— Vou levá-la aos seus aposentos.

— Não precisa.

— De fato. Não preciso. — Ele envolve meu braço e começamos a andar pelo jardim cheio de gente, em direção ao castelo. — Mas eu quero.

Abaixo a cabeça e sorrio.

— Eu poderia me acostumar com você sendo um cavalheiro, Azer.

Kai fica em silêncio por tanto tempo que penso que talvez ele não responda. Mas, quando enfim o faz, sinto o sorriso na sua voz.

— E eu poderia me acostumar a ser um cavalheiro para você, Gray.



Kai

— Você— Você é péssimo nesse jogo.

Kitt responde com uma gargalhada alta que só é interrompida quando ele leva a garrafinha aos lábios e toma um gole. Depois de engolir, diz bruscamente:

— O jogo é beber sempre que Jax pisar nos pés de Andy. Como posso ser péssimo nisso?

Olho as bochechas vermelhas e o cabelo desgrelhado do meu irmão, sabendo que provavelmente estou do mesmo jeito. Estamos há quase uma hora sentados na grama, olhando os convidados dançando nos tapetes coloridos sob o céu estrelado. A casca áspera da árvore em que me encostei incomoda minhas costas, agora que tirei o paletó, usando apenas a camisa manchada.

Kitt me observa, esperando pacientemente uma resposta. Não hesito em lhe dar o que quer:

— Você é péssimo porque fica errando a boca o tempo todo.

Estamos os dois rindo quando Kitt enxuga o uísque que pinga do queixo. Parece que não deixamos para trás a tradição de beber durante esses bailes, e fico feliz em ver que algumas coisas nunca mudam.

— Fica olhando... — murmura Kitt, os olhos apontados para Andy e Jax, que dançam junto com os outros casais. O garoto tropeça, rindo, as pernas compridas se embolando nos passos, e seu pé pousa em cima do de Andy. — É isso aí. Ele nunca decepciona.

— Saúde! — digo, suspirando, pegando a garrafinha com ele para dar um gole que queima a minha garganta.

Kitt me observa.

— Tem certeza de que você deveria continuar bebendo, com a Prova amanhã?

— Tenha um pouco de fé no seu Executor, irmão. Já enfrentei coisas piores do que uma ressaca.

Quando ele não responde, sigo seu olhar e o encontro voltado para meu pai e minha mãe, que oscilam lentamente.

— Eu não o vejo tão feliz assim há... bom, há anos — diz Kitt baixinho, sem qualquer traço de humor na voz.

Concordo, vendo o rei sorrir para sua rainha como jamais fez para outra pessoa. Ele jamais deixa de dar a ela o afeto que nunca dedicou a nós dois. Que nunca dedicou a mim.

Pensando nisso, tomo outro gole da garrafinha.

— Talvez ele se torne um homem mais feliz quando a Resistência for derrotada.

Kitt dá de ombros.

— Por falar nisso — diz, virando-se para mim —, você conseguiu alguma informação com o Silenciador?

— Eu o matei.

Dou de ombros também. Ele não se abala nem um pouco.

— Então isso é um “não”?

Suspiro.

— Sim, é um “não”.

— Hum. — Kitt franze a testa. — E o Comum, perto da Alameda, que você foi mandado para encontrar? Você conseguiu alguma informação?

O rosto da menininha lampeja na minha mente, o cabelo ruivo brilhando como o fogo nos olhos dela.

— A Comum era uma criança. Duvido que ela soubesse alguma coisa sobre a Resistência.

Ficamos em silêncio por um momento antes que Kitt pigarreie.

— Era pequena? Quanto?

— Pequena demais.

Ele assente devagar.

— Então você não foi até o final?

Fico ligeiramente tenso. Nós nunca falamos sobre isso. Nunca falamos sobre a vez em que ele me encontrou no estábulo, coberto de sangue, vomitando depois de uma das minhas primeiras missões na cidade para matar um Comum. Eu era um garoto, tinha só catorze anos quando tirei a vida de uma criança não muito mais nova do que eu, e jurei que nunca mais faria aquilo.

Desde então, o rei me mandou em missões incontáveis, todas como parte do meu treinamento. É Kitt quem fica preso no palácio, mas eu nunca pude me libertar da matança. Nunca tive escolha. Assim, eu roubo de volta o único fiapo de sanidade que consigo banindo as crianças Comuns junto com suas famílias.

Ainda que continue condenando-as à morte.

— Não, não fui até o final — respondo lentamente, confiando apenas ao meu irmão o peso dessas palavras.

Ele demorou anos juntando as peças antes de chegar ao meu quarto para beber uma noite, me confrontando quando eu não podia mais enxergar ou pensar direito.

A destruição é o meu dever, e o rei me fez ficar entorpecido por ela. Mas pelas crianças eu me obrigo a sentir.

Até mesmo os monstros podem ter limites morais.

Solto um suspiro, levando a garrafinha aos lábios.

— Não estou suficientemente bêbado para falar sobre isso.

— Nem eu. — Kitt pega a bebida da minha mão, rindo, e seus olhos descem até a mancha na minha camisa, como se a notassem pela primeira vez. — O que, pela Peste, aconteceu com você?

— Paedyn. — Suspiro de novo. — Paedyn aconteceu.

Kitt dá uma risadinha, mas o som é tenso.

— Ela com certeza é... alguma coisa.

— Você leva jeito com as palavras, Kitty.

Ele balança a cabeça e passa a mão no rosto.

— Eu nem tenho palavras para descrever a Paedyn. Mas, pela Peste, ela nunca deixa de ter palavras para mim.

Meus ombros se enrijecem, mas me obrigo a parecer relaxado.

— É mesmo?

Kitt solta uma risada.

— Sim. É a única pessoa que não me diz o que eu quero escutar, que não tem medo de falar o que pensa. E faz isso com frequência, devo acrescentar.

— Você gostaria que eu chamasse atenção para as suas merdas com mais frequência, irmão? — pergunto, casualmente. — É isso que estou ouvindo?

Ele me dá um empurrão preguiçoso, ignorando o comentário.

— Ela tem uma espécie de fogo. Um dia desses chegou a me chamar de babaca.

Repuxo os lábios, apesar da tensão que me atravessa.

— Parece correto.

— É estranho — sussurra ele, examinando o jardim com os convidados. — Eu não conheço Paedyn há muito tempo, mas me pego querendo conhecê-la por mais tempo.

O silêncio se estica entre nós, as palavras dele pairando no ar.

— Acho que eu estava errado — digo, rígido. — Talvez você leve jeito com as palavras.

Kitt se vira para mim com um riso torto.

— E o que você pensa sobre ela, hein?

Meu olhar baixa para a mancha na camisa. Sinto cheiro de vinho, uísque e uma nota levíssima de lavanda que sempre segue Paedyn. Depois do jeito como ela se agarrou a mim esta noite, seu perfume doce ficou na minha roupa para me distrair.

O que eu penso sobre ela?

Quando eu não penso sobre ela?

Tiro a garrafa de Kitt e repito as mesmas palavras que disse antes.

— Não estou suficientemente bêbado para falar sobre isso.

Mentira.

Mesmo quando estou sóbrio, ela faz minha cabeça girar. Não preciso estar bêbado para admitir o que Paedyn faz comigo, como ela me faz *sentir*.

O farfalhar de saias e o som de conversas empolgadas me fazem olhar para cima. Vejo os convidados começando a sair do jardim em direção às áreas de treinamento. Olho para Kitt, confuso.

— Não faço ideia — diz ele.

Ficamos de pé, cambaleando um pouco, e acompanhamos a multidão. Antes mesmo de chegarmos ao pátio de treinamento iluminado por tochas, vejo plataformas elevadas cercado um grande círculo de terra onde os convidados começam a ocupar cadeiras.

Tealah vai para o meio do círculo e gira, sorrindo para os convidados ao redor.

— Não é divertido? Temos não apenas um baile, como também uma batalha!

Eu com certeza não estava planejando lutar esta noite.

A multidão grita e bate palmas, olhando em volta, provavelmente procurando os competidores. Eu faço o mesmo. Não há sinal algum das garotas, somente de Jax, Braxton e Ace, do lado oposto.

Passo a mão pelo cabelo, subitamente tonto do álcool e de todos os poderes que me cercam. A garrafinha fica suada na minha mão e eu desejo não ter bebido tanto ao mesmo tempo em que penso em engolir o resto. Quando faço menção de ir até os competidores, uma mão segura meu braço.

— Kai.

Viro-me e encontro o olhar de Kitt fixado em mim.

— Para o caso de eu não ver você antes de amanhã...

— Eu sei — digo, sem precisar ouvir as três palavras para saber que ele fala sério. — Eu sei.

— Tenha cuidado — diz ele, com a sugestão de um sorriso. — E não ouse morrer.

— Não se preocupe. Você não vai se livrar de mim tão facilmente, Kitty.



Daedyn

— **P**or— Por que tanta demora? Sabe, às vezes você é mesmo uma princesa.

O resmungo de Lenny é abafado pela porta que o separa do meu quarto enquanto eu tiro o vestido.

— Calma — murmuro de volta. — Estou tentando não rasgar o vestido.

— É. Isso é uma coisa que uma princesa diria.

Reviro os olhos e visto a fina calça de treinamento e uma camisa de algodão larga.

— Bom, uma princesa iria lutar para entreter convidados de um baile?

Calço as botas e minhas mãos anseiam por pegar a adaga e enfiá-la em uma delas. Mas quando Lenny bateu à porta para informar que me queriam no pátio de treinamento para uma luta improvisada, também se certificou de mencionar que era proibido levar armas de fora. Suspiro ao ver minha adaga prateada, desejando estar com ela, nem que seja apenas pelo conforto.

Quando abro a porta, Lenny quase despenca, já que estava totalmente encostado nela. Bufo e ele sorri, sarcástico, antes de começarmos a andar rapidamente pelo corredor.

— Isso é normal? — pergunto, suspirando baixo, e chego perto dele para que nenhum outro Imperial possa ouvir. — Fazer a gente lutar em um baile? E logo antes de uma Prova?

Ele me encara e, mesmo com a máscara branca escondendo metade do rosto, vejo a preocupação em seus olhos. Suas emoções estão sempre à mostra, estampadas nas feições.

— Nada nas Provas deste ano é normal.

Concordo. Viramos a esquina e saímos em direção ao pátio de treinamento. As plataformas elevadas ao redor do círculo de terra estão cheias de convidados elegantes vestidos de verde e preto, parecendo

deslocados no local lamacento. Tochas cercam o círculo, lançando sombras fantasmagóricas nos rostos empolgados.

— Você já conseguiu alguma informação com o príncipe? Talvez sobre certo túnel? — pergunta Lenny baixinho.

Suspiro e o encaro.

— Não nas poucas horas desde que você perguntou.

Ele sorri, mas a expressão desaparece rapidamente quando chegamos ao círculo. Meu olhar examina a cena. Tealah está no centro e o público se inclina para ouvir cada palavra, apesar de todas serem amplificadas.

— Já que vocês não podem testemunhar as Provas em primeira mão, como de costume, esta noite teremos um divertimento especial! — A multidão aplaude, e Tealah continua: — Os competidores serão selecionados aleatoriamente para lutar, e o resultado pode ajudar vocês a decidir em quem votarão!

Meu coração quase para.

Eu não só vou perder a luta, como também vou perder os votos.

Examino a multidão, procurando os outros competidores, e os vejo do lado oposto do círculo. Parece que somente as garotas tiveram permissão para trocar de roupa. Estão sem os vestidos, mas os rapazes ainda usam as calças e as camisas sociais.

Meu olhar vai até Andy, se alongando perto de uma Blair um tanto tensa. Ao lado deles, Jax e Braxton conversam baixinho, e Braxton começa a dobrar as mangas da camisa, revelando os braços enormes. Ace se mantém mais distante, contente em empinar o nariz e observar a multidão.

Então, meu olhar repousa *nele*, vendo a calça dobrada e a camisa agora meio transparente grudada no peito. Ele jogou água no corpo, em um esforço para ficar sóbrio. Sorrio de leve ao vê-lo sacudir o cabelo molhado.

Quando Tealah diz o nome de Kai, ele levanta a cabeça e encontra o olhar de seu oponente. Braxton encara-o de volta por um momento antes de assentir e entrar no círculo. Durante as próximas batidas frenéticas do meu coração, os rapazes começam a lutar.

O príncipe parece mais descuidado do que o normal, o que era de se esperar, já que ele não está exatamente sóbrio. Mas, mesmo com a desvantagem, os anos de treinamento o tornaram ágil com os pés e ele entra em um ritmo familiar. A luta é feroz, cativando a multidão com cada soco e cada esquiva. Somente quando Kai consegue prender Braxton no chão durante vários segundos é que a multidão irrompe em aplausos. Alguns Imperiais separam os dois rapidamente antes que eles possam causar mais algum dano.

Em seguida, Andy e Ace são chamados, e a luta dos dois é rápida. Depois de entrar no círculo, ela se transforma em um lobo com uma bela pelagem cor de vinho e rosna quando Ace usa seu típico truque de cercar os oponentes com ilusões idênticas de si próprio. Porém, estando na sua forma animal, Andy levanta o focinho e sente o cheiro do verdadeiro Ace, atacando antes mesmo que ele possa reagir. Ela o derruba e crava as garras no peito dele, parecendo muito mais animal do que Andy.

— Em seguida, Blair Archer e... — Tealah examina o cartão e exclama: — Paedyn Gray!

Solto uma respiração entrecortada, sentindo meu coração martelar contra as costelas.

Claro que é ela.

Vou em direção ao círculo, pronta para encarar meu destino, quando dedos ásperos envolvem meu pulso e me giram. Minha trança voa por cima do ombro e quase acerta meu rosto quando me viro e vejo Kai me encarando. Mal consigo ver os cortes sangrentos e os hematomas que já começam a surgir no rosto dele quando ele me puxa.

Para qualquer outra pessoa, parece que eu trombei por acaso no príncipe.

Kai abaixa a cabeça de modo que seus lábios rocem meu ouvido e começa a falar em um tom baixo e apressado:

— Fique nas pontas dos pés e se mantenha em movimento. Você é melhor de briga do que ela, então use a cabeça e qualquer outra coisa que puder. No quesito físico, Blair é fraca, e você não. Aproveite isso. — Ele se inclina para trás o suficiente para que eu olhe aqueles olhos esfumaçados e murmura: — Distraia-a. Você é boa nisso.

Os dedos do príncipe encontram a parte de baixo da minha trança e dão um puxão suave, e então ele dá uma piscadela rápida e se afasta.

Pisco, atônita, tentando limpar minha mente enquanto giro e entro no círculo.

Examino a multidão, só parando quando encontro o rei, sentado em uma cadeira de madeira esculpida ao lado da rainha. Não acho que o lampejo de satisfação presunçosa que vejo atravessar seu rosto seja só minha imaginação, e me pergunto até que ponto a seleção de oponentes é de fato *aleatória*. Eu não me surpreenderia nem um pouco se isso fosse coisa do rei: querer ver Blair me despedaçar, tanto quanto as outras pessoas provavelmente também querem.

Ao lado, o sorriso de Kitt não poderia ser mais diferente do que o do pai. Ele inclina a cabeça ligeiramente para mim, me encorajando com um gesto discreto. Um clarão lilás atrai minha atenção de volta para o círculo e para minha oponente. O cabelo de Blair está amarrado com uma tira,

balançando de um lado e para o outro enquanto ela avança.

No momento em que os pés dela tocam a terra, o jogo começa.

Uma faca voa por cima da minha cabeça no instante em que me abaixo. Ouço uma risada cínica enquanto um machado gira pelo ar, na minha direção. Ela está provocando uma chuva de armas vindas dos suportes ao redor do círculo, e ainda que eu não tenha toda a certeza de que isso é permitido, não tenho exatamente tempo para pensar, precisando desviar de tudo.

Mergulho para o lado enquanto uma faca pequena e malignamente afiada corta o ar e a minha pele. Uma dor quente, lancinante, atravessa minha bochecha.

— Suas habilidades Psíquicas não avisaram que eu ia te acertar? — cantarola ela, continuando a atirar armas contra mim.

Consigo perceber vagamente os gritos da multidão ao redor por cima do sangue que lateja nos meus ouvidos. A única coisa que consegui na luta, até agora, foi ficar exausta. Está claro que Blair não quer encerrar a coisa toda tão cedo, caso contrário me esganaria e pronto. Não, primeiro ela quer se divertir um pouco comigo, quer mostrar à multidão do que é capaz.

Não posso ficar muito mais tempo na defensiva, mas não quero acabar feito uma almofada de alfinetes, cravejada de facas.

É agora ou nunca.

Parto para cima dela. Mas, em vez de correr diretamente, vou em zigue-zague. Seus olhos se arregalam um pouquinho, obviamente surpresos, mas ela se recupera rapidamente e continua a lançar armas, galhos e pedras contra mim.

Se ao menos eu conseguisse colocar as mãos nela...

Blair não é boa de briga, e sabe disso. É por isso que se esconde por trás dos poderes, como a maioria dos Notáveis. Essa luta já teria terminado se não fosse sua habilidade.

Apesar de todos os zigue-zagues, ela continua me pressionando para trás, para a borda do círculo. Não posso ganhar terreno com ela atirando objetos afiados e me obrigando a desviar.

Uma pedra bate no meu ombro, com força. *Pense. Pense.*

Blair interrompe o ataque com objetos voadores e me levanta do chão com um movimento rápido do pulso. Um grito estrangulado brota da minha garganta. Estou pairando um metro acima da terra.

Até que ela me larga.

Bato no chão com uma pancada surda. O ar escapa dos meus pulmões, me deixando ofegante. Uma nuvem de poeira sobe de onde estou, esparramada no chão, engasgando no ar úmido.

Levante-se.

Tudo dói, mas fico de pé, e Blair parece ligeiramente surpresa por eu ter sequer me dado ao trabalho.

Distraia-a.

As palavras de Kai ressoam na minha cabeça, seguidas por uma ideia.

Pego uma pedra no chão, a que provavelmente foi a causa da dor no meu ombro, e a seguro na mão fechada. Blair voltou a jogar coisas contra mim, e enquanto me esquivo, me abaixo e rolo, meus dedos encontram uma faca no círculo, junto de várias outras armas.

Em um movimento rápido, levo o braço para trás e arremesso a faca contra o rosto dela. Logo depois, atiro a pedra. Blair faz tudo parar e levanta as mãos preguiçosamente para interromper o movimento da faca e da pedra antes de a acertarem, achando divertido que isso seja o melhor que eu posso fazer.

Pelo menos é o que ela acha.

Com toda a atenção dela voltada para imobilizar os objetos no ar, não perco tempo. Mergulho e a agarro pela cintura, derrubando nós duas no chão. Com um sopro forte, o ar escapa dos pulmões dela, me dando segundos antes de eu ser jogada longe.

Mas é só disso que eu preciso.

Nunca foi questão de ganhar — é questão de defender uma posição. Provar a mim mesma, e a todos que assistem, que ainda sou uma ameaça. Quer eu tenha um poder como o deles ou não, vou encontrar um modo de machucá-los.

Meu punho acerta o queixo de Blair, jogando a cabeça dela para o lado. A dor de um soco não lhe deve ser familiar, assim como pessoas chegando perto o suficiente para ao menos tentar agredi-la. Ela está atônita. Acerto outro soco firme em seu narizinho perfeito e vejo o sangue jorrar. Levanto o punho de novo...

Mas a garota finalmente voltou a si.

Com um grito, Blair me joga para o alto como uma boneca de trapos. Meu corpo colide com o chão duro de novo e me pego olhando o céu estrelado, tentando respirar.

Ouçó-a berrando de frustração, provavelmente esfregando o queixo dolorido e o nariz sangrento. O som de botas se afastando com raiva me indica que ela correu para achar um Curador, recusando-se a ser vista com ferimentos no rosto impecável. Especialmente quando foram provocados por mim. Ela não ousaria ser vista ferida por uma *favelada*.

Ouçó aplausos, gritos e conversas confusas ondulando pela plateia. Esboço um sorriso e, antes que eu perceba, estou me sacudindo de tanto gargalhar. Esparramada no chão, não consigo impedir que a risada brote

do meu peito.

Posso ter perdido a luta, mas foi Blair que perdeu o orgulho.



CAPÍTULO 40



Kai

Acordei na base de uma montanha.

O Monte Escarpado.

Só sei disso porque já estive aqui com meu pai, casualmente dominando mais medos e coisas assim.

Mas não estou sozinho.

Andy geme ao meu lado, os olhos se abrindo, o corpo dando um salto e a cabeça virando para examinar o local, exatamente como eu fiz alguns minutos atrás.

Minha cabeça está latejando. Com todo o álcool, as lutas de ontem à noite e a droga que me apagou para ser arrastado até aqui, não estou na minha melhor forma no campo de batalha. Mas, depois de chegar no Escarpado, a primeira coisa que notei foi o que está escrito na minha mão. Minha letra inclinada e apressada está rabiscada na palma, revelando uma mensagem muito importante:

Ela disse que eu poderia tocá-la quando estivesse sóbrio.

Fico chocado por não me lembrar de ter escrito isso, considerando que me lembro nitidamente de todo o resto da noite passada. Do corpo de Paedyn contra o meu, da nossa conversa, do pânico que ela sentiu antes de eu desamarrar o laço do vestido dela. Sinto um sorriso se formando ao lembrar de como ela prendeu Blair no chão durante a luta e a fez sangrar.

— Pela Peste, o que está acontecendo?

Braxton está de pé, piscando ao sol da tarde. O cabelo lilás de Blair reluz atrás dele enquanto ela se levanta, parecendo igualmente confusa e tensa. Nós nos olhamos, lembrando a brutalidade com que lutamos ontem à noite e como fomos separados à força antes de podermos terminar.

Tiro o bilhete amarrotado do bolso e o jogo no chão diante de nós.

— Deixaram isto.

Ouçó Blair fungar enquanto pega o papel e lê em voz alta, entediada:

*Bem-vindos à segunda Prova,
Onde o trabalho de equipe é elementar.
Vocês têm doze horas para chegar ao topo,
E para derrotar o outro time, precisam subir sem parar.*

— Está de brincadeira — resmunga Andy ao meu lado, passando as mãos no rosto sujo.

— Espera aí — diz Blair, bufando —, nós precisamos trabalhar *juntos*?
Meu pai está se divertindo jogando com a gente.

Ele nos fez lutar ontem à noite para alimentar a tensão e nos deixar com vontade de arrebentar uns aos outros. Fomos obrigados a participar de várias lutas contra oponentes aleatórios até tarde da noite, o que só fez aumentar a fadiga. Agora, somos forçados a trabalhar lado a lado ao mesmo tempo que lutamos contra a ânsia de terminar o que começamos ontem.

Eu me levanto, sentindo a cabeça pulsar enquanto examino o céu. O sol me diz que estamos quase no meio da tarde, o que significa que vamos subir a montanha durante a noite.

Fascinante.

— Estamos perdendo a luz do dia — digo, com um suspiro. — Vamos andando.

Então começamos a subir, confusos com a Prova e pensando em como esperam que a gente trabalhe junto em vez de nos matarmos. O Monte Escarpado não é uma montanha enorme, mas é intimidante, para dizer o mínimo. Por enquanto, estamos caminhando pela densa barreira de árvores e pelo terreno rochoso na base. Com a subida, as árvores vão ficar mais escassas, substituídas por pedras mais íngremes e encostas escorregadias. Além do terreno mortal, o Escarpado também é lar de animais ainda mais mortais. Vamos subir durante doze horas seguidas, sem comida, sem água, sem armas e sem confiar uns nos outros.

Pela minha visão periférica, percebo a presença de Visores, rápidos e silenciosos ao nosso lado, documentando nosso progresso. Deve haver dezenas deles ao longo da encosta, cada um passando a função para os próximos, que esperam chegarmos ao seu alcance.

Blair e Braxton caminham tensos, olhando um para o outro com a mesma suspeita enquanto Andy fica próxima a mim, deixando claro onde está sua lealdade. Ela se tornou minha única fonte de diversão; sua tagarelice ininterrupta me distrai do trajeto que se ergue acima. Ouço-a reclamar, dizendo que já teria se transformado em um falcão e nos deixado para trás se não estivesse presa ao *trabalho de equipe*.

— Certo — diz ela, ligeiramente ofegante depois de quase duas horas.

— Seu mestre mandou...

— Ah, pela Peste, faz ela parar — retruca Blair, gemendo, erguendo uma pinha com a mente e jogando-a contra Andy. — Esse mestre está *mandando* coisas há quase uma hora apesar de você ser a única que está brincando disso. Fico tentada a me esquecer desse *trabalho de equipe* e *arrancar sua cabeça*.

Ela está praticamente rosnando, mas Andy ri.

— Sabe — responde Andy com um sorriso presunçoso —, você não mudou nem um pouquinho, Blair. — Ela dá de ombros. — Uma vez babaca, sempre babaca.

Com isso, Blair ergue do chão um exército de pinhas em uma ameaça silenciosa.

— Se eu fosse você, ficaria de boca fechada. Ou você pode acabar com uma pinha enfiada na garganta...

— Você só está provando meu argumento — cantarola Andy.

Blair abandona as pinhas, trocando-as por uma das muitas pedras gigantescas que estão no chão. Ela joga a pedra na direção de Andy e, inevitavelmente, na minha. Com o movimento rápido de uma das mãos e pegando emprestada a habilidade de Blair, mudo seu trajeto, jogando-a para longe de nós e fazendo-a bater em uma árvore ali perto.

— Já chega, senhoras. — Meu tom de voz é entediado, revelando minha falta de humor neste momento. — Prefiro não ficar no meio disso.

Braxton resmunga, concordando, e ficamos em um silêncio tenso enquanto continuamos a subir. O sol se arrasta pelo céu em um ritmo lento, nos atingindo até o suor escorrer do meu rosto e minha garganta ansiar por água.

Então, um grito corta o silêncio.

Viro-me e vejo Andy segurando o tornozelo, o olhar grudado no chão.

— Kai. — Sua voz mal passa de um sussurro. — Não. Se. Mexa.

Acompanho seu olhar até ver dezenas de olhos pretos, brilhantes como contas, me espiando de volta, as línguas bifurcadas saltando. Cobras. Enormes e famintas. Nem consigo discernir quantas com todo o mato baixo e as pedras espalhadas pelo chão, mas sei que estão em número suficiente para me preocupar.

Blair sufoca um grito quando vê as criaturas rastejantes ao nosso redor, e Braxton xinga baixinho.

— Certo — digo, devagar, sem afastar os olhos do chão —, vamos ter que lidar com isso, Blair.

Ela vira os olhos arregalados para mim, com a postura fria se derretendo de medo.

— O que vamos fazer? — sussurra asperamente, tentando esconder o horror.

Respiro fundo, sem saber direito se tenho uma resposta. A cobra mais próxima de mim está se aproximando a cada segundo e eu a encaro, me sentindo tonto.

— Eu cuido das cobras daqui — indico o lugar onde Andy e eu estamos —, e você cuida das suas aí.

— *Cuido?* — pergunta ela, sibilando, parecendo uma das cobras que nos cercam.

— *É, cuida.* — Suspiro. — Não é um grande plano, mas... simplesmente jogue elas longe.

— *Jogar?*

— Está pronta? — pergunto, ignorando-a. Ela resmunga algo e eu considero que está concordando. — Ótimo. — Faço uma pausa. — Agora.

Direciono cegamente o poder de Blair na direção das cobras que se retorcem aos nossos pés. Levanto três corpos enormes do chão e os faço voar para longe, montanha abaixo. Ouço um coro de sibilos e vejo mais duas antes de fazê-las voar pelo ar, atrás das amigas.

São muitas. Blair e eu mandamos cobras voando para a esquerda e para a direita, e todos ficamos nos desviando e dançando quando elas chegam perto demais. Ouço um grito de Andy e me viro, vendo uma cobra prestes a dar um bote na direção dela, a boca escancarada e as presas prontas para se cravar na pele. Suspendo-a no ar antes que ela possa picar novamente a perna de Andy.

Quando finalmente nos afastamos com dificuldade, longe do ninho de cobras, Andy cambaleia e estou ao seu lado em um instante.

— Você foi picada. — Não é uma pergunta. — Me deixe ver.

Com o rosto pálido, ela afasta a mão da perna e revela dois ferimentos profundos causados pelas presas, o sangue escorrendo pelo pé e entrando nos sapatos. Afasto uma mecha de cabelo ruivo de cima da sua testa pegajosa, procurando seus olhos.

— Como você se sente?

— Bem. — Ela consegue rir. — Meu orgulho parece estar doendo mais. Nem vi a cobra chegando até que as outras apareceram e... desculpe.

Andy deixa o resto no ar, concentrando-se no sol que começa a descer atrás da montanha.

— Ei, nenhum de nós viu as cobras, lembra? Mas preciso que você me diga como está se sentindo.

Pela Peste, por favor, que elas não sejam venenosas.

— Estou bem. Dói feito o diabo, mas estou bem.

Por enquanto.

As palavras não ditas pairam no ar entre nós.

Espero que nosso único problema seja a dor e nada mais. Espero não perder mais uma das poucas pessoas que não posso me dar ao luxo de perder.

— Você consegue andar? — pergunto.

Ela dá um passo, o rosto franzindo de dor.

— É. Estou bem.

— Mentirosa — murmuro, antes de me agachar diante dela. — Vem. Sobe nas minhas costas. — Dou-lhe um pequeno sorriso por cima do ombro. — Como nos velhos tempos.

Ela solta uma risada rouca.

— Sêrio, estou bem...

— Bom, é óbvio que não está. — A voz agitada de Blair a interrompe. — Então monte na porcaria das costas dele para a gente poder continuar.

Andy começa a subir, murmurando algo parecido com “Pela Peste, odeio trabalho em equipe”.

— Eu poderia tentar me transformar em um animal pequeno para ser mais fácil de carregar — diz ela, em dúvida. — Mas não sei se conseguiria manter esse estado por muito tempo.

— Poupe sua energia. Anda. Sobe. — Ajudo-a a montar nas minhas costas, segurando a parte de trás dos seus joelhos enquanto ela segura meus ombros. Ela é alta e magra, e o peso mal me incomoda.

Por enquanto.

E, então, estamos subindo de novo.



Daedyn

Tem uma pedra no meu sapato. A mesma que já está ali há meia hora, mas minhas mãos estão ocupadas demais me impedindo de cair para a morte para fazer alguma coisa a respeito.

Estamos na trilha há horas. Agora tem muito menos árvores, dando lugar a encostas íngremes cobertas por plantas escorregadias. Minhas mãos estão se agarrando às pedras grandes enquanto recupero o fôlego, olhando na direção do nosso destino.

O pico.

Apesar da escalada constante, ele continua longe, lá no alto. Jax está ao meu lado, ofegando tanto quanto eu.

— Acho que estamos fora de forma.

Ele sorri para mim e diz, rouco:

— Você acha?

Solto uma risada, forçando os pés a se moverem de novo. Minhas pernas estão trêmulas com o esforço de subir sem parar durante horas, sem comida nem água para ajudar. Estendo a mão para Jax, ajudando-o a passar por cima de um trecho de rocha especialmente íngreme, devolvendo um favor que ele me fez várias vezes.

— Que bonitinho.

Jax e eu paralisamos ao ouvir a voz, considerando que o dono dela tentou matar nós dois. Mordo a língua, me obrigando a apagar a chama de fúria que se acende dentro de mim, e tento ignorá-lo.

Ace dá um suspiro dramático e continua a subir.

— Bom, isso é esquisito. Nós três em uma *equipe*.

Não é esquisito. É intencional.

Tudo que o rei faz é deliberado. Deturpado. E essa Prova não é exceção. As lutas, as equipes, a tensão entre os competidores; é tudo calculado.

— O quê? Vocês vão simplesmente me ignorar até chegarmos ao topo? — cantarola Ace, lá atrás.

Fico grata porque, por acaso, Jax é o outro Notável com quem fui posta, por isso não preciso lutar contra a ânsia de matar meus dois colegas de equipe. Mas isso pode ser ruim, considerando que provavelmente confio demais nele. Ignoro esse pensamento, assim como ignoro o rapaz atrás de mim, e continuo a escalar com cuidado.

— Pelo menos... — As palavras de Ace morrem antes de ele gritar: — Paedyn! Cuidado!

Viro-me para encará-lo e, em vez disso, vejo uma cobra gigantesca deslizando em volta dos meus tornozelos. Não consigo impedir que um grito estrangulado escape da minha garganta, e me desequilibro. Meu tornozelo bate em uma pedra e eu tropeço, caindo para trás. A última coisa que vejo antes de praticamente despencar montanha abaixo, provavelmente para a morte, é a cobra sumindo rapidamente nas sombras quando meu pé a acerta.

Ilusão.

Mas é tarde demais. Meu corpo está caindo e vou rolar pela encosta sem parar.

Que modo patético de morrer...

De repente, sinto mãos às minhas costas, me empurrando e me puxando de pé antes que eu possa colidir com as pedras e rolar montanha abaixo.

— Peguei você — diz Jax com a voz trincada, atrás de mim. — Eu acho.

Estendo a mão e agarro a pedra pontuda mais próxima, tentando firmar os pés. Quando estou praticamente de pé com as pernas bambas, Jax Pisca de novo à minha frente, suando e ofegando. Tenho certeza de que não estou muito diferente, mas dou-lhe um sorriso débil e espero que ele veja a gratidão no meu olhar. Esse garoto Piscou atrás de uma oponente para me salvar de...

O pensamento some da minha cabeça, junto com qualquer outra ideia racional que pudesse estar se formando. Viro-me na direção de Ace ao mesmo tempo em que me seguro em uma pedra, sem confiar no meu corpo trêmulo.

O sorriso dele é frio.

— Cuidado. Eu não iria querer que minha colega de equipe se machucasse.

— *Você* — digo, quase cuspiendo.

Estou prestes a deslizar encosta abaixo e estrangulá-lo com as minhas próprias mãos quando...

— Não — sussurra Jax. — Ainda não.

Hesito, voltando lentamente o olhar para seus olhos escuros. Depois

de uma pausa longa e de respirar fundo, concordo. Jax não somente está certo ao me lembrar de que não posso matar nosso companheiro de equipe, mas ele também é obviamente muito melhor em conter a fúria do que eu. Assim, me viro rigidamente de volta para a montanha, concentrando toda a atenção em escalá-la.

Subimos em silêncio por um momento antes de eu pigarrear com a garganta seca e dizer baixinho:

— Obrigada, Jax. Você não precisava me ajudar, mas ajudou.

— Claro que ajudei. — Ele dá de ombros. — Além disso, não sei bem se meus irmãos iriam me perdoar se eu não fizesse isso.

Os irmãos.

A noite em que Kai e eu dançamos durante a primeira Prova — aquela em que falamos tão abertamente sobre nossa vida — foi a noite em que fiquei sabendo como os príncipes são próximos de Jax. Kai me contou brevemente sobre o naufrágio dos conselheiros nos Baixios e como sua família adotou o filho deles, que tinha apenas seis anos.

Forço uma risada silenciosa.

— Não sei, tenho certeza de que o Kai não ficaria chateado se tivesse menos concorrência.

Ele me lança um olhar estranho, claramente tentando não rir.

— Não se a concorrência for você.

Eu bufo em resposta, mas Jax continua, animado:

— Por falar no Kai, como será que ele está lidando com isso?

— Lidando com o quê?

Jax passa por cima de uma pedra irregular, com um grunhido, e diz, ofegante:

— A montanha. — Quando minha expressão continua confusa, ele acrescenta: — Ele odeia altura.

— O quê? — digo, com um nó na garganta. — Mas eu vi o Kai subir em um pinheiro na Floresta dos Sussurros na primeira Prova. Ele pareceu...

— Ótimo? — interrompe Jax, rindo. — Até mesmo calmo? É, ele é muito bom em esconder o que sente.

— É só outra máscara que ele usa — murmuro.

Jax assente, fazendo uma gota de suor escorrer pelo rosto.

— Ele lida muito melhor com alturas agora, mas só por causa de todo o treinamento que o rei o obrigou a fazer.

Eu sabia o suficiente sobre os *treinamentos* problemáticos do rei, mas Kai nunca mencionou algo sobre ter medo de altura.

— O que o rei fez?

— Ele... fez o Kai subir nas árvores mais altas da Floresta dos

Sussurros, de novo e de novo, até se convencer de que o filho tinha superado o medo.

— O quê? — Minha voz sai tão trêmula quanto as pernas que me levam montanha acima.

O próprio pai o obrigou a reviver o pior medo de novo e de novo.

Parece que nem toda a tortura que Kai disse que suportou era física.

— Eu era pequeno durante boa parte dos treinos do Kai para ser o futuro Executor, mas nunca vou me esquecer das noites em que ele chegava em casa com sangue no corpo e lágrimas nos olhos. — Jax olha para os pés, mais sério do que eu jamais o vi. — Acho que ele tinha medo de que eu ficasse assustado por ver ele assim, então ia direto para o quarto toda noite. Mas eu ainda via. De vez em quando, escutava quando ele ficava golpeando os balaústres da cama com uma espada.

Subimos em silêncio por um momento e eu ignoro meus pensamentos ensurdecedores, assim como ignoro o nó na garganta e a pressão por trás dos olhos. Então, um sorriso cauteloso se espalha nos lábios de Jax:

— Mas eu não poderia pedir por irmãos melhores.

— Odeio interromper a conversa bonitinha de vocês — diz Ace —, mas será que eu sou o único que está sentindo isso?

Estou prestes a descartar o que provavelmente é outra tentativa de me enganar com uma ilusão quando começo a sentir também. Um ligeiro tremor me atravessa, vindo da montanha. As pedras pequenas estão chacoalhando em volta de nós e eu me curvo mais para perto do chão, agarrando qualquer coisa em que possa me firmar.

— Avalanche — ofego.

O pavor me inunda, seguido por uma determinação rápida.

Não vou morrer hoje. Muito menos soterrada por pedras.

Engulo o pânico ao som de pedras pesadas que rolam na nossa direção, batendo umas nas outras, apostando corrida para nos esmagar.

— Então — Jax ofega ao meu lado —, qual é o plano?

— Não morrer — respondo simplesmente.

— Que resposta incrivelmente útil — murmura Ace, em um tom casual demais para a nossa situação.

O barulho das pedras fica mais alto enquanto eu as vejo rolar até nós. Desviar-se delas é mais difícil do que parece. A encosta é íngreme, tornando mais difícil pular de um lado para o outro sem ter medo de cair para a morte. Estou me agarrando às plantas e protuberâncias nas pedras enquanto tento sair do caminho dos pedregulhos.

Jax está Piscando para fora do caminho das pedras, aparecendo e desaparecendo da minha visão. Ace está logo atrás de mim. E, se eu tiver sorte, uma pedra já o derrubou montanha abaixo.

Pulo para a direita, impedindo por pouco que meu braço seja esmagado. Depois salto para a esquerda e...

Alguma coisa colide na lateral da minha cabeça.

Pontinhos pretos dançam no meu campo de visão. Estou tonta, desorientada, compreendendo apenas vagamente que estão gritando meu nome. Olho para cima a tempo de ver que vou ser esmagada por uma pedra enorme. Mergulho para fora do caminho dela e pouso com força, tentando me segurar em alguma coisa. E, tão de repente quanto começou, o caos termina, a montanha parecendo se imobilizar embaixo de mim e as rochas parando lentamente de deslizar.

Me esforço para ficar de pé, piscando para afastar o líquido quente e denso que ameaça entrar nos meus olhos. Sinto o sangue escorrer pela lateral do meu rosto, a dor latejante do ferimento. Tenho quase certeza de que estou tendo uma concussão. E de que vou vomitar.

— Jax? Você está bem? — grito, dando um passo à frente e estendendo a mão para me firmar nas pedras.

É, acho que vou vomitar.

— Tudo bem — responde ele, Piscando à minha frente. Estamos os dois cobertos de arranhões e hematomas.

— Obrigado por perguntar, Paedyn. Estou muito bem — diz Ace, com a voz desprovida de qualquer timbre ou delicadeza.

Passo as costas da mão sobre o olho, limpando o sangue que pinga do ferimento.

— Que pena.



Kai

Tudo dói. Meus pés. Minhas costas. Meu *corpo*.

A exaustão dói, a fome dói e a irritação comigo mesmo dói ainda mais. Já aguentei ser torturado, encarei meus piores medos, comandeie exércitos em batalha, mas subir uma montanha de ressaca vai ser o meu fim.

Andy, às minhas costas, também não ajuda. O problema não é o peso dela, até porque estou pegando emprestada a força de Braxton. Não: é o fato de ela ser tão magra que seus membros longos atrapalham a escalada.

— É absurdo como você é ossuda — murmuro, ganhando um soco fraco no ombro.

Bom. Pelo menos ela ainda tem força para bater em mim.

— Quando sairmos daqui — continuo, casualmente —, eu mesmo vou fazer pão doce com mel para engordar você.

Andy resmunga, aprovando a ideia. O veneno está fazendo efeito rápido. Sua pele assumiu uma palidez doentia, enfatizada ainda mais pelo luar, e sua respiração está acelerada e entrecortada.

Conheço a diferença entre dor e veneno, e certamente é a segunda hipótese.

Por isso a mantenho acordada, ocupada. Minha voz sai grave quando falo baixinho com ela, provocando-a e lembrando-a dos velhos tempos. Ela reage principalmente com risos ofegantes e balançando a cabeça, mas eu aceito qualquer coisa que não seja o silêncio.

A lua é nosso único guia, lançando uma luz pálida que faz pouco para clarear a montanha que estamos subindo desde o momento em que acordamos. Agora o terreno é tão íngreme que Andy está com as pernas em volta da minha cintura, o que libera minhas mãos para a escalada.

Sinto a cabeça dela frouxa sobre meu ombro, dominada pela exaustão e pela dor insuportável.

— Ei — digo, baixo, balançando-a suavemente para mantê-la

acordada. — Estamos quase chegando. Só falta um pouquinho.

Sinto-a assentir, cansada, e tento acelerar o passo. Já consigo ver o pico acima de nós.

Quase lá.

Estou escalando, as mãos raspando as rochas, pedras se soltando embaixo de mim. Mais de uma vez perdi o apoio dos pés e o das mãos, e nós dois quase caímos para uma morte infeliz. Mas estamos quase lá. Este pesadelo está quase acabando. Estamos quase livres.

Vejo as sombras de figuras alinhadas ao redor do cume. Esperando-nos. Os Visores observam enquanto lutamos para chegar ao topo, ofegantes, suados, famintos e exaustos.

Empolgados.

Conseguimos.

Arrasto meu corpo pela borda, com Andy ainda ferozmente agarrada a mim. Apenas minha dignidade me obriga a ficar de pé, mas a fadiga ameaça me afetar.

— Conseguimos. — Braxton solta o ar ao meu lado enquanto todos ficamos de pé, atônitos.

O pico é uma grande laje de pedra irregular e terra, estendendo-se até mais longe do que parece lá de baixo. Olhamos ao redor, examinando o local, vendo dezenas de Visores espalhados.

Então, vejo um mastro alto de madeira enterrado no chão na outra extremidade do pico. Uma bandeira verde e meio esfarrapada pende no topo, balançando ao vento.

Que jogo novo é esse?

Há um movimento em algum lugar e eu forço a vista à luz fraca, focando as figuras que sobem pelo lado oposto, juntando-se a nós. E, apesar da escuridão, sei exatamente quem são.

Jax. Ace. Paedyn.

Ficamos todos nos encarando, cada grupo atordoado e imóvel.

Um Visor se adianta, e sua voz é clara ao ler uma mensagem no papel amarrotado na sua mão.

— Ficamos felizes por terem aprendido a trabalhar juntos. Mas, ah, esta Prova não terminou. As regras mudaram um pouquinho, de modo que o primeiro a pegar a bandeira vencerá. — Ele pigarreia antes de prosseguir: — Só pode haver um vencedor entre vocês. A única pergunta é: *quem?*

Silêncio. Ninguém se move.

As palavras ressoam, abrindo caminho até meu cérebro. Eu não deveria estar surpreso. Será um enorme entretenimento nos observar trabalhando juntos para no final despedaçarmos uns aos outros.

Porque estava fácil demais, apesar da dificuldade para chegar ao topo do Escarpado. Eu já deveria saber que sempre há uma pegadinha, sempre há um preço. Meu próprio pai me ensinou isso.

Ficamos todos nos encarando, nossos olhares indo dos competidores para a bandeira esfarrapada que subitamente se tornou tão vital para nossa vitória.

Então, viramos uns para os outros. Caos.



Daedyn

Tudo que consigo ver é a escuridão e a destruição. Os dois grupos colidem, poderes se chocando, gritos cortando a noite. Mas quando meus olhos finalmente encontram os dele à luz fraca, não hesito antes de meu punho acertar seu queixo.

Ace cambaleia para trás, atônito com a força e a fúria que coloquei no soco. Sorrio. Estava louca para fazer isso o dia inteiro. *Todos os dias.*

A luta ao meu redor vai desaparecendo. Tudo que vejo é ele e o vermelho adentrando minha visão devido à fusão do sangue com a fúria.

Vou matá-lo.

Afundo o pé na barriga de Ace, forçando o ar para fora dos seus pulmões, e dou um soco em seu nariz, sentindo-o estalar com um prazer nauseante. Meu corpo é minha única arma. Não tenho facas, nem arco, nem espadas atrás das quais possa me esconder. Mas eu não desejaria que fosse de outro modo. Quero fazer isso com minhas próprias mãos.

Estou quase impressionada ao ver como o rei é perturbado e talentoso para montar um espetáculo. Ele sabia que entraríamos nesta Prova em busca de vingança e, em vez disso, ordenou que trabalhássemos juntos, de modo que nossos inimigos viraram nossos companheiros de equipe. Mas, agora, está dando a nós e ao povo o que queremos.

Estamos nos destruindo.

Ace finalmente recuperou o fôlego e, ofegante, abre um sorrisinho para mim, as mãos pousadas nos joelhos.

— Ah, você estava ansiosa para fazer isso, não é?

— Desde aquela viagem de carruagem até o castelo — respondo, lembrando como senti aversão pelo garoto desde aquele momento, antes mesmo de ele tentar me matar. Duas vezes.

— Bom, na verdade eu também nunca gostei muito de você.

Ele cospe, o sangue escorrendo do nariz e pingando no queixo.

Eu tento dar um chute na sua têmpora, mas, de repente, sou envolvida pela escuridão.

É como se Ace tivesse jogado um cobertor pesado sobre mim, apagando toda a luz ao redor.

Agora estou furiosa e irritada.

Mas sei como este jogo funciona e balanço os braços, dando alguns passos à frente. A ilusão se desfaz e, como fumaça, a escuridão é soprada pelo vento. Pisco, ajustando a visão, tentando achar Ace no meio do caos.

Então, estou sufocando.

O ar escapa dos meus pulmões e minha traqueia está sendo esmagada. Um objeto pesado e áspero está comprimindo minha garganta, me fazendo ofegar. Agarro a coisa que aperta meu pescoço, a coisa que me separa da vida e da morte.

Chuto Ace atrás de mim, girando e lutando para me soltar. Uma casca áspera penetra embaixo das minhas unhas quando empurro a coisa, tentando me livrar do aperto que me sufoca. Estou sendo estrangulada com um pedaço de pau.

Um pedaço de pau.

Minha visão está cheia de pontinhos pretos, o fermento na cabeça lateja, meus pulmões gritam ansiando por ar.

Não. Hoje, não. A morte pode me reivindicar quando encontrar um modo menos patético de encerrar minha existência.

Imobilizo minhas mãos e paro de lutar, me obrigando a ficar frouxa, a ceder, a parar de parecer que estou viva e fumegando de raiva. Deixo os joelhos se dobrarem e o galho escorregar do pescoço, desmoronando no chão.

Nunca se esqueça de que sua inteligência é uma arma, desde que sua mente esteja tão afiada quanto sua faca.

As palavras do meu pai ecoam na minha cabeça, me lembrando de que nem todas as batalhas são vencidas com o corpo. Por isso, vou vencer esta com o cérebro.

Meus membros caem embotados na terra e minha cabeça bate dolorosamente em uma pedra pontuda. Mas consigo respirar. Por pouco. Obrigo-me a fazê-lo superficialmente, forçando meu agressor a chegar mais perto e terminar o serviço.

Botas fazem barulho nas pedras antes que um corpo se agache junto do meu, que está caído, frouxo. Um suspiro profundo, dificultoso, soa acima de mim e um roçar levíssimo de dedos na minha testa quase me faz encolher.

— É uma pena as mulheres bonitas serem sempre umas *escrotas*. — Ace prende uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, quase com gentileza. Isso me deixa nauseada. — Uma pena. Um *desperdício*.

A mão dele começa a recuar e eu sei que preciso agir. Meus olhos se abrem e os dele se arregalam, em choque. Ace está agachado acima do meu corpo, uma das mãos presa na minha e a outra segurando uma pedra apenas um pouquinho menor do que minha cabeça.

Ele ia esmagar o meu crânio.

Em um movimento rápido, torço o braço dele em um ângulo violento, ouvindo o osso se partir e um grito brotar da sua garganta. Levanto as pernas e forço os pés contra o seu peito, empurrando-o com força para o lado. Ele cai de costas no chão ao meu lado e a pedra rola da sua mão.

Estou em cima dele, as batidas do meu coração aceleradas.

Meus joelhos estão comprimindo os braços dele contra o chão, deixando todo o meu peso recair sobre seu peito. Baixo a mão sobre seu pulso, apertando o osso quebrado que agora se projeta contra a pele. Nunca imaginei que um grito me daria tanta alegria.

— Uma pena eu não ter minha faca para arrancar seu coração perverso. — Estou sorrindo, adorando o puro ódio que lampeja em seus olhos, sabendo que ele deve ver o mesmo refletido no meu olhar. — Uma *pena*.

Quando foi que eu me tornei tão maligna?

Alguma coisa atrai meu olhar e minha atenção vai até as figuras delgadas em volta de nós.

Sou eu.

Dezenas de Paedyns doentias, pálidas. Estão cambaleando mais para perto, os braços estendidos e tentando me alcançar. Vêm na minha direção implorando por ajuda, implorando para que seu sofrimento seja encerrado.

Olho para elas e elas me olham. Então eu sorrio, um sorriso triste e lento.

— Não tenho mais medo de mim — sussurro.

Aquela garota — assombrada, fraca, que implora por ajuda, implora por amor — sou *eu*. Sem ela, eu não seria quem sou. Ainda estou assombrada, talvez ainda ansiando por amor, mas não sou fraca por causa disso.

Quando meu olhar volta para Ace, não estou mais sorrindo.

— Você acha que pode me usar contra mim? De novo? — Não há qualquer rastro de humor em minha risada. — Me enganar uma vez... é... erro meu. Me enganar duas... bom, você não vai ter outra chance, né?

Inclino a cabeça, olhando o rosto dele, agora retorcido de dor.

Pego a pedra que era destinada ao meu crânio e a levanto acima do dele.

— Adeus, Ace — digo, ofegante, imaginando se deveria sentir algum remorso por esse sujeito.

Algo se mexe na minha visão periférica.

As ilusões desaparecem, esvaindo-se à medida que Ace enfraquece de dor embaixo de mim, o que me permite arriscar uma olhada para a figura próxima.

Ele está coberto de sangue, e a maior parte provavelmente nem é dele. Nossos olhares se encontram, e o som da luta ao redor, que antes era tão ensurdecedor, começa a se dissipar. A conexão é elétrica, até mesmo fortalecedora, e ele me olha, mas não tenta me impedir. Não faz nada para tentar me convencer a não tirar uma vida. Não faz nada porque sabe que eu posso lidar com isso.

Kai não faz nada porque não faria diferente.

O rapaz embaixo de mim tentou matar o irmão dele, tentou obrigar Kai a fazer isso. Enquanto miro os olhos cinzentos do príncipe, do futuro Executor, do Disseminador da Morte, sei que ele estava esperando pacientemente para matá-lo. Estava esperando pacientemente a vingança.

Apesar disso, fica simplesmente parado, com sangue pingando, sem me impedir de arrancar a vingança das suas mãos.

Essa vida não pertence a mim para que eu possa tirá-la.

— Eu mataria você... — Minha voz é séria e forte, suficientemente alta para Kai ouvir. Vejo os olhos de Ace se iluminarem com a suposição de que sou fraca demais para acabar com sua vida. Como ele está errado! — Mas sua vida não pertence a mim — concluo, observando enquanto seu olhar escurece, o ódio substituindo a esperança.

Encaro Kai outra vez, analisando seus olhos brilhantes ao luar, ardentes como a fumaça de um incêndio. Um músculo se move em seu maxilar, as mãos estremecendo ao lado do corpo. Devagar, me dirijo a ele, assentindo uma única vez.

Então, ele vem em nossa direção, sua sombra grudada na silhueta. Mal tenho tempo de sair de cima de Ace antes que Kai o puxe de pé usando os braços poderosos.

— Você está com sorte, porque não tenho tempo nem paciência para arrancar seus membros um por um.

O olhar de Kai se vira para mim, me analisa. O futuro Executor está resistindo à ânsia de vingança ao procurar ferimentos em meu corpo. Esse pensamento me faz engolir o nó na garganta enquanto seu olhar se demora no talho que ainda sangra na minha cabeça e desce lentamente até o pescoço, onde provavelmente surge um hematoma. Seus olhos se viram bruscamente para alguma coisa atrás de mim.

A bandeira.

Ninguém chegou lá, por enquanto; todos estão ocupados lutando, concentrados na vingança. Quando me viro de novo para Kai, seus olhos já estão fixos em mim.

— Vá — murmura ele, assentindo em direção à bandeira que vai me dar a vitória. — Vença esse maldito jogo, Gray.

Pisco para ele, inerte, mas sua atenção já se voltou para o compromisso à frente. Então, eu me viro para a bandeira. Minhas botas raspam nas pedras embaixo dos pés enquanto vou em direção ao pedaço de pano aparentemente insignificante.

Novos gritos se juntam aos berros da luta, e não preciso me virar para saber que Kai começou seu trabalho com Ace. Ignoro tudo isso, focando somente a bandeira.

Então, estou embaixo dela, olhando meu prêmio.

Olhando minha vitória.

Ninguém me impede quando pego a bandeira.



Kai

Engraçado como matar faz com que eu me sinta mais vivo. Há dias não me sentia tão leve! Minha mente ficou mais clara, mais afiada, agora que os pensamentos sobre Ace não estão mais me consumindo.

Meu único arrependimento é que não tive mais tempo para brincar com ele. Se eu fosse um homem melhor, esse pensamento me causaria repulsa.

A transmissão da Prova foi tediosa, consistindo principalmente de cada equipe subindo a montanha em silêncio. Mas a luta final bastou para fazer a multidão entediada aplaudir. O caos foi capturado pelos Visores e repassado para que eu pudesse revivê-lo.

Vi Paedyn me encarar e me dar um presente. Uma vida. O presente de tirar uma vida.

Ela me entregou Ace, apesar de querer matá-lo ela mesma. Deixou que eu tivesse minha vingança sem ao menos saber que aquilo tudo era, em parte, por ela. Porque, mesmo antes de eu querer matar Ace por quase ter tirado a vida de Jax, eu já queria matá-lo quase ter tirado a vida de Paedyn.

A morte não me é estranha. Já matei mais vezes do que posso contar. O sangue grudado nas minhas mãos e manchando minha alma jamais poderá ser lavado. No entanto, ela me olhou como se eu fosse *merecedor* de me vingar de Ace, merecedor de gentileza, merecedor de...

Dela. Só quero ser merecedor dela.

Assisti enquanto a Morte reivindicava outra vítima. Foi Blair quem tirou brutalmente a vida de Braxton. Bom, ela não pode ficar com todo o crédito. Talvez eu tenha ajudado. A mente dela arremessou um galho contra o peito dele. Carne e ossos se despedaçaram, abrindo espaço para a madeira que empalou seu corpo. Sua vida escapou lentamente dos olhos surpresos antes que ele caísse no chão.

Mas a surpresa nos olhos de Braxton se refletiu nos de Blair.

Ela não estava mirando Braxton. Não, aquela morte brusca, brutal,

era direcionada à garota de cabelos prateados que caminhava, sem suspeitar, para a vitória. Posso ter enganado a Morte afastando-a da vítima pretendida, mas paguei a dívida mesmo assim. Peguei emprestado o poder de Blair e virei o destino em outra direção. Foi então que ele encontrou Braxton.

Mas eu não hesitaria em fazer isso de novo, e de novo, e de novo para salvar a garota de cabelos prateados.

A Morte e eu formamos uma tremenda dupla.

Tive três dias para me recuperar da Prova. Três longos dias no pátio de treinamento, coberto de suor, ou trancado em um gabinete com o Silenciador do meu pai, onde provavelmente também fico encharcado de suor. Damion me pressiona e me esmaga com sua habilidade enquanto eu luto para usá-la contra ele.

Acho isso bom, sem me importar se é meu corpo ou meu cérebro que dói devido aos treinamentos. A distração é a melhor forma de passar o tempo, e parece que, ultimamente, tenho muito do que me distrair.

— Kai, está ouvindo, garoto?

Sacudo a cabeça, voltando à conversa.

— Atentamente, pai.

O rei dá um suspiro profundo e Kitt me olha. Estamos há horas neste gabinete, discutindo tudo, desde rodízios de guardas até a Resistência, da qual não temos nenhuma informação nova, já que os poucos prisioneiros do ataque no primeiro baile estão todos mortos. Mas meu pai não parece especialmente preocupado com esse fato e, em vez disso, esteve falando sobre as Provas por muito mais tempo do que eu ouvi.

O rei olha para nós dois enquanto pergunta com calma:

— *Interessante* o modo como a favelada ganhou a última Prova, não acham?

Fico tenso, e acho que Kitt também.

Praticamente entreguei a vitória a ela, escolhendo a vingança em vez disso. A tortura, não o triunfo. Me pergunto se meu pai sabe disso. Se sabe que a deixei ir até a aquela bandeira sem hesitar. Se sabe que eu sorri ao vê-la, forte e segura, levantando-a no ar.

— A vitória dela foi justa. Não acho isso *interessante*. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa pensar melhor.

Uma risada sem humor preenche a sala.

— Essa é a questão — diz meu pai, os olhos me atravessando de um modo que os de Kitt jamais poderiam fazer. — Os favelados não vencem.

Ele cospe a palavra, me deixando inquieto, mas não ousa desviar o olhar.

— No entanto, ela venceu — digo.

Kitt se volta para mim, mas meu olhar está fixo no rei, que diz:

— É melhor você não deixar que isso aconteça de novo. Não se esqueça de que você é quem deve vencer essas Provas, e se precisar que eu o lembre do que acontecerá se não vencer, eu lembrarei. — Ele se inclina, com a voz mortal. — Eu treinei você para isso, então você não vai me decepcionar. Entendeu, Executor?

A ameaça é clara em suas palavras e eu a ouço ressoando nos ouvidos.

Se perder, você não será nada.

— Entendi, Vossa Majestade.

Com isso, eu me levanto e deixo o cômodo. Estou andando pelos corredores, sentindo que preciso bater em alguma coisa, cravar minha espada nos balaústres da cama pela centésima vez. Depois de todos os anos treinando e dominando minhas máscaras, é sempre meu pai que faz com que eu perca o controle. Enfio os dedos nos cabelos e volto para o meu quarto, me controlando a cada passo.

— Kai.

Passo a mão pelo rosto, suspirando, e me viro, encontrando Kitt muito insatisfeito.

— O que foi aquilo? — pergunta ele, em um tom áspero.

Quase rio.

— Foi uma das conversas mais civilizadas que já tivemos, e você sabe disso.

Kitt dá um suspiro, parecendo cansado.

— Olha, eu sei que o seu relacionamento com ele é... difícil. Entendo. Depois de todo o treinamento pelo qual ele obrigou você a passar, e das expectativas com relação a você, acredite, eu sei por que vocês dois têm dificuldade para se entender. Mas tudo que ele faz é para o bem.

Reajo bufando e balançando a cabeça para o teto, e me pergunto se algum dia Kitt vai parar de tentar se provar para o rei.

— Sabe, talvez você pensasse diferente se ele tivesse cortado você quando era pequeno só para ficar olhando enquanto você tentava costurar a ferida. — Dou um passo na direção dele. — Ou, talvez, depois de ser obrigado a enfrentar seus piores medos de novo e de novo e *de novo*, você percebesse que nem tudo que ele faz é para o *bem*.

Solto uma risada amarga e Kitt quase se encolhe ao ouvi-la.

— Ele fez de mim um assassino, me moldou para virar um monstro. Mas isso foi para o *bem*, certo? — Cutuco seu peito com um dedo enquanto digo: — Foi para o seu benefício, para que você possa me usar quando for rei. Como ele tem feito.

É a coisa errada a se dizer.

As palavras o acertam como um soco. Vejo o choque e a dor

atravessarem seu rosto enquanto me obrigo a dar um passo atrás, me acalmar. Estou perdendo a cabeça por motivos que nem entendo, e isso só me deixa com mais raiva. É como se cada pedacinho trancado do meu passado estivesse lutando para se libertar, para chegar à superfície, inundando tudo.

— Kai...

— Acho que você vai ser um ótimo rei, Kitt — sussurro, interrompendo-o. — E eu o servirei com orgulho. Mas você precisa aprender a pensar por conta própria, porque um dia nosso pai não vai estar aqui para fazer isso por você. Portanto, sugiro que você comece a entender o que *você* acha que é para o bem.

Então, eu me viro e sigo meu caminho corredor afora.



Daedyn

O jardim é silencioso à noite. Somente o coro dos grilos e o uivo fraco do vento me acompanham enquanto vou até o salgueiro, já familiar, próximo ao gramado onde o último baile aconteceu.

Desde aquela noite, venho aqui com frequência, encontrando conforto na sombra da árvore quando não consigo dormir. Eu me acostumei a ficar sentada embaixo dela durante horas, simplesmente me dando tempo para pensar.

Empurrando os galhos para o lado, me acomodo sob a copa. Suspiro, me sentindo mais calma ao respirar o ar quente da noite.

Mas a paz que sinto tem vida curta, e uma sombra se mexe ao lado do tronco.

Eu me viro. Meus dedos voam para a adaga presa na coxa, mas uma mão cheia de calos me para.

— Calma, Gray. Sou só eu.

Pisco no escuro, tentando adaptar minha visão à luz fraca, e encaro os olhos cinzentos com ar de diversão à minha frente.

— O que você está fazendo aqui? — questiono, rispidamente.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta.

— E eu poderia ter dado uma facada em você!

Kai ergue as sobrancelhas.

— Então não vai tentar? Eu diria que isso é um progresso.

— Ah, mas eu deveria, por você me assustar desse jeito.

Ele solta minha mão devagar, me observando o tempo todo.

— Eu assustei *você*? Foi você que chegou de fininho.

— Bom, eu não tinha como saber que você estaria aqui — sussurro, meio rouca.

— Claramente. — Um risinho retorce seus lábios. — Mas você é bem-vinda.

Kai se acomoda no chão, parecendo bastante confortável com o braço dobrado atrás da cabeça.

Encaro-o.

— O que você está fazendo?

— Esperando você se juntar a mim.

Fico paralisada, olhando o sorriso lento se espalhar pelo rosto dele.

— É o vestido? — pergunta ele, sentando-se e começando a tirar o paletó. Em seguida o coloca no chão, ao lado. — Pronto, agora você não vai se sujar.

Olho o vestido simples de seda que vesti para o jantar com o rei e a rainha. É bastante confortável, e eu fui preguiçosa demais para tirá-lo antes de vir para cá. Kai deve ter sentido algo parecido, porque ainda está usando suas roupas finas.

Mas a hesitação em me juntar a ele não tem nada a ver com sujar o vestido e tudo a ver com o fato de que eu não deveria estar aqui. O que eu deveria fazer é virar as costas, desejar boa-noite e voltar para o meu quarto sem dizer mais nada. Mas meus pés não fazem qualquer movimento para me levar embora.

Ele dá um tapinha no paletó, esperando, o que me faz sorrir.

— Que cavalheiresco da sua parte! Mas nem de longe esse paletó tem tamanho suficiente para impedir que meu vestido fique sujo.

— Posso tirar a camisa e colocá-la no chão também, se você quiser — diz ele, casualmente.

— Pensando bem — murmuro —, o paletó basta.

Kai solta uma risadinha e me pego indo em sua direção, ignorando os pensamentos que gritam para que eu não faça isso. Eu me sento e me deito devagar ao lado dele, nossos ombros se tocando de leve. Ficamos em silêncio por um longo momento, ambos contentes em olhar a copa de folhas e ouvir os grilos cricrilando ao redor.

Fico quase relutante em romper o silêncio confortável, mas pergunto baixinho:

— Por que você está aqui?

Ele quase ri.

— Eu venho aqui desde que era pequeno. Na verdade, eu caí dessa árvore quando Kitt me desafiou a subir nela, e quebrei o braço...

Dou uma gargalhada, interrompendo-o.

— Está rindo de mim, Gray? — Ele tenta reprimir um sorriso enquanto acrescenta: — Fico feliz por você achar minha dor tão divertida.

Pigarreio, tentando me recompor.

— E então? Você veio aqui curtir essa lembrança agradável?

— Algo assim. — Kai suspira. — Vim aqui pensar, esfriar a cabeça. Sempre gostei do silêncio daqui. De fugir do palácio. — Ele me olha

antes de perguntar: — E você, por que está aqui?

Dou um leve sorriso e ecoo suas palavras:

— Para pensar. Gosto do silêncio. Da fuga.

Vejo seu sorriso de relance e ficamos em silêncio por um tempo, até que eu pergunto:

— Há algum motivo para você me arrastar para o chão?

Olho seu perfil sombreado enquanto Kai espia os galhos acima de nós.

— Para conversar. Ficar aqui deitados em silêncio. — Ele dá de ombros, preguiçoso. — Na verdade, não importa.

Desvio o olhar.

— Então você só queria alguém para lhe fazer companhia?

— Alguém, não. Você.

Sinto ele se voltar para mim, mas não faço o mesmo.

— Você quer companhia silenciosa ou falante?

Kai solta um som que poderia ser uma risada.

— Só você seria capaz de perguntar o que eu prefiro na sua companhia.

Finalmente, me viro para encará-lo.

— Isso não foi uma resposta.

Ele fica em silêncio por um longo momento, parecendo estudar meu rosto, examinar meus olhos.

— Fale comigo.

Encaro-o, minha voz subitamente muito baixa quando pergunto:

— Sobre o quê?

Um sorriso surge em seus lábios.

— Qualquer coisa. Tudo. Em que você está pensando nesse momento, meu bem?

Quase gargalho.

— Bom, no momento estou pensando que esse paletó em que estou deitada é áspero demais para um príncipe. — Ele ri enquanto eu acrescento: — Também estou pensando em quantos ossos você e o Kitt já quebraram.

— Ossos demais. — Kai suspira, balançando a cabeça. — Eu é que tive mais ferimentos, mas nem todos foram por causa das ideias brilhantes de Kitt. — Ele faz uma pausa. — A maioria foi por causa dos treinamentos. Especialmente quando eu estava aprendendo a usar a habilidade de Curador.

Quando absorvo o significado das palavras, fico tensa.

— Você não quer dizer... — Deixo o resto no ar, e então tento de novo: — Você não precisou...

— Precisei, sim — diz ele, me olhando de forma intensa. — Precisei

quebrar meus ossos e depois curá-los. Ou às vezes ele me cortava com uma espada e me obrigava a aprender como costurar minha própria pele de volta.

Kai fala sobre isso de modo tão casual que eu nem consigo imaginar os horrores que ele foi obrigado a sofrer.

— Como você não o odeia? — sussurro.

O silêncio se estica entre nós.

O pequeno sorriso dele é triste.

— É porque ele me tornou forte — responde, com calma demais.

Sinto vontade de sacudi-lo e arrancá-lo dessa postura fria. Não importa o quanto o rei o tenha tornado *forte*. O príncipe à minha frente não passa de um peão criado pelo homem que chama de pai. O pensamento me deixa nauseada, me dá vontade de gritar.

E, apesar disso, eu entendo.

Suas palavras me golpeiam, me acertam. Nossa vida parece compartilhar semelhanças tristes, destinos infelizes. Infâncias que consistiram em treinamentos para nos tornarmos o que tínhamos que ser, nenhum dos dois crescendo como gostaria. Só que os pais que nos criaram não poderiam ser mais diferentes: um fazendo tudo por amor, o outro por ganância.

As pessoas não nascem fortes; tornam-se fortes. Nós sabemos disso melhor do que a maioria.

Kai continua normalmente, como se suas palavras não arrancassem o ar dos meus pulmões:

— Bom, Kitt e eu sofremos vários ferimentos devido à idiotice, mas nem todos os nossos jogos eram perigosos. Na verdade, como nossas atividades preferidas na infância consistiam em algum tipo de violência, minha tutora fazia a gente se sentar e brincar de coisas que ela considerava *seguras*. — Ele solta um suspiro. — Nós achávamos que eram chatas.

— Ah, é? — pergunto, rindo. — Que brincadeiras?

— Bom — ele estende uma das mãos e segura a minha —, a brincadeira preferida de madame Platt para torturar a gente era a guerra de polegares. Mas ainda encontrávamos um jeito de tornar até isso violento.

— Guerra de polegares? — Minha testa se franze em confusão. — Esse jogo tem a palavra *guerra*, e ainda assim é considerado seguro?

Nunca vi Kai tão perplexo, e quase rio de novo.

— Você nunca ouviu falar em guerra de polegares? — pergunta ele, chocado.

Seu polegar acaricia meus dedos, me obrigando a me concentrar nas

próximas palavras.

— Bom, na favela, o único jogo que eu costumava jogar era tentar adivinhar quantas moedas havia no bolso de alguém antes de roubá-las.

Kai sorri.

— E você fez esse jogo antes de me roubar?

— Não, mas teria perdido, se tivesse feito — digo, bufando. — Você tinha mais moedas de prata do que eu já vi em um único lugar.

— Bom, só até você roubar metade.

Sorrio também e ele fica me olhando em silêncio por um momento. Quando meus olhos baixam para sua mão segurando a minha e me distraíndo com o polegar que ainda desliza sobre meus dedos, o príncipe pigarreia e diz finalmente:

— Bom, o jogo que eu vou te ensinar não é nem de longe tão divertido quanto o seu, tenho certeza. — Ele balança a cabeça para mim, murmurando: — Não consigo acreditar que você não sabe o que é uma guerra de polegares.

— Bom, pelo modo como você fala, parece que não estou perdendo muita coisa.

— Ótimo argumento. — Kai dá uma risada curta. — E é exatamente por isso que vou lhe ensinar, para podermos sofrer juntos. — Ele se vira de lado e se apoia em um cotovelo, trocando olhares comigo. — As regras desse jogo *muito* fascinante são simples. — O príncipe cruza nossos dedos sob meu olhar, depois ri e estende a outra mão para puxar meu polegar para cima. — Bom, você vence prendendo o polegar da outra pessoa, mas precisa manter a mão e o braço parados. — Ele me espia e pergunta: — Entendeu?

Franzo a testa para nossas mãos unidas.

— Estou começando a entender por que você acha esse jogo tão chato.

Kai ri antes de murmurar:

— Agora.

Nem tenho tempo de reagir antes que seu polegar esteja esmagando o meu, prendendo-o contra minha mão. Quando ele olha para mim, seu sorriso é presunçoso.

— Eu realmente achava que os seus reflexos eram mais rápidos do que isso, Gray.

— Eu não estava pronta, Azer.

— Bom, esse é o objetivo dos *reflexos*.

Reviro os olhos, sem muito esforço.

— Você é insuportável.

— E, no entanto, você ainda está aqui — sussurra ele, os olhos

brilhantes mesmo à luz fraca, fitando os meus.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto eu avalio como vencê-lo nesse jogo. Como sempre, a distração parece ser a melhor opção, por isso digo:

— Me conte alguma coisa que eu não sei sobre você.

Ele parece apenas ligeiramente surpreso com meu pedido aleatório, mas não demora mais do que um instante para responder.

— Mirtilo. Não gosto de mirtilo.

Contenho a gargalhada.

— Você não gosta de mirtilo?

— Não é isso. — Ele faz uma pausa, parecendo pensar em alguma coisa. — Eu odeio mirtilo.

— Há algum motivo para esse ódio?

— Você já comeu mirtilo? — pergunta, e eu respondo assentindo. — Então, é isso. Esse é o meu motivo. O gosto é horrível.

Solto uma risada, e quando Kai abre a boca para dizer alguma coisa, eu o interrompo dizendo rapidamente:

— Agora.

Meu polegar pousa em cima do dele e estou prestes a cantar vitória quando ele facilmente o solta de baixo do meu. E, então, de novo, meu polegar está preso.

— Belíssima tentativa de me distrair, meu bem.

Suspiro, frustrada.

— Entendo por que você odeia esse jogo.

— Não, eu odeio esse jogo porque ele é chato. Você odeia porque é ruim nele.

Olho-o irritada e ele ri de mim. Seu polegar percorre toda a extensão do meu e eu me recuso a deixar de encará-lo.

— Agora — diz Kai, devagar —, conte alguma coisa que eu não sei sobre você.

— É fácil. — Dou-lhe um sorriso luminoso. — Eu *adoro* mirtilo.

O príncipe solta um gemido frustrado.

— Claro que adora.

— É simplesmente *delicioso*. Nossa, é a mistura perfeita de acidez e doçura, e...

— Isso nunca vai terminar, não é?

— ... sinceramente, acho que pode ser a melhor fruta que existe. Eu poderia facilmente comer mirtilo em todas as refeições...

Kai se inclina para perto e suspira exasperado:

— Paedyn.

Fecho a boca ao ouvir o som do meu nome.

— Eu ficaria contente em ouvir você falar durante horas, mas se tiver que falar sobre frutas, pelo menos escolha uma da qual nós dois gostamos.

Comprimo os lábios para esconder o sorriso. O futuro Executor está disposto a me ouvir falando sem parar sobre *frutas*. A ideia me deixa à beira de explodir em uma gargalhada e ficar vermelha da cabeça aos pés.

— Justo — digo, sem me incomodar. — Que tal laranja?

Ele faz uma careta.

— Não gosto da polpa.

— Certo. Banana?

— Odeio a textura.

— Você gosta de *alguma* fruta? — Balanço a cabeça, bufando. — Você é o príncipe mais cheio de frescura que eu conheço.

— Eu sou um dos dois príncipes que você conhece. E, acredite, Kitt não é muito melhor do que eu.

Encaro-o, séria.

— Ainda estou esperando para saber que fruta você não acha repulsiva.

Kai fica em silêncio um momento, pensando na resposta enquanto seu polegar pousa preguiçosamente sobre o meu.

— Morango.

Pisco, atônita.

— Eu adoro morango.

Um sorriso lento curva seus lábios.

— E não acho que é uma fruta repulsiva.

— Ótimo.

— Ótimo.

— Agora.

A palavra rola da minha boca e eu aproveito sua surpresa. A determinação me impulsiona enquanto luto para prender seu polegar, movendo a mão e o braço ao fazer isso. Quase caio em cima de Kai para finalmente fazer meu polegar pousar sobre o dele, apesar de ter violado as regras para conseguir.

Até que sou puxada totalmente contra seu corpo.

Kai puxa meu braço, suficientemente perto para que eu consiga contar os cílios escuros que cercam seus olhos.

— Você trapaceou, Gray.

— Eu fiz o que precisava fazer para vencer, Azer.

— Hum — murmura ele, e eu sinto o som vibrar no seu peito. — Acho que a culpa é minha, por esquecer como você é uma coisinha maligna.

— Bom, eu...

As palavras morrem na minha garganta quando ele descruza a mão da minha e começa a alisar meu braço. Contenho um tremor diante do toque repentino, mas o sorriso no rosto de Kai me diz que isso não passou despercebido.

— Retiro o que disse — sussurra ele. — Esse jogo não é nem um pouquinho chato quando eu jogo com você.

Ele olha para os próprios dedos que deslizam no meu corpo, e eu fico imóvel sob o toque suave.

Não sei bem quanto tempo ficamos assim, nos olhando e escutando o vento agitar as folhas acima de nós. É só quando os dedos dele sobem pelo meu pescoço para prender uma mecha de cabelos atrás da orelha que finalmente volto a mim.

— Eu deveria ir embora.

As palavras incertas pairam entre nós, pouco mais do que um sussurro que o vento quase rouba.

— Não parece que é isso que você quer — diz ele, baixinho.

Eu me recuso a sequer tentar descobrir o que *quero* fazer, por isso digo:

— Um dia desses vou vencer você em uma guerra de polegares seguindo as regras, e aí você não vai achar tão divertido.

Kai solta uma risada baixinha, seguida por um murmúrio:

— Não é vencer que eu acho divertido. É você, meu bem.

Depois de um momento longo demais, eu me solto e me sento devagar. A noite fica mais fria sem o calor do corpo de Kai junto ao meu, e meu vestido fino não consegue me manter aquecida.

O príncipe senta ao meu lado e cobre meus ombros com o paletó.

— Você está certa. Esse paletó é áspero demais para um príncipe. — Ele dá uma risada curta. — Por isso, vou deixar que você o use.



Daedyn

Aperto os ouvidos com as mãos para protegê-los dos gritinhos altos.

— Certo, o que você acha?! — Adena está sorrindo de orelha a orelha, gesticulando feito louca para o vestido parcialmente pronto, estendido na cama.

— Uau. — Ellie ofega, inclinando-se por cima do meu ombro para ver melhor. — Está... — Ela para enquanto seu olhar percorre o tecido.

— Perfeito — concluo. — Absolutamente lindo. Você se superou, Adena.

Abro um sorriso enorme e cheio de espanto ao ver como uma pessoa pode ser tão talentosa.

— Que bom — diz ela, e então bufa, tirando o vestido da cama e pondo-o de novo no colo. — Mas ainda não terminei. Só tenho mais dois dias até o último baile, e ele precisa ficar absolutamente impecável...

— Ah. — Dou-lhe um olhar de quem a conhece bem. — Não precisa se estressar, vai ficar. — Em seguida rio, balançando a cabeça. — Você poderia me vestir com um saco de farinha e fazer ficar bonito.

Adena parece alarmada com a sugestão.

— Eu *nunca* vestiria você com um saco de farinha. — Ela bate um dedo nos lábios, pensativa. — E não só porque ficaria horroroso, mesmo em você, mas porque o tecido é áspero demais, é duro demais para... — Seus grandes olhos castanho-esverdeados se viram para Ellie e para mim enquanto tentamos conter o riso. — O quê?

Adena está com as mãos na cintura, as sobranceiras franzidas e as pernas cruzadas e cobertas pelo tecido. Nunca vi alguém tentando parecer tão séria e parecendo tão doce e inocente.

É bom rir, fazer alguma coisa além de treinar e xeretar no castelo com a esperança de encontrar o túnel sozinha. Mas parece que Kitt é a única chave, e serei inútil se ele não me mostrar a passagem. Serei inútil se ele não confiar em mim. Passei quase todos os dias com ele, tendo o cuidado de não parecer desesperada ao mencionar casualmente detalhes sobre a

favela, tentando convencê-lo a ir comigo.

Nada.

Estamos conversando em voz baixa quando uma batida à porta faz todas nós pularmos.

Ellie olha para mim, perguntando em silêncio se eu estava esperando alguém, e eu respondo dando de ombros, sem fazer ideia de quem é. Ela vai rapidamente até a porta e a abre, hesitante, revelando uma figura alta e sorridente.

Kitt.

A servçal faz uma reverência e me posto ao lado dela com um sorriso irônico.

— Vossa Alteza, que surpresa inesperada!

O futuro rei abaixa a cabeça graciosamente para mim.

— Ora, srta. Gray, espero não estar sendo inconveniente. — Seu olhar divertido vai de Ellie até a minha cama, onde Adena está sentada, de olhos arregalados e coberta por tecidos. — Srta. Ellie, srta. Adena, incomodam-se se eu roubar Paedyn um pouquinho?

Ellie dá um sorriso tímido e Adena tenta conter um gritinho agudo antes de exclamar:

— Não, Vossa Alteza, de jeito nenhum!

Abaixo a cabeça, tentando não sorrir de vergonha e diversão. Kitt já está me olhando quando o espio. Ele abre um sorriso.

— Vamos?

As risadinhas das duas nos seguem pelo corredor e eu suspiro antes de perguntar:

— Então, você está me roubando para quê?

— Na verdade — Kitt olha nervoso ao redor —, eu esperava que você é que me roubasse.

Pisco para ele, com o coração começando a bater acelerado. Mas controlo as feições, fingindo confusão.

— Não sei se estou entendendo.

Kitt anda mais devagar e me leva até um canto, se inclinando para mim. Fico espantada com a súbita reviravolta, a súbita proximidade e o súbito cheiro de especiarias que me envolve.

Ele se aproxima, a voz se reduzindo a um sussurro.

— Alameda.

E aqui está.

Essa palavra por si só faz meu coração martelar forte.

— Quero que você me leve — conclui.

— Jura?

A pergunta sai ofegante e um pouco ansiosa demais para o meu gosto.

Kitt parece não notar, ocupado demais em examinar o corredor para garantir que ninguém nos ouça.

— É. — Os olhos dele se voltam para os meus, procurando. — Eu não deveria, mas... deveria. O que você disse é verdade. Tudo. Eu *preciso* ver o meu povo. Não posso governar um reino que eu mal conheço, pessoas com necessidades que desconheço. — Ele faz uma pausa, pensando em alguma coisa. — Preciso começar a decidir o que *eu* acho que é melhor. — Kitt suspira. — Preciso fazer isso. Por mais que não queira ir contra o meu pai, e por mais que eu saiba que é uma péssima ideia. — Ele dá uma risadinha, mas o som é tenso. — Sei que, se não fizer isso agora, nunca farei. Preciso agradecer a você por me lembrar do tipo de rei que jamais quero ser.

A alegria que havia me aquecido há alguns instantes desaparece, substituída pelos dedos frígidos, gelados, da culpa. Então me lembro da gentileza de Kitt, de sua tolerância quando eu o censuro, de sua disposição para ouvir.

Olha o que isso lhe rendeu. Traição.

Engulo o nó que sobe na minha garganta.

— Você está fazendo a coisa certa. E vai ser um prazer mostrar onde eu moro, já que você teve a gentileza de me mostrar onde você mora.

Sorrio, tentando parecer tranquila e nem um pouco calculista enquanto espero que ele me mostre a única coisa que estive procurando.

Os túneis.

Kitt assente devagar, parecendo subitamente sério.

— Tem certeza de que você pode me levar e me trazer de volta sem que ninguém me reconheça?

— Você confia em mim?

As palavras têm gosto de cinzas na minha boca, mas saem como seda. Meu peito se aperta, e eu respiro um pouco mais fundo. Meus joelhos ameaçam tremer, mas estou com uma postura melhor.

Você está traindo uma pessoa para salvar a vida de centenas. Para salvar a vida do seu povo.

O sorriso de Kitt é suave.

— Confio.

É espantoso como uma única palavra pode condenar alguém.

Então minha mão está segurando a dele, que me leva involuntariamente para o primeiro passo na descoberta da salvação do meu povo.



Nunca imaginei que a salvação estaria nas masmorras.

Kitt atravessa uma porta grande e pesada em um corredor, levando-nos a uma escada. O ar fica mais frio e com cheiro de mofo a cada passo que damos para descer. Ele assente para os guardas espalhados pela masmorra úmida embaixo do castelo, parecendo completamente à vontade. Como se sempre trouxesse amigas para visitar.

Passamos por dezenas de celas sujas, sombrias, algumas ainda enfeitadas com os ossos dos ex-moradores, outras ocupadas pelos vivos. Eles nos observam quando passamos, os olhos pinicando na minha pele, os braços se estendendo entre as barras enferrujadas.

— Aqui.

Kitt atrai minha atenção de volta para o que vamos fazer. Ele vira a cabeça para um lado e para o outro no corredor e, depois de considerar que a barra está limpa, entramos na última cela.

Meu coração quase sai pela boca e eu engulo em seco. A passagem fica em uma *cela*. Isso é brilhante, de verdade. Eu jamais imaginaria que a rota de fuga do castelo estaria ligada ao único lugar de onde eles não querem que as pessoas escapem.

— Nós não colocamos prisioneiros nesta cela. Mas eles jamais conseguiriam entrar na passagem, mesmo se soubessem que ela existe — diz ele, deixando as mãos deslizarem pela parede.

Kitt empurra uma pedra grande acima de sua cabeça, uma que parece completamente comum em meio às outras. Ela desliza uns dois centímetros para trás e eu afasto os olhos para contar as pedras, marcando o ponto certo na parede.

Ele está segurando uma argola com chaves, o metal brilhando à luz fraca enquanto pega a última chave e tira do aro. É grande e opaca devido à idade, com redemoinhos em relevo gastos na parte de cima.

Com um sorriso por cima do ombro, Kitt enfia a chave em uma pequena fechadura que só ficou visível depois que ele empurrou a pedra, girando-a. E diz em tom casual:

— Como eu disse, mesmo que a gente colocasse prisioneiros nesta cela, e mesmo que descobrissem essa pedra específica, não conseguiriam sair. Eu estou sempre com as minhas chaves.

Ouçõ um estalo metálico vindo da parede.

— Acho que o lugar mais seguro para elas é comigo.

Consigo murmurar concordando, minha pulsação acelerando com a ansiedade. Kitt prende a chave de novo na argola de prata e guarda tudo no bolso interno.

Em seguida, empurra uma seção da parede, que se abre.

As pedras que antes pareciam totalmente comuns se transformam em

uma porta camuflada. Kitt segura minha mão e me puxa, depois fecha a porta e me leva para um mergulho na mais completa escuridão. As trevas recaem sobre nós como um cobertor pesado, nos comprimindo.

Não consigo ver nem mesmo minha mão diante do rosto, por isso me assusto quando ela acerta o peito de Kitt. Esse mesmo peito se move com uma gargalhada e então uma chama se acende na mão dele, quase me ofuscando com a luminosidade.

— Vamos? — pergunta o futuro rei, com um sorriso.

Caminhamos por um túnel úmido e escorregadio, os passos ecoando nas paredes. Penso com cuidado nas minhas próximas palavras, sabendo que preciso dizê-las como se estivesse apenas curiosa, não desesperada.

— Aonde esse túnel vai dar, exatamente? Existem muitos assim, tipo um labirinto embaixo do castelo? — pergunto, mantendo a voz casual.

Meus pés hesitam quando chegamos a uma bifurcação onde o caminho se divide em dois. Kitt para junto comigo, e sua resposta é tão casual como minha pergunta.

— Por acaso, este é um dos principais túneis e um dos mais largos, por isso é um dos únicos do qual eu tenho a chave. Vários estão bloqueados ou são perigosos demais para serem usados.

Mantenho o rosto neutro apesar da preocupação que pesa nos meus ombros. E se a passagem que leva à Arena for um dos túneis abandonados? E se ele foi bloqueado, desmoronou ou...

Kitt assente na direção do túnel da esquerda, interrompendo meus pensamentos quando diz:

— Esse aqui leva para perto da área de treinamento, mas não é possível abrir a porta por fora. — Em seguida, indica a passagem da direita. — O que vamos pegar vai até a Arena Esférica, à sala embaixo do camarote, onde a gente ficou antes das entrevistas.

Quase engasgo. Culpo o ar sujo pelo ataque de tosse, e não a informação que ele entregou com tanta facilidade. A informação *exata* de que eu precisava.

Minha cabeça está a mil. Eu inventei a ideia de Kitt usar um túnel para ver a favela com o objetivo de saber onde ficavam os outros e qual levava à Arena. E aqui estamos, andando à vontade exatamente pelo caminho que eu precisava descobrir.

Kitt me guia até a Arena e sou inundada por um alívio ao finalmente descobrir a passagem. Caminhamos e conversamos por quase dez minutos até que o fogo dele ilumina uma porta pesada.

Aí está. A salvação.

Ele a empurra, revelando a sala escura embaixo do camarote. Depois, a mantém aberta com uma pedra pequena para podermos entrar de novo

quando voltarmos. Vamos até o alçapão no teto e o abrimos, e eu pego o impulso necessário para atravessá-lo. Sinto o fantasma das mãos de Kitt nas minhas costas e subo até a caixa de vidro. Ele me acompanha rapidamente e saímos na Arena vazia.

— Como, exatamente, vamos chegar à Alameda? — pergunto, levantando as sobrancelhas.

— Como os cavaliços não podem saber que vamos literalmente cavalgar ao pôr do sol — Kitt sorri —, vamos até o campo ao lado da Arena, onde muitos cavalos pastam durante o dia.

Saímos da Arena por um dos muitos túneis de concreto, agourentos até mesmo com a ausência de uma plateia vaiando. Quando finalmente chegamos à clareira, o calor do sol é bloqueado pela enorme estrutura.

Um lindo cavalo branco vem a meio galope até nós, nitidamente empolgado para se afastar também desse lugar esquecido pela Peste. Pigarreio, engulo o orgulho e murmuro:

— Não sei montar.

— Então é melhor se segurar com força — responde Kitt, rindo, os olhos encontrando os meus por um instante.

Sem uma sela, Kitt me ajuda a subir no cavalo e depois monta com elegância. Não sei onde pôr as mãos, subitamente desajeitada com o peito grudado nas costas dele.

Ele vira a cabeça para me olhar, o cabelo dourado brilhando ao sol.

— Tem certeza de que você consegue me roubar deste lugar?

— Fala sério. Eu sou uma ladra. Roubar é o que eu faço de melhor.



Kitt não parou de tossir desde que chegamos à Alameda.

— Pela Peste, isto aqui fede. — Ele contém uma tosse, tentando limpar os pulmões do ar denso. — *Maldição*.

Dou uma risada contida, vendo-o examinar o local, ainda tentando captar tudo. Seu olhar percorre as velhas carroças dos comerciantes espalhadas pela Alameda, todas enfeitadas com flâmulas desbotadas ou placas quebradas. Ele vê as construções e as lojas desmoronando dos dois lados da rua larga e seu povo entrando e saindo delas.

Sua cabeça se vira na direção de cada grito, ouvindo um homem anunciar peixes frescos enquanto outro pechincha com uma mulher o preço de tecidos. O lugar é um caos, uma espécie de loucura alegre. Estamos no meio de tudo, cercados por um enxame de pessoas cuidando das próprias vidas. Vendendo e comprando. Vivendo e tentando viver. A Alameda dos Larápios parece vibrar com a quantidade de pessoas, e, no

entanto, tudo o que eu vejo é a vibração da *existência*.

Levanto a mão e puxo mais para baixo o boné na cabeça de Kitt. Roubei isso e uma camisa velha para ele vestir, mas duvido que alguém esteja prestando atenção em nós. O futuro rei devolve o gesto, rindo e puxando meu chapéu sobre os olhos enquanto fios de cabelo prateado caem em volta do meu rosto. Bufando, ajeito o gorro com um sorriso nos lábios e guio o príncipe mais adiante pela rua, desviando de crianças que gargalham passando em volta das nossas pernas.

Kitt está tentando absorver tudo, captar cada pedacinho da favela. Cada estandarte velho e desgastado, cada pessoa que tromba em nós na rua lotada. Há um Vêu fazendo mágica para alguns observadores, fascinando a plateia e usando seu poder para ganhar algumas moedas de prata. Os Notáveis Defensivos sempre se dão bem nessa parte da favela, destacando-se entre os meros Triviais.

Observo-o olhando pelos becos e ruas mais estreitos que se projetam da Alameda, vislumbrando barracas improvisadas e os sem-teto amontoados dentro delas. Ele enrijece ao ver crianças pequenas andando sozinhas entre as carroças, as mãos nitidamente coçando para roubar qualquer tipo de comida.

— Eles vão ser chicoteados quando forem pegos — digo, secamente.

Agora os olhos dele estão voltados para os meus.

— *Quando* forem pegos?

— É. Quando. — Suspiro e continuo guiando-o. — Os menores são imprudentes e impacientes demais para serem bons ladrões nessa idade. Como a maioria dos Notáveis na favela é Trivial, os poderes deles provavelmente não ajudam na sobrevivência. Eu sei bem.

Paro na frente do mastro sangrento que fica no centro da Alameda, onde ladrões e criminosos são espancados.

— É aqui que os seus Imperiais vão castigar aquelas crianças pelos crimes. — Balanço a cabeça na direção dos guardas ao longo da rua, que examinam a multidão em busca da próxima vítima.

Kitt chega mais perto de mim, diminuindo a distância entre nós. Seus olhos verdes brilham com uma emoção que ele não tenta esconder.

— Alguma vez você...

— Sim. Eu já fui uma dessas crianças. Mais de uma vez. E tenho as cicatrizes para provar.

As riscas nas minhas costas parecem pinicar diante da lembrança e da fala. Ele me olha com tanta dor, com tanta pena, que pela primeira vez desde nosso passeio no jardim não aguento sustentar seu olhar.

Assim, eu o puxo para longe antes que ele possa dizer mais uma palavra.

— Vem. Quero mostrar uma coisa.

Puxo-o pela rua, segurando sua mão com firmeza para que ele não seja levado pela multidão. Ninguém presta atenção ao futuro rei andando no meio das pessoas, nem à Comum que o guia à plena vista.

Paro no final de um beco familiar. Minha casinha improvisada ainda está em seu canto, e fico chocada ao ver que está intocada. Lembranças boas e ruins se arrastam até a superfície enquanto vou em direção à barreira de lixo e tapetes que conheço como o Forte.

Então Kitt está ao meu lado, o braço roçando no meu enquanto olha o monte de entulho.

— Era aqui que você dormia.

Não é uma pergunta.

— Lar, doce lar — sussurro, surpresa ao ver como minha voz está tensa.

E de repente, meu rosto está nas mãos dele e sua voz assumiu uma espécie de seriedade.

— Sinto muito. Sinto muito por você ter que viver assim. — Kitt suspira e seus olhos examinam os meus. — Obrigado. Obrigado por me mostrar isso. A Alameda. O meu povo. — Ele faz uma pausa. — *Você*. Obrigado por me confiar os detalhes sobre *você*.

Minha garganta engasga quando a culpa me golpeia de novo, me obrigando a me esforçar para manter a voz firme.

— Não. Obrigada a você por confiar em mim, Kitt.



Daedyn

— **P**or— Por que ele está demorando tanto? Pela Peste, está gelado aqui fora.

Meus dentes estão batendo graças à noite estranhamente fria, e minha blusa fina ajuda pouco a impedir que a brisa beije minha pele.

— Paciência, princesa — murmura Lenny ao meu lado.

Empurro-o com um sorriso irritado antes que ele termine de falar. O Imperial resiste à ânsia de me empurrar de volta e eu lhe dou um riso maligno, desafiando-o a fazer exatamente isso.

Justo quando acho que as coisas vão ficar interessantes, a porta se abre.

— Desculpe interromper a briga, mas está muito frio aqui fora e vocês dois realmente deveriam entrar antes de pegarem um resfriado. — A voz de Calum está cheia de diversão enquanto ele abre caminho para nos deixar entrar na casa.

Minha casa.

Vamos até o gabinete e descemos a escada escondida, até o porão. Já retornei várias vezes desde a noite em que me aventurei pela primeira vez, e não me abalo mais ao ver o gabinete do meu pai. Me sinto menos assombrada, mas ainda estou longe de me curar. Acho que até mesmo o trauma se cansa do tormento interminável, nem que seja por pouco tempo.

Uma voz profunda e provocadora me cumprimenta quando chego à base da escada.

— Aí está ela.

Aceno para Finn, sentado com os tornozelos cruzados sobre a mesa e os braços atrás da cabeça. Ele dá uma risadinha em resposta e meu olhar baixa até Leena, que no momento está no chão atulhado de mapas.

Além de líderes da Resistência espalhados por Ilya, cada um deles, como fiquei sabendo, tem um objetivo, algo com o qual colaboram para

a causa. Leena é uma artista talentosa, e todos os nossos mapas repletos de detalhes existem graças a ela, ao passo que Finn é ótimo projetando as armaduras e máscaras de couro. Lenny é os olhos e os ouvidos deles no castelo, e Mira é uma Silenciadora, o que a torna obviamente valiosa.

Leena ri quando me vê e deixa o trabalho para trás, juntando-se a nós. Finn vem em seguida sentar-se no círculo de cadeiras.

— Mira não veio hoje? — pergunto, olhando a sala grande cheia de mesas atulhadas de documentos e camas cobertas com lençóis desarrumados.

— Hoje, não — diz Calum baixinho. — Está cuidando da mãe em casa.

Estou pensando se faço perguntas que provavelmente não deveria quando Calum redireciona a conversa.

— Bom, Paedyn, o que você tem para nós? Alguma coisa?

Ouçõ na voz dele o mesmo desespero de cada vez que vim e precisei admitir meus fracassos.

Mas não hoje.

— Encontrei o túnel. Bom, na verdade Kitt me levou por ele mais cedo, hoje.

Estou praticamente sem fôlego, finalmente dizendo aquelas palavras. Todos se inclinam para perto, de olhos arregalados, para ouvir qual foi o meu plano e como, impossivelmente, ele deu certo.

Quando termino, é Finn que rompe o silêncio:

— Eu sabia que você teria o futuro rei na palma da mão.

— Estou orgulhoso, princesa — diz Lenny, com um riso torto.

Com isso começo a explicar tudo que vi e exatamente onde a passagem começa e termina.

— Depois de entrar no túnel pela última cela da esquerda, quase na metade há uma bifurcação. O caminho da esquerda leva à porta perto da área de treinamento, e o caminho da direita vai até a Arena e à sala embaixo do camarote.

Leena está anotando avidamente as informações, captando cada palavra e a transferindo para o papel. Em questão de minutos, eles sabem onde fica a passagem, aonde ela leva e como encontrá-la.

— Só há um problema — acrescento, girando a aliança no polegar, ansiosa. — Vocês precisam de uma chave para entrar na passagem e, por acaso, ela está sempre com o Kitt.

Finn solta um riso de escárnio.

— Fácil. Tira a roupa dele.

Encaro-o e me viro de volta para Calum.

— Eu posso pegar. No baile, vou roubar a chave e entregar ao Lenny.

Como a Prova é no dia seguinte, Kitt não terá tempo de perceber que ela sumiu antes disso. — Mordo o interior da bochecha antes de acrescentar: — Espero.

— Parece um bom plano — diz Lenny, bocejando.

Prendo-o com um olhar.

— Qualquer um que for passar pelo túnel e entrar no camarote precisa entrar pela porta junto à área de treinamento. Assim, Lenny, você precisa deixar que eles entrem, já que a porta só pode ser aberta por dentro, e de lá vocês podem ir pelo túnel até a Arena. Entendido?

Lenny assente.

— Entendido.

Conversamos durante pelo menos mais uma hora, discutindo os detalhes. Então, Lenny e eu nos levantamos para ir embora, alongando o corpo dolorido antes de nos despedirmos e subirmos a escada.

Quando saímos, a brisa fria me bombardeia e eu me pego tremendo de novo. Lenny passa o braço sobre meus ombros e me puxa para perto, desgrenhando meu cabelo com a outra mão. Estou rindo, empurrando-o para longe enquanto tento ajeitar as mechas prateadas enlouquecidas que se espalham pelos meus ombros.

— O baile é amanhã. — Lenny está quase solene.

— O baile é amanhã — repito, a voz mal passando de um sussurro.

— E então, a última Prova. — Ele está olhando as estrelas, que olham de volta para nós.

Solto uma risada trêmula e pareço incapaz de pensar em palavras que sejam minhas.

— E então, a última Prova.

Lenny me espia, os olhos cheios de diversão.

— O que você é? Um papagaio ou uma Paedyn?

Solto o ar alto, cansada, e deixo minha cabeça se inclinar, olhando o céu cheio de estrelas. Minha resposta sai em voz baixa, pensativa:

— Não sei o que eu sou.

Sinto um aperto no ombro, me viro e vejo Lenny sorrindo para mim.

— Você é Paedyn Gray. A Paladina Prateada, com sua língua prateada, rápida em cravar sua adaga prateada nas pessoas.



Kai

Gritos. Gritos terríveis, torturados, ricocheteiam na minha cabeça, ecoam na minha mente.

Ela.

É *ela*.

Corro pelo castelo, suando, procurando, gritando por ela.

A única resposta é um pedido de socorro, de misericórdia.

Abro a porta do quarto, entro e examino a escuridão.

Alguma coisa prateada reluz ao luar que entra pela janela aberta.

Ali.

O cabelo dela. Deve ser aquele cabelo lindo, prateado. Mas o que meus olhos veem não é lindo.

Não, é uma coisa *quebrada*.

Ela está coberta de sangue, sentada em uma poça de sangue. Lágrimas escorrem pelo seu rosto, agora contorcido em agonia.

Uma dor inacreditável. Um sofrimento para além da salvação.

Vejo de novo aquele brilho prateado, mas não é seu cabelo, como pensei antes.

É uma adaga.

É a adaga *dela*.

A ponta afiada está pressionada contra o peito dela, tirando o sangue que escorre pelo corpo e espelha as lágrimas que escorrem pelo rosto.

Que simetria medonha.

De repente, estou ao lado dela, ajoelhado em uma poça de sangue. Do sangue *dela*. Ela não me vê, não fala, não faz nada além de gritar. Angústia. Nunca vi uma angústia tão grande.

— Paedyn! Pae, olha para mim!

Nada. Nenhuma reação.

Mais soluços. Mais sangue.

Seguro o cabo pegajoso da adaga que ela está pressionando lentamente contra o coração.

Está coberto de sangue.

Um sangue tão grosso que gruda nas minhas mãos, sobe pelos meus braços, me cobrindo com a única coisa que jamais poderei lavar.

Jamais quis o sangue dela nas minhas mãos. Jamais o sangue dela.

Sua cabeça se vira, muito lentamente, o rosto riscado de lágrimas voltado para o meu.

— Faça isso parar — implora.

Paedyn não implora.

— Dói demais. Por favor, faça isso parar. Faça parar. Faça parar!

Os soluços sacodem seu corpo e eu estou segurando a faca, imóvel, enquanto ela tenta desesperadamente afundá-la em seu lindo coração.

— Meu coração dói.

Mais soluços. Mais gritos pedindo para deixar que ela morra. Isso está errado. Está muito errado.

Paedyn é forte demais, teimosa demais, *especial* demais.

Ela não pode morrer. Não vou deixar. Nem pela mão dela, nem pela de mais ninguém. Seus gritos estão rasgando minha alma, minha cabeça, meu coração.

Não aguento. Não aguento. Não aguento mais.

Sinto lágrimas ardendo nos olhos, escorrendo pelo meu rosto.

Agora *eu* estou implorando.

Implorando para que ela fique. Que viva. Por mim.

Talvez eu também esteja gritando, soluçando, tremendo.

— Kai?

Minha cabeça se vira e, através da névoa de histeria, vejo uma figura magra parada à espreita.

Há um sorriso familiar, infantil, no rosto dele, apesar do sangue que escorre do peito onde uma estrela de arremesso está profundamente alojada.

Ele cai de joelhos, os olhos vidrados, fixos nos meus.

Desta vez, ouço o grito brotar da minha garganta enquanto vou até ele, embalando-o, implorando que ele viva.

Passos ecoam nos corredores. Levanto a cabeça e vejo dezenas de corpos me cercando. Todos ensanguentados e implorando. Minhas vítimas.

Eles me encaram com ódio queimando nos olhares voltados para o homem que os matou.

Conheço cada rosto. Cada ferimento que infligi. Eles me cercam. Abutres antecipando uma morte.

Então escuto um som que conheço muito bem.

O som nauseante de metal cortando osso, de tendões sendo

dilacerados, de músculos mudando de forma em volta de uma lâmina.

Ela tomba no piso — a adaga no coração, os lábios em um sorriso.

Estou gritando.

Estou levantando-a nos braços, tirando seu cabelo de cima do rosto; estou dizendo alguma coisa, mas não sei o quê.

Minha mente está entorpecida. Meu coração está entorpecido.

Tudo está entorpecido.

Ela está sorrindo na morte, como se estivesse feliz por se livrar da vida. Por se livrar de *mim*.

Sou sofrimento. Sou tristeza. Também sou angústia.

Acho que, além disso, posso estar morto. Apodrecendo por dentro.



Daedyn

Gritos. Nunca ouvi uma agonia tão crua.

Eu acabei de subir na cama depois de voltar da Alameda, mas jogo as cobertas longe e me levanto. Estou andando atrapalhada pelo quarto escuro, tropeçando nas botas largadas de qualquer jeito no chão.

Quando meus dedos finalmente envolvem a maçaneta fria da porta, eu a abro e saio no corredor sombreado.

Um grito ecoa e eu paraliso. É ele.

Não sei como sei disso, já que nunca ouvi o futuro Executor gritar, mas algo me atrai na direção do quarto dele. Meus pés se movem por vontade própria, me guiando para mais perto a cada passo.

Hesito diante da porta, obrigando os pés insistentes a parar.

O que estou fazendo?

Não posso simplesmente entrar no quarto dele. Certo?

Errado.

Essa é uma má ideia.

É, mas é uma má ideia que eu quero pôr em prática.

Outro grito angustiado escapa da garganta dele e não hesito ao abrir a porta. A escuridão me engole e eu tropeço de novo andando pelo quarto, os olhos se esforçando para enxergar, as mãos estendidas para me guiar.

A silhueta de uma cama surge, bem como a do corpo em cima dela. Vou até ele, piscando os olhos que finalmente se ajustam à falta de luz, vendo o peito exposto arfando e todo suado.

A cabeça dele está inclinada para trás, contra um travesseiro, com mechas de cabelo preto grudadas na testa. Ele está tremendo, com a respiração curta, cada centímetro do corpo retesado. Nem consigo imaginar o que está assombrando seu sono, o que está roubando seu descanso e deixando-o tão abalado. Que pesadelo é tão terrível a ponto de nem mesmo o príncipe conseguir se defender?

Seus lábios se movem com palavras murmuradas que não entendo, e agora estou realmente preocupada.

Estou preocupada com ele.

Deixo o pensamento criar raízes por um instante e então toco o ombro dele com gentileza. Quase solto um arquejo de surpresa com o calor da pele. Ele está queimando.

— Kai — sussurro, sem querer assustá-lo.

Nada.

— Kai — chamo mais alto, sacudindo seu ombro para tentar arrancá-lo do pesadelo.

Ele grita de novo e eu quase faço o mesmo. Agora estou ofegando, entrando em pânico, implorando que ele acorde para podermos voltar a implicar um com o outro, em vez de implorar para ele abrir os olhos.

Subo na cama, passo uma perna por cima do seu corpo de modo que ele fique comprimido entre minhas coxas e apoio as mãos no seu peito escorregadio.

— Kai! — Estou sacudindo-o com força, querendo que ele acorde. — Kai!

Fico irritada por me importar tanto. Fico irritada porque me importo se ele está sofrendo ou não. Fico irritada porque não suporto vê-lo assim...

E então aqueles olhos cinzentos se abrem.

De repente, mãos fortes estão segurando minha cintura e me virando para baixo dele. Minhas costas estão comprimidas contra o colchão enquanto ele me prende, as mãos esmagando meus braços, o corpo esmagando o meu.

Algo frio é apertado contra minha garganta.

Eu conheço o toque de uma adaga, por isso não me dou ao trabalho de olhar para a que Kai aperta contra o meu pescoço. Estou ofegando, mantendo os olhos fixos nos dele, que estão enlouquecidos.

— Kai, sou eu — digo, com a voz suave.

A força dele é chocante, e não acredito que eu conseguiria escapar, mesmo se tentasse. Ele está ofegando tanto quanto eu, praticamente paralisado acima de mim.

— Kai. Foi só um pesadelo. — Mantenho a voz calma, tentando ignorar o coração trovejando que me contradiz. — Kai, sou eu. Paedyn.

Ele pisca. E então pisca de novo, repetidamente, como se esvaziasse a mente. Como se me visse pela primeira vez. O ar frio cobre meu pescoço quando Kai afasta a adaga, os olhos travados nos meus.

— Sou eu. Pae. — Minha voz treme, pouco mais do que um sussurro. — Kai?

E então minha voz racha e alguma coisa parece rachar dentro dele também.

Ele inspira com um tremor, percebendo o que fez. Soltando meu braço daquele aperto espantoso, volta a enfiar a adaga embaixo do travesseiro enquanto tenta acalmar a respiração. Sua máscara fria se rachou, se desfez no pânico, e posso ver cada emoção percorrendo seu rosto.

Nunca o vi tão desganhado, tão desorientado, tão enojado consigo mesmo.

Seus olhos estão assombrados, horrorizados, examinando o quarto e recusando-se a encontrar os meus. Dá para ver que ele vai sair de cima de mim sem dizer nada, e eu me recuso a deixar isso acontecer. Recuso-me a esquecer esse momento em que o príncipe é apenas um garoto.

Os olhos cinzentos, fantasmagóricos, se fecham ao sentir minha mão na sua bochecha. Seguro seu rosto, timidamente, com ternura, maravilhada em silêncio com a sensação na minha palma. Seu maxilar está parado e um músculo estremece quando passo o polegar pela sua bochecha.

Ele abaixa a cabeça, os olhos ainda fechados com força para não encarar os meus.

— Olhe para mim.

Minha ordem é ao mesmo tempo séria e suave, segura e trêmula. Minha outra mão está no rosto dele, guiando-o de volta para mim. Kai respira fundo, uma respiração instável, e abre os olhos. O aço que existe neles é tão espantoso como lindo.

— Não se esconda de mim — digo, subitamente incapaz de respirar direito, vendo como ele me olha. — Nunca mais.

Quero observar seu rosto, o rosto sem a máscara que vislumbrei tantas vezes. Vejo seu olhar me percorrer, percorrer meu corpo ainda comprimido sob o dele, meu cabelo espalhado no travesseiro.

Quase como se estivesse tentando fixar a imagem na memória.

Engulo em seco sob seu olhar, o que só o faz baixar os olhos para o meu pescoço, onde sinto um rubor subindo. Não, não é só um rubor. Meu pescoço arde. De repente, me lembro de que minhas mãos ainda estão no rosto dele. Baixo-as lentamente e levo os dedos ao pescoço.

Sua mão rápida segura meu pulso antes de passar os dedos suavemente pela minha garganta. Mal consigo conter um tremor sob o toque, com a sensação dos calos roçando a pele ruborizada.

— Olha o que eu fiz — diz ele, com a voz rouca, ainda cheia dos resquícios do sono e áspera com os gritos que rasgaram sua garganta.

O príncipe afasta os dedos de mim, agora manchados com o sangue pegajoso.

Kai parece tão machucado com a ideia de ter me cortado com uma

adaga que solto uma risada ofegante, apesar da situação. Ele parece alarmado com minha explosão, o que só me faz rir mais ainda.

— Engraçado, geralmente sou eu que aperto uma adaga na *sua* garganta.

Espero, em silêncio, que um sorriso apareça nos lábios dele, aquelas covinhas surgindo para tirar sarro de mim. Mas Kai apenas me encara e sussurra:

— Você vai ficar com sangue no cabelo.

Eu teria rido de novo se não fossem os dedos dele no meu pescoço, me calando. Kai se senta suavemente, deslizando devagar uma das mãos para a minha nuca, antes de levantar minha cabeça do travesseiro com cuidado e empurrar meu cabelo para trás com a outra. Ele se demora, deixando os dedos passar pelos fios prateados enquanto segura minha cabeça.

— Eu trançaria seu cabelo de novo, mas você me informou que eu não sou bom nisso. — A voz dele sai rouca, contrastando com o modo gentil com que coloca minha cabeça de volta no travesseiro. Sem hesitar, ele pega o canto de um cobertor e começa a limpar suavemente o resto de sangue do meu pescoço.

— Você precisa apenas treinar mais, só isso.

Ficamos imóveis, contentes em deixar o silêncio se estender.

Kai me encara e eu faço o mesmo. Estou perdida no momento, perdida nos seus olhos. Não há qualquer risada à vista, nenhum sorriso a ser compartilhado, nenhuma frase sarcástica a ser dita. Apenas nós dois, com os corações batendo loucos, a respiração saindo trêmula.

Pisco, percebendo o que estou fazendo, o que se passa, o que está acontecendo entre nós. Por isso pigarreio, me mexendo lentamente embaixo dele. Kai respira fundo, entendendo o que eu quero e saindo lentamente de cima de mim. Só quando o ar frio me acerta percebo como estou ruborizada, como minha pele ficou quente.

Então me sento, ajeitando a camiseta, e deslizo até a beira da cama. Sinto seu olhar profundo enquanto levanto, subitamente consciente do pouco tecido que cobre meu corpo.

Dou um passo para longe. Mais um.

Dedos roçam na parte interna do meu pulso.

— Fica.

Paro. O tempo congela. A respiração cessa.

É espantoso como uma única palavra é capaz de afetar uma pessoa.

— Por favor.

Meu coração acelera com o som que sai dos lábios dele.

Poucas pessoas têm o poder de me fazer implorar.

O peso que minhas próximas palavras terão me pressiona, esmagando os pulmões, e não consigo emitir nenhum som. O que eu disser em seguida pode criar um muro entre nós ou nos aproximar ainda mais. Pode nos aproximar *demais*.

Fico? Vou?

Minha mente está gritando para eu fazer uma coisa, mas meu coração bate forte, implorando que eu faça outra. Apesar do silêncio que se estende entre nós, meus pensamentos confusos são ensurdecedores.

Mesmo de costas, sinto seu olhar em mim, sinto o fantasma das suas mãos em mim, sinto o efeito dele em mim.

E se eu não responder?

As palavras só podem condenar se forem ditas.

Então é isso que vou fazer. Não vou falar, não vou pensar — vou sentir. Vou afogar os pensamentos insistentes e simplesmente *sentir*.

Eu me viro devagar e o encaro. Kai prende a respiração, seu olhar se suavizando. Ele não achou que eu ficaria.

Ele espera que todo mundo o abandone.

Com esse pensamento de partir o coração, não hesito ao levantar as cobertas da cama. O príncipe acompanha o movimento, observa minhas mãos dobrando os cobertores, meu corpo se dobrando embaixo deles.

Acho que Kai não está respirando, e minha cabeça gira tanto que acho que também não estou. Afundo no colchão, nos travesseiros macios, no perfume que os envolve. Que o envolve. Viro o corpo de lado, o coração disparando ao sentir a cama se mexer.

Então estou *mesmo* cercada por ele. Seu peito toca as minhas costas, perguntando em silêncio se eu o quero mais perto ou mais longe. Engulo em seco antes de me inclinar para trás, só um pouquinho, respondendo.

Quero você mais perto.

Kai não hesita. Seu braço está envolvendo minha cintura e me puxando antes que eu tenha a chance de recuperar o fôlego. Estou colada contra seu corpo forte, entre as cobertas e ele. Sinto que estou mais segura e mais calma em seus braços do que já estive em anos.

Eu sinto.

Alguna coisa nisso, em nós, parece diferente. Intencional. Nós dois *queríamos* isso. Não fomos forçados a ficar juntos por causa do frio ou de um ferimento. Eu poderia ter ido embora, mas escolhi isso. Não: *nós* escolhemos isso. Escolhemos um ao outro.

E isso me aterroriza.

O polegar dele está desenhando círculos preguiçosos na minha barriga e minha camiseta está fazendo pouco para impedir que o calor dos seus dedos a atravessasse. Meus olhos se fecham, de algum modo cansados, mas

terrivelmente conscientes dos nossos corpos se tocando para permitir que eu durma.

Kai pouisa a cabeça na curva do meu pescoço, sua respiração fazendo cócegas na minha pele, e murmura:

— Obrigado.

A palavra me espanta a ponto de me fazer virar a cabeça para olhá-lo. Imagino como é raro para o príncipe, para o futuro Executor, dizer isso com tanta seriedade.

Seu rosto está perto do meu e ele o examina pensativamente, detalhadamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Inclina a cabeça de lado, prendendo com gentileza uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Minha respiração falha quando seus dedos descem pela lateral do meu pescoço e o príncipe sorri, suave, doce e satisfeito. Satisfeito demais com esse momento.

Um sorriso que Kai desenhrou somente para mim.

— Isso choca você? Eu agradecer? — pergunta, com a voz grave e baixa.

Estudo seu rosto, a perfeição que ele é.

— Não deveria. Não mais.

Engulo em seco enquanto a verdade dessas palavras se torna evidente. Passei a conhecê-lo, passei a ver o homem por trás das muitas máscaras, o homem que é mais do que o pai fez dele.

Não sei há quanto tempo estou estudando-o quando percebo como minhas pálpebras ficaram pesadas. Estou piscando, fazendo força para escapar do sono que crava as garras desesperadamente em mim, para continuar memorizando seu rosto mais um pouquinho.

Kai está fazendo o mesmo, absorvendo cada centímetro meu com uma expressão de espanto. Pisco e minhas pálpebras ameaçam não abrir de novo, o sono ousando me arrastar para longe desse momento.

De repente, seus lábios estão junto dos meus ouvidos, e é só disso que preciso para que meus olhos se abram.

— Por mais tentador que seja ver você me olhando a noite toda — diz ele, e sua voz é uma carícia, me acalentando com uma única frase —, durma, Pae.

Consigo lhe dar um riso grogue antes de perguntar:

— Você vai dormir?

— Ah, meu bem, eu já estou sonhando.

Kai me puxa o mais próximo possível e eu viro a cabeça para o outro lado. Meus olhos se fecham e o batimento firme do meu coração é uma cantiga de ninar. Sinto dedos penteando meu cabelo, trançando os fios soltos, e sussurro:

— O que você está fazendo?

Ele abaixa a cabeça para perto da minha e eu sinto seus lábios roçando meu cabelo quando murmura:

— Treinando.

Durmo sentindo Kai trançar meu cabelo, me perguntando vagamente se devo ter medo de como me sinto segura com ele. Se devo me preocupar por me sentir contente e reconfortada nos seus braços.

Estou feliz, sentindo palavras murmuradas no meu ouvido e o sussurro dos dedos acariciando meu cabelo.

E então tudo que sinto é o sono abençoado.



CAPÍTULO 50



Kai

Não consigo afastar meus olhos dela.

Não consigo afastar meus pensamentos. Não consigo afastar meu corpo.

O sol da manhã que entra pela janela se reflete no cabelo de Paedyn, os fios prateados brilhando. Os olhos dela estão fechados, imersos no sono, cílios escuros encostados nas bochechas escondendo o azul-oceano que eu sei que nada por baixo. Ela está respirando fundo, dormindo tranquilamente. É uma confusão de membros emaranhados e cabelos espalhados.

Uma obra-prima confusa.

Conto as sardas que salpicam seu nariz. Uma vez. Duas. São vinte e oito.

Paedyn se mexe e eu paraliso enquanto ela coloca a mão por baixo do rosto, agora coberto por fios prateados. Apoiado em um cotovelo, passo gentilmente os dedos pela pele lisa dela, afastando os cabelos para continuar admirando o rosto que estou no processo de memorizar.

Culpo-a pelo cansaço que se acomoda nos meus ossos. Foi por causa dela que não dormi muito. Fiquei acordado a maior parte da noite ouvindo-a respirar — respirando-a. Como venho fazendo por muito mais tempo do que ousa admitir. Ela me encanta mesmo amarrotada e reivindicada pelo sono.

Suspirando, passo os dedos por um último fio de prata antes de sair da cama e ir nas pontas dos pés até a porta. Mantenho a calça fina e jogo uma camisa por cima da cabeça antes de sair no corredor, em direção à cozinha. O mínimo que posso fazer é deixá-la acordar com o cheiro de comida fresca, especialmente depois do que ela fez por mim esta noite.

Após um pesadelo em que eu segurava seu cadáver frio, acordar para encontrá-la viva e quente em cima de mim foi espantoso, para dizer o mínimo. E reagi sem pensar. *Machuquei-a*. Ainda que um arranhãozinho não signifique muito para uma garota acostumada a sangrar, para mim

significa tudo. Matar é o que eu faço. Matar e ferir é o que fui treinado para fazer, o que fui criado para fazer, o que fui controlado para fazer.

Mas não com ela.

Estive a um movimento de segurar nos braços seu corpo sem vida, e ela não fez nada para resistir. Segurou meu rosto enquanto eu segurava sua vida. Olhou para mim como se eu fosse digno de ser visto, como se *quisesse* me ver. Quando disse meu nome, o som que saiu de sua boca finalmente me trouxe à realidade, o coração disparado, os pensamentos confusos.

Então pedi uma coisa que nunca havia pedido a ninguém.

Fica.

Em minutos estou saindo da cozinha, equilibrando uma bandeja de comida quente. A sobralalha que Gail ergueu para mim me fez sorrir, e não demora até eu me encostar na minha porta e entrar de costas no quarto, segurando a bandeja diante do corpo.

Viro e...

Um sapato está sendo mirado no meu rosto.

Ela está de pé à beira da cama, uma das mãos segurando um cobertor em volta do corpo e a outra o meu sapato social, uma péssima paródia de arma. Seu braço está dobrado para trás, preparado para se defender do intruso disparando um calçado. Vejo-a soltar o ar com alívio quando percebe que sou eu e, relutante, abaixar o sapato. Essa foi por pouco.

— Não é uma arma que você escolheria tipicamente — digo, contendo uma gargalhada.

Paedyn me lança um olhar exasperado com o qual me familiarizei bastante.

— Você me assustou. — Ela empurra para trás a cortina de cabelos que esconde seus olhos, com um sorriso presunçoso. — E tenho certeza de que conseguiria causar um bocado de estrago com um sapato.

— Ah, não duvido.

Agora estou à frente dela, mas não me lembro de ter vindo até aqui. Lentamente, ponho a bandeja na cama, o suco transbordando das taças e os biscoitos rolando. Depois ajeito as costas, encarando os olhos que ameaçam me afogar.

— Bom dia, Gray.

Uma levíssima careta repuxa seus lábios diante do uso do seu sobrenome.

— Voltamos às formalidades, é?

Paedyn diz isso casualmente, mas seus olhos fazem uma pergunta que ela jamais vai verbalizar.

O que está acontecendo entre nós?

— Bom, você estava a ponto de me atacar. Parece justo ser formal.

Avanço um passo mais para perto e ela levanta a cabeça para sustentar meu olhar.

— É, bom, você já deveria estar acostumado com isso.

— Ah, duvido que algum dia eu me acostume com as suas tendências violentas, meu bem.

Ela abre um sorriso astuto.

— Gosto de pensar nisso como algo para manter você alerta, príncipe.

— É. Porque a vida é muito mais divertida quando a gente não está esperando uma faca na garganta ou um sapato na cara. — Encaro o sapato, ainda na mão dela. — Aliás, você ainda planeja usá-lo contra mim?

— Ainda estou decidindo.

O sorriso que eu lhe dou é verdadeiro, uma raridade que virou uma ocorrência comum quando estou na presença dela. Paedyn vira a cabeça para a bandeja na cama.

— Você me trouxe comida.

Cruzo os braços.

— Como você sabe que não é para mim?

— Tem mirtilo no mingau, Azer.

Ainda querendo brincar com ela, dou de ombros.

— Depois de falar tanto sobre a fruta, você me convenceu de que ela é deliciosa.

Ela ri descaradamente.

— Isso significaria que você admite que eu estava certa, o que é tremendamente improvável.

— Você me conhece bem demais — respondo, suspirando e sorrindo para ela. — Claro que a comida é para você. Eu nem chegaria perto desse mingau.

Ela sorri.

— Príncipe frescurento.

— Pae espertinha.

Ficamos nos encarando, ambos sorrindo.

Percebo que Paedyn ainda segura o cobertor em volta dos ombros, apertando-o mais quando meu olhar a examina.

— Está com frio?

Seu corpo enrijece de leve.

— Não.

— Então o que é isso?

Olho para o cobertor antes que meus dedos rocem sobre os dela, que ainda apertam ferozmente as dobras do tecido. Ela observa do meu rosto

até minha mão, que agora passa sobre seus dedos, seu pulso, seu punho e o tecido preso nele.

O modo como sua respiração falha faz meu coração parar.

— É um cobertor.

Minha risada sai baixa.

— Dá para ver, espertinha.

Acaricio preguiçosamente seu braço, mas o movimento faz minha mente empacar, a pulsação saltar. Cada toque é inebriante, cada troca de olhares é arrebatadora.

— Você está vermelha, Gray. — Pego uma mecha de cabelo comprido sobre seu ombro. — Provavelmente por causa do cobertor. — Sinto um sorriso ganhar forma enquanto digo: — A não ser que eu seja o motivo.

Vejo as emoções percorrendo seu rosto. Primeiro, há algo parecido com o que eu tenho certeza de que está refletido no meu olhar: desejo. Depois, ela pisca e eu vislumbro choque, compreensão e negação antes de ela se decidir pela irritação.

— Não, definitivamente só estou quente demais — responde ela, parecendo confiante como sempre, apesar da tensão na voz.

Abaixo a cabeça, alternando entre o cobertor e seus olhos frios.

— Então acho que vou ajudar você de novo, só que desta vez o que vai cair no chão será um cobertor, e não o seu vestido.

Sorrio pensando no último baile, mas antes que meus dedos possam se fechar em volta dos dela, Paedyn solta o cobertor, que desliza até os tornozelos.

Ela está perto demais de mim, me provocando, brincando comigo. Ontem à noite não pude ver o tecido preto grudado no seu corpo, fundindo-se à escuridão em volta de nós. Mas agora posso vê-lo, posso vê-la claramente.

Há um fogo nos seus olhos, ardente, de tirar o fôlego.

— Só para esclarecer, príncipe, eu não preciso da sua ajuda, nem para me despir nem para qualquer outra coisa.

— Claro que não. Era só um pensamento otimista, acho.

Paedyn solta uma risada.

— Aliás, você não consegue deixar de ser um conquistador descarado?

— Obviamente não quando estou com você.

— Ah, é? E o que mais você é quando está perto de mim, hein?

Ela me faz engolir em seco, me deixa *nervoso*.

— Um idiota.

O sorriso que ela me dá em resposta é ao mesmo tempo divertido e sedutor.

— Só quando está perto de mim?

— Só *para* você.

O olhar dela fica preso ao meu e ela fica em silêncio, subitamente imóvel. Avanço um pequeno passo, mas ela recua, as pernas comprimidas contra a beirada da cama. Engulo em seco, escondendo a testa franzida.

Por que ela se afasta?

— E como também fico mais gentil quando estou perto de você, devo agradecer. De novo.

Não creio que eu já tenha falado com tanta suavidade, de um modo tão tranquilizador, com alguém, e o que me apavora ainda mais é não acreditar que farei isso com outra pessoa.

Minha mão toca o pulso e sobe pelo braço de Paedyn, o fantasma de um toque viajando pela pele. Arrepios acompanham o caminho por onde meus dedos deslizam, trazendo um sorriso aos meus lábios. Enrolo uma mecha daquele cabelo sedoso em volta do dedo outra vez.

— Obrigado, Pae. Por ontem à noite.

Ela estremece, o rubor ainda muito presente. Não consigo reprimir o sorriso que se espalha pelo meu rosto ao murmurar:

— Apesar de eu querer ajudar, parece que você ainda está *quente demais*.

— E você ainda parece ser o culpado disso. — Paedyn quase diz as palavras com rispidez, aparentemente irritada consigo mesma.

Prendo a mecha atrás da orelha dela com uma risada preguiçosa, deixando meus dedos ali.

— Está admitindo que eu faço você ficar vermelha? Que deixo você *nervosa*?

— Que me deixa irritada? — sugere. — Porque sem dúvida está fazendo isso.

Desvio o olhar, balançando a cabeça.

— Que mentirosa.

— Foi meu pé esquerdo que me entregou ou você chegou a essa conclusão sozinho? — pergunta ela, em um tom tranquilo.

Volto-me para os seus olhos, azuis e de uma beleza desconcertante. Então encaro seus lábios, macios e em uma expressão emburrada que Paedyn luta para manter no rosto.

Chego mais perto. Ela se aproxima.

— Não consigo afastar os olhos de você por tempo suficiente para me importar com o que seu pé está fazendo. Então, sim, cheguei a essa conclusão sozinho.

Os olhos dela estão fervendo, cravando-se nos meus, me implorando para chegar mais perto. Então, faço isso.

Não consigo ficar longe dela.

Não *quero* ficar longe dela.

Afasto o cabelo dos olhos dela, deixando meus dedos encostarem em sua pele. Simplesmente tocá-la me provoca um choque, faz meu coração disparar. Sei que Paedyn também sente isso. Seu olhar alterna entre meus olhos e minha boca, os cílios estremeando.

Não consigo mais. Não consigo me impedir de desejar isso. De desejá-la.

Chego mais perto, os lábios dela se separam, e...

E então há alguma coisa comprimindo minha garganta.

Que diabo...

Ela está com o maldito sapato apertando meu pescoço.

— Eu deveria ir embora.

As palavras são pouco mais do que um sussurro contra meus lábios, como se Paedyn estivesse falando sozinha, me lembrando do tempo passado embaixo do salgueiro, quando disse essas mesmas palavras inseguras.

Pigarreio, solto as mãos do seu cabelo e ajesto a postura. *O que, pela Peste, acabou de acontecer? E por que, pela Peste, alguma coisa não aconteceu?*

— Certo. Você vai precisar de muito tempo para se arrumar para o meu irmão essa noite.

Não me incomodo em mascarar o azedume, o ciúme, a confusão.

Ela quer me ver sem máscara? Ótimo. Que veja tudo. Que veja minha frustração com os sentimentos pelos quais é culpada.

Paedyn se encolhe.

A garota que matou lobos, escalou montanhas e sobreviveu à favela simplesmente *se encolhe*. Nunca vi nada assim. Nunca pensei que veria. A visão fez meu coração apertar, me dá vontade de puxá-la nos braços e segurá-la.

Mas, em vez disso, dou um passo comedido para trás, colocando espaço entre nós. Não confio em mim mesmo perto dela. Não confio em mim mesmo para não tocá-la, não sentir seu gosto.

Ela abre a boca, lutando contra as palavras que quer dizer desesperadamente. As que jamais escuto, porque Paedyn trava o maxilar com força, enterrando seus pensamentos. Fico encarando-a por longos segundos. Vejo-a respirar fundo antes de me olhar com calma.

— De nada — sussurra. — Por ontem à noite. Ninguém deveria ter que suportar sozinho os terrores dos próprios pensamentos. Os pesadelos podem ser nossos piores inimigos. Eu sei como é.

Então, Paedyn pega minha mão e põe o sapato nela antes de sair do quarto.



Estou pensando em me embriagar de novo.

O álcool girando no copo em minha mão é tentador, me provocando a virá-lo e beber um pouco mais. Só para suportar esse último baile maldito.

Casais começaram a dançar, agora que o fluxo de mulheres chegando diminuiu significativamente. O evento parece ser a única sugestão de normalidade nas Provas deste ano.

Troquei Blair por um copo de vinho com um jovem cavalheiro e me pergunto por que não fiz isso antes. Enquanto penso se devo virar o resto do líquido na garganta, levanto os olhos e encontro um grupo de mulheres me cercando, vestindo diferentes tons de verde. Todas riem e sorriem enquanto eu balanço a cabeça e sustento uma conversa educada, me entediando ao perceber como estou sendo afável.

Estou prestes a me retirar usando uma desculpa medíocre quando alguém atrai meu olhar.

Alguém que prende minha atenção, me deixando atordoado. Alguém parada em um mar de tecido preto.

No vestido da cor da meia-noite, os leves pontos brilhantes espalhados piscam como estrelas. O pano se gruda ao corpo dela como uma sombra. Delineia suas curvas como uma segunda pele enquanto ela desce a escada.

Os braços queimados pelo sol e o colo brilham contra o tecido preto. Da cintura para cima, o vestido é um espartilho detalhado, apertando-a e revelando o busto e as clavículas. A barriga é transparente, com redemoinhos de flores entrelaçadas e contas contrastando com a pele bronzeada que aparece por baixo. Onde as mangas ficariam, tiras se conectam ao topo do espartilho e pendem frouxas dos ombros. Camadas de cetim se derramam da cintura até o chão em um poço amplo. Meu olhar acompanha as pernas nuas, expostas pelas fendas que sobem dos dois lados e terminam na parte de cima das coxas. E ali, presa à mostra para todos verem, está sua adaga de prata, o cabo cheio de redemoinhos combinando com o vestido.

O cabelo prateado está preso em um coque frouxo junto à nuca, com pequenos cachos caindo pelas costas e em volta do rosto, me deixando com vontade de enrolar meus dedos neles, enfiá-los atrás das orelhas.

Cada pedacinho do corpo dela está coberto de escuridão, envolto em noite. Agradeço silenciosamente à Peste por sua vestimenta ser diferente, escura, porque não gostaria que ela estivesse se fundindo às outras pessoas. Não ia querer que ela se perdesse na multidão.

Não que ela já tivesse tido esse problema.

Não que eu já tivesse tido dificuldade para encontrá-la.

A visão de Paedyn totalmente de preto é suficiente para me deixar daltônico, sem enxergar qualquer outra coisa além dela.

As pernas dela deslizam pelas fendas do vestido enquanto ela desce a escada com a adaga visível. Centenas de olhares acompanham cada movimento, e sinto um ciúme imediato porque todo mundo pode testemunhar sua presença ao mesmo tempo que eu.

Paedyn não me encara e, pela primeira vez desde que a conheci naquele beco, acho que nunca a vi tão assustada.

Ela está com medo. Amedrontada com o que existe entre nós. Sempre estive. Por isso optou por ser minha inimiga, minha rival, em vez de se permitir sentir — algo com o qual eu também não estou acostumado.

Eu a culpo por isso. Por rachar minha máscara construída cuidadosamente, despedaçando-a quando está por perto. Nunca senti tanto, nunca tive tanto medo. Mas se eu preciso aguentar as consequências de sentir algo por ela, Paedyn também precisa.

Essa conexão desgastante é como uma amarra invisível entre nós. Atraio-a a me olhar, e quando ela faz isso...

Faíscas. Eletricidade.

Tudo de lindo, tudo de ousado, tudo de tirar o fôlego — é o que sinto no olhar dela.

Isso e o terror. O pavor pelo que ela está fazendo comigo. Ela é um delírio, um pesadelo, um sonho.

A Morte vestida de preto, vindo roubar minha alma e meu coração.

Nunca vi nada tão lindo, tão ousado, tão evidentemente errado para mim.

Ela é um demônio. Uma divindade.

É a ruína de um homem. É a *minha* ruína.

Então os olhos dela se viram na direção de Kitt. A conexão é interrompida.

E fico me sentindo vazio, a não ser pelo ciúme que cresce dentro de mim. Por que pensei algum dia que poderia tê-la, que ela me aceitaria? As feras não ficam com as belas.



Daedyn

Estou evitando-o. Não é a melhor forma de enfrentar um problema, admito. Mas Kai é um problema muito preocupante. Uma distração muito desejável.

Então, eu me ocupo, apesar de ainda conseguir perceber que ele está fazendo o mesmo. Uma garota linda depois da outra encontra caminho até os braços dele e à pista de dança, todas com sorrisos reluzentes e vestidos verdes.

Enterro a emoção que não quero identificar como ciúme, mas que crava as garras em mim.

Tenho uma missão a cumprir.

Volto a atenção para o meu parceiro pela décima vez. Kitt sorri, continuando nossa conversa tranquila da qual minha mente fica querendo se esquivar. Obrigo-me a me concentrar nas suas palavras e não na coisa que preciso roubar dele. Dançamos e eu vislumbro o chaveiro no bolso interno do seu paletó. Meus dedos coçam, ansiosos para aproveitar os instintos de ladra que ignorei enquanto estava no castelo — na maior parte do tempo.

— Você está linda.

Levo um susto com as palavras de Kitt, forçando meus olhos a encontrar os seus. Ele sorri diante da minha reação:

— Você não deveria ficar tão chocada com isso.

Ficamos em silêncio por um momento, até que finalmente consigo formar palavras.

— Você me deixa chocada.

— É?

— É — respondo, sinceramente. — Você não é o que eu esperava.

Seu sorriso parece quase infantil demais para pertencer ao futuro rei.

— Decepcionei você?

Quem me dera.

— Não. — O sorriso dele se alarga ao ouvir a palavra, e eu me apresso

em acrescentar: — Ainda não.

Em seguida, sou curvada na direção do chão e Kitt está rindo acima de mim enquanto eu ofego, surpresa. Ele me segura e minha oportunidade chega. Este é o momento que estive temendo, que estive planejando. Seu paletó está aberto. Seus olhos fixados em mim e seus pensamentos em qualquer coisa, menos nas chaves dentro do bolso.

Assim eu faço o que faço de melhor: roubar.

Mexo o corpo desajeitadamente, fingindo que escorrego, mas isso é bastante crível, com os saltos que estou usando. Estendo as mãos para me firmar, uma no ombro dele e outra no peito, perto do bolso interno do paletó.

Seus braços envolvem minha cintura com mais força e sustento seu olhar, sorrindo enquanto enfio a mão no bolso, enquanto traio o rapaz que só tem sido gentil comigo. Sorrindo mesmo quando o chaveiro se abre e eu tiro a chave maior, da extremidade, sentindo na palma da mão os arabescos em relevo.

Kitt me puxa para cima devagar, os braços fortes me mantendo de pé. Mas minha mão já saiu do seu bolso e está atrás do ombro, inocente e insignificante.

— E eu que pensei que você estava dançando melhor.

O sorriso dele é provocador.

— E *eu* que pensei que você iria me avisar antes de me mandar voando para o chão. — Solto o ar, sorrindo, e acrescento: — Agora eu gostaria de uma bebida.

— Não exagere. Você mal consegue se lembrar dos passos sóbria — responde, rindo para mim antes de se virar para a mesa de bebidas. — Mas vou pegar uma mesmo assim.

Solto a respiração trêmula quando o vejo adentrar a multidão, e então meu espartilho parece apertado demais. A chave está escorregadia na palma da minha mão, queimando minha pele.

— Pode me conceder esta dança?

Eu me viro e quase dou de cara com outro rosto, cheio de sardas. O cabelo geralmente revoltado de Lenny está penteado, fios ruivos domados para esta noite. Ele está vestindo um belo terno preto, fundindo-se com os outros homens ao redor.

— Ah, claro — respondo, forçando um sorriso. A mão dele encontra minha cintura e a minha encontra o seu ombro, e então nossas mãos livres se encontram.

A chave está presa entre as palmas das duas mãos e Lenny abre um sorriso largo ao senti-la.

— Muito bem. Foi fácil, certo?

Minha voz sai distante, distraída.

— Sim. Fácil.

— Você se lembra do plano?

Suspiro.

— Bom, eu não vou fazer muita coisa, não é? Agora só preciso sobreviver à última Prova.

— É, bom, essa tarefa pode ser a mais difícil de todas.

Respondo assentindo uma vez, focando as figuras que giram ao redor, vendo Andy dançar com uma garota ruborizada que nunca vi antes. Meu olhar vai até onde Kitt está com Jax, desgrenhando o cabelo do irmão mais novo com um riso largo. Vi Blair mais cedo, mas não é difícil encontrá-la de novo com seu vestido verde e brilhante queimando meus olhos. Desvio o olhar antes de me pegar de novo procurando um certo príncipe na multidão.

Somos apenas cinco.

Imagino brevemente quantos irão sobreviver para ver o pôr do sol de amanhã. Imagino brevemente que pais estarão lamentando a morte do filho ou da filha. Morte é o que essas Provas trazem, e não honra, glória ou felicidade. Apenas morte.

— Você está bem?

A voz suave de Lenny me envolve e eu volto a atenção para seus olhos grandes e castanhos.

— Algum de nós está?

Ele dá de ombros ligeiramente.

— Bom argumento.

A dança termina e nossas mãos se abaixam, mas não antes de Lenny transferir a chave para a dele e em seguida para o bolso.

— Tenha cuidado amanhã — sussurra, com a voz grave cheia de preocupação.

— Está preocupado comigo, Lenny? — cantarolo.

— Talvez um pouco, princesa. — Ele quase revira os olhos. — Não morra, está bem?

— Não posso prometer, mas, por você, vou tentar ficar viva. Você não iria querer viver sem mim.

Ele sorri e balança a cabeça, mas eu seguro seu braço antes que ele possa se virar.

— Ei, boa sorte — acrescento. — Lembre-se do que eu falei sobre a passagem. Ah, e...

Sua risada me interrompe.

— Pela Peste, tenha um pouco de fé em mim, Paedyn. Eu já sei.

Suspiro, assentindo, e vejo-o se virar e desaparecer na multidão.

Passo a mão suada no espartilho grosso e a desço pelo tecido macio que se avoluma embaixo. Viro-me, as pernas deslizando facilmente pelas fendas do vestido que eu pedi para Adena fazer bem altas, de modo a não me sentir restringida pelo pano. Talvez seja a claustrofobia falando mais alto, ou talvez eu simplesmente goste de ter a opção de dar um chute na cara de alguém, se precisar.

Quase trombo com Jax na pista de dança, e ele ri ao me ver.

— Paedyn! Oi! Quer dançar? A Andy me abandonou. E ela tomou vinho demais, então não duvido que ela caia em cima de mim.

Concordo, rindo, e começamos a dançar pelo salão. Uma valsa lenta começa, do tipo com passos específicos e troca de parceiros, do tipo que eu geralmente tento evitar. Mas deixo os pés me guiarem, confiando que vou me lembrar dos passos e ao mesmo tempo tentando esquecer exatamente por que consigo fazer isso. Tentando esquecer de quando fui abraçada no escuro, guiada por braços fortes e...

Pare com isso!

Pela Peste, controle-se.

Olho o garoto à minha frente, todo sorrisos e empolgação.

— Você está lindo, Jax.

O sorriso dele se transforma em algo parecido com timidez.

— Obrigado. Ah. Você está...

Giramos e sou puxada para os braços de outro cavalheiro. Assentindo educadamente, danço com o rapaz, e ele também assente enquanto acertamos o passo. Antes que eu perceba, estou sendo passada de mão em mão por homens que jamais conheci. A valsa é longa e faz com que eu me arrependa de ter pisado na pista de dança.

Meus pés estão me matando.

Em seguida estou me virando para outro parceiro, envolvida por braços que pertencem a um Kitt sorridente.

— Aí está. Eu sabia que ia pegar você de volta.

Dou um pequeno sorriso.

— Demorou muito.

Ouçoo-o rir antes de ser puxada por um novo parceiro.

— Você está me evitando.

Meu coração se agita ao escutar a voz, e o nervosismo aperta meu estômago quando o leve aroma de pinho me envolve. Pisco, olhando para o peito largo, muito consciente do corpo forte escondido embaixo da camisa branca engomada. Respirando fundo e ergo o olhar para ele.

Ah, gostaria de não ter feito isso.

Kai me hipnotiza, como aço derretido, névoa da manhã. Seus olhos me atravessam como se não tivessem medo de ver cada parte de mim.

Parece certo, familiar. Quando nossos olhares se encontram, me pergunto por que gastei meu tempo olhando para qualquer outra pessoa.

Não. Não. *Não*.

Apesar de ele parecer tão certo, eu me sinto muito errada e muito confusa.

Ele não desviou os olhos, e o peso que sinto é enorme enquanto ele me observa, pacientemente, tentar decifrar as coisas. Decifrar esses *sentimentos*.

— Eu não chamaria de... *evitar* — digo.

Minha voz sai pouco convincente, e com razão, já que não convenço nem a mim mesma. Ainda que minha própria vida seja uma mentira, parece que minhas habilidades de subterfúgio desapareceram esta noite, porque não estou o enganando.

O canto da boca de Kai se curva para cima e eu preciso fazer um esforço consciente para não olhar fixamente para seus lábios. Como mais cedo, me pego querendo me aproximar dele. Não sei o que teria acontecido se eu permanecesse mais tempo no seu quarto. Mas fiquei o dia inteiro me censurando por não ter descoberto.

Precisei de todas as forças para empurrá-lo para longe, apesar do quanto queria puxá-lo para perto. Então me lembro de quem ele é, do que ele é. O príncipe, o futuro Executor, filho do homem que eu odeio. E eu sou uma favelada, uma Comum, a personificação do que Kai foi ensinado a odiar.

Meus pensamentos se dissipam quando uma covinha atrai meu olhar.

— Então me esclareça. De que você chamaria, Gray?

Ele me gira com uma das mãos e me puxa de volta, minhas costas se conectando ao seu peito. Minhas mãos estão cruzadas sobre a barriga, onde ele as segura por trás de mim, nossos corpos oscilando juntos, ao ritmo da música.

— Você parecia *ocupado*, e eu não queria interromper — digo, me lembrando das mulheres com quem ele dançou. Sua risada me diz que ele também se lembra.

Seu queixo roçando no meu cabelo faz meu coração disparar. Kai se inclina até ficar com o rosto ao lado do meu, os lábios roçando na minha orelha.

— Hum... Quer saber o que eu acho? — Ele aperta minhas mãos, me puxando mais para perto. — Acho que você está evitando dançar comigo porque não sabe o que fazer quando estamos tão próximos.

Quase engasgo com a risada que me escapa.

— Por favor. Não tenho problema em ficar perto de você.

Mentira. *Mentirosa*.

Parece que minha habilidade de subterfúgio voltou.

— É mesmo? — diz, com os lábios encostados na minha orelha, os dedos cruzados com os meus, o corpo apertado contra o meu.

Estou com calor e frio, sim e não, certa e errada. Sou a personificação dos opostos, uma mistura de confusão e contradições.

Eu quero isso.

Não quero isso.

Ele abaixa a cabeça, pousando o queixo no meu ombro.

Ah, sem dúvida eu quero isso.

Ah, mas definitivamente não deveria.

— Então por que me afasta?

Fico imóvel. Percebo muita emoção na voz dele, muita incerteza crua enquanto as palavras escapam dos lábios. Kai me gira devagar para encará-lo, sem se incomodar em recuar um passo ou colocar espaço entre nós.

Meu peito arfa, meu coração bate forte. Os olhos dele se chocam com os meus e eu me permito absorvê-lo, admirar esse homem que passei a conhecer.

Kai é devastador. Tudo nele é lindo, afiado e rouba meu fôlego. Mas é o modo como seus olhos me fitam que torna difícil engolir a saliva. Respirar parece uma tarefa impossível. Nunca me olharam como se fosse um privilégio estar na minha presença, como se fosse uma honra me encarar, um presente me vislumbrar. Até conhecê-lo.

A máscara dele escorrega, racha, despedaça, deixando apenas um garoto segurando uma garota como se ela fosse digna do seu desejo.

E o que me aterroriza ainda mais é que acho que posso estar olhando-o do mesmo jeito, com esse mesmo desejo. Por mais que eu tente lutar contra isso, não consigo deixar de ansiar por ele, esse garoto que salvou minha vida mais vezes do que eu gostaria de admitir. O rapaz que é ao mesmo tempo calculista e charmoso, frio e atencioso. Que cuidou dos meus ferimentos, que conhece o meu passado, que foi minha distração quando mais precisei.

Que me entende.

E então meu coração parece parar por um instante.

Na verdade, não me entende, não é?

Kai não sabe quem eu sou de verdade. O *que* eu sou de verdade. Se soubesse, me mataria. Porque é isso que o Executor faria. Porque é isso que o filho do rei faria. Porque é isso que ele foi criado para fazer.

Por essa razão, eu o afasto. Porque, se não o fizer, vou puxá-lo para perto. E, se nos aproximarmos, a única forma de isso acabar é com uma adaga no meu coração, que bate um pouco rápido demais quando ele se

aproxima, que se parte um pouco fácil demais e que o deseja um pouco demais.

Encaro-o de volta, sem saber o que dizer ou...

De repente, sou arrancada dos seus braços e levada para outros, sem ter chance de responder.

Na hora certa.

— Você está linda. — Jax ri de orelha a orelha. — Era isso que eu ia dizer antes. — Ele estufa o peito ligeiramente, orgulhoso de si mesmo por finalmente verbalizar o elogio.

— Obrigada, Jax — respondo sorrindo.

Quando a música termina, saio depressa da pista de dança. Estou ansiosa para me afastar da massa de corpos, então pego uma bebida na bandeja de um serviçal e vou para a extremidade do salão. Mas parece que não consigo escapar das pessoas. Para onde quer que eu olhe, há convidados fofocando ou serviçais silenciosos.

Meu olhar examina o salão lotado, pousando nas grandes janelas e no ar puro que espera do lado de fora. Estou doida por um momento sozinha, livre do salão apinhado e fechado.

Tomo um gole de vinho, olhando os convidados dançando, e então pouso a taça na mesa e sigo para o corredor do lado de fora do salão. Sou obrigada a atravessar a multidão, odiando a sensação de aperto.

Respiro fundo, indo para a gigantesca porta dupla que leva ao pátio. O som dos saltos batendo no chão preenche o silêncio enquanto me aproximo da porta intimidante.

Minha mão está estendida, coçando para abrir a porta, quando um Relâmpago surge entre mim e minha salvação.



Daedyn

O sorriso do Imperial é frio, o uniforme branco muito bem passado e cheirando a goma.

— Não posso deixá-la fazer isso, mocinha.

O tom de voz superior me faz engolir a resposta que me vem à cabeça.
Não estou no clima para isso.

— Só preciso de alguns minutos lá fora para respirar um pouco de ar puro.

Se eu estivesse na Alameda, nem me incomodaria em ser educada.

— Como eu disse, não posso deixar a senhorita fazer isso. — Ele dá uma risadinha e alguns Imperiais enfileirados no corredor riem junto, aparentemente sabendo de alguma piada hilária que eu não sei. — A senhorita não tem permissão de sair do castelo, mocinha.

Aperto os punhos ao lado do corpo, resistindo à ânsia de desafiá-lo a me chamar de *mocinha* outra vez para ver o que acontece.

— Só estou pedindo para ir lá fora por um instante.

— Verdade? E o que você está disposta a fazer para conseguir isso? — Ele se inclina para perto, e o fedor de álcool no seu hálito é evidente quando diz: — O que eu ganho com isso?

Então ele passa um braço pela minha cintura, me puxando contra seu corpo. Movimento errado.

Meus dedos envolvem o cabo da adaga, sentindo o aço frio. Vou...

— Cuidado, ela vai enfiar essa adaga na sua garganta. Eu sei bem.

Paraliso, e então vou virando a cabeça devagar e vejo Kai parado a pouco mais de um metro de distância, as mãos enfiadas casualmente no bolso.

— Agora solte-a e abra a porta. — Sua voz é como o aço da minha adaga, fria e afiada.

O Imperial apenas gagueja:

— Mas, Vossa Majestade, temos ordem para que os competidores não saiam...

— E agora você tem novas ordens. Então sugiro que você abra a droga da porta.

A expressão vazia de Kai não mudou, apesar do tom mortal. Ele está encostado na parede, as mãos ainda enfiadas nos bolsos. A imagem perfeita do poder.

— Ah — acrescenta o príncipe —, e se você quiser manter seu emprego, sua mão e sua cabeça, sugiro que solte a *mocinha*.

Quase sorrio ao ouvi-lo. O Imperial não perde um segundo e praticamente pula para longe de mim. Ele sabe, tanto quanto eu, que as ameaças de Kai nunca são em vão.

O guarda passa rigidamente por Kai, mas não antes que a mão do príncipe agarre sua camisa e o empurre com força contra a parede.

— Eu menti — sussurra Kai, perto do rosto do sujeito. — Você vai ter sorte se eu deixar que você fique com a sua cabeça, quem dirá com a mão, por ter encostado um dedo nela.

As portas se abrem, afastando meu olhar da cena que tenho certeza que não quero testemunhar. O ar úmido e pegajoso me golpeia no instante em que começo a descer os degraus até o pátio. O céu está escuro e denso, repleto de nuvens pesadas que ribombam com a promessa de chuva.

Respiro fundo, adorando a sensação de estar ao ar livre. Uma gota bate na minha bochecha e eu viro o rosto para o céu nublado que agora começa a garoar em mim. Abro os braços e inclino a cabeça para cima, gostando de sentir a chuva batendo na pele.

E então a garoa vira um aguaceiro. A chuva cai rapidamente e eu sorrio feito uma idiota. Meus pensamentos parecem ficar mais claros à medida em que a água fria cobre minha pele, meu vestido, meu cabelo. Fico girando, as saias do vestido balançando em volta dos tornozelos, me sentindo estúpida e adorando tudo.

Tiro os sapatos dos pés doloridos e pulo nas poças como fazia quando era pequena, me lembrando de um tempo em que era mais nova e ansiava pelo amor de um pai que não estava mais comigo. De um tempo em que me sentia aterrorizada e terrivelmente traumatizada. As ruas cheias da favela me pressionavam constantemente, fazendo com que eu me sentisse enjaulada e claustrofóbica.

Mas então eu subia nos telhados de lojas e prédios antigos, tendo apenas as estrelas como companhia. Eu me sentia mais livre assim, e entrava em um estado de paz impossivelmente maior. Fiz isso durante meses, anos, antes que o medo se esvaísse e a favela se tornasse mais um lar e menos um horror.

Solto uma risada. Histérica. Estou completamente histérica.

Pela Peste, quanto vinho eu bebi?

A chuva está grudando mechas de cabelo no meu rosto e pingando da ponta do meu nariz e eu apenas sorrio, esquecendo por um instante meus problemas e aproveitando para somente *existir*.

— Não sei se eu estava vivo antes de ver alguém como você.

Eu me viro, piscando através da chuva constante até encontrar os olhos cinzentos fundindo-se à cortina de água que cai sobre nós. O cabelo dele está pingando, cheio de ondas e revolto. A camisa branca está grudada e transparente, mostrando por baixo o peito tatuado e o torso cálido.

A visão me faz sorrir.

— Tenho certeza de que você diz isso a todas as *mocinhas* que atraem seu olhar — digo, meio rindo, meio histérica.

— Ah, mas eu só tenho olhos para uma, e parece que não consigo afastá-los dela.

O peito de Kai está subindo e descendo com a mesma rapidez que a chuva, e meu coração bate tão forte quanto a tempestade.

De repente, ele fica sério, examinando meu rosto.

— Você precisava de um pouco de ar puro? De um tempo longe do salão cheio de gente?

Lá vai ele de novo, me entendendo.

— Sim — respondo, calma. — Estou me sentindo mais livre aqui. Muito mais.

Kai se abaixa perto dos canteiros de flores ao lado da escada e colhe uma no chão encharcado.

— Que bom — diz, baixo —, porque estou prestes a ficar muito, muito perto de você.

Solto o ar devagar quando ele dá um passo na minha direção. Depois outro. E outro. Agora está tão perto que sinto o calor do seu corpo, que se espalha pelo meu.

Inclino a cabeça para cima, encarando-o, piscando para ele e tentando enxergar através da chuva. Enxugo os olhos, de repente consciente de que a maquiagem deve estar escorrendo pelo meu rosto, mas então decido que realmente não me importo.

Ele esboça um sorriso e estende a flor para mim, com a haste se curvando e pingando. As pequenas pétalas são de um espantoso tom de azul vibrante com uma sugestão de roxo.

— Um miosótis, ou não-me-esqueças, já que você parece estar sempre se esquecendo de quem eu sou — diz Kai, com um sorriso tranquilo, uma risada suave. Ele levanta a mão, prendendo a flor atrás da minha orelha antes de deixar os dedos correrem pelo cabelo molhado.

— Ah, eu sei quem você é — digo, ofegante. — Um babaca metido a besta.

O príncipe balança a cabeça, os dedos ainda brincando com mechas do meu cabelo.

— Não dou a mínima se você se esquecer do meu título, desde que se lembre de quem eu sou para *você*.

Fico encarando-o, e deve haver algo engraçado no meu olhar; através dos olhos que piscam rapidamente, vejo um sorriso se espalhar aos poucos pelos lábios de Kai. Abro a boca para dizer alguma coisa, mas a fecho rapidamente quando ele começa a tirar o paletó. O tecido escorrega dos seus braços, deixando-o à minha frente com uma camisa branca completamente encharcada.

Bom, isso não me distrai nem um pouco.

Ele chega ainda mais perto, e, com o paletó pendurado nos braços, estende-o por cima da minha cabeça para me proteger da chuva.

— Kai...

O sorriso que ilumina seu rosto me faz parar, rouba meu fôlego. É um daqueles raros, verdadeiros, que eu confessei querer ver mais. Um sorriso que pertence a mim.

Covinhas.

As duas à mostra. As duas me distraindo. As duas devastadoras.

— O quê? — pergunto, a voz cheia de riso.

Ele dá de ombros, um sorriso ainda espalhado no rosto.

— Só adoro o som do meu nome saindo da sua boca.

Pigarreio porque, de repente, minha garganta ficou seca demais.

— Bom, mas Kai não é o seu nome de verdade, certo?

Ele fica em silêncio, com apenas um sorriso e uma intensidade súbita nos olhos, me desafiando a dizer seu nome completo. *Querendo* que eu o diga. E, pelo jeito, também quero dizê-lo porque, quando abro a boca, uma palavra escapa:

— Malakai.

Ele fecha os olhos e joga a cabeça para trás, deixando a chuva ter acesso total ao seu rosto. O sorriso nos lábios e a linha do pescoço me fazem engolir em seco. Ainda inclinado para o céu, falando com o céu, ele diz:

— Só você pode fazer meu nome ser digno ser dito.

— Bom, de que você gostaria que eu o chamasse? Kai? Malakai? — Minha voz está ofegante demais, e quase quero ser capaz de atribuir isso a um ataque de pânico.

A resposta dele é simples, direta, e ele abaixa a cabeça para me olhar:

— Pode me chamar como quiser. Nunca vou abrir mão da

oportunidade de ouvir sua voz, meu bem.

Sinto um sorriso aparecer nos meus lábios.

— Certo, então é “babaca metido a besta”.

Eu não estava preparada para a gargalhada que escapa dele. É um som intenso, lindo, que eu gostaria de ter tempo para registrar na memória.

— Cuidado, Kai. — A risada dele cresce ao ouvir o nome outra vez.

— Você está sendo cavalheiro de novo. — Meu olhar vai até o paletó preto que ele ainda segura sobre minha cabeça para me proteger da chuva. — Mas você sabe que eu já estou encharcada, não sabe?

— É, bom. — Ele suspira e abaixa a cabeça para nos encararmos. — Por mais linda que você estivesse piscando embaixo da chuva, quero que você me veja direito quando eu disser isso.

Lá vem aquela agitação estúpida no meu peito. Kai continua:

— Eu falei sério. Não consigo tirar os olhos de você. Não consigo afastar os meus *pensamentos* de você.

Desvio de seu olhar ardente, balançando a cabeça enquanto murmuro:

— Kai, eu...

— Paedyn.

Paro, trêmula. Kai diz meu nome como se fosse sagrado, como se estivesse fazendo uma promessa.

Ele inclina a cabeça de lado, os olhos percorrendo meu rosto.

— Diga — sussurra —, como você quer ser chamada?

Meus olhos encontram os dele, devagar, confusos com a pergunta.

— Como *você* quer me chamar?

— Quero chamar você de *minha*.

Ficamos nos encarando. Os dois sem ar, um absorvendo o outro. A chuva continua batendo forte em Kai, grudando-se nos cílios densos e pingando do queixo. Ele diz baixinho:

— Sei que você também sente.

— O quê?

— Também se sente viva. Também sente que está pegando fogo. Também *sente*.

Há uma intensidade nos seus olhos, na sua voz, que faz meu coração disparar ainda mais. Ele olha para longe, xingando baixinho antes que seu olhar se choque de novo contra o meu.

— Pae, quando eu olho para você... fico arrasado. Desesperado para recuperar o fôlego.

O ar abandona meus pulmões e agora estou piscando, mas não é por causa da chuva. Suas palavras seguintes são quase um sussurro.

— Olhe para mim e diga que não sente a mesma coisa.

Silêncio. E então...

— Não sinto a mesma coisa, Kai.

Mentira. *Mentirosa*.

Ele abaixa a cabeça, e quando a levanta para me olhar de novo, seu sorriso está torto. Então, ele abaixa lentamente o paletó que me protege da chuva e o coloca nos meus ombros, os dedos se demorando contra minhas clavículas e provocando um choque que atravessa meu corpo.

O paletó é grande demais, e ele envolve o tecido antes de puxá-lo, me levando tão para perto de si que meu corpo se gruda ao dele. Ainda está segurando a frente do paletó, os dedos roçando na pele nua, e então encosta os lábios na minha orelha.

— Agora responda de novo — seu murmúrio tem um tom divertido —, mas dessa vez sem bater o pé direito.

Fico boquiaberta.

Ele sorri, e eu tento não me concentrar na sensação dos seus lábios na minha orelha.

— Eu... eu não...

Sua risada profunda me interrompe:

— Meu Deus, você é tão linda. — Seus dedos ásperos jamais agiram de forma tão gentil na minha pele enquanto ele afasta uma mecha de cabelo dos meus olhos. — Mas é tão teimosa.

Não consigo mais fazer isso. Não posso *não* ceder à tentação que é ele. De repente, sou incapaz de pensar em um único motivo para estar resistindo a isso, para não acabar com a distância entre nós agora mesmo. Quero...

Os lábios dele encontram os meus. De leve.

É um sussurro de um beijo, uma promessa de paixão. E, no entanto, quase derreto com o contato. A mão dele está segurando meu rosto, o polegar acariciando minha bochecha, e então...

Nada.

Ele recua.

Quase ofego, querendo agarrá-lo, puxá-lo mais para perto, apertar meus lábios contra os dele. Estou prestes a fazer exatamente isso quando me lembro de um momento em que nossos papéis estavam invertidos. Quando fui eu que o provoquei com toques.

Agora entendo exatamente como Kai foi afetado pela falta da minha reciprocidade no nosso jogo de arco e flecha e distração. A sensação de alguma coisa e em seguida, nada. É algo cruel de se fazer com alguém, e ele me deixou queimando por causa disso.

A outra mão dele encontrou o caminho até minha cintura sob o paletó, e o calor contra meu espartilho é como um ferro incandescente. Ele inclina a cabeça, me examinando com um pequeno sorriso.

Ele sabe exatamente o que está fazendo.

E, no entanto, está me absorvendo como se não quisesse apressar o momento. Seu polegar encontrou meu lábio inferior, onde agora está passeando devagar, acendendo uma fogueira dentro de mim.

— Você prometeu que eu poderia tocá-la quando estivesse sóbrio.

Minha respiração falha e os cantos dos lábios de Kai estremecem em resposta. Eu não estava esperando que ele dissesse isso. Nem esperava que se lembrasse da minha promessa apressada no baile anterior.

Ele inclina a cabeça e, mais uma vez, sua boca está quase encostando na minha.

— Mas eu nunca fico sóbrio perto de você, Pae. Jamais deixo de estar embriagado com cada detalhe do que você é.

Não tenho o que dizer. Estou absolutamente petrificada ao perceber que esse rapaz é capaz de sentir tanta coisa. Tanta coisa por *mim*.

— Se eu beijar você, beijar você de verdade, como eu quis, como esperei, devo contar com uma adaga apertando minha garganta? — pergunta ele, a voz áspera, o olhar cobiçoso.

Então, levanto a mão devagar e toco a ponta do seu nariz.

— Acho que você vai ter que me beijar para descobrir.



Kai

Ela tocou meu nariz. Eu jamais soube que um coração poderia sentir tanto, que poderia ser tão afetado por um simples toque.

— Acho que você vai ter que me beijar para descobrir.

Ah, e planejo fazer exatamente isso.

Mal pude conter o desejo de abraçá-la.

Ela é tão linda que mal consigo acreditar, mal consigo respirar. Sua alma é estonteante. Seu próprio ser é luminoso, ousado e inacreditavelmente melhor do que eu. Ela é um bem que está fora do meu alcance, que não sou digno de vislumbrar, quanto mais de segurar.

Apesar disso, ela está aqui. Escolhendo a mim.

É um privilégio olhar esses olhos, me afogar na essência que é ela.

Porque tudo nela é certo demais e tudo em mim é errado demais. Mas sou egoísta. Pego o que quero, e o que quero pode só me querer uma única vez.

Meu paletó ainda está nos ombros dela e a chuva escorre pelo seu rosto, pelo seu cabelo, grudando-se nos cílios compridos e fazendo a maquiagem pingar. Gotas de água se juntam às sardas leves que salpicam o nariz, todas as vinte e oito. A chuva constante bate forte nas pedras do calçamento, nos encharcando até os ossos.

— Vou arriscar — murmuro, deixando meus dedos segurarem seu queixo, inclinando seu rosto para o meu.

Ela sorri, o que só atrai meus lábios mais para perto.

E não se afasta.

Talvez, afinal de contas, a fera possa merecer a bela.

Os olhos dela se fecham contra a chuva que cai implacável sobre nós, e não creio que eu já tenha testemunhado um momento mais lindo.

— Minha linda Pae, o que você fez comigo? — murmuro, com o nariz roçando no dela.

Sentir de verdade é assim?

Mais perto.

Asagulhas entre nós são quase tangíveis, subindo pelo meu corpo e me chocando.

Mais perto.

Nossos lábios se roçam.

— Vossa Alteza.

Paro.

Então suspiro contra os lábios dela, fazendo-a estremecer.

Recuo só um pouquinho, o bastante para percorrer com o olhar o espaço entre seus olhos e a boca que eu tinha toda a intenção de explorar lentamente.

Nem reconheço a presença do Imperial que ousou me distrair. Meus olhos estão fixados em Paedyn e minha voz sai enganosamente calma quando digo:

— Espero que o que você tem a dizer valha a perda da sua língua por ter nos interrompido.

Com a visão periférica, vejo o Imperial se remexer, igualmente desconfortável e preocupado.

— Vossa Alteza, ah, o senhor está sendo, ah...

Paedyn parece estar com vontade de enfiar a adaga nele, e penso em deixá-la fazer exatamente isso. Ainda sem considerá-lo digno de ser olhado, falo na direção de Pae, dizendo ao Imperial:

— Desembuche antes que eu o obrigue. Ou antes que eu deixe a dama fazer as honras.

Os lábios de Paedyn estremecem e isso me faz perder o controle e puxar seu rosto na direção do meu, ignorando completamente o guarda boquiaberto.

— É o rei — diz o Imperial bruscamente, sem dúvida sabendo que não poderá atrair minha atenção de novo assim que minha boca encontrar a dela. — É urgente.



Na verdade, não era urgente.

E, na verdade, estou pensando seriamente em arrancar a língua daquele Imperial por causa disso.

Mesmo sabendo que a culpa não é dele, preciso descontar minha raiva em alguém, e não pode ser no meu pai.

— Não preciso que banque a babá comigo — digo com um suspiro, sem me incomodar em esconder a irritação.

— Então pare de agir feito criança e talvez eu pare de tratar você como uma.

O olhar do meu pai é profundo, me prendendo. Lembranças de quando eu era pequeno me inundam, lembranças daqueles olhos sérios enquanto eu suportava um teste depois do outro, me olhando enquanto me obrigava a torturar alguém pela primeira vez ou a lutar contra ele.

Uma risada fria sobe pela minha garganta, mas acaba se perdendo no som de música e conversas que preenchem o salão de baile.

— Isso é besteira.

— Não, é necessário. — Ele aumenta o volume da voz, fazendo alguns convidados se virarem rapidamente na outra direção, evitando o rei temperamental. — O que é besteira é meu povo ter acabado de ver o príncipe, o futuro Executor, sair correndo da pista de dança atrás de uma *favelada*. — Ele cospe a palavra como se o gosto o enojasse.

— Com que rapidez o senhor esqueceu que os *favelados* também são seu povo, pai. O *meu* povo — disparo de volta, com os punhos apertados ao lado do corpo para não fazer algo de que me arrependa.

Mas, certamente, não me arrependo de ter corrido atrás dela.

Ele me encara, o peito subindo e descendo com raiva, prometendo castigo. Se eu tivesse uns cinco anos a menos e fosse uns quinze centímetros mais baixo, esse olhar poderia ter me amedrontado. Mas não mais.

— Não ficarei assistindo enquanto você joga fora o respeito do reino por causa de uma garota. Por causa *daquela* garota — diz ele, com a voz grave e mortal. — Vou encontrar um brinquedinho bonito para você, e que não seja uma Trivial, se é disso que você precisa.

De novo, me pergunto sobre o motivo de seu ódio evidente por Paedyn e vice-versa. Mas, sabendo que ele não vai responder a essa pergunta, faço outra:

— Então o senhor mandou um dos meus próprios Imperiais me espionar? Mentir para o príncipe e dizer que havia alguma coisa *urgente*? — Minha voz fica mais baixa e eu dou um passo na direção dele. — Um homem inocente vai perder a língua por causa da ordem que o senhor deu a ele.

— O fato de você não achar isso urgente me alarma. — As narinas do rei se abrem de um modo que passei a associar com um castigo em seguida. — Achei que eu tinha treinado você melhor do que isso, garoto. Talvez você precise de mais umas *lições*. — Diante disso, ele quase sorri. — Seus deveres são para com essas pessoas, para com o seu reino. Seu lugar é aqui, neste baile, onde todas as pessoas podem vê-lo. Onde podem ver o futuro delas. — Seus lábios se curvam em um riso de desprezo. — E não lá fora, com seu *brinquedinho* novo.

Encaro-o de cima a baixo, com o sangue começando a ferver.

— O que você acha que poderia acontecer entre vocês dois, hein? — A risada do meu pai é fria. — Quem sabe, talvez você tenha o prazer de matá-la na próxima Prova.

Algo dentro de mim se parte.

Um poder percorre minhas veias enquanto cada habilidade que existe no salão me pressiona, implorando para ser liberada. Quando fico com tanta raiva, é mais difícil manter o controle, é mais difícil ignorar todo o poder que pulsa em meu ser. As palavras do rei ecoam na minha cabeça, zombando de mim, fazendo com que eu me sinta fraco por perder o controle.

Achei que eu tinha treinado você melhor do que isso, garoto. Talvez você precise de mais umas lições.

Uma mão forte cai sobre meu ombro.

— Calma, irmão — murmura Kitt baixinho, antes de ficar entre mim e meu pai.

Seu sorriso parece aliviar a tensão, como sempre. Não é a primeira briga entre nós que ele aparta.

Kitt cruza as mãos diante do corpo, em um gesto casual, como se não tivesse acabado de ver meu pai e eu a ponto nos arrebrandarmos.

— Desculpe interromper, pai, mas parece que o senhor precisa de uma bebida. E talvez de uma ou duas danças com minha mãe.

O sorriso que ele dá ao rei é o mesmo que vem dando desde que éramos crianças. Um que implora para ser chamado de digno aos olhos do nosso pai. O sorriso que estampa na cara, esperando deixar o monarca orgulhoso. Esperando estar ao alcance das altas expectativas e caber no papel gigantesco que deve representar.

Kitt sempre ansiou pela aprovação, pela atenção do rei. Ama ser amado, e até ele sente falta disso com relação ao nosso pai, apesar do relacionamento muito melhor que os dois têm. Então, fará o que for preciso para merecer esse amor.

Eu não o culpo. Talvez, se eu não tivesse crescido com um pai que me torturava com treinamentos, eu poderia amá-lo o suficiente para querer que ele me amasse de volta. Mas Kitt cresceu com uma versão diferente do rei, uma versão que o instruiu com uma mesa cheia de papéis entre os dois, e não uma espada afiada. Um rei que lhe ensinou a ser um rei, e não a torturar. Que fez de Kitt um homem, e não um monstro.

Meu irmão põe a mão no ombro do meu pai, levando-o para as bebidas e sobremesas. Os dois me olham uma última vez, um deles gentil e o outro o contrário.

Felizmente, nunca fui de implorar por amor. Especialmente o do meu pai. Desisti disso no dia em que sua faca encontrou minha pele pela

primeira vez.

Examino o salão procurando Paedyn, sabendo que não irei encontrá-la. Provavelmente foi levada aos seus aposentos antes do fim da noite, por ordem do rei. Quase rio das débeis tentativas de me manter longe dela.

Se eu mesmo não consigo me afastar, não tem a menor chance de ele conseguir.



Kai

A Arena está lotada até as bordas. Do castelo já era possível ouvir os gritos e as batidas de pés enquanto andávamos pelo caminho ladeado de árvores em direção à Prova final.

Pela terceira vez, enfrentamos o que pode ser nosso último dia.

Pelo menos, para esta Prova, não fomos drogados antes de sermos levados a um local aleatório. Acordei com uma batida à porta seguida por um bilhete enfiado por baixo, me informando que a última Prova aconteceria na Arena.

Isso não me deixou tempo para sequer falar com Paedyn, quanto mais pensar nela, antes de ser escoltado silenciosamente para fora do castelo.

Desta vez, temos uma plateia ao vivo, e ela ruge quando entramos na grande Arena. Há Imperiais de todos os lados, guiando-nos até o parapeito que dá para o Fosso, alguns metros abaixo. Ouço meus colegas competidores respirando fundo ao mesmo tempo, os olhares fixos no que há embaixo de nós.

É um labirinto.

Todo o fundo arenoso do Fosso está coberto por fileiras de cercas vivas e plantas. As paredes são densas e altas, preenchendo todo o fundo da Arena Esférica.

É enorme.

Somos levados aos degraus largos que descem para o labirinto. Sou o último na fila de competidores, e quando meus pés afundam na areia, paramos.

— Bem-vindos, jovens Notáveis, à sua última Prova.

Volto a atenção para a confortável caixa de vidro na base da arquibancada, decorada com suas três poltronas fofas. Kitt está sentado à direita, o olhar examinando o labirinto antes de pousar em mim. Vejo ele inclinar a cabeça de leve, me desejando sorte silenciosamente. Depois de assentir devagar para ele, olho para minha mãe, elegante como sempre, as pernas cruzadas e o rosto relaxado observando o marido, que está de

pé na borda do parapeito, olhando para nós.

— Apesar de todos vocês terem chegado tão longe — continua meu pai, com Tealah projetando sua voz ao lado dele, a mão encostada no seu ombro —, só pode haver um vencedor.

A multidão aplaude, e o som parece um grito de batalha com o qual estou familiarizado demais.

— A última Prova está à frente de vocês. É um labirinto. — Uma diversão fria perpassa o rosto dele. — Mas nada é tão simples como parece.

Então, o labirinto se move.

Capto o movimento com o canto do olho e me viro para o emaranhado de caminhos, vendo as paredes de folhas se dobrarem e mudarem de forma. As cercas vivas se retorcem em novas direções, alterando os caminhos e criando novos.

Cultivadores.

Agora, os vejo, dezenas de figuras paradas nas bordas do labirinto com os braços estendidos. Eles criaram esta Prova para nós e agora a controlam.

— Para vencer esta Prova e, com isso, aumentar suas chances de vencer a totalidade das Provas do Expurgo, você deve ser o primeiro competidor a chegar ao centro do labirinto móvel. — O rei faz uma pausa. — Mas não é só isso.

Sempre há uma pegadinha.

— Além de ser o primeiro competidor a chegar ao centro, você também deve matar a pessoa que está lá esperando.

Murmúrios percorrem a multidão, mas a voz trovejante do meu pai os atravessa com facilidade.

— A pessoa que está lá merece esse castigo. Ela cometeu crimes contra o reino e pagará por isso com a vida.

Não estou surpreso. Assim, o rei garantirá pelo menos uma morte para entreter o povo durante esta Prova. Repasso mentalmente cada prisioneiro que sei que está apodrecendo nas masmorras, imaginando quem encontrará seu fim lamentável hoje.

— Que todos vocês possam honrar ao seu reino, à sua família e a ti mesmos.

A multidão ecoa as palavras do rei enquanto um Imperial leva cada um de nós até uma abertura separada do labirinto. Meu olhar percorre o Fosso, examinando os guardas e os competidores que eles acompanham.

E então a vejo.

O cabelo prateado preso no alto da cabeça, balançando a cada passo. Vinte e oito sardas salpicando o nariz, se bem que não posso contá-las

daqui. Lábios que ainda não provei de verdade comprimindo-se, e olhos de oceano com ondas estourando na direção dos meus.

Então eu ofereço uma coisa: um sorriso. Só para ela.

Não há nada que eu possa lhe dizer, não há tempo para palavras provocantes, nem que seja para garantir que ela permanecerá viva por tempo suficiente para me dar um soco quando tudo isso terminar.

Por isso, fico em silêncio.

Levanto a mão e dou um peteleco no ar à minha frente, sustentando seu olhar.

Pela Peste, o sorriso luminoso que ela me dá é estupendo. Paedyn levanta a mão, faz o mesmo...

E se vai.



Daedyn

Hoje é o dia. Na verdade, hoje pode ser meu último dia.

O Imperial me leva até uma abertura perto do lado oposto do labirinto e me deixa ali, olhando as altas paredes de folhagens que me desafiam a entrar, que me desafiam a me perder em suas curvas e reviravoltas.

Apenas sobreviva. É só isso que você precisa fazer hoje.

O som de gravetos se partindo e cercas vivas se retorcendo dentro do labirinto me diz que os caminhos estão mudando de novo. O labirinto está se movendo.

Um movimento à esquerda faz minha cabeça se virar na direção de uma garota com os olhos vítreos e sem piscar, me encarando com uma das mãos erguida acima de nós, projetando o que espero que seja uma expressão neutra para que todos vejam em uma das telas gigantescas. Deve haver dezenas deles, esperando pacientemente por nós no labirinto, prontos para transmitir a carnificina.

Depois de hoje, tudo vai mudar.

— Que comece a última Prova.

Mal escuto as palavras do rei ecoando pela Arena antes que os gritos da multidão enlouquecida as abafem. Pisco os olhos para afastar os pensamentos, espiando a abertura e as paredes que me esperam.

Então, começo a correr.

Assim que entro no labirinto, sinto o cobertor de sombras me envolver. Está escuro e úmido, mas não desacelero. Corro pelo caminho de plantas e cercas vivas e paro derrapando quando encontro a primeira decisão.

Direita ou esquerda.

Não tenho tempo para pensar nas opções, por isso vou para a esquerda e encontro imediatamente outra bifurcação.

Direita.

Corro, corro e... beco sem saída.

Recuo, virando à esquerda e não à direita e acelero o passo, apesar de estar ligeiramente ofegante. Entro em uma rotina de escolher ao acaso, voltar atrás e xingar. Quantas vezes for necessário.

— Droga! — Estou gritando para nada, a não ser o sexto beco sem saída que tive o prazer de encontrar.

Viro-me e volto pelo mesmo caminho, mal olhando o Visor que acaba de testemunhar e gravar minha pequena explosão. Estou bufando, com os sentidos opacos nesse labirinto úmido. Os gritos da multidão lá fora soam abafados, sufocados pela camada de folhagem densa que me separa.

Aqui dentro o silêncio é fantasmagórico, nada além do som dos meus pés batendo no chão, do meu coração martelando e da respiração ofegante.

Então o labirinto se move.

O caminho em que estou fica mais estreito, as cercas vivas dos dois lados me pressionando.

Vou ser esmagada.

Este é o meu pesadelo. O mais aterrorizante, claustrofóbico. Corro para o fim onde outro trajeto me espera, um que não está mudando e não vai me esmagar se eu chegar a tempo. Meus pulmões estão ardendo, os pés escorregando na areia a cada passo cambaleante.

Galhos e folhas densas roçam meus ombros dos dois lados, ameaçando me engolir inteira. Mas sigo correndo para a salvação, para o caminho que me espera a apenas alguns metros.

Ramos e espinhos que eu não tinha visto antes rasgam a pele exposta dos meus braços, implacáveis, enquanto as paredes continuam a me pressionar. A qualquer momento ficarei presa no meio da folhagem, perfurada por galhos e espinhos.

Morta. Estarei morta se não sair. *Agora.*

Então, mergulho.

Bato com força no caminho livre, rolando para amaciar a queda. A dor irrompe na minha perna.

Caída de lado, arfando, acompanho a sensação de ardência até o pé esquerdo, preso entre duas cercas vivas que agora se fundiram.

Um choro estrangulado escapa dos meus lábios e eu aperto a boca para contê-lo. O sangue vermelho e quente escorre pela minha perna, pingando na areia. Eu me sento, tentando acalmar a respiração e estendendo as mãos trêmulas para o tornozelo mal coberto pela bota totalmente rasgada.

Inclino o corpo à frente e agarro o emaranhado de galhos trançados, folhas e espinhos que prende minha perna. Depois de mal ser capaz de

partir um galho, nunca desejei tanto estar com minha adaga.

Esse labirinto é obra de Cultivadores, obra de Notáveis. Um poder preenche a vegetação que cria essas paredes trançadas com galhos, folhas e espinhos para torná-las mais fortes e mortais.

Inspiro em desespero, me obrigando a ignorar a dor incandescente no pé. Minhas mãos seguram o tornozelo. Respiro fundo, trêmula. Então, puxo a perna.

É como fogo. A dor é quente demais, lancinante demais. Mordo a língua até sentir gosto de sangue, olhando enquanto puxo mais e mais o meu pé, ao mesmo tempo que descalço a bota arruinada. Paro, ofegando e buscando uma pausa na dor.

Sem a bota para protegê-lo dos espinhos e dos galhos, meu pé é uma massa de carne rasgada. Bom, pelo menos a parte que consigo ver. A outra metade ainda está engolida pelas cercas vivas agora fundidas, se recusando a me liberar.

Engulo o grito de dor quando puxo o pé de novo. Mais um machucado surge, sangrento e parecendo um emaranhado de fitas vermelhas percorrendo profundamente a pele. Mas, com um último puxão seguido por um último grito, estou livre.

Caio de costas, ofegando, sem fôlego e com dor. Pisco para o céu, me permitindo mais um momento para respirar antes de me sentar e rasgar a parte de baixo da camiseta. O tecido cor de vinho se funde com o sangue que escorre do ferimento quando o enrolo no pé do melhor modo possível.

Adena ficaria fascinada e enojada diante da perfeição com que as cores combinam.

Fico de pé, cambaleando. Dor. Dor aguda e uma lista de palavrões.

Vou mancando, tentando ignorar a dor latejante que sobe pela perna. Consigo andar, o que prova que o ferimento poderia ter sido muito, muito pior.

O suor se gruda em mim, enchando a camiseta agora rasgada, perigosamente curta, mostrando uma boa parte da minha pele antes de o cós da calça se enrolar abaixo do umbigo. E, apesar da brisa úmida e fria que sopra entre as cercas vivas do labirinto, estou desconfortavelmente calorenta e pegajosa.

Continuo, desequilibrada pela dor e pela falta de um calçado. A escuridão se aprofunda à medida que adentro o que espero ser o centro do labirinto e o que me aguarda lá.

Se eu chegar lá primeiro, terei a vida de alguém nas mãos.

Esquerda. Direita. Esquerda. Esquerda. Beco sem saída. Direita. Esquerda. Beco sem saída.

Minha claustrofobia provoca a sensação de que as cercas vivas estão me pressionando...

Paro. Elas *estão* me pressionando.

Em pânico, viro a cabeça em todas as direções, tentando encontrar um caminho que não esteja tentando me engolir inteira. Sem sorte. Obrigome a correr tropeçando, me enfiando por caminhos aleatórios e descobrindo que todos estão se mexendo.

Isto não pode estar certo.

O rei não jogaria os competidores neste labirinto só para nos esmagar por diversão, certo? A diversão não seria nos assistir derrotando uns aos outros?

Paro e me permito ofegar, entrar em pânico. Se o rei pretende me achatar com cercas vivas, não há nada que eu possa fazer. Então, paro e olho as paredes verdejantes que se aproximam dos dois lados.

Então fecho os olhos, me preparando.

Parece que haverá uma Comum a menos com que se preocupar.

Galhos roçam meus ombros e eu fico rígida, de súbito tristemente preparada para conhecer a morte.

Vejo você logo, pai.

Nada.

Abro um olho e descubro que estou diante de uma parede de plantas. Pisco, atônita. As cercas não estão mais se mexendo. Viro-me e um galho se prende ao tecido da camiseta.

Agora, o caminho é só um pouco mais largo do que os meus ombros.

Cambaleio em direção ao fim do corredor e entro em outro, descobrindo que é igualmente apertado. Engulo em seco, virando à esquerda para um caminho também estreito.

Como o rei é cruel e esperto! Quase quero aplaudi-lo por esse jogo espantoso. Eu estava certa. A diversão da Prova *é* nos assistir esmagando uns aos outros. Ele montou o cenário para o show.

Um grito atravessa a quietude, ressoando por um momento e silenciado no seguinte, e um arrepio desce pela minha coluna.

De novo estamos sendo forçados a lutar. E, desta vez, só há espaço suficiente para a passagem de um corpo.

Respiro com um tremor, sentindo a claustrofobia me comprimir como as paredes que roçam nos meus ombros.

Apenas um competidor por vez pode caber nestes caminhos. Assim, se eu encontrar um...

— Graças à Peste. — A voz atrás de mim está pingando veneno. — Eu achei que não conseguiria matar você antes do final dessas Provas.



Kai

Direita.

Direita. Esquerda. Beco sem saída. *Merda.*

Inclino a cabeça para trás, na direção do céu nublado lá em cima, parecendo ainda mais escuro visto de dentro desse labirinto crepuscular. Respiro fundo, dou meia-volta e corro na direção de onde vim, desta vez escolhendo a direita.

Errado.

Outro beco sem saída me obriga a atravessá-lo com o punho, mas sei que isso causará mais danos a mim do que às plantas.

Acelero o ritmo e passo por um Visor, ignorando seu olhar inquietante. Estou de péssimo humor. O que não é muito surpreendente, considerando que estive correndo por um labirinto calorento, só encontrando becos sem saída e ficando louco.

Além de tentar não ser esmagado por paredes móveis e encontrar algumas dúzias de cobras saindo delas, me mantive relativamente ocupado com a corrida. Não tenho noção da hora, mas, com base nas batidas rápidas do meu coração e na minha respiração entrecortada, sei que estou fazendo isso há um bom tempo.

A areia se mexe sob meus pés e as cercas vivas se mexem ao meu lado.

Ouçó os gritos abafados de empolgação do público enquanto o labirinto começa a se reorganizar, por isso pulo para sair do trecho em que estou, entrando em outro que está encolhendo com a mesma rapidez. Virando à direita, só encontro mais cercas se fechando.

Eu me viro, procurando uma saída. Qualquer lugar para onde eu olhe só parece prometer a morte trazida pelas plantas. Uma forma lamentável de morrer. Fico parado, olhando as paredes se aproximarem. Nunca me senti tão sem poder, tão incapaz de fazer alguma coisa para impedir o destino iminente.

E então as paredes se imobilizam.

Encosto os ombros nas duas cercas que agora ameaçam me esmagar.

Dou um passo à frente, os braços roçando nas paredes de vegetação estreitas demais dos dois lados.

Uma risada amarga me escapa e o som é engolido pelas paredes grossas.

Esperto, pai.

Suspiro, seguindo em frente pelo labirinto, sabendo que, se eu encontrar outro competidor, só haverá um modo de passar por ele.

Esquerda. Direita. Direita. Onça. Pisco, atônito.

Não era isso que eu estava esperando.

A onça pisca de volta. Sua pelagem é cor de vinho tinto, os olhos cor de mel doce.

— Olá, Andy.

Ela inclina a cabeça de lado, o gesto como o de um gato brincando com um camundongo, e isso me preocupa. Não sei há quanto tempo Andy está nessa forma animal, mas dá para ver que foi tempo suficiente para ela se perder na transformação.

A habilidade de Andy é tão perigosa para ela quanto para os outros. Quanto mais tempo ela permanece em sua nova forma, mais difícil é manter a cabeça no lugar. Esse é o motivo para ela ter treinado tanto sua habilidade, e para eu não a usar com muita frequência. Quando nós éramos crianças, ela ficava na forma animal por dias seguidos, incapaz de se transformar de volta até finalmente acordar de novo como humana, sem qualquer lembrança do que havia acontecido.

No decorrer dos anos, ela aprendeu a controlar a habilidade, a ficar com a cabeça no lugar enquanto permanecia em um corpo diferente. Mas, com toda a adrenalina bombeando na sua forma de onça, ela parece estar perdendo o controle. É por isso que me encara como se eu fosse um pedaço de carne.

— Calma, Andy.

Levanto as mãos devagar, dando um passo para trás, e ela dá um à frente. O corpo abaixado em posição de caça. Não, ela se prepara para *avançar*.

Merda.

Este caminho é tão apertado que ela nunca poderia passar indiferente por mim, mesmo se quisesse. Não que haja alguma coisa pacífica no modo como está me olhando, no modo como se agacha na areia.

Não quero machucá-la, mas, pela Peste, ela quer me machucar. Está me olhando como um predador, prometendo à presa uma morte dolorosa.

Estendo os sentidos buscando alguma habilidade próxima, como fiz muitas vezes desde que entrei neste labirinto. A Peste sabe que tentei

agarrar o poder de um Cultivador para achatar essas paredes e ir direto até o centro do labirinto. Claro que é exatamente o que eu faria se eles não estivessem tão deliberadamente se mantendo fora do meu alcance.

O ribombar da habilidade de Andy é avassalador, a única suficientemente perto para eu sentir...

Espera.

Há uma leve coceira nas minhas veias, a sensação de um poder chegando mais perto. Agarro-o e...

Andy salta.

As garras estendidas para a minha garganta, os dentes de navalha à mostra, uma mancha cor de vinho relampejando na minha direção.

Então, estou atrás dela. Andy cai na areia onde pretendia me atacar. Solta um rugido de frustração e mal consegue dar meia-volta no caminho estreito. Somente um felino teria agilidade suficiente para se virar e ficar de frente para mim em um espaço tão estreito.

Com outro rugido, ela avança de novo. E, Piscando de novo com a habilidade de Jax, estou atrás dela. De novo. Ela segue o mesmo padrão, girando para tentar cravar os dentes em mim.

Então, o poder de Jax que percorre minhas veias hesita, falha.

Não, não...

E desaparece.

Ele está longe demais, perdido no labirinto e levando sua habilidade consigo.

Bom, não tenho outra escolha.

Com apenas uma habilidade disponível, finalmente a agarro, e me transformo.

Pela Peste, me esqueci de como eu odiava isso. Há um clarão de luz antes que meus olhos comecem a mudar, os músculos se esticando, cada parte do corpo dolorosamente consciente de cada alteração. Estou perto do chão, o corpo esguio, forte e coberto por uma pelagem lustrosa. Sinto meus caninos se alongarem, afiados, até formarem pontas mortais. Minha visão se aguça junto com eles, se estreitando na direção da onça menor que está diante de mim.

Andy parece apenas ligeiramente surpresa por eu ter passado de humano a onça, imitando-a, espelhando-a. Mas se recupera rapidamente, e o movimento súbito das suas garras me acerta na lateral do rosto. Ela golpeia para cima, errando meu olho por pouco.

Solto um grunhido de dor. Não. Um *rosnado* de dor.

Pulo em direção a ela, golpeando-a com minhas próprias garras afiadas. Acerto-a no peito e ela solta um grito de dor antes de pular em cima de mim.

Esta deve ser a luta mais estranha em que já estive. E isso diz muito.

No entanto, tudo parece muito natural neste corpo. Minhas garras e meus caninos sabem exatamente o que fazer enquanto a golpeio. O sangue rubro se funde à pelagem cor de vinho enquanto rolamos um sobre o outro, rosnando e cortando a carne em qualquer lugar possível.

Estamos literalmente lutando feito animais furiosos.

Deixo o instinto me dominar, me deixo conectar um pouco mais a esse lado animal.

Mantenha a cabeça no lugar. Mantenha a cabeça no lugar.

Andy está em cima de mim e meus dentes se fecham bruscamente, encontrando a pele macia do seu pescoço. Ela solta um ganido e eu a jogo longe, vendo-a rolar na areia e se chocar contra a cerca viva. Deslizo lentamente na direção dela, as patas pisando silenciosas enquanto me aproximo da minha presa.

Não. Não é minha presa. É minha família. Andy.

Ela está tentando se levantar, me cortar com as garras e os dentes enquanto me aproximo. Agacho-me em cima dela, dessa pequena onça que ousou me desafiar. Meus dentes estão à mostra e um rosnado cresce na minha garganta.

Sou Kai Azer, príncipe e futuro Executor de Ilya. Sou Kai Azer, príncipe e fu...

Dor.

Dentes serrilhados estão cravados em volta do meu ombro, rasgando a carne e a pele. Rugindo, levanto a pata que não está ferida, pronto para encerrar isso.

Um clarão de luz ofusca momentaneamente meus olhos afiados e eu cambaleio para trás, atônito, enquanto recupero os sentidos.

Eu estava prestes a matá-la.

Preciso me transformar de novo. Agora.

Piscando, olho para onde Andy deveria estar, embaixo de mim. Mas o local está vazio. Uma sombra surge no alto, atraindo minha atenção para o céu. Bom, para onde o céu estaria se eu pudesse vê-lo.

Trepadeiras e folhagens densas criaram uma barreira no topo do labirinto, uma cúpula verdejante nos enclausurando completamente. Ouço o farfalhar de penas e um clarão de asas cor de vinho batendo contra o teto denso.

Ela se transformou em um falcão, tentando desesperadamente voar para o alto e por cima do labirinto, sem sorte. É um esforço corajoso, mas que os Cultivadores não podem permitir. Andy solta um guincho, tentando atravessar os galhos que a prendem nessa gaiola. Em seguida, ela está mergulhando de volta para a areia, me ofuscando com uma luz

forte. Pisco e ela já voltou à forma de onça, sem olhar para trás antes de se afastar mancando.

Não perco nem um segundo e me transformo de volta. Minhas roupas ainda estão intactas, mas encharcadas de sangue. Estou cheio de cortes fundos, o do rosto ardendo enquanto o sangue escorre para dentro do olho. Mas é a marca de mordida que atrai minha atenção. É profunda e está pingando sangue, a silhueta de dentes afiados gravada na pele do ombro.

E a dor é excruciante.

Arranco uma tira de tecido da minha camisa e a enrolo em volta do ferimento, tentando estancar o fluxo constante de sangue. Até meus ossos parecem doer enquanto parto de novo pelo labirinto, tendo desperdiçado tempo demais lutando contra minha prima.

Direita. Esquerda. Esquerda. Gritos. Fico imóvel.

Outro grito. Direita.

Esquerda. Direita.

Paro de repente.

Uma levíssima comichão de poder borbulha nas minhas veias. Concentro-me nela, instigando-a a ficar mais forte. Fica. Eu não hesito em agarrá-la.

Um sorriso parte meu rosto sangrento.

Parece que um Cultivador chegou perto demais.



Paedyn

— Não — Não se preocupe, vou ser rápida. Infelizmente, não tenho tempo para brincar com você.

Viro-me lentamente no caminho estreito, encarando a dona daquela voz fria e dos olhos castanhos ainda mais frios.

— Blair — digo, tensa.

Ela vem em minha direção com um sorriso retorcendo os lábios.

— Olá, Paedyn.

— Tem certeza de que você quer isso? — pergunto, com frieza. — Já se esqueceu do que eu fiz com seu nariz na última vez em que nós lutamos?

— Não — diz ela, praticamente rosnando —, não me esqueci.

Recuo um passo e sinto os galhos agarrando meus braços, meu pé protestando de dor. Abro a boca para falar outra bobagem e ganhar mais tempo, mas nada sai. Na verdade, o ar não está entrando.

Então, meus pés deixam o chão.

Estou ofegando, agarrando o pescoço mesmo sabendo que não existe uma mão apertando minha traqueia. Não, isso é obra apenas da mente deturpada de Blair. É sua marca registrada. Estou pendurada no ar, a mais de um metro do chão, sufocando.

— Só porque vou ser rápida, não significa que não será doloroso. — Ela faz beicinho. — Desculpe, Paedyn. Nem sempre a gente consegue o que quer, não é?

Minha visão fica turva, dificultando enxergar a mão estendida em minha direção ou o sorriso maligno curvando os lábios dela. Mal consigo respirar. Apesar da promessa de ser rápida, ela está prolongando isso.

Pense. Pense.

Preciso chegar suficientemente perto para dar um soco. Nossa briga depois do baile me revelou tudo o que preciso saber sobre sua incapacidade de luta física. Se eu conseguisse chegar perto...

Se eu ao menos conseguisse *respirar*.

— Você deve saber muito sobre não conseguir o que quer. — Minha voz é um grasnido, uma tentativa deplorável de parecer passiva. Simplesmente usar o ar limitado que tenho para dizer essas palavras é o suficiente para fazer minha cabeça girar, e eu rezo para que ela morda a isca.

Seu aperto se afrouxa. Só um pouquinho.

Há uma pergunta nos olhos dela, uma pergunta que eu pretendo responder.

— Kai. — O nome sai de minha boca, ofegante.

O olhar de Blair é mais afiado do que minha adaga, que eu gostaria desesperadamente de ter agora.

— Os príncipes — continuo, com uma tosse. — Kai e Kitt. Você não pode ter nenhum deles. — Faço uma pausa antes de dizer, engasgando: — Porque eles não querem você.

Bato com força no chão.

O pouco de ar que eu tinha me escapa. Fico ofegando, o rosto meio enterrado na areia.

De pé.

Levanto a cabeça e faço força com os braços trêmulos embaixo do corpo, me levantando devagar. E, espantosamente, Blair permite que eu faça isso. Um ataque de riso misturado com tosse me escapa quando meu olhar encontra o dela.

Sustento-o, agora ardendo de fúria.

É isso. Fique louca a ponto de me machucar com as próprias mãos.

— Me diga: como é? Ser rejeitada de novo, de novo e...

Nem tenho a chance de terminar a frase e sou jogada pelo ar, batendo de volta na areia. Tossindo, tentando recuperar o fôlego, começo a rolar para ficar deitada de costas.

Uma dor lancinante atravessa minhas costelas.

Eu me enrolo no meu próprio corpo, a única defesa possível contra a bota dura que acerta minha barriga. Entreabro um olho, vendo o rosto lívido de Blair acima de mim, contorcido de fúria.

Nunca se esqueça de que sua inteligência é uma arma, desde que sua mente esteja tão afiada quanto sua faca.

Sorrio, apesar da dor.

Tenho ela exatamente onde quero.

Seu pé acerta minha barriga de novo, e dessa vez eu o agarro. Ouço-a ofegar, surpresa, quando o torço violentamente antes de puxá-lo, fazendo-a cair no chão.

Deixei-a sem fôlego, e sei que ela não está acostumada com esse

sentimento, já que sempre pôde se esconder atrás do seu poder. Logo estou em cima dela, prendendo seus braços embaixo dos meus joelhos. Ela rosna para mim, o olhar cheio de uma fúria gutural.

Sei que só tenho tempo para um golpe antes que ela se recupere e me jogue longe usando a mente. Por isso, invisto tudo nesse golpe.

Enfio o anel do meu pai no dedo médio e dou um gancho de direita contra sua têmpora, acertando um ponto sensível da sua cabeça muito pouco sensível.

Em um instante, ela está apagada.

Mas não por muito tempo. Vai acordar nos próximos minutos e, nesse intervalo, estarei perdida no labirinto, espero que longe. Porque, na próxima vez em que nos encontrarmos, tenho a sensação de que ela vai esmagar meu coração assim que me vir.

Fico de pé tropeçando, o corpo doendo. Cada centímetro de mim berra em protesto, cambaleia a cada passo. Mas me obrigo a seguir em frente, me obrigo a ganhar velocidade.

Me vejo perdida na loucura do labirinto de novo, duvidando de cada caminho que pego, imaginando se o outro me levaria à vitória.

Esquerda ou direita?

Esquerda. Sem dúvida, esquerda.

Sem dúvida, não, já que esse é um beco sem saída.

A intervalos de poucos minutos, ouço berros de dor ou sons de luta se fundindo com os gritos da multidão lá longe, para além dessas paredes. Os Visores ficam nos caminhos, me assustando tanto que quase dou socos em metade deles. Mas, assim que me veem chegando, eles saem da frente do melhor modo que podem. Sinto pena deles, pensando que as coisas que testemunharam foram gravadas permanentemente nos seus cérebros.

O labirinto se reorganiza pela décima vez, me obrigando a sair do caminho que estava se fechando e entrar em outro.

Quero gritar.

Viro à direita em um corredor aleatório antes de parar derrapando. Ali, no final, há um círculo aberto, com piso de areia. O centro.

A vitória.

Minha vitória.



Kai

A própria terra está sob meu controle. Seria possível dizer que eu seguro o mundo na palma da mão, ainda que essa seja uma interpretação muito dramática do meu poder. Bom, do poder que estou pegando emprestado.

A parede do labirinto à minha frente desmorona. As trepadeiras e folhagens que compõem a cerca viva afundam de volta no chão, escorregando para baixo da areia. Corro para a frente, estendendo o poder de Cultivador para derrubar paredes ou parti-las ao meio.

Estou destruindo cada pedaço do labirinto perto de mim, desesmanhando trepadeiras e galhos.

Crio um caminho livre e largo, e só espero estar correndo na direção certa. Não desacelero. Cercas vivas se dissolvem para que eu possa correr enquanto outras deslizam de volta para a terra de onde brotaram.

Os gritos da multidão se amplificam a cada parede que eu derrubo. O som do meu nome ecoa na plateia, mas eu o ignoro, me concentrando na habilidade.

Na habilidade que está falhando.

O poder dentro de mim diminui.

Finalmente os Cultivadores perceberam o que estou fazendo e sem dúvida correram para longe do labirinto, tentando sair do meu alcance.

Parto uma parede à minha frente, criando um caminho para correr. Ele cresce, cresce e...

Para.

A habilidade escorre dos meus ossos, me deixando sem poder, estendendo uma das mãos inutilmente para a cerca. Atravesso o buraco que criei, com espinhos e galhos me arranhando.

Ouçó o labirinto se reconstruir atrás de mim enquanto os Cultivadores tentam consertar o dano que causei. Mas é tarde demais.

Já cheguei ao centro.

Entro no círculo aberto, ocupado somente pela areia e pelas duas figuras ali dentro. A primeira veio de um caminho no labirinto do lado

oposto ao meu, e o clarão de prata brilhando à luz me diz exatamente quem é.

Paedyn está mancando. Todo o seu corpo parece se arrastar, mas ela o impele a correr. Sua perna e seu corpo estão ensanguentados, machucados.

Sigo em frente.

Mas o olhar dela não encontra o meu. Não, aqueles olhos azuis estão fixos na figura no centro do círculo. Os passos dela são hesitantes, como se estivesse de novo no meu quarto, onde lhe ensinei a dançar.

E então ela está correndo na direção da criminoso destinada a morrer.



Paedyn

De repente, não consigo respirar de novo, e me pergunto se Blair voltou, espremendo o ar para fora dos meus pulmões com seu aperto invisível.

Paro, oscilando, os pés afundando na areia na borda do círculo.

Estou vendo coisas. Devo estar vendo coisas.

Cambaleio para a frente, começando a correr e tropeçando. Eu me obrigo a ir mais depressa, ignorando o protesto de dor que sobe pelo meu pé.

— Adena?

Isso não pode estar certo. Não pode estar acontecendo.

Sua figura linda está machucada e sangrando. Os joelhos afundam na areia e suas mãos estão amarradas com força às costas. Lágrimas escorrem na pele escura que já foi lustrosa, mas agora está opaca e encharcada de sangue.

Um soluço trêmulo escapa do peito dela, e meu coração ameaça falhar ao escutar esse som. Nunca ouvi Adena chorar. Mesmo depois de perder os pais, como eu. Mesmo depois de ser espancada por tentar roubar aqueles pãezinhos doces que tanto ama. Mesmo depois de passar frio nas ruas. Nada a abalou. Nada apagou a luz que é *ela*.

Ela é a *minha* luz.

Estou cambaleando na direção dela, entorpecida e nauseada ao mesmo tempo.

Isso não está certo. Não pode estar certo...

— Paedyn!

A voz dela falha e eu sinto que meu coração também. Adena se esforça para ficar de pé, tentando andar na minha direção mesmo com os pés amarrados. O pânico envolve suas palavras seguintes, rápidas e frenéticas.

— Pae, desculpe. Eu...

Parece que o tempo parou.

A cena parece ficar mais lenta, se desdobrando de modo muito vívido,

muito violento.

E, no momento em que acontece, sei que verei isso sempre que fechar os olhos. É necessário apenas um galho brutalmente rombudo.

Um único galho partido para derrubá-la.

A madeira nodosa voa, guiada por uma força invisível antes de acertar as costas dela, atravessando direto seu peito. O grito nem conseguiu sair da minha boca suficientemente rápido.

— Adena!

Minha amiga oscila, piscando para o galho sangrento que se projeta do peito. Em seguida, seu olhar sobe lentamente até o meu enquanto começo a correr, lágrimas turvando minha visão.

O som de gritos enche meus ouvidos. Acho que podem estar vindo de mim. Ela desmorona.

Quando isso acontece, vejo o sorriso de desprezo e o cabelo lilás do outro lado do círculo, a mão estendida. A mão que guiou e concedeu o dom da morte, usando apenas a mente para acertar o alvo.

— Não! — Solto um grito rouco, rasgando a garganta.

Alcanço Adena antes que ela caia no chão, segurando-a e deitando-a gentilmente na areia. Estou embalando sua cabeça, seu corpo sangrento está estendido no meu colo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Gritos sobem pela minha garganta.

A pele dela está pegajosa de suor, e eu afasto os cachos escuros de cima do rosto, alisando as mechas desiguais que ela me fazia cortar no Forte com mãos inseguras. Aqueles olhos grandes, castanho-esverdeados, estão espiando os meus, molhados com lágrimas não derramadas.

— Você vai ficar bem, Adena. — Minhas mãos estão tremendo enquanto toco suavemente o ferimento, e minha voz embarga, as palavras escorrendo tão rapidamente quanto as lágrimas. — Ouviu? Você vai ficar bem, e quando ficar, vou lhe dar tantos pães doces que até você vai enjoar deles. Está bem?

Levanto os olhos freneticamente e grito:

— Socorro! Por favor, alguém me ajuda! — Mas meus gritos são abafados pelos aplausos da multidão, me deixando sussurrar o pedido. — Ajudem. Por favor. *Por favor.*

Olho para Adena através das lágrimas.

— Você precisa ficar comigo. — Minha voz falha. Eu desmorono. — Você precisa me prometer que vai ficar...

Adena inspira fundo, fraca e trêmula.

— Pae.

O soluço que eu estava sufocando passa pelos meus lábios quando ela diz meu nome de um jeito tão suave e doce. Como se eu é que precisasse

ser reconfortada.

— Você sabe que eu não faço promessas que não posso cumprir. — A voz dela fica mais fraca a cada palavra, exaurindo a energia. E, com outra respiração chiada, ela força os lábios rachados a sorrir. Mesmo diante da morte, Adena sorri.

Morte.

Ela está *morrendo*.

— Não, não, não... — Minhas palavras são um soluço, um grito trêmulo. — Não diga isso. Você está bem. Tudo vai ficar bem!

Ela ainda está sorrindo para mim enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto, brotando dos olhos calorosos, agora ligeiramente fora de foco.

— Promete que vai usar ele por mim?

Pisco para ela, confusa, mas só faço minha visão ficar mais turva com as lágrimas.

— O quê?

— O colete. — Sua voz mal passa de um sussurro, me obrigando a me inclinar para ouvir. — O... o verde com bolsos. — Adena respira, chiando, e um ataque de tosse sacode seu corpo. O sangue mancha seus lábios e escorre dos cantos da boca, mas ela continua: — Demorei séculos para costurar, e eu odiaria que meu... t... trabalho fosse desperdiçado.

Uma mistura de soluço e riso histérico escapa de mim.

— Prometo, Adena. Vou usá-lo todos os dias, por você.

Ela dá o tipo de sorriso triste que a gente imagina que o sol dá ao se pôr. Quente e maravilhoso. Desgastado e cansado. Pronto para dizer adeus, tirando uma folga após ser uma fonte constante de luz. Alívio diante da perspectiva do descanso.

Os olhos dela se fecham. De repente, fico aterrorizada porque jamais verei de novo aquele olhar.

— Por favor — sussurro, puxando-a mais para perto. — Por favor, não me deixe, Adena. Você é tudo que me resta.

Ela é a única pessoa que me *conhece*. Meu coração *dói*.

A morte é escura demais para Adena, sombria demais para seu brilho, imerecida demais para sua alma ofuscante.

Suas pálpebras se entreabrem, revelando um pouco daqueles olhos castanho-esverdeados para que eu os memorize uma última vez. Ela se esforça para falar, se esforça para respirar debilmente.

— Isso não é um adeus, é só um jeito legal de dar tchau até eu ver você de novo.

Meu corpo se sacode com soluços de choro enquanto acaricio seu lindo rosto, lembrando que essas palavras são as mesmas que ela me disse

antes de eu sair da favela. Só que, naquele momento, a frase foi acompanhada por sorrisos e acenos, pela certeza de que me veria de novo.

Agora, não verá mais.

Deveria ter sido eu. *Era* para ter sido eu. Eu é que deveria morrer nessas Provas, e não ela. Qualquer um, menos ela.

Uma onda de culpa arrebenta sobre mim, ameaçando me afogar, como minhas lágrimas. Tudo isso é culpa minha. Ela só está aqui por causa do meu esquecimento, do meu egoísmo. Eu a trouxe depois de ter me *esquecido* dela. Eu a trouxe para a morte.

— Preciso que você saiba que nunca vou esquecer você, Adena — digo, com dificuldade, entre soluços. — Nem nessa vida, nem na outra.

Nunca mais.

Ela mal consegue assentir antes que seus olhos se fechem.

Deixo meu corpo se afrouxar, apertando minha testa na dela.

— Você é minha favorita, Adena.

Com os lábios repuxados em um sorriso suave, ouço-a respirar com um tremor.

Pela última vez.

Ela me deixa estremecendo. Gritando. Soluçando.

Ela me *deixa*.



CAPÍTULO 60



Kai

Angústia absoluta. Agonia absoluta. Solidão absoluta.

É o que escuto no grito dela.

Estou enraizado, incapaz de arrancar os pés da areia ou o olhar de sua figura desmoronada. Mal vi o galho antes que ele atravessasse a criminosa.

Não, não era uma criminosa. Era Adena.

A confusão nubla meus pensamentos enquanto outro grito de Paedyn atravessa o ar. Adena não deveria estar aqui. Ela não era minha prisioneira e certamente não era uma criminosa digna dessa morte.

Paedyn está na areia, balançando-se para a frente e para trás, apertando contra o peito o corpo sem vida de sua melhor amiga. Durante a primeira Prova, ouvi incontáveis histórias sobre as duas. O amor de Paedyn por Adena era evidente na época, mas, agora, está estampado em seu rosto, entremeado em cada grito. Jamais imaginei que a veria chorar, mas até mesmo os mais fortes desmoronam, esmagados e enterrados pelo sofrimento.

Quero ir até ela. Quero envolvê-la com os braços, distraí-la, reconfortá-la como sei que deveria, mas não sei como. O que sei provocar é dor.

A multidão explodiu em aplausos e cânticos. Blair adentra o círculo, rindo do ato medonho que cometeu. Ela acabou de vencer esta Prova e a multidão vibra por ela.

Acabou.

Tudo acabou.

Vou na direção de Paedyn, adentrando o círculo aberto. Vislumbro a cabeça de Jax espiando por trás de uma parede antes de ele Piscar vários metros para dentro do círculo. Por meio da visão periférica, vejo Andy cambaleando para o círculo, totalmente humana e coberta de sangue. Está segurando a cabeça, desorientada depois de finalmente conseguir se transformar de volta. A dor dos ferimentos que eu infligi provavelmente

abalou sua mente, permitindo que ela pensasse com clareza suficiente para se transformar de volta.

Agora estou perto de Paedyn a ponto de ver as lágrimas descendo pelo seu rosto, escorrendo pela terra e pelo sangue que cobrem sua pele. Ela está com a testa encostada na da amiga, os olhos fechados com força e os soluços sacudindo o corpo.

Os gritos da multidão são ensurdecedores enquanto vou até ela, pronto para me ajoelhar e...

Alguma coisa nas batidas dos pés da multidão *muda*.

Os gritos de animação e empolgação se transformam em pavorosos berros de horror. Antes eu estava concentrado demais em Paedyn para ouvir, mas agora o som me atinge com força, me confunde.

Ouçó o grito de um Imperial ofegando ali perto, parecendo sem fôlego, como se tivesse corrido até aqui.

— Os túneis! Eles entraram no camarote pelos túneis!

Viro-me, quase tão frenético quanto a multidão nas arquibancadas. Todos estão gritando ao mesmo tempo, presos em seus assentos por figuras com máscaras pretas que bloqueiam as saídas de cada arquibancada. E, com o Abafador que cobre tudo, as pessoas não têm poder para lutar. Meu olhar percorre os rostos apavorados antes de pousar na caixa de vidro onde meus pais e Kitt estão.

Então, eu vejo. Eu os vejo.

A Resistência.

Há um homem parado junto ao meu pai, usando uma máscara preta e apertando uma faca contra o pescoço dele. Outros membros da Resistência no camarote cercam o rei, a rainha e Kitt. Estão segurando-os quase preguiçosamente, todos com adagas nas mãos como se não pretendessem usá-las. O que só pode significar uma coisa.

São Silenciadores. Talvez até mesmo outros tipos de Fatais.

Caso contrário, meu pai já teria arrancado os membros deles, Kitt os teria incendiado e minha mãe teria ajudado eletrocutando-os, mas seus poderes devem estar sendo suprimidos ou controlados.

Mal consigo ver os rostos deles, retorcidos, fazendo careta com o peso do poder de um Fatal esmagando-os. Mas conheço bem demais a agonia. A dor que surge quando tudo o que você é acaba apagado à medida que o próprio poder que você possui é arrancado. Conheço a expressão que estão fazendo porque já a fiz muitas vezes.

Estão sendo abafados por Silenciadores. E eu também.



Daedyn

— **P**or— Por favor. — Continuo murmurando a palavra, de novo e de novo, como se isso pudesse trazê-la de volta para mim. Como uma oração, um apelo. — Por favor, por favor, *por favor*.

Mal escuto os gritos e aplausos da plateia acima do sofrimento que toma minha cabeça, meu coração. Aperto Adena contra meu corpo, com a testa pousada em seus cachos macios. Ainda sinto um levíssimo cheiro de mel grudado em seu cabelo e em seu corpo. Ela sempre cheirou a mel. Sempre teve cheiro de lar.

Meu rosto está entorpecido e não consigo mais sentir as lágrimas que escorrem pelas minhas bochechas. Levanto-a gentilmente, segurando suas costas para mantê-la mais perto. Meus olhos turvos percebem suas mãos amarradas às costas, e essa visão me provoca um soluço trêmulo.

Quebraram os dedos dela.

Estão dobrados em ângulos estranhos, sangrando, cheios de hematomas. Aquelas mãos pequenas e esguias estão mutiladas, uma paródia do que já foram, do que podiam fazer. Antes da morte, a coisa que a fazia se sentir mais viva foi tirada dela.

Suas mãos de costureira. Seus dedos talentosos. Mutilados.

Eles a mutilaram.

Uma onda de fúria incandescente me atravessa, levando para longe a culpa e a tristeza, substituindo tudo por uma fúria incandescente.

Ela a mutilou. Blair.

Vou matá-la.

Pisco para o corpo sem vida de Adena. Mesmo na morte, ela é linda, brilhante, de tirar o fôlego. Vê-la tão imóvel, tão silenciosa, alimenta minha fúria, redirecionando-a para outro assassino.

Ele a mutilou. O rei.

Trouxe-a até aqui para ser morta. Adena não é — Adena não *era* — uma criminosa. Meu ódio explode. Ele fez isso de propósito. Ele me

avisou que eu não venceria essas Provas; me garantiu. Eu não venceria se precisasse matar minha melhor amiga para isso.

Esse homem tirou tudo de mim.

Ele matou a única família que eu conheci. Primeiro meu pai, agora Adena.

Os gritos da multidão finalmente alcançam meus ouvidos, me arrancando por um momento do meu estado patético. Levanto os olhos e vejo que as paredes do labirinto desapareceram, me deixando sentada no centro do Fosso coberto de areia.

Os outros competidores estão parados por perto, todos igualmente confusos. A multidão está enlouquecida. Notáveis estão gritando, apontando e...

— Os túneis! Eles entraram no camarote pelos túneis!

Fico tensa.

Estão aqui.

Meus olhos examinam a multidão procurando alguém familiar antes de pousarem na caixa de vidro. Vejo Calum levando o rei para fora, uma das mãos segurando uma adaga contra seu pescoço e a outra apertando seu braço. Um homem que nunca vi antes, que só posso presumir que seja um Silenciador, vem logo atrás até o parapeito acima do Fosso.

— ... vieram pelos túneis!

Ouçõ outro Imperial gritar no meio da multidão, berrando ordens. Mas poucos guardas não estão presos nas arquibancadas envolvidas pelos Abafadores, onde membros da Resistência bloqueiam as saídas. Os poucos Imperiais livres não fazem menção de correr para o lado do rei. Não podem. Têm medo de que a garganta do líder seja cortada se chegarem perto demais.

Pela primeira vez na vida, os Notáveis se sentem realmente sem poderes. E então sinto os olhos de Kitt ardendo, me queimando.

São como esmeraldas verdes, afiadas e cortantes me encarando de dentro da caixa de vidro. Como eu estava errada ao pensar que os olhos dos dois não eram parecidos!

Porque quando seu olhar penetra no meu, eu não o vejo. Vejo seu pai. O futuro rei sabe que eu sou a responsável.

Ele sabe porque me mostrou o túnel e a chave. Sabe porque confiou em mim ao me dar informações.

Kitt sabe que eu o traí.

Ele sustenta meu olhar, parecendo magoado demais, horrorizado demais, com ódio demais. Seus olhos são tão frios que eu quase tremo. O rapaz que me olha está desprovido de cada migalha de calor, de cada migalha do charme que eu conheci. Está frio. Implacável. Está assim por

minha causa.

Kitt é o pai.

Ouço o som de passos na areia, desvio o olhar e vejo quatro Silenciadores vindo na nossa direção, as mãos estendidas, o poder pressionando os quatro Notáveis próximos de mim.

Grunhidos ecoam dos competidores perto de mim e meu olhar pousa em Kai, a poucos passos de distância, os olhos fechados com força por causa da dor. Meu coração se aperta ao vê-lo segurando a cabeça, tombando de joelhos na areia. Blair, Jax e Andy fazem o mesmo, com caretas de dor quando seus poderes são silenciados, abafados, dominados.

— E isso conclui a sexta edição das Provas do Expurgo.

A voz de Calum ribomba na Arena, imobilizando e calando todo mundo com uma única frase. Tealah está ao lado dele, parecendo aterrorizada com a mão que aperta seu braço. O rei, por outro lado, está quase enganadoramente calmo enquanto tenta parecer inabalado com a adaga encostada na garganta e a Resistência cercando-o.

— Muitos de vocês talvez não saibam quem nós somos — continua Calum, com a voz clara, o olhar percorrendo a multidão. — E isso é porque somos o segredo mais mortal do seu rei. O segredo mais sujo. Somos Comuns. Somos Fatais. Somos a Resistência.

Um som ofegante ecoa nas arquibancadas, o choque se assentando sobre a multidão. As pessoas não podem fazer nada a não ser olhar a cena se desdobrando, com seus poderes suprimidos pela Arena e pelos membros da Resistência que bloqueiam a fuga.

— Hoje nós saímos da escuridão e mostramos quem somos. E o que queremos mudar.

Não consigo me mexer, o olhar grudado em Calum, que se vira para olhar para o rei. Cada guarda, cada cidadão, observa em um silêncio atônito, incapaz de fazer qualquer coisa para impedi-lo.

— Tudo isso pode acabar. Chega de mortes, chega de lutas. — Agora ele indica a plateia, balançando a mão. — Nós estamos em toda parte. Não fomos extintos deste reino, apesar do que seu rei fez vocês acreditarem. Nunca paramos de crescer, nunca paramos de lutar contra as injustiças trazidas pelo Expurgo. E hoje nos reunimos aqui.

As pessoas parecem aterrorizadas com a perspectiva de tantos Comuns *doentes* vivendo entre elas. Está claro que os Notáveis farão qualquer coisa para manter seus poderes, sobreviver, e se mantiverem a crença de que os Comuns irão matá-los, só continuarão nos matando antes.

Imploro em silêncio que Calum conte a eles sobre a mentira do rei, que conte que somos saudáveis. Podemos não ter provas, mas o fato de

vivermos no meio deles durante décadas sem que houvesse qualquer surto de doença ou perda de poder por parte dos Notáveis terá que bastar por enquanto. Mas parece que a maior parte do reino não se importa o suficiente com os Comuns para ao menos pensar nisso. Simplesmente confiaram às cegas em seu rei corrupto.

O olhar de Calum vai do futuro rei no camarote de vidro até seu futuro Executor, fazendo careta de dor ao meu lado.

— Podemos nos unir pacificamente ou não. Imagino que a vida dos seus únicos herdeiros bastaria para convencê-lo a pôr o orgulho de lado e reunir todo o povo de Ilya.

Meu coração para.

Eles vão matar os príncipes se o rei não ceder. Estão jogando com o futuro de Ilya. Jogando com vidas.

Não me contaram isso.

Não, não, não.

A reação da multidão é um rugido de fúria. Não era assim que deveria acontecer. Ameaçar a vida dos príncipes só fará com que a raiva das pessoas seja direcionada contra nós, contra nossa causa. Isso nos prejudica, não ajuda.

Minha cabeça começa a girar enquanto os ilyanos gritam em protesto.

A voz de Calum está séria.

— Povo de Ilya, recebam-nos de volta. Nós não somos uma ameaça...

O som de alguém ofegante atrás de mim me espanta, tirando minha atenção de Calum e do rei. O Silenciador que está diante de Kai enrijece. Seus olhos estão arregalados, o suor brotando na testa. Ele abre a boca como se fosse gritar um alerta. E então...

Kai irrompe em chamas.



Kai

Minha mente está entorpecida, meus pensamentos turvos. *Isso não pode estar acontecendo.* Quatro Silenciadores estão diante de cada um de nós, aniquilando nossos poderes.

Cada competidor, a não ser Paedyn, está sentindo a cabeça rachar. Sei que ela não é afetada pelo poder do Silenciador, mas por que nenhum membro da Resistência está ao menos tocando-a, cercando-a, chegando perto dela?

O pensamento escapa da minha mente quando outra onda do que só posso descrever como *peso* se abate sobre mim.

A dor e a agonia são insuportáveis, mesmo com todo o treinamento que tive com Damion. Minha cabeça latejando torna difícil me concentrar no homem ao lado do meu pai, cujo rosto flutua na minha visão.

Pelo que consigo escutar através do zumbido nos ouvidos, o discurso dele é sobre como os Comuns querem viver, apesar da doença que vai se espalhar entre os Notáveis.

Mas se existem tantos Comuns vivendo entre nós, como ele diz, por que não sentimos os efeitos? A perda de poder?

Minha cabeça lateja ainda mais enquanto tento decifrar isso. O homem continua falando, mas eu mostro os dentes e o bloqueio. Respiro fundo, me esforçando para deixar a dor de lado e me concentrar no sentimento de poder que há por baixo dela. Foco o homem que me silencia, e a coceira de sua habilidade cresce embaixo da minha pele.

Fecho os olhos, me estendendo para esse poder, como fiz tantas vezes com Damion. Claro, na verdade jamais consegui...

Não. Está. Ajudando.

A adrenalina se mistura com esse leve sentimento de poder, leve como um formigamento embaixo da pele.

Agarro-o.

É estranho pensar que o mesmo poder que o Silenciador está usando

para suprimir minha habilidade ainda é o meu poder.

Agarro a habilidade do Silenciador, sentindo-a inundar meu corpo, e a lanço de volta contra ele.

Seus olhos se arregalam diante da sensação súbita de ser silenciado. Ele não estava preparado para isso, não esperava isso. Baixou a guarda.

Só um Silenciador pode derrotar um Silenciador.

E é exatamente isso que eu faço.

Derroto-o com sua própria habilidade.

O peso do silêncio dele escorre dos meus ombros. Então, eu os consumo em chamas.



Daedyn

Gritos enchem o ar. Silenciadores são envolvidos por chamas, e o cheiro de carne queimada me faz engasgar.

Eles rolam na areia, tentando apagar as chamas que lambem sua pele, queimando a roupa. O silêncio esmagador que impuseram aos competidores se partiu, libertando-os.

Ainda não tenho ideia de como isso aconteceu, de como Kai se libertou e pegou a habilidade Dual de Kitt. Sua explosão de fogo, seu ataque brutal, lançou toda a Arena no caos outra vez. Meu olhar vai rapidamente até as arquibancadas, onde a multidão está começando a se opor à Resistência, e uma luta começa.

De repente, há Imperiais por toda a Arena para se juntar à luta, e fico chocada ao ver quantos deles chegaram tão depressa. Viro a cabeça, percebendo que o número de figuras com máscaras pretas está diminuindo.

Não esperávamos isso. Não estávamos preparados para lutar, para perder.

Preciso sair daqui. Agora.

A ideia de fugir em um momento assim faz meu estômago se revirar, mas o futuro rei sabe o que eu fiz. Esse pensamento martela meu crânio enquanto examino a Arena, procurando-o. Ele está abrindo caminho pelos espectadores reunidos em volta da caixa de vidro depois de dominarem a Resistência e se espalharem das arquibancadas. Chamas lambem seus braços enquanto Kitt luta contra qualquer um que se aproxima.

Kai juntou-se à luta, com movimentos precisos, perfeitos, derrubando membros da Resistência à esquerda e à direita. A visão me deixa nauseada. Não faço ideia de onde Jax está, mas vejo um cabelo curto cor de vinho no mar de gente e sei imediatamente que é de Andy.

Blair tem sorte de eu não conseguir encontrá-la.

Ah, mas vou encontrar. E vou adorar matá-la.

Fico de pé e paro abruptamente ao sentir um peso no meu colo.

Adena.

Lágrimas ardem nos meus olhos outra vez, mas eu pisco para afastá-las, me obrigando a manter a cabeça no lugar. Desvio o olhar de seu rosto calmo e imóvel para o caos ao redor e a batalha sangrenta. Tento levantá-la, mas ela é pesada — um peso morto. Literalmente. Engasgo pensando em tirá-la do colo e deixá-la na areia.

Não posso levá-la.

Ela jamais terá um enterro decente. Nunca terá a despedida que merece.

— Eu... eu sinto muito, Adena — sussurro, beijando sua testa. — Sinto muito, muito mesmo.

Fico de pé, enxugando as lágrimas que tentei impedir que caíssem. Começo a dar as costas para seu corpo sem vida, incapaz de continuar vendo-o.

— Eu te amo.

Então, começo a correr.

Covarde. Exatamente como fiz com meu pai.

A simetria da morte dos dois é nauseante. Ambos atravessados no peito.

Ambos sangrando à minha frente.

Ambos largados no chão, deixados para apodrecer sem um enterro. As duas mortes terminando na minha *fuga*.

Quero gritar.

Comigo mesma. Com os assassinos deles. Com o mundo.

Abro caminho pela multidão, pela turba enorme que luta no Fosso, na escada, nas arquibancadas. Máscaras pretas e brancas se chocam enquanto os membros da Resistência travam uma batalha contra os Imperiais. Mas a luta não é justa. São muitos guardas, e mesmo com o poder dos Fatais ao lado dos Comuns, a Resistência está em menor número.

Vou serpenteando entre corpos e desvio de golpes, subindo a escada cheia de gente que leva para fora do Fosso até o caminho igualmente lotado acima. Os muitos anos desviando e passando despercebida na Alameda me servem bem, e meus pés assumem um ritmo familiar, pisando silenciosos e velozes.

Ouço gritos acima de mim, ecoando por toda a Arena. A luta é um rugido opaco nos meus ouvidos, mas me obrigo a seguir o fluxo de pessoas que tentam se afastar da luta em vez de participar dela.

Quero dar meia-volta. Quero lutar com a Resistência, com meu povo.

Que bem você poderia fazer?

A frase ganha forma na minha cabeça, enrolando-se em volta de mim com tanta força que pareço a ponto de sufocar. O aperto do pensamento só aumenta quando oito letrinhas se unem, criando uma definição ainda mais devastadora.

Sem poder.

Em todos os sentidos da palavra.

A correnteza humana em que me permiti ser carregada me deixa finalmente fora da Arena. O vento chicoteia meu cabelo quando emergimos, nos derramando pelo caminho comprido e largo ladeado de árvores. O caminho que leva ao palácio.

Os ilyanos em volta de mim se espalham, correndo, dando a volta na Arena até seus pés encontrarem outra estrada que vai na direção oposta e leva à cidade.

Começo a acompanhá-los, minhas pernas se movendo por vontade própria, me levando para a favela. Para casa.

Então, paro.

Algo no meu peito está doendo: meu coração.

O colete de Adena.

Viro-me, olhando para o castelo onde está a promessa que eu fiz.

Vou usá-lo todos os dias, por você.

A promessa acende na minha cabeça, e é só disso que eu preciso para começar a correr pelo caminho ladeado de árvores. As flores cor-de-rosa e as pétalas graciosas que choveram sobre mim na primeira vez em que andei por esse caminho desapareceram há muito tempo. Estão mortas e pisoteadas, deixando apenas brotos vazios e galhos cheios de folhas oscilando acima de mim enquanto corro.

Danem-se os pés sangrentos e os ferimentos. Os poucos Imperiais que me perseguiram na Alameda quando eu roubava jamais poderiam fazer com que eu corresse tão rápido e tão longe quanto agora.

Quando meus pés chegam ao pátio calçado de pedras, não me dou ao trabalho de desacelerar. Continuo correndo, sentindo gotas de chuva baterem na minha pele e tornarem o chão escorregadio. Subo os degraus de pedra que levam à gigantesca porta dourada do castelo.

Entre. Pegue o colete. Saia. Chegue à Alameda e...

— Srta. Gray!

Levo um susto, ergo os olhos e vejo quatro Imperiais postados do lado de fora da porta pesada para onde eu estava tão concentrada em correr que não os vi. Um homem mais velho desce rapidamente para me encontrar, com a preocupação franzindo seu cenho por trás da máscara branca.

— A senhorita está bem? A luta acabou? A Resistência foi derrotada?

— Seus olhos examinam os meus, procurando respostas.

Então eles claramente sabem o que está acontecendo dentro das paredes da Arena e, no entanto, são obrigados a permanecer aqui. Sem dúvida receberam ordens específicas de ficar e fazer a guarda do castelo, junto com muitos outros Imperiais que, tenho certeza, estão rondando o lugar. Imperiais pelos quais preciso passar para chegar ao meu quarto.

— Sim, eu...

Preciso de um plano. Rápido.

Não me orgulho do que me vem à mente.

Deixo o corpo ficar frouxo e cambaleio nos degraus. Estendo as mãos para apagar a queda, mas o Imperial é mais rápido. Ele passa um braço pela minha cintura e me firma, e eu contenho a ânsia de parti-lo ao meio.

Estendo a mão para baixo e toco meu pé e o pano encharcado de sangue enrolado de qualquer jeito, agora quase caindo, depois de tanto correr. Faço a melhor careta que consigo, o que não é difícil, com a adrenalina escorrendo lentamente do meu corpo e sendo substituída de novo pela dor.

— A senhorita está ferida. — Os olhos do Imperial se viram para o meu pé, e solto um gemido.

Que observador.

— É, mas estou bem. Eu só... — Ponho o pé de volta no degrau, ofegando dramaticamente. Estou realmente pegando pesado. Meus dedos agarram o uniforme branco do Imperial, com os olhos implorando. — Eu mal consegui chegar até aqui. Está um caos. E eu... — Faço uma breve pausa, ofegante, trêmula. — Estou com medo e meu pé dói muito, não sei o que fazer...

Pela Peste, não acredito que me rebaixei a esse ponto.

Pareço histérica, e era exatamente isso que eu queria. O Imperial olha para os amigos no topo dos degraus antes de voltar o rosto preocupado para mim.

— Vamos levá-la para o seu quarto para a senhorita descansar e curar o pé, está bem? Isso vai terminar logo.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto e concordo, assentindo fervorosamente para ele, esperando parecer amedrontada e perplexa, apesar de não sentir nenhuma dessas coisas. Só preciso dele para chegar ao quarto sem parecer suspeita. Sem atrair a atenção dos outros Imperiais que farão perguntas para as quais não tenho resposta. Se eu tiver um deles como escolta, meu problema estará resolvido e sob controle.

Duas coisas que não estou.

— Ranken, leve a Srta. Gray ao quarto dela. Em seguida, informe a

um Curador que ela precisa de assistência — diz o guarda, sinalizando para um homem grande com músculos volumosos, evidentes mesmo através do uniforme.

Um Robusto.

Ele assente e vem até onde estou, dizendo em uma voz profunda:

— Isso vai ser mais rápido e muito menos doloroso se fizermos do meu jeito.

Aparentemente o jeito dele inclui me pegar e me carregar como uma criança incompetente. Suas mãos estão embaixo dos meus joelhos e em volta das minhas costas, me carregando no colo com facilidade enquanto passamos pelas portas e entramos no corredor. Meu primeiro instinto é passar as pernas por cima dos ombros dele e lhe dar um mata-leão para derrubá-lo. Mas sufoco esse instinto com um mais inteligente, mais estratégico, que me lembra de que é isso que eu quero, é disso que eu preciso.

Assim, engulo o orgulho e deixo que ele me carregue. Deixo que ele caminhe pelos corredores me levando no colo com dezenas de Imperiais agitados em volta. Luto contra um sorriso quando eles mal olham na nossa direção.

Antes que eu perceba, o Imperial já está me colocando na minha cama, resmungando algo sobre chamar um Curador. Espero até que o som dos seus passos se distancie e pulo do colchão para abrir as portas do armário.

Arranco os vestidos e as roupas chiques de treinamento para chegar a uma prateleira atrás. Ali estão calças e blusas confortáveis, muito bem dobradas, trabalho de Ellie e da sua arrumação constante. Enfiando a mão embaixo de uma pilha de camisas de algodão, meus dedos roçam em um tecido áspero e familiar.

Meu coração se aperta quando puxo o colete que mantive escondido. O tecido verde-oliva está opaco, mas nunca vi algo mais perfeito. Passo os dedos pelos bolsos por dentro e por fora do colete, que fazem dele um acessório ideal para uma ladra.

Respiro fundo antes de vesti-lo por cima da camiseta cortada, agora pegajosa de suor. Depois, pego um novo par de botas e estou prestes a calçá-las quando a porta se entreabre, revelando um homem atarracado que só pode ser o Curador.

— Me disseram que você está ferida.

— É — digo bruscamente, e vou cambaleando até ele. — É o meu pé.

— Estou vendo. — O homem se aproxima, sinalizando para eu me sentar na cama.

Penso em nocauteá-lo, mas decido aproveitar primeiro a cura rápida.

Ele segura meu pé gentilmente e eu observo seus dedos dançarem sobre os cortes serrilhados no meu tornozelo. A visão da minha carne se emendando inunda minha mente com lembranças do meu pai, o que dói mais do que as feridas.

Pisco para afastá-las e o Curador termina, deixando apenas leves linhas rosadas como evidência dos ferimentos.

— Bom, se é só isso...

Tiro minha adaga de baixo do travesseiro ao lado e o Curador apaga quando o cabo acerta sua têmpora. Faço o máximo para suavizar sua queda, mas ele quase me esmaga ao despencar no chão. Passo por cima do seu corpo, calçando as botas e sussurrando um agradecimento que ele jamais ouvirá.

Saio, silenciosa, para o corredor. Os Imperiais acham que estou no quarto choramingando por causa do ferimento, e ainda que essa imagem me enfureça, eu gostaria de manter a situação assim. Se eu for vista, meu disfarce acaba.

Por sorte, tenho muita prática em me tornar invisível.

Sigo na ponta dos pés, preparada para pular dentro de um quarto ou mudar de direção a qualquer sinal de movimento. Atravesso rapidamente os corredores, evitando os maiores e usados com mais frequência.

Os poucos Imperiais que por acaso cruzam meu caminho estão distraídos e são evitados facilmente enquanto vou em direção à fuga: o jardim. É a saída mais próxima de onde estou, e a única que provavelmente não está sendo vigiada. Com o caos atual reduzindo a vigilância no castelo, aposto que aquela saída estará distante dos guardas.

E eu estou certa.

Chego à porta que leva à paisagem linda e a abro. A chuva não diminuiu, continuando a cair do céu nublado. Corro pelos caminhos ladeados de flores de todas as cores, tamanhos e formas. Estou passando rapidamente pela fonte onde Kitt e eu quase nos encharcamos.

Kitt.

Afasto o pensamento dele e da minha traição, focando toda a atenção em voltar à Alameda o mais rápido possível. O que não será nem um pouco rápido. Estou ofegando, me esforçando para voltar a correr pelo caminho ladeado de árvores. O sofrimento e a raiva se misturam à adrenalina, fazendo com que eu me sinta igualmente energizada e exausta.

A Arena parece mais assustadora do que nunca. Traves de metal e concreto se erguem acima de mim, e os gritos e ruídos da luta lá dentro só a tornam mais intimidante. Cada cidadão que não se juntou à luta já deve ter ido embora há muito tempo, deixando a Resistência e os

Imperiais se enfrentando.

Passo por um túnel que leva para dentro da Arena. Depois por outro.

Mantenho os olhos voltados para a estrada que me leva para casa e que está ficando cada vez mais próxima.

A figura grande de um homem sai cambaleando para o caminho onde estou tentando desesperadamente chegar. Ele está segurando a cabeça, mas não consigo identificar suas feições enquanto pisco rapidamente na chuva.

Só sei que está no meu caminho.

Ele se vira, a mão ainda apertando a têmpora, e me vê. Não me incomodo em desacelerar o passo. Quem quer que seja, não vou hesitar em atacá-lo se tentar me impedir.

Estou correndo, chegando mais perto, o tempo todo forçando a vista na chuva enquanto tento enxergar direito seu rosto.

Ele está sorrindo para mim.

É o tipo de sorriso que provoca um arrepio na coluna. O tipo de sorriso que não é nem um pouco gentil. O tipo de sorriso que me diz que esse homem sabe exatamente quem eu sou.

Meus pés hesitam. Agora estamos separados por menos de uma dúzia de passos. E é quando vejo.

Vejo olhos verdes, mais frios do que a chuva que encharca minha roupa fina.

Vejo cabelos dourados, mais opacos do que o céu nublado.

Vejo lábios retorcidos em um sorriso, mais maligno do que a tempestade furiosa.

— Ah, Paedyn Gray — grita ele, por cima do vento cortante, a voz afiada e sedosa ao mesmo tempo. — Ou será que devo chamá-la de membro da Resistência? De Comum? De traidora?

Chego mais perto, mas já sei exatamente quem está diante de mim.

É o rei.

Raiva não é uma palavra suficientemente forte para a emoção que me atravessa quando olho para esse homem — esse monstro, esse assassino.

Seus olhos estão enlouquecidos, o cabelo coberto de sangue por causa de um talho fundo perto da têmpora, ainda pingando sangue. Não imagino como ele conseguiu sair da confusão da Arena. E, no entanto, está aqui, vindo direto na minha direção. Sozinho.

O rei está completamente sozinho.

Quase quero agradecer à Peste pelo presente. Quase.

Continuo andando, me recusando a fugir dele, dessa oportunidade. O som de aço deslizando canta através dos trovões quando ele puxa uma espada da bainha à cintura.

— Ah, não fique tão chocada por eu ter deduzido — cantarola ele, fazendo meu sangue ferver. — Eu sabia que isso aconteceria. Você se enfiou na cabeça do meu filho ingênuo, no coração dele, e conseguiu o que precisava para sua pequena Resistência. E, quanto a saber que você é uma Comum, bom, eu já sei há um bom tempo. — Um riso distorce seu rosto diante da expressão de choque no meu. — Para não mencionar que eu sabia quem era seu pai, do que ele fazia parte. Eu sabia muitas coisas sobre ele antes da sua morte *infeliz*. — O sorriso é o próprio mal encarnado. — Com uma espada atravessada no peito, não foi?

Fico rígida, cada parte de mim tomada pela fúria. Mas forço uma máscara de frieza sobre o rosto, ignorando a última fala e reagindo à primeira.

— E de que eu deveria chamar *você*? De rei ou de covarde? De mentiroso ou assassino? Todas as opções seriam adequadas, não acha?

O rei solta uma gargalhada e eu mal consigo controlar a raiva ao ouvi-la. Minhas mãos tremem quando fecho os punhos junto ao corpo, as unhas machucando as palmas das mãos. Palavras escapam da minha boca antes que eu possa impedir.

— Você a matou.

Ele solta uma risada, como se isso o divertisse.

— Quem, sua amiguinha? — Seus olhos lampejam, revelando a raiva que manteve enterrada. — Não. *Você* a matou. Eu alertei você sobre as Provas. Alertei para que ficasse longe dos meus filhos. Você fez com que meu reino parecesse fraco. Você fez meus herdeiros parecerem *fracos* — diz, cuspidando a palavra, enojado com a própria carne e sangue. — Você conseguiu que Kai a ajudasse nas Provas, que ele corresse atrás de você durante um baile. Você teve o futuro rei na palma da mão, revelando cada segredo e cada informação de que você precisava. *Você* é a assassina, Paedyn. — Ele dá um passo na minha direção e eu fico imóvel, balançando a cabeça. — Você se esquece de quem é, *favelada*. Uma Comum condenada a morrer. Você não significa *nada*.

— Então por que você não me matou? — grito. — Se sabia quem eu era, por que não me matou, como fez com todos os outros Comuns?

— Porque eu precisava de você viva — diz ele, casualmente. — Mas agora você não tem utilidade para mim, e como as Provas não a mataram, eu tenho o prazer de fazer isso. — O rei faz uma pausa e um sorriso aparece em seus lábios. — Você consegue *ler* o que vou fazer agora, com essa sua habilidade *Psíquica*?

Um súbito clarão prateado se funde com a chuva. Uma espada está vindo na minha direção.



CAPÍTULO 64

Kai

Um joelho acerta minha coluna. *Bom, alguém está querendo morrer.*

Giro, enterrando facilmente a faca que arranquei do último homem que eu matei no peito deste, atravessando o couro duro que o envolve. Sinto o sangue, já familiar, molhando minha roupa, meu rosto. Estou coberto de sangue. Puxo a lâmina, deixando o homem cair no chão com um baque surdo.

Estão todos querendo morrer.

A Arena está um caos absoluto. Imperiais e membros da Resistência se chocam, os primeiros vestidos de branco, os segundos vestidos de couro. Comuns, Notáveis e Fatais lutam lado a lado.

É bizarro.

Ele também é o único motivo para essa luta ainda não ter acabado. Se não fossem os Fatais e os Notáveis que se juntaram à Resistência, teria sido um banho de sangue. Mas eles ainda estão significativamente em menor número contra os Imperiais que agora enchem o local.

Uma figura de máscara preta vem correndo na minha direção, a armadura de couro encharcada de sangue e da chuva. Firmo os pés no concreto escorregadio, deixando que se aproxime. A parte mais difícil dessa luta é não saber se estou diante de um Comum, um Notável ou um Fatal. Mal tenho tempo para tentar estender meu poder antes de ele chegar.

Não sinto nada. É um Comum.

Mas não deve ser subestimado.

Ele me ataca com duas facas, mortalmente afiadas e usadas com habilidade. Suas adagas cortam em movimentos rápidos, me obrigando a recuar. Consigo me esquivar de um golpe destinado ao meu pescoço e dou um soco rápido em seu abdômen. Ele solta um grunhido, mas o couro que cobre seu peito e sua barriga ajuda a absorver o golpe. Examino os poderes que me cercam, sentindo dezenas deles zumbindo embaixo da pele.

Por que parece errado lutar contra um Comum usando uma habilidade? Até agora, empreguei apenas minha força para matá-los, evitando o uso de algum poder. Por algum motivo, isso parece trapaça, e eu gosto de ganhar minhas lutas de modo justo. Nem toquei nos poderes de nenhum Fatal, mas consigo senti-los, intensos e poderosos. Seriam necessários anos de treinamento para usar corretamente a habilidade de um deles, por isso me atenho ao que eu conheço, matando com as mãos e com os poderes já conhecidos que estão ao redor.

Ele avança com a faca na direção do meu peito.

Previsível.

Seguro seu pulso e torço, escutando vagamente seu grito de dor enquanto a outra adaga sobe com a ponta para cima, na direção do meu coração. Giro, conseguindo por pouco evitar o golpe fatal, e em vez disso recebo um corte superficial nas costelas.

Ainda segurando o braço torcido, viro a lâmina na direção dele e agarro seu ombro. Em seguida, puxo-o com força. Sua faca se crava no tórax e seus olhos se arregalam quando meu oponente olha o cabo na própria mão e a lâmina enterrada no peito.

Cambaleando, ele cai no caminho de concreto, mas eu já virei as costas antes que seu corpo caia no chão. Apertando a mão já sangrenta no novo talho sobre as costelas, examino o caos. Meu olhar pousa em Kitt enquanto ele incendeia os que estão ao redor.

Alguma coisa não está certa.

Nuca vi meu irmão desse jeito. Tão sedento de sangue, tão brutal. Em geral, essas palavras são reservadas para mim, o futuro Executor, e não para Kitt, o futuro rei gentil e atencioso. Mas, neste momento, ele parece furioso, feroz como nunca vi.

Continuo a lutar no meio da multidão, tentando encontrar meu pai e minha mãe. Fico ao mesmo tempo aliviado e preocupado quando não os vejo, esperando que os Imperiais tenham chegado antes até eles e os levado de volta ao castelo.

Só então percebo como a multidão diminuiu. Meu olhar vai até uma figura que corre para um túnel, saindo da Arena. Outra vai atrás, vestida de couro e com uma máscara preta.

Estão tentando fugir.

E eu pretendo ir atrás.



Daedyn

O aço afiado provoca um corte fundo no meu antebraço. Eu desviei do caminho da espada, mas mesmo assim fui atingida no braço. Contenho um grito de dor e me agacho, tirando a adaga da bota e segurando-a com a mão suada.

O rei gargalha, dando outro golpe com a espada, me obrigando a me esquivar e evitar que eu seja totalmente retalhada. Está claro que ele tem a vantagem, com a arma mais longa, além da habilidade de Robusto. Apesar disso, seus movimentos são inseguros, graças ao ferimento na têmpora.

Assim, faço exatamente o que ele sugeriu, debochando: eu o *leio*.

O rei oscila a cada golpe, precisando se firmar antes de atacar de novo. Seu pé direito se apoia no chão a cada giro da espada, seguido por um pequeno meio passo com o esquerdo. Ele segura a espada com a mão direita, mas está com duas bainhas penduradas à cintura, revelando que antes tinha outra arma e que é capaz de lutar com a mão esquerda também.

Ele golpeia de novo, desta vez em um giro alto, obrigando-me a agachar e rolar para a direita. Rodeamos um ao outro, ele com o sorriso torto, visível mesmo através da chuva torrencial.

Preciso chegar perto dele. Preciso distraí-lo.

Porque não vou embora daqui antes de assassinar esse assassino. Talvez isso faça com que eu não seja melhor do que ele.

— Você o matou! Você matou meu pai! — grito, acima do trovão que ribomba.

Chego mais perto e sua espada desce em um arco amplo que me partiria ao meio se eu não desviasse a tempo. Ele oscila, como eu sabia que iria depois de um golpe assim, e eu uso a oportunidade para golpeá-lo com minha adaga, passando-a sobre seu peito. Ela corta uma linha através da camisa, da pele, fazendo o sangue brotar.

Alguma coisa dura acerta minha têmpora e minha visão explode em

pontos escuros. Cambaleio para trás, piscando. Através da visão turva, vejo o peito sangrento do rei e a espada que ele está segurando, o cabo ainda estendido depois de acertar meu crânio.

Ele ri. Mas ouço um tremor no riso. Está preocupado. Odeia o fato de eu — uma favelada, uma Comum, uma ninguém — ter deixado minha marca no seu peito.

Ah, vou deixar muito mais do que uma cicatriz.

— É, bom, um amigo me contou sobre as intenções dele e dessa “Resistência” da qual ele fazia parte. — Sua voz está cheia de graça. — Então, eu fiz o que precisava ser feito.

Outro golpe giratório da sua espada me pega desprevenida e corta uma linha rasa no meu abdômen antes que eu me afaste.

— Não se preocupe, Paedyn, eu não matei seu pai por causa de uma simples fofoca, mas já matei pessoas por muito menos do que isso. Matei-o para garantir que minha sociedade Notável permanecesse intacta.

Não consigo entender bem o que ele está dizendo, mas talvez isso se deva apenas à fúria que nubla toda a razão.

— Admita que você mentiu para criar sua sociedade Notável — cuspo. — Não existe doença alguma espalhada pelos Comuns. Nós não enfraquecemos os Notáveis nem os poderes deles.

— Eu fiz o que era necessário, e você não tem provas.

— Você é um monstro — digo, quase sufocando de ódio.

O gesto que ele faz é parecido com um dar de ombros.

— Um monstro? Talvez. O rei mais poderoso que Ilya já teve? Sem dúvida. Nenhuma cidade é como Ilya, nenhum povo é como os meus Notáveis, e pretendo manter as coisas assim.

Salto para atacá-lo, cortando com a faca. O aço da espada encontra o aço muito mais curto da minha adaga, com rigidez. Muita. Mesmo enfraquecido, ele é um Robusto, com força muito superior à minha. A adaga voa da minha mão, derrubada pela força do golpe.

Não hesito, nem me dou tempo de entrar em pânico. Seguro o pulso estendido do rei e mando o joelho para cima, ao encontro do cotovelo dele. O estalo nauseante do seu osso quebrando se funde com um trovão ribombando acima de nós.

Sua espada escorrega e bate no chão enquanto ele grita. E então a terra está vindo ao meu encontro.

Ele me jogou no chão usando cada migalha da força de Robusto que pôde juntar. Minha nuca bate na terra compacta e de repente estou vendo pontos pretos de novo.

Não consigo enxergar.

Estou piscando ferozmente, tentando, desesperada, clarear a vista. Minha cabeça está latejando; parece que está se partindo ao meio, e talvez esteja. Alguma coisa quente e pegajosa escorre da minha nuca e, mesmo nesse estado confuso, tenho certeza de que isso não é bom sinal.

Minha visão começa a retornar lentamente, o bastante para eu enxergar o que está acima de mim.

O rei, com a espada segura no braço não quebrado, um sorriso curvando os lábios partidos.

Não.

Me esforço para me sentar, mas um peso enorme me empurra de volta para o chão. Sua bota está esmagando minhas costelas, me prendendo, indefesa.

Não, não deste jeito. Eu me recuso a morrer assim.

— É só com isso que você se importa? — Minha voz parece estranha aos meus ouvidos, rachada e apavorada. — Com o poder? Governar um reino Notável? A vida humana não significa nada para você?

— Os Comuns são uma paródia fraca da vida. Um embaraço — rosna ele. — Deveriam ter morrido com a Peste, mas em vez disso nos empesteiaram. Faz muito tempo que planejei este dia, esperando conseguir me livrar da Resistência. Agora, acho que preciso agradecer a você pela extinção dela.

O sorriso dele é torto e minha cabeça lateja enquanto tento entender o que ele diz.

— Só os fortes, os mais poderosos, vencerão. — Ele se inclina ligeiramente, os olhos frios se cravando nos meus, e diz: — É a sobrevivência do mais apto, e os mais aptos são os Notáveis.

O rei estica as costas, com a bota ainda me esmagando.

— Então, onde estávamos? — diz, rindo como se tivesse dito algo engraçado. — Ah, sim. Eu estava livrando meu reino de mais uma Comum qualquer.

A ponta da espada está virada para mim e eu me remexo embaixo da sua bota. Ele é forte demais, e eu sou tão fraca...

— Infelizmente, o Kai ficou mais hábil do que eu quando se trata de brincar com as vítimas. Aprendeu muito rápido. Eu ensinei tudo que ele sabe, ele contou isso? Kai precisa me agradecer pela própria crueldade.

Sinto um tremor quando a ponta afiada da espada encontra a pele do meu rosto, logo acima do maxilar.

Posso ter gritado — não tenho certeza. Só sei da dor lenta que corre do maxilar e desce pelo pescoço. O sangue quente jorra do corte e empoça na pele, e a chuva faz o ferimento aberto arder. Sinto minha boca se mexendo, mas não ouço som algum, apenas o zumbido nos

ouvidos.

Ele está sorrindo quando finalmente para com a espada em cima da minha clavícula.

— Isso é muito divertido. Mas talvez eu devesse ter deixado que Kai fizesse as honras, não?

Estou nauseada, e o único cheiro que sinto é odor metálico do meu sangue. O aço frio encontra minha pele de novo, me fazendo parar e pausando meu estômago revirado. Ele escolheu o ponto embaixo da minha outra clavícula — logo acima do coração.

O rei estala a língua.

— Estou quase impressionado vendo que esse seu coraçãozinho patético ainda bate. Com todas as traições, o coração partido e as experiências de quase morte que você suportou como uma Comum.

— Tudo que eu suportei foi por causa de *você* — rosno, levantando a cabeça do chão, apesar de ela estar tão pesada.

— Hum. — Ele parece quase pensativo. — É verdade.

Uma dor ofuscante atravessa meu corpo outra vez quando sua espada corta uma linha acima do meu coração. Um grito estrangulado escapa de mim, quase abafando suas palavras suaves.

— Então vou deixar uma marca em cima do seu coração, para você não esquecer de quem o partiu.

Os cortes são profundos e insuportavelmente lentos. O rei repassa cada linha que cortou, de novo e de novo, enquanto os gritos brotam da minha garganta. Fecho os olhos outra vez contra o sorriso que retorce seu rosto, incapaz de continuar olhando esse homem. Não, não é um homem. É um *monstro*.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto contra minha vontade, misturando-se com a chuva e o sangue no meu rosto. Sei exatamente o que ele está gravando na minha pele, sinto a cada movimento da espada. Está me marcando antes de morrer, e isso é quase mais doloroso do que a agonia que atravessa meu corpo.

Não sei quanto tempo se passa até ele finalmente levantar a espada para admirar seu trabalho.

— Pronto. — Casual. Sua voz é casual demais, cruel demais. — Algo para se lembrar de mim na outra vida.

Então levanta a espada, a ponta virada para o meu peito.

Não. Não, não, não...

Ele sorri.

— Com uma espada atravessando o peito. Tal pai, tal filha.

Não posso morrer.

O rei está acima de mim, segurando o cabo da espada, levantando-a

mais, mais...

Não vou morrer.

Estou desesperada, guiada pela loucura. Até mesmo levantar os braços provoca uma dor quase insuportável, mas eu a ignoro enquanto meus dedos agarram sua bota em cima do meu peito, uma das mãos envolvendo o tornozelo e a outra em volta do bico de couro do calçado.

E, com cada migalha de força que me resta, torço seu pé. Ele grunhe de dor, oscilando inseguro.

Perfeito.

Puxo-o com força. O ferimento na cabeça, combinado com os que eu tive a graça de lhe conceder, o deixou mais fraco, sem equilíbrio.

E ele cai com uma pancada surda no chão molhado.

Não hesito e vou em direção à espada que caiu da mão dele. Engatinho, com a dor e a adrenalina se juntando em uma perigosa mistura de imprudência. Uma mão áspera segura meu tornozelo, me puxando para trás pela lama.

Grito, frustrada e apavorada, e meus dedos roçam o cabo da espada antes de eu ser puxada para longe. Minha cabeça se vira e eu vejo o rosto do rei contorcido de fúria, coberto de sangue e enlameado. Chuto com toda a força que meu corpo abalado permite e, quando ouço um estalo, sei que o salto da bota acertou o alvo.

Ele berra, um som gorgolejante enquanto o sangue que escorre do nariz quebrado entra na boca. Eu me solto e mergulho em direção à espada, finalmente envolvendo o cabo com os dedos.

Me levanto com dificuldade. Cada movimento é doloroso. Estou encharcada de sangue, encharcada até os ossos pela chuva torrencial. Cambaleio em sua direção, ofegando enquanto arrasto a espada pela lama.

Agora *eu* estou acima *dele*. É engraçada a rapidez com que nossos papéis se inverteram. Eu, a ponto de tirar uma vida. Ele, prestes a ser a vida que vou tirar.

Os dentes que me mostra estão vermelhos de sangue.

— Não quer saber quem matou seu pai, Paedyn?

Essa frase interrompe o movimento da espada que estou prestes a cravar no seu peito. O rei solta uma risada rouca antes de engasgar com o próprio sangue.

— Já sei quem foi — digo, com os dentes trincados. — Vi você cravar a espada no peito dele.

Volto a atenção para a arma na minha mão, incapaz de continuar suportando isso e pronta para...

— Errado.

Paro antes de ecoar:

— Errado?

O rei solta uma risada chiando e eu não espero que pare de tossir sangue antes de apertar a ponta da espada no seu peito.

— Foi *você* — digo lentamente.

Ele tosse as palavras seguintes.

— É engraçado como a mente pode nos fazer ver o que queremos. Você já me odiava pelo que eu fazia com pessoas da sua laia, por isso deve ter sido fácil se convencer de que fui eu que cravei a espada no peito do seu pai. — Um sorriso sangrento estica seus lábios. — Mas não fui eu.

— Mentiroso — ofego, apertando mais a espada no seu peito.

Suas palavras seguintes são pouco mais do que um sussurro histérico.

— Só digamos que o seu primeiro contato com um príncipe não foi quando salvou Kai no beco.

Não. Não.

— Foi quando ele matou o seu pai.

O mundo gira ao meu redor, ameaçando me jogar no chão.

Isso não pode estar acontecendo. Ele está mentindo. É um mentiroso. É...

— E foi a primeira morte dele. — O rei continua com um sorriso sangrento, recordando. — Foi a primeira missão para a qual eu o mandei, e acho que o garoto pode até ter chorado depois. Veja como ele chegou longe. Veja como eu o treinei bem. Agora, Kai mata quando eu mando e mal pisca diante das dezenas de mortes causadas pelas próprias mãos.

Mal consigo respirar. O rapaz que me ensinou a dançar, que curou meus ferimentos, que perguntou qual era a minha cor preferida sob as estrelas...

— Você está mentindo.

É tudo o que consigo dizer.

O rei solta um riso áspero.

— Não, você é quem está mentindo para si mesma, Paedyn.

A lembrança da noite em que meu pai morreu parece subitamente enevoada demais, desfocada demais. Onde antes eu pensava ter visto o rosto do rei, agora vejo um corpo indefinido. Não consigo identificar detalhe algum, parece que não consigo lembrar de coisa alguma sobre quem matou meu pai.

Balanço a cabeça. Não consigo pensar nisso agora. Recuso-me a deixar que os pensamentos em Kai me distraiam da tarefa atual.

Porque agora vou matar o pai *dele*.

De novo, descubro que a simetria é uma coisa nauseante.

Não vou fracassar.

O sorriso do rei é sangrento.

Não vou hesitar.

Em seguida, há uma gargalhada histérica, debochada.

Não vou sentir remorso.

— Fraca. Igualzinha ao pai...

Minhas palavras seguintes são ocas, terrivelmente calmas:

— Isso é pelo meu pai.

Ele solta um ruído ofegante, chiado, enquanto levanta a cabeça do chão para olhar o dano que eu causei. Seus olhos se arregalam ao ver a própria espada enterrada no peito. Um som gorgolejante brota em seguida, o sangue escorrendo pelos cantos da boca e jorrando do ferimento.

Nada. Não sinto coisa alguma pelo homem que morre aos meus pés, que está morrendo pela minha mão.

— E isso — torço o cabo da espada, arrancando um grito do rei enquanto mais carne é rasgada e despedaçada — é por Adena.

Ele solta um soluço estrangulado quando puxo a espada, jogando-a no chão. Eu me viro e encontro minha adaga caída ali perto. Todos os passos na direção dela fazem com que eu me sinta mais forte, apesar de cada ferimento que enfraquece meu corpo.

O cabo de prata da adaga do meu pai, cheio de arabescos, está escorregadio com água da chuva, sangue e lama — como eu. Gotas de água escorrem pelo meu rosto, ardendo nas feridas abertas enquanto viro a adaga na mão. Jogo-a para cima uma vez, duas, sentindo seu peso familiar.

— E isso é por mim, seu desgraçado.

E faço a adaga voar.



Daedyn

A lâmina encontra o alvo, guiada pelo meu ódio, pelo meu coração partido, pela minha crueldade. E se crava no centro da garganta dele, interrompendo instantaneamente a respiração rouca.

Estou tremendo, olhando o cadáver de um assassino que olha de volta para a criatura que acaba de se tornar uma.

A cabeça do rei está tombada de lado, com a adaga do meu pai alojada na garganta, os olhos arregalados e atentos. Uma lágrima escorre pelo meu rosto, misturada com as gotas de chuva que rolam pela face. Enxugo-a com as mãos sangrentas, sem saber por que sinto vontade de chorar.

Será arrependimento?

Não. Não é arrependimento. Não é remorso. Não é nada nem de longe parecido com culpa.

É alívio.

Dou um passo inseguro na direção dele, pretendendo pegar minha adaga e sair correndo.

Alguma coisa atrai meu olhar.

Viro na direção do movimento apesar de meu corpo gritar, protestando. Meus olhos encontram outros, vidrados, sem piscar. A garota é pequena, de pele escura e cabelo mais escuro ainda. Ela pisca, os olhos ficando límpidos antes que uma expressão de horror se acomode no seu rosto.

E então ela começa a correr.

É uma Visor.

Pisco no meio da chuva, vendo a forma da garota que se afasta e que provavelmente gravou tudo enquanto eu matava o rei. Mal tenho tempo de processar isso antes de ouvir passos pesados ecoando no túnel de pedra à minha direita.

Hesito. Minha adaga.

Preciso dela. Preciso dela. Eu...

Quem quer que venha pelo túnel está chegando rápido. Preciso sair daqui agora. Não faço ideia se é um amigo ou um inimigo, e não tenho intenção de descobrir.

Não posso perder um instante sequer. Nem um segundo para pegar minha posse mais valiosa. E, neste momento, meu coração partido é o ferimento que mais dói.

Então, começo a correr.

Cada parte de mim pega fogo. Meu corpo grita, riscado de sangue, cambaleando de fraqueza. Mas não posso parar. Assim que eu avançar mais pela estrada, haverá um bosque à direita e...

Uma faca passa voando por mim, raspando meu antebraço com a lâmina afiada. Eu viro a cabeça e paro bruscamente quando o vejo.

Cada pedacinho do corpo dele está coberto de sangue. Seu cabelo é uma confusão de ondas escuras, pegajosas de suor e riscadas de sangue. Uma lâmina fina está segura entre os dedos, a mão levantada e pronta para arremessá-la voando na minha direção.

E algo se encaixa quando o vejo.

De repente, estou na minha casa, escondida atrás de uma porta rachada, vendo uma espada mergulhar no peito do meu pai. A espada segurada por um garoto de cabelos pretos ondulados, um garoto com olhos cinzentos cheios de medo, um garoto que acabou de se tornar um assassino.

Estremeço enquanto meu olhar varre aquele mesmo cabelo preto, os mesmos olhos cinzentos e o mesmo assassino diante de mim. Vê-lo agora, do nada, deixa a lembrança daquela noite mais clara do que nunca.

Peças do quebra-cabeça que é minha memória esparsa começam a se encaixar.

Naquela noite, tanto tempo atrás, minha mente me fez acreditar que foi o rei que matou meu pai, me fez culpar o homem que eu já odiava. De certa forma foi, sim, o rei que o matou, mas não com as próprias mãos. Foi o filho dele que cravou a espada no peito do meu pai.

Minha respiração fica trêmula enquanto eu o encaro. E então tudo faz sentido.

A atração. A conexão. A *familiaridade*. Fui atraída tão facilmente para ele porque o conhecia, reconhecia, me lembrava dele. Ele era familiar para mim.

E agora o assassino do meu pai vai me assassinar.

Ficamos nos encarando e eu vejo o garoto que tem sido o instrumento de morte do rei durante toda a vida, moldado e controlado para ser um matador. Foi feito para ser assim. Criado para espelhar o monstro que

seu pai é — *era*.

Mas isso não o torna menos assassino.

Seus olhos são mais espantosos do que sua aparência esfarrapada, enfurecida. O olhar cinzento é como fumaça subindo da fogueira mais quente. No entanto, é frio como lascas de gelo, perfurante como as pontas de pingentes de gelo. Eles revelam o horror que sente, parecendo iguais à noite em que o vi tirar uma vida pela primeira vez.

Eu fiz isso com Kai. Matei o pai dele.

Mas ele matou o meu primeiro.

Ele sabe o que eu fiz. Duvido que esqueça a aparência característica da adaga que apertei contra seu pescoço tantas vezes — a mesma que agora se projeta do pescoço do seu pai.

Apesar disso, sua faca não me acertou.

Kai não erra. A não ser que queira.

— O que você fez comigo?

As palavras dele quase se perdem na tempestade, mas me arrepiam até os ossos, mais do que a chuva jamais poderia. Ouvi-as saírem dos seus lábios antes, quando estavam encostando nos meus. Senti essa chuva esfriar minha pele quente quando estávamos separados por meros centímetros. Já tive seu olhar cinzento voltado para mim — quando estava cheio de calor, e não de ódio.

Minha linda Pae, o que você fez comigo?

Como um único momento pode espelhar outro de modo tão mórbido? Como ele pode, ontem mesmo, ter pronunciado essas palavras com desejo, e hoje as estar pronunciando com ódio?

Mas as únicas semelhanças entre a noite passada e este momento são o fogo e a intensidade dos sentimentos que preenchem seus olhos. Sem a máscara, ele está vulnerável, permitindo que eu veja com clareza o sofrimento que marca suas feições. A mão que segura a faca, pronta para golpear, treme. Quase consigo ver as peças se juntando na sua mente, a compreensão do que eu sou e do que fiz.

Ele inclina o braço mais para trás, pronto para cravar a lâmina no meu peito.

Meus olhos se fecham e eu firmo os pés no chão, aceitando o destino.

Sinto *dor*. Tudo dói. Talvez eu mereça essa morte. Talvez até a deseje...

Meus pensamentos lamentáveis são interrompidos por um grito de frustração rouco que faz meus olhos se abrirem. As mãos de Kai estão passando pelos cabelos, sua cabeça está abaixada. Quando seus olhos finalmente encontram os meus, vejo a batalha travada furiosamente dentro deles.

Ele sabe o que precisa fazer. E, no entanto, *não faz*.

A voz de Kai treme, como as mãos.

— Eu deveria enterrar essa faca no seu pescoço.

E poderia fazer isso facilmente. Eu não tenho armas, nem vontade, nem energia para tentar impedir.

Minha voz parece tão destroçada quanto eu me sinto.

— Então faça isso.

Ele está balançando a cabeça para mim, parecendo tão enojado consigo mesmo quanto comigo.

— Vou fazer. *Deveria* fazer.

Kai faz uma careta, apertando a adaga apontada para mim. Outro som frustrado se solta da sua garganta. Ele passa as mãos sangrentas nos cabelos, balançando a cabeça para o chão.

— Então por que não consigo? — Agora ele está olhando para a arma na sua mão, aquela com a qual poderia tirar facilmente a minha vida. — Por que, quando se trata de você, me torno subitamente um covarde? Por que, quando se trata de você, de repente, *eu me importo*? Por que não consigo atirar essa faca contra a *assassina* do meu pai?

Seu peito está subindo e descendo rapidamente a cada respiração ofegante. Eu, por outro lado, pareço ter parado totalmente de respirar.

— Eu disse que era um idiota quando estava perto de você, e parece que estava certo. — A risada dele é cortante. — Sou um idiota quando se trata de você. — As palavras que saem da sua boca em seguida são condenatórias, mas enganosamente calmas: — Talvez, quando me livrar de você, eu encontre minha coragem de novo. Por isso vou lhe dar uma vantagem.

Pisco para ele, paralisada. Meus pés parecem enraizados. Não me movo um centímetro, chocada e espantada demais para fazer qualquer coisa além de encará-lo.

— Pelo menos você cumpriu com a promessa. Ficou viva por tempo suficiente para me dar uma facada nas costas. — Ele solta uma risada amarga, lembrando-se do ataque depois do primeiro baile, quando cuidei do seu ferimento. — E agora prometo devolver o favor. — Sua voz está tensa de emoção. — Corra, Paedyn. Porque, quando eu pegar você, não vou errar. Não vou hesitar. Não vou cometer o erro de *sentir algo* por você.

Estou congelada, ainda imóvel na chuva gélida.

— Vá! — grita ele, com a voz embargando. — Vá antes que eu encontre alguém que não seja covarde, alguém que não seja idiota, e deixe que enterrem a adaga nas suas costas aqui mesmo, agora.

Cambaleio, tropeçando no chão irregular antes de dar as costas para

ele. E então volto a correr, como me peguei fazendo o dia inteiro, a vida inteira. Olho por cima do ombro e vejo Kai tombando de joelhos ao lado do rei, com os olhos fixos em mim.

Engulo as emoções que abrem caminho pela minha garganta, ameaçando vazar pelos olhos que ardem.

Não olho para trás.



Kai

Como pude ser tão cego, tão desatento?

Vejo-a se afastando, ficando cada vez menor. Vejo-a escapar de mim — escapar de um assassino.

Só que eu não agi como a única coisa que nasci para ser. Não agi como o assassino em que fui moldado.

Deixei que ela fosse embora.

Deixei que ela fosse embora.

Olho a adaga de Paedyn, apertada na minha mão, a lâmina afiada suja de sangue.

Sangue do meu pai.

Meus olhos se viram para o corpo sem vida, para os olhos que fitam vidrados o lugar de onde Paedyn deve ter arremessado a faca. Estendo os dedos trêmulos e os fecho, incapaz de suportar a visão dos olhos de Kitt tão sem vida.

Não derramei uma única lágrima. Estou entorpecido.

Estou em choque. Traído.

Alguma coisa foi real para ela? Era tudo mentira? Tudo fingimento?

Sei que meus pensamentos deveriam estar no rei morto junto ao qual estou ajoelhado, mas eles continuam se voltando para ela.

Nunca consegui sentir o poder dela. Ela era intocável para os Silenciadores. A Resistência não encostou um dedo nela quando atacou.

Porque ela é uma Comum.

Porque ela faz parte da Resistência.

Bom, *fazia*. Não resta muita coisa da qual fazer parte, depois de hoje. Como pude não perceber?

Balanço a cabeça, já sabendo a resposta. Porque estava cego por tudo que *ela* é.

Ela o matou. Ela matou o rei. Ela matou meu pai.

Apesar disso, eu a deixei ir embora.

Mas não por muito tempo.

Fico de pé, olhando o rei morto, e meus olhos se voltam para o pontinho que é ela, agora quase invisível através da chuva.

O título de Executor jamais pesou tanto nos meus ombros. Preciso encontrá-la.

E, quando isso acontecer, terei encontrado minha coragem.



Daedyn

Não paro de correr até chegar à floresta ao lado da estrada que leva para casa. A corrida é logo substituída por tropeços quando as raízes se prendem nos meus tornozelos e meus pés dão topadas nas pedras. A chuva não diminuiu a tentativa de me afogar, acertando cada um dos meus ferimentos abertos.

Meu dedo encontra o caminho até o talho que começa no maxilar e desce pelo pescoço, seguindo com cuidado o caminho rasgado e sangrento que, eu sei, jamais parecerá o mesmo. Então meus dedos passam desajeitados sobre o peito, só parando ao encontrar a pele dilacerada acima do coração. Encolho-me e desejo que tenha sido por causa da dor.

C.

Acompanho as linhas serrilhadas que formam a marca. A letra única que deixará uma cicatriz para sempre, me marcando com a lembrança *dele* e do que eu sou.

C de Comum.

A marca deixa minha pele tão mutilada quanto o coração que mal bate embaixo dela.

Continuo cambaleando, a mão apertando o C gravado na pele e cada significado por trás da letra, aparentemente simples.

Um estalo de cor atrai meu olhar, luminoso contra a folhagem escura da floresta úmida. Meu coração se parte ao ver aquilo, os pulmões se apertando e as pernas tremendo. Foi ontem mesmo que aquela visão me fez sorrir, ontem mesmo que o símbolo foi enfiado no meu cabelo por mãos fortes, dedos seguros.

Um miosótis, ou não-me-esqueças, já que você parece estar sempre se esquecendo de quem eu sou.

Olho o ramo de flores azuis, zombando de mim com a lembrança de toques roubados, de promessas silenciosas.

Agora tudo que resta são gritos de vingança, olhos de aço que

prometem não ter misericórdia e uma adaga prateada tão importante para mim, mas ao mesmo tempo tão provável de ser cravada no meu coração.

Não dou a mínima se você esquece do meu título, desde que se lembre de quem eu sou para você.

Abro a boca para rir, mas em vez disso um soluço passa pelos meus lábios, meu corpo decidindo tremer de dor e não de humor.

Ah, eu me lembro de quem ele é para mim.

Como poderia me esquecer do assassino do meu pai?

Continuo a andar cambaleando, piscando através da chuva constante e das lágrimas.

Um líquido denso, quente, desce pela marca no meu peito, pelo meu corpo, pelo meu ser.

Mel.

É o que digo a mim mesma.

É apenas mel.



EPÍLOGO

Kitt

Faz três dias desde que vi meu pai morto na lama. Três dias desde que dormi pela última vez.

Três dias desde a última vez em que consegui fechar os olhos sem ver seu corpo ensanguentado.

Três dias desde que a Resistência atacou na última Prova.

Três dias desde que a garota em que eu confiei, a garota que eu passei a desejar, se tornou uma assassina e uma traidora.

Três dias desde que eu me tornei rei.

A coroa na minha cabeça é pesada, como minhas pálpebras e o peso que se instalou sobre meus ombros. Pisco para ficar acordado, me lembrando do que verei se me entregar à fadiga.

Meu pai, morto. O pai que eu tentei agradar, deixar orgulhoso, durante a vida toda. Inerte ao meu lado. Meus joelhos afundando na lama, minhas lágrimas caindo sobre seu peito sangrento, sobre o pescoço cortado...

Silêncio os gritos que ecoaram no meu crânio durante dezenas de horas. Meu olhar volta à cadeira preferida do meu pai, o couro marrom gasto após anos de uso. Descubro que eu a estudo com frequência, fazia isso até mesmo quando ele estava vivo e sentado nela, assinando tratados e criando estratégias. Eu estudava tudo o que meu pai fazia. *Antes de ele ser brutalmente assassinado.*

— Kitt.

Kai.

Meu Executor.

Ele entra no gabinete depois de uma batida leve na porta aberta, parecendo quase tímido. Praticamente rio ao ver Kai se esforçando ao máximo para ser cauteloso perto de mim. É um esforço digno, apesar de eu não ter pedido por sua piedade.

Não sou como Kai. Não sou frio, controlado, nem uso constantemente uma máscara cuidadosamente construída em público.

Minhas emoções ficam totalmente à mostra, meu coração está sempre na mão. Sou Kitt, o irmão que deveria ser gentil e charmoso. Supostamente o rei mais gentil que Ilya já teve.

Errado.

Não me sinto nem um pouco gentil. Sinto que sou *qualquer coisa*, menos gentil.

Sinto fúria e sofrimento. Inadequação e vazio. Desespero e...

— Você queria me ver?

As palavras do meu irmão são suaves, parecendo ligeiramente preocupadas.

E Kai deve estar preocupado mesmo. O Kitt gentil não age feito louco. O Kitt gentil é atencioso, e não um assassino.

Mas o Kitt gentil mudou.

O luto é uma merda.

— Queria. Sente-se.

Indico casualmente a cadeira que Kai costuma ocupar. Seu olhar vai rapidamente até a do meu pai, gasta, antes de se sentar, cruzando um tornozelo sobre o joelho. Ele se inclina à frente, os olhos procurando os meus, em busca de respostas que não vai encontrar.

— Como você está, Kitt?

A preocupação que enche sua voz racha alguma coisa no meu coração — o coração que ficou tão frio nas últimas setenta e duas horas. Meu olhar se suaviza ligeiramente, transformando-se mais no de Kitt e menos no do rei. Ele ainda é meu irmão, o único parente de sangue que me resta. Talvez a única pessoa que me reste.

— Estou... indo.

Estou indo? Pela Peste, que resposta é essa?

Pigarreio.

— Como... — começo, hesitante. — ... como minha mãe está?

Ela não é minha mãe. Minha mãe está morta, como o meu pai.

— Está... indo. — Kai abre um sorriso débil. — Não quer sair do quarto. É como se o sofrimento de perdê-lo estivesse lentamente... — Ele deixa o resto no ar, voltando a atenção para a cadeira do meu pai, querendo se distrair das palavras não ditas.

— Sei.

Sei *mesmo*. Entendo como ela se sente. Como é ter o sofrimento te engolindo, te esmagando.

Meu olhar vai até Kai, vendo seus ombros rígidos, os dedos machucados e sangrentos.

Sinto pena do que ou de quem ele golpeou para afastar a mente das coisas.

Quase estalo a língua para ele, querendo censurar meu irmão mais novo por usar essa máscara fria perto de mim. Ele nunca faz isso, nunca me mantém isolado dos seus sentimentos, como está fazendo agora.

Não sei bem o que Kai sentia pelo nosso pai, mas sei que jamais gostou dele como eu gosto — como eu *gostava*. Talvez fosse uma mistura de amor e ódio o que ele sentia pelo homem que o tornou o que ele é. O homem que, para ele, era um rei, e não um pai.

Mas, para mim, meu pai era meu alicerce. Era quem eu me esforçava para ser, o amor pelo qual eu ansiava. Mas, agora, ele está morto, e eu continuo disposto a fazer o que for necessário para deixá-lo orgulhoso. Durante a vida inteira, quis seguir os passos dele, e aqui estou, tentando ocupar seu lugar. E farei o que precisar ser feito, para que, na morte, ele se orgulhe.

Olho meu irmão, sabendo que ele também sente o sofrimento. Apesar do relacionamento ruim entre eles, Kai ainda sente a perda do homem que ele chamava de pai, nem que fosse apenas no título. Consigo vislumbrar o sofrimento na tensão do maxilar, no franzido constante da testa, no joelho se sacudindo.

Mas sei que ele está sentindo o luto por mais de uma pessoa.

Eu sei que eu estou.

— Kai.

A atenção dele se volta rapidamente para mim.

— Minha coroação terminou, o enterro do meu pai foi resolvido. — Faço uma pausa, precisando de um momento para afastar a emoção da garganta. — Agora, você é meu verdadeiro Executor. — Ele assente devagar, já sabendo de todas essas informações. — Então, está na hora da sua primeira missão.

Kai assente de novo, igualmente devagar. É uma formalidade. Nós dois sabemos que ele não poderia recusar, mesmo se quisesse. Ele jurou prestar serviço a mim, apesar do incômodo em que nossa dinâmica se transformou. Eu sabia que um dia governaria meu irmão, só não achava que esse dia chegaria tão cedo, tão de repente.

Forço a neutralidade nas minhas feições.

— Encontre-a.

E lá se vai a máscara de Kai. Ela escorrega, inundando o rosto dele com sentimentos que lampejam rápidos demais para que eu possa interpretar. Mas não sou cego. Vi como ela o afetou. Vi como ele se tornava vulnerável perto dela, algo que costumava reservar apenas para mim. Parece que ela pegou o melhor de nós dois antes de nos esfaquear pelas costas ao atravessar o peito e o pescoço do meu pai.

Meu pai, morto. O pai que eu tentei agradar, deixar orgulhoso, durante

a vida toda. Caído inerte ao meu lado. Meus joelhos afundando na lama enquanto minhas lágrimas...

— Quero que você a encontre — digo, por cima da tristeza que grita na minha cabeça —, e quero que você a traga para mim.

Kai não me olha enquanto abaixa a cabeça, assentindo solene.

— Sim, Vossa Majestade.

O título nos lábios dele parece estranho, mas descubro que gosto do som. Fico de pé e vou até a cadeira forrada de couro gasto, ocupada pela lembrança de um rei morto.

Então, me sento devagar.

— Traga-me Paedyn Gray, Executor.



AGRADECIMENTOS



Antes de começar uma falação interminável sobre as pessoas que me ajudaram a tornar *Powerless* possível, gostaria de tirar um momento para pirar formalmente com o fato de que consegui chegar ao ponto de *escrever* uma página de agradecimentos. A viagem até o final deste original foi longa, uma aventura que me aterrorizou, que me faz achar que não conseguiria terminar. E por esse motivo, de todas as milhares de palavras que escrevi antes destas, “Agradecimentos”, que digitei no topo da página, pode ser a que mais me orgulha.

Dito isso, vou começar minha torrente de gratidão.

Mais importante, e mais obviamente, quero primeiro tentar expressar minha gratidão e meu apreço por meus pais, tão pacientes. Mãe e pai, vocês me apoiaram a cada passo do caminho nessa jornada maluca, e eu realmente não poderia ter realizado esse sonho sem os dois. Obrigada por acreditarem em mim, amo demais vocês.

Continuando com o assunto de família, há três pessoas que merecem meus agradecimentos. Nikki, obrigada por não somente me ouvir falando sem parar sobre furos de trama, mas por me ajudar a encontrar caminhos para solucioná-los. Eu lhe devo muito. Josh, eu não poderia ter pedido um falso agente melhor. Obrigada pela disposição em me ajudar e pela sabedoria durante todo esse processo, Foo. Jessie, o amor e o apoio que você me deu com tanta gentileza significam mais do que você imagina. Seu entusiasmo por mim e pelo meu sonho é realmente contagioso.

Pela primeira vez, pareço estar sem palavras quando se trata de expressar meu gigantesco apreço por minha incrível editora, Michelle Rosquillo. Sou inacreditavelmente grata por toda a dedicação e o trabalho duro que você dedicou a *Powerless*, Michelle. Sua orientação e sua sabedoria ajudaram a tornar meus originais o que eles são hoje, e eu não poderia ter pedido uma mulher melhor para a tarefa de revisar este longo livro. Obrigada por tornar esse processo divertido e empolgante, inclusive os telefonemas de quatro horas pelos quais fiz você passar. Você é o máximo.

A capa maravilhosa que está diante de vocês existe graças a Stefanie Saw, da Seventhstar Art. Você é realmente mágica, e ficarei para sempre hipnotizada pelo seu trabalho. Pelo lindo mapa no início deste livro, precisamos todos agradecer a JoJo Elliott. Fico pasma sempre que admiro como vocês duas deram vida ao meu mundo.

À incrível equipe da Simon & Schuster, é sinceramente uma honra trabalhar com vocês. E, por mais que pareça piegas, é um verdadeiro sonho realizado. Se ao menos a pequena Lauren pudesse me ver agora! Resumindo, obrigada por acreditarem em mim. Sou eternamente grata por essa oportunidade e, ao mesmo tempo, incapaz de expressar adequadamente minha empolgação para continuar essa jornada com todos vocês. Mal posso esperar para ver o que o futuro nos reserva.

Bom, se eu fosse escrever sobre cada pessoa que me ajudou a chegar onde estou, seja por encorajamento ou ajuda, acho que teríamos outro livro nas mãos. Tendo isso em mente, gostaria de fazer um agradecimento geral e gigantesco aos meus amigos incríveis. A empolgação de vocês por mim e a disposição de me ouvir falando sem parar sobre minha escrita é mais do que eu jamais poderia pedir. Obrigada por me aguentarem — essa tarefa simplesmente não é para os de coração fraco.

Certo, é hora de agradecer a algumas milhares de pessoas que tiveram um papel *enorme* não somente na escrita de *Powerless*, mas também na minha vida. À família caótica que eu tenho a bênção de possuir através do TikTok, vocês todos são o motivo para eu chegar a escrever esta página. *Powerless* não existiria se não fosse o apoio e o amor que recebi desde que postei meu primeiro vídeo no BookTok. Vocês são minhas ameaças preferidas, e jamais poderei agradecer o suficiente a cada um de vocês por me darem essa oportunidade. Vocês são os protagonistas, nunca se esqueçam disso.

Agora gostaria de agradecer Àquele que me concedeu o amor pelas palavras e a vontade de escrever. Eu realmente não estaria onde estou sem meu Senhor e Salvador, e agradeço a Deus pela oportunidade que Ele me deu.

Certo, estou quase terminando de ser sentimental. Isto é um agradecimento a você, caro leitor. Simplesmente não consigo imaginar um mundo em que as pessoas queiram ler minha falação exagerada, assim, obrigada por passar tempo no mundo que eu criei, com os personagens aos quais estou ligada de modo pouco saudável. Você é a minha inspiração e espero ter o privilégio de continuar escrevendo para você.

Agora finja que eu estou abraçando você.

Beijos,
Lauren

Titúlo original
POWERLESS

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2023 por
Simon & Schuster UK Ltd.

Copyright texto © 2023 *by* Lauren Roberts

Capa © 2023 *by* Lauren Roberts

Imagens de capa © Shutterstock, Depositphotos, moonchild-ljlja,
DeviantArt, resMENSA

Design de capa: Seventhstar Art

Mapa © 2023 Lauren Roberts

Design do mapa *by* Jojo Elliott

O direito de Lauren Roberts de ser identificada como a autora desta obra
foi assegurado por ela em concordância com as seções 77 e 78 do
Copyright, Designs and Patents Act, 1988.

Imagem de aberturas de capítulos: FreePik

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida no todo ou em parte
sob qualquer forma.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Simon & Schuster UK Ltd. 1st Floor, 222 Gray's Inn Road, London,
WC1X 8HB

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar

Passeio Corporate – Torre 1

20031-040 – Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais

ANNA CLARA GONÇALVES

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: junho, 2024.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

R549p

Roberts, Lauren

Powerless [recurso eletrônico] / Lauren Roberts ; tradução Ivanir Calado. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2024.

recurso digital (Trilogia powerless ; 1)

Tradução de: Powerless

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5595-273-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Ivanir. II. Título. III. Série.

24-91681

CDD: 813



CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

07/05/2024 10/05/2024

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



A AUTORA

Lauren Roberts escreve sobre mundos fantásticos e paixões conturbadas; quando não está fazendo isso, pode ser encontrada em uma cama lendo histórias desse tipo ou mergulhada em um de seus passatempos típicos de vovós e crianças — tricô, laser tag, ficar deitada na rede, caça-palavras e livros de colorir. *Powerless* é seu livro de estreia, e ela espera ter o privilégio de escrever palavras bonitas pelo resto da vida. Lauren pode ser encontrada no TikTok e no Instagram em @laurenrobertslibrary ou no seu site www.laurenrobertslibrary.com.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Mapa
Sumário
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Epílogo
Agradecimientos
Créditos
A Autora

Landmarks

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Mapa
Sumário
Início
Epílogo
Agradecimentos
Créditos